

Lucia Maria Salvia Coelho

ESTUDO PSICOLÓGICO DE EPILÉPTICOS

Rorschach, entrevistas e anamnese
heredológica em 102 examinandos

1.^o VOLUME

Tese de doutoramento
apresentada à Faculdade de
Ciências Médicas, Universi-
dade Estadual de Campinas

1972

LUCIA MARIA SALVIA COELHO

ESTUDO PSICOLÓGICO DE EPILEPTICOS

Rorschach, entrevistas e anamnese hereditária
em 102 examinandos

1º VOLUME

1972

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

A MEU PAI

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Anibal Silveira, a quem devo especialmente a minha formação profissional nestes últimos 14 anos de estudo e a orientação específica deste trabalho, os meus maiores agradecimentos.

Agradeço ao Dr. Luis Marques de Assis com quem trabalhei durante vários anos junto ao Ambulatório de Epilepsia do Hospital das Clínicas de São Paulo e que tanto me auxiliou nesta investigação e na compreensão do paciente epiléptico.

Sou grata ainda ao Dr. Paulo Vaz de Arruda que vem estimulando meu trabalho e fornecendo informações preciosas sobre epilepsia.

O tratamento estatístico desta pesquisa foi supervisionado pelos professores Nagib Feres e Nazira Gait, aos quais expresso minha gratidão; assim como à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo auxílio financeiro concedido.

Quero ainda agradecer à minha família, aos amigos e aos alunos que me ofereceram o carinho e o estímulo indispensáveis ao meu empenho nesta pesquisa.

Finalmente, aos pacientes epilépticos cuja confiança e interesse foram extremamente valiosos para a elaboração deste trabalho, o meu reconhecimento.

INDICE

Introdução	p.I à XVII
I - TEORIA DE PERSONALIDADE.	p 1
II- PROVA DE RORSCHACH. FUNDAMENTOS TEÓRICOS. . .	p.61
III- AS VARIÁVEIS DO RORSCHACH. CRITÉRIO ESTATÍSTICO.	
ESCALAS. . .	p.90
IV - OBJETO DA PESQUISA: MATERIAL E MÉTODO	p.163
V - ENTREVISTA PSICOLÓGICA: RESULTADO E APRECIACÕES	
GERAIS . . .	p.176
VI - PROVA DE ROSCHACH: RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO..	p. 217
VII APLICAÇÃO A PSICOPATOLOGIA -	p. 432
Conclusões	p.447
Bibliografia	p.467
ANEXOS E TABELAS	p.481

INTRODUÇÃO

A epilepsia, como condição mórbida de elevada penetração na população média, revela um largo âmbito de expressão clínica e suas manifestações poderão ocorrer em diversas circunstâncias e em épocas diferentes do desenvolvimento individual. Assim, não só as convulsões, como também o chamado "mal menor", as ausências psíquicas, as crises psicomotoras, as sensitivo-sensoriais e outras, poderão caracterizá-la. Não nos cabe aqui discutir os aspectos neurofisiológicos ou clínicos, nem as alterações bioelétricas desta condição mórbida. Trataremos apenas das manifestações psíquicas, ou subjetivas, e as comportamentais, embora consideremos os fenômenos vegetativos e os psicológicos como relacionados à mesma alteração da dinâmica cerebral. Nesse sentido a interação variável dos fatores somáticos, dos genéticos, dos estruturais atinentes ao cérebro, das reações psicológicas correspondentes às funções psíquicas, das implicações interpessoais e sociais expressas pelo comportamento, convergem em um quadro clínico caracterizado como epilepsia.

Mittelmann (136) faz notar que em vários indivíduos com epilepsia, determinadas reações psicopatológicas são evidentes e dramáticas. Estas abrangem desde manifestações denominadas aura, estados confusionais após a crise, estados crepusculares, distúrbios profundos do carácter, até psicose e mesmo deterioração mental, segundo o autor. Porém, observa, tais manifestações ocorrem apenas em número limitado de pacientes epilépticos. E sendo a epilepsia um distúrbio primariamente orgânico, o paciente pode reagir psicologicamente de maneiras diversas. No entanto, Mittelmann admite que existe certas regiões psíquicas que são frequentes em epilepticos.

Vários autores recorreram a diferentes métodos e instrumentos de análise da personalidade em epilepticos, nos períodos interictais. Porém, ainda existe muita controvérsia sobre o assunto. Rodin (145) chama a atenção para isto, observando que os autores alemães frisam a existência de reações psíquicas específicas do epiléptico mas ainda não foram capazes de demonstrar e quantificar adequadamente esse fato, enquanto os ingleses tendem a negá-lo apesar de também ainda não haverem comprovado objetivamente o próprio ponto de vista. Assim, conclui Rodin em relação à "personalidade epileptica" nenhuma afirmação pode ser feita dada a ausência de investigações precisas.

Lennox (127), Mignot e Lemperrière (135), Piotrowski (138), Price (143), entre outros, criticam os estudos que têm sido feitos sobre este assunto, afirmando que se baseiam primordialmente em observações de pacientes hospitalizados, os quais portanto apresentam maior comprometimento psíquico, o que diverge muito da maioria dos epilépticos de ambulatório, que estão razoavelmente adaptados ao ambiente. Além disso, Piotrowski considera como

um dos fatores determinantes dos traços psicológicos, encontrados frequentemente entre os epiléticos, a idade em que as crises se iniciaram. Reconhece todavia que a personalidade do paciente antes do aparecimento das crises não é fator causal, embora inquestionavelmente influencie, de modo indireto, a frequência e a natureza das manifestações clínicas. No caso, Piotrowski emprega o termo personalidade no sentido de constituição, diferindo assim da aceção em que o entendemos. Em seguida assinala que os "traços epilepticos", quando presentes, são concomitantes ou filiáveis às crises convulsivas mas não resultado direto destas alterações clínicas nem dos processos cerebrais patológicos responsáveis pela epilepsia. Tais traços seriam, em sua opinião, um efeito indireto das dificuldades que o paciente epilético enfrenta no ajustamento ao ambiente. Além de o autor correlacionar esse traços psicológicos apenas às formas convulsivas da epilepsia, denota certa relutância em aceitar a natureza genética do temperamento epilético: "O número crescente de tratamentos bem sucedidos para epilepticos através de drogas e da cirurgia tem indubitavelmente contribuído para o desuso da expressão "personalidade epileptica" termo este que para muitos tem implicação de situação permanente e sem esperanças (138 - p.90). Mas, prossegue o autor, " não se pode deixar de lado a evidência positiva de semelhanças psicológicas entre os epilepticos que se destacam clinicamente, especialmente em crianças (138-p90

Analisando estas observações de Piotrowski, que representam uma tendência comum a grande número de autores, notamos por um lado, a confusão de conceitos sobre a personalidade e sobre a natureza das interrelações psíquicas e somáticas, e, por outro lado, o preconceito subjacente a esta atitude, apesar da escrupulosidade do autor. Em relação ao preconceito, Lennox comenta a resistência

de alguns clínicos em aceitar a concepção de epilepsia como moléstia genética, e até mesmo em fazer objeções ao termo "epilepsia", palavra com conotação negativa, que implica em uma sentença inexorável contra o paciente. Porém, a idéia de que toda a condição mórbida de origem genética é irreversível ainda persiste em nossos dias.

Na realidade, quanto mais difundido ou "penetrante" for um traço na população média, menos acentuado ou "expressivo" (pregnant) se torna, e que permite, no caso da epilepsia inclusive, melhores condições para tratar clinicamente e para prevenir manifestações clínicas de natureza mais grave.

Observa Rodin (145) que o fator constitucional da epilepsia foi há bastante tempo estabelecido, porém ultimamente tem sido negligenciado. : Apesar de atualmente ainda não termos meios de saber em que consiste esse fator constitucional não tem propósito negar-se sua existência porque isto só criará obstáculos à pesquisa (145-p.345).

O preconceito contra a epilepsia, o qual assume diferentes modalidades no plano social, tem sido considerado por diversos autores como o principal fator responsável pelo desajustamento emocional do paciente. Assim, não são raros os conflitos nesse domínio. Na vida-familiar do epiléptico surpreendem-se atitude superprotetora dos pais ou rejeição, ou sentimento não cons-

ciente de culpa; -; na escola, relutância em aceitar alunos epilépticos ou tendência para tratá-los como indivíduos estigmatizados, merecedores de piedade ou que causam repulsa; na atividade profissional, tendência dos patrões a não empregar epilépticos, o que os leva frequentemente a ocultar a doença como se fosse motivo de vergonha.

De alguma forma, persiste ainda, até mesmo entre os especialistas, aquele temor, agora não consciente, que se associava à epilepsia no 4º século anterior à era atual, quando a "doença sagrada", era atribuída à presença de espíritos: no momento atual a reação emocional é temor ao desconhecido e ao estigma de "inferioridade hereditária". Bem observa Lennox: "Os demonios estão agora mortos, mas o medo que inspiraram durante séculos, quando viviam na mente do homem, pode ainda persistir como um tipo de pensamento embrionário que repousa no inconsciente do indivíduo moderno. O que mais poderia explicar o horror irracional que sente pelas convulsões ? (127-p.17).

Na extraordinária análise realizada por Lennox sobre as várias condições clínicas associadas à epilepsia, o autor revela não apenas reconhecida autoridade científica mas também sensibilidade afetiva e estética. No tratado "Epilepsy and related disorders" são frequentes as citações de poemas e de romances sobre o epiléptico. Embora Lennox não tenha comentado mais detidamente as obras de Dostoiewski (115) acreditamos ter sido este o autor que mais sensibilidade e profundidade revelou ao analisar as manifestações psicológicas do epiléptico. Em Humilhados e Ofendidos escrito em 1861, o romancista insinua o carácter genético das reações psicológicas da personagem epiléptica Nelly, hiperemotiva afetivamente imatura, com tendências depressivas: a mãe era a

exaltada, irritável, agressiva, o avô, extravagante, verborreico com decisões inesperadas. O príncipe Michkin, figura principal de "O Idiota" (1868), é apresentado como indivíduo retraído, desajeitado, que mantém uma ligação precária com a realidade, mas revelando extremo refinamento em seus sentimentos. Incapaz de se norteiar segundo as normas convencionais do meio onde vive, é um homem inteiramente diferente dos outros, é mal compreendido e frequentemente considerado ridículo e infantil, porém estabelece ligações afetivas mais profundas com os demais e particularmente com as crianças. Em "Os Possessos" (1871-72), Dostoiewski descreve Kirilov como um revolucionário epilético, com variações extremas de humor, irritável, impulsivo, passando rapidamente do entusiasmo ao desespero e à apatia. Já em "Os Irmãos Karamazov" (1879/1880) o personagem epilético Smerdiakov é retratado como viscoso, servil, bajulador e ao mesmo tempo agressivo; e tanto os irmãos como o pai revelam traços de personalidade frequentemente observados em epiléticos: Alioscha o mais jovem é um menino ingênuo, retraído, místico; Ivan é um sonhador que vive segundo valores e fantasias desvinculadas da realidade prática; e Dmitri, homem apaixonado, e inconstante, revela-se impulsivo, egocêntrico, selvagem, como o pai.

Assim, tanto em romances de ficção como em livros científicos, podemos apreciar que se consideram determinadas reações psicológicas como peculiares ao epilético. Os especialistas no assunto aceitam geralmente este aspecto, embora diverjam quanto à origem. Arluck (108), Bailey (108), Bradley (135), Bridge (135), Eysenck (108), Jensen (135), Mayer (118), Otto (137), Ponte (140), Sal y Rosas (146), Sutherland e Tait (151), além de outros, consi

deram que o processo que se convencionou chamar "personalidade epiléptica" nada mais é senão um conjunto de manifestações emocionais reativas. Surgem ante as dificuldades que enfrentam tais pacientes para alcançar uma adaptação razoável ao ambiente. Diethelm (114) rejeita esta explicação, ponderando que médicos que estudaram psicopatologicamente a epilepsia encontraram determinadas características psíquicas mesmo em pacientes com "mal menor". Endossamos esta interpretação de fenômeno endógeno e não racional, mas ressalvamos que Diethelm confunde aí os termos "epilepsia" e "convulsões". De modo análogo a Diethelm, também Rodin (145) discorda da interpretação como de origem reativa quanto a estas características psicológicas do epilético. Este autor baseia-se nas investigações que realizou com 1000 epiléticos estudando-lhes os dados neuróticos, eletroencefalográficos, de serviço social, psiquiátricos e psicológicos após intervalo de 10 a - nos: "As dificuldades de comportamento observadas em pacientes epiléticos não resultam em sua maioria, da rejeição do ambiente por causa das crises " (145-p.276).

Livingston (128) interpreta os distúrbios psíquicos frequentemente encontrados em epiléticos, como conflitos psicossociais, porém considera igualmente importante a tendência genética desses pacientes: "É óbvio que existe uma relação definida entre a incidência contínua da sistemática de qualquer doença crônica, incluindo a epilepsia, e a ocorrência imediata ou subjacente das perturbações emocionais de vários tipos e graus de severidade dependendo do potencial inato do paciente para desenvolver distúrbios funcionais ou psiquiátricos (128-p.475).

Psicoanalistas atribuem origens psicogenéticas à epilepsia. Freud, em 1928, em "Dostoiévski e o parricídio", (116) asso-

no qual enquadram um epiléptico em abstrato. Também nenhum provou que tais interpretações haja "curado" um único epiléptico, ou impedido a recorrência das crises, generalizadas ou de "mal menor". Lennox (125) critica severamente esta concepção: "As perturbações emocionais podem acentuar mas não iniciar a epilepsia. Se elas originam a doença, não se trata mais de epilepsia mas de histeria. A epilepsia resulta de distúrbios fisiológicos e não de conflitos psicológicos... Não obstante, alguns freudianos insistem em que uma convulsão devastadora é a tentativa inconsciente de uma pessoa para refugiar-se na confortável caverna do útero. Acreditam eles que a esperança de livrar-nos desta 'enfermidade uterina', repousa no prolongado e dispendioso revolver das experiências e frustrações da infância. Cremos que a perspectiva é errônea e que a prática da psicanálise, privada da medicina, para o indivíduo com epilepsia sem perturbações psíquicas é uma prática abusiva." (125, p.2, aspas do original).

Alexander que reformulou a técnica psicoanalítica, considera dinamicamente os transtornos psíquicos do epiléptico como resultantes da rejeição social e, mais especificamente, familiar e ocupacional.

Outros autores estabelecem que os traços de personalidade do epiléptico seriam manifestações secundárias de uma lesão cerebral epileptógena. Assim, Alstrom (104) acredita ser mais adequado adotar a designação "mudanças de personalidade de tipo epiléptico", atribuindo maior importância aos fatores orgânicos (lesões cerebrais, espasmos convulsivos das artérias cerebrais, injúrias mecânicas, intoxicação) do que ao componente genético, e mesmo social, na determinação das reações psicológicas frequentemente encontradas no epiléptico. Desse modo, inclui na própria pes -

quiza casos de encefalite, de tumor cerebral, de hidrocefalia, de esclerose. Afirma ser "razoável admitir que o distúrbio emocional que encontra sua expressão em formas severas da labilidade afetiva esteja diretamente condicionado por uma lesão cerebral" (104). Lennox (127) cita a observação de Hans Hoff em 1956, de que as alterações mentais, quando ocorrem em epiléticos, são resultantes dos ataques e das alterações patológicas cerebrais, tanto estruturais como psicodinâmicas. Mayer Gross (133) pondera que antes das primeiras manifestações das crises epiléticas o paciente não revela traços psicológicos diferentes daqueles observados na população média. As alterações psíquicas, segundo este autor, resultam dos efeitos nocivos das crises convulsivas.

No trabalho de Gibbs, Fuster e Gibbs (119), e no de Bailey e Gibbs (106) encontramos uma atribuição das desordens psíquicas específicas apenas às manifestações clínicas do tipo psicomotor. Igualmente, Gastaut, Ey e Ajuriaguerra (135) consideram a denominada "personalidade epilética" apenas nos casos de epilepsia temporal. Investigações realizadas por Guerrant, por Leme Lopes (145) não comprovam esta afirmação.

Mignot e Lemperière (135) afirmam que os progressos da eletroencefalografia levaram os médicos e os psicólogos a não mais considerar a epilepsia como entidade nosológica, mas a estudar comparativamente e isoladamente os dinamismos de personalidade do paciente segundo a variedade anatomo-clínica da epilepsia. Castro (108) considera a etiologia lesional como o determinante primordial dos transtornos mentais do epilético, nos quais caracteriza como bradipsiquia, coartação, agressividade e criminalidade, mas reconhece que esses distúrbios ocorrem apenas em um número limitado de pacientes. Considera inadequada a denominação "personalida-

de epiléptica", e a substitui por "maneira de ser epiléptica", a qual segundo ele, corresponderia essencialmente à localização temporal da epilepsia- "A maneira de ser epiléptica está ligada não ao fato de que o sujeito seja um epiléptico, mas sim de que é um indivíduo com perturbações cerebrais intensas que se traduzem no EEG como sinais lesionais ou por disritmia acentuada da atividade elétrica de fundo " (108-p.154). E conclui-: "A maioria dos epilépticos não tem alterações mentais intercríticas significativas. As que observamos são inespecíficas e em nada interferem com a atividade profissional, a convivência familiar, nem com a vida social do enfermo" (108-p.154). Tal afirmação opõe-se à realidade observada por autores com extensa atividade clínica.

A visão otimista sobre o paciente epiléptico- que se exprime naquela afirmação de Castro correspon- de ao que Guerrant (118) menciona como sendo característica do pensamento de autores dos anos 30 à 48,- deste século, época que este autor denominou como "período de normalidade do epiléptico". Tal atitude nos parece tão inadequada quanto a de que a deterioração mental é necessariamente associada à epilepsia, defendida por alguns autores do século XIX, (Pcheverria, Putzel-118).

Concordamos com a apreciação de Rodin-:

- "O pessimismo sem base relacionado à epile

psia é tão perigoso quanto o falso otimismo " (145-p.349).

Por outro lado parece-nos sem fundamento, pelo menos em parte, afirmações como a de Harrower de que os distúrbios psíquicos encontrados em epiléticos são causados não apenas pelos tóxicos oriundos das convulsões ou das drogas usadas para combatê-los mas também pelo modo segundo o qual as convulsões são incorporadas ao esquema de vida do epilético (84). Atualmente a associação adequada de medicamentos permite evitar as crises sem provocar efeitos colaterais indesejáveis. Além disso, antes do tratamento alguns pacientes já revelavam as características psicológicas que em geral os autores consideram associadas à epilepsia.

Finalmente, outro fator levado em conta na etiologia das reações psicológicas próprias do epilético é o componente genético. Sob esse aspecto, enquanto alguns autores, como Diethelm (114), Lennox (127), Rodin (145), interpretam a predisposição genética como apenas um dos fatores responsáveis pelas manifestações clínicas da epilepsia e de sua expressão psicopatológica, outros a distinguem como elemento fundamental na determinação destes distúrbios. A esta última corrente interpretativa pertencem autores como Conrad, Courjon, Dahgren, Gastaud, Luxemburger, Mauz, Metrakos, Minkowska, Robin, Stauder, Vercelletto e Silveira. Este último assinala que a epilepsia é condição genética constitucional mais frequente encontrada na população média em consequência de seu decurso essencialmente reversível. Estabelece que a epilepsia, nas diversas manifestações clínicas, é condição endógena, não aceitando a classificação tradicional em epilepsia sintomática e epilepsia essencial. Silveira observa que no estudo genético da epilepsia devem ser

considerados dois aspectos: o da organização cerebral, e a correspondente correlação de funções psíquicas, e por outro lado a difusão da epilepsia na população média. Os aspectos clínicos incluem a dinâmica da personalidade subjetiva e o dinamismo neurológico cerebral. E segundo o estudo psicológico, os dinamismos de personalidade mais característicos do epilético estão associados, para ele especialmente às manifestações clínicas; e dependem do genoma apresentado pelo paciente. Estabelecendo a necessidade de incluir no estudo hereditário a verificação dos traços de personalidade, Silveira comenta: "Da mesma forma, correlações entre funções mentais e particularidades de organização somática surgem mais claras quando apreciadas à luz da genética, quer em estado normal, quer no plano das manifestações mórbidas " (148-p.120). E mais adiante: "Em realidade, o estudo genético das manifestações psíquicas abrange extensa gama de fenômenos, desde aqueles situados em âmbito normal até os que se mostram claramente patológicos... Cumpre ainda reconhecer as reações psicopatológicas que podem exprimir o feitiço mórbido da personalidade e, enfim, os distúrbios momentâneos que apenas revelam, no indivíduo ademais bem enquadrado na população média, a predominância de certos traços hereditários " (148-p.121). Silveira encontrou na investigação hereditária, realizada sobre 300 pacientes de ambulatório, um conjunto de traços de personalidade e de condições clínicas conexas peculiar à epilepsia. Considera a investigação dos dinamismos psicológicos nos pacientes epiléticos como elemento valioso para o diagnóstico do quadro clínico. Baptistete (105) notou esse aspecto ao investigar a incidência de um traço de personalidade - medo patológico - em pacientes epiléticos e em seus familiares. Tólosa (152) delimita o diagnóstico de epilepsia apenas aos casos

em que o carácter endógeno e hereditário constitui um denominador comum.

A investigação hereditária da epilepsia tem sido feita através de estudos genealógicos - Beaussart, Gastaut, Herval, Lennox, Loiseau, Metrakos, Minkowska, Oberholzer, Poissonnier, Sallou, Silveira, Vercelletto; de observações em gêmeos - Conrad, Handy, Jolly, Lennox, Rosanoff; e pelo método da contingência das predisposições herdadas, isto é, da escala de morbidez a partir de amostras representativas de grupos consanguíneos e de não consanguíneos - Conrad, Luxemburger, Soulayrol. Mas, não devemos aqui discutir os estudos experimentais sobre os dinamismos da transmissão genética em epilepsia.

A verificação hereditária dos traços de personalidade mais frequentemente encontrados em pacientes epiléticos foi realizada por alguns especialistas. Admitindo que este conjunto característico de reações psicológicas denominado como "personalidade epilética", ou "carácter epilético", ou "temperamento epilético", ou "constituição epilética", ou ainda "maneira de ser epilética", está ligado a uma tendência genética para a epilepsia, tem sido investigada a ocorrência d'ele nestes pacientes e nos familiares. Baseados nesta hipótese, autores como Clark, Dahgren, Oberholzer, Pierce, Robin, Roemer, Sjöbring, Stromgren, Wallon (mencionados nos trabalhos de Castro, de Guérant, de Lemprière, de Lennox e no de Mignot), obtiveram resultados significativos. Segundo estas pesquisas os autores verificaram a existência de reações psicológicas no epilético, que são específicas, hereditárias, mas não encontraram para elas substrato morfológico ou genético preciso.

Utilizando as concepções morfopsicológicas de Kretschmer, ou seja, da natureza genética dos traços de personalidade e de sua correlação com a estrutura morfológica dos seres humanos, Mauz, Minkowska, Stauder e mesmo Kretschmer e seus discípulos realizaram suas investigações.

Existe ainda uma corrente genético-constitucional, que apoiada na hereditariedade das anomalias eletroencefalográficas, admitindo que estas se traduziriam em predisposição para as convulsões e os distúrbios de personalidade. Pesquisas neste sentido foram feitas por Barrera (Lennox), por Baudouin et al. por Harvald, Minkowska, e por Robinson et al.

Os resultados das investigações de Freeman e as de Gotliber divergem da hipótese estabelecida por esta corrente.

A discordância de opiniões entre os vários especialistas, no que se refere à natureza e à origem dos traços de personalidade observados em epiléticos, decorre, em grande parte, da variedade de conceitos sobre o que é epilepsia bem como da própria aceção de personalidade. Alguns autores admitem mesmo a existência de " epilepsias " e não de um quadro nosológico único. Diethelm (114) considera que nenhum sinal mórbido básico foi até hoje estabelecido para o diagnóstico decisivo da epilepsia, especialmente em suas manifestações atípicas.

Quanto ao conceito de "personalidade epilética", considerando o aspecto dinâmico e não o estrutural, estamos de acordo com Alström (104) quando afirma que os dinamismos psíquicos, mesmo de pacientes com lesões cerebrais, oferece grande complexidade; e que cada tentativa para reduzir os transtornos psicopatológicos a alguns traços de personalidade oferece reduzida validade. Levamos em conta, igualmente, as críticas feitas por Piötro-

wski (138) considerando que não se pode dizer que todos os epiléticos tenham a mesma personalidade - segundo a concepção do autor sobre este termo - apenas porque partilha de vários traços psicológicos. Os epiléticos podem apresentar diversas características em comum e ainda assim variar-lhes muito o comportamento. Para tratarmos destes problemas precisamos inicialmente fundamentar teoricamente os conceitos sobre a estrutura e a dinâmica da personalidade (capítulo I), os aspectos teóricos subjacentes ao instrumento de trabalho utilizado - o Psicodiagnóstico de Rorschach (capítulos II e III), a metodologia adotada (capítulo IV), para em seguida apresentarmos e discutirmos os resultados obtidos através das entrevistas (capítulo V) e do psicodiagnóstico (capítulo VI); e finalmente distinguirmos os dinamismos psicopatológicos aí envolvidos (capítulo VII).

Consideramos em nosso estudo a ocorrência, na epilepsia, da expressão neurológica e da psíquica. Ambas são correla-

mas não equivalentes nem redutíveis entre si. A manifestação das funções subjetivas da personalidade corresponde a um nível mais diferenciado e complexo e, portanto, mais dependente de fenômenos psíquicos, o qual não pode ser explicada unicamente através de alterações bioquímicas nem eletroencefalográficas.

Dai a necessidade de considerarmos, no estudo psicológico, os aspectos hereditários, ambientais e clínicos de cada paciente, pois é através destes que se exteriorizam os traços de personalidade do indivíduo. Deste modo poderemos assinalar não apenas as características psicológicas apresentadas pelos epiléticos, mas principalmente distinguir qual o sistema psíquico que predomina nas várias manifestações clínicas da epilepsia.

Lennox afirma: "Compreender a epilepsia é uma coisa, porém, compreender o epiléptico já é uma tarefa muito mais sutil e exigente" (127-p.49). Com esta preocupação em mente, procuramos estabelecer uma ligação afetiva mais profunda com os pacientes. Tentamos compreender-lhes os sentimentos e as experiências pessoais, através de entrevistas, diários, narrações de sonhos, desenhos e provas projetivas. Porém, ao relatar os resultados obtidos por meio de tabelas, ou mesmo em frases, de acordo com critérios objetivos e concepções teóricas precisas, vimo-nos obrigada a reduzir esse amplo e rico material a uma exposição restrita em comparação com a complexidade e a extensão da experiência direta fornecida pelos epilépticos.

TEORIA DA PERSONALIDADE

Toda pesquisa deve fundamentar-se em uma concepção teórica precisa, e ao mesmo tempo suficientemente ampla, para permitir o esclarecimento de um conjunto dado de fenômenos. A utilidade da teoria consiste essencialmente em orientar a colheita dos dados empíricos, os quais de outra forma se acumulariam de modo desconexo e inútil. Assim, ela nos fornece elementos para questionar logicamente os eventos e em seguida para lhes atribuir significados. Bertalanffy observa que, apesar de os empiricistas negarem o valor da teoria, "a história da ciência tem demonstrado que o progresso não consiste em mera colheita e observação de fatos, mas depende fundamentalmente do estabelecimento de construções teóricas" (5-p.24/25).

Através de um processo de elaboração sucessiva e de sínteses, colocando novos problemas e atribuindo significado objetivo aos dados, a teoria abrange um campo mais amplo de fenômenos. Fatos e teorias são elementos inseparáveis. As construções teóricas devem basear-se em metodologia precisa e as formulações não podem apresentar contradições internas. Wolmann afirma que a ciência deve interpretar os dados e, transcendendo os estudos empíricos, formular uma teoria: "Uma teoria é o resultado da reunião,

do exame e da análise cuidadosa dos dados empíricos. Uma teoria que contradiga estes dados, afirmam os maximalistas epistemológicos, carece de significado, o qual exige que a teoria esteja livre de contradições internas - verdade imanente - e livre de contradições com a realidade - verdade transcendente" (22 - p.593). No campo da psicologia, lembra Bertalanffy, surgem dificuldades para o estabelecimento de leis gerais, uma vez que as leis da natureza apresentam um caráter estatístico, isto é, são afirmações baseadas em um número médio de eventos. Porém nosso interesse pelo ser humano não pode ser satisfeito por leis estatísticas - prossegue o autor: o homem deve ser estudado segundo as características que lhe são peculiares, e não através de normas gerais. As concepções básicas da teoria psicológica deverão ser essencialmente dinâmicas - embora incluindo necessariamente um aspecto estrutural (5 - p.26).

Assim, no campo estritamente psicológico, não podemos atingir leis gerais que permitam a previsão de fenômenos independentemente do ser estudado. Porém, como ciência aplicada, a psicologia deverá valer-se dos conhecimentos de ciências abstratas, especialmente a biologia e a sociologia. Utilizando metodologia própria - experimentação, observação e verificação patológica - o psicólogo poderá fornecer interpretações harmônicas dos fenômenos psíquicos, a partir de uma hipótese básica.

Toda teoria, não apenas as teorias psicológicas, tem necessariamente implicações filosóficas, e a teoria da personalidade que adotamos baseia-se fundamentalmente na filosofia positiva de A. Comte. Esta filosofia fornece elementos para a compreensão e a análise de fenômenos psicológicos normais, patológicos, evolutivos, e de integração do indivíduo humano na sociedade. A filosofia de Comte, por sua vez, resulta de concepções anteriores, especialmente de Aristóteles, Locke, Leibnitz, Kant e Hume. Poste

riormente a Comte, Audiffrent e Laffitte, entre outros, deram um maior desenvolvimento às formulações teóricas do pensador. E verificamos que, embora de modo indireto, as escolas psicológicas contemporâneas, como as de Freud, de Pavlov, de Sullivan, de Mead e a chamada escola holística, utilizam métodos e postulados já estabelecidos no século XIX por Comte. Coelho, em trabalho dedicado à análise do "Cours de Philosophie Positive" considera Comte um precursor da psicologia moderna: "No tocante aos métodos, por exemplo, faz sugestões importantes, quais sejam, a do valor diagnóstico dos sonhos, o estudo das biografias, as pesquisas sobre a inteligência e os costumes dos animais ..." Tudo leva a crer, no entanto, que as elaborações posteriores desses métodos se fizeram independentemente dele. O que demonstra que o positivismo científico deu expressão a uma corrente profunda no pensamento do século XIX (6 - p.95). Em outro capítulo Coelho faz notar: "Deve-se levar a seu crédito ter considerado as condutas do homem mediante a associação da perspectiva neurofisiológica - (que, como se sabe inclui a psicologia) à visão de suas dimensões coletivas. A fecundidade que resulta da associação entre diferentes tipos de abordagem é raramente posta em dúvida nos dias que correm" (6 - p.109).

A característica fundamental da teoria de Comte consiste no estudo dinâmico do indivíduo, o qual é considerado do ponto de vista social. O autor toma como ponto de partida o fator social humano. Estudou o homem segundo uma concepção dinâmica, mas visto na perspectiva histórica e não apenas o homem atual. O indivíduo, isolado no tempo e no espaço, é considerado por Comte uma mera abstração como objeto de estudo. Segundo ele só podemos compreender o ser humano através das relações interpessoais. Conforme dissemos, os autores mais lúcidos que forneceram contribuições notáveis em psicologia da personalidade, em psicologia so

cial e em psiquiatria, na época atual, fundamentam as próprias concepções teóricas em princípios que já foram estabelecidos pelo positivismo. Assim, no campo da psicologia social, George H. Mead postula que a experiência humana só pode ser compreendida a través dos vínculos que o indivíduo estabelece com o grupo onde vive. Segundo o referido autor, não apenas os sentimentos e as concepções mais diferenciadas têm um caráter social: "Os impulsos e necessidades biológicas ou fisiológicas fundamentais que se encontram na base de todo comportamento - especialmente os de fome e o sexo, os relacionados com a nutrição e a reprodução - são impulsos e necessidades que em sentido mais amplo, têm caráter social ou implicações sociais, uma vez que envolvem ou exigem si tuações e relações sociais para sua satisfação por parte de qual quer organismo individual dado. Desse modo, constituem o alicerce para todos os tipos ou formas de atuação social, sejam simples ou complexos, toscos ou altamente organizados, rudimentares ou plenamente desenvolvidos. A experiência e o comportamento do or ganismo individual são sempre componentes de um todo ou de um pro cesso social mais amplo de experiência e de comportamento, do que no organismo individual considerado em si mesmo" (10 - p. 250). E conclui o autor: "Toda sociedade humana organizada - inclusive nas formas mais complexas e altamente desenvolvidas - em certo sentido, não é mais que uma extensão e uma ramificação destas simples e básicas relações sociofisiológicas entre seus diferen tes membros (as relações entre os sexos, resultantes da diferen ciação fisiológica, e as relações entre pais e filhos), sobre as quais se fundamenta e das quais se origina" (10 - p.251).

Porém, a ênfase no social não exclui a consideração da peculiaridade individual: "A origem social e a constituição comum dos indivíduos e de suas estruturas não exclui a existência

de amplas diferenças e variações individuais entre elas, nem contradiz a individualidade peculiar e mais ou menos distinta que cada uma delas possui na realidade"(10-p.226). Esta peculiaridade seria explicada como decorrente da perspectiva diferente, que cada indivíduo possui, em relação ao processo social total. Gino Germani caracteriza o pensamento de Mead como fundamentado em três aspectos principais: "a) A historicidade do "indivíduo" como autoconsciência, isto é, a anterioridade histórica da sociedade sobre cada pessoa ; b) formulação de uma hipótese naturalista sobre o desenvolvimento do indivíduo autoconsciente a partir da matriz das relações sociais; c) função essencial que na formulação do "eu" se liga à "adoção de papéis" e à internalização do elemento sócio-cultural . Através destes três pontos, a superação da antinomia entre indivíduo e sociedade articula-se em uma série de formulações teóricas que permitem uma vasta gama de desenvolvimentos para a investigação da realidade social; e é justamente nesta possibilidade de expansão ulterior que reside a validade e a importância científica de uma teoria"(10-p.141). Em seguida acrescenta Germani: "O mérito de Mead consiste em ter proporcionado uma hipótese coerente sobre este desenvolvimento (do indivíduo) e, sobretudo, de haver mostrado como este se pode conceber, senão a partir de uma vida social preexistente. Tal é o primeiro ponto fundamental do ensino de Mead: O indivíduo, como pessoa autoconsciente, apenas é admissível em termos de sua participação na sociedade"(10-p.141). Ora, como sabemos, este é o aspecto essencial da teoria de Comte, e Mead apenas desenvolveu, neste ponto, sem o conhecer, o pensamento positivista.

Sullivan, discípulo de Freud, desenvolveu igualmente em suas formulações teóricas as implicações psicológicas das relações interpessoais que considerava como decisivas para com -

preender as fases de desenvolvimento, a adaptação e as perturbações psíquicas do homem. Desenvolve de modo extremamente frutífero e objetivo o estudo da evolução dos sentimentos e da adaptação intelectual do ser humano à realidade - em função do tipo de relação interpessoal estabelecida nas diferentes fases de desenvolvimento. Entretanto, não chega a construir uma teoria suficientemente ampla, que permita abranger todos os fatores associados às funções psíquicas. Sullivan não aprofunda nas deduções teóricas, a análise do substrato biológico do comportamento humano. Não podendo deixar de admitir os instintos, limita a atuação destes apenas à "satisfação" dos impulsos básicos do homem, deixando de considerar a necessária relação entre as funções psicológicas mais diferenciadas, de caráter social, e as resultantes de impulsos básicos ligados à estrutura neurofisiológica da espécie humana: "A base mais geral para classificar os fenômenos e os atos interpessoais, é a que separa os estados finais resultantes do grupo que denominamos "satisfação" e aqueles que decorrem do grupo de "segurança" ou de manutenção da segurança. As satisfações, neste sentido especializado, são todos os estados finais que estão estreitamente ligados à organização física do homem". ... Por outro lado, a busca de segurança pertence mais intimamente ao contingente social do homem do que à organização física. ... Todos os movimentos, ações, palavras, pensamentos, devaneios, que pertencem mais à cultura que foi assimilada pelo indivíduo em particular do que à organização de seus tecidos e glândulas, podem ser incluídos neste grupo de busca de segurança" - (20-p.12/13).

Um dos discípulos mais importantes de Sullivan, Mullahy - afirma: "As teorias de Sullivan sobre a conduta interpessoal têm suas raízes na biologia. Mas se nos permitirmos usar uma metáfora algo tosca, a raiz não é a árvore plenamente desenvolvida. Por

outro lado, a árvore depende das raízes para viver. A energia de um ser humano, por mais transformada que esteja em sua expressão em decorrência da aculturação, permanece, evidentemente, biológica. Há uma continuidade entre o biológico e o cultural. O ser humano é um organismo biológico incorporado a uma cultura" - (20-p.244/245). Portanto, o postulado de Sullivan de que o homem é uma combinação do biológico e do cultural, concorda plenamente com a aceção de Comte. Apenas, Sullivan não utiliza suficientemente os aspectos subjetivos do comportamento humano em suas concepções teóricas. Apesar desta ressalva, utilizamos para nossos estudos e pesquisas os trabalhos de Sullivan, que nos parecem extremamente úteis para compreender a adaptação humana ao ambiente social.

Antecipando-se ao desenvolvimento da psicologia comparada, Comte nega a solução de continuidade no estudo do comportamento do animal ao homem, quando encarado do ponto de vista biológico: "A passagem do estado animal ao humano ou social se realiza de uma maneira mais direta e mais nítida, limitando-se a desenvolver as funções internas cerebrais. Estas funções elevadas, tanto morais quanto intelectuais, constituem sempre o centro necessário de vida de relação, como término das impressões externas e como origem das reações voluntárias. Mas, entre a maioria dos animais, o seu exercício é extremamente pessoal e se refere sempre às necessidades orgânicas de modo a assegurar a conservação do indivíduo e, periodicamente, a da espécie. Embora muitas espécies sejam dotadas de sociabilidade, essa eminente aptidão só se desenvolve realmente no ser humano. Somente aí, ela apresenta os dois atributos característicos, uma total solidariedade e, principalmente, uma continuidade permanente" (7-p.620).

Porém, dentro do campo específico da psicologia e da psiquiatria, quem realmente fornece contribuições decisivas - atualizando e sistematizando as interpretações dos fenômenos psíqui-

cos à luz da filosofia positivista - é Silveira. A ligação entre o objetivo e o subjetivo, entre o estrutural e o dinâmico - que Pavlov considera como sendo o problema fundamental da ciência - é plenamente realizada por Silveira no campo da psicologia e da psiquiatria. Em seu trabalho sobre sistemas cerebrais, ao qual nos referiremos posteriormente, o autor aplica esta correlação para o diagnóstico e tratamento das moléstias mentais (18). E, em seu trabalho "Psicologia Fisiológica", Silveira considera como fundamentos para a teoria psicológica os seguintes postulados:

"1. No domínio cerebral, como nos demais setores do organismo, existe íntima correlação entre o plano funcional e o plano estrutural: no caso, funções neuro-psíquicas e organização anatômica do encéfalo;

2. A cada função psíquica simples corresponde necessariamente um órgão cerebral distinto;

3. A identificação prévia da função psíquica é indispensável à pesquisa do órgão correspondente, da mesma forma que a estática se depreende da dinâmica;

4. Tanto no plano dinâmico quanto no plano estrutural a pesquisa só se torna eficaz quando procede do complexo para o simples ou do todo para as partes;

5. A estrutura e as condições anatômicas dos órgãos cerebrais permitem compreender-lhes as funções psíquicas, porém estas obedecem a leis próprias e não são redutíveis a fenômenos de outra qualquer categoria, nem mesmo aos fisiológicos" (18-p.212).

O estudo dinâmico dos fenômenos psíquicos, realizado por Silveira, estabelece a primazia do todo para a compreensão das partes. Se temos uma idéia precisa do conjunto, podemos compreender o significado dos elementos constituintes. Utiliza por

tanto um método de observação que se baseia predominantemente na indução e nos aspectos globais do comportamento do indivíduo no ambiente em que se encontra: Tal método naturalista resulta da apreciação dos seres ou objetos de estudo, da verificação das condições em que se processam os fenômenos e suas inter-relações, não se preocupando em conhecer a finalidade das funções psíquicas, mas apenas os seus resultados objetivos - o que exclui as concepções teleológicas encontradas em outras teorias da personalidade. Portanto, as concepções psicológicas desenvolvidas por Silveira baseiam-se fundamentalmente no "método subjetivo" estabelecido por Comte. As relações entre os seres ou fenômenos do mundo exterior sempre implicam, para o fundador da Sociologia, em um indivíduo que as observa e interpreta. Assim, estabelece Comte: "Em síntese, todo fenômeno supõe um espectador, uma vez que ele consiste sempre em uma relação específica entre um objeto e um sujeito" (7-p.439). Laffitte caracteriza o método subjetivo de Comte da seguinte maneira: "As aquisições da inteligência humana compreendem duas partes: uma que provém de nossas sensações e é portanto obtida do mundo externo, é o domínio objetivo; a outra que parte da inteligência, que é criada diretamente por ela, em virtude de seu próprio exercício, é o domínio subjetivo. Pode-se então dizer que o objetivo é o mundo e o subjetivo é o homem. Temos assim dois modos de filosofar, duas maneiras de regular e de coordenar nossos conhecimentos; pelo relacionamento com o mundo e pelo seu relacionamento com o homem, e, portanto temos dois métodos: o método objetivo e o método subjetivo" (9 - p.3). E em seguida: "Coordenar as relações com o mundo, através do método objetivo é procurar na multiplicidade e na complexidade dos fenômenos exteriores aqueles em torno dos quais se deverão agrupar todos os outros; é preciso portanto conhecer o meio externo nas menores particularidades, e nada omitir. Tal coordenação não é possível porque nunca poderemos conhecer completamente o mundo externo. A única consideração viável é aque-

faz convergir em torno deste conhecimento fundamental, todos os outros conhecimentos, considerados como acessórios. Esta sistematização é subjetiva porque ela depende não de um fenômeno necessariamente designado pelo meio externo, mas de um fenômeno escolhido por nós mesmos segundo nossa liberdade, e a nosso serviço" (9 - p.4). "O conhecimento da Humanidade e do homem supõe com efeito o conhecimento do mundo externo". "Longe de nos afastar do estudo do mundo, ligando-nos ao do homem, o ponto de vista subjetivo tem por efeito, ao contrário, estimulá-lo, dando-lhe uma direção e uma finalidade" (9-p.5).

Comte estabelece a prioridade das concepções dinâmicas sobre as estáticas no campo da biologia, do seguinte modo: "No estado normal da biologia, continuarão a ser apreciadas com cuidado as relações especiais entre as funções e os órgãos. Mas estes estudos parciais deixarão de ser isolados; serão sempre substituídos e prosseguidos, diretamente em vista da observação sintética, para melhor conceber a relação geral entre o organismo e o meio, única que constitui o verdadeiro tema do pensamento biológico" (7 - p.642)... "As relações especiais entre os órgãos e as funções, estando doravante concebidas como desenvolvendo a relação geral entre o organismo e o meio, o espírito científico da biologia atinge portanto uma completa unidade. As pesquisas sobre elas tenderão sempre, direta ou indiretamente, a fazer melhor concordar o estado dinâmico com o estado estático, determinando as funções de todos os órgãos e estes as de todas as funções" (7-p.645). ... "A íntima harmonia entre a concepção estática e a concepção dinâmica caracteriza sempre a verdadeira maturidade das noções sobre a vida" (7-p.647).

A importância e a eficiência do método subjetivo não foi apreciada apenas pelos positivistas, mas também por outras escolas psicológicas. Por exemplo Andras Angyal, um dos principais representantes da escola holística, estabelece para sua teoria exatamente os mesmos princípios que foram apresentados por Comte:

uma organização dinâmica, já que a forma essencial da existência individual é a dinâmica. O processo vital ocorre sempre entre o organismo e o ambiente". (2-p.50). E em outro passo: "As características essenciais do organismo são mais claramente reveladas em suas funções do que em suas características morfológicas. A estrutura morfológica está subordinada à organização funcional que tem uma primazia lógica" (1).

Note-se a plena concordância entre as afirmações de Angyal e as de Audiffrent, discípulo de Comte: "A nova teoria cerebral será então essencialmente sintética, isto é, considera sempre o conjunto do organismo. O cérebro não deverá ser considerado isoladamente do corpo, o qual influencia sempre, embora secundariamente, suas operações. ... As noções estáticas serão sempre subordinadas às dinâmicas" (7-p.71).

Em suma, a teoria da personalidade por nós utilizada baseia-se essencialmente na consideração do homem como ser social e, portanto, na interação dinâmica com o ambiente, e permite ao mesmo tempo a correlação entre os fenômenos psíquicos e do seu substrato anatômico. Neste sentido as investigações de Silveira consideram dois aspectos: um psíquico que é subjetivo, e um somático referido ao encéfalo. Deste modo podemos considerar os fatores biológicos, que estão correlacionados à estrutura da mente. O indivíduo toma contato com o meio externo, evidentemente porque o cérebro está funcionando, mas os processos psíquicos não se reduzem aos de ordem neurofisiológica, pois possuem diretrizes próprias em seu dinamismo. Silveira aplica o princípio de Comte, de que é indispensável o conhecimento prévio das funções que correspondem à mente, ao psiquismo, para verificar os órgãos que preenchem essas funções. Parte da observação clínica para a anatomia patológica. O imperativo do conhecimento das funções psíquicas para o estudo da personalidade foi igualmente reconhecido por Angyal, que embora pertencendo à escola holística não chegou a conceber a personalidade como um todo.

outros autores da mesma escola. Assim, o mencionado autor reconhece a relativa autonomia das funções psíquicas em relação ao organismo total.

Antes de desenvolvermos a concepção de personalidade adotada por Silveira, cabe ainda fazer uma observação. Em sua elaboração precisa da teoria da personalidade baseada em sólidos conhecimentos filosóficos, psicológicos, psiquiátricos e em investigações em neurofisiologia, citoarquitetonia, anatomia comparada e genética humana, Silveira mantém a terminologia adotada por Comte. Pondera que não se faz necessário criar novos termos em psicologia, uma vez que em certos campos da medicina - como na anatomia e na fisiologia geral - os termos utilizados no século passado ainda permanecem. Assim, por exemplo, a denominação "artéria" significa elemento condutor de ar, o qual era considerado como representante do "espírito" que mantinha o homem vivo. Embora desde Harvey ninguém admita tal interpretação, o termo ainda é mantido, porém agora definido de modo científico. Também, não foi abolido o termo "respiração" que implicava absorção daquele "espírito". Acreditamos que a adoção de uma terminologia leiga não oferece qualquer prejuízo aos diversos ramos da biologia - já que se trata de conhecimentos especializados e precisos que dificultam a interferência de juízos de valor por parte do especialista. Ora, o mesmo não ocorre em psicologia. Termos como "bondade", "orgulho", " vaidade", por exemplo, possuem conotação assás valorativa para o leigo, e tem igualmente sofrido interpretações vagas e diversas por parte de diferentes psicólogos, os quais ignoram que na teoria de Comte esses termos correspondem a funções psíquicas bem definidas, que traduzem o trabalho de órgãos corticais identificáveis. Utilizá-los para nomear funções psíquicas poderá acarretar confusões e interpretações falseadas do próprio especialista. Mesmo que se defina, como o faz Silveira, o significado preciso da função subjetiva "bondade", sempre permanecerá o juízo de valor as -

sociado ao termo. O próprio autor não tem empregado o termo "alma" adotado às vezes por Comte, e também pela psiquiatria e psicologia alemães ("Seele"). Recorre à expressão, que também foi estabelecida por Comte e por Audiffrent: "funções cerebrais". E, ainda, a acepção em que usa o termo "personalidade" é mais ampla do que aquela desenvolvida por Comte. Preferimos simplesmente definir cada função psíquica segundo sua característica básica, adotando apenas a terminologia mais específica do campo psicológico. Além de evitarmos mal-entendidos, poderemos correlacionar o significado de cada função, mencionado por Silveira, às concepções de outros autores que secundariamente influenciaram as nossas investigações.

Para compreendermos o dinamismo da personalidade decorrente da inter-relação das funções psíquicas cujo arranjo é peculiar a cada indivíduo em particular, devemos considerar inicialmente o seu aspecto estrutural comum à espécie humana.

Silveira conceitua estrutura da personalidade como o conjunto de funções subjetivas agrupadas fundamentalmente em três setores: afetividade, conação e inteligência. Estas funções psíquicas resultam do funcionamento cerebral, são peculiares à espécie humana e continuamente regem em harmonia as disposições do indivíduo e as suas relações com o ambiente físico e social.

Os termos afetividade, conação e inteligência correspondem a três setores ou seja conjunto harmônico de funções que possuem um significado específico. Assim, o setor básico - afetividade - consiste em um grupo de funções subjetivas que continuamente estimula o ser humano a satisfazer as necessidades da própria existência individual, e por outro lado permite a sua integração no ambiente físico e social. A conação decorre de funções que presidem o comportamento explícito e ao mesmo tempo dirige o trabalho mental. Não corresponde à ação exteriorizada - aos atos ou

à motilidade - mas abrange apenas os dinamismos subjetivos que antecedem e possibilitam a transposição de nossas disposições afetivas e as elaborações intelectuais para o ambiente externo. Assim também, observa Angyal que "na conação não ocorre apenas uma transposição de estados psicofisiologicamente neutros (inconscientes) a processos psicológicos conscientes (elaborados) mas também os processos conativos se caracterizam pela tendência em exteriorizar estes impulsos subjetivos em atividades corporais" (2-p.75/76). Silveira e Angyal reconhecem assim a dupla função da afetividade conativa segundo a estabeleceria Comte: reger o comportamento explícito e manter o trabalho intelectual.

Finalmente, a inteligência se constitui por um grupo de funções psíquicas que estabelece a observação, a adaptação lógica ao ambiente. Em relação a este trabalho temos portanto duas direções: aferente e eferente, isto é, captação dos fenômenos exter-nos e subordinação de nosso trabalho mental criador às exigências da realidade externa.

Os elementos essenciais para a solução da grande maio - ria dos obstáculos que o homem enfrenta, em relação ao ambiente físico e social, são representados por símbolos. Através de concepções simbólicas, o indivíduo alcança a adaptação intelectual à realidade. A capacidade de apreender simbolicamente os estímulos externos e de expressar os sentimentos e os pensamentos através de sinais abstratos, é peculiar ao ser humano. Angyal considera que este é o maior poder de que a natureza dotou algumas de suas criaturas, mas também é a fonte de erro e sofrimento mais profunda (1).

A utilização do símbolo, distinto do sinal, como forma de comunicação torna o homem diferenciável de todos os seres vi - vos. Através do desenvolvimento do raciocínio ele intervém construtivamente sobre o ambiente. Considerando a superioridade inte

lectual do ser humano em relação aos outros animais, Bertallanfy assinala igualmente suas consequências desfavoráveis. "Como um fator social, o universo simbólico criado pelo homem é o responsável pelo curso sanguíneo da história. Em oposição à luta ingênua pela sobrevivência - competição para obtenção do alimento e do espaço vital - a história é determinada pela luta de ideologias em um mundo simbólico bem mais cruel" (5-p.37).

Em seu conceito de estrutura da personalidade, Silveira correlaciona as funções psíquicas às diferentes regiões corticais do encéfalo humano. Portanto, como estrutura psíquica, as funções da afetividade, da inteligência e da atividade são essencialmente as mesmas em todo ser humano, e o que varia de indivíduo para indivíduo são apenas o arranjo entre essas funções e o modo como se exteriorizam. Em outras palavras, existe uma estrutura de personalidade comum e invariável ao ser humano, e um dinamismo de personalidade que assume um feitiço único para cada indivíduo em particular.

Cada uma dessas funções subjetivas simples corresponde a áreas cerebrais definidas, ou unidades funcionais que constituem órgãos individualizados. Embora não limitadas nitidamente entre si, como ocorre no resto do organismo, os órgãos cerebrais formam sistemas, hoje neurofisiologicamente verificados. Assim, em cada esfera psíquica as várias funções se diversificam de modo específico, sendo que impulsos de um tipo são relacionados a apenas alguns outros através de ligações diretas. O estudo destas correlações resultou na concepção de sistemas funcionais, de Audiffrent, cujos substratos são os sistemas neurofisiológicos cerebrais.

No trabalho "Cerebral Systems" (18) Silveira comenta : "A interligação das estruturas corticais e sub-corticais, imperativa em qualquer operação mental, explica a chamada interpreta -

ção holística do funcionamento mental, mas ao mesmo tempo a contrária. A unidade é apenas aparente, uma vez que no estado normal todas as funções estão intimamente relacionadas entre si. Porém, sob condições patológicas, a participação de cada uma pode ser evidenciada em seu resultado final de anormalidade. Realmente, a concepção de sistemas cerebrais como subjacentes aos sistemas psíquicos, pode ser útil - algumas vezes é de extremo valor, como por exemplo na análise psicopatológica profunda feita por Kleist. É necessário ter em mente esses dinamismos em que as funções mais dependentes, as da esfera intelectual, são regidas pelas esferas conativa e afetiva. Isto, por sua vez, traduzido em termos neurofisiológicos, significaria a regência do lobo frontal feita por outras regiões da convexidade cerebral" (18-p.268).

Silveira desenvolve extensamente em seus trabalhos(14, 15,16,17,18,19) a concepção de sistemas psíquicos devida a Audifrent, correlacionados a sistemas cerebrais. E ainda realiza um estudo comparado relativo à evolução do sistema nervoso humano na escala animal (19). Correlaciona igualmente o amadurecimento psicológico do indivíduo à formação das bainhas mielínicas que envolvem os feixes cerebrais das diversas áreas corticais (19), de acordo com Flechsig.

De modo geral, podemos verificar que as funções psíquicas constituem o sistema nervoso central que ao mesmo tempo estimula as funções vegetativas (nutritivas) e coordena a vida de relação. Deste modo a esfera intelectual comunica-se com o meio externo através das impressões (órgãos sensoriais periféricos) e da sensação (núcleos cinzentos sensoriais). A esfera conativa liga-se com o ambiente por meio de execução motora (aparelho locomotor de preensão e locomoção) e da regência motora central (núcleos cinzentos motores da base do cérebro). Porém as reações afetivas não possuem conexões nervosas a não ser através dos núcleos vegetativos hipotalâmicos e da rede vegetativa (sistemas

simpático e parassimpático) que determinam sua relação com o mundo interno objetivo, enquanto a ligação afetiva com o ambiente externo se faz apenas de modo indireto através da atividade e da inteligência.

Na investigação das atividades do sistema nervoso humana no podemos considerar diferentes níveis de estudo. A estrutura morfológica - verificada através da anatomia nervosa; e as fun-ções fisiológicas vegetativas - metabólicas (bioquímica) e as re-lacionadas com mudanças de potencial bioelétrico captadas pelo traçado eletroencefalográfico. Num plano mais diferenciado - neurofisiológico - os dinamismos já podem ser apreciados através do exame direto especializado. E, finalmente, quando estudamos as funções psicológicas, atingimos o nível mais diferenciado e manifesto, embora mais dependente, das funções cerebrais. Através da entrevista psicológica e da utilização de técnicas projetivas podemos apreciar os elementos objetivos e subjetivos do comporta-mento humano em seu conjunto afetivo-conativo denominado por Silveira de "espontaneidade" - e em sua associação intelectual e conativa que resulta na "consciência". Deste modo, os processos mentais apresentam um funcionamento harmônico entre os vários sistemas psíquicos, os quais se agrupam em três conjuntos básicos de funções subjetivas que Silveira denomina "esferas psíquicas".

O autor caracteriza a hierarquia entre estas funções em termos de dependência e de regência. Ocorre regência quando partimos das funções mais específicas para aquelas mais gerais e fundamentais. Em sentido inverso temos a dependência. Então o conceito de hierarquia de Silveira baseia-se em dois princípios:

1) A consideração das funções básicas fundamentais que presidem os primeiros contatos do indivíduo com a realidade externa e que são essenciais à sua sobrevivência e mesmo à realização de qualquer trabalho mental - as funções da afetividade. Em plano intermediário as funções conativas, que coordenam a express

são de nossos pensamentos e sentimentos. E, finalmente, as funções intelectuais, que atingem seu pleno amadurecimento apenas a partir das fases mais avançadas do desenvolvimento da criança, como pensamento lógico

2) Silveira utilizando a concepção positivista do homem como ser social, estabelece que as funções hierarquicamente mais elevadas são aquelas que presidem as relações interpersonais mais desenvolvidas, mais adequadas à plena integração no ambiente social. Mas, a adaptação do indivíduo à sociedade não exige a anulação das funções afetivas básicas, e sim apenas a subordinação. Enquanto os impulsos instintivos são indispensáveis à manutenção da vida do indivíduo e da espécie, os sentimentos, que se introduzem nas relações interpessoais, e a expressão deles, através do raciocínio lógico são o que define o ser social. Assim um indivíduo imaturo afetiva e intelectualmente, como é o caso do deficiente mental, não consegue desenvolver papéis adequados para afirmar-se na sociedade em que vive, nem tampouco assimilar logicamente os valores decorrentes. Porém, sobrevive, uma vez que as funções nutritivas, da afetividade básica, estão íntegras.

O ser humano mantém deste modo uma continuidade com seus semelhantes - antecedentes e descendentes - na medida em que recebe e transmite um determinado contingente genético e que norteia o próprio comportamento segundo padrões e valores culturais transmitidos pela família e pelo ambiente, imediato e depois universal; e ao mesmo tempo elabora a própria experiência, comunicando-a aos contemporâneos e aos descendentes, seja em plano modesto ou mesmo rudimentar, seja - conforme o caso - até na amplitude de novas concepções filosóficas e sociais.

A unidade subjetiva do homem, extremamente acentuada na psicologia moderna, e mais especialmente na escola holística e na medicina psicossomática, já havia sido assinalada por Com-

te: "É importante notar que o cérebro nunca deve ser considerado isoladamente do conjunto do organismo" (7-p.673). Neste sentido Silveira considera o indivíduo como uma unidade complexa resultante do conjunto de funções psíquicas - que se exteriorizam de modo peculiar a cada um, e que resultam da estrutura da personalidade - e das funções somáticas. Assim, embora estabeleça a necessária correlação do psíquico e o somático, não confunde indivíduo com organismo.

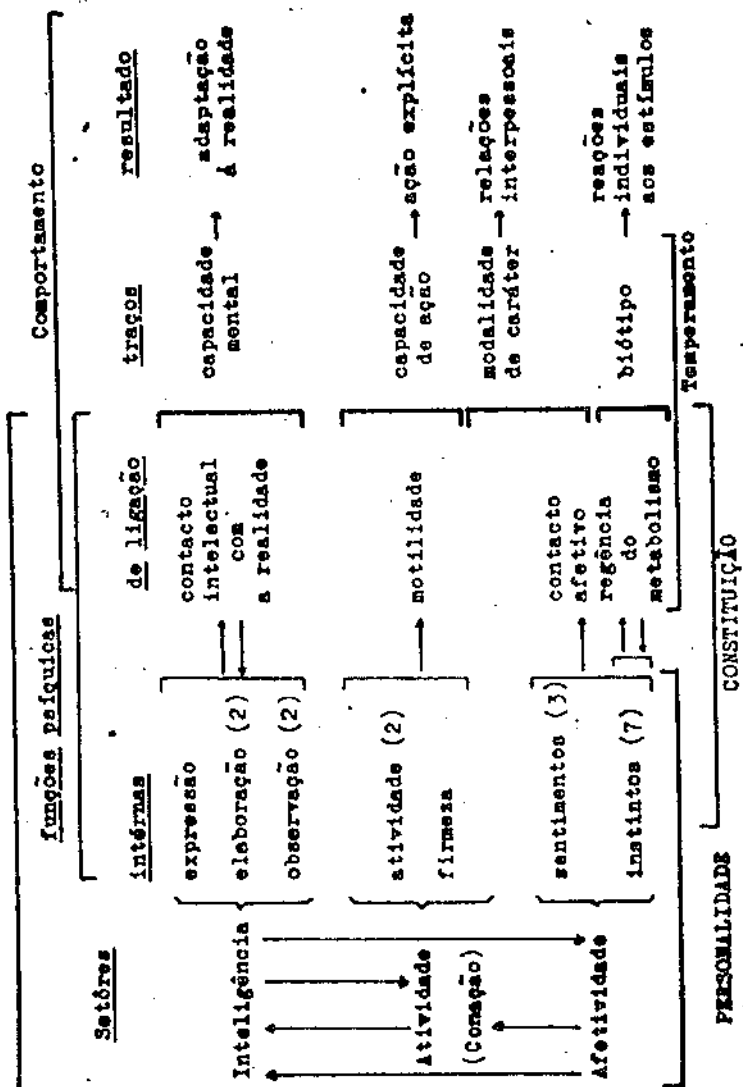
Utilizando sua extraordinária capacidade de síntese, só comparável àquela de Comto, Silveira construiu um esquema (quadro à página seguinte) que nos permite compreender melhor os aspectos estruturais e dinâmicos da personalidade.

Na esfera conativa distinguem-se dois grupos fundamentais de funções: os instintos e os sentimentos.

As funções básicas da afetividade são os instintos, ou conjunto de funções que estimulam todo contato do indivíduo e a realidade externa, e basicamente mantêm a sobrevivência individual e da espécie. Das funções instintivas depende portanto a sobrevivência física do homem. Os instintos correspondem a um grupo de funções subjetivas que não diferem das outras funções afetivas a não ser quanto ao fato de se relacionarem fundamentalmente com a individualidade, enquanto as outras regem relações com o ambiente físico e social. O que caracteriza o instinto é o resultado de seu funcionamento, que se exterioriza como comportamento instintivo, observa Audiffrent: "Quando o impulso se torna suficientemente ativo, ele mobiliza a ação. Mas, a ação é cega como a paixão que a provocou, porque ela não é esclarecida pelo julgamento" (3-p.103).

Os instintos estão sempre ativos, desde o nascimento até a morte do indivíduo, e traduzem-se de modo diverso conforme a fase de amadurecimento do ser, no caso humano, e de acordo com as circunstâncias. Embora sejam independentes da inteligência,

INDIVÍDUO



(Revisão em 29 - 3 - 1968)

Comte já fazia ver que a idéia de fixidez das atividades dos mamíferos e das aves ao construir habitação ou ao efetuar a caça, ou ainda no modo de migração, não existe senão para os naturalistas de gabinete e para os observadores desatentos. "Todos os atos instintivos, afirma Audiffrent, supõem uma certa participação das faculdades mentais, por mais reduzida que seja. Além disso, a própria ação da hereditariedade pode modificar as disposições instintivas" (3-p.104).

O instinto básico indispensável à sobrevivência individual é o nutritivo. Está ligado a todo processo metabólico do organismo, inclusive do próprio cérebro considerado como víscera. O instinto nutritivo centraliza e dirige todo esse metabolismo visceral, todas as trocas bioquímicas. Tal fenômeno biológico de assimilação e de desassimilação, isto é, de renovação celular, existe em todo ser vivo mesmo vegetal. Entretanto não denominamos instintos às atividades nutritivas dos vegetais e de seres inferiores, pois se limitam ao nível celular. Já nos animais que dispõem de sistema nervoso, tais funções nutritivas se subordinam a uma estrutura nervosa especial, bem definida, que oferece além disso, um correlato subjetivo: a este denominamos instinto nutritivo segundo a doutrina de Comte. A organização do indivíduo decorre do instinto nutritivo desde a sua fase embrionária; ao mesmo tempo, estimula todo o trabalho psíquico, afetivo, ativo e intelectual. "O instinto nutritivo que rege toda a integração vegetativa, afirma Silveira, não poderia estar ligado diretamente ao mundo visceral: torna-se necessária a existência de aparelhagem intermediária, autônoma de certa forma, entre aquele instinto e as vísceras. Juntamente com o da nutrição, o instinto de conservação da espécie (sexual) representa o conjunto inferior, hierarquicamente, do grupo da individualidade: dirige a maturação, depois o dinamismo das glândulas sexuais em sentido lato (19-p.232).

O instinto sexual só preside a sua função de reprodução quando o indivíduo amadurece geneticamente. Até esta fase o instinto sexual é responsável pela maturação dos órgãos correspondentes. É uma modificação do instinto nutritivo, num sentido mais especial de definir as características do sexo. Portanto, não é apenas a atividade sexual que caracteriza o instinto sexual, mas sim a preparação para esta fase que precede de muito a função sexual genital própria do adulto. Sob esse aspecto a teoria de Comte não só foi precursora da de Freud por mais de quarenta anos, mas avançou além desta.

Em suma, o instinto sexual e o de nutrição são básicos e peculiares a todas as espécies vivas mais diferenciadas, particularmente na série dos vertebrados. O processo nutritivo será a base para o desenvolvimento do próprio sistema nervoso e portanto das funções psíquicas correspondentes. Em cada fase do desenvolvimento do indivíduo, o instinto nutritivo interfere de modo sempre mais complexo. Até o nascimento temos o aspecto puramente visceral, instintivo. Em seguida, ainda no período fetal, ocorre uma associação do instinto nutritivo ao instinto sexual - no sentido de amadurecimento dos órgãos sexuais, que determinam as características sexuais primárias e secundárias. Ao mesmo tempo o instinto nutritivo participa da assimilação dos estímulos externos e permite o estabelecimento dos primeiros nexos com o ambiente: nas primeiras fases o recebimento do alimento, e posteriormente o domínio dos esfíncteres, permitem à criança a formação de nexos emocionais entre a satisfação das necessidades alimentares e a presença de adultos ou de determinados estímulos do ambiente. Então, ao mesmo tempo que o indivíduo tem reações instintivas não conscientes, não lógicas, que o impellem a agir em busca de satisfação, ocorre uma reação intelectual que permite correlações específicas de estímulos e resultados. Estes nexos não atingem ainda o nível de abstração, porque as áreas cerebrais cor

respondentes não estão completamente amadurecidas. Mas, a partir destas noções primárias, o ser humano desenvolverá, futuramente, relações interpessoais mais diferenciadas.

Sullivan (20) correlaciona as funções aqui ditas de individualidade à "busca de satisfação" peculiar ao ser humano. Consiste esta em uma reação às necessidades primárias biológicas de alimento, de sono e de repouso. Para Sullivan a busca de satisfação tem uma representação fisiológica pelo aumento do tonus de alguns músculos lisos, ao passo que a obtenção de satisfação resulta em relaxamento do tonus.

Através do método subjetivo que instituiu, Comte verificou a ocorrência de dois grupos de funções psíquicas que seriam intermediárias entre os instintos básicos e os sentimentos propriamente. Silveira desenvolveu o significado destas funções baseado em seus conhecimentos da teoria de Comte e das teorias psicológicas atuais e na experiência clínica. Como veremos estas funções foram igualmente identificadas por autores contemporâneos, embora sistematizadas de modo diferente. Em uma teoria da personalidade torna-se indispensável reconhecer as tendências humanas fundamentais, isto é, que sofrem apenas ligeiras modificações nas diferentes culturas. Reconhecemos que tal possibilidade de generalização é limitada, pois o homem como ser social sofre necessariamente, no desenvolvimento das formas de comportamento, a influência do ambiente onde vive: as necessidades subjetivas básicas, dão origem a modos cada vez mais complexos de atividade, o que dificulta a identificação daquelas funções primárias da personalidade. Porém, o método patológico e a observação sistemática dos fenômenos psíquicos permitem estabelecer quais são elas. Tal sistematização foi realizada originalmente na teoria de Comte, alicerçada na sociologia e apoiada nos conhecimentos da época. Freud criou outra teoria, sem conhecer os trabalhos de Comte, mas cujos dados podem reduzir-se às diretrizes po

sitivistas, como argumenta Wolmann (22). No plano clínico e mais recentemente, os estudos de Silveira e de Angyal são de molde a confirmar a teoria positivista. No grupo de funções básicas consideram-se a seguir as relativas à "destruição" e à "construção". Estas representam apenas um nível mais diferenciado do processo de assimilação e de desassimilação ligado ao instinto nutritivo. Aqui, já o comportamento instintivo vai determinando um registro de contato com o ambiente mas desprovido de cognição, através do qual se vão estabelecendo nexos simbólicos. Prevalecem então no comportamento explícito, nesse período, as tendências à destruição e ulteriormente, à construção. Tais dinâmismos não se excluem mutuamente, nem ao comportamento resultante do instinto nutritivo. É a fase em que o ser humano desenvolve tendência a destruir objetos do ambiente, inicialmente com os dentes e em seguida com as mãos. O período em que predomina o impulso de destruição é concomitante ao aparecimento dos dentes. Corresponderia à fase oral agressiva descrita por Freud. Porém "destruir" não implica propriamente em "agredir", mas consiste apenas em um meio mais rudimentar de a criança contatar o ambiente. Ao mesmo tempo que morde o seio materno ou os objetos que leva à boca, apreende a reação dos adultos ou do ambiente imediato. Deste modo, associa ao resultado dos impulsos as reações específicas do mundo externo. Nesta fase é possível que a criança desenvolva fantasias ligadas a este tipo de adaptação, porém o conteúdo destas fantasias não pode ser comunicado pela criança: apenas através de hipóteses é possível inferir a natureza dessas reações.

Com o desenvolvimento simultâneo da coordenação motora e das funções intelectuais, a criança torna-se capaz de reunir os diversos elementos do ambiente, segundo uma concepção primária e subjetiva ainda, porém já simbólica. A tendência para a construção manifesta-se assim através das atividades lúdicas e das primeiras conexões cognitivas intencionais. Ademais, o im-

pulso para a construção predomina sempre nas elaborações e na atividade do indivíduo, desde esta fase de seu desenvolvimento. Se isto não ocorresse, seria impossível a evolução do ser humano na acepção de integração pessoal no plano gregário.

Angyal assinala a tendência para a construção como resultado dos impulsos fundamentais do ser humano, distinguindo aí dois tipos aos quais denomina "impulso para a ação" e "impulso para a exploração". O primeiro resulta na tendência a fazer coisas, a provocar situações pela mera satisfação de perceber a si mesmo como a causa de tais mudanças. Estas atividades podem ser observadas já na criança pequena: "ela manifesta grande movimentação, independentemente de finalidades objetivas". Com o desenvolvimento, este tipo de atividade é substituído por manifestações significativas e úteis (2). Este impulso foi igualmente assinalado por Schachtel, que utilizando concepções diversas e independentes das de Comte, de Silveira e de Angyal, chega fundamentalmente às mesmas conclusões. Em "Metamorphosis" (13) o autor desenvolve um estudo interessantíssimo sobre as diversas fases de desenvolvimento humano. Mencionando, de modo análogo a Angyal, a tendência da criança a agir no ambiente e, através de sucessivas "destruições" e "construções", a alcançar uma adaptação positiva, não necessariamente associada a uma simples busca de satisfação das necessidades biológicas primárias. Denomina estes primeiros contatos desenvolvidos pela criança com o ambiente de "afeto de atividade" (activity-affect). Os autores que mencionamos, inclusive Silveira, assinalam que estas tendências básicas permanecem durante toda a vida do indivíduo.

Ainda relacionado à tendência para a construção, embora no caso, associada à função intelectual, Angyal atribui ao "impulso para a exploração": "Curiosidade, empenho em conhecer e explorar o mundo. ... Apreender as propriedades dos objetos e as leis que regem os vários fenômenos, de modo a obter uma base

eficiente para a predição. Na medida em que se obtém uma informação, imediatamente o indivíduo busca as suas regularidades, tenta simplificar e reduzir os fatos, de modo a construir novas concepções" (2-p.220). Reconhecendo embora o papel da inteligência neste tipo de atividade, Angyal lhe assinala como base mais geral a afetividade. De modo análogo Silveira, no trabalho sobre os sistemas cerebrais (18), aponta a natureza afetiva das funções de destruição e de construção. E, ainda, estabelece como base necessária para a elaboração indutiva a "construção", enquanto a dedução se acha relacionada com a "destruição".

Já num plano mais diferenciado, e portanto mais dependente das relações interpessoais, encontramos duas funções que não são propriamente instintos mas sim tendências básicas humanas, que se manifestam apenas através de relações interpessoais. Estas funções correspondem "à necessidade de domínio" e à "necessidade de aprovação". Adotamos o termo "necessidade" em lugar de tendência apenas para assinalar o caráter mais diferenciado destas funções, e ao mesmo tempo o fato de representarem elas a base essencial para a auto-afirmação do indivíduo nas relações interpessoais mais complexas. Assim, gradativamente, a criança vai sentindo necessidade de dominar o ambiente, o comportamento dos demais, de modo a obter plena satisfação e segurança. A teoria freudiana assinala este aspecto ao se referir à "fase anal" de desenvolvimento. Angyal refere-se à "necessidade de domínio" como "impulso para a superioridade": "tendência a dominar não apenas o ambiente mas os outros. Esta tendência raramente ocorre em sua forma pura. As relações interpessoais envolvem uma grande variedade de tendências, porém, o impulso para dominar é um aspecto bastante comum no comportamento interpessoal" (2-p.219/220). E em seguida afirma: "A tendência à auto-expansão é egocêntrica em relação ao mundo. Corresponde, grosso modo, ao que se denomina habitualmente "desejo de poder" ou "agressão". Em sua manifestação acha-se sempre acentuada a individualidade" (2-p.221).

Silveira relaciona a "necessidade de poder", ou "orgulho", como definiram Comte e Audiffrent, com a tendência para a destruição e, num plano ainda mais básico, com o instinto nutritivo (ver sistemas cerebrais). Estabelece ainda que esta tendência estimula sempre a atividade humana, desde principalmente, as primeiras fases de adaptação ao ambiente. Mas, por outro lado, a forma de exprimir-se depende dos valores e dos padrões culturais de comportamento, que poderão estimular ou reprimir-lhe as manifestações. No plano intelectual, a necessidade de poder irá estimular a observação abstrata e a elaboração dedutiva. Angyal refere-se à importância da "necessidade de poder" como estímulo para o indivíduo analisar os fatos e adquirir conhecimentos (2). Sullivan refere-se a essa necessidade, à qual liga a luta biológica da criança, que se sente impelida a expandir-se no ambiente, a desenvolver suas próprias capacidades. Tem origem nas primeiras experiências frustradoras que impedem a criança de dominar o ambiente imediato. Sullivan considera tal necessidade como fundamental ao ser humano, para que possa desenvolver as próprias características de indivíduo social (20).

A medida que se amplia o círculo de relações humanas, a criança, para sentir-se segura e adaptada, necessita de ser aceita pelo grupo. Desenvolve seu comportamento de modo a obter aprovação dos demais. Esta necessidade, que basicamente é egoísta, irá presidir a concepção dos futuros papéis sociais adotados pelo indivíduo. E as próprias condições a ele impostas dependem das características peculiares à sociedade em que vive. Assim, a "necessidade de aprovação" sempre está presente no ser humano, nas diferentes fases de desenvolvimento e nas diferentes culturas. O desempenho dependerá da dinâmica da personalidade subjetivado indivíduo e, por outro lado, da cultura em que vive.

Esta necessidade fundamental para o desenvolvimento das funções de sociabilidade foram relacionadas por Silveira à tendência para a construção e, em nível mais básico, aos instintos de conservação da espécie. No plano da atividade explícita, a "ne-

cessidade de aprovação", ou " vaidade", como função psíquica subjetiva, determina a moderação dos impulsos; e no plano intelectual, estimula a observação concreta das situações e a elaboração indutiva (18).

Na época em que prevalece a "necessidade de aprovação", a criança ainda não desenvolveu a capacidade de abstração necessária para assimilar globalmente os padrões sociais de comportamento. Tal processo só ocorrerá em fases ulteriores do desenvolvimento: a partir da observação concreta das experiências ela apenas apreende as maneiras práticas que lhe favorecem a aceitação pelo grupo. Angyal observa que o comportamento das pessoas é norteado em grande parte pelo desejo de não desapontar os outros: "Podemos ter vontade e mesmo necessidade de mudar o nosso curso de vida, mas frequentemente não o fazemos temendo aquilo que os outros poderão pensar. Não desejamos desapontar as pessoas em suas expectativas a nosso respeito" (2-p.236). Ele ressalta, como também o faz Silveira, a influência social sobre a expressão desta necessidade: "o desejo de ser apreciado e reconhecido pelos demais, de ter boa reputação, de obter adaptação social, é apenas parcialmente motivado pela necessidade de poder. Ele implica também na apreciação dos valores sociais" (2-p.223).

No grupo das funções de sociabilidade, as reações afetivas que apenas resultam da relação entre indivíduo e ambiente, manifestando-se exclusivamente através de relações interpessoais, são denominadas por Silveira de "sentimentos", por expressarem os modos de o indivíduo "sentir" o ambiente. A distinção entre instintos e sentimentos foi esclarecida por Audiffrent: "Os sentimentos estão sempre a serviço da sociabilidade, não atingem seu pleno desenvolvimento senão no plano social. Os atos provocados pelos sentimentos nunca possuem o caráter regular e quase mecânico encontrado nas atividades determinadas pelos instintos, os quais não são habitualmente orientados pelas funções intelectuais" (13-p. 103/104).

O setor de personalidade que permite a modificação, o desenvolvimento, o aperfeiçoamento do indivíduo, é o da Sociabilidade. São três as funções subjetivas que o integram, às quais Comte qualificou como sentimentos "simpáticos". Estas funções estabelecem mais adequadamente a correlação do indivíduo e o meio em geral, principalmente o ambiente social.

Evidentemente a própria natureza intrinsecamente interpessoal dos sentimentos, e portanto sua maior complexidade, dificulta o estudo específico de cada uma das funções de sociabilidade. Em plano mais geral podemos apreciar apenas os diferentes níveis de adaptação social do indivíduo ao ambiente. A relação interpessoal básica e primária, que a criança estabelece em suas primeiras experiências com o ambiente social, tem um cunho ainda individual. Ela somente mantém uma ligação afetiva ao assimilar os vários aspectos dos estímulos exteriores que se relacionam diretamente com o instinto nutritivo. Logo, é o instinto nutritivo que rege o comportamento da criança, na fase inicial, embora estimulado por uma reação afetiva já mais ligada e subordinada ao ambiente. As primeiras noções da realidade caracterizam-se por estes impulsos básicos, os quais, desse modo, influenciarão todo comportamento futuro do indivíduo, manifestando-se em diferentes níveis objetivos e subjetivos.

Os primeiros contatos sociais do indivíduo e o ambiente apresentam uma grande carga de individualidade. Esta ligação não é orientada intelectualmente, mas depende da reação afetiva da criança, de seu interesse imediato, de suas sensações de prazer e desprazer. Nesta época ela se apega principalmente à mãe, cuja figura não é percebida como um conjunto, como ser autônomo. Somente é sentida como fonte de satisfação - que lhe proporciona sensações tácteis agradáveis, alimento e calor. Comte e Silveira denominam esse sentimento básico de "apego", e estabelecem sua relação para com a tendência à construção - a qual aliás está li

gada a todas as funções de sociabilidade - e para com o instinto sexual. Sullivan atribui o qualificativo "empatia" a estes sentimentos básicos do ser humano. Desde o nascimento, o bebê demonstra uma relação específica com o adulto significativo (mãe ou ama). Se, por exemplo, a mãe não havia desejado ter esse filho, o pediatra encontrará, geralmente, dificuldades relacionadas com a sua alimentação. Ou, no caso de ser a mãe extremamente ligada ao filho, de estar muito preocupada com algum acontecimento durante o instante em que o amamenta, o bebê ficará igualmente tenso, denotando dificuldade em alimentar-se adequadamente. Por outro lado, Sullivan assinala o caráter recíproco das relações pessoais, mesmo as mais básicas. Nota que a própria expressão de satisfação da criança ao ser alimentada acarreta satisfação e bem-estar aos pais. E, em decorrência deste vínculo empático, a reação dos pais à satisfação da criança comunica-lhe uma sensação de bem-estar que mais tarde será relacionada com a "necessidade de poder". Sullivan afirma: "De modo geral sabemos que existe um vínculo emocional entre o bebê e o adulto significativo. E 'empatia' é o termo que usamos para caracterizar este vínculo peculiar entre a criança e a mãe. Muito antes de se registrar qualquer sinal de compreensão da expressão emocional, existem provas deste contágio ou desta comunhão afetiva. E tal nexos de configuração mãe-filho é de extrema importância para a compreensão do condicionamento cultural ou de incorporação à cultura. ... A época em que a 'empatia' assume a maior predominância é entre os seis e sete meses de idade" (20-p.16/17).

No adulto, este sentimento de apego poderá manifestar-se através da ligação afetiva mais intensa que ele poderá ter com as pessoas, os lugares e mesmo os objetos. Comte estabelece que esse tipo de relação afetiva com o ambiente está ligado também, no plano da individualidade, àquele instinto a que denominou "de posse" ou "materno". Assim, este vínculo que se estabelece, em

nível de sociabilidade entre o indivíduo e determinados aspectos do ambiente depende necessariamente, das primeiras experiências e emocionais da criança. Angyal, referindo-se à permanência deste sentimento básico no indivíduo adulto, observa: "Podemos permanecer em um local onde vivemos durante longo tempo, onde passamos a infância, ou que tenha pertencido a nossos ancestrais, mesmo que seja mais prático e útil afastarmo-nos desta localidade. Mantemo-nos, neste caso, ligados a este lugar devido a uma relação homônoma emocional de apego" (1-p.224). Note-se que o autor utilizou, para caracterizar o sentimento básico de ligação com o ambiente, o mesmo termo que foi adotado por Comte: "apego" (attachment).

A medida que amadurecem as funções conativas e intelectuais e se ampliam as relações interpessoais da criança, ela se torna capaz de assimilar as normas mais gerais do grupo em que vive. Deste modo, ela se socializa através de sentimentos, já mais diferenciados do que os relacionados ao apego. A tendência a compartilhar, a pertencer a uma unidade mais ampla, supra-individual, que é subjacente às diversas manifestações do comportamento humano, assume características diversas segundo o tipo de relação interpessoal considerado: identificação com o grupo, lealdade à família, submissão a valores sociais, éticos, religiosos. Este sentimento representa uma evolução mais completa e ampla da simples necessidade de aprovação: já exige a elaboração lógica e a continuidade dos propósitos. Comte denominou a este sentimento "veneração", Freud implicitamente o considera na concepção de super-ego, e Angyal igualmente o reconhece como básico ao ser humano, designando-o como "tendência à homonomia".

Para que ocorra a plena integração da criança à sociedade, é necessário que ela assimile gradativamente os valores e os papéis dos adultos, e construa modelos idealizados de comportamento, aos quais se identifica de modo a nortear o futuro com-

portamento social. Lembra-nos Angyal: "Na criança o desejo de se tornar adulto manifesta-se de diversas maneiras. A maioria dos jogos infantis consiste na imitação das atividades dos adultos: brincar de soldado, de médico, de professor. ... Certas atividades proibidas aos jovens e que deste modo se tornam símbolo da idade adulta, tais como fumar, beber, ter relações sexuais, vestir-se de certo modo, são especialmente atraentes para os adolescentes" (1-p.233/234). E ainda postula o autor: "A formação do 'eu ideal' decorre de uma série de identificações sucessivas. A conformidade entre as ações e os ideais de comportamento, constitui fundamento para o auto-respeito"(1-p.253). Porém, quem desenvolveu especialmente o estudo deste processo de adaptação social, após os trabalhos de Jung, foi G. H. Mead. Este autor estabelece como distinção entre o ser humano e o indivíduo social o que ele denomina "persona". A "persona" resulta da simbolização de relações interpessoais que atingem um nível mais amplo e complexo, através das quais o homem assimila os valores sociais como um todo e percebe os demais indivíduos segundo os papéis sociais que desempenham, isto é, como "o outrem generalizado". As sim, Mead considera em suas formulações teóricas, como elemento primordial para a formação da própria imagem auto-consciente, ou "persona", a assimilação e a adoção de papéis das pessoas que integram o círculo familiar, por parte da criança. Desde o nascimento, a criança encontra-se em um ambiente sócio-cultural específico: pertence a uma determinada cultura, a uma classe social, a uma determinada época histórica. Os papéis que irá assimilar serão aqueles oferecidos pelo ambiente em que vive. Inicialmente a ligação afetiva refere-se às relações familiares - como sentimento de apego - e posteriormente identifica-se de modo mais amplo com os valores sociais. As experiências essenciais ao desenvolvimento desse processo são consideradas por Mead os brinquedos e os jogos: "Brincando a criança imita as reações dos adultos - posturas, tons de voz, comportamentos. Ela brinca com

um companheiro imaginário, de modo que adota diferentes papéis . Então ela diz algo ao representar um papel e em seguida responde de acordo com o outro papel, mantendo consigo mesma uma conversação. Deste modo inicia-se a estruturação das reações básicas que poderá provocar em outras pessoas e em si mesma" (10 - p.180/181). No jogo já existem regras que consistem, em última análise, numa série de reações com um padrão geral: "No jogo a criança deverá aprender os possíveis modos de reação dos outros, de maneira a adequar o próprio comportamento às situações que surgem. O jogo apresenta, portanto, um passo a mais no desenvolvimento da criança" (10-p.182). A diferença fundamental entre o jogo e o brinquedo, é que no primeiro a criança deve adotar a atitude de todos os demais participantes na ação. As atitudes que em cada fase do jogo os parceiros devem assumir organizam-se em uma espécie de sistema e, neste caso, será o conjunto de regras o que irá reger o comportamento individual (10 - p.183/184).

Desse modo, para que o processo de adaptação social se realize plenamente - segundo a concepção de Mead - não é suficiente que o indivíduo adote simplesmente a atitude dos demais . É mister que ele assimile o caráter geral das relações interpersonais: as atitudes dos outros entre si e para com ele mesmo. E também, que ele adote atitudes adequadas às características da situação social em que se encontra. Para tanto torna-se necessário subordinar-se aos valores grupais como um todo: "A comunidade ou o grupo social organizado é que proporciona ao indivíduo a sua unidade como "persona". A atitude do "outro generalizado" é a atitude subjacente a toda a comunidade" (10 - p.184).

Graças ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e ativas e ao amadurecimento das relações interpersonais afetivas, o indivíduo poderá desempenhar papéis sociais mais complexos. A partir daí ele se torna um membro social consciente de si mesmo e da comunidade à qual pertence.

Os dois níveis de adaptação afetiva do indivíduo ao ambiente são ao mesmo tempo aferente e eferente. Ao mesmo tempo em que assimila os dados do ambiente, reage de modo peculiar a estes estímulos. Mas, após iniciar a integração mais diferenciada no ambiente social - através da assimilação de seus valores - o indivíduo poderá desenvolver a auto-afirmação e expressar plenamente a capacidade criadora. Só então será realmente capaz de dar de si espontaneamente, pouco ou nada exigindo do ambiente. Nesta fase de desenvolvimento o ser humano está mais amadurecido emocionalmente e relaciona-se com um círculo social mais amplo.

Quando o comportamento humano é determinado exclusivamente pela necessidade de domínio e mesmo pela de aprovação, a atitude para com os outros assume um feitiço de "meios e fins". No momento, porém, em que o indivíduo considera os outros companheiros, ou co-participantes em uma realidade mais ampla, outra característica humana se manifesta - o amor. A natureza básica do amor consiste em reconhecer o valor e em aceitar e respeitar os sentimentos do ser amado. Em relação a este sentimento mais nobre, embora mais dependente, entre as funções da afetividade - ao qual Comte denomina "bondade" - Angyal faz algumas considerações: "O amor tem sido reconhecido como uma atitude humana básica, que é plenamente distinta e irreduzível a outras tendências de auto-afirmação humana. ... O reconhecimento e aceitação das características da pessoa amada implicam também em compreendê-las. Os componentes básicos do amor são a compreensão e a igualdade. Para se amar é necessário sair de dentro dos limites da própria individualidade. É preciso partilhar os sentimentos com o outro" (1 - p.133/134).

O que unifica a personalidade é o conjunto das funções afetivas e principalmente o dos sentimentos. Os instintos - como funções que ligam mais diretamente o indivíduo a si próprio - variam de intensidade, variam no arranjo entre si, conforme os

dinamismos da personalidade, e deste modo tendem a levar o comportamento subjetivo do indivíduo a direções diversas e mesmo contraditórias. Portanto, o amadurecimento psicológico implica na subordinação das funções instintivas às funções de sociabilidade. E estas permitirão uma inter-relação harmônica com o ambiente. Referindo-se a esse processo observa Silveira: "E o desenvolvimento psicológico, paralelo à maturação do sistema nervoso, consiste na submissão gradativa e contínua do primeiro grupo (instintos) ao segundo (sentimentos)" (19 - p.232).

Em suma, todo indivíduo bem adaptado deverá manifestar no comportamento tanto os impulsos da individualidade como os aspectos de sociabilidade. As duas orientações não são contraditórias, mas complementares. Ambas preexistem no nascimento do ser humano. Manifestam-se e atingem o pleno amadurecimento em fases distintas do desenvolvimento individual. Somente no indivíduo adulto, como ser eminentemente social, os instintos deverão submeter-se aos sentimentos.

Para se dar esta adaptação à realidade faz-se necessária a intervenção concomitante das funções conativas e intelectuais.

A atividade, na acepção de Comte, constitui um setor da personalidade intermediário à afetividade - que estimula a ação e o trabalho mental - e à inteligência, que os orienta. Sem a participação das funções de atividade seria impossível a própria produção mental e a ação explícita. Portanto, atividade corresponde a um grupo de funções subjetivas que regem o comportamento no meio externo e ao mesmo tempo estabilizam a atenção, permitindo deste modo a realização do trabalho intelectual.

Silveira utiliza o termo "conação", adotado principalmente por Mc Dougall, para representar as funções subjetivas da atividade. Silveira afirma que Mc Dougall inclui neste conceito

a intenção e a espontaneidade do indivíduo que executa a ação, em bora deixe de considerar sua participação no trabalho mental, co mo o fazem Comte e seus discípulos. Mas, de qualquer modo, o ter mo "conação" - do latim conatus, que significa executo, isto é, realize a partir da intenção, de um objetivo - é adequado para traduzir este setor da personalidade, uma vez que se faça essa correção no conceito.

Mead reconhece esta distinção entre a função ativa sub jetiva e atividade explícita: "É preciso insistir em que o com portamento objetivamente observado encontra expressão dentro do indivíduo. Parte dele aparece como "atitude" ou início dos atos. ... O ato manifesto, tal como o observamos, é apenas uma parte do processo já iniciado em plano subjetivo". E em seguida, criticando o "behaviorismo", o autor comenta: "Watson deixou de considerar este aspecto do comportamento. No próprio ato existe um campo que não é externo, embora pertencente a ele, e existem características deste comportamento orgânico subjetivo que se re velam através de nossas atitudes, especialmente as relacionadas com a linguagem" (10-p.53). Embora o autor não estabeleça distin ção entre as funções conativas, ele considera o papel delas no trabalho mental e no comportamento explícito. Afirma ainda Mead: "Se quisermos usar a psicologia condutista para explicar o com portamento consciente temos de ser muito mais minuciosos que Wat son em nossa explicação do ato. Temos de considerar não apenas o ato completo ou social, mas também o que ocorre no sistema ner voso central como elemento iniciador e organizador do comporta mento explícito. ... Existe uma organização nas diferentes áreas do sistema nervoso que será responsável pelos atos. ... Os está gios posteriores do ato estão presentes já em suas primeiras fa ses, não apenas no sentido de que eles estão preparados para pôr -se em funcionamento, mas também que permitem o próprio domínio desse processo" (10-p.58).

Binder, em estudo sobre os sentimentos, considera uma fase mais primária do desenvolvimento individual, em que ocorre uma reação puramente instintiva do organismo ao estímulo. As funções instintivas, considera o autor, atuam "cegamente", portanto com pouca consideração pela situação objetiva. Em fases mais adiantadas do desenvolvimento, na "periferia psíquica" - isto é, no conjunto de fenômenos psíquicos sensoriais e motores que permitem o contato do indivíduo com o ambiente - desenvolve-se um sistema coordenador, que permite a adaptação da reação ao estímulo objetivo, através da organização de dispositivos dinâmicos especiais para a situação imediata. Este novo sistema, ao contrário da rigidez das reações impulsivas instintivas, possui imensa flexibilidade. Tal sistema caracteriza, para Binder, a ação voluntária, intencional, e ele o denominou "sofropsique". A regência sofropsíquica permite apreender as relações entre os pensamentos e selecionar espontânea e adequadamente as representações dos motivos e objetivos (58). O dinamismo sofropsíquico postulado por Binder corresponde à acepção de atividade, como função subjetiva, dada por Silveira.

Em todos os atos humanos, mesmos os mais rudimentares e iniciais, podemos distinguir, como o faz Silveira, o plano objetivo ou de execução e o subjetivo ou da conação. O primeiro representa a exteriorização do movimento e depende do aparelho periférico da motilidade: preensão e locomoção. As disposições conativas representam os fatores subjetivos e resultam de funções cerebrais. Na conação, Silveira distingue elementos extrínsecos ou móveis afetivos - motivações que estimulam a ação, incluindo os instintos e os sentimentos, e elementos intrínsecos - que constituem as funções conativas propriamente ditas. Distingue, também na esfera conativa, três funções: Em primeiro lugar, a que permite a iniciativa para a ação, constituindo portanto o elemento subjetivo que desencadeia a ação explícita ou estimula a per-

cepção e o raciocínio. Em seguida, a função conativa, responsável pelo bloqueio ou pela moderação da exteriorização explícita. E finalmente a função psíquica, que preside a estabilidade, quer dando continuidade aos atos, quer mantendo o raciocínio, ou a observação que se traduz na atenção. Assim, quando o indivíduo toma uma decisão e resolve agir, precisa inicialmente estar motivado afetivamente para realizar o ato, e além disso utilizar os recursos intelectuais para adaptá-lo à realidade: são ambos aspectos extrínsecos, que interferem na conação. Mas, o que permite iniciar o comportamento (estímulo) e refrear ao mesmo tempo os impulsos inadequados (inibição) são as funções conativas. Além disso, ele deverá dar continuidade aos propósitos originários, levando a termo o respectivo comportamento (manutenção). Comte denomina estas funções respectivamente de "coragem", "prudência" e "firmeza". Audiffrent afirma: "Toda atividade deve ser dotada de "coragem" para empreender, de "prudência" para executar e de "firmeza" para manter-se" (3 - p.120).

Assim, para que haja continuidade da ação, e a atividade de não se torne apenas uma agitação descoordenadora e incoerente, é mister que as duas funções - a que estimula e a que reprime - intervenham sob o ascendente da função que determina a estabilidade. Sem esta harmonia das funções conativas, não seria possível a ligação com a realidade objetiva, nem em termos de motilidade, nem como apreensão dos estímulos externos (atenção).

Laffitte assinala a participação do tonus muscular na atividade: "Toda atividade pode se reduzir a uma contração muscular quando ela estimula, quando ela retém ou quando ela mantém. Graças a esta contração o homem produz ou controla os movimentos" (9 - p.361/362).

A interferência das funções da atividade no conjunto dos dinamismos da personalidade permite portanto: a transformação dos impulsos instintivos ou dos sentimentos em comportamento

explícito; a formação de noções e de pensamentos através da esta bilização da atenção; e, finalmente, a derivação da atividade ex plícita para o plano intelectual, tanto na vigília - através de fantasias e devaneios - como durante o sono, originando o sonho.

Em suma, a atividade exteriorizada representa a participação destas três funções - estímulo, inibição e manutenção - em qualquer situação ambiental que solicite a intervenção do indivíduo. E, no comportamento explícito, devemos necessariamente distinguir o nível objetivo - que é influenciado pelos valores so ciais, pela aprendizagem, pelas habilidades de coordenação e de execução peculiares ao indivíduo - e o nível subjetivo, que depende da estrutura básica da personalidade humana. Todo ser humano já possui ao nascer as três funções da atividade e este facto é que irá permitir-lhe a adaptação contínua à realidade objetiva. O que vai variar em cada indivíduo será a combinação, o dinamismo dessas funções as quais, conforme as circunstâncias ex ternas e subjetivas, serão mais solicitadas, ou mais marcantes, no comportamento.

O que distingue o ser humano de outros animais é a capacidade de estabelecer nexos lógicos entre os dados do ambiente e a própria experiência. A capacidade de simbolização abstrata é fundamental para que se realize plenamente a integração do indivíduo à sociedade. A adaptação intelectual à realidade não decorre apenas da apreciação dos eventos externos e da assimilação dos valores do ambiente, mas fundamentalmente da capacidade humana de reelaborar, de modo original e criador, os dados coligidos e de comunicar o resultado das concepções e o estado subjetivo aos semelhantes.

Comte refere-se à superioridade das funções intelectuais nos seguintes termos: "Quanto à vida especulativa seria supér - fluo insistir aqui sobre um tipo de superioridade humana tão evi dente, a menos que fosse só para diminuir a importância social

que a ela se atribui ainda. A necessidade de tal proeminência permanece, todavia, incontestável, pois a sociabilidade de muitas espécies se torna estéril em decorrência apenas da inferioridade mental. Pois a inteligência não é apenas indispensável para esclarecer a atividade, sobretudo coletiva: ela assiste diretamente a sociabilidade, fazendo-lhe conhecer melhor seu principal destino. Ainda que as simples afeições de família possam se desenvolver sem ela, seu auxílio é indispensável para o desenvolvimento completo das emoções sociais propriamente ditas " (7 - p.634/635).

Se, por um lado, o desenvolvimento e o dinamismo das funções intelectuais resultam de um processo neurofisiológico comum à espécie, por outro, o resultado de suas atividades é influenciado pelas relações interpessoais. O próprio conteúdo do pensamento tem um significado social, uma vez que representa a assimilação dos valores e papéis desenvolvidos através dos processos interhumanos de comunicação. A partir dessas experiências, o indivíduo torna-se capaz de nortear a própria ação e de prever-lhe as consequências. Portanto, mesmo a noção de realidade implica no amadurecimento das funções cerebrais responsáveis pela atividade intelectual e, ao mesmo tempo, no intercâmbio do indivíduo com a sociedade.

Conceituando "universalidade" não como uma entidade mas como relação funcional simbólica entre uma série de atitudes e uma série de objetos e seres do ambiente, os quais representam elementos primários de uma realidade total, Mead considera essencial ao estudo da adaptação intelectual do homem ao ambiente o processo que ele denomina "universalidade social": "Na medida em que aquilo que o indivíduo faz ou diz se torna compreensível, aceitável ou concreto para os outros indivíduos envolvidos em uma atividade comum, aquilo que está sendo comunicado atinge um outro tipo de universalidade: 'a universalidade social'. Esta é

em certo sentido um sinônimo de objetividade. Para o positivista é o mais importante tipo de objetividade - e para alguns o único possível. O indivíduo transcende do que ocorre apenas a ele, quando através da comunicação descobre que sua própria experiência é partilhada com os seus semelhantes. ... Somente fazendo comparações nesse mundo comum o indivíduo poderá distinguir sua própria experiência particular" (10 - p.41).

As funções intelectuais que presidem a captação dos dados externos são as da observação, ou contemplação. Em seguida, através das funções de elaboração interpretamos as noções obtidas pela observação e deste processo resulta o pensamento ou a idéia. Finalmente expressamos nossas concepções no ambiente através da função da comunicação. Verifica-se, portanto, como afirma Audiffrent, que "todas as nossas operações mentais são apenas o prolongamento direto ou indireto de nossas impressões externas" (3 - p.109). O autor emprega o adjetivo "mentais" na acepção de intelectuais.

A observação ocorre sob duas modalidades: concreta e abstrata. Aquela mais ligada ao mundo externo, revela-nos o objeto completo com o conjunto de todas as propriedades. É essencialmente sintética fornecendo-nos noções reais mas relativa a seres particulares. Relaciona-se fundamentalmente com as nossas manifestações práticas. Quando evocamos um objeto do ambiente exterior o fazemos através de imagens concretas. O outro tipo de observação, mais diferenciado, reporta-se às propriedades do objeto, à cor, à forma, à consistência, ao peso, ao cheiro, enfim, apreende os fenômenos. Esta função é portanto analítica, permitindo isolar alguns aspectos dos seres concretos, abstraindo as demais propriedades. Portanto, ela se refere aos fenômenos, os quais, embora sejam apreciados a partir de um objeto do ambiente, adquirem a generalidade suficiente para se aplicarem a uma ampla variedade de seres, e não a um em particular, como é o caso da

imagem concreta. Quando se evoca uma imagem abstrata, ela já não se referirá a nenhum objeto específico mas a tipos de seres.

Comte caracterizou os dois modos de observação da seguinte maneira: "Um essencialmente sintético, se refere aos seres e em consequência, oferece um caráter concreto; o outro, sempre analítico, aprecia os acontecimentos de modo que a sua natureza seja abstrata. O primeiro procura, portanto, noções reais, embora particulares; do segundo emanam apenas as concepções gerais, mais ou menos artificiais" (7 - p. 718). Note-se que segundo a concepção positivista, no processo de observação reconstruímos subjetivamente a imagem do objeto ou ser exterior.

Laffitte desenvolve igualmente o estudo destas funções intelectuais: "A contemplação tem como finalidade a construção das imagens. Quando ela se aplica à construção dos seres é concreta; quando à construção dos fenômenos, é abstrata. A observação concreta resulta na formação da imagem de um ser real ou hipotético, bem determinado no tempo e no espaço. A observação abstrata, ao contrário, estabelece imagens próprias aos diversos fenômenos distintos: peso, calor, virtude, direito, dever. Seu resultado final é a construção de tipos abstratos, como de homem, de animal, de família e de sociedade" (9 - p.302).

A elaboração intelectual intrínseca pode processar-se, por sua vez, de dois modos distintos: obtendo relações estáticas através da comparação e resultando na construção de princípios; ou estabelecendo relações dinâmicas por sucessão, coordenando diferentes aspectos obtidos através da observação, e extraindo daí consequências. O primeiro modo, que propicia a generalização, caracteriza a elaboração indutiva, o segundo que possibilita a sistematização, corresponde à elaboração dedutiva. Como não há elaboração a não ser a partir de imagens, induzimos através da associação de imagens concretas e deduzimos a partir da análise dos aspectos quer constantes, quer variáveis, da imagem abstrata. De

vido a essa generalização crescente, a elaboração dedutiva dos resultados da observação, pode chegar até a construir as leis propriamente ditas, isto é, as leis de sucessão. "Se se trata de um ser, por exemplo, é pela meditação que chegamos a encontrar os estados sucessivos que apresenta em um tempo determinado. ... Quando a meditação se aplica aos fenômenos, tem por finalidade estabelecer, com maior ou com menor precisão, como um deles varia em função dos outros." (9 - p.302/303).

Finalmente a comunicação, ou expressão, que é influenciada pelas quatro funções anteriores e que também sobre elas reage, pode manifestar-se de três modos diversos: expressão mímica (sinais executados), expressão verbal (sinais articulados) e expressão gráfica (sinais traçados).

A noção não assume generalidade suficiente para ser utilizada sem se levar em conta os seres respectivos. Já a comunicação, particularmente a gráfica, permite a construção de leis abstratas referentes aos fenômenos e independentes dos seres.

Comte estabeleceu a distinção entre as funções intelectuais relativas à concepção e as referentes à expressão: "Se a expressão supõe a concepção, ela se torna por sua vez o complemento indispensável desta não somente para sua transmissão social, mas também como prova de maturidade e como meio de aperfeiçoamento". ... "Tal solidariedade não deve, de maneira alguma, levar a confundir funções tão distintas. Nossas doenças as separam frequentemente, exaltando umas ou deprimindo as outras" (7 - p.715).

Em relação à especificidade da função psíquica de comunicação como resultante do funcionamento de um órgão cerebral independente, Silveira estabelece: "não somente rege a exteriorização do estado subjetivo, como assiste o trabalho intelectual de elaboração mediante a instituição de sinais. É isto que permite

à mente humana formular os pensamentos abstratos por excelência e chegar às mais arrojadas generalizações, que culminam com a formulação de leis científicas" (19 - p.239).

A importância da comunicação reside no fato de que ela possibilita uma forma de comportamento que não é apenas dirigida aos outros, mas também ao próprio indivíduo. Mas, para nos comunicarmos diretamente com o ambiente - de modo a podermos traduzir adequadamente nossos sentimentos e nossos pensamentos, a fim de sermos compreendidos por nossos semelhantes - precisamos reduzir ainda mais a imagem elaborada, transformando-a em sinal. A simbolização é um processo indispensável para a comunicação, e exige a contribuição da atividade (na acepção de Comte). No plano subjetivo, Silveira estabelece que na formação de sinal ocorre uma contração, em duas acepções: contração muscular não perceptível, inconsciente, e um dinamismo puramente subjetivo que é a contração da imagem chamada subjetiva. Mas também esta redução a símbolo poderá resultar diretamente da imagem obtida pela observação concreta ou abstrata, permitindo a comunicação em nível mais afetivo, como ocorre com a criança pequena ou em certas formas de expressão artística. Quando simplificada a imagem subjetiva, obtida através da elaboração, até tornar-se um sinal lógico, abstrato - pode ela ser utilizada para a expressão de leis gerais. Este sinal é o mais despojado de conotação afetiva, apesar de que toda simbolização implica em uma polarização da reação afetiva para com a realidade externa.

Quanto aos tipos de comunicação de que dispõe o ser humano, verificamos que a expressão mímica, e mais especificamente a expressão fisionômica, é a mais ligada à reação afetiva, traduzindo diretamente o comportamento vegetativo de nossas emoções. Assim, no início da vida a criança comunica-se através de suas reações vegetativas mais elementares. Durante o seu desenvolvimento, passa a utilizar uma expressão mais diferenciada de mímica.

Toda verbalização possui um componente motor, pois que a passagem da reação para a esfera intelectual se faz através da conexão. Por outro lado, todo nosso trabalho mental de dedução e indução já envolve a expressão verbal.

A comunicação gráfica implica em um nível maior de abstração. Ela permite uma interpretação mais geral e objetiva da realidade. Esta comunicação resulta de uma abstração dos dados do ambiente, que permite, inclusive, a formulação geral de leis relativas aos fenômenos. Em toda ciência encontramos a função de formular conceitos definidos objetivamente e que abrangem uma gama mais ampla de fenômenos. O resultado mais abstrato desta comunicação é o símbolo numérico utilizado pelas ciências exatas.

Embora ocorra uma graduação nos vários tipos de comunicação, é especialmente a linguagem lógica, tanto articulada como gráfica, a que atinge um maior nível de abstração. Assim, cada estímulo que o indivíduo recebe é finalmente assimilado como sinal e cada sinal adquirido serve para orientar a observação e a elaboração em cada nova experiência. Realizamos, portanto, uma abstração a partir das experiências com o ambiente; e os elementos assim obtidos serão reelaborados, ocorrendo uma volta da comunicação sobre os processos de observação externa. São processos contínuos que ampliam cada vez mais o campo de experienciado indivíduo e que em grande parte ocorrem em nível inconsciente.

Os três setores da personalidade não se constituem, porém, em conjuntos isolados e independentes de funções psíquicas. Eles se inter-relacionam de tal maneira que, em cada ato realizado não podemos distinguir a participação isolada de cada tipo de função subjetiva. Apenas por abstração, ou através do estudo de manifestações patológicas do comportamento, é possível compreender esta integração das funções e a participação de cada uma delas na vida psíquica do indivíduo.

A maturidade psicológica subentende a correlação harmônica destas funções subjetivas. Mas, tal harmonia não é absoluta nem constante, mesmo para o indivíduo normal. Ela está sujeita a variações internas e externas, a partir das quais se estabelece um equilíbrio psíquico dinâmico.

A afetividade estimula diretamente a inteligência, despertando nosso interesse pelos dados ambientais. Neste sentido, Comte estabelece: "Reconhece-se então que o exercício intelectual só levaria a contemplações vagas e incoerentes, que logo se tornariam cansativas, se não fosse habitualmente subordinado a um destino afetivo". ... "O impulso contínuo do móvel moral não é apenas indispensável para dirigir e coordenar o exercício intelectual. É dele também que dependem sempre a atenção ou a concentração necessárias, mesmo nas menores operações" (7 - p.687). Realmente a criança, e mesmo o adulto, apenas se empenha atentamente em um trabalho intelectual na medida em que está motivada afetivamente para este exercício específico.

Ao mesmo tempo que há o estímulo afetivo isto é, o interesse - sobre o trabalho mental, ocorre uma repercussão desta noção apreendida sobre o mundo afetivo. Esse continuum, este dinamismo constante que se estabelece desde os primeiros contatos do ser humano com a realidade, é o que Silveira e implicitamente outros autores consideram como emoção. A emoção é ao mesmo tempo o estímulo e o resultado de todo trabalho mental. No sentido eferente, ela determina o relacionamento com o meio externo - solicitando a elaboração contínua da realidade percebida - e, no sentido aferente, qualquer imagem obtida diretamente a partir do ambiente, ou indiretamente através da evocação, irá repercutir afetivamente. Esta repercussão afetiva inicia-se bem cedo na vida humana: é o que estabelece o nexos entre os diversos estímulos externos - dando continuidade a nossas experiências e, como decorrência, a noção de unidade subjetiva do "eu".

Inicialmente na vida do indivíduo o estímulo afetivo - visceral, decorrente das incitações instintivas, e as primeiras noções intelectuais, associam-se através do nexu emocional e irão determinar as futuras relações entre o homem e o mundo. Na medida em que o indivíduo amadurece - com a evolução das relações interpessoais e com o aparecimento do raciocínio lógico, para a apreensão e a expressão da realidade - as emoções serão mais diferenciadas, possibilitando relações sociais mais complexas.

A correlação do fenômeno intelectual e o afetivo, em suma, é o que origina a emoção. Portanto, a emoção é um processo dinâmico entre duas esferas da personalidade e não uma função simples. Angyal observa que a emoção surge sempre que o indivíduo se encontra em uma situação interna ou externa biologicamente significativa ou, em outras palavras, em frente a estímulos que foram seletivamente isolados segundo nossos interesses e que acarretam um impacto afetivo maior ou menor. O indivíduo reage a esta situação basicamente através do aparelho neurovegetativo e também ao nível neuromuscular. A característica essencial da emoção, considera Angyal, é a representada pela dimensão prazer-dos-prazer: "Os tons emocionais constituem a experiência do estado e da situação do indivíduo sob o aspecto valorativo. As situações são constantemente avaliadas pelo indivíduo, do ponto de vista de seu significado, em relação às funções básicas ligadas à sobrevivência física ou social. O tom emocional é a experiência de tais significados do ponto de vista afetivo e não do julgamento ou do raciocínio. O aspecto valorativo das situações objetivas é experimentado sob a forma de emoção. A experiência valorativa não é o único elemento que intervém na emoção, mas apenas a característica peculiar desta. Enquanto as mudanças vegetativas e as modificações da tensão muscular estão sempre presentes e poderão ser percebidas, ou não, conscientemente" (2 - p.71/72).

Temos portanto uma gama assás extensa de emoções, desde a emoção básica contínua, que é indispensável ao aprendizado, até a emoção intensa e patológica, como é o caso do pânico. Mas em todas elas o dinamismo psíquico fundamental é o mesmo. No pânico, por exemplo, o impacto afetivo é desmedido e o componente vegetativo exagerado - intensa sudorese, taquicardia, eriçamento de pelos. Temos então um tipo de emoção mais relacionada com as funções instintivas ou afetivas básicas e outra ligada predominantemente às reações afetivas mais diferenciadas. Quando o impacto de uma noção agir especificamente sobre as funções afetivas que caracterizam as relações interpessoais, o aspecto vegetativo se traduzirá através de expressões significativas para o meio social: lágrimas, risos, suspiros.

Outro aspecto que devemos considerar na emoção refere-se ao grau de consciência e à continuidade do seu dinamismo. Há emoções que surgem repentinamente, em frente a um estímulo imediato que é percebido pelo indivíduo, ao passo que outras apresentam um curso lento e inconsciente. Aos primeiros nexos emocionais vão se associando outros, sem que o indivíduo atente para o processo. Se tais nexos resultarem de situações conflituosas, que não foram elaboradas conscientemente, poderão desencadear futuramente distúrbios psíquicos. Quando isto ocorre, o indivíduo toma consciência da natureza específica da emoção - ansiedade, angústia, medo - mas não lhe identifica a causa objetiva. Através de uma técnica projetiva, como a prova de Rorschach, ou do estudo clínico, podemos distinguir os distúrbios emocionais reativos, associados a uma situação atual, dos distúrbios psicogênicos, inconscientes. Os primeiros traduzem apenas uma reação a uma situação bem delimitada, enquanto os últimos possuem caráter mais profundo e resultam de conflitos que ocorreram em fases anteriores do desenvolvimento individual.

Traduz-se na emoção a correlação, nas duas direções , das funções afetivas e as intelectuais. Mas no inter-relacionamento dessas funções, medeiam outras correlações psíquicas, pois é a conação o que polariza o trabalho mental estimulado. Assim, a afetividade atua sobre a conação, estimulando-lhe as funções e portanto motivando nossos atos. Se não houvesse uma necessidade afetiva - tanto de ordem instintiva como de natureza social - a atividade explícita seria inexpressiva e estereotipada. As funções da atividade poderão ser adequadas, e entretanto não se exteriorizarem satisfatoriamente, em decorrência de inibição ou conflito de ordem afetiva. Por outro lado, a interferência afetiva sobre as funções de atividade poderá ser tão intensa que o indivíduo exteriorize impulsivamente, através de um comportamento inadequado, os instintos ou sentimentos. Tal fato ocorre por exemplo, durante acessos de cólera ou de alegria intensa.

A relação entre afetividade e atividade (na acepção de Comte) não se manifesta nos dois sentidos, ao contrário de outros setores subjetivos. A atividade é estimulada pela afetividade mas não atua diretamente sobre ela. Esta relação se estabelece apenas mediante a interferência da esfera intelectual. Portanto, a atividade modifica as disposições afetivas através do dinamismo emocional.

Além disto, podemos notar um outro tipo de correlação dos dois grupos de funções psíquicas: as da inteligência e as da conação. A cada momento, norteamos nossos atos de modo a adaptá-los às exigências da realidade. Esta interferência da inteligência sobre a atividade, tanto pode ser refletida e intencional como automática e inconsciente. Segundo comenta Audifrent, "toda concepção procede de um sentimento e tem por finalidade uma ação". A concepção intelectual poderá portanto, visar a um resultado imediato ou então, como concepção especulativa, dar aos nossos atos uma característica específica. Audif -

Audiffrent estabelece esta distinção da seguinte maneira: "Quando a atividade é prática, a concepção da qual deriva deve ser suscetível de realização mais ou menos imediata. Portanto, esse tipo de concepção deve ser de natureza concreta, não exigindo os esforços de abstração, nem as rigorosas deduções, que suscita a especulação puramente teórica" (3 - p.142). E o autor nos faz notar que, entre a influência da inteligência na orientação imediata de nossos atos - concepção prática - e a sua interferência na qualidade mais geral e filosófica do comportamento, não existem senão diferenças de intensidade, relativas principalmente às operações intelectuais preparatórias. Porém, o que determina a atuação no mundo externo não é a disposição intelectual mas a reação afetiva. A inteligência apenas orienta a atividade, tanto em nível de observação como no de elaboração. Por outro lado, a atividade atua sobre a inteligência, tanto em suas funções de observação - determinando a atenção - como propiciando a elaboração e a comunicação das idéias. Nossas concepções teóricas, embora de natureza abstrata, estão ligadas às experiências objetivas anteriores. Esta regra lógica, afirma Audiffrent, é necessária para dar às nossas concepções a consistência e a precisão que evitam as formulações desvinculadas da realidade (3-p.144).

Em suma, entre os três setores da personalidade ocorre um relacionamento específico. A afetividade reúne as funções básicas das quais decorrem todos os dinamismos psicológicos e mesmo vegetativos, e se exterioriza através das funções ativas e intelectuais: as correlações entre as esferas ocorrem desde o nascimento do ser humano. E, como afirma Silveira, só através destas inter-relações poderemos compreender os processos do aprendizado que permitem a integração, cada vez mais harmônica do ser humano nas condições sociais. Assim, desde as primeiras experiências de vida, ao mesmo tempo que a criança age sob a ação do instinto nutritivo, básico, não consciente, vai estabelecendo ne

xos primários entre os estímulos externos e as próprias reações. Gradativamente irá regulando e modificando o comportamento de modo a adaptá-lo à realidade.

A natureza das inter-relações estabelecidas entre as funções da personalidade foi admiravelmente sintetizada em um lema de Comte: "Agir por afeição e pensar para agir".

Como já dissemos, a atividade cerebral pode ser estudada em diferentes níveis - anatômico, vegetativo, neurológico e psíquico. Através das concepções de uma teoria da personalidade tratamos este último aspecto, o mais dependente e o que oferece maior complexidade. O arranjo diverso que as funções psíquicas assumem em cada indivíduo, e em um mesmo indivíduo, nas diferentes fases de desenvolvimento, constitui o aspecto dinâmico da personalidade. Tomamos consciência - isto é, simbolizamos através de construções resultantes do concurso das funções conativas e intelectuais - apenas do resultado desse processo: a realização dele, propriamente, se faz em nível não consciente. Esta passagem dos fenômenos subjetivos inconscientes para o plano da consciência é gradual e ainda não está plenamente esclarecida pela psicologia. O aspecto dinâmico da personalidade envolve necessariamente a participação do ambiente e portanto é possível de ser modificado pela cultura, a educação, as condições genéticas e experiências de vida de cada indivíduo. Em todo exame psicológico observamos inicialmente estes dinamismos psíquicos, para em seguida nos aprofundarmos no estudo das condições subjetivas responsáveis pelo resultado específico que tal aspecto assume em cada indivíduo. Foram desenvolvidos aqui os princípios de uma teoria da personalidade, partindo do aspecto estrutural, para em seguida tratarmos dos dinamismos. Este método encontra justificativo no fato de que facilita nossa exposição e esclarece os conceitos que adotamos. Entretanto, não corresponde ao que ocorre na aplicação clínica, onde a observação do dinâmico precede a do estrutural.

O estudo dinâmico da personalidade foi sistematizado por Silveira, através da formulação de conceitos relativos aos vários níveis de consideração das funções psíquicas. Baseamo-nos principalmente em suas concepções, que foram sintetizadas no esquema de personalidade reproduzido no início deste capítulo. Silveira estabelece a distinção entre as funções psíquicas internas e as funções de ligação. Estas últimas permitem a correlação do mundo subjetivo e o mundo externo. Distingue portanto da estrutura da personalidade, que corresponde às funções dos setores afetivo, conativo e intelectual, peculiares à espécie humana - as funções de ligação, cujos resultados variam conforme o indivíduo, as circunstâncias, e o amadurecimento psicológico e ainda conforme o estado, normal ou patológico. Destas funções, algumas estabelecem a ligação entre o setor afetivo e o mundo vegetativo, visceral, mediante a regência do metabolismo - tanto efetuando as trocas metabólicas, como lhes sofrendo a influência. A ligação se faz através dos instintos nutritivo, principalmente, e sexual; em nível mais diferenciado e indiretamente, através do dinamismo intrapsíquico, levam ao contato afetivo do indivíduo com o meio exterior. Esta ligação afetiva, quer com o mundo físico, quer com o interpessoal ou social, decorre dos sentimentos. Estes manifestam-se de modo diverso, conforme a disposição intrínseca, mas sempre necessitam da participação da inteligência e da conação para se exteriorizarem no ambiente. As funções de ligação relativas ao setor conativo regem diretamente a motilidade. Nesse caso, a ligação com o ambiente externo irá traduzir-se, em última análise, como preensão e locomoção, resultando na ação explícita. A ligação intelectual com a realidade se faz através dos órgãos sensoriais, que conduzem à percepção: continuamente o indivíduo recebe estímulos externos, aos quais em parte reelabora.

As funções de ligação não apenas se referem ao aspecto subjetivo, psíquico, como também dependem das condições somáti -

cas do organismo. Relacionam-se com os fatores fisiológicos e com os ambientais, que constituem as condições modificadoras, oriundas do ambiente ou geneticamente determinadas, mencionadas antes. Juntamente com o arranjo dinâmico das funções psíquicas, o qual traduz o aspecto variável dos elementos subjetivos intrínsecos, estabelecem os chamados traços de personalidade. Cada aspecto da constituição individual - a ligação intelectual com a realidade, a motilidade, o contato afetivo e a regência do metabolismo - tem implicações diversas quando se exterioriza no comportamento, permitindo distinguir os diferentes modos de ser, que revelam tais traços. Estes resultam, em última análise, do arranjo das funções subjetivas, peculiar a cada ser. Há traços psicológicos que traduzem o dinamismo intelectual, revelando a capacidade mental do indivíduo; traços referentes à maneira específica de o indivíduo agir no meio externo e, finalmente, traços correspondentes aos sentimentos predominantes nas relações interpessoais - donde a modalidade de caráter - e ao biótipo.

O caráter abrange fundamentalmente a afetividade e a conexão. A manifestação da atividade explícita, as ações, decorre do estímulo afetivo, de modo que o indivíduo traduzirá no comportamento interpessoal as disposições afetivas, reconhecidas como modalidade de caráter. Este, embora apresente disposições básicas e constantes, poderá sofrer modificações conforme o nível de amadurecimento psicológico do indivíduo e a situação em que se encontre. A expressão somática da regência metabólica para com o mundo interno objetivo, como carga genética e como manifestação do instinto nutritivo, consiste no biótipo. A relação dinâmica, a combinação específica, entre os diversos traços de personalidade e o respectivo meio de ligação com o ambiente externo, corresponde ao temperamento. No temperamento está implícito o intercâmbio das várias funções subjetivas, mas apenas implícito,

não que traduza diretamente estas funções. Elas assumem características diversas, conforme o modo de se combinarem na adaptação peculiar do indivíduo ao ambiente. A expressão temperamento, derivada de "têmpera", significa assim a mistura dos diferentes traços de personalidade. Biótipo e temperamento, em conjunto, estão implícitos na constituição individual. Portanto, temperamento corresponde ao aspecto dinâmico da constituição mas não se confunde com ela. Mais dependente das condições ambientais, é mais passível de modificações do que a constituição.

Na constituição consideramos o conjunto de características psíquicas e somáticas que regem o comportamento do indivíduo no mundo externo. Ela compreende traços herdados e traços adquiridos durante a evolução individual, especificamente na fase embrionária. O conceito de constituição resulta de uma abstração que reúne o substrato anatômico - encefálico e somático em geral - e, ao mesmo tempo o aspecto funcional que aparece como expressão daquele conjunto nos vários tipos de comportamento. O componente morfológico se resume como biótipo e o funcional, psíquico e fisiológico, como temperamento.

Quando estudamos o indivíduo consideramos já um conjunto muito mais amplo de correlações, embora integradas como um todo: personalidade, biótipo, temperamento e constituição, não obstante é muito mais específico. Tal sistema harmônico, que consideramos como "indivíduo" inclui todas as variáveis que o distinguem dos demais seres da espécie: o arranjo de gens característicos da espécie humana, isto é, a sua própria carga genética específica, ou genoma, a estrutura somática e o estado funcional, as condições dinâmicas peculiares do encéfalo, o dinamismo do sistema nervoso vegetativo, donde o biótipo e o temperamento. E, ainda, as características gerais infundidas pelo tipo étnico, pelo sexo, pela idade.

Estudando o comportamento, encontramos uma gama ainda maior de variação em cada indivíduo e em cada circunstância. Mas o comportamento subentende um componente subjetivo, que corresponde às funções de ligação entre o indivíduo e o mundo externo, e um aspecto objetivo, manifesto, mediante o qual é possível avaliar os traços de personalidade relacionados aos três setores psíquicos. Não corresponde portanto ao conceito de personalidade propriamente : nele interferem fatores circunstanciais, não ligados à estrutura subjetiva. O comportamento resulta, em conjunto, dos componentes somáticos do organismo, dos elementos estruturais da personalidade, e da própria interferência dos valores culturais e sociais do ambiente.

O problema da integração do indivíduo na realidade é examinado aqui do ponto de vista subjetivo. E tal subjetivismo tem sua justificativa. O indivíduo é o fator centralizador, organizador desse dinamismo que envolve a adaptação ao ambiente físico e social. Em relação a este aspecto, Comte faz notar: "Todas as concepções biológicas repousam necessariamente numa dupla harmonia entre o organismo e o meio, e, em seguida, entre os órgãos e as funções, ou antes, entre os agentes e os atos. Dessas duas relações contínuas a primeira é geral, já que considera o conjunto da existência, e a segunda especial, visto que aprecia os diversos modos de atividade" (7 - p.640).

Assim, o dinamismo psíquico observado em cada indivíduo não pode ser considerado como um sistema isolado, encerrado em si mesmo. O autor contemporâneo que melhor desenvolve sob o aspecto teórico o processo de interrelação do indivíduo e o ambiente é Angyal (1). Refere-se a duas aberturas principais neste sistema complexo que é o indivíduo: a assimilação de um lado e a produção de outro. A forma mais primitiva de assimilação, indispensável à sobrevivência: é a assimilação de alimento, ligada às necessidades nutritivas do indivíduo. A assimilação é considera-

da por Angyal como um processo pelo qual um elemento originariamente externo passa funcionalmente a fazer parte do organismo, enquanto a produção é o resultado de uma atividade criadora, que transcende aos seus próprios limites. Um exemplo biológico de produção, que é fundamental á conservação da espécie, é o da reprodução sexual. Cabe aqui, no entanto, um reparo. O mencionado autor não distingue claramente entre o conceito de indivíduo e o de organismo. Assim, observa: "O organismo se expande à custa de estímulos ambientais. Esta expansão pode ser material - no caso de alimentos e do desenvolvimento físico; ou psicológica, no caso da assimilação de experiências, que resulta no desenvolvimento mental ou funcional, no sentido de adquirir novas habilidades que permitam aumentar a eficiência da atuação sobre o ambiente. O organismo também se expande através de sua criatividade, além dos limites originais... Os produtos da atividade de um organismo assumem posição intermediária entre este e o ambiente" - 1 - p.27/28). Angyal considera portanto indiferentemente o organismo e o indivíduo.

Se restringirmos estas "duas aberturas" ou duas modalidades de ligação com o ambiente apenas em relação ao indivíduo, como dinamismo psicológico e mesmo como propriamente orgânico, poderemos estabelecer uma correspondência da teoria que adotamos e a que é desenvolvida por Angyal. Assim, Silveira estabelece que a ligação direta do indivíduo com a realidade consiste no trabalho intelectual, de observação e de elaboração e da apreensão motora - assimilação dos eventos externos; e na comunicação das idéias e do estado subjetivo, e na atividade explícita - modos de produção. Mas para ambos os autores, nas duas modalidades, a ligação afetiva, embora indireta, está sempre presente.

Angyal considera ainda que os princípios básicos que presidem todo o dinamismo vital do ser humano são os processos que ele denomina "tendência à crescente autonomia" e "tendência à

crescente homonomia". Em relação ao primeiro, Angyal nos faz notar que o indivíduo não é apenas um ser passivo, mas uma entidade auto-reguladora. Ele é "livre" no sentido de que age segundo a própria natureza interna, de acordo com leis intrínsecas, e não sob a compulsão de forças externas. Sem autonomia, afirma Angyal, sem autogoverno, o processo de vida não pode ser compreendido. Seleção, escolha, auto-regulação, adaptação, regeneração, são fenômenos que implicam logicamente em autonomia do indivíduo. A condição externa, ou estímulo, que provoca uma resposta do indivíduo, não atua segundo suas propriedades como tais, mas de acordo com as propriedades relativas ao indivíduo. A própria consideração de um objeto ou de uma situação como estímulo deriva da relação para com o indivíduo. Em decorrência dessa concepção dinâmica da personalidade, Angyal postula: "O processo de vida não tende unicamente à conservação da existência, mas transcende o status quo momentâneo do organismo, expandindo-se continuamente e impondo sua autodeterminação sobre um conjunto sempre crescente de eventos. O processo de expansão é limitado, não apenas pelas influências externas mas obviamente pela natureza do organismo considerado" (2 - p.48). A teoria de Angyal, como a de Silveira, não é teleológica. O autor apenas observa os elementos básicos subjacentes aos processos de vida intelectual. Interpreta - mos o princípio da "tendência à crescente autonomia" em termos de hierarquia existente entre as funções psíquicas e de evolução do indivíduo, originada no processo de amadurecimento das funções afetivas, conativas e intelectuais que irão caracterizar a relação com o ambiente. E Angyal acentua implicitamente a interferência básica das funções da individualidade no princípio da crescente autonomia. Mas, prossegue o autor, o comportamento humano não pode ser compreendido unicamente como manifestação da tendência à crescente autonomia. Existe outra tendência - à homonomia - pela qual o indivíduo procura participar e agir em uni

dades supra-individuais como a família, e em diversos grupos sociais, assim como em relação aos valores éticos, estéticos ou religiosos. E esta é uma fonte poderosa do comportamento humano. (2-p.204).

O comportamento interpessoal pode ser melhor estudado em nível de integração cultural. Cultura é considerada por Angyal como um corpo organizado de padrões de comportamento que se transmite pela tradição e é característico de determinado grupo de pessoas. A cultura define o que é "próprio" ou "impróprio" no comportamento. Sanções culturais e tabus são impostos mesmo às funções fisiológicas primárias, mas em geral referem-se às relações em nível interpessoal. Segundo a teoria da personalidade que adotamos, a "tendência à crescente homonomia" de Angyal corresponde ao predomínio das funções de sociabilidade sobre as funções afetivas básicas individuais. Afirma Comte: "É necessário que o ser se subordine a uma existência externa a fim de encontrar aí a fonte de sua própria estabilidade. Ora, esta condição só se pode realizar satisfatoriamente sob o império das inclinações que dispõem cada um a viver sobretudo para outrem. Todo indivíduo, homem ou animal, que por nada amar no meio externo, realmente só vive para si mesmo, encontra-se por isso condenado habitualmente a uma infeliz alternativa de ignóbil torpor e de agitação desregulada" (7-p.700).

Então as duas tendências fundamentais observadas por Angyal no homem, estariam sempre presentes sob formas e níveis diversos em todo comportamento. A tendência à crescente autonomia traduz-se em espontaneidade, auto-afirmação, luta pela liberdade: "O ser humano é uma unidade autônoma que atua sobre o ambiente modelando-o e modificando-o. Sua vida é uma resultante, por um lado, de autodeterminação e, por outro, do impacto do ambiente, da situação objetiva" (1). O autor caracteriza nestes princípios básicos o desenvolvimento psicológico do indivíduo. Inicialmente a criança é incapaz de intervir eficiente -

mente na sociedade através de suas concepções e realizações, mantendo apenas uma ligação de ordem afetiva com o ambiente. Em fases sucessivas do desenvolvimento o indivíduo vai adquirindo no-ções intelectuais e habilidades motoras, até atingir a plena maturidade. E a autonomia do indivíduo em relação ao ambiente implica necessariamente na assimilação e na participação das for-mas sociais de comportamento. Portanto, estas duas tendências não são incompatíveis mas sim complementares. E também nesse aspecto Angyal confirma a concepção de Comte sobre a harmonia psí-quica, resultante da subordinação da individualidade à sociabilidade.

Em suma, o estudo psicológico do indivíduo deverá le-var em conta as experiências que vêm desde a infância até a ida-de atual. Desde o nascimento o indivíduo recebe impressões exteriores, que irão determinar-lhe o comportamento nas diferentes situações interpessoais. Mas esse processo, longe de ser passi-vo, é caracterizado pela participação ativa da criança que procura tudo compreender, tocar, descobrir. Para ela tudo é novo e tudo interessa. Ela reage de maneira peculiar aos estímulos do ambiente, conforme suas experiências anteriores, ao temperamento, à carga genética, e através das funções psíquicas subjetivas. Assim, utiliza os dados da realidade à sua própria maneira e continuamente os reelabora, se bem que não de modo arbitrário mas dentro dos moldes gerais característicos da espécie e que portanto são previsíveis. Tais padrões são em grande parte conhecidos e constituem o campo da psicologia genética.

PROVA DE RORSCHACH. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A concepção dinâmica da personalidade - como processo de organização da experiência resultante do arranjo peculiar das várias funções subjetivas do indivíduo em particular - impõe um método de estudo suficientemente sensível e que conserve, ao mesmo tempo, seu caráter específico e a possibilidade de confrontação com aquilo que ocorre na maioria dos indivíduos de uma sociedade. Frank, L. K. afirma em um de seus artigos que "Os métodos indiretos que permitem a descoberta da composição e da organização de substâncias complexas e de organismos substituem, em todas as ciências, as antigas técnicas destrutivas e análíticas, pois estes métodos não interferem nem perturbam a substância ou o ser vivo estudado" (39-p.31/36).

Devemos, portanto, exercer uma observação sistemática e profunda tanto da estrutura psíquica, comum à espécie humana, como das reações características ao indivíduo estudado, o qual possui uma determinada carga genética, biótipo, temperamento, constelação familiar, ambiente social imediato, pertence a uma determinada cultura e elabora de modo específico suas experiências emocionais desde as primeiras fases da vida. Evidentemente, o padrão de comportamento adotado por uma pessoa - como membro de um determina

do grupo social é afetado pelas normas e valores de sua cultura. Porém, o ser humano é essencialmente ativo: continuamente seleciona, elabora, valoriza ou critica os dados da realidade segundo suas disposições intelectuais e tendências afetivas. Apenas artificialmente podemos isolar as características que são comuns ao grupo, e que lhe possibilitam a adaptação social, dos dinamismos responsáveis pela feição peculiar que o distingue dos demais seres humanos.

Quanto mais padronizada, familiar e habitual for a situação em que o indivíduo se encontra, tanto mais impessoal e estereotipada será sua reação, uma vez que ele tenderá a comportar-se segundo as expectativas e papéis preestabelecidos socialmente. Porém, face às circunstâncias imprevisíveis, ambíguas, pouco estruturadas e, portanto, não definidas de modo estritamente social e familiar, o indivíduo necessariamente terá de apelar para os próprios recursos subjetivos - sua maneira de encarar a vida, de elaborar seus problemas, de manifestar impulsos e sentimentos - com escassa utilização dos papéis sociais preestabelecidos. Dessa maneira o indivíduo traduzirá, através de sua reação, os dinamismos psicológicos resultantes de sua singularidade em relação às demais.

Um fenômeno multidimensional, lembra Beck, requer um instrumento multidimensional para sua investigação (Vol. II -26). E o instrumento mais estável e objetivo até hoje concebido para sondar a personalidade humana, em seus diversos níveis, é o estabelecido em 1921 pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach. Este método,

como nenhuma outra prova projetiva, consegue objetivar todas as particularidades das funções intelectuais, de capacidade conativa e de relações afetivo-emocionais, em nível manifesto e profundo. Assim, a prova de Rorschach apresenta de modo abreviado e específico o conjunto de estímulos ambientais que continuamente afluem ao cérebro humano, resumindo de modo admirável a realidade exterior. As atitudes de adultos, face a esta resultante da própria estrutura subjetiva e dos dinamismos assimilados com o amadurecimento mental, projetam-se durante o exame psicodiagnóstico.

Antes de mencionarmos as características fundamentais da prova de Rorschach, torna-se indispensável fazer uma breve apreciação sobre os fenômenos subjacentes às suas formulações teóricas: a sensação e a percepção. Todo trabalho mental baseia-se em dados da realidade captados de diferentes modos por nossos sentidos. Como observa Silveira: "É através dos sentidos que o intelecto se liga, em direção centrípeta, com a realidade exterior no duplo mister de corrigir as concepções e prever os fenômenos" (19 - p.235). Já Audiffrent havia verificado que entre as regiões corticais responsáveis pelas funções intelectuais da observação e o órgão periférico sobre o qual incide o estímulo externo existem núcleos sensoriais, subcorticais que são os responsáveis pela sensação propriamente dita (3 - p.193). Portanto, o aparelho sensorial é constituído por um núcleo subcortical - sede da sensação - por um órgão periférico com sua propriedade específica de captar os es

tímulos externos de uma determinada natureza e por nervos condutores que estabelecem uma conexão entre ambos. A destruição do órgão externo e do nervo sensorial, ou de apenas um deles, provoca uma abolição do sentido correspondente, e, a alteração do núcleo cortical provoca os mesmos resultados, ainda que os demais elementos do aparelho sensorial permaneçam intactos. O primeiro caso se diferencia do segundo no aspecto relacionado à conservação das lembranças, que são mantidas de modo a permitir a reprodução das impressões anteriores. Assim os surdos e os cegos podem referir-se aos sons e às cores apesar de terem alterados os órgãos periféricos correspondentes. A lesão do núcleo subcortical por outro lado, faz cessar todas as lembranças e, portanto, todas as idéias relativas ao sentido correspondente.

Se considerarmos, como o faz Silveira (18), como sentidos distintos do tato propriamente dito os sentidos da musculação, da calorição e da eletrição, teremos oito sentidos e não cinco como pretendem alguns autores.

Comte considerou o sentido da eletrição como o responsável pela captação das vibrações internas e externas, sendo portanto o mais geral dos sentidos. Apesar de ainda não comprovado experimentalmente, este sentido tem sido pesquisado por alguns neurofisiólogos ao estudarem o que consideram ser o "sentido da dor". Na realidade, a dor é um exagero das vibrações, das sensações em qualquer campo sensorial: há dor na visão, quando submetida a um

estímulo luminoso intenso; na audição, com sons extremamente agudos; na musculação, quando os músculos são submetidos a esforços intensos e contínuos, e assim por diante. Possivelmente, com o desenvolvimento da pesquisa no campo da neurologia e os estudos do chamado "sentido extra-sensorial" no campo da parapsicologia, obteremos no futuro um conhecimento mais objetivo do sentido da eletricção. Na neurologia, já se pesquisacom o diapasão, para sensibilidade óssea, ou para captação da vibração através do rochedo.

Em seguida vem o sentido da musculação, que participa também no exercício dos demais órgãos sensoriais. Fundamentalmente ligado às funções conativas, a musculação não corresponde ao sistema muscular, mas tem como elemento periférico, de captação, os corpúsculos que estão presentes na fibra-muscular. Deste modo, quando ocorre a contração do músculo, transmite-se através da medula, ao núcleo correspondente uma sensação específica de pressão, de esforço, de fadiga ou de equilíbrio estático e dinâmico. Merton em seu artigo "How we control the contraction of our muscles" (11) menciona o sentido da musculação e cita como um fenômeno psicofísico motor de estremo significado a individualidade da assinatura: Mesmo que um determinado indivíduo faça esforços intencionais para modificar a assinatura, ela mantém suas características peculiares, e permanece a mesma, ainda que seja escrita com diferentes materiais e em locais diversos. Os músculos utilizados nestas circunstâncias variadas, são diferentes, mas a individualidade da assinatura

tura se mantém. Pesquisas sobre grafologia, o teste PMK de Miray Lopes e o próprio conceito de "empatia" discutido por Sullivan (20) baseiam-se no sentido da musculação como um fenômeno conativo, intimamente associado às funções da afetividade.

Xavier (24 - p.73) comenta em seu trabalho que, de Landry, os fisiólogos verificaram o fato patológico da abolição completa do tacto em porções do corpo onde permanecia inalterada a sensação muscular e vice-versa. Portanto, a musculação é um sentido independente do tacto propriamente dito .

A calorificação corresponde à adaptação específica ao estímulo térmico. Audiffrent(3-p.212)observa que ele é especialmente útil aos animais que vivem em ambientes cuja temperatura sofre variações sensíveis. Em tais condições a existência seria impossível se o indivíduo não fosse dotado da faculdade de se subtrair às modificações calóricas.

O tacto nos dá especificamente a sensação de contacto. Estímulos rugosos, ásperos, pontudos, aveludados, lisos, macios, provocam diferentes sensações tácteis. No ser humano todos os pontos da pele permitem a sensação do tacto. Mas é especialmente na ponta dos dedos, devido à maior concentração das papilas nervosas, que temos uma noção mais delicada e precisa desta sensação. Audiffrent (3) distingue no tacto, como nos demais sentidos dois estados: passivo e ativo. Quando a mão ou uma parte qualquer da nossa pele repousa sobre um objeto, nós temos apenas uma sensação passi-

va; mas, quando queremos perceber uma determinada particularidade deste objeto, a sensação torna-se ativa. Neste caso a mão e, mais especialmente a ponta dos dedos, deverão percorrer o objeto.

O sentido do tato e o da musculação são mais frequentemente associados à exploração da forma do que o sentido da visão. Esta, sem ser indispensável, confirma o julgamento feito pelo exame manual. Estabelece-se tão cedo a associação entre o tacto e a visão que a imagem de um objeto pode nos despertar concomitantemente uma sensação táctil ou uma inferência sobre ela. Tal aspecto ocorre frequentemente na prova de Rorschach, como veremos ulteriormente.

Os quatro sentidos especiais da face - visão, audição, gustação e olfato - permite-nos distinguir as cores., os tons, os sabores e os odores, independentemente da intensidade destas diversas sensações. O sentido da gustação, após o do tacto e o da musculação, é o mais geral e o mais necessário à existência do animal. No homem e nos vertebrados superiores, a face superior da língua parece ser sua sede exclusiva. Diferentes áreas da língua são sensíveis a tipos específicos de sabores. O sentido da olfação é menos diferenciado no homem que o da gustação. Em alguns animais o olfato está mais peculiarmente ligado à autoconservação e à orientação no ambiente físico.

Podemos distinguir na sensação auditiva dois estados diversos que Audiffrent chama "ativo" e "passivo", enquanto Schachtel

os denomina respectivamente modos "alocêntricos" e "autocêntricos". O ativo ou alocêntrico é referido na linguagem comum como "escutar" e o passivo ou autocêntrico como "ouvir". Podemos escutar uma conferência que nos interesse, embora paralelamente estejamos ouvindo ruídos ou mesmo conversas no auditório. O sentido da audição é especialmente utilizado no estabelecimento de relações interpessoais.

A visão é o sentido mais informativo e altamente organizado no ser humano. A imagem visual ajuda-nos a compreender a realidade e a nela nos orientarmos de modo mais eficiente e preciso do que as imagens obtidas através de outros sentidos .

O tato, a musculação, a gustação fornecem-nos informações sobre o ambiente externo, através de um contato direto com o objeto. Estes sentidos, assim como o da olfação, presidem as primeiras ligações da criança com a realidade objetiva e é através deles que se estabelecem os nexos primários entre o indivíduo e o ambiente. Logo após o nascimento predominam a gustação e, secundariamente, o tato, a musculação e a olfação, enquanto a visão e a audição ficam subordinadas. A comunicação com a realidade, nesta fase do desenvolvimento humano, faz-se essencialmente através da gustação e do tato. O desenvolvimento anterior desses sentidos coincide, na fase infantil, com o predomínio das reações afetivas sobre as conativas e intelectuais. Os estímulos externos provocam reações emocionais profundas e intensas na criança e, através destes sentidos, ela tem sensação de prazer ou desprazer. Assim, mesmo na ida

de adulta, as percepções resultantes dos sentidos da musculação, de gustação, de olfato e do tato - denominados por Schachtel de sentidos autocêntricos - possuem uma conotação basicamente afetiva, e apenas secundariamente são utilizadas como um modo de orientação objetiva no ambiente. Esta estreita correlação entre os sentidos autocêntricos e as funções de afetividade acha-se extraordinariamente bem ilustrada nos livros de Proust (12).

Embora os sentidos autocêntricos presidam as primeiras as primeiras noções da realidade externa, eles não caracterizam as relações do homem com o ambiente. Como postula Comte, para cada espécie animal existe um tipo de sensação e, portanto, de contato intelectual, que domina a adaptação com a realidade. No caso do homem estes sentidos são a visão e a audição, denominadas por Schachtel de sentidos alocêntricos.

A percepção visual e a auditiva possibilitam a comunicação do ser humano adulto com os semelhantes e com a realidade externa. Aproximadamente aos seis anos de idade a criança já é capaz de utilizar o raciocínio lógico, de fazer abstração. Nesta fase ocorre o predomínio do sentido da visão sobre os demais. Portanto, sua concepção de realidade também se modifica. As imagens fornecidas concomitantemente por outros sentidos são assimiladas por um processo de abstração como um "pano de fundo" para as noções que adquirimos em cada experiência com o ambiente. Evidentemente, como bem assinala Audiffrent (3), todos os sentidos como todos os órgãos da

vida animal são influenciados em certa extensão pela educação, pela cultura, e o exercício. As influências ambientais poderão desenvolverlos ou atrofiá-los, conforme as expectativas e os valores sociais aos quais o indivíduo se acha submetido.

Devemos ainda distinguir a sensação da percepção. A percepção é um fenômeno extremamente complexo, que envolve a participação de todos os dinamismos subjetivos, permitindo e caracterizando o contato do indivíduo com o ambiente. Observa Audiffrent: "A percepção supõe o concurso de todas as faculdades cerebrais: o interesse, que determina a atenção, a atividade que a mantém e, enfim, a observação que é inseparável da elaboração intelectual" (3). Sabemos que toda experiência é mediada conjuntamente por nossas percepções do mundo externo e por nossa vida subjetiva. A percepção - tanto das situações ou de objetos definidos e familiares como de objetos e circunstâncias ambíguas - representa, necessariamente, a interação recíproca do indivíduo que percebe e do estímulo percebido.

Teoricamente podemos admitir, como o faz Korchin, que todo percepto esteja compreendido entre dois polos extremos: um onde ocorre um completo "autismo" e outro em que prevalece a determinação do estímulo objetivo. Qualquer ato perceptual reflete graus diversos de participação ao longo deste continuum (48-p.109). Então a percepção pode ser de ordem predominantemente subjetiva, isto é, com maior participação da reação afetiva, incluindo no caso tanto

os processos patológicos de alucinação, como a ilusão. Pode ainda, consistir em modificações criadoras e normais resultantes da originalidade individual ou da própria ambiguidade do estímulo - ou, ao contrário, resultar de uma verificação objetiva determinada primordialmente pelo estímulo externo. Audiffrent afirma que em casos de excessivo subjetivismo o espírito estimulado intensamente por impulsos poderosos adquire grande atividade. O oposto, isto é, o excesso de objetividade, caracteriza-se por um defeito na espontaneidade do indivíduo, resultando em um predomínio inadequado dos aspectos exteriores sobre as concepções subjetivas. Porém, de qualquer modo, como já havia postulado Comte (6), em condições normais sempre prevalece a imagem real sobre a imagem idealizada, mesmo considerando que em toda percepção ocorre necessariamente uma repercussão afetiva, indispensável à noção de identidade e de continuidade das experiências em um mesmo indivíduo. Essa diferença entre reação emocional ao estímulo e noção intelectual do mundo externo torna-se menos acentuada à medida que o ser humano amadurece.

A natureza seletiva da percepção já havia sido assinalada por Comte e por Audiffrent como condição inerente à natureza humana. Este último autor estabelece que é preciso haver um trabalho de concentração para podermos agrupar certas impressões e mantermo-nos insensíveis ou indiferentes a outras. Por mais espontânea que seja esta operação, ela supõe sempre o concurso da atenção, isto é, do esforço conetivo e da relação afetiva de onde emana todo interesse.

Assim, em todo trabalho especulativo, refere o autor, a atividade interfere de modo a permitir todas as combinações subjetivas. De outro modo nenhuma noção seria possível, isto é, a comprovação de um evento interno ou externo, e nem seria possível a recordação. A atividade é indispensável para a vontade. Sem o ato mental voluntário nossos aparelhos sensoriais poderiam, sem dúvida, ser impressos, mas não haveria percepção. É o que ocorre a cada instante em relação aos objetos estranhos ou indiferentes à nossa existência. Eles podem atingir os nossos sentidos, mas não deixam nenhum traço, nenhuma passagem, nenhuma lembrança (3-p.147).

Sullivan, refere-se a este aspecto da percepção como característico e indispensável à saúde mental, denominando-o "desatenção seletiva". Refere o autor que não podemos estabelecer um contato adequado com os vários eventos concomitantes, ainda que notáveis, mas que não sejam pertinentes ao ato desejado. A eficiência desse processo é verificada pela adequação de exclusão do alheio e da consideração do adequado. Mediante o processo de desatenção seletiva, o indivíduo vai adquirindo a capacidade de hierarquizar os fatos que deverão ser desatendidos em um dado momento (20). Se não houvesse a "desatenção seletiva", ou, a atenção que decorre da seletividade perceptual (nos termos da teoria aqui adotada), nossa atividade mental seria incoerente e instável.

Em sua teoria das imagens, Laffitte (9) distingue no processo perceptual três fases distintas: a impressão sensorial, a ima

gem sensorial (sensação) e a imagem primária (percepção). A impressão é exercida pelo estímulo externo sobre o indivíduo e captada por um órgão periférico específico. Nos órgãos sensoriais periféricos a impressão ocorre apenas quando os estímulos estiverem dentro da faixa de vibração correspondente ao seu funcionamento fisiológico. Portanto, embora seletiva, a captação do estímulo externo ainda não é espontânea. Em seguida, este impulso é transmitido até os núcleos subcorticais correspondentes, onde ocorre a sensação. A sensação, já seletiva e espontânea, é percebida com uma modificação súbita no indivíduo; porém, ela é vaga e ainda não associada ao objeto exterior. Finalmente a sensação é transmitida para a zona cortical, tornando-se consciente e permitindo o relacionamento da sensação com o estímulo ambiental.

Segundo o "Princípio de Audiffrent", confirmado por Silveira através de suas verificações em anatomia cerebral e em neurofisiologia de cada núcleo sensorial partem dois feixes de conexão, respectivamente para a região intelectual do cérebro e para a região afetiva. Através da conexão, que liga a vibração afetiva à intelectual, ocorre a percepção (19). Portanto, percepção não se confunde com imagem. A percepção é um processo dinâmico originado por um estímulo externo e resultante do trabalho realizado por toda a corticalidade. Da percepção resulta uma noção, que corresponde a uma imagem. Imagem e noção são conceitos praticamente equivalentes, mas diversos da percepção. Laffite define imagem como toda impressão que

se reproduz em nós, independentemente do objeto externo que primariamente a produziu (9-p.271). O referido autor considera em sua teoria os seguintes tipos de imagens:

1º) Imagem sensorial. É formada ao nível do núcleo subcortical e depende apenas da seleção dos estímulos captados pelos diferentes sentidos .

2º) Imagem primária. Resulta do estímulo direto mas já sofreu uma modificação. Esta imagem é completa ou sintética. Reune todos os estímulos de um objeto mas faz prevalecer um determinado aspecto sobre os demais. A função subjetiva correspondente à imagem primária é a observação intelectual, da qual resultam apenas as "noções"

Na imagem primária Laffite distingue ainda dois níveis. Um componente central ou principal que é consciente e corresponde ao nexos intelectual: dele resulta uma imagem analítica, onde os vários estímulos foram filtrados. E outro, acessório, inconsciente, que corresponde à reação afetiva, da qual resulta uma imagem sincrética - a imagem que funde todos os elementos do objeto em si (imagem afetiva de Audiffrent). Esta componente acessória fica em latência, como ressonância afetiva, e nunca se torna plenamente consciente. No sonho ou através da associação livre pode aflorar à consciência e, muitas vezes, é utilizado na elaboração estética . Através do nexos afetivo, que esta imagem estabelece, ocorre o juízo de valor que independe da realidade objetiva. Silveira utiliza

esta característica da imagem primária acessória ao se referir aos primeiros contatos que a criança tem com a mãe. Assim, a criança pequena sente o leite materno ou artificial, o calor materno, o seu carinho, e associa todas essas experiências a uma mesma sensação subjetiva que corresponde à imagem sincrética da mãe. Aos poucos, a criança vai formando a imagem da mãe verdadeira - sua imagem analítica, abstrata. Mas a ressonância afetiva inconsciente, associada à figura materna, sempre permanece.

3º) Imagem subjetiva. Segundo Laffitte esta imagem não está mais ligada diretamente ao estímulo externo, mas ao nexo subjetivo que resulta da associação de dados análogos ou de análise e dedução através do qual se formam novos conceitos. A imagem subjetiva é incompleta ou abstrata. Ela permite a associação lógica e a formulação do juízo de realidade que possibilita a generalização dos fenômenos, que será feita através do sinal. A função que corresponde à imagem subjetiva é a elaboração intelectual, de onde resulta o pensamento. Portanto, a passagem da imagem primária para a subjetiva faz-se através da elaboração em seus dois níveis - indução e dedução - e também através da construção (9). O pensamento é um processo muito mais ativo, criador e complexo, do que a noção obtida através da observação.

Vernon, M.D. (23), refere-se ao fato de que, imediatamente após a ocorrência de uma percepção original, a imagem dela resultante é tão clara, vívida e minuciosa, que podemos recordar por menores do objeto original que não havíamos percebido imediatamente. Porém, prossegue a autora, muitas das imagens que utilizamos para perceber e recordar referem-se a classes de objetos e não a objetos específicos. Estas imagens não são necessariamente visuais. Temos imagens auditivas, de vozes e de melodias familiares; imagens olfativas, de aromas e mesmo de lugares caracterizados por determinados odores; imagens gustativas, de alimentos. Também temos imagens tácteis, relativas às diferentes sensações produzidas pelo con

tato de superfícies rugosas, suaves, lisas, etc., e imagens características dos movimentos que efetuamos com o corpo em atividades específicas, como andar de bicicleta, dançar ou patinar. Quando pensamos em objetos ou fatos determinados e tratamos de recordá-los, podemos empregar estas imagens para auxiliar a memória. E, quando nos vemos diante de um objeto novo e pouco familiar, podemos comparar seu aspecto, ou as sensações tácteis que produz, com imagens de objetos percebidos no passado (23-p.33). A autora refere-se implicitamente à imagem subjetiva, que geralmente é utilizada em nossas recordações e associações. E, como Comte, ela distingue os diversos tipos de imagens, inclusive a resultante da musculação.

Deste modo podemos distinguir uma imagem concreta, relacionada aos seres, e uma imagem abstrata que independe de um ser específico, e mais relacionada aos fenômenos. Um objeto qualquer possui em si mesmo propriedades particulares de forma, calor, odor, peso, e a imagem concreta apresenta-nos esse objeto com todas as suas propriedades. A imagem abstrata reporta-se, ao contrário, às propriedades específicas do objeto - cor, forma, cheiro, peso, e assim por diante. Quando destacada do objeto que lhe deu origem, a imagem adquire um caráter mais geral que se adapta a todos os objetos. Quando se desperta uma imagem abstrata, ela não será relacionada a nenhum objeto em particular. Observa Laffitte a facilidade com que compreendemos o significado de uma imagem concreta, isto é, a noção mais ou menos nítida de um objeto externo, enquanto o significado de uma imagem abstrata suscita maior dificuldade de compreensão. Pergunta o autor: "como representamos a forma em si, o peso em si, a cor, o odor em si?" E estabelece em seguida: "Eles não são imagens como tais, mas representações através de sinais. Os sinais são na maioria artificiais e às vezes arbitrários. O importante é que não existe ambiguidade possível entre a relação estabelecida entre os sinais e a imagem abstrata" (9-p.279). Portanto, não é suficiente termos uma noção ou uma idéia sobre a realidade; é necessário que esta noção ou idéia seja simbolizada para

que possamos expressá-la. A simbolização faz-se através do sinal, uma simplificação do estímulo real, que já foi elaborado duas vezes através da imagem primária e da imagem subjetiva. O sinal poderá também resultar diretamente da contração da imagem concreta ou positiva, como ocorre com a criança pequena e em certas formas de criação artística. Quanto maior for o nível de contração da imagem, menor será a participação afetiva. Os números e os sinais matemáticos, por apresentarem um alto nível de abstração e de generalização, são os elementos mais desprovidos de reação afetiva. Comte define sinal como uma relação constante entre o estímulo sensorial e a contração correspondente. Contração implica em uma função intelectual e conativa que permite reduzir a imagem e traduzi-la em registro.

O sinal preside todo trabalho de elaboração. Cada estímulo que o indivíduo recebe provoca uma contração muscular. E esta por sua vez corresponde a uma imagem que é traduzida como um sinal. O sinal assim adquirido pode ser utilizado nas observações e elaborações posteriores em face a novos estímulos. Portanto, o psiquismo é relativamente passivo nas primeiras experiências perceptuais. Posteriormente ele utiliza dinamicamente as noções e pensamentos resultantes de situações anteriores, num processo de evocação e reconhecimento (ecforia). O sinal é elemento fundamentalmente utilizado pelo ser humano para comunicar-se com seus semelhantes. Vernon, M.D., refere-se à importância da associação que frequentemente fazemos entre a linguagem e a imagem, no processo de identificação de um objeto. Foi demonstrado, afirma a autora, que atribuir um nome a um objeto, ainda que com pouca precisão, poderá afetar a maneira com que este objeto é percebido no momento, e como ele será considerado no futuro. Foram feitos experimentos onde se mostravam durante um breve momento desenhos ambíguos, ao mesmo tempo que se dizia o nome deles. Em seguida os sujeitos deveriam reproduzir os desenhos. Verificou-se que as reproduções se assemelhavam mais à figura associada ao nome do que com a figura original (23-p.36).

E conclui Vernon: "Parece, portanto, que temos algumas idéias convencionais sobre as formas dos objetos desenhados, estreitamente relacionados com os nomes dos objetos. E, ao perceber os desenhos, os classificamos de acordo com os seus nomes e com as idéias a eles associadas, percebendo-os e recordando-os nestes termos"(23-p.37).

O exemplo mencionado expressa perfeitamente a utilização de sinais como forma de comunicação interpessoal e mesmo de expressão intrapsíquica. Assim, é através das imagens abstratas que se exerce nosso psiquismo durante uma construção intelectual. Laffitte observa que o trabalho mental pode igualmente modificar uma imagem concreta de um objeto específico; pode acentuar ou atenuar algumas de suas características; ou ainda combinar e associar entre si as imagens concretas, de modo a construir novas totalidades. Mas, esta dupla operação é insignificante quando comparada com o que se pode obter a partir da modificação e da combinação das imagens abstratas, onde o campo de variação é realmente infinito(9-p.279). Tal aspecto do trabalho mental foi igualmente assinalado por Angyal ao notar a imensa importância da função simbólica, que permite utilizar substitutos mais simples (sinais) e bem mais fáceis de elaborar do que os dados concretos, que oferecem extrema complexidade. As imagens abstratas são símbolos mais simplificados e possibilitam ao indivíduo a elaboração mais flexível e criadora.

A teoria de Angyal sobre as funções psíquicas e a percepção coincide exatamente com a teoria das imagens de Laffitte. O psiquismo, postula Angyal, elabora imagens perceptuais baseado em ligações tangenciais com o ambiente através dos órgãos sensoriais. Estas imagens são utilizadas como símbolos dos objetos do ambiente. Na elaboração das imagens perceptuais não apenas os dados obtidos pelo órgão sensorial envolvido diretamente com uma percepção são utilizados, mas também aqueles resultantes dos demais sentidos. Assim, por um processo de abstração, os diversos estímulos associados a um objeto se fundem, resultando em uma imagem complexa, em

que o aspecto fundamental depende do órgão sensorial relativo à percepção considerada. Angyal caracteriza o simbolismo como uma constelação tríplice, cujos termos são: objeto primário, o símbolo correspondente, e o indivíduo para o qual o símbolo representa o objeto. O fator crucial é o terceiro, que possui a capacidade de associar o símbolo ao seu referente. Se eliminarmos o terceiro membro, o simbolismo fica destruído, e o que era previamente símbolo e referente torna-se em realidades independentes entre si (p. 57-1). Tal concepção baseia-se implicitamente no método subjetivo "estabelecido por Comte", isto é, resulta da verificação de que toda idéia ou noção que temos dos fenômenos externos resulta necessariamente da intervenção do indivíduo que a concebeu. Angyal estabelece ainda que todas as funções psicológicas podem ser entendidas como processos de simbolização (1-p.58).

Outro aspecto considerado por Angyal e estudado anteriormente por Comte e seus discípulos consiste na participação da emoção no processo perceptual. Conforme já mencionamos anteriormente, o próprio conceito de emoção é bastante semelhante em ambas as teorias. Assim, Angyal considera as imagens como representações simbólicas que se referem primariamente ao ambiente. E, concomitantemente ao processo intelectual de simbolização dos dados externos, ocorre uma série de reações psicológicas que indicam os estados e necessidades afetivos do indivíduo, isto é, a reação emocional ao estímulo considerado.

Laffitte estabelece que na imagem evocada existe um elemento além da simples volta a uma sensação específica. Ou seja, a imagem despertada sempre se acompanha da emoção. Toda sensação primitiva é acompanhada de reação emocional. Esta emoção permanece ligada à sensação que a produziu e, quando a sensação retorna, a emoção reaparece igualmente.

Proust caracterizou admiravelmente a relação íntima entre a sensação e a emoção específica à situação original, em toda a sua o

bra literária (12). Mas, é especialmente em "Le Temps Retrouvé" que o autor analisa mais profundamente este tipo de experiência. Um dos fatos narrados por Proust ocorreu na biblioteca da casa dos Guermentes, onde o narrador ao folhear o livro "François le Champi", sente inesperadamente uma vaga sensação de ansiedade e angústia. Reconhece em si mesmo as emoções, os anseios e as expectativas que teve ao ouvir a leitura deste mesmo livro quando era criança. Nesse momento, não é ele mesmo com suas convicções e projetos de adulto, mas torna a ser a criança cheia de sonhos e temores que ouvia a leitura feita por sua mãe, uma noite em Combray. Baseado em várias experiências desta natureza, que são narrados em seus livros, Proust verifica que um objeto outrora visto, quando reencontrado através de nossos sentidos, nos devolve todas as imagens e emoções que então o impregnavam.

Devemos ainda fazer uma referência à influência da capacidade criadora do ser humano sobre seus processos perceptuais. Realmente a percepção sofre sempre a interferência, maior ou menor, da imaginação e das fantasias que enriquecem e caracterizam as nossas experiências cotidianas. O psiquismo, acentua Angyal, "não é passivo como um espelho que reflete a imagem de um objeto, mas ativamente ele elabora e constrói a percepção" (1-p.64).

Bergson, em seu livro "Matière et Memoire" (4), salienta a interferência da memória no processo perceptual. Toda percepção vem impregnada de lembranças; e aos dados imediatos e presentes, obtidos através dos nossos sentidos, acrescentamos mil pormenores de nossas experiências passadas. A percepção "pura" - afirma o referido autor - existe mais de direito que de fato. E seria obtida através de uma intervenção mínima da memória sobre todas as formas, resultando em uma visão imediata e instantânea do objeto. Nossas percepções são acompanhadas por lembranças e, inversamente, uma lembrança não surge no presente senão incorporada a alguma percepção. Porém, os dois tipos de imagens, segun

do a teoria de Comte, não se confundem para o indivíduo normal , sendo a primeira sempre mais nítida e objetiva que a imagem evocada. Embora superficiais e resumidas, acreditamos que as considerações precedentes tenham sido suficientes para demonstrar a importância da percepção e da sensação como caracterizando o encontro entre o indivíduo e o ambiente.

Nos próximos itens procuraremos sintetizar as caracte -
rísticas fundamentais da prova de Rorschach:

1 - A prova de Rorschach consiste em uma série de dez cartões, em que se imprimiram pranchas ambíguas constituídas de borrões de tinta. Destas, cinco são apenas em tom preto ou cinza; em duas, os tons se associam ao vermelho e três combinam manchas coloridas de várias tonalidades. Os cartões são numerados no verso e apresentados ao probando segundo a ordenação preestabelecida. Além da estrutura ambígua, pouco familiar, cada mancha apresenta diferentes graus de homogeneidade e determina o equilíbrio em sua disposição espacial e simetria parcial. Tais estímulos provocam diferentes reações e interpretações por parte dos examinados. As interpretações variam quantitativa e qualitativamente, obedecendo a determinado padrão perceptual característico de cada protocolo examinado.

2 - A prova é extremamente simples, não diretiva, facilitando e estimulando a espontaneidade e o trabalho de criação do sujeito e não exige conceitos abstratos ou informações teóricas específicas. Não existem respostas certas ou erradas; o próprio examinado define e estrutura sua tarefa.

3 - Como as manchas não têm configuração nítida, a sua interpretação afere os dinamismos peculiares a cada examinado. Conforme já dissemos, o objetivo e o subjetivo interagem em todo trabalho mental. A participação do subjetivo será então maior em imagens obtidas a partir de estímulos indeterminados do que nas observações da realidade cotidiana. Portanto, qualquer interpreta-

ção dada pelo probando resulta, em grande parte, de sua própria contribuição, revelando sua maneira habitual de apreciar e elaborar os dados do ambiente externo. De certo modo, as situações objetivas e familiares facilitam a adaptação ao ambiente e, assim, não desencadeiam ansiedade nem sensação de insegurança; mas por outro lado, solicitam menos a participação flexível e criadora do indivíduo, deixando de enriquecer-lhe as experiências de vida. O surgimento de situações novas, frente às quais se torna insuficiente a utilização dos rótulos sociais, das soluções preestabelecidas, dos hábitos, impõe ao ser humano uma utilização mais plena, profunda e original de seus potenciais intelectuais, ativos e afetivos.

4 - Toda prova psicológica deve basear-se em normas estáveis e objetivas, de modo a impedir a intervenção de julgamentos subjetivos por parte do examinador. A mera interpretação dos conteúdos fornecidos pelos examinados, ou a utilização de nossos conhecimentos anteriores sobre a personalidade do indivíduo estudado, não permitiria a avaliação adequada e imparcial dos dinamismos psíquicos presentes. Como todo ser humano possui a mesma estrutura de personalidade e, além disso, utiliza um conjunto de valores e normas comuns à sociedade em que vive, torna-se possível e indispensável a comparação de suas interpretações das manchas com as interpretações obtidas no estudo da população média. Desse modo os mesmos aspectos formais e o mesmo conteúdo explícito das respostas deverão ser reduzidos aos mesmos símbolos convenencionados pelos critérios de classificação, o que nos possibilita o tratamento estatístico dos dados obtidos.

5 - O conjunto de pranchas monocromáticas representa, na prova de Rorschach, situações solicitadoras de decisão e iniciativa do probando: as diferentes tonalidades de manchas escuras mobilizam suas reações emocionais. Por outro lado, os estímulos coloridos provocam reações afetivas mais primárias (pranchas II

e III) e as mais diferenciadas (pranchas VIII e X) do probando. O confronto dos diferentes índices e dos dinamismos obtidos no grupo de pranchas monocromáticas com os da série colorida - sistematizado por Silveira em sua elaboração do psicodiagnóstico - permite-nos avaliar as reações do probando ao se defrontar com situações que exigem seu discernimento ou perante incitações afetivas intensas. Além disso, tal estudo diferencial possibilita a verificação objetiva da ocorrência dos choques psicológicos que expressam ansiedade em nível mais profundo. Assim, temos dois tipos de elementos no protocolo da prova: os fornecidos pela confrontação com a população média e, por outro lado, os dados específicos de cada protocolo estudado. Os últimos resultam da verificação das características específicas que cada um dos fatores assume quando em presença de determinados outros, ou seja, do estudo da constelação de elementos. Realmente, a pessoa em estudo não pode ser descrita a partir de um único componente associativo (ou mesmo de um único traço de personalidade), nem pela soma dos diversos componentes que ocorrem no protocolo, mas sim pela combinação específica desses fatores, da caracterização do tipo, e do grau de participação em relações mútuas, ou seja, na configuração peculiar que traduz a dinâmica subjetiva presente em cada examinando. Como observa Silveira: "no psicodiagnóstico o esforço interpretativo seria estéril se apenas se limitasse a descrever os caracteres estáticos da personalidade em estudo. O fundamental aí consiste - como demonstrou o genial criador da prova - em estabelecer com quais disposições estruturais conta o examinado nas interações cotidianas e de que maneira recorre ao cabedal subjetivo de que dispõe" (70-p.88).

Em suma, torna-se indispensável observar o significado psicológico dos diferentes tipos de respostas e os elementos que as compõem, por um lado, e o dinamismo total de personalidade do

indivíduo, que só poderá ser apreendido através de diferentes relações entre as respostas apresentadas em seu psicograma. Assim, uma mesma resposta poderá ter significado positivo ou negativo, dependendo do contexto em que se encontre.

6 - Cada resposta é decomposta em pelo menos quatro elementos: modalidade, determinante sensorial da associação verbal, conteúdo explícito, e frequência com que aparece na população média. No Rorschach, cada esfera da personalidade projeta-se através de um grupo especial de fatores. Além disso, nesse dinamismo de projeção poderá prevalecer ora o nível mais subjetivo ora o mais frequente e objetivo.

Vejamos então o que ocorre com o probando ao se defrontar com as manchas de tinta da prova de Rorschach. Na vida real o indivíduo é atingido pelos estímulos oriundos de cada ser, através de vários sentidos, embora predomine no adulto a ação coordenadora da visão e da audição. Na prova de Rorschach, dada a própria natureza da tarefa, a única esfera sensorial diretamente solicitada pela realidade é a da visão. Porém, em decorrência da participação harmônica de vários sentidos na noção que temos da realidade externa, a percepção visual nunca é exclusiva, sempre recebe contribuições dos demais sentidos. Desse modo o indivíduo poderá em suas associações durante a prova de Rorschach fazer referências relativas à sensação tátil, tensão muscular, movimento, distância, e até mesmo sensações gustativas e olfativas - dependendo do estado emocional na ocasião que mobiliza os outros sentidos, além da visão. A interpretação de sons ou ruídos, geralmente baseada em correlações de ordem mais abstrata, é extremamente rara mas não impossível. Embora a percepção visual seja um fenômeno de ordem predominantemente intelectual, que propicia o contato e a adaptação aferente e eferente com o ambiente, necessariamente os motores afetivos e as disposições conativas (especialmente os que permitem a concentração da atenção para o trabalho mental), intervêm em seu dinamismo.

Em nossa análise da situação da prova de Rorschach distinguimos os processos neurofisiológicos dos processos de ordem psicológica. São fenômenos correlatos mas não redutíveis um ao outro. Quanto ao aspecto neurofisiológico, os processos que ocorrem durante a prova de Rorschach correspondem aos da percepção visual em geral. Inicialmente a retina capta uma determinada faixa de vibrações, o que constitui a "impressão". A vibração neural daí resultante transmite-se, através dos nervos e das fibras ópticas, aos núcleos subcorticais sensoriais, no caso o núcleo geniculado posterior ou lateral, onde ocorre a "sensação". A seleção que já se processa nessa fase, embora relacionada à autonomia individual, não é consciente nem intencional. Em seguida, este estímulo é semelhantemente conduzido a duas regiões distintas da córtex cerebral: à zona occipital específica, mediante as "radiações ópticas", e à região frontal, por vias genículo-frontais. Através de vias longas occipito-frontais, o estímulo afluirá para o campo frontal onde se dá a percepção visual (3-18).

Como resultante do dinamismo psíquico, verifica-se a ocorrência de uma imagem obtida através das funções intelectuais e observação em seus dois níveis: a observação concreta e a observação abstrata. Assim, o indivíduo submetido à prova de Rorschach, inicialmente seleciona nas pranchas alguns de seus aspectos, graças à convergência da atenção (função conativa) e do interesse afetivo. Deste modo ele poderá apreender tanto os aspectos mais essenciais e abstratos do estímulo (observação abstrata), como suas áreas ou características mais evidentes e mais facilmente identificáveis (observação concreta). A noção obtida a partir dessa imagem vem impregnada de reações afetivas que permanecem em parte em nível inconsciente (componente acessório da imagem), ao passo que o componente principal já é isolado através da associação consciente para o estabelecimento do nexos intelectual. A partir dessa imagem sintética, que habitualmente ainda não se presta para a comunicação, o examinando realiza o trabalho

mental de elaboração - indutiva ou dedutiva - que não constitui uma simples noção mas já é "idéia" ou "pensamento". Neste processo a indução permite a associação, o agrupamento, a comparação com as diversas experiências anteriores, de modo a fundir o estímulo atual às imagens anteriores adequadas e a reconhecer na imagem atual as características peculiares concretas do objeto identificado. Por outro lado, a dedução restabelece a sucessão das imagens, analisa suas características e finalmente situa cronologicamente a imagem atual. Neste trabalho mental de construção, geralmente as duas modalidades de elaboração são utilizadas e sempre com a ascendência da afetividade, que desempenha um papel fundamental no "reconhecimento da imagem". Temos então a "imagem subjetiva", obtida a partir da evocação de imagens anteriores e da identificação daquela imagem que parece ao probando a mais semelhante ou coincidente com o estímulo atual (conforme foi solicitado pelo examinador). A evocação de uma determinada imagem passada desperta, ao mesmo tempo, a reação emocional a ela associada. Quando esta reação for muito intensa, poderá bloquear totalmente ou apenas inibir parcialmente a elaboração intelectual. Mas poderá igualmente ocorrer uma interferência maior do esforço cognitivo, inibindo ou reduzindo as reações afetivas do probando. Naturalmente, todas as variações são possíveis neste dinamismo psíquico, dependendo das condições subjetivas peculiares do indivíduo examinado.

A imagem subjetiva já implica em maior elaboração e participação das concepções intelectuais e reações afetivas do examinando pois no caso exigem maior esforço criador e maior utilização dos recursos subjetivos do que o simples reconhecimento de um objeto externo familiar e bem definido. Schachtel (60) enfatiza especialmente este aspecto ao observar que o esforço consciente realizado pelo probando ao associar o estímulo atual com imagens anteriores é o que distingue a interpretação das manchas do reconhecimento habitual de um objeto familiar. Comenta ainda

o autor que este esforço consciente também poderá ocorrer na percepção cotidiana à medida que surgem obstáculos para o pronto reconhecimento do estímulo externo. Estes obstáculos poderão resultar de má visibilidade do ambiente, de condições psíquicas do próprio observador - ansiedade, extrema fadiga, ação de tóxicos - ou ainda da ambiguidade ou estranheza do objeto. Porém, nestas circunstâncias o indivíduo sabe que existe um objeto real à sua frente e procurará, baseado em determinados indícios, reconhecê-lo. Na prova de Rorschach, o observador está ciente de que se trata apenas de borrões de tinta e poderá interpretá-los a partir de qualquer tipo de experiência anterior, tanto real como imaginária. Não havendo qualquer limitação à sua capacidade criativa, o probando tanto poderá reagir de modo flexível e original, entusiasmando-se com a tarefa, como poderá sentir-se ansioso, desprotegido, inseguro diante desta situação que se lhe afigura demasiadamente ambígua. Nesse sentido, a observação do tipo de reação do indivíduo perante o psicodiagnóstico de Rorschach é de extrema importância para podermos apreciar o grau de liberdade subjetiva de receptividade aos estímulos ambientais e, especialmente, de adaptação a situações inusitadas, não familiares, que fogem aos padrões habituais de expectativa.

Após a fase de elaboração do percepto, que decorre de um trabalho mental intrapsíquico, o probando deverá comunicar ao examinador sua resposta. Esta comunicação é feita a partir de uma redução do estímulo externo a um elemento simbólico, no caso, a expressão verbal. Na fase de comunicação ou expressão de sua resposta surge uma possível interferência da situação interpessoal, estabelecida entre o probando e o examinador. Daí a exigência de que o profissional seja experiente e sensível, capaz de controlar essa variável, e a exigência também da capacidade de expressão adequada do pensamento por parte do probando. Então é importante que se levem em consideração não apenas o conteúdo verbal da interpretação ou resposta como também a expressão mímica e e-

mocional. Estas reações não verbais fornecem elementos valiosos para a compreensão, em profundidade, dos processos psicológicos do examinando.

A capacidade do indivíduo de reproduzir, associar, modificar, combinar e expressar as imagens obtidas a partir de dez cartões que constituem o psicodiagnóstico de Rorschach está diretamente relacionada à sua imaginação e ao seu comportamento criador. A imaginação não resulta de uma faculdade única mas da ação conjunta das funções afetivas, conativas e intelectuais. A associação das respostas à série de pranchas constitui a fase de associação espontânea. Durante esta fase o examinador deverá registrar exatamente as expressões verbais e mímicas do probando, o tempo que ele levou para enunciar a primeira resposta de cada prancha (tempo de reação) e o tempo total despendido por prancha. Após a fase associativa passamos para a fase de inquérito durante a qual devemos apurar os dinamismos determinantes do conteúdo verbal comunicado pelo examinando. Nesta fase verificamos em que medida predominam as reações afetivas, as disposições conativas ou a construção intelectual em cada uma das respostas. Completado o inquérito teremos dados suficientes para a classificação das respostas e a interpretação do psicograma.

QUADRO 1 - ACEPTÃO DOS VÁRIOS ELEMENTOS E CRITÉRIO PARA AFURAÇÃO

SIMBOLO		SIGNIFICADO		
R =		Total de respostas do protocolo		
MODALIDADES	G =	Resposta que abrange a prancha toda: global		
	P =	Pormenor primário: frequência de seleção, na população média, até 1:22		
	p =	Pormenor secundário: frequência inferior a 1:22		
	p' =	Pormenor, primário ou secundário, de tipo inibitório: anormalmente destacado como parte humana ou animal		
	E =	Resposta relativa apenas ao espaço em branco		
	GE =	Resposta global com menção explícita de espaço em branco		
	PG =	Resposta aparentemente global, mas na realidade oriunda apenas de um pormenor, seja primário <u>se</u> seja secundário, que dá sentido ao todo		
DETALHES	GP =	Resposta global em que o conteúdo é somente parte humana ou parte animal, uma vez que isso <u>não</u> seja estatisticamente frequente		
	M =	Movimento de figura humana ou antropoide, ou peculiar a ser humano		
	n =	Movimento de animal não antropoide		
	n' =	Movimento de oposição, de contenção, ou em tendência, ou de ser inanimado		
	Pa =	Perspectiva, com elemento forma como primário na associação		
	ps =	Perspectiva de formas vagas, a 3ª dimensão como elemento primário		
	ps' =	Profundidade, ou amplitude, sem elemento forma		
EXPERIMENTAIS	F+ =	Resposta determinada pela forma, com frequência superior a 5% entre adultos "normais" em condições normais de pesquisa		
	F- =	Idem, frequência inferior a 5% nas mesmas condições acima		
	F =	Idem, cuja frequência não foi ainda suficiente para avaliação estatística: em geral entende com pormenor secundário pouco selecionado		
	L =	Forma bem delimitada, determinada pela luminosidade, isto é, pela reação subjetiva aos tons claro-escuros		
	l =	Sensação de relevo, ou de textura, determinada pela luminosidade		
	l' =	Contraste entre luz e sombra, simplesmente; efeito de transparência, ou ausência de estrutura, ou ainda sensação tátil		
	FC =	Resposta baseada na forma e secundariamente na cor		
	CF =	Resposta provocada pela cor e secundariamente pela forma		
	C =	Resposta determinada pela cor, sem participação da forma		
	C' =	Tons acromáticos - branco, preto, sombreado - usados como cor na resposta, porém - na nossa acep-ção - com a forma implícita na associação.		
	nC =	Nome da cor apenas, sem interpretação		
	nC' =	Mesmo fenômeno, acima, em relação a tom acromático		
	Pos =	Interpretação determinada somente pela posição relativa das manchas		
	Categorias mais frequentes			
CONTEÚDO	A =	Figura animal	fg =	Fogo, fumo
	pa =	Parte de figura animal	ggr =	Acidente geográfico
	H =	Figura humana	mp =	Mapa
	ph =	Parte da figura humana	ml =	Referência militar
	ab =	Abstração	nat =	Fenômeno da natureza
	al =	Alimento	nv =	Náven
	an =	Anatomia	obj =	Objeto
	ant =	Antiguidade	pz =	Paizagen
	arq =	Arquitetura	rl =	Referência religiosa
	art =	Arte	sg =	Sangue
	bt =	Botânica	sx =	Sexo
	ci =	Ciência	vst =	Vestimenta

AS VARIÁVEIS DO RORSCHACH. CRITÉRIO ESTATÍSTICO.

ESCALAS.

O critério de classificação e a terminologia por nós adotados baseia-se nos que foram estabelecidos por Silveira. Esses elementos acham-se representados no quadro I, cuja transcrição nos foi autorizada pelo autor.

Quanto ao significado fundamental (ou "definição básica" de Piotrowski) de cada uma dessas categorias, consultamos os vários autores mencionados na bibliografia especializada. Resumimos e elaboramos as interpretações a partir das concepções teóricas que adotamos sobre personalidade. Note-se que cada significado assinalado só será válido dentro de um contexto específico de psicograma (definição ampliada).

A) Modalidades - Localização

As modalidades na prova de Rorschach referem-se principalmente à observação intelectual que consiste na recepção seletiva das impressões do ambiente, ou seja, na distribuição da a-

tenção pelos estímulos externos. Como critério para a classificação de respostas, o termo indica a amplitude da região ou das regiões do borrão onde o sujeito percebeu um significado específico.

Embora fundamentalmente relacionadas ao grupo de funções intelectuais, as modalidades de respostas traduzem também a influência das reações emocionais e da capacidade conativa. Por isso, as necessidades de planejar ações - a partir da observação mais ampla dos fatos ou da associação de diferentes eventos em um contexto mais geral - de atender aos elementos práticos e evidentes da realidade cotidiana, de analisar minuciosamente o aspecto mais profundo das situações, de enfrentar os obstáculos ou evitá-los, todas se traduzem basicamente nas diversas modalidades e de modo indireto nos outros elementos das respostas.

1 - Dinamismos implícitos em cada uma das Modalidades:

a) Modalidades Principais

Global (G ou W) -

i) Capacidade de generalização e planejamento:

Capacidade de apreender os aspectos mais amplos e abstratos das situações e de extrair significados e noções gerais indispensáveis ao planejamento das atividades.

ii) Habilidade em prever uma experiência a partir da utilização dos aspectos abstratos das circunstâncias anteriores.

iii) Capacidade de captar rapidamente os aspectos essenciais dos fatos (especialmente no caso das globais imediatas).

iiii) Preguiça mental ou fuga dos problemas - respostas com elaboração mínima e reduzida atividade criadora (globais imediatas nas pranchas I, IV, V e VI).

Pormenor Primário: P ou D

i) Apreciação dos aspectos mais evidentes e concretos da realidade.

ii) Tendência a resolver problemas práticos ou se ater a eles, sem consideração por suas implicações abstratas.

Pormenor Secundário: p ou Dd

i) Utilização da energia mental no exame aprofundado dos fatos.

ii) Empenho em uma análise cuidadosa dos aspectos menos evidentes da realidade, revelando portanto atividade mental analítica e atitude de pesquisa.

b) Modalidades Secundárias

Espaço: E ou S

De acordo com Beck, a presença de E em diversos indivíduos normais e inteligentes expressa resolução e perseverança para levar a cabo seus projetos, através de obstáculos e aborrecimentos, para um objetivo bem nítido. Segundo ele, nos menos in-

teligentes, que possuem horizontes estreitos, representa teimosia e obstinação, pensamento limitado, que atua de modo negativo sobre eles próprios e sobre a comunidade.

Piotrowski afirma que um número superior a dois já seria significativo em um protocolo médio. Interessar-se pelo "fundo" das manchas em si, representa um interesse pelas origens dos fatos; a oposição revelada por E não seria inteiramente negativa, pois teria aspectos desejáveis, especialmente do tipo intelectual, sempre que os níveis intelectual e cultural forem elevados e a maturidade do probando evidenciada. Uma forte tendência para dar E pode constituir séria desvantagem em pessoas pouco inteligentes ou imaturas (55). Piotrowski faz ainda uma distinção entre dois tipos de respostas de espaço: O espaço primário, em que houve uma inversão da figura-fundo, indicaria tendência à oposição (no extroversivo traduzida em agressividade, teimosia, desconfiança; e no introversivo, autocrítica, sentimento de inadequação). Outra possível interpretação seria que tais respostas revelam defesa de autonomia do indivíduo que a sente ameaçada. Além de Piotrowski, Charles Fonda desenvolve a análise deste tipo de interpretação, pondo em relevo a "tendência a uma crescente autonomia" que seria inerente e fundamental ao ser humano, segundo a concepção de Angyal (38).

Outro tipo de resposta E seria a do espaço secundário - onde o espaço se combina com porções de manchas. Piotrowski verificou, através de sua experiência, que esse tipo de modalidade está ligado ou à instabilidade nas relações pessoais e à preocupação com a própria insegurança, ou à atenção meticulosa aos pormenores por meio da qual o indivíduo procura mostrar-se original. Klopfer, de modo análogo a Piotrowski, relaciona o significado de E com o "tipo de vivência" introversivo ou extratenso (55).

De modo geral, os autores por nós consultados concordam nas seguintes interpretações dadas às respostas de espaço: aten-

ção aos aspectos negativos do ambiente; tendência a fugir dos problemas essenciais que se devem enfrentar; atitude crítica e tenacidade; pessimismo no julgamento dos fatos; defesa da autonomia; inteligência produtiva, engenhosa e original.

Global com Espaço: GE ou WS

Utilização de energia mental maior que aquela exigida por G, bem como não obstrução das realizações mentais em consequência de injunções negativas.

Global a partir de Pormenor (Global confabulatória):

PG (ou DW)

Generalização apressada. Supergeneralização associada a ligação precária com a realidade. O indivíduo não usa a crítica intelectual adequada para preveni-lo contra conclusões errôneas ou inadequadas.

Global com Valor de Pormenor: GP

Ao interpretar a mancha de modo aparentemente global, o indivíduo utiliza processo intelectual não comum à população média normal. Revela assim um dinamismo patológico, que pode ocorrer em protocolos esquizofrênicos, mas é extremamente raro.

Pormenor Inibitório: p' , (x) ou Do

Respostas deste tipo ocorrem como consequência de certa inibição do trabalho mental. Semelhante fuga do método habitual de raciocínio pode ter origem em fatores diversos e não apenas resultar de deficiência mental. H. Rorschach, ao designar tal modalidade como detalhe oligofrênico (Do), afirma que embora frequente em dóceis e em imbecis, também ocorre em ansiosos e depressivos e às vezes em obsessivos (59-p.32/53). Beck chama a atenção pa

ra a presença de ansiedade como desencadeante deste tipo de reação: donde o símbolo x , apostro entre parênteses ao símbolo do conteúdo (x).

Silveira dá uma maior dimensão às possíveis interpretações dessa modalidade que ele denomina p' . Um protocolo com elevado número de respostas poderá indicar: inibição momentânea do método atual de trabalho ou, mais profundamente, a condição responsável por esse processo; interferência de preocupação excessiva com problemas pessoais, que tanto pode advir de um estado de ansiedade ou de depressão como também da ocorrência de idéias prevalentes, mesmo que não obsessivas; e falta de capacidade de elaboração em indivíduos de baixa inteligência.

Vemos que tanto no caso de ocorrência de um bloqueio inibitório como no caso de deficiência mental, a resposta p' revela a mesma anomalia: incapacidade para integrar uma certa porção no resto da mancha. O mecanismo psíquico responsável por essa dificuldade é que é diferente: num caso, existe bloqueio da capacidade de abstração em decorrência da tensão emocional; e no outro, falta de abstração.

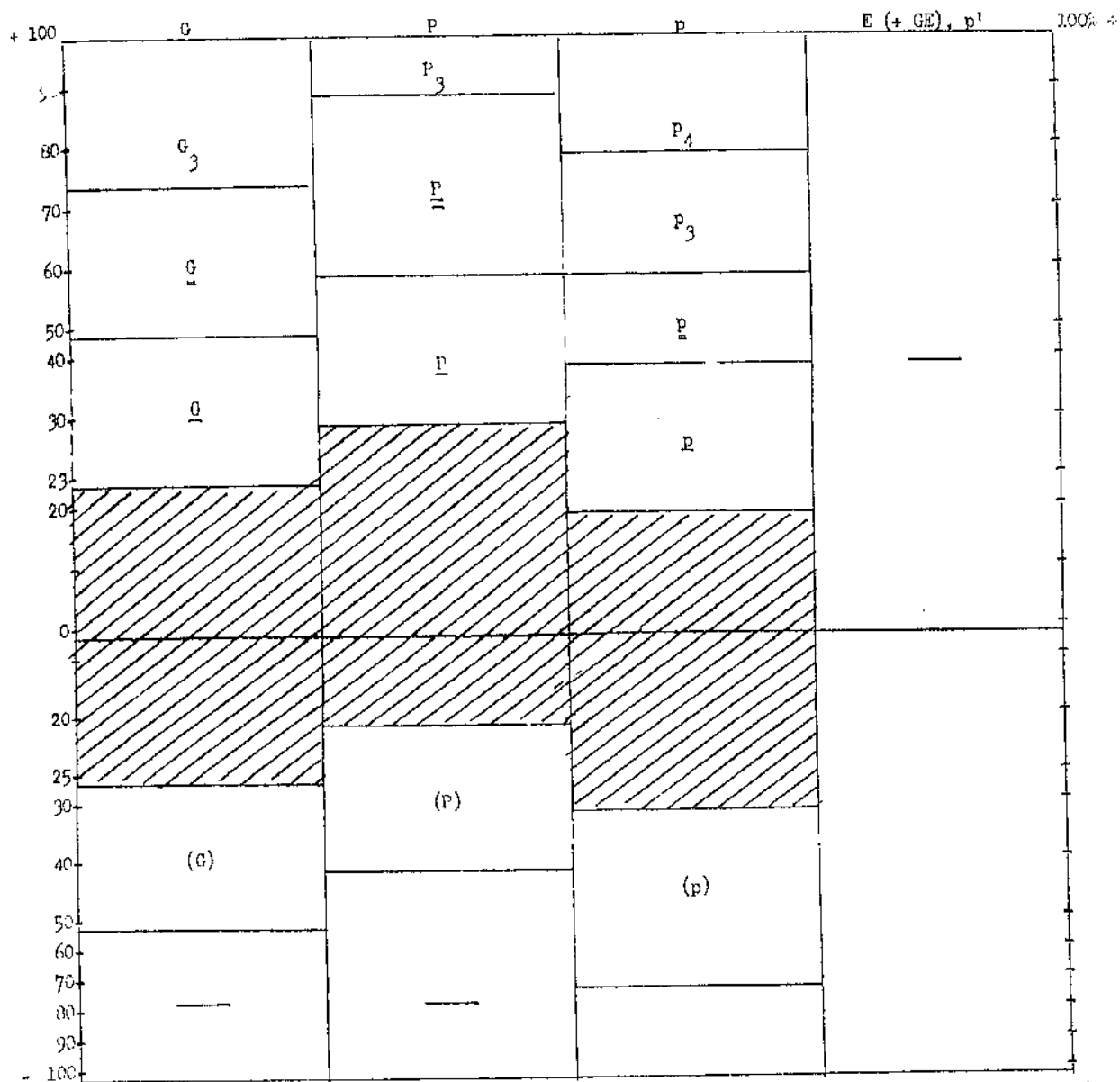
2 Tipo de Percepção

O estudo comparativo das diferentes modalidades é feito através do índice de percepção (Perc), cujos resultados se referem aos valores obtidos na população média, por Silveira, e que coincidem com os de Piotrowski em relação a G, e com os de Brussel e Hitch quanto à distribuição dos valores de P, p, E, GE e p' (70-p.159). Silveira verificou que 25% das respostas no teste normal, em condições normais de pesquisa, deve ser de respostas globais, 60% do total são representados por P, e 10% por p. Os 5% restantes correspondem às modalidades secundárias menos frequentes na população média. O autor calcula para E a proporção

de 2,5%, considerando que é mais frequente surgirem respostas do espaço primário do que as demais modalidades secundárias. A expectativa teórica, assim como o cálculo desse índice, acham-se representados no quadro II.

Como podemos observar no esquema, a zona tracejada corresponde em cada modalidade à faixa normal de variação, os valores superiores às expectativas teóricas recebem índices de acordo com o nível de elevação, e os resultados inferiores às expectativas, até um determinado nível, são representados pela modalidade respectiva, com parênteses, ou, quando menos frequente, ela desaparece do índice Perc.

QUADRO II



Cálculo de G: 25% : $\frac{R}{4}$ = valor esperado

$\frac{\text{desvio}}{\text{valor esperado}}$ 100

Valor esperado - Valor obtido = desvio

Cálculo de P: 60% $\frac{R \cdot 60}{100}$ = Valor esperado

$\frac{\text{desvio}}{\text{valor esperado}}$ 100

Valor esperado - Valor obtido = desvio

Cálculo de p: 10% $\frac{R \cdot 10}{100}$ = Valor esperado

$\frac{\text{desvio}}{\text{valor esperado}}$ 100

Valor esperado - Valor obtido = desvio

Modelidades Secundárias: $E + (GE) + p' = 5\%$.

B) Determinantes

Referem-se à maneira como o probando reage às propriedades das manchas que estimularam a elaboração das respostas. Os fatores psicológicos em causa traduzem-se em forma, cor, luminosidade, terceira dimensão, aspectos cinestésicos. Essas diferentes categorias de determinantes, separadas segundo a esfera de personalidade que projetam e distribuídas na ordem crescente de objetividade, foram representadas por Silveira no quadro III:

QUADRO III

Sectores da personalidade e níveis funcionais
que os fatores aforem

SECTORES:	INTELIGÊNCIA		CONAÇÃO	AFETIVIDADE	
	Contacto com a realidade	Capacidade intrínseca	Atividade no meio externo	Nível intrínseco	Contacto emocional
<u>Categorias:</u>	<u>Perspectiva</u>	<u>Movimento</u>	<u>Fórmula</u>	<u>Côr</u>	<u>Luminosidade</u>
<u>Níveis</u>					
3:	ps'	m'	F'	C	I'
2:	ps	m	F-	CF	I
1:	Ps	M	F+	FC	L, C'

ESCALA DE NÍVEIS DOS DETERMINANTES EM CADA CATEGORIA:

- 1: Plêno contacto com a realidade ambiente, isto é, segundo o modo estatisticamente mais frequente na população média.
- 2: Contacto em que se revela maior autonomia da personalidade em relação à população média, porém ainda na faixa estatisticamente aferível.
- 3: Predominância do polo subjetivo, isto é, reação essencialmente individual em face do estímulo ambiental.

1. Esfera Conativa: Determinante Forma.

O ser humano adulto, em sua adaptação à realidade, necessita por vezes de colocar-se como mero espectador do ambiente externo. Em tais circunstâncias ele retira as qualidades específicas e enriquecedoras dos eventos, reduzindo-os aos seus aspectos mais concretos e elementares. Tal atitude exige uma estruturação ativa do estímulo - o que, embora não implique necessariamente em redução da imaginação ou da capacidade de elaboração original, a torna secundária aos dados imediatos e objetivos, o mesmo ocorrendo com a reação emocional.

A partir desse esforço intencional de concentração da atenção o indivíduo seleciona, associa e fixa uma determinada imagem e, recorrendo à memória, busca uma correlação adequada entre as imagens ou experiências anteriores e a atual. Esse processo traduz a participação das funções conativas. A objetividade dessa identificação naturalmente depende da intervenção adequada das outras funções da personalidade. Assim subordinando a exteriorização livre e plena de seus impulsos e sentimentos afetivos e de suas concepções intelectuais específicas, o homem consegue dominar seus desejos e fantasias em função de sua necessidade fundamental como ser social: adaptar-se às imposições objetivas do ambiente. Ele concentra seus esforços em impor ordem e estabilidade aos dados externos, mantendo e fixando estruturas definidas através desse processo dinâmico - o que pode ser explicado através do conceito de "engramas".

Sem esse tipo de trabalho mental será impossível manter a estabilidade do comportamento explícito e a continuidade do raciocínio ("firmeza"). Além disso, o adulto deve ser capaz de julgar, a partir da observação e da análise das condições externas, o momento adequado para expressar seus afetos ou opiniões ("coragem") assim como o momento em que deverá contê-los ("prudência"). Como vemos, esses dinamismos descritos resultam do c-

xercício das funções conativas da personalidade, traduzidas no Rorschach pelas respostas de forma.

Schachtel (66 - p.87) referindo-se à percepção da forma afirma que ela é o aspecto mais importante do mundo visível. Desde Aristóteles e Platão a Tomás de Aquino, Leonardo da Vinci e Goethe - escreve o autor - a forma tem sido reconhecida como o princípio ordenador, estruturador do universo percebido pelo homem. Mas em um mundo de organismos vivos tal fato mantém sua vacuidade apenas se a forma permitir a transformação. Quando rígida e imutável ela paralisa mais do que estrutura a vida. Na prova de Rorschach também podemos notar que a preocupação com a forma pode ser construtiva ou destrutiva: construtiva na medida em que ela dá ordem e estrutura às manchas ambíguas; destrutiva quando se torna soberana, rígida, esquemática ou estereotipada, não permitindo flexibilidade, nem flutuação ou receptividade para o encanto e a riqueza encontrados nos demais aspectos do mundo externo.

A resposta de forma é mais frequente, mesmo porque ela é inerente a toda e qualquer porção das manchas e comum a toda série. Na realidade os "borrões" não são informes mas assumem formas não preconcebidas. Não apresentam configurações logicamente predeterminadas. Assim, a apresentação das manchas ao probando, para que ele nos diga com o que se parecem, provoca o trabalho mental em fase construtiva, que depende da indução e da dedução (respectivamente elaboração intelectual generalizadora e elaboração intelectual sistematizadora) e reflete, no adulto normal, a evocação da experiência (ressonância efetiva) fundamentalmente baseada na forma. A prova de Rorschach, como nenhuma outra prova projetiva, apela para todas as forças psicológicas do indivíduo e nela se refletem as diversas experiências que ele adquiriu no decorrer de sua vida e que se traduzem na apreciação das formas, isto é, na produção das respostas F. As respostas de forma predominam tanto em protocolos normais quanto nos de grande número de

doentes mentais. Além disso, a forma acha-se presente em numerosas respostas de um modo implícito (M,m,algunsm', FC,CF, C', L, l, Ps, ps). Constitui portanto o aspecto central do psicograma.

A percepção de formas pode variar segundo a fase de desenvolvimento humano e, mesmo considerando o adulto, segundo a maior ou menor participação da afetividade. A criança inicialmente percebe e responde difusamente a um estímulo imediato de seu mundo interno ou externo. Não há perspectiva de tempo nem habilidade para retardar a reação ou a compensação, satisfação ou impulsos. Os objetos são percebidos segundo os nexos estabelecidos para com as tensões resultantes de impulsos infantis de origem afetiva. Nesse período, segundo a teoria psicanalítica, o comportamento acha-se submetido ao "princípio do prazer" e o pensamento reflete o processo "primário". Gradativamente ocorre a maior participação das funções intelectuais e da noção do meio objetivo, e o indivíduo torna-se capaz de subordinar os instintos da individualidade aos da sociabilidade -- como assinalou Comte -- ou passa a ser norteado pelo "princípio da realidade", na concepção freudiana. Tal evolução depende do predomínio do raciocínio abstrato e da capacidade crescente de sofrer a gratificação, a satisfação dos impulsos e, portanto, a reação motora imediata, sendo esta substituída pelos processos de pensamento (elaboração intelectual). Devido à participação da noção de forma no processo de maturação mental o fator forma afere -- como observa Silveira -- duas variáveis de aplicação da inteligência: uma que se traduz pelo aspecto quantitativo e outra pela qualidade do desempenho.

O estudo quantitativo baseia-se na %F obtida pela soma de todos os aspectos formais dividido pelo número total de R (conceito de %F). Tal índice exprime o grau de contato com o ambiente e se faz pela comparação do determinante forma com os demais determinantes. O estudo qualitativo considera a relação percentual das respostas "F+". Através da percentagem F+ observamos o

tipo de contato com o meio externo, determinando qual o dinamismo subjetivo refletido nessa reação: julgamento objetivo, estabilidade de atenção, adequação dos afetos permitindo comportamento e construção mental adequados (%F+); ou subjetivismo no julgamento, bloqueio provocado pela repercussão afetiva intensa ou rebaixamento da habilidade de integração racional dos fatos causado por lesões cerebrais, por deficiência intelectual, ou mesmo por ansiedade. Tal aspecto decorre da comparação que fazemos entre as respostas F+ e F- .

O índice %F+ não deve ser muito elevado, pois o indivíduo mentalmente sadio não mantém sua vigilância constante na observação da realidade mas pode voluntariamente dela se afastar pelo devaneio e no interesse de expressão de sua afetividade e de imaginação. Hermann Rorschach faz notar que o ótimo e o máximo das %F+ não são sinônimos: "Encontramos as melhores formas em escrupulosos e depressivos, especialmente os afetados por depressões mais graves. Esses indivíduos tomam o teste muito a sério, procuram laboriosamente as boas formas, suas respostas são extraordinariamente estereotipadas e com um pequeno grau de variação" (59).

Maturidade psicológica implica na possibilidade de não distorcer a percepção. Em estímulos ambíguos, como no Rorschach, as respostas dadas podem ser mais ou menos congruentes com a forma do estímulo - daí a classificação das respostas de forma em F+, F- e F. Mas, para distinguirmos os diferentes tipos de F é mister utilizar dados escolhidos de maneira objetiva, precisa, estável, que tornem possível uma análise imparcial e impessoal. Por isso utilizamos o processo estatístico tal como o fazem Beck, Hertz, Rorschach e Silveira, entre outros, e não o processo de julgamento do observador (formas "bem vistas" e "mal vistas"), adotado por Klopfer, Kelley, Rapaport e outros. Portanto, a percentagem das formas no psicograma mede os traços mais partilha-

dos com os dos outros indivíduos, e que pouco contribuem para os distinguir dos demais.

Quando muito elevada, a percentagem de F reflete um contato superficial e pouco criador com a realidade, ou uma atitude de desconfiança ou medo de revelar-se. Por outro lado, quando esse tipo de resposta é escasso em um protocolo, denota envolvimento subjetivo intenso com desinteresse ou fuga do ambiente externo. Em suma, a saúde mental vista em termos de percepção de forma exige uma ligação com a realidade, que não seja nem difusa, nem distorcida por fantasias ou elaborações subjetivas predominantes, nem tão pouco rígida ou obsessiva, mas sim acurada e suficiente. As funções integrativas e centrais, das quais depende tal comportamento, surgem com o amadurecimento psicológico e são destruídas em casos patológicos.

a) Índice Lambda e Índice Conação

Outro índice que mede, ao contrário da %F, a intensidade do apelo aos recursos subjetivos da personalidade no contato individual com o ambiente ou no trabalho mental e, concomitantemente, o grau de rigidez no autodomínio consciente, é o índice "lambda", de Beck, na acepção original $-\frac{(R-F)}{F}$. Os tipos de categorias determinante compreendidos no cálculo de (R-F) traduzirão a natureza dos recursos subjetivos utilizados pelo probando.

Toda resposta às manchas de Rorschach, como qualquer atividade mental, exige naturalmente a mediação dos processos conativos. Mas, não são todas as respostas que traduzem diretamente esse dinamismo. Muitas vezes ele é suplantado pela reação afetiva ao estímulo, ou, em outras, mobiliza-se o setor intelectual que aparece em primeiro plano.

Na abordagem qualitativa, a aferição da capacidade de ação explícita adequada deve ser feita através da comparação das

forças afetivo-emocionais com as intelectuais. Aquelas representam, em conjunto, disposições que interferem de modo específico na função conativa, ou que as desgastam. Como esta última se traduz na fração $\%F+$ da percentagem de F, os primeiros podem ser expressos como $(R-, F)$. O indivíduo, cujo protocolo de Rorschach apresenta uma $\%F+$ adequada, sabe quais as condições em que deve reprimir e quais os momentos em que pode expressar ou que deve moderar a fantasia e os impulsos afetivos. Temos então o "índice conativo" elaborado por Silveira: $\%F+ - \%(R - F)$.

A conação não se confunde com ação explícita, mas corresponde à disposição subjetiva relativa à ação. Portanto, o índice Conativo ou Con nos fornece uma informação quantitativa da liberdade subjetiva do probando para agir no meio externo. Quando elevado, indica uma ação demasiado subordinada aos estímulos do ambiente, de modo impulsivo ou obsessivo; quando muito baixo, sua interpretação será de subjetivismo excessivo, que bloqueia ou desgasta a atividade prática. A interpretação deste índice, bem como dos demais, não deverá basear-se apenas em seu resultado numérico, mas principalmente nos dinamismos responsáveis pelo seu equilíbrio ou desvio. No caso particular do índice Con., precisamos notar qual o fator que provocou um determinado desvio: $\%F+$ ou $\%(R - F)$. E, além disso, confrontamos o resultado do índice Con. calculado separadamente para o grupo monocromático com o correspondente obtido no grupo colorido, a fim de verificarmos em que circunstância específica ocorre o desvio acaso assinalado.

A comparação dos índices "lambda" e "conativo" obtidos no psicograma total e, separadamente, para o grupo de pranchas coloridas e monocromáticas, fornece informações fundamentais sobre esse fator da personalidade. De modo genérico podemos considerar as seguintes possibilidades:

1. Con. alto e lambda baixo - subordinação excessiva aos estímulos externos e contato rígido e impessoal com o ambiente.

2. Con. baixo e lambda alto - excesso de subjetivismo em sua ligação com o ambiente, acompanhado por ampla utilização dos recursos individuais. Reduzida capacidade de ação prática e maior participação afetiva ou intelectual.

3. Con. baixo e lambda baixo - ligação demasiadamente subjetiva com o meio externo, mas que não se acompanha de ampla utilização de seus recursos pessoais.

4. Con. alto e lambda alto - acessibilidade excessiva aos estímulos externos, com utilização plena e flexível de seus próprios recursos.

2. Esfera Intelectual

Segundo a teoria da personalidade de Comte e Silveira, vimos que a esfera intelectual é representada por um conjunto de funções subjetivas precisamente definidas. De um modo geral, essas funções são projetadas durante a execução da prova de Rorschach: o examinando "observa" o estímulo, selecionando algumas áreas da prancha ou apreciando-a em sua totalidade; "elabora" através da utilização específica de determinados aspectos do estímulo, recombinando-os de modo mais ou menos original; e "comunica" o resultado de seu trabalho mental. O psicodiagnóstico permite-nos isolar os determinantes que mais direta e predominantemente traduzem a elaboração intelectual: eles são representados pela série movimento e pela série perspectiva. A primeira revela a capacidade intrínseca de elaboração intelectual, que decorre fundamentalmente da interpretação das noções estabelecidas segundo concepções ou fantasias peculiares ao indivíduo estudado, e mais ligadas à sua constituição e temperamento do que propriamente as exigências ambientais. Contudo, na medida em que o ser humano aplica sua inteligência em realizações externas, preocupando-se com a posição que

deverá ocupar em função das características do ambiente e do seu próprio nível de aspiração, ele necessita refletir à distância, colocando-se como um indivíduo entre os demais do grupo. Tal dinamismo se traduz na prova de Rorschach pelas respostas de perspectiva.

Em ambas as séries, o examinando acrescenta um elemento inexistente nas manchas de Rorschach: o movimento e a terceira dimensão, ou seja, elabora intelectualmente um estímulo externo.

a) Série Movimento

A classificação dos determinantes desta série - assim como em todas as outras categorias de determinantes - foi feita por Silveira segundo o critério de frequência com que ocorrem em protocolos de população adulta média. Como observa o referido autor: "A maneira mais comum, portanto mais amadurecida, de reagir à cinestesia é projetá-la em figura humana ou antropóide (M). A evocação cinética de animal não antropóide, pelo fato de se relacionar com os períodos iniciais da moldagem da personalidade, só emerge para o adulto ante o estímulo da realidade quando este assume maior tensão emocional: daí a menor frequência do fator correspondente na prova de Rorschach (m). Finalmente, o modo mais subjetivo de utilizar tais experiências consiste em revivê-las sob a forma de intensões, de impedimento, de incapacidade, ou representar-lhes poderio só admissível na fase pré-lógica do pensamento humano (m') (73).

Interpretações básicas dadas às respostas M:

1º) Empatia. Interesse Pelos Demais

Ao dar uma resposta de movimento humano o examinando não mantém, como no caso de percepção da forma, uma atitude de mero observador que compara criticamente a forma de mancha com a idéia que lhe veio à mente. Ele "sente" o movimento que, por assim dizer, anima a figura percebida. É, como se, por um momento e em alguma medida, penetrasse na figura vista. Esta é uma experiência similar à que ocorre na empatia cinestésica. Neste caso, também, olhando o movimento de outra pessoa experimentamos em nós mesmos a sensação cinestética que teríamos se estivéssemos realizando o movimento visto. Na prova de Rorschach, observa Schachtel, este dinamismo é ainda mais significativa uma vez que estamos projetando movimentos em manchas estáticas e ambíguas. Essa experiência tem uma conexão particularmente íntima e profunda com elementos básicos da personalidade.

Em cada ato de empatia, cinestética ou de outro tipo, há sempre um elemento de projeção. O indivíduo compreende o movimento (no caso da empatia cinestética) apreende o sentimento (em outro tipo de empatia) que ele percebe em outra pessoa, em termos de própria experiência subjetiva.

O conceito de projeção adotado por Schachtel na análise das respostas M, refere-se à tendência humana em "automorfizar" a visão do mundo. Ou seja, de perceber e sentir os outros através dos próprios sentimentos e percepções. Porém tanto a visão antropomórfica como a automórfica podem consistir ora em um modo legítimo de observar os fatos e as pessoas, ora em distorcê-las. Como toda tendência humana, segundo o contato, a função e a proporção com referência aos outros traços, tanto pode ser positiva como negativa. De qualquer modo, o progresso do pensamento humano depende de contribuições que o indivíduo dá segundo as próprias concepções (são estas que refletem no determinante M do Rorschach).

2º) Sistema de valores próprios. Auto-afirmação

O movimento espontâneo, não o movimento comunicado de fora, mas oriundo do organismo, distingue o mundo do homem e do animal sub-humano em confronto com os demais seres vivos (das plantas) com o mundo inorgânico.

Assim, o movimento pode ser considerado como característico da vida e a projeção do movimento representa a compreensão dos processos vitais, significativos para o indivíduo nas relações interpessoais

Piotrowski interpreta as respostas M como indicadores do papéis característicos que o indivíduo atribui a si próprio na vida: tendências definidas, valores próprios, profundamente arraigados em seu modo de ser, e dificilmente modificáveis, que lhe caracterizam o comportamento, especialmente nas relações inter -

pessoais mais importantes. Estes valores básicos com raízes psicológicas profundas, ligadas ao biótipo, às primeiras experiências decisivas, a impulsos primários, são elaborados intelectualmente, da mesma forma que as noções abstratas derivadas da realidade objetiva. Os papéis assim figurados simbolicamente poderão ser desejáveis ou indesejáveis, auxiliando ou dificultando, respectivamente a adaptação do indivíduo ao mundo externo (55,56).

Quanto maior o número e a nitidez do fator M em cada protocolo, segundo o tipo e a qualidade, maior será a necessidade de o indivíduo viver à própria maneira, sem ser influenciado pelo ou outros, e mais tenderá ele a agir segundo as próprias idéias e concepções.

3º) Autodomínio. Adaptação Refletida

Revela compreensão intelectual amadurecida de cada situação nova que se apresenta: em vez de agir impulsivamente, o indivíduo que dá este tipo de resposta, procurará guiar-se pelas próprias concepções, porém, sem deixar de considerar a realidade objetiva.

4º) Auto-aceitação. Confiança em si mesmo e no futuro

O indivíduo deve compreender o significado e a complexidade do comportamento humano para desenvolver simbolicamente papéis definidos. Assim, as respostas M se diferem geralmente, em protocolos infantis a partir aproximadamente dos 5 anos de idade. Antes disto o presente absorve toda energia mental da criança, que não tem amadurecimento nem incentivo para refletir sobre o mundo e sobre a própria função nas relações interpessoais. Quando surgem dificuldades de relacionamento com o ambiente, a reação subjetiva do indivíduo leva-o a desenvolver padrões de comportamento característicos, os mesmos que se traduzem na prova de Rorschach, no fator M. Os papéis simbolizados são ao mesmo tem-

po preparação para agir. Dessa maneira a ocorrência M indica a presença de perspectivas futuras basicamente em termos individuais, e indiretamente sociais.

As respostas M do tipo adequado, isto é, ligadas a figuras humanas reais realizando movimentos espontâneos e afirmativos, refletem uma relativa liberdade de acesso às atividades da fantasia, em contexto de ligação satisfatória com a realidade. Indica alto nível de integração emocional, em que os impulsos primários são utilizados como fonte de energia criadora. No caso das associações de má qualidade, ou em que o movimento é projetado em figuras animais não antropóides ou fictícias, teremos uma indicação de que a imaginação se desenvolve como fuga à realidade objetiva.

5º) Imaginação. Capacidade Criadora

Hermann Rorschach já assinalara no Psicodiagnóstico que as respostas M são características de indivíduos mais produtivos na esfera intelectual, cujos interesses gravitam em torno de sua vida intrapsíquica, lidando com a realidade mais em nível de fantasia do que enfrentando-a de modo concreto e eficiente.

Beck, Furrer e Piotrowski entre outros verificaram que os conteúdos das associações M representam atividades imaginadas, desejos, fantasias que revelam os aspectos da vida mais íntimos e subjetivos do examinando.

Indivíduos com M, observa Piotrowski, denotam maior complexidade subjetiva, processos de pensamento mais sutis e penetrantes, maior autoconhecimento (55).

Na medida em que o examinando projeta vida e movimento em manchas ambíguas e estáticas, revela capacidade criadora, percebendo os fatos de modo peculiar, reconstruindo as próprias experiências de modo original. Mas a capacidade criadora consiste em um talento subjetivo, que nem sempre é o utilizado em produções ou atividades criadoras. O indivíduo com esse tipo de personalidade poderá ou não estar apto para comunicar sua capacidade.

Num ou noutro caso a capacidade criadora revelada por M pressupõe abertura e sensibilidade para o mundo circundante, tanto quanto a contribuição da própria experiência e da perspectiva pessoal face à existência.

Apesar de divergências doutrinárias, autores que versam a prova de Rorschach, interpretam as respostas m como reações imaturas mais ligadas às fantasias e menos integradas à realidade objetiva através do juízo lógico.

Schachtel tece considerações sobre esse tipo de resposta que coincidem com aquelas feitas por Silveira em seus trabalhos sobre o assunto. Lembra aquele autor que a criança vive mais diretamente com objetos que lhe compõem o ambiente e tocam de perto as necessidades, os desejos e os temores, do que o faz o adulto. A capacidade para a percepção cinestética humana, e o tipo de relacionamento que esta representa (quando ligadas a figuras humanas) embora não estejam completamente ausentes na primeira infância, ainda se encontram em via de desenvolvimento. O fato de a percepção de movimento realizado por animais ser mais frequente em protocolos infantis está relacionado à própria atitude da criança em relação aos animais. Sua visão do mundo é mais animista. A maioria das crianças tem experiências emocionais vividas com animais reais ou de brinquedo (60).

Halpern verificou que no "período de latência" - na a-cepção psicodiagnóstica - as respostas m são mais numerosas e é especialmente através delas que a criança encontra os meios de expressar as intenções e os conflitos. O conteúdo das respostas m em protocolos infantis possui um significado diverso daquele obtido em protocolos de adultos. Enquanto para estes, m pode representar impulsos inaceitáveis, que não foram superados com a evolução intelectual, e portanto através da elaboração lógica da realidade, para a criança m é frequentemente mais expressivo como representante dos sentimentos(41). Ou, como diz Piotrowski, co

mo projeções de papéis que predominaram na fase infantil e podem intervir em maior ou menor grau, na concepção realista que o adulto tem do ambiente (55).

Boizmann, verificando que a criança se projeta mais facilmente nas respostas animais que nas humanas, assinala que os caracteres mais agressivos são sempre atribuídos aos animais, e não aos homens. E acredita que esse "deslocamento" para a figura animal não é fortuito (29).

Entendemos que a noção predominantemente afetiva da criança em referência à realidade, dificulta a apreciação da complexidade que caracteriza os relacionamentos interpessoais. Ela ainda não se identifica como um ser humano, nem tem maturidade subjetiva suficiente para desenvolver uma noção distinta de si mesma e da realidade. Então, colocando-se apenas como um ser vivo integrante do ambiente, ela projeta mais facilmente as fantasias e os afetos nos animais, que oferecem menor complexidade de reações do que os adultos. A tendência a identificar-se com formas mais simples e primitivas da vida ainda é maior do que com os seres humanos. Nessa época ela é mais atraída pelos animais de pelúcia, pelas histórias cujos personagens são animais e, dependendo das possibilidades oferecidas pela família, ela possui um animal doméstico, com o qual conversa e ao qual atribui sentimentos.

Por outro lado, o adulto quando intelectualmente imaturo não consegue subordinar inteiramente o juízo de valor à reflexão objetiva: donde poder supor no protocolo de Rorschach maior número de m que de M. Isto ocorre também em momentos de autodomínio deficiente, resultante da obnubilação da consciência. Podem aflorar então tendências afetivas imaturas, latentes, como verificou Piotrowski nas suas pesquisas com alcoólatras e delinquentes. Igualmente tal dinamismo surge em circunstâncias específicas em que a intensidade emocional do estímulo dificulta uma reação psicológica mais apropriada e objetiva. Ou ainda reflete sim

plesmento imaturidade psicológica decorrente de fatores intrínsecos ou extrínsecos à personalidade.

Relações entre M e m

Normalmente, no protocolo da prova as respostas M deverão superar em número às m. É que o amadurecimento psicológico implica a passagem das idéias e das reações afetivas para um plano de abstração. E, como dissemos, o trabalho mental racional se reflete naquele primeiro determinante, ao passo que as fantasias ou as concepções ligadas a reações primeiramente afetivas determinam a associação m.

Dinamismo implícito no determinante

Movimento inanimado ou preparação para o movimento: m'

Silveira refere-se a esta categoria de determinante como "emprego subjetivo do movimento", justificando essa aceção no trabalho relacionado ao assunto: "Em vez de evocar, diante da mancha, qualquer atividade motora explícita de seres humanos ou de animais não antropóides, ou então de considerar nela apenas as formas correspondentes, o probando projeta aí reações cinestéticas que não se vinculam especificamente às formas percebidas. São intenções, são referências à incapacidade de ação, ou à preparação subjetiva da execução interpretada, são ainda atividades de elementos da natureza a agir sobre os seres ou os fenômenos correspondentes. Dessa maneira tal evocação cinética pode aplicar-se indiferentemente a seres autônomos quaisquer, a elementos inativos ou a entidades abstratas" (73).

Portanto, Silveira salienta dois tipos de dinamismos subjacentes a esse tipo de reação: um que se projeta a atividade em entidade abstrata, outro em que tal projeção subjetiva se reporta a seres sub-humanos ou a figuras humanas.

Piotrowski referindo-se às respostas m - m' em sua terminologia - assinala que as tendências que elas representam, ou os "papéis prototípicos" são bem menos integrados na personalidade do examinando do que aqueles revelados por M e por m. Os objetos que se movem nas "m'" não têm intenção nem escolha. As qualidades são determinadas e definidas por forças externas. Eles são incapazes de desejar ou de executar os próprios movimentos ou ações. Agem passivamente e sem nenhuma consciência dos resultados. Ao contrário, os agentes de M e m são os autores das próprias atividades, manifestam desejos e vontade própria. As tendências à ação reveladas por m' terão um poder director mais frágil em influenciar as relações interpessoais que aquelas reveladas por M e por m. Representam impulsos reprimidos durante o desenvolvimento psicológico e que não foram devidamente integrados na personalidade. O determinante m' pode ser comparado a um sótão onde ficam acumulados aquelas tendências da personalidade que poderiam provocar conflitos psicológicos se fossem expressas, muito embora possam ser desejáveis e aceitáveis para o próprio indivíduo (55).

Klopfer refere-se a este determinante como uma indicação de que o examinando tem consciência de forças indomáveis que ameaçam a integridade da organização da personalidade. Tais forças representam impulsos subjetivos que se contrapõem ao sistema de valores e à auto-imagem elaborada pelo sujeito. Nesse sentido indicam tensão ou conflito, e a presença de m' funciona como um sistema de alarme - isto é, sinal de previsão de conflitos internos ou externos (46).

Apenas o número elevado de m' faz pressentir dificuldades no processo de ajustamento ao ambiente, sugerindo consciência e tentativa de subordinar os impulsos primários a finalidades que se concretizam a longo prazo, ou à situação urgente.

Desse modo, m' exprimiria um tipo de reação peculiar à primeira infância e representaria, no adulto, um resíduo que não pode ser senão um elemento particular.

A discordância entre a escola de Klopfer e a de Piotrowski em relação ao determinante que agora consideramos, é que enquanto o primeiro caracteriza os impulsos representados por m' como indispensáveis e hostis, o segundo assinala o caráter desejável em nível de aspirações não realizadas dessas tendências.

Porém, analisando mais detidamente essas duas concepções verificamos que essas divergências são apenas aparentes. Decorre da maior ou menor ênfase que cada uma empresta a um dos tipos de dinamismos assinalados por Silveira e que refletem diferentes graus de amadurecimento das reações emocionais, e portanto, necessariamente das elaborações intelectuais correspondentes.

Concordando com Piotrowski, poderemos interpretar os impulsos expressos por m' como desejáveis pelo examinando, na qualidade de expressões da individualidade ("egoísmo") e portanto como manifestação instintiva. Porém, estes impulsos poderão ser e laborados como aspirações - embora considerados dificilmente realizáveis - construtivas para a adaptação social do indivíduo - (altruismo) ou então ressentidos como fonte de repercussões negativas nas relações interpessoais. Nesse último caso, tais impulsos teriam o caráter negativo assinalado por Klopfer e seus seguidores.

Além disso devemos levar em conta a conotação positiva ou negativa dessa tendência através do conteúdo associado ao determinante m'.

De qualquer forma, m' revela a presença de conflitos emocionais que serão mais conscientes e elaborados quando projetados em figuras humanas, ou primitivas, ligadas ao chamado pensamento mágico, ou ainda latentes quando projetados em seres inanimados.

Schachtel dá importância fundamental à atitude implícita do sujeito relacionada à projeção de uma resposta m'. Essa a atitude, afirma o autor, caracteriza-se por um sentimento de impotência em face do que está acontecendo, tanto no mundo externo com pequena ou nenhuma referência ao examinando quanto em relação aos eventos que o atingem acentuadamente (60).

Ora, é exatamente porque representam esse dinamismo psicológico é que Silveira classificaria tais respostas que refletem intenção ou bloqueio de movimento (no caso com conteúdo agressivo ou fóbico), como m' e não como M ligado à "contra-identificação" como faz Schachtel. O examinando sente-se impotente ante a vida, incapaz de proteger-se ou de afirmar-se. Isso leva a duas situações típicas: a) sente que não pode evitar os perigos que o ameaçam donde a insegurança e a atitude fatalista; - b) deseja ou espera reagir, se acha desamparado e incapaz de fazer esforços concretos para sua realização. Espera de modo irracional que algum tipo de milagre ocorra em sua vida sem que ele precise tomar uma decisão ativa.

Mas além dessa característica essencial assinalada por Schachtel, verifica-se que a ocorrência de m' está direta e positivamente correlacionada a duas características psicológicas:

1) Tendência à auto-observação psicológica habitual e ao devaneio. Esses hábitos de introspecção e observação dos outros tendem a reduzir a atividade direta e manifesta e aumentar a tendência a inatividade.

2) O segundo traço revelado por m' é inteligência superior.

b) SÉRIE PERSPECTIVA

Os autores em geral, desde Hermann Rorschach, incluem perspectiva na série claro-escuro, pois consideram os matizes da mancha como a característica do estímulo responsável pela elaboração destas respostas.

Mas, já o próprio Rorschach estabeleceu uma distinção para o significado da interpretação tridimensional como traduzindo dinamismo psíquico diverso. Segundo o autor do Psicodiagnóstico essas respostas acentuam a profundidade da figura como uma dimensão a mais em relação às outras interpretações. E baseando-se na própria experiência verificou que elas expressam um talento especial para a apreciação de relações espaciais, de profundidade e distância, a qual parece estar relacionada à cautela e à afetividade comedida com colorido depressivo. Esse talento, afirma o autor, frequentemente está relacionado com sentimento de insuficiência, de instabilidade. Porém, tal interpretação se refere especificamente a respostas em que a perspectiva é vista de modo difuso, sem contorno nítido - isto é, como ps e ps' - pois Rorschach distingue as interpretações de branco e preto ligadas a estruturas arquitetônicas - que seriam exemplos de Ps - como sugerindo habilidade em visualizar objetos no espaço e talento para construção. Tal habilidade implica necessariamente na participação das funções intelectuais (59).

Piotrowski distingue duas implicações principais às respostas Ps. Uma é inteligência; praticamente todas as respostas de claro-escuro com perspectiva são produzidas por pessoas brilhantes, poucas por indivíduos com inteligência média; e prova - velmente nenhum examinando com inteligência inferior dá esse tipo de resposta (55-p 265). Já na segunda implicação, referida pelo autor, surge a noção de ansiedade como elemento básico - dada a confusão que os autores em geral, inclusive Piotrowski, fazem

entre emoção e ansiedade. Daí, considerar que as respostas de perspectiva indicam, também, um modo peculiar de aliviar a ansiedade através de um interesse ativo ou passivo de tipo estético. Literatura, teatro, artes plásticas, música ou ballet, observa e le, atraem muito esses indivíduos que podem por exemplo preocupar-se em tecer comentários sobre uma determinada tragédia, considerando-a do ponto de vista literário, na medida em que certos aspectos correspondem aos seus próprios conflitos. Desse modo o probando aliviaria a ansiedade através de um prazer estético - (55-p.266). Entretanto, aí o autor deixa de observar que a própria busca de analogia entre o conflito pessoal e aquele apresentado literariamente, traduz uma preocupação em analisar intelectualmente a situação individual, comparando-a a eventos do mundo externo.

Klopfer (46) aproxima-se desta concepção - embora ainda valorizando o papel da ansiedade - ao referir-se às respostas FK (ou Ps segundo Silveira) como indicadoras de uma tentativa do indivíduo de lidar com a ansiedade através de esforços introspectivos, e procurar a extração do problema, colocando-o a uma certa distância de si mesmo de modo a examiná-lo objetivamente (46).

De modo análogo a Klopfer, mas com maior acentuação do caráter intelectual das respostas de perspectiva, Mucchielli observa que para um indivíduo dar esse tipo de resposta - que ele denomina de "estompage" - necessariamente deverá acrescentar algo ao que lhe foi dado. Ele revela, pela introdução da terceira dimensão no estímulo, o esforço em "colocar-se à distância". Então a resposta E (ou Ps) exprime uma resistência à ansiedade, uma tentativa em dominá-la através da busca ativa de estabilidade e harmonia.

Bohm, em artigo sobre a teoria "O Sistema de Binder da Série Claro-Escuro e suas bases teóricas", observa: O sistema de

Klopfer e o de Beck, que são amplamente adotados, utilizam a tridimensionalidade como um critério para a classificação das respostas de claro-escuro. Binder, também, já observara que em muitas destas interpretações (de claro-escuro) a tridimensionalidade desempenha um papel, mas não a considera como um fator essencial ou um aspecto invariável do sombreado: "... É aconselhável considerarem-se separadamente os dois aspectos: o modo de experimentar o sombreado e o critério de tridimensionalidade ". Bohm considera as respostas de tridimensionalidade como "perspectiva" e sua ocorrência como um fenômeno independente daquele que ocorre nas respostas de claro-escuro (58-p.203).

Porém, o autor que mais se aproxima da concepção de Silveira a este respeito é Schachtel (60). No livro sobre o Rorschach levanta dúvidas sobre a validade da afirmativa de que todas as respostas de perspectiva sejam reveladoras de ansiedade: pode-se dizer que as manchas são percebidas como mais simples e uniformes quando vistas como figuras nitidamente delineadas em duas dimensões e que elas perdem a simplicidade quando se lhes acrescenta uma terceira dimensão. No entanto, o mero fato de o indivíduo ver algo como tridimensional não significa necessariamente que ele esteja ansioso. Uma resposta de perspectiva com formas bem definidas não traduz ansiedade, que só pode ser considerada em casos em que a noção de distância se associa a contornos vagos ou difusos (60).

Silveira, baseando-se em estudos da psicologia genética, observa que a criança só identifica o espaço objetivo depois de ter noção do próprio corpo como unidade autônoma. A partir dessa fase evolutiva os objetos do ambiente poderão ser distinguidos simplesmente pela vista, sem intervenção do tato (74).

Então, o esquema corporal, já constituído aos três anos de idade, resulta de um afluxo de estímulos da musculação. Desde a fase fetal a criança reage através da musculação. Mas, nas

primeiras fases da vida, ela ainda não tem consciência de si mesma. Situa-se inicialmente como um objeto do meio externo. Apenas ao redor dos três anos é que ela percebe a si mesma como um ser isolado do ambiente. Portanto, no início da primeira infância, a criança não tem noção dos próprios movimentos, embora veja os objetos e pessoas que se movem. Só mais tarde ela se incluirá como elemento de comparação, podendo, portanto, reagir ao Rorschach em termos de perspectiva.

Verificamos, desse modo, que as respostas de tridimensionalidade traduzem a comparação aos demais indivíduos, o que só ocorre quando a criança começa a considerar o papel que ela representa como ser autônomo em relação ao ambiente. Mas, para que o ser humano possa realizar um exame adequado de sua posição em face do ambiente, ele precisa antes ter uma noção bem nítida de sua identidade, ou seja, autoconhecimento e auto-afirmação. Daí a expectativa teórica de as respostas M superarem numericamente as respostas Ps.

Note-se que fundamentalmente a teoria de Silveira não difere da dos outros autores, pois ele admite que a origem da resposta perspectiva é emocional na acepção de que se trata de uma ligação afetiva com o ambiente externo. Porém, Silveira não confunde emoção com ansiedade e, em sua interpretação do Rorschach, salienta o dinamismo predominante em cada série de determinantes (74).

No caso das respostas de perspectiva, o dinamismo predominante resulta da aplicação da inteligência ao meio externo (implicando no funcionamento da esfera cognitiva), a qual se torna tanto mais inadequada e subjetiva quanto menor for a participação da forma em sua elaboração. Assim, a noção subjetiva de insegurança ou, quando em grau mais acentuado, de ansiedade, caracteriza-se pela dificuldade em se situar em relação ao ambiente e,

especialmente, em relação aos outros indivíduos - neste caso, as respostas ps e ps' são mais numerosas que as Ps.

3 Esfera Afetiva: Determinantes das séries Cor e Luminosidade

Ambas as séries de determinantes expressam predominantemente os dinamismos psicológicos ligados às funções de afetividade. Porém, a primeira traduz reação afetiva intrínseca, enquanto a segunda traduz o impacto afetivo produzido pelas noções externas e portanto refere-se às reações emocionais

a) Série Cor

A compreensão do significado da resposta à cor pode vir apenas através de um estudo dos processos perceptuais envolvidos neste tipo de experiência. Schachtel (60) analisa tal experiência considerando os seguintes aspectos: 1) a atitude passiva do observador em face do impacto da cor; 2) o caráter imediato da reação, sem que seja necessário intervir o domínio da atenção e da reflexão ("a cor é gritante, enquanto as formas são silenciosas"); 3) as cores não são apenas reconhecidas mas "sentidas" como excitantes ou repousantes, dissonantes ou harmoniosas, alegres ou desagradáveis. Todo decorador sabe o quanto uma cor poderá influenciar o humor das pessoas.

Portanto, a possibilidade de provocar prazer ou desprazer, sensação agradável ou desagradável - que é uma característica dos sentidos mais elementares como o olfato, a gustação, o tato, etc. (sentidos autocêntricos) - também ocorre na percepção da cor. A reação à cor como um tipo de experiência semelhante àquele provocada pelos sentidos autocêntricos é confirmada pelo desenvolvimento ontogenético da percepção da cor comparado com o da forma. A reação da criança ante a luminosidade e a cor é anterior à sua capacidade de manipular ativamente os objetos, para perceber-lhes as formas. A criança pequena revela preferência

acentuada pelos objetos coloridos e brilhantes. Em tarefas nas quais a criança é solicitada a classificar os objetos de diferentes cores e formas ela tenderá a selecioná-los segundo as cores. Com o crescimento observamos uma tendência crescente da seleção baseada na forma. Schachtel cita o experimento de Lindberg e Werner que observaram, para esse tipo de tarefa, uma preferência progressiva pela forma, passando a cor para segundo plano à medida que o indivíduo se torna adulto. A criança inicialmente está mais sujeita ao estímulo sensorial enquanto o adulto reage ativamente ao ambiente (receptividade maior da criança).

Dworetzky, em estudo extenso sobre o desenvolvimento, obteve provas empíricas em crianças de aproximadamente 4 anos de idade até à puberdade. Ela notou uma diminuição gradual das C e CF em favor das FC

As respostas de cor na prova de Rorschach representam a afetividade e permitem medir a reação e a labilidade afetivas. Apesar de tais respostas não serem idênticas à percepção da cor, elas não podem ocorrer sem esta percepção. A reação afetiva é caracterizada pela relação direta e imediata entre a pessoa e o estímulo. Quando o afeto é intenso não há tempo de refletir, de objetivar a situação ou manter certo afastamento em relação a ela. O raciocínio poderá vir, mas sempre virá em segundo plano. A percepção da cor e as reações afetivas têm em comum a passividade e a prontidão com que a pessoa é atingida visualmente pela cor ou afetivamente pela situação interna ou externa que provocou sua reação. Mas, passividade no caso significa ser influenciado diretamente pelo estímulo externo sem uma reelaboração dos afetos e não a falta de iniciativa ou atividade. Schachtel lembra-nos que a linguagem é rica em descrições sobre o estado da pessoa que sente um afeto: ela é "tocada" pela piedade, "levada" pela inveja ou pela raiva, é "movida" pelo entusiasmo (60). O único elemento aferente do Rorschach é a cor. Os outros depen

dem de uma pesquisa, isto é, são eferentes, partem do indivíduo para o meio externo, dependem de seleção do estímulo. O indivíduo pode interpretar a cor, mas antes de tudo ele reage ao seu impacto

Shapiro (62) menciona em seu artigo os estudos de Weigl com pacientes que apresentavam lesões cerebrais e os de Haufmann e Kasanin realizado com pacientes esquizofrênicos. Nas duas pesquisas, a preferência pela cor em relação à forma ficou demonstrada nos pacientes submetidos à prova de Rorschach. O que parece caracterizar os casos patológicos é a qualidade "compulsiva" da cor, tal como é percebida por esses pacientes. E o autor conclui: "A percepção da cor é um tipo de experiência mais imediato e passivo do que a percepção da forma, exigindo menos a utilização da reflexão e da capacidade de elaboração. Ela se associa a um tipo passivo de percepção que se torna mais dominante e compulsivo e até antagônico à articulação da forma, em situações em que a capacidade de organização perceptual ativa está danificada (lesões cerebrais, esquizofrenia) ou ainda não amadurecida (primeira infância). Por outro lado, em circunstâncias satisfatórias, a cor articula-se com a forma, facilitando e enriquecendo a percepção dos objetos.

Piotrowski (55) observa que quanto maior for a sometória das respostas de cor mais intensos os desejos de se associar ou de se afastar dos outros. O caráter positivo ou negativo dos afetos revela-se através do conteúdo associado às respostas cromáticas.

Rickers-Ovsiankina (58) também acentua a natureza imediata dos processos perceptuais associada às respostas à cor. Mucchielli (53) ressalta o fato de as manchas serem realmente coloridas e portanto sua utilização nas respostas à cor revelar necessariamente uma adaptação realista, uma permeabilidade à sugestão, sem a intervenção intelectualizada dos dinamismos sub-

acentes às respostas de forma. Assim, as respostas cromáticas traduzem capacidade de comunicação não intelectual, mas afetiva e espontânea. Por outro lado, a ausência desse tipo de respostas, devido a uma desconsideração pelo estímulo cromático, constitui um ato específico, recusa, fuga da realidade. Mucchielli faz ainda a comparação entre os diversos dinamismos psíquicos envolvidos nas respostas cromáticas, nas de movimento e nas de forma: para dar uma resposta K (RM) o indivíduo impõe um movimento à mancha, utilizando sua iniciativa e decisão pessoal nesse tipo de experiência. Nas respostas de cor, ao contrário, o examinando deixa-se penetrar pela sugestão exterior que intervém como uma provocação à sua afetividade. Ele não oferece resistência nem ao impacto da cor nem à reação afetiva. Enfim, o examinando que dá uma resposta de forma coloca-se à distância, substituindo o afetivo e espontâneo pelo racional. Deste modo, conclui o autor, os RC opõem-se ao mesmo tempo à atitude que produz K (RM) e à que resulta nas RF.

As três categorias de respostas cromáticas diferem quanto ao grau com que os impulsos da individualidade (funções afetivas básicas) atuam no comportamento manifesto. Referindo-se às interpretações dos três tipos de RC, após fazer a necessária distinção entre dinamismo da resposta e dinamismo da personalidade, Silveira aceita como válida a dedução geral feita por todos os autores, desde o criador da prova: "A preponderância da forma na reação cromática (FC) traduz a capacidade de reagir de maneira adequada aos incitantes da afetividade; a preponderante utilização do valor cromático - CF - indica menor subordinação ao mundo real; e C, o emprego da cor simplesmente, exprime liberação da carga afetiva sem consideração para com a intensidade do estímulo (70-p.243/244).

Shapiro (62) observa que sob condições adequadas a cor se integra à percepção de forma, traduzindo uma experiência subjetiva em que a mesma cor adquire novas funções de economia e

enriquecimento. Portanto, como afirma Silveira: "mediante as respostas cromáticas, em relação com os demais elementos da prova, é possível desvendar a estrutura íntima do examinando e revelar os processos dinâmicos através dos quais se exprime o caráter - na acepção de disposições afetivo-conativas" (70-p.239).

A prova de Rorschach possui outros recursos além da interpretação das respostas cromáticas para aferir a afetividade. Mesmo que as RC estejam ausentes, a utilização de alguns índices nos permite avaliar as reações afetivas do probando.

b) Índice de Afetividade: Af.

Klopfer e Kelley (44) consideram a possibilidade de a contenção consciente do probando acarretar a queda ou a supressão total das respostas cromáticas; isto falsearia as conclusões que se baseassem unicamente na ausência de RC, interpretando-a como devida à insensibilidade afetiva. Construíram por isso, um índice independente dessa variável. Semelhante índice consiste na percentagem das respostas às pranchas VIII, IX e X sobre o total de respostas do protocolo. Situam-se nas três últimas pranchas, 31 dos 81 pormenores comuns, donde 38% do total. Tomando-se por base esse número, há a expectativa de que 30 a 40% das respostas nelas se localizem. Observam esses autores que enquanto a somatória de respostas cromáticas exprime sensibilidade afetiva manifesta, a percentagem de R em VIII, IX, X indica a sensibilidade geral ao estímulo afetivo do ambiente, independente de que ela se exteriorize. Então, quando o valor desse índice for inferior a 30%, isto é, quando o probando oferecer um número relativamente reduzido de respostas ao estímulo colorido, teremos uma indicação de que ele evita reagir às solicitações afetivas do ambiente: ou se sente ameaçado e confuso e se retrai como defesa, ou apresenta embotamento afetivo como disposição permanente. Por outro lado, a sensibilidade maior aos estímulos coloridos, expres-

sa em maior produção associativa para VIII, IX e X, resulta em um valor do índice superior a 40%, e reflete a suscetibilidade a tual ou latente para com as implicações afetivas do ambiente. A expressão, ou a contenção, desta sensibilidade revelam-se através da ocorrência maior ou menor das RC.

Beck(vol.III-28) procurando avaliar a liberdade de reação em face do estímulo afetivo, considera, como Klopfer, o total de associações ante as pranchas VIII, IX, X, porém as compara com o das pranchas de I a VII e não com o número de respostas do protocolo total. A faixa de variação obtida para esse índice, designado como Af., foi de 0,40 a 0,60 (média 0,60 e D P igual a 0,19). No livro "Advances in interpretation" (28) o referido autor afirma que do ponto de vista psicológico esse índice indica a prontidão para reagir ante as experiências agradáveis(p.46), quando alto; ou, quando Af. for baixo, a tendência a permanecer indiferente a este tipo de situação. Além disso, Beck observa que esta proporção (Af.) não está necessariamente relacionada com o número de respostas cromáticas. Algumas pessoas com índice Af e levado produzem poucas RC, isto é, embora potencialmente capazes de reagir afetivamente, não exteriorizam essa tendência, mas a bloqueiam.

Os autores mencionados não consideram as pranchas II e III, que possuem áreas vermelhas, como estímulos coloridos, enquanto Silveira inclui estas pranchas no grupo cromático. Desde 1944 este autor utiliza seu próprio índice Af. como expressão de afetividade, comparando-o sistematicamente ao índice de Klopfer e o de Beck. A fórmula do índice Af segundo Silveira é: $R(II,III,VIII-X) : R(I, IV-VII)$ e o valor médio encontrado foi 1,2 com DP 0,1. Quando elevado, sugere acentuada suscetibilidade aos estímulos afetivos; quando rebaixado traduz repressão ou insensibilidade afetivas.

A interpretação do índice Af exige a comparação com outros aspectos do protocolo, especialmente com os índices Eq, Eq', Imp, com as RC e com a pesquisa do choque cromático. Teremos, deste modo, informações seguras sobre a natureza dos dinamismos subjetivos desencadeados pelas disposições afetivas.

O fundamento teórico dos índices de afetividade, segundo Klopfer, Beck e Silveira, consiste na independência entre as duas variáveis: acessibilidade aos estímulos afetivos - verificada pela produção nas pranchas coloridas - e mobilização dos afetos, traduzida pelas diferentes categorias de respostas cromáticas.

c) Índice de Impulsividade: Imp.

Examinando a natureza dos estímulos representados pelas cinco pranchas coloridas podemos, de início, notar uma distinção nítida entre as pranchas II e III e as pranchas VIII, IX e X.

Mucchielli, através da análise estrutural das diferentes pranchas do Psicodiagnóstico, acentua alguns aspectos das pranchas coloridas. Em relação à prancha II o autor salienta o contraste entre o negro intenso, o grande espaço vazio interior e as manchas vermelhas com a tonalidade viva semelhante à do sangue. Além disto, observa-se uma interposição nas áreas coloridas e monocromáticas: porções vermelhas sobrepõem-se a porções escuras. Este estímulo representa, segundo o autor, situações em que a integridade e a racionalidade do probando ficam ameaçadas pela evocação súbita de impulsos afetivos arcaicos, temores primários ao vazio, à escuridão, ao sangue, à morte. Além disto, vários autores acentuam a agressão simbolizada na prancha II. Loosti-Us-teri assinala a incidência de choque ou de bloqueio ante esta prancha, como um indício de estupor relativo à própria agressividade do examinando. Outros autores acentuam a conotação sexual, como impulso primário, frequentemente atribuída à prancha II. Assim, Dähnins, Canivet e Corf (35) observaram em jovens violentos

tadas ou que sofreram ameaças sexuais, um choque "impressionante" face a esta prancha. Portanto a prancha II evoca ou provoca sensações afetivas violentas e sentimentos de ameaça à harmonia psicológica do examinando. Ela representa, segundo esses autores, um modelo situacional caracterizado pela presença da ameaça à integridade do eu, permitindo averiguar o grau de maturidade afetiva e de autodomínio do examinando em relação a estímulos primários.

A prancha III também é constituída por áreas escuras e manchas vermelhas. Porém a distribuição destes estímulos faz-se de modo diverso à da prancha II. As porções coloridas são nitidamente desligadas das monocromáticas, formando unidades isoladas. A porção branca aparece como "fundo", onde as "figuras" vermelhas e escuras são inseridas. Além disto, a área monocromática (P₁) sugere com elevada frequência a interpretação de seres humanos geralmente vistos em movimento, o que atenua a intensidade e o caráter primário das manchas vermelhas. Mucchielli afirma que o modelo de situação representada pela prancha III corresponde às circunstâncias em que a ação habitual ou manifesta impõe o reconhecimento e a decisão imediata.

A diferença assinalada por Hermann Rorschach entre as cores das pranchas II e III e as das pranchas VIII, IX, X (pois ele distingue o choque ao vermelho do choque cromático) é que as primeiras subentendem um estímulo mais biológico que social e permitem a agressão da ação psicológica individual, enquanto as outras (VIII - X) estimulam os sentimentos sociais. Observa ainda o autor que a utilização das manchas vermelhas para a elaboração de respostas diminui com a idade do probando e que este fato é expressão da capacidade em dominar os afetos, que se desenvolve com o amadurecimento individual (59-p.112). Portanto, segundo a teoria de personalidade por nós adotada, as pranchas II e III estimulam as funções da individualidade (impulsos ou instintos), en

quanto as VIII, IX e X solicitam fundamentalmente a expressão das funções de sociabilidade (sentimentos).

O caráter social dos sentimentos, das emoções e dos valores, evocados pelas cores menos intensas e mais matizadas das três últimas pranchas, assume essencialmente este aspecto na prancha VIII. Para Mucchielli a prancha VIII corresponde às situações de adaptação social em geral, de comportamento sócio-afetivo de participação nas relações interpessoais. A prancha IX já oferece maior dificuldade à interpretação, devido à falta de nitidez de seus limites internos, à mistura entre as cores, e à presença de um espaço interior vagamente delimitado por cores suaves. Esta prancha representa situações em que o probando deverá adaptar os sentimentos mais íntimos (mais próximos dos impulsos da individualidade) ao contato social. Finalmente, a prancha X, devido à fragmentação das áreas coloridas, oferece maior dificuldade à interpretação global, facilitando a apreensão isolada das diversas manchas. Portanto esse estímulo corresponde a aspectos mais práticos da vida cotidiana, que solicitam a participação afetiva do examinando.

Mucchielli observa que as respostas às pranchas VIII, IX e X traduzem o efeito dos estímulos sócio-afetivos sobre a atitude e a capacidade de produção do sujeito (em termos de inibição-fuga ou, ao contrário, de estímulo-criação), ao passo que o vermelho das pranchas II e III produz um impacto afetivo mais biológico que social (53).

De acordo com a experiência de Rapaport (57) os indivíduos normais e os neuróticos dão mais frequentemente respostas FC às pranchas VIII e X, um pouco menos à IX e muito raramente às II e III, onde ocorrem em maior quantidade as respostas CF e C.

Klopfer descreve vários tipos de fuga ao estímulo colorido na determinação de respostas (46). Um deles consiste na utilização apenas das cores suaves, enquanto as áreas coloridas

dos cartões II e III são evitadas. Esta tendência foi interpretada pelo autor como relutância em se envolver direta e afetivamente nas situações. Embora vários especialistas, desde o próprio Hermann Rorschach, tenham assinalado a natureza diversa dos estímulos coloridos representados pelos dois grupos de pranchas II e III, e VIII, IX e X, foi Silveira quem tornou possível a sistematização deste fato através da construção de seu índice de impulsividade (Imp.). Em trabalho sobre "Impulsividade e modos de dominá-la" Silveira expõe: "as respostas às pranchas II e III soem derivar de reações afetivas mais primitivas, as quais se superam com a maturação psicológica, ao passo que as provocadas pelas pranchas VIII - X se ligam a tendências socialmente mais aceitas. ... Em vez de simplesmente deduzir impulsividade ou ausência dela pela mencionada comparação (entre Af, o índice de Beck e o de Klopfer), que fizemos em mais de 1 000 protocolos, procurávamos verificação mais direta da situação afetiva. Confrontando ambos os níveis de reatividade aos estímulos afetivos, isto é, às pranchas II e III como um grupo, e às pranchas VIII - X como outro, supuzemos obter um índice de impulsividade, a que denominamos Imp. O raciocínio para este índice é o mesmo que para Af.: com qualquer número de respostas cromáticas, ou sem resposta alguma nesta categoria, cada qual pode exibir os dinamismos subjetivos desencadeados pelas disposições afetivas. Se estas obedecem a impulsos primitivos e pouco elaborados ou a sentimentos melhor aceitos socialmente, isso se traduzirá pelo nível mais elevado ou mais baixo, respectivamente, do índice Imp." (75). O valor médio obtido por Silveira em uma população de adultos normais, foi 0,34 com DP. 0,05.

Hermann Rorschach define impulsividade como descargas de afetos que se acompanham de exteriorizações motoras imediatas, estabelecendo assim uma correlação da afetividade e a motilidade. Os impulsos representariam então o mais alto grau de labilidade afetiva, que só poderia ser contida através dos dinamismos implí

No cálculo do índice Imp., de Silveira, torna-se indispensável a verificação do dinamismo responsável pelo resultado obtido. Por vezes, as fantasias associadas aos impulsos afetivos e evocadas pelas pranchas II e III, provocam emoções tão intensas que o probando se sente incapaz de dar qualquer resposta a estes estímulos, o que, conseqüentemente, acarreta um rebaixamento do índice Imp. Tal rebaixamento, no caso, não deverá ser interpretado como baixa impulsividade, mas exatamente ao contrário: presença intensa de impulsos primários, determinando ansiedade e bloqueio no trabalho mental do probando.

d) Equilíbrio das Forças Subjetivas: Eq e Eq'

Já fizemos referência ao significado da Escala Cromática e ao da Escala Cinestética como representantes de dinamismos psíquicos diversos das esferas afetiva e intelectual da personalidade. O estudo específico das proporções e das características, que assumem as diferentes categorias de ambas as séries, oferece informações fundamentais sobre os dinamismos preponderantes em cada protocolo considerado.

Hermann Rorschach, baseado no confronto específico entre as respostas de cinestesia humana ou de antropóides e as respostas cromáticas, refere-se aos diversos tipos de capacidade de contato afetivo que os indivíduos podem estabelecer com o ambiente. De um modo geral, o autor menciona as seguintes modalidades de adaptação:

1. Indivíduos que apresentam dificuldade em estabelecer ligações afetivas mais amplas e indiscriminadas com os demais, tendem a selecionar as relações interpessoais, que embora pouco extensas se tornam assaz profundas e significativas. Tais ligações são extremamente proveitosas, tanto para o próprio indivíduo como para aqueles com quem se relaciona. Porém, os vínculos afe

tivos que se estabelecem nem sempre se baseiam em concepções reais e objetivas: às vezes acham-se revestidos de elaborações pessoais e de caráter pouco prático e concreto. Seus interesses gravitam mais em direção da vida intrapsíquica do que em direção às solicitações imediatas do mundo exterior. Possuem inteligência mais criadora, crítica, original. Este tipo de adaptação traduz-se, na prova de Rorschach, especialmente pelo predomínio das respostas M sobre as cromáticas (tipo M).

2. Outro tipo de contato afetivo é o estabelecido por indivíduos que facilmente fazem amizades ou criam conflitos, são expansivos e necessitam da aprovação e do reconhecimento do ambiente externo. As relações interpessoais são extensas, porém instáveis e superficiais. As pessoas em geral sentem-se bem ao seu lado, pois eles são francos, conversadores, animados, dispostos a tudo fazer e resolver; entretanto, acabam percebendo que seus propósitos são momentâneos, que na realidade não podem contar com eles para todos os momentos. Sua inteligência é prática e voltada para a realidade. Revelam eficiência pela animação e objetividade mas não pela originalidade ou pela riqueza de concepções. Encontraremos nos protocolos de Rorschach destes indivíduos um predomínio de respostas cromáticas sobre as cinestésias humanas (tipo C).

3. Podemos ainda observar que alguns indivíduos, geralmente os bem dotados, possuem a capacidade de relacionar-se facilmente com os demais e, ao mesmo tempo, de considerar seriamente e com profundidade as ligações afetivas. Podem por momentos interessar-se pelos inter-relacionamentos humanos mais amplos e sociais, mas, quando necessário, detêm-se em reflexões íntimas e originais sobre a natureza dos próprios vínculos afetivos. No protocolo de Rorschach revelarão igualdade entre as respostas de M e as RC (poderíamos denominá-los tipos M e C).

4. Finalmente, existem indivíduos cujo contato afetivo com o ambiente é extremamente superficial, restrito e pobre. Eles se apegam principalmente à realidade objetiva imediata, ao aspecto cotidiano, prático, rotineiro, da experiência. Revelam-se excelentes burocratas ou "homens práticos". Por outro lado podem não assim reagir devido à tendência depressiva e ao desinteresse que revelam em estabelecer vínculos afetivos ou criações intelectuais, o que exigiria a utilização de energia individual de que não dispõem. Esses indivíduos reagem à prova de Rorschach fornecendo um número muito reduzido de respostas cromáticas e de cinesias, quando o fazem. No psicograma geralmente predominam as respostas formais (poderíamos designá-los como tipo F).

Hermann Rorschach observa que estes tipos não representam psiquismos que se oponham mutuamente mas apenas dinamismos diferentes que podem combinar-se de modos diversos em indivíduos diferentes e mesmo em diferentes épocas da vida do mesmo indivíduo, segundo o predomínio de determinadas forças subjetivas sobre outras, ou segundo as diversas solicitações do ambiente externo. Baseado em tais verificações, o autor do Psicodiagnóstico refere-se às relações entre estes diferentes tipos de adaptação afetiva à realidade e a proporção M: E C, índice que denominou "Erlebnistypus". O "Erlebnistypus", com o qual o homem "experimenta", é um sistema muito mais amplo do que o sistema com o qual ele "vive". Para experimentar, o indivíduo possui uma série de registros e desta série ele apenas utiliza alguns elementos para as ações (59-p.88). O "Erlebnistypus" revela a extensão do aparelho com o qual o indivíduo poderia viver, mas, em si mesmo, ele não pode revelar - salvo em circunstâncias particularmente favoráveis - as partes do aparelho que o indivíduo põe em jogo em sua vida ativa (59-p.88).

Designamos este índice como "Equilíbrio de forças subjetivas" ou Eq, como o faz Silveira, uma vez que este índice traduz

influências, as influências do humor, da função lógica consciente e da função lógica inconsciente, adequada, automatizada" (59-p.76). Posteriormente, comenta o autor do Psicodiagnóstico que a capacidade de contato, a capacidade de empatia, a sugestibilidade, a impulsividade, cada uma de suas características, se apresentam de modo diverso segundo o E_q e a proporção FC: CF: C (p. 105).

O aspecto que nos parece fundamental para a interpretação deste índice refere-se ao caráter refreioador e estabilizador das reações que é atribuído ao fator M: resposta que afere as concepções lógicas, emocionalmente amadurecidas e que indiretamente interfere na manifestação impulsiva da afetividade. Piotrowski comenta no capítulo sobre as respostas cromáticas: "A soma ponderal das respostas cromáticas em si mesma, dá-nos uma medida aproximada da facilidade e da frequência com que as emoções surgem no probando. Ela não pode revelar o grau de egocentrismo ou a consideração pelos outros, associados às atitudes emocionais; tais aspectos são expressos primariamente pela relação entre as respostas FC: CF: C. Quanto maior for a somatória C e menor o número de M, mais essencial será para o ajustamento social e para o conforto subjetivo do indivíduo o contato com os demais, maior será a necessidade de ser aceito pelo grupo, mais acentuada a inclinação em agir de conformidade com os padrões grupais" (55-p.227/228).

Mas, também para este índice, verificamos a intervenção pertinente de Silveira no sentido de aumentar a objetividade da interpretação do psicograma. Tendo em conta o significado relativo e variável deste índice, o mencionado autor acrescenta um elemento indispensável para a compreensão dos resultados: "Considerando essas duas escalas de fatores associativos verificamos que Rorschach comparou no Erlebnistypus situações psicológicas heterogêneas: atividade intelectual em plano amadurecido, peculiar ao adulto, e disposições afetivas que exprimem a média entre in-

a própria experiência como resultante do equilíbrio de forças da personalidade (70-p.110). E, como lembra Silveira: "em português experiência descreve exatamente o sentido de Erlebnis: carga subjetiva em função da qual o indivíduo experimenta as diferentes situações durante a vida e que assim se lhe incorporam ao modo de reagir" (70-p.109)

O índice Eq foi obtido pela comparação entre o número absoluto de respostas de movimento humano ou antropóide (M) e a soma ponderal das respostas cromáticas. A reação cromática mais frequente e portanto mais objetiva é FC; a mais subjetiva, mais ligada a reações afetivas primárias, é C, enquanto CF ocupa uma situação intermediária. Daí o valor ponderal - FC = 0,5, CF = 1,0, C = 1,5 - que Rorschach estabeleceu para as respostas cromáticas.

Examinando o dinamismo do índice Eq, Silveira observa: "A comparação dos valores ponderais aqui referidos faz-se portanto em dois planos: ou as tendências afetivo-intelectuais, tomadas em conjunto, são suplantadas pelo predomínio do esforço conativo - na nossa maneira de ver - ou, por outro aspecto, elas se manifestam livremente e os termos que as compõem podem ser con-frontados entre si" (70-p.109).

Utilizando a terminologia de Jung, embora não a sua interpretação, H. Rorschach refere-se aos diversos tipos de Eq como "tendência para a introversão" (tipo M), "tendência para a extroversão (tipo C), tipo ambíguo" (M = Σ C) e "tendência para a coartação" (tipo F). Utilizamos a expressão "tendência para", ao nos referirmos aos diversos tipos de Eq, para preservarmos o significado que eles assumem na concepção de Rorschach: "Os diversos tipos não devem ser considerados de modo absoluto; eles sempre se apresentam sob a forma de combinações onde domina um ou outro. Cada uma das qualidades mencionadas recebe também outras

tegração plena e liberação apenas latente. É verdade que o trabalho mental, traduzido em M, sofre a regência conjunta de todos os sentimentos, quer socializados (FC), quer primitivos. Mas não é menos evidente - segundo a exposição clara e aprofundada de Piotrowski - que na reação mental 'movimento' se incorporam m, como noções abstratas de si mesmo, propiciadas pela evolução individual, e m', que traduz o aspecto recôndito dos pensamentos. Seria assim desejável, segundo nos parece, homogeneizar os termos da comparação. Dado que M, m e m' surgem no protocolo do adulto médio em proporções comparáveis às de FC, CF e C, temos como razoável estender àqueles determinantes o valor ponderal que Rorschach criou para estes: $M=0,5, m=1,0, m'=1,5$ pontos. Onde a comparação entre SM e SC, a qual constitui a nossa variante Eq', para com Eq" (70-p.123/124).

Deste modo comparamos a reação afetiva do probando em relação aos dois níveis de reações intelectuais: o nível manifesto, consciente, atual, expresso por M, e o nível latente, profundo, ligado às concepções e fantasias infantis - representados por m - ou às aspirações e repressões subjetivas - refletidas em m'. A comparação entre os índices Eq e Eq' nos revelará a harmonia ou não entre as reações afetivas subordinadas conscientemente às elaborações intelectuais (Eq) e as reações afetivas relacionadas com tendências mais subjetivas e habitualmente não exteriorizadas (Eq').

e) Série Luminosidade

Estes determinantes ainda causam grandes controvérsias entre os teóricos do Psicodiagnóstico. Vários autores consideram as respostas de luminosidade e as de perspectiva como fazendo parte de uma única série de determinantes, quando, na realidade, obedecem a dinamismos psicológicos diversos e portanto deverão ser classificados como determinantes distintos. Os primei

ros projetam estados emocionais e portanto medem reações particulares da esfera afetiva; os últimos envolvem necessariamente o contato intelectual em relação ao mundo e portanto se relacionam com a inteligência. O importante na interpretação da prova de Rorschach é a consideração dos mecanismos psicológicos que estão implícitos em um determinante e não o estímulo objetivo em si, que seria um mero ponto de partida.

Nesse campo encontramos uma contribuição fundamental de Silveira ao Psicodiagnóstico. Baseado em sólidos conhecimentos teóricos em psicologia e psiquiatria à luz das formulações filosóficas de Comte, ele foi capaz de aprofundar e elucidar o dinamismo implícito na resposta de luminosidade, diversificando-a da resposta de perspectiva. Além disso, Silveira esclarece no artigo "Significado não ansioso da série luminosidade" a confusão reinante na maioria dos psicólogos entre o conceito de emoção e o de ansiedade.

Seguindo as diretrizes desse rorschachista notável, procuramos resumir os principais dinamismos relacionados à série luminosidade.

As respostas de luminosidade consistem na seleção das diferentes gradações de luz no estímulo externo. Tal dinamismo envolve a ocorrência da emoção. Todo conhecimento do meio externo está ligado à emoção, que é um elemento básico na aprendizagem. A emoção resulta do impacto do conhecimento, ou da noção (real ou idealizada), sobre o mundo afetivo, permitindo o contato entre o meio externo e a adaptação, embora não seja necessariamente consciente.

A emoção acompanha o amadurecimento psicológico: é imperativo de nossa espécie que as noções adquiridas sejam continuamente destacadas dos valores emocionais, tornando-se tanto menos impregnadas de emoção quanto mais abstratas. Por outro lado, se

anormalmente intenso, ou se o processo de maturação afetivo-emocional não se efetuou integralmente, o estímulo poderá desencadear dinamismos psicológicos anormais ou prejudicar o trabalho mental.

Schachtel (60) observa que geneticamente a percepção do tom emocional positivo ou de tensão e ansiedade precede o aprendizado da linguagem e a própria compreensão do conteúdo daquilo que lhe é dito. Ela se desenvolve a partir da noção que a criança tem de seu próprio conforto ou desconforto em contato com a mãe e do estado de ânimo materno. Essas impressões são trazidas inicialmente à criança através do sentido da musculação, da sensação táctil e olfativa e, gradativamente, com a maior contribuição da audição e da visão. Mas antes do predomínio dos sentidos mais diferenciados, a criança sente o mundo de modo acentuadamente emocional. A empatia descrita por Sullivan (20) relaciona-se estreitamente a este tipo de percepção, influenciada predominantemente pela afetividade, e com reduzida participação da inteligência. Posteriormente, em uma fase mais tardia do desenvolvimento, a atenção no óbvio (visualmente, aspectos formais), e ao conteúdo (verbalmente) com frequência reduz essa capacidade de apreender as tonalidades do ambiente e, especialmente, as gradações emocionais dos seres humanos. A intensidade dessa redução dependerá, em grande parte, do estímulo cultural exercido sobre o indivíduo. Por outro lado, se a emoção atingir a um nível demasiadamente elevado, será traduzida em ansiedade. Porém, emoção e ansiedade não são equivalentes.

Schachtel observou que pacientes com severa depressão ou ansiedade, geralmente não dão, no Rorschach, resposta de luminosidade. Apenas aqueles com depressão menos grave, que procuram no ambiente "sinais" que justifiquem a depressão ou o pessimismo, dão as respostas mais subjetivas (1 ou 1') dessa série. No caso das respostas de luminosidade, de modo diverso ao que ocorre nas

respostas cromáticas, o examinando atende aos diferentes matizes e frequentemente os sente com um determinado tom emocional; mas antes ele precisa procurá-las para então reagir a elas, uma vez que não apresentam um contraste tão marcante nas manchas. Por tanto, o significado fundamental da série luminosidade L, l, l', C', seria a reação emocional manifestada em graus diversos de objetividade, não implicando necessariamente depressão ou ansiedade.

A interpretação L revela o predomínio do processo intelectual de abstração, a partir de um trabalho de dedução em que o indivíduo dissocia os vários elementos do meio externo e em seguida cria novas formas segundo a própria concepção e de acordo com as necessidades atuais. Em todo trabalho mental em que predomina a "abstração" ocorre necessariamente a participação do interesse afetivo e do estímulo conativo ("coragem" ou iniciativa), o que permite ao indivíduo uma plena adaptação emocional às várias situações objetivas, de forma flexível e criadora. O tipo de adaptação emocional representado pela resposta L caracteriza-se pela sensibilidade em apreciar as atitudes ou as variações emocionais dos outros indivíduos, em ter tato e cautela nas relações pessoais, em tomar consciência, e aceitar as necessidades afetivas experimentadas como desejo de aprovação, de aceitação por parte do ambiente.

Já nas respostas C' o elemento emotivo não constitui traço individual, mas uma experiência emocional resultante do amadurecimento psicológico, e portanto da adaptação cultural. Reflete o conjunto de experiências no mundo desde a infância e, portanto, assimilação dos elementos de aculturação individual. Para Klopfer as RC' representam a constelação afetiva da "criança queimada", isto é, revelam que o indivíduo aprendeu a temer seus afetos em razão de desapontamentos anteriores muito intensos. Mas de modo geral, C' corresponde ao trabalho mental de indução, em que o indivíduo associa e assimila os vários dados de experiên -

cias através de uma observação concreta, direta, e menos ligada a elaborações abstratas como L.

Assim, L e C' representam duas modalidades diversas de reação emocional adaptada, sendo que o segundo é bem mais frequente na população média. No caso de C' intervêm as funções afetivas da construção e sob a regência da conação (prudência), enquanto em L o trabalho mental está sob o ascendente da necessidade afetiva mais individual, ligado ao imperativo em agir por si mesmo, de dominar o ambiente de modo adequado.

A resposta "1" representa uma experiência menos diferenciada que L e C', pois envolve maior participação da afetividade e maior preocupação com sensações subjetivas referentes à informação táctil, mas ainda envolvendo observação intelectual e percepção abstrata (inferência, através da visão, de textura, de relevo). Em suas primeiras experiências o ser humano acha-se sujeito às necessidades e aos impulsos afetivos e nessa fase as sensações tácteis, as de calor, a sensação muscular e o olfato, presidem o contato inicial com a realidade, resultando assim em noções ainda sincréticas dos fatos. Essas reações emocionais, muito primárias, acham-se refletidas nas respostas "1" que, quando em proporção inadequada, indicam ansiedade, insegurança ou, de modo geral, retração emocional.

f) Comparação entre as esferas intelectual e afetivo-emocional

1. Nível Manifesto

Já nos referimos nesta dissertação aos determinantes que traduzem as reações intelectuais em nível mais amadurecido e consciente: as cinestésias humanas e a projeção de tridimensionalidade com forma predominante. As primeiras, representadas pelo símbolo M, correspondem às elaborações intelectuais fundamentalmen-

Em suma, de modo análogo ao que fazemos com o índice Eq, comparamos as tendências intelectuais em nível consciente com as reações afetivo-emocionais quer impulsivas, e quer adaptadas, que se refletem no comportamento manifesto. Donde resulta a proporção $(Ps+M):(L+C)$.

2. Nível Latente

Quanto às reações intelectuais latentes, representantes de uma fase anterior de desenvolvimento em que as concepções ainda se acham subordinadas aos juízos de valor, às fantasias emocionais que caracterizam a adaptação imatura do indivíduo ao ambiente, são elas traduzidas no Rorschach pelos determinantes m e m' . Tais reações, na realidade, nunca desaparecem inteiramente da vida mental do ser humano adulto. Elas participam, embora de modo subordinado, em cada elaboração que se faz dos estímulos externos e, conforme a natureza das situações, muitas vezes chegam a ultrapassar o raciocínio lógico e refletido, representado no caso pelo determinante M . Consideramos assim como reações intelectuais potenciais, que interferem - em maior ou menor grau - com o trabalho mental consciente, as associações m e m' e não as categorias ps e ps' : estas últimas representam expressões mentais que não atuam no trabalho intelectual normal, uma vez que são assimiladas pelo esforço adaptativo correspondente a Ps .

Por outro lado, como expressão latente das reações emocionais e que permanecem como "pano de fundo" de toda experiência afetiva, mesmo as mais adaptadas, estão as reações subjetivas fundamentalmente associadas ao sentido do tato. Esse tipo de contato preside as primeiras ligações da criança com a realidade externa; e, na idade adulta, concorre, em plano inconsciente, para dar um sentido afetivo e pessoal às experiências objetivas. É representado na prova de Rorschach pelo determinante "1",

te ligadas à estrutura da personalidade e indispensáveis ao estabelecimento da auto-afirmação, da formulação individual e criada aos dados do ambiente. Porém, a autonomia individual, o desenvolvimento de papéis básicos durante a evolução do pensamento lógico nas relações interpessoais, não são suficientes para a plena adaptação intelectual à realidade. Impõe-se ao indivíduo que ele se situe objetivamente frente às exigências da realidade externa, comparando-se com os demais e utilizando a elaboração intelectual de acordo com as solicitações ambientais. Tal dinamismo acha-se representado na prova de Rorschach pelo determinante Ps.

Teremos então, como representantes do trabalho intelectual, os dois grupos de elaborações mentais; aquelas intrínsecas, que regem o contato do ser humano adulto com os dados do ambiente, no sentido de autonomia individual - M; e as extrínsecas, derivadas do estímulo externo e exercidas como adaptação e realização construtiva-Ps. É de se esperar que as últimas se desenvolvam a partir da evolução adequada das primeiras: as respostas Ps devem ser numericamente inferiores às M.

Por outro lado, as reações afetivas mais impulsivas podem ocorrer mesmo no comportamento adulto, opondo-se à elaboração refletida. Tais reações egocêntricas e imediatas são representadas na prova de Rorschach pelo determinante C. Porém, os impulsos traduzidos em C não são os únicos representantes das reações afetivas. A integração afetiva do ser humano ao ambiente exige, necessariamente, sua ligação emocional. E o modo mais diferenciado e adaptado de manifestação das emoções traduz-se no Rorschach pelo determinante L. Representamos então ambos os componentes característicos da reação afetivo-emocional, como polos extremos - embora não se excluam mutuamente - pelos determinantes C e L.

o qual pode ser acrescido, e às vezes substituído, pelo determinante "l'". Além disso, como representativo de uma adaptação emocional que embora adequada é mais primária e menos criadora que L, temos as reações expressas pelo determinante C', dependentes de experiências concretas e indutivas com o ambiente. Tal adaptação permanece como forma latente de ligação à realidade externa, mesmo nos casos em que a elaboração lógica predomina sobre os juízos de valor.

Em suma, de modo análogo ao que procedemos com o índice Eq', comparamos as tendências intelectuais que permanecem em plano profundo, interferindo indiretamente sobre as concepções abstratas do indivíduo adulto, com as reações emocionais também subjetivas ou menos criadoras, e que igualmente estão presentes em todo contato afetivo com a realidade. Donde resulta a proporção $(m+m') : (l+C')$.

A comparação entre as proporções $(M+Ps):(L+C)$ e $(m+m'):(l+C')$ nos permite avaliar o grau de harmonia psíquica existente entre o trabalho intelectual e as reações afetivo-emocionais, por um lado no plano manifesto e por outro em nível latente de consciência.

C. CATEGORIAS DE CONTEÚDO

Passaremos agora a examinar o 3º componente da classificação de uma resposta na prova de Rorschach: o conteúdo.

Ao examinar as manchas o probando é estimulado por determinados nexos psicológicos - determinantes - e seleciona áreas específicas - modalidades - durante a elaboração do percepto. Em seguida deverá comunicar o resultado do trabalho mental, ao examinador, isto é, deverá expressar verbalmente aquilo que "vê" em cada um dos cartões, no momento em que isso ocorreu. Em hora utilizemos o conteúdo verbal comunicado para fins de classificação da resposta, devemos necessariamente observar e anotar as demais maneiras evidenciadas pelo probando ao enunciar sua resposta: a reação fisionômica, a mímica, observações paralelas - que reforçam e esclarecem o significado pessoal do percepto.

Diferentes especialistas na prova de Rorschach, tais como Beck, Schachtel, Piotrowski, Mucchielli e Silveira, acenam a impossibilidade, já assinalada pelo próprio Hermann Rorschach, de se efetuar uma análise de conteúdo desvinculada dos demais elementos do psicograma. Afirma o autor do Psicodiagnóstico: "O conteúdo das respostas oferece-nos poucas indicações sobre o conteúdo da psique, a menos que seja comparado com o psicograma total"(59-p.132). Realmente, a prova de Rorschach não é um método de associação livre, pois os elementos que estudamos não são os conteúdos que surgem espontaneamente na consciência do probando, mas, essencialmente, os aspectos concretos obtidos a partir das manchas e o dinamismo perceptual responsável pela elaboração de determinado conceito. Schachtel adverte os rorschachistas contra a análise isolada do conteúdo explícito: "Segundo a concepção de Hermann Rorschach a interpretação do conteúdo está ligada a uma qualidade perceptual da resposta e, também, à configuração total do protocolo de Rorschach. Existem boas razões pa

ra não se usarem conteúdos específicos fora desta linha de interpretação. Essas razões não incluem nenhuma pressuposição de que o conteúdo das respostas esteja desvinculado dos impulsos, das necessidades, dos afetos, dos interesses, das defesas e dos modos de adaptação à realidade. Mas, principalmente, porque os conteúdos estão mais ligados a estruturas adaptativas e defensivas do que a expressões diretas de necessidades e impulsos" (60-p.258). Frequentemente se pressupõe - critica Piotrowski - "que o mesmo conteúdo tenha as mesmas implicações psicológicas não importando o estímulo que o evocou, o que é evidentemente falso". ... (55-p.325). "A ligação entre o conteúdo verbal descrito pelas imagens contidas na reação perceptual e os aspectos formais expressos pela área e pelo componente determinante é bastante estreita tanto lógica como psicologicamente; o conteúdo e o aspecto formal não podem existir um sem o outro" (55-p.323). Mas, uma vez feita essa ressalva, Piotrowski admite: "quando isolados (os conteúdos) - têm significados próprios e em certa extensão podem ser medidos e investigados separadamente" (55-p.323).

Vejamos então quais os aspectos que poderão ser revelados através do estudo do conteúdo explícito:

1º) Aspecto quantitativo: extensão da faixa de conteúdos em um protocolo de Rorschach.

Beck (vol.II, 28-p.42), entre outros autores, verificou que a extensão dos conteúdos varia diretamente com o funcionamento intelectual: "Nos indivíduos superiores, aqueles que tiveram oportunidade de adquirir cultura, a ampla faixa de conteúdos não é apenas um índice potencial mas também um índice do grau de desenvolvimento atual através da educação, treinamento especializado, ampliação de contatos com as artes, viagens, etc. E, inversamente, a faixa restrita de conteúdos está ligada ao menor grau de funcionamento intelectual, ou porque o probando seria pouco dotado, ou por estar ansioso, deprimido, ou por ser habitualmente rígido e inibido".

Em uma pesquisa sobre "Variedade dos conteúdos e nível cultural verificados através da prova de Rorschach", Bolzinger, Rossel e Ebtinger verificaram que a abundância e a variedade dos conteúdos no Rorschach exprimem mais o nível cultural do que o nível intelectual do probando. Eles não permitem o julgamento da capacidade intelectual, mas têm uma relação direta com a curiosidade e as aquisições culturais do probando. Coincidindo com a verificação de Beck, Mucchielli observa: "O conteúdo nos fornece por um lado a orientação sobre os interesses espontâneos do probando e por outro, o grau de riqueza ou de variedade de sua vida mental" (53-p.36). Evidentemente, para satisfazer a intenção de responder a um estímulo ambíguo, o probando necessariamente utiliza as imagens mais familiares ao seu mundo subjetivo. Do mesmo modo que cada um de nós tem seu "vocabulário", código predominante e pessoal, retirado do vasto domínio da língua, também no Rorschach essa mesma imposição ocorrerá, a partir de temas facilmente mobilizáveis e portanto expressivos da orientação dos interesses pessoais entre os probandos. A variedade dos temas é, portanto, um índice da multiplicidade de interesses enquanto o inverso é a restrição obcecante de uma categoria de imagens - (53-p.37).

Em suma, a faixa de conteúdos explícitos permite-nos conhecer a amplitude ou a variedade de interesses do probando em relação ao ambiente e que tanto poderá ser determinada pela curiosidade intelectual como pela motivação afetiva.

2º) Aspecto qualitativo: níveis de estudo do conteúdo.

Podemos considerar, em um determinado nível de interpretação, apenas o conteúdo explícito que pode ser aferido estatisticamente quanto às categorias principais e enquadrado na estrutura do psicograma e, portanto, sujeito às normas gerais de elaboração. Através de um estudo mais aprofundado, podemos considerar o significado latente do conteúdo explícito. Esse nível de

verificação deverá necessariamente submeter-se à pesquisa das relações entre o conteúdo considerado e outros aspectos formais do psicograma: modalidades e determinantes. Sabemos que o mesmo conteúdo assumirá significado diverso conforme a área em que foi visto e o estímulo que foi utilizado. Assim, por exemplo, um conteúdo agressivo tanto poderá revelar agressividade do próprio probando como a noção que ele tem de que o mundo lhe é hostil. A interpretação simbólica dos conteúdos apenas será admissível - co-mo ocorre com a interpretação dos sonhos - quando o examinador tiver conhecimento prévio das experiências e reações anteriores do probando; e, ainda assim, os resultados poderão ser discutíveis.

Consideramos a seguir, de modo sumário, quais os possí-
veis significados dos diferentes tipos de conteúdo quando asso-
ciados aos demais componentes da resposta à prova de Rorschach:

A) Componentes determinantes como indicadores de características específicas dos conteúdos.

a) Movimento humano - M

1 - Qualidade das fantasias utilizadas pelo ego para uma criação intelectual consciente; 2 - Caráter das atitudes básicas do probando que lhe imprime determinadas características às relações interpessoais: amistosas, competidoras, agressivas, submis-
sas, eróticas; 3 - Grau de identificação com as tendências e si-
tuações descritas em relação à figura humana vista em movimento :
desde tendências plenamente integradas e aceitas como desejáveis,
até aquelas indesejáveis, causadoras de ansiedade e insegurança ;
4 - Tendências básicas que norteiam o comportamento habitual do
probando.

Estas tendências não são necessariamente individuais e
originais, podendo ter um caráter mais grupal e ser compartilhadas
pela maioria (M com conteúdo vulgar).

b) Movimento animal - m

Reações afetivas ligadas a situações experimentadas na infância e que foram especialmente significativas para o probando. Fantasias não conscientes que se referem a necessidades primárias e pouco socializadas.

c) Movimento inanimado ou noção subjetiva de movimento - m'

Sentimento de impotência ou de irresponsabilidade ante as exigências ambientais (objetos em movimento); expectativa passiva de que o ambiente apresente uma solução aos próprios problemas (objetos, animais ou pessoas flutuando); noção, plena ou inconsciente, da necessidade imposta socialmente de refrear os impulsos; ou reconhecimento das próprias limitações e da incapacidade em realizar-se plenamente: o grau de reconhecimento dos conflitos pode ser aferidos através da projeção do movimento em seres inanimados, em animais ou em seres humanos - como intenção não realizada, ou como bloqueios de movimentos.

d) Conteúdos de respostas cromáticas:

Correspondem, segundo Hermann Rorschach, aos símbolos encontrados nos sonhos. As respostas C representariam sentimentos mais poderosos e profundos. De modo geral, revelam a interferência de fantasias afetivas no senso da realidade. De acordo com a concepção de Piotrowski a diferenciação em resposta cromática positiva e negativa só é possível através do conteúdo a ela associado. A sensibilidade aos estímulos afetivos do ambiente não indica, em si mesma, caráter positivo ou negativo. Para entender a dinâmica da personalidade de um indivíduo é necessário conhecermos a intensidade de suas reações positivas - representa das pela atração ou pelo desejo em associar-se a outrem e de aceitá-lo - e, a intensidade das reações afetivas negativas - isto é, da repulsa ou do desejo de afastar-se dos demais, de rejei

tá-los ou de agir apenas segundo os impulsos primários. Daí a divisão feita por Piotrowski das respostas cromáticas em positivas e negativas(55). Como exemplos das primeiras temos: flores, paisagem, arte, alimento, sexo em um contexto de afirmação da vida, fogo como fonte de calor e não de destruição. Exemplos de RC negativas seriam: incêndios, sangue associado à violência, injúria, ferimentos, anatomia, e todas as respostas que impliquem em desgosto, desorganização, destruição e degradação.

e) Conteúdos de respostas formais:

Os conteúdos associados ao determinante forma representam, não as atitudes psicológicas interiores e pessoais, mas, principalmente, as atividades externas, manifestas, físicas. Assim, quanto maior o grau de repressão do probando maior será a ocorrência das respostas de forma. Piotrowski observa que as RM exprimem atitudes muito mais fundamentais, poderosas e subjetivas do que aquelas reveladas pelas RF. Estas são frequentemente livres de material complexo, e indicam qual a expectativa do probando perante os eventos ambientais - seja ela agradável ou desagradável (55-p.333). Assim, a agressividade ou a afeição observadas em um conteúdo associado a uma resposta formal refere-se à percepção que o probando tem sobre a ação do ambiente em relação a si e não à maneira de ser habitual ante as exigências ambientais, a qual seria revelada principalmente pelas respostas M.

No entanto, é necessário distinguirmos os diferentes tipos de respostas de forma para interpretar mais precisamente os respectivos conteúdos. E quem o estabelece de maneira adequada e precisa é Schachtel que distingue entre respostas de forma "ordinária", "especial" e "dinâmica": A resposta de forma "especial" baseia-se em uma captação convincente, dinâmica, flexível, das manchas. Revela liberdade associativa, decisão individual e organização própria dos estímulos externos. Não assinala inibição, nem repressão, nem objetividade impessoal e não constitui um mo-

do pobre de percepção, como acontece com a forma "ordinária". Estas denotam percepção baseada nas semelhanças óbvias, que compõem ou correspondentes a um esquema familiar (principalmente as formas ordinárias com conteúdo vulgar). As respostas de forma "especial" relacionam-se positivamente com um tipo de experiência dilatado e podem ocorrer combinadas com luminosidade, cor e, especialmente, com movimento. As formas ordinárias, ao contrário, tendem a representar as atitudes e os traços tradicionalmente descritos para todas as RF, e podem acompanhar tanto as tendências à coartação como à dilatação (60-p.115/116). O contraste não é absoluto mas representa extremos de um continuum cuja escala vai desde um interesse vivo e criador até um interesse impessoal; de uma atitude convencional e subjetivamente pobre até uma imparcialidade dinâmica e pessoalmente significativa.

As formas "dinâmicas" e as formas "especiais" têm um aspecto em comum: a ausência de uma qualidade neutra e impessoal. A forma especial usualmente baseia-se em um interesse vivido, consciente, pela forma particularmente percebida, enquanto as formas "dinâmicas" estão sempre correlacionadas a complexos pessoais que podem ser conscientes, ou não, e tais respostas poderão vir acompanhadas tanto por interesse consciente como por emoção intensa. As formas "dinâmicas" podem ser tanto F+, como F-, ou F. As formas "especiais" e as "ordinárias" são sempre F+ (60-p.124).

f) Conteúdos de respostas da série luminosidade:

Tais conteúdos revelam o tipo de emoção a que o probando se acha sujeito e o impacto afetivo que as noções reais ou imaginárias do ambiente exercem sobre o indivíduo, desde as mais conscientes e objetivadas (associadas às categorias L e C') até as mais subjetivas e latentes (I e I').

Beck (vol.II, 28-p.46) assinala respostas tais como "barro", "sujeira", "carne", "tecidos em decomposição" como ligadas a preocupações de teor depressivo.

g) Conteúdos de respostas da série perspectiva:

Hermann Rorschach observa que conteúdos de arquitetura, como castelos, torres, construções grandiosas, traduzem sentimento de inadequação e desarmonia. O probando por um mecanismo de compensação para com sua própria inferioridade (especialmente quando M é menor que Ps, e H menor que pH) procura engrandecer o mundo externo. De resto, tal reação pode ser frequentemente observada em indivíduos inseguros, com carência de auto-afirmação que necessitam construir grandes residências, túmulos, estátuas ou efetuar realizações concretas e externas, como uma forma de auto-realização. Tal dinamismo pode ser claramente observado no filme de Orson Wells, "Cidadão Kane". Naturalmente, quanto menos precisa for a percepção da própria situação ante o ambiente, tanto mais vagas serão as formas associadas à noção de distância e teremos conteúdos de natureza mais vaga e, mesmo, depressiva como "vazio", ou "nuvem". Observa Beck (vol.II, 28-p.46), que através das respostas V (perspectiva) poderemos verificar a natureza do sentimento de inferioridade do probando - se no sentido de insignificância pessoal e desejo de enfrentar o inatingível ou, em grau mais acentuado, se uma sensação de vazio interior.

B) Componentes Modalidade como indicadores de características específicas do conteúdo.

Quanto a este aspecto não encontramos um estudo específico, mas apenas referências indiretas. Assim, refere Piotrowski (55-p.330) que o grau de originalidade e de popularidade de uma resposta depende não apenas de sua elaboração mas também da localização da mesma. Quanto mais incomum for uma área selecionada, tanto maior será a possibilidade de revelar ela traços inconscientes específicos. A maior parte das respostas originais e individuais é encontrada em pormenores secundários. O conteúdo de uma resposta global imediata e simples será bem mais impessoal do que

aquele observado através da elaboração dos diferentes pormenores da mancha inteira.

Fonda (38) em artigo sobre "Espaço" observa que os conteúdos "buraco", "corte", "brecha", associados a espaço secundário poderá revelar insegurança nas relações interpessoais, ao passo que esta mesma modalidade em protocolos com elevado número de respostas, baixo índice de elaboração e elevado número de pormenores secundários, com conteúdos rios, lagos e estradas, traduzirão uma atenção pedante aos detalhes.

Por outro lado, figuras humanas em movimento projetadas em pormenores secundários indicarão que o impulso ou a atitude revelada pelo conteúdo é muito fraco, pertencendo mais a uma fantasia desligada totalmente da realidade do que a uma orientação consciente relacionada às relações interpessoais.

De um modo geral podemos notar que quanto menos frequente for uma área e mais elaboradas as associações entre as áreas, mais significativo será o conteúdo a ela relacionado. Porém, tal afirmação não pode ser categórica, a menos que seja submetida a uma pesquisa mais cuidadosa do que a nossa simples experiência pessoal.

D. FREQUÊNCIA: RESPOSTA VULGAR. ADAPTAÇÃO LÓGICA À REALIDADE
EXTERNA

A adaptação à realidade, traduzida na prova de Rorschach pela percentagem adequada das respostas de forma bem vista, corresponde ao desenvolvimento da capacidade de o indivíduo realizar exame objetivo e imparcial dos fatos através do esforço cognativo. Outro aspecto do desenvolvimento psicológico que ocorre em paralelo, embora independentemente à noção de realidade objetiva, é assimilação lógica dos valores e das normas sociais do ambiente. Este processo se traduz na prova de Rorschach pelas respostas "vulgares" - abreviada como V. O autor do Psicodiagnóstico considerou como vulgar toda resposta que envolva forma, direta ou indiretamente, e que ocorra com elevada frequência na população média. A frequência estabelecida por Hermann Rorschach foi a de 1:3; atualmente, a adotada por Beck (28) e pela maioria dos autores é a de 1:6.

A resposta V revela o grau de participação do indivíduo no modo de conceber peculiar à coletividade, isto é, o nível de adaptação intelectual do pensamento. A incidência adequada de "V" em um protocolo, observa Rapaport, implica em que o probando é suficientemente sensível aos "significados" e às implicações óbvias das situações que apresenta a realidade cotidiana e possui, portanto, um senso comum adequado (57-p.228).

Silveira, analisando o significado da %E+ e da %V, observa que "a primeira resulta da experiência individual continuamente renovada e corrigida pelo crescente império da unidade exterior sobre os materiais subjetivos; a segunda implica em mais do que isso. Envolve a aceitação do consenso geral, a extensão da lógica aos valores admitidos pela coletividade; e, por outra parte, a elevação das noções reais ao grau de abstração" (70 - p. 221/222).

De modo geral todos os autores concordam ao interpretar as respostas vulgares como representantes do grau de identificação com as normas do grupo. Apenas Silveira acentua o aspecto predominantemente intelectual e lógico implícito em V. Realmente tivemos ocasião de interpretar protocolos que apresentavam elevada percentagem de respostas vulgares, acompanhada por uma ocorrência excessiva da modalidade espaço primário-"E". Esta modalidade, como já vimos, resulta da apreciação negativa ou da atitude de oposição ante os eventos externos. Tal aparente contradição de ocorrência desses dois fatores em um mesmo protocolo, foi-nos posteriormente esclarecida nas entrevistas com os probandos e seus familiares: tratava-se de indivíduos com elevada capacidade intelectual mas que apresentam atitudes de oposição sistemática às imposições do ambiente. Souza (78) confirma o resultado predominantemente intelectual da resposta vulgar, ao mencionar a possibilidade da ocorrência de elevado número de respostas vulgares em psicopatas (78). Estes indivíduos são capazes de apreender logicamente as normas convencionais de pensamento, porém não as assimilam afetivamente.

Evidentemente a percentagem de V em si mesma não permite avaliar a adaptação intelectual do probando. Tal aspecto dependerá dos demais fatores do psicograma, como menciona Piotrowski: "Consideremos duas pessoas que produziram a mesma resposta vulgar mas cujos protocolos de Rorschach diferem bastante nos demais aspectos. Certamente as opiniões, as metas de vida e a avaliação intelectual do ambiente serão muito mais originais no caso do indivíduo que deu várias respostas cromáticas e várias respostas cinestéticas, várias elaborações originais, do que aquele cujo protocolo é superficial, sem imaginação, sem cinestésias, sem respostas cromáticas, embora apresente a mesma "vulgar" encontrada no protocolo do primeiro indivíduo" (55-p.188/109). Para este autor, as respostas vulgares constituem, portanto, uma

medida não acurada do grau de assimilação do pensamento comum. Porém, mesmo consideradas de modo relativo, as respostas vulgares fornecem um indício sobre a integração lógica do probando à realidade.

Klopfer considera que o rebaixamento de V traduz fragilidade no contato do indivíduo com a realidade, e que tal significado será confirmado pela ocorrência concomitante no psicograma de número reduzido da modalidade P e elevação de percentagem de formas mal vistas (46). Beck interpreta também a resposta vulgar como medida de habilidade individual em reconhecer os perceptos mais comuns do próprio ambiente, isto é, o grau de conformidade com as convenções do grupo (28-Vol. III).

Portanto, de modo geral, dado que estas respostas representam imagens construídas pela maioria dos indivíduos que se submetem à prova de Rorschach, elas poderão representar a conformidade do pensamento do probando aos padrões de pensamento convencionalmente adotados pela sociedade.

Kaplan (45) procurando esclarecer o problema das influências culturais nos processos perceptuais e, indiretamente, na própria dinâmica de personalidade em indivíduos de diferentes sociedades, realizou um estudo baseado nos resultados obtidos na prova de Rorschach em grupos de indivíduos pertencentes a onze culturas diferentes. Verificou que a influência cultural, embora inegável, se manifesta na prova de Rorschach apenas como tendência para uma resposta particular aparecer em determinado grupo mais frequentemente que em outros. Não como algo que force a percepção de cada indivíduo de um grupo. Assim, nas várias culturas, e em algumas mais do que nas outras, existe uma minoria que tende a aderir mais acentuadamente ao pensamento comum do grupo. Seus resultados demonstravam, por um lado, a ocorrência de um grupo de respostas comuns a todas as culturas estudadas - que corresponderiam às "vulgares universais" consideradas anterior -

mente por Hallowel - e, por outro lado, respostas frequentes apenas a determinados grupos - que corresponderiam às vulgares "exclusivas" (Unique) de Hallowel.

Kaplan conclui que ao longo das diferenças de conteúdo, observadas nas respostas obtidas em cada grupo estudado, existe uma tendência comum que se exprime em respostas encontradas em qualquer cultura. E observa que tal verificação vem confirmar, de certo modo, a tese de uma estrutura psíquica comum a todo ser humano: "Ao longo da diversidade de aceções em diferentes sociedades ocorre a tendência para reações universais e, finalmente, uma considerável faixa de reações mais ou menos idiossincráticas" (45-p.311).

Naturalmente, e o próprio autor o reconhece, as investigações de Kaplan não permitem elucidar satisfatoriamente o problema do grau de interferência dos valores culturais na percepção individual. Seria necessário considerar não apenas os conteúdos, mas principalmente os aspectos formais das respostas do protocolo de Rorschach.

Quanto à classificação de uma resposta como vulgar, não julgamos necessária a verificação da frequência de um dado conteúdo em cada localidade ou sociedade. Basta considerarmos os protocolos da mesma cultura - que embora possam variar superficialmente quanto às elaborações, ante às manchas de Rorschach, apresentam essencialmente a mesma concepção lógica da realidade externa.

E. LIGAÇÃO COGNITIVA COM O AMBIENTE EXTERNO: ÍNDICE Rmi DE SILVEIRA

Silveira, baseando-se nos dinamismos psicológicos envolvidos no processo de adaptação à realidade e nos fatores de psicodiagnóstico que representam basicamente tais dinamismos, construiu um índice capaz de aferir o modo como o indivíduo aceita as injunções da realidade externa. Denominou a esse índice "reação para com a média intelectual" (Rmi) - uma vez que considerou a maneira pela qual o indivíduo médio se integra intelectualmente na realidade externa (71).

O Rmi traduz a participação específica dos três setores da personalidade necessariamente presentes em toda ligação cognitiva com o ambiente: afetivo, conativo e intelectual; ou, respectivamente, em termos de Rorschach: %A, %F+ e %V. A média do contato intelectual se obtém somando os três índices e dividindo por três o resultado obtido.

A ligação afetiva com a realidade objetiva acha-se representada pela percentagem de A e não pelos determinantes que aferem reação afetiva direta ou a expressão desta no ambiente - pois que se pretende aferir a reação emocional. E a reação emocional mais primária e frequente na população média é aquela traduzida pelas respostas às figuras animais. Além disso, como categoria de conteúdo, "A" reflete um tipo de interesse específico pelo ambiente.

Silveira observa que a maioria dos especialistas em Rorschach considera %A como indicativo de pensamento estereotipado, inclusive o próprio Hermann Rorschach. Porém, este não é o único dinamismo implícito numa categoria de conteúdo: "Da mesma forma que a ansiedade pode transparecer na modalidade p', revelado primeiramente em protocolos de deficientes mentais, também o conteúdo A pode ser comum a estas duas situações quanto ao mundo subjetivo.

E realmente a experiência tem mostrado que a tensão afetivo-emocional faz aumentar o número de respostas desta categoria" (70 - p.227). Os estudos genéticos citados por Silveira e realizados por Ames e colaboradores (70), por Halpern (41), por Beizmann(29) e, principalmente, por Ford (70), confirmam a hipótese do significado emocional da %A. Beck admite implicitamente o significado emocional subjacente à adaptação intelectual expressa em %A (27).

A participação do raciocínio lógico na ligação cognitiva com a realidade é representada pela percentagem V. O autor do Rmi não pretende aferir através do índice o nível mental ou a capacidade de elaboração intelectual, mas sim a utilização da lógica no plano social dos padrões convencionais do pensamento, e por isso utiliza "V" e não os determinantes representativos do trabalho intelectual (Séries M e Ps) ou o índice de elaboração de Beck.

Finalmente, consideramos em Rmi a disposição conativa que interfere em todo contato com o ambiente: O interesse afetivo requer esforço de atenção, para a convergência e a utilização das experiências anteriores, elaboradas subjetivamente, bem como a focalização seletiva e adequada dos eventos ambientais, o que torna possível o julgamento objetivo e imparcial da realidade externa. Silveira utilizou a percentagem de F+ e não o índice de conação na construção do Rmi, porque pretende verificar especificamente o componente conativo utilizado diretamente na apreciação dos fenômenos, sem considerar o conjunto das reações subjetivas que desgastam o rendimento conativo.

Em suma, a ressonância afetiva, o pensamento lógico e a concentração da atenção participam conjuntamente na operação mental de tomada de consciência da realidade. Apenas por abstração é que distinguimos cada um dos grupos de funções psíquicas nesse processo.

O índice Rmi permite-nos aferir quanto ao grau e à qualidade da aceitação das limitações impostas ao indivíduo pela realidade objetiva. A média obtida por Silveira foi 50,4% com DP= 2,9%, ou como média empírica, $50\% \pm 5\%$.

O aspecto que nos parece especialmente valioso e fundamental da interpretação do índice Rmi é o estudo dinâmico do equilíbrio resultante entre esses três fatores, não apenas no protocolo total, mas também separadamente no conjunto de pranchas monocromáticas e das coloridas. Deste modo verificamos como o probando reage - no sentido de aceitar ou não as limitações externas - ao se defrontar com as situações em que deverá tomar decisões ou perante estímulos afetivos intensos.

F ELABORAÇÃO INTELECTUAL INTRÍNSECA: ÍNDICE Elab

No estudo das modalidades e mais especificamente na consideração do tipo de percepção verificamos que estes fatores revelam o feitio da função psíquica de observação característico do probando. Torna-se agora necessário examinarmos como as funções intelectuais de elaboração - tanto indutiva como dedutiva - podem ser aferidas através da prova de Rorschach.

O próprio criador do psicodiagnóstico já havia considerado que a capacidade de o indivíduo combinar, abstrair e generalizar se acha representada na prova pelas respostas globais. Reconhece que a elaboração intelectual não ocorre apenas quando o probando fornece uma interpretação que abrange toda a área da mancha, pois considera como G mesmo as respostas que correspondiam à área escura (P_1) da prancha III. Por outro lado, Hermann Rorsenach (59) estabeleceu distinção entre as respostas globais simples, com frequência vulgar, que correspondem basicamente à observação concreta e ao raciocínio indutivo e as globais combina-

das, mais complexas e que envolvem maior abstração e elaboração dedutiva. Entretanto, não chegou a conceber um índice específico para aferir a capacidade de elaboração intelectual intrínseca. E embora outros autores, como Klopfer, tenham desenvolvido critérios para a apreciação deste aspecto, o "índice de organização" ou Z de Beck é um dos mais conhecidos e mais utilizados pelos rorschachistas. Beck considera como Z apenas "as respostas em que duas ou mais porções da figura são vistas relacionadas entre si, e quando o significado percebido na combinação, ou em qualquer porção componente, depender unicamente da própria organização do percepto" (27-p.59). O valor organizacional é apenas atribuído às respostas que forem determinadas, pelo menos em parte, pela forma; nenhuma resposta originada inteiramente nos valores cromáticos ou na luminosidade sem forma, possui elaboração. Beck considera ainda que toda resposta global resulta de um esforço de organização. Verificou que 52% de todas as respostas à prancha V e 50% das respostas à prancha I, são globais. Por outro lado, apenas 3% de todas as respostas à prancha III, 5,7% das respostas à X e 9% das respostas às VIII e IX, são G. Portanto é mais fácil elaborar uma resposta global nas pranchas I e V e mais difícil nas pranchas III, VIII, IX e X. Expressa o grau de dificuldade ou o valor de Z para as G nas pranchas I e V pelo valor 1,0 e nas pranchas III, IX e X por 5,5; assim leva em conta a própria natureza diversa dos estímulos representados pelas diferentes pranchas. Mas, além das globais, Beck estabelece também outros tipos possíveis de elaboração: 1 - áreas adjacentes relacionadas entre si; 2 - porções distantes vistas em combinação; 3 - espaço em branco associado a partes da mancha. Além disso estabelece que as porções combinadas não são necessariamente externas uma a outra, uma vez que o indivíduo poderá inicialmente isolar aspectos de uma mesma área para em seguida associá-las de modo diverso. E, por outro lado, a mera presença de contornos entre dois pormenores da mancha, não

implica necessariamente em elaboração: algumas porções da figura, embora separadas por contornos são frequentemente interpretadas como única, sem exigir qualquer esforço organizacional. Recomenda ainda que nos casos em que tipos diversos de Z possam ser atribuídos a uma mesma resposta, se considere o valor mais elevado.

Silveira utiliza sistematicamente o índice Z que denomina "Elab" embora divirja quanto a um aspecto estabelecido por Beck, ou seja, ao contrário desse autor, considera Elab para cada resposta separadamente mesmo que uma seja resposta alternativa. Além disso Silveira calcula o valor total de Elab para o conjunto de respostas a cada prancha, e também considera o valor médio relativo ao número total de respostas: Elab/R . Considera como expectativa teórica para esta relação pelo menos o valor um.

Assim, tanto G como Elab traduzem a capacidade em apreender aspectos mais amplos da realidade através da síntese. Mas, enquanto G se refere basicamente à capacidade conceptual, Elab se relaciona ao trabalho mental associativo entre os diversos estímulos ambientais. Em ambos os casos verificamos a aptidão do probando em realizar tarefas de maior complexidade que exigem planejamento e abstração.

Beck verifica que esse índice 1º) varia diretamente com o nível intelectual do probando e mede características não inerentes à percepção global em si mesma; 2º) constitui medida mais flexível da atividade mental, uma vez que considera os diversos tipos de construção; 3º) permite verificar a energia intelectual, independentemente do tipo de inteligência peculiar a cada probando (27-Vol. II-p.12).

Como acontece com os demais fatores da prova de Rorschach, a interpretação de um determinado valor de Elab depende das características do protocolo total: tanto pode resultar de uma com

trução intelectual adequada baseada em associações lógicas objetivas, quanto de uma combinação estabelecida de modo subjetivo, fabulatório, isto é, como concepções fantasiosas ou, ainda associar formas mal vistas. Por outro lado, um baixo valor de Elab não significa necessariamente escassa inteligência; poderá resultar apenas de atitude depressiva, ou de retração para com o ambiente.

Hertz também construiu um índice para a capacidade de elaboração intelectual - índice g - em que ela considera predominantemente o aspecto qualitativo das diferentes combinações entre as áreas das manchas de Rorschach. Porém essencialmente tal índice não difere daquele de Beck, inclusive ela obteve elevada correlação entre Z e g. No artigo "The Organization Activity" - (42), Hertz menciona algumas pesquisas realizadas por diferentes autores - tais como Taulbel, Batt, Thelford e Kropp - que apuraram correlação positiva e elevada entre o índice de Beck e os resultados de diferentes provas de inteligência, principalmente relacionadas com a capacidade de abstração verbal e com a formação de conceitos.

Fundamentalmente, o índice Elab afere a capacidade de perceber relações não evidentes em si mesmas, de conceptualizar e abstrair, em suma, de elaboração intelectual intrínseca.

OBJETO DA PESQUISA: MATERIAL E MÉTODO

Os dados clínicos aqui considerados foram obtidos principalmente no Ambulatório de Epilepsia da Clínica Neurológica, Hospital das Clínicas de São Paulo. Coligimo-los em uma primeira fase, entre Abril de 1964 e Setembro de 1965, e, ulteriormente de Fevereiro de 1967 a Junho de 1971. Resultaram em parte, das atividades científicas deste Ambulatório, dirigido desde 1960 pelo Dr. Luis Marques de Assis e ao mesmo tempo está ligado, por nosso intermédio, com o programa interdisciplinar de pesquisas desenvolvido pelo Prof. Dr. Anibal Silveira no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Participamos das atividades didáticas deste Departamento de 1970 à 1971.

Nosso material clínico abrange 102 pacientes epilépticos, do Ambulatório de Neurologia do Hospital das Clínicas de São Paulo e, como grupo de contraprova, 22 adolescentes de dois outros ambulatórios do mesmo Hospital.

Procuramos, em nosso trabalho, estabelecer mais precisamente os métodos e teorias nos quais o psicólogo deverá fundamentar-se para atuação em uma clínica neurológica. A nosso ver, este especialis

ta deverá contar com instrumentos adequados que lhe permitam distinguir, no epiléptico, em especial, os traços específicos da personalidade, a fim de contribuir com maior eficiência para o diagnóstico e para o tratamento clínico-social.

Diversos autores caracterizaram certos traços psíquicos como frequentes em epilépticos e, por isso, os imputaram ao estado mórbido, efetuando assim, um primeiro e valioso passo nessa direção. Contudo, cumpre averiguar como tais traços, e outros que venham a ser especificados, interferem no dinamismo psíquico do paciente e no ajustamento ao ambiente social. Além disso, parece-nos necessário verificar se tais reações psicológicas sofrem alguma modificação com as diferentes fases evolutivas da vida do epiléptico, e, ainda se não exclusivas deste estado mórbido ou comuns a outras moléstias crônicas que acarretam dificuldades semelhantes na adaptação cotidiana do enfermo. Tais esclarecimentos poderão fornecer melhor orientação às atividades dos especialistas empenhados em amenizar, ou mesmo em eliminar, os conflitos emocionais agravantes da epilepsia.

Objetivos

Nesta ordem de idéias, ao fixar a finalidade da presente investigação, propuzemo-nos, entre outros, os seguintes procedimentos:

1. Verificar quais dos traços de personalidade que viessem a emergir da pesquisa poderiam ser definidos como característicos do grupo de epilépticos.

2. Definidos semelhantes traços, quer como distúrbios psíquicos, quer como reações comportamentais essenciais e características, averiguar se podem decorrer apenas de atitudes reativas ao estado mórbido,

sendo portanto comuns a outras enfermidades crônicas desencadeantes de conflitos emocionais.

3. Estabelecidos como característicos, verificar se são comuns aos diferentes tipos clínicos ou peculiares a determinada forma de manifestação epiléptica.

4. Indagar se os referidos traços de personalidade ocorrem tanto no paciente epiléptico adulto como no adolescente, ou se variam com o processo de amadurecimento psicológico.

5. Cada probando - quer do grupo principal, quer do de contraprova - sendo tomado como paciente index, verificar na família os traços de personalidade e as condições conexas que ocorrem, apurados com o mesmo critério que para o paciente.

6. Em cada conjunto de pacientes nos diversos quadros clínicos, identificar as manifestações mórbidas conexas ao distúrbio central. Análoga investigação seria feita em relação à família nos diferentes grupos de probandos.

Critério Seguido

Para colher os dados clínicos a serem discutidos nos capítulos seguintes, estudamos três grupos de pacientes: a) 72 epilépticos adolescentes que frequentam o Ambulatório de Epilepsia da Clínica Neurológica; b) 30 epilépticos adultos, do mesmo ambulatório; c) 22 adolescentes não epilépticos, matriculados respectivamente no Ambulatório de Cardiologia (12) e no de Diabetes (10).

A) Quanto ao diagnóstico clínico

Não nos competiu selecionar os pacientes epilépticos uma vez que esta era a atribuição dos neurologistas e dos técnicos no Am-

bulatório de Epilepsia da Clínica Neurológica. Apenas deixamos de considerar, na pesquisa, aqueles pacientes cuja idade não correspondia à faixa por nós estabelecida ou que apresentavam distúrbios psiquiátricos ou neurológicos. O diagnóstico baseia-se em dados clínicos e subsidiários conforme se verifica no anexo nº1 e que podemos reduzir às seguintes rubricas gerais:

- a) Antecedentes familiares (epilepsia, doenças neurológicas e doenças mentais).
- b) Antecedentes pessoais
- c) Descrição da crise
- d) Idade de início da doença atual
- e) História das convulsões
- f) História das crises epilépticas não convulsivas
- g) Terapêuticas anteriores
- h) Manifestações objetivas
- i) Manifestações subjetivas
- j) Exame clínico
- k) Exame neurológico
- l) Exames subsidiários: líquido, e.e.g., outros.

Igualmente os pacientes do grupo de contraprova foram incluídos na pesquisa por não apresentarem manifestações clínicas de epilepsia, nem epilépticos na família restrita.

B) Quanto ao estudo psicológico

Para apreender as condições psicológicas do paciente baseamo-nos na prova de Rorschach e em entrevistas diretas.

No Psicodiagnóstico de Rorschach utilizamos os critérios descritos no capítulo III.

Quanto às entrevistas diretas - roteiro incluído no anexo nº2 - foram focalizados os seguintes aspectos:

- a) Reações afetivo-emocionais (instintos e sentimentos).
- b) Estudo específico das relações interpessoais.
- c) Atitude para com a doença.
- d) Funções intelectuais e conativas.

Além disso entrevistamos os familiares de cada paciente a fim de obter informações relativas ao comportamento objetivo, às condições clínicas e à carga genética, conforme mencionaremos adiante.

C) Quanto ao tratamento estatístico

Em relação aos dados obtidos através das entrevistas e da anamnese hereditária (capítulo V) realizamos as seguintes provas estatísticas:

- a) Prova de adaptação - cálculo do qui-quadrado com $\alpha = 0,05$.

Para verificar a ocorrência de traços psicológicos e de condições clínicas conexas estatisticamente significativos para os diferentes grupos de pacientes considerados.

- b) Prova de independência - cálculo do qui-quadrado.

Para investigar a existência ou não de independência estatística entre duas variáveis estabelecidas.

$$\alpha = 0,05$$

$$\chi^2 = (n^{\circ} \text{ de linhas}) \cdot (n^{\circ} \text{ de colunas}) - 1$$

$$\chi^2_c$$

$$\chi^2_o = \sum \frac{(n_{ij} - \tilde{n}_{ij})^2}{\tilde{n}_{ij}}$$

Quando $\chi^2_o > \chi^2_c$ as variáveis são dependentes

Em relação aos índices da prova de Rorschach (capítulo VI) realizamos as seguintes provas estatísticas:

a) Cálculo de média, variância e desvio padrão dos índices de cada grupo de protocolos (grupos I, I₁, I₂, F, T, BS, N, II). Resultados nas tabelas: A, B, D₁, E₁, G e J.

b) Teste de comparação de variâncias entre os grupos, para cada índice, usando "F de Snedecor": $H_0 : \sigma_1^2 / \sigma_2^2 = 1$

$$H_a : \sigma_1^2 / \sigma_2^2 \neq 1$$

grau de confiança: $\alpha = 0,05$

$$\left. \begin{array}{l} \cancel{f}_1 = n_1 - 1 \\ \cancel{f}_2 = n_2 - 1 \end{array} \right\} F_c$$

$$\frac{S_1^2}{S_2^2} = F_o$$

$F_o > F_c$: rejeita H_0 , isto é, existe diferença significativa entre as variâncias dos índices que estão sendo comparados. Quando $F_o < F_c$ confirma-se H_0 e portanto as variâncias são iguais.

Os resultados desta prova acham-se descritos nas tabelas C, F e K.

c) Teste de comparação de médias entre os grupos, para cada índice, usando "t de Student": $H_0 : \mu_1 - \mu_2 = 0$

$$H_a : \mu_1 - \mu_2 \neq 0$$

grau de confiança $\alpha = 0,05$

$$\left. \begin{array}{l} \cancel{f} = n_1 + n_2 - 2 \end{array} \right\} t_c$$

$$t_o = \frac{\bar{x}_1 - \bar{x}_2}{s(\bar{x}_1 - \bar{x}_2)} \quad \text{onde} \quad s(\bar{x}_1 - \bar{x}_2) = \sqrt{\frac{s_1^2}{n_1} + \frac{s_2^2}{n_2}}$$

$t_o > t_c$: rejeita H_0 , isto é, existe diferença significativa entre as médias dos índices que estão sendo comparados. Quando $t_o < t_c$ confirma-se H_0 e portanto as médias são iguais.

Os resultados desta prova acham-se descritos nas tabelas C, F e K.

d) Prova de adaptação - para o estudo dos dinamismos dos índices, usando-se quiquadrado como foi feito para os dados das entrevistas:

$$H_0 : \tilde{n}_i = \frac{\sum n_i}{n^\circ \text{ intervalo de variação}}$$

$$H_a : \tilde{n}_i \neq \frac{\sum n_i}{n^\circ \text{ de faixas de variação}}$$

$$\left. \begin{array}{l} \alpha = 0,05 \\ \mathcal{P} = n^\circ \text{ de intervalos de variação} - 1 \end{array} \right\} \chi_c^2$$

$$\chi_o^2 = \sum \frac{(n_i - \tilde{n}_i)^2}{\tilde{n}_i}$$

Quando $\chi_o^2 > \chi_c^2$: rejeita H_0 , isto é, existe uma tendência significativa para a ocorrência de uma dada característica ou intervalo de variação do índice estudado. No caso de $\chi_o^2 < \chi_c^2$: confirma-se H_0 , e portanto a probabilidade de ocorrência de qualquer das alternativas consideradas para o índice, é a mesma.

Os resultados desta prova são mencionados nos diversos itens dos capítulos V e do VI.

e) Prova de comparação de médias entre 4 grupos (F, T, BS e N) usando o método " F de Snedecor " da seguinte forma:

Análise de variância:

$$H_0 = \mu_1 = \mu_2 = \mu_3 = \mu_4$$

$$H_a = \mu_1 \neq \mu_2 \neq \mu_3 \neq \mu_4$$

$$\left. \begin{array}{l} \alpha = 0,05 \text{ (grau de confiança)} \\ \mathcal{P} = n^\circ \text{ de grupos} - 1 \\ \mathcal{P} = \sum n_i - n^\circ \text{ de grupos} \end{array} \right\} F_c$$

$$F_o = \frac{s_c^2}{s_d^2} \quad \text{onde} \quad s_e^2 = \text{variância entre grupos}$$
$$s_d^2 = \text{variância dentro dos grupos}$$

Quando $F_o > F_c$ rejeita-se H_o , isto é, as médias entre os índices dos quatro grupos considerados são significativamente diferentes. No caso de $F_o < F_c$ confirma-se H_o e portanto as médias entre os índices são iguais.

Os resultados desta prova acham-se descritos na tabela H.

Desenvolvimento da Pesquisa

Em todos os grupos de examinandos, cada paciente foi submetido a uma série de entrevistas - mínimo de três -, cada uma com duração média de duas horas. Para a elaboração do roteiro das entrevistas utilizamos as concepções da teoria de personalidade por nós adotada, já comentada no capítulo I, e as normas propostas por H.S. Sullivan em seu trabalho sobre a entrevista psiquiátrica (21).

Com a mesma técnica entrevistamos, separadamente, pelo menos uma pessoa da família, geralmente o pai ou a mãe do paciente, ou os dois.

A sequência das várias fases do exame psicológico foi a seguinte:

A) Contato inicial, e aplicação da prova de Rorschach ao paciente.

B) Entrevista com os familiares, para investigação dos seguintes elementos:

1. Dados hereditários: linhas ascendente, colateral e descendente.

2. Desenvolvimento físico e psicológico do paciente, observado pelos familiares, tanto diretamente no paciente como comparativamente em relação aos irmãos e primos.

3. Traços de personalidade do paciente, descritos pela família. Reações e atitudes mais características, desde o nascimento até a idade atual.

4. Ocorrência de conflitos na escola ou no local de trabalho, levados ao conhecimento da família. Rendimento escolar e profissional.

5. Interpretação dada pelos familiares sobre o estado mórbido do examinando; atitudes decorrentes nas relações pessoais e em particular, quando seja o caso, na educação e nos cuidados com o paciente (interferência de preconceitos, tabus ou da superproteção, da rejeição, do sentimento de culpa ou ainda da ansiedade no ambiente familiar).

6. Condições clínicas conexas - observadas no paciente pelos pais ou a eles mencionadas pelos médicos.

C) Entrevistas com os pacientes.

O número e a duração destas entrevistas variavam conforme o grau de comprometimento emocional do paciente e da capacidade de fornecer informações. Nosso propósito não foi apenas colher dados para a pesquisa, mas também o de auxiliar o ajustamento emocional dos epiléticos e dos familiares através da psicoagogia, quando necessário.

Embora tenhamos seguido roteiro aqui descrito - de modo a contarmos com nomes estáveis para nossas comparações -, deixamos que o entrevistado fosse expondo livremente os problemas e as informações, a partir de uma diretriz geral oferecida pelas nossas perguntas. Limitamo-nos a transcrever literalmente os dados, sem qualquer interpreta

ção nossa, e ulteriormente, organizamos os resultados segundo itens que preestabelecemos. Utilizamos os dados obtidos a partir das duas modalidades de anamnese: a objetiva e a subjetiva. Para a primeira, entrevistamos uma ou mais pessoas da família do paciente, que nos prestaram informações sobre o comportamento deste e as manifestações clínicas, desde as primeiras fases de sua vida. E, ainda, indiretamente, utilizamos informes obtidos do próprio paciente sobre determinados dados pessoais, tais como escolaridade, emprego e círculo familiar. Através da anamnese subjetiva verificamos como o paciente interpreta a própria situação mórbida, avaliamos-lhe as funções subjetivas - afetivas, intelectuais e conativas - e como reage ao ambiente.

Estabelecemos o seguinte procedimento para o estudo hereditário: inicialmente solicitamos aos pais do paciente, que nos fornecessem segundo a ordem do nascimento o nome e idade de cada um de seus filhos - irmãos ou meio irmãos do paciente, e se uterinos ou consanguíneos, além de informações sobre suas moléstias somáticas, distúrbios psíquicos, traços de personalidade, nível de escolaridade e atividades profissionais. Incluímos, nesta fase do interrogatório, os casos de aborto (separando o espontâneo e o provocado), e os de natimortos e feticídios em idades mais avançadas. Em seguida passamos para a investigação dos pais: idade, nome, existência ou não de parentesco entre o pai e a mãe, condições psíquicas e somáticas apresentadas durante a existência. E, em relação à linhagem materna e paterna, procuramos saber se os tios e avós do paciente - devidamente identificados pelo nome e pela idade aproximada - apresentaram doenças nervosas, crises convulsivas, outros tipos de manifestações epiléticas, reações neuróticas, alcoolismo, psicose, deficiência mental. Também foi investigada a maneira de ser habitual de cada um deles. Nos casos de menor precisão das

referências solicitamos a presença de outro membro da família, capaz de prestar informações mais exatas; ou se isto se tornou impossível ou se a imprecisão se manteve, assinalamos para o item não esclarecido a rubrica "sem informação". Utilizamos os mesmos critérios para o estudo da linhagem descendente - filhos ou sobrinhos do paciente - quando era o caso.

Descrição do material clínico

Resumimos os dados da presente pesquisa considerando cada um dos grupos mencionados.

Grupo I - Epilépticos adolescentes

O principal grupo de nossa investigação reúne 72 pacientes cuja idade variou de 13 à 20 anos - média 15,5 anos -, dos quais 40 do sexo feminino.

Os dados gerais correspondentes acham-se sintetizados no quadro I (anexo). Após a colheita e a sistematização dos dados fornecidos pelas entrevistas e pela prova de Rorschach, dividimos o grupo em questão em dois subgrupos: convulsivos (grupo I₁) e não convulsivos (grupo I₂).

Verificamos assim como se distribuem os traços psicológicos e as reações comportamentais - obtidos através das entrevistas e do psicodiagnóstico - nestas duas modalidades de manifestação clínica da epilepsia.

Distribuímos também os casos segundo o tipo de disritmia observada através do eletroencefalograma, para investigarmos em que medida a alteração bioelétrica, revelada pela diferença de potencial ao nível cortical, interfere nas reações psicológicas dos pacientes. Consideramos, nesse sentido, quatro grupos: a) disritmia temporal (grupo

F); b) disritmia focal não temporal (grupo F); c) disritmia difusa e bilateral síncrona (grupo BS); d) sem anormalidade no traçado eletroencefalográfico (grupo N).

Grupo II - Epilépticos adultos

Obedecendo às mesmas normas estabelecidas para o grupo anterior, estudamos 30 pacientes adultos, de 22 a 41 anos - média de idade 28,6 anos - dos quais 15 do sexo masculino. Não subdividimos este grupo segundo os tipos de manifestações clínicas e dos resultados eletroencefalográficos, uma vez que pretendemos, no caso, apenas aferir a presença ou a ausência dos dinamismos psíquicos presentes no grupo anterior como um todo. As principais características do grupo de epilépticos adultos acham-se sintetizadas no quadro II (anexo).

Grupo III - Pacientes com desordens permanentes não epilética.

Nesse grupo de 22 examinandos do Hospital das Clínicas de São Paulo, 10 são diabéticos e 12 sofrendo de cardiopatia com etiologia reumática. A idade variou de 13 a 20 anos - média de idade 15,1 anos - e 14 são do sexo feminino.

Pesquisamos no confronto apenas a ocorrência ou a ausência dos traços de personalidade e as manifestações clínicas conexas assinaladas em relação aos epilépticos. E apenas um grupo de comparação e portanto não mencionaremos os demais achados sobre as funções psíquicas e reações comportamentais. Quanto à prova de Rorschach, embora tenha sido aplicada em cada um deles, não vem ao caso avaliar neg.

ta pesquisa. Utilizaremos, portanto, somente as informações obtidas através das entrevistas psicológicas e da anamnese hereditológica realizadas com estes pacientes e com os familiares.

Devido à incidência da epilepsia na população média, seria de prever que alguns matriculados desses ambulatórios apresentassem essa condição clínica ou que esta ocorresse em membros da família. Efetivamente isto ocorreu em relação a 14 pacientes do total que pesquisamos. Naturalmente, tais casos não foram utilizados nesta pesquisa.

Os dados gerais sobre estes pacientes acham-se sintetizados no quadro III (anexo).

LUCIA MARIA SALVIA COELHO

ESTUDO PSICOLÓGICO DE EPILEPTICOS

Rorschach, entrevistas e anamnese hereditária
em 102 examinandos

2º VOLUME

1972

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

No grupo de alterações autonômicas, a ocorrência, também não cumulativamente de cada transtorno em particular foi a seguinte: perda de fôlego na infância (5,5%); náuseas (25%), dores somáticas generalizadas (15,2%); enurese noturna, em geral na infância (34,7%); cefaléia frequentes ou enxaqueca (58,3%); escotomas (4,1%).

Foram anotados instabilidade da atenção em 36,1% dos pacientes e distúrbios de memória em 13,8%.

B) Em função de manifestações convulsivas: Sub grupos convulsivo (I_1) e não convulsivo (I_2)

Uma vez que não ocorriam convulsões em uma parte do material clínico aqui em causa, convinha verificar se ambas as frações se diferenciavam sob dois aspectos principais: traços de personalidade e condições correlatas de ordem clínica.

1. Traços de Personalidade

A distribuição do total de pacientes de ambos sub grupos, em relação a cada um dos traços de personalidade acha-se representada na tabela 1.3.

Através da prova estatística verificamos que a ocorrência dos traços de personalidade assinalados para o grupo de epiléticos adolescentes e o tipo de manifestação clínica - convulsiva ou não-convulsiva - são variáveis independentes ($\chi^2_o = 10,009$; $\chi^2_c = 26,296$). E mediante a prova de adaptação para cada traço de per si, chegamos ao mesmo resultado, conforme a seguinte relação:

Relação dos Traços Ante a Prova de Adaptação (*)

Irritabilidade ou agressividade	$\chi^2_o = 2,614$	$\chi^2_c = 3,841$
Ânimo Depressivo + Hipocondria	$\chi^2_o = 0,256$	$\chi^2_c = 3,841$
Medo Irracional	$\chi^2_o = 0,726$	$\chi^2_c = 3,841$
Dificuldade de Ordem Emocional em relação ao sexo	$\chi^2_o = 0,182$	$\chi^2_c = 3,841$
Desajustamento interpessoal	$\chi^2_o = 1,526$	$\chi^2_c = 3,841$
Dependência afetiva + misticismo	$\chi^2_o = 0,200$	$\chi^2_c = 3,841$
Instabilidade de humor	$\chi^2_o = 1,058$	$\chi^2_c = 3,841$
Hiperemotividade	$\chi^2_o = 3,124$	$\chi^2_c = 3,841$
Sociofilia	$\chi^2_o = 1,316$	$\chi^2_c = 3,841$
Viscosidade afetiva + misticismo	$\chi^2_o = 1,636$	$\chi^2_c = 3,841$
Tenacidade no trabalho	$\chi^2_o = 0,112$	$\chi^2_c = 3,841$
Irritabilidade na infância	$\chi^2_o = 0,286$	$\chi^2_c = 3,841$
Desânimo	$\chi^2_o = 0,250$	$\chi^2_c = 3,841$
Manifestações compulsivas	$\chi^2_o = 0,000$	$\chi^2_c = 3,841$
Bradipsiquia	$\chi^2_o = 2,000$	$\chi^2_c = 3,841$
Preocupação obsessiva com ordem	$\chi^2_o = 0,334$	$\chi^2_c = 3,841$
Talentos especiais	$\chi^2_o = 0,200$	$\chi^2_c = 3,841$

(*) Ordem seguida nas tabelas precedentes.

Portanto, a probabilidade de ocorrência é a mesma para os pacientes epiléticos quer apresentem crises de tipo "mal maior" ou não.

2. Condições Clínicas Conexas

A tabela 1.4. representa o total de pacientes para cada condição clínica assinalada.

A ocorrência das manifestações clínicas conexas faz-se de modo semelhante para os dois grupos, isto é, independentemente de ocorrência de convulsão (prova de independência: $\chi^2_o = 1,374$; $\chi^2_c = 12,592$).

A prova de adaptação para cada distúrbio de per si confirmou esta conclusão:

Relação das condições clínicas ante a Prova de Adaptação (*)

Agitação durante o sono	$\chi^2_o = 1,752$	$\chi^2_c = 3,841$
Sonambulismo	$\chi^2_o = 0,000$	$\chi^2_c = 3,841$
Terror noturno	$\chi^2_o = 0,058$	$\chi^2_c = 3,841$
Instabilidade de atenção + distúrbio de memória	$\chi^2_o = 3,334$	$\chi^2_c = 3,841$
Tiques faciais + Gagueira	$\chi^2_o = 0,666$	$\chi^2_c = 3,841$
Manifestações autonômicas	$\chi^2_o = 2,272$	$\chi^2_c = 3,841$
Cefaléia + Escotomas visuais	$\chi^2_o = 3,272$	$\chi^2_c = 3,841$

(*) Ordem seguida nas tabelas precedentes.

C) Distribuição dos dados clínicos em função do traçado eletroencefalográfico

1. Traços de Personalidade

Verificando a distribuição dos traços em relação a e.e.g., encontramos a frequência na tabela 1.5.

Os traços não se distribuíram de modo diverso em cada sub grupo: focal, temporal, difuso mais bilateral síncrono, e normal, conforme a prova de independência: $\chi^2_o = 22,797$; $\chi^2_c = 38,72$. Apenas o traço "irritabilidade na infância" ocorre com frequência significativamente maior no grupo "temporal" ($\chi^2_o = 9,454$; $\chi^2_c = 3,841$). A prova de adaptação demonstrou que para os demais traços as probabilidades de ocorrência são as mesmas:

Relação dos traços ante a Prova de Adaptação (*)
(nível de confiança 58)

Irritabilidade ou agressividade	$\chi^2_o = 3,038$	$\chi^2_c = 7,815$
Ânimo depressivo + Hipocondria	$\chi^2_o = 1,714$	$\chi^2_c = 7,815$
Medo irracional	$\chi^2_o = 3,096$	$\chi^2_c = 7,815$
Dificuldade emocional em relação ao sexo	$\chi^2_o = 5,335$	$\chi^2_c = 7,815$
Desajustamento interpessoal	$\chi^2_o = 6,090$	$\chi^2_c = 7,815$
Dependência afetiva + misticismo	$\chi^2_o = 1,600$	$\chi^2_c = 7,815$
Instabilidade de humor	$\chi^2_o = 1,984$	$\chi^2_c = 7,815$
Hiperemotividade	$\chi^2_o = 2,500$	$\chi^2_c = 7,815$
Viscosidade + teimosia	$\chi^2_o = 1,092$	$\chi^2_c = 7,815$
Tenacidade no trabalho	$\chi^2_o = 2,224$	$\chi^2_c = 7,815$
Desânimo	$\chi^2_o = 0,500$	$\chi^2_c = 7,815$

Manifestações compulsivas	$\chi^2_o = 2,000$	$\chi^2_c = 7,815$
Bradipsiquia	$\chi^2_o = 2,000$	$\chi^2_c = 7,815$
Preocupação obsessiva com ordem	$\chi^2_o = 3,200$	$\chi^2_c = 7,815$
Talentos especiais	$\chi^2_o = 3,661$	$\chi^2_c = 7,815$

(*) Ordem seguida nas tabelas precedentes.

2. Condições Clínicas Conexas

A tabela 1.6. representa o total de pacientes em relação às condições clínicas em cada um dos quatro sub grupos considerados.

A ocorrência destas condições clínicas e a das manifestações eletroencefalográficas nos 4 subgrupos são variáveis independentes (Prova de independência: $\chi^2_o = 12,943$; $\chi^2_c = 28,869$). A prova de adaptação realizada para cada distúrbio de per si confirmou esta conclusão como pode ser notado na relação que se segue:

Relação das Condições Clínicas ante a Prova de Adaptação (*)

Agitação durante o sono	$\chi^2_o = 3,874$	$\chi^2_c = 7,815$
Sonambulismo	$\chi^2_o = 4,000$	$\chi^2_c = 7,815$
Terror noturno	$\chi^2_o = 3,240$	$\chi^2_c = 7,815$
Deficiência da atenção ou da memória ...	$\chi^2_o = 2,780$	$\chi^2_c = 7,815$
Tiques faciais + gagueira	$\chi^2_o = 3,334$	$\chi^2_c = 7,815$
Manifestações autonômicas	$\chi^2_o = 4,915$	$\chi^2_c = 7,815$
Cefaléia + escotomas visuais	$\chi^2_o = 1,415$	$\chi^2_c = 7,815$

(*) Ordem seguida nas tabelas precedentes.

Portanto a probabilidade de ocorrência de qualquer das manifestações clínicas assinaladas é a mesma para os 4 grupos considerados de alterações bioelétricas.

GRUPO II: EPILEPTICOS ADULTOS

1. Dados Clínicos

A distribuição dos resultados acha-se descrita no Quadro II. Verificamos que em 18 pacientes havia manifestações convulsivas tipo mal maior. Outras manifestações motoras foram registradas em 7; crises de automatismo psicomotor estavam presentes em 6; crises sensitivo-sensoriais em 11; crises psíquicas em 12 e crises viscerais ou autonômicas em 22.

O exame neurológico e o de líquido cefalorraqueano foram normais em todos os observandos. Quanto ao desenvolvimento psicomotor havia sido normal em 15; não havia informações precisas em relação a 15 outros.

O nascimento foi normal em 22 pacientes; outro nasceu a forcipe; não havia informações precisas em relação a 7. Convulsões febris foram assinaladas em apenas um examinando; 5 apresentaram convulsões na infância.

2. Escolaridade

Entre os 30 probandos 21 cursaram escola primária, um tivera curso ginasial, 2 o secundário; 6 eram analfabetos. Destes pacientes, 11 revelaram baixo rendimento escolar, sendo 4 por conflitos emocionais e 7 por incapacidade intelectual ou por deficiência conativa. A prova de adaptação revelou que o baixo rendimento escolar não atinge um valor significativo para este grupo de pacientes ($\chi^2_o = 6,76$; $\chi^2_c = 3,841$).

3. Atividades Profissionais

A distribuição dos examinandos segundo a ocupação profissional foi a seguinte:

Sexo Masculino

Dos 15 pacientes aqui mencionados, 2 não trabalhavam; e dos 13 restantes exerciam atividades na lavoura, 9; em escritório, 2; em construção, 2. O total de probandos com dificuldades profissionais acarretadas pelos ataques epilépticos era de 7 (46,6%).

Sexo Feminino

Não trabalhavam 8 examinandas; as outras trabalhavam em fábrica, 1; em serviço doméstico, 3; em costura, 2; e na lavoura, 1. No total, as dificuldades profissionais acarretadas pelas crises elevaram-se a 7 (46,6%).

O total para ambos os sexos com este tipo de desajustamento corresponde a 46,6%. Dentre estes pacientes, 9 apresentavam crises convulsivas tipo mal maior. Portanto, dificuldade de ordem profissional não ocorre com frequência significativa para este grupo ($\chi^2_o = 0,12$; $\chi^2_c = 3,841$) e nem as convulsões são significativamente responsáveis por esse tipo de desajustamento social ($\chi^2_o = 1,14$; $\chi^2_c = 3,841$).

4. Traços de Personalidade

A distribuição deste grupo em função dos traços de personalidade constitui o Quadro 2.1. E na tabela 2.1. figura o total de pacientes com cada traço.

Verificamos assim que os traços estatisticamente significativos com relação ao grupo II são: dificuldades nas relações interpessoais - timidez, retração, sentimento de inferioridade, ciúme patológico ($\chi^2_o = 13,3$; $\chi^2_c = 3,841$; irritabilidade ou a -

gressividade ($\chi_o^2 = 10,8$; $\chi_c^2 = 3,841$); hiperemotividade ($\chi_o^2 = 8,50$; $\chi_c^2 = 3,841$). Com frequência também elevada, embora não significativa são os traços: ânimo depressivo, dependência afetiva ou misticismo.

Através da prova estatística de independência verificamos que a ocorrência de determinados traços de personalidade e a faixa de idade considerada são variáveis dependentes ($\chi_o^2 = 28,227$; $\chi_c^2 = 24,996$). Realizando a prova de adaptação para cada traço de per si pudemos isolar aqueles cuja probabilidade de ocorrência é significativamente diferente para os grupos de epiléticos adolescentes e o de epiléticos adultos, conforme podemos apreciar na relação que se segue.

Relação dos Traços de Personalidade ante a Prova de Adaptação (*)

Irritabilidade ou agressividade	$\chi_o^2 = 1,8$	$\chi_c^2 = 3,841$
Ânimo depressivo	$\chi_o^2 = 0,66$	$\chi_o^2 = 3,841$
Medo irracional	$\chi_o^2 = 1,42$	$\chi_c^2 = 3,841$
Dificuldades de ordem emocional sexual .	$\chi_o^2 = 5,76$	$\chi_c^2 = 3,841$
Dificuldades nas relações interpessoais	$\chi_o^2 = 0,64$	$\chi_o^2 = 3,841$
Dependência afetiva + misticismo	$\chi_o^2 = 11,6$	$\chi_c^2 = 3,841$
Instabilidade de humor	$\chi_o^2 = 3,7$	$\chi_c^2 = 3,841$
Hiperemotividade	$\chi_o^2 = 8,00$	$\chi_c^2 = 3,841$
Sociofilia	$\chi_o^2 = 0,30$	$\chi_c^2 = 3,841$
Viscosidade afetiva	$\chi_o^2 = 1,80$	$\chi_c^2 = 3,841$
Tenacidade no trabalho	$\chi_o^2 = 1,00$	$\chi_c^2 = 3,841$
Irritabilidade	$\chi_o^2 = 3,72$	$\chi_c^2 = 3,841$
Desânimo	$\chi_o^2 = 0,08$	$\chi_c^2 = 3,841$
Manifestações Compulsivas	$\chi_o^2 = 24,2$	$\chi_c^2 = 3,841$

Bradipsiquia	$\chi^2_o = 35,2$	$\chi^2_c = 3,841$
Preocupação obsessiva com ordem	$\chi^2_o = 0,40$	$\chi^2_c = 3,841$
Talentos Especiais	$\chi^2_o = 1,60$	$\chi^2_c = 3,841$

(*) Ordem seguida nas tabelas precedentes.

O traço hiperemotividade aparece portanto com frequência estatisticamente significativa no grupo de epiléticos adultos, e, além disso, apresenta probabilidade significativamente maior de ocorrer nesta faixa de idade. Os traços dificuldades emocionais quanto ao sexo, dependência afetiva + misticismo, manifestações compulsivas e bradipsiquia, embora não ocorram com intensidade significativa no grupo II e portanto não podem ser considerados como características exclusivas deste grupo, apresenta uma probabilidade significativa maior de nele ocorrer quando comparado com o grupo de epiléticos adolescentes. Tal fato denota uma acentuação destas perturbações psicológicas com o correr da idade.

Considerando o conjunto de distúrbios psíquicos observados em cada esfera da personalidade obtivemos os seguintes resultados:

Afetividade <	Individualidade: 27 observandos - 90,0% ($\chi^2_o = 19,2$;
	$\chi^2_c = 3,841$)
	Sociabilidade : 30 observandos - 100,0% ($\chi^2_o = 60,0$;
	$\chi^2_c = 3,841$)
Conação	: 25 observandos - 83,3% ($\chi^2_o = 35,0$;
	$\chi^2_c = 3,841$)
Inteligência	: 10 observandos - 33,3% ($\chi^2_o = 3,3$;
	$\chi^2_c = 3,841$)

(não significativa para o grupo II).

5. Condições Clínicas Conexas

No Quadro 2.2. acha-se descrita a distribuição dos resultados nos 30 observandos, tomadas as condições clínicas como ponto de referência. E na Tabela 2.2. o total de pacientes com diferentes condições clínicas.

Algumas condições clínicas conexas, como aí se verifica, revelaram frequência estatisticamente significativa: manifestações autonômicas - perda de fôlego, náuseas, dores somáticas generalizadas ou enurese noturna - ($\chi^2_o = 22,5$; $\chi^2_c = 3,841$); cefaléia ou escotomas ($\chi^2_o = 4,8$; $\chi^2_c = 3,841$).

No grupo de alterações autonômicas, a ocorrência de cada distúrbio em particular foi a seguinte: perda de fôlego em 10%; náuseas em 13,3%; dores somáticas generalizadas em 16,6%; enurese noturna na infância em 40,0%; cefaléia frequentes ou enxaqueca em 16,6%; escotomas em 16,6%.

Dentre as 9 mulheres deste grupo com mais de uma gestação, 3 referiram aborto espontâneo (33,3%).

Especificamente a instabilidade de atenção ocorreu em 46,6% dos pacientes, enquanto que em 40,0% verificamos distúrbios da memória.

A verificação da probabilidade de ocorrência das manifestações clínicas entre os grupo de epiléticos adultos e o de adolescentes foi feita através da prova de adaptação em relação a cada manifestação clínica de per si, resultando na relação que se segue:

Relação das Condições Clínicas ante a Prova de Adaptação (*)

Agitação durante o sono	$\chi^2_2=1,60$	$\chi^2_c = 3,841$
Sonambulismo	$\chi^2_2=7,52$	$\chi^2_c = 3,841$
Terror noturno	$\chi^2_2=2,40$	$\chi^2_c = 3,841$
Deficiência da atenção ou da memória ..	$\chi^2_2=8,98$	$\chi^2_c = 3,841$
Tiques faciais + gagueira	$\chi^2_2=8,00$	$\chi^2_c = 3,841$
Manifestações autonômicas	$\chi^2_2=6,64$	$\chi^2_c = 3,841$
Cefaléia + escotomas	$\chi^2_0=0,28$	$\chi^2_c = 3,841$

(*) Ordem seguida nas tabelas precedentes.

As condições clínicas conexas: instabilidade de atenção + distúrbios da memória e manifestações autonômicas aparecem com frequência significativa para os grupos I e II, porém apresentam probabilidade significativamente maior de ocorrerem entre os epiléticos adultos. O sonambulismo, embora não significativo tanto para o grupo I como para o grupo II, possui probabilidade significativamente maior de ocorrer na idade adulta. Quanto aos distúrbios referentes à comunicação intelectual, isto é, tiques faciais e a gagueira, apesar de não ocorrerem de modo significativo para ambos os grupos agora considerados, apresentam probabilidade significativamente maior de serem notados entre os epiléticos adolescentes.

GRUPO III: EPILÉTICOS COM MOLÉSTIAS CRÔNICAS

1. Dados Clínicos

Dos pacientes estudados, como contraprova 10 são diabéticos e 12 apresentam cardiopatia de natureza reumática. Os dados gerais correspondentes figuram no Quadro III.

Nesse grupo 18 pacientes (81,8%) provieram de parto normal; dois nasceram cianóticos e em dois outros foi utilizado fórceps. O desenvolvimento motor foi normal em todos os pacientes, sendo que apenas em um deles ocorreu ligeiro atraso nessa área.

2. Escolaridade

Dos 22 adolescentes do grupo, 10 cursaram o ensino primário, 8 fazem o curso ginásial e 4 o secundário. Baixo rendimento escolar foi verificado em 5 pacientes: dois diabéticos e três cardíacos. Portanto a ausência de dificuldades nos estudos é significativa nesse grupo ($\chi^2_0 = 6,54$; $\chi^2_c = 3,841$). Dentre estes pacientes, três revelaram como causa primária da dificuldade de aproveitamento escolar os distúrbios de ordem emocional e em dois outros, dificuldades de ordem intelectual.

3. Atividade Profissional

A) Diabéticos

Não-trabalham, 7 pacientes; dos três que têm ocupação uma é auxiliar doméstica e duas trabalham em escritório. No total havia dificuldades profissionais acarretadas pela moléstia em 4 adolescentes.

B) Cardiopatas

Oito não trabalham; dos quatro restantes têm atividade em costura, um; em construção, dois; e em escritório, um paciente. As dificuldades profissionais acarretadas pela moléstia foram evidenciadas em 5 pacientes.

O total geral de pacientes de contraprova que revelam problemas profissionais foi de 9; portanto para este grupo a probabilidade de ocorrência ou de ausência de desajustamento social

deste tipo é a mesma, do ponto de vista estatístico ($\chi^2_o = 0,72$; $\chi^2_c = 3,841$).

4. Traços de Personalidade

Uma vez que este grupo serve apenas de contraprova para o grupo epiléptico, não mencionaremos exaustivamente os resultados obtidos nas entrevistas. Apenas pesquisamos os dados dessas entrevistas que correspondem aos traços de personalidade apurados nos grupos I e II. Tal resumo figura na Tabela 3.1.

Os traços mais frequentemente encontrados neste grupo foram: dificuldade nas relações interpessoais - timidez, retração, sentimento de inferioridade, ciúme patológico; instabilidade de humor. Porém a ocorrência não foi estatisticamente significativa.

A prova estatística de independência confirma haver dependência entre as duas variáveis: tipo de doença considerada - epilepsia ou diabete + cardiopatia - e a ocorrência dos traços de personalidade aqui assinalados ($\chi^2_o = 36,32$; $\chi^2_c = 24,996$). A realização da prova de adaptação para cada traço de per si particulariza esta afirmação.

Relação dos Traços de Personalidade ante a Prova de Adaptação(*)

Irritabilidade + agressividade	$\chi^2_o = 51,8$	$\chi^2_c = 3,841$
Ânimo depressivo	$\chi^2_o = 34,4$	$\chi^2_c = 3,841$
Medo irracional	$\chi^2_o = 30,0$	$\chi^2_c = 3,841$
Dificuldade de ordem emocional sexual .	$\chi^2_o = 5,8$	$\chi^2_c = 3,841$
Dificuldades nas relações interpessoais	$\chi^2_o = 1,48$	$\chi^2_c = 3,841$
Dependência afetiva + misticismo	$\chi^2_o = 28,0$	$\chi^2_c = 3,841$
Instabilidade de Humor	$\chi^2_o = 1,0$	$\chi^2_c = 3,841$

Hiperemotividade.....	$\chi_o^2 = 5,4$	$\chi_c^2 = 3,841$
Sociofilia	$\chi_o^2 = 0,0$	$\chi_c^2 = 3,841$
Viscosidade afetiva	$\chi_o^2 = 17,88$	$\chi_c^2 = 3,841$
Tenacidade no trabalho	$\chi_o^2 = 0,72$	$\chi_c^2 = 3,841$
Irritabilidade	$\chi_o^2 = 20,0$	$\chi_c^2 = 3,841$
Desânimo	$\chi_o^2 = 0,0$	$\chi_c^2 = 3,841$
Manifestações Compulsivas	$\chi_o^2 = 6,0$	$\chi_c^2 = 3,841$
Bradipsiquia	$\chi_o^2 = 2,0$	$\chi_c^2 = 3,841$
Preocupação obsessiva com ordem	$\chi_o^2 = 0,0$	$\chi_c^2 = 3,841$
Talentos especiais	$\chi_o^2 = 6,0$	$\chi_c^2 = 3,841$

(*) Ordem seguida nas tabelas precedentes.

Dos 17 traços de Personalidade considerados, 7 apresentam a mesma probabilidade de ocorrer para os dois grupos: Dificuldades nas relações interpessoais, instabilidade de humor, sociofilia, tenacidade no trabalho, desânimo, bradipsiquia, preocupação obsessiva com ordem. Os 10 traços restantes são altamente significativos para o grupo epiléptico. Portanto entre os adolescentes com moléstias crônicas, estes 7 traços embora não ocorram com frequência significativa, apresentam a mesma probabilidade de incidência que no grupo de pacientes epiléticos, sugerindo a origem reativa destes distúrbios psíquicos específicos.

5. Condições Clínicas Conexas à Epilepsia

O total de pacientes do grupo III foi investigado quanto às manifestações colaterais de epilepsia e o resultado foi negativo, conforme se aprecia na tabela 3.2.

Como podemos notar, estas manifestações clínicas são ex tremamente raras no grupo III, apenas aparecendo com alguma frequência as manifestações autonômicas consideradas (3 vezes, perda de fôlego na infância; 3 outras, náuseas frequentes; 3 pacien tes com enurese noturna na infância e apenas um com dores somáti cas generalizadas).

A prova de adaptação realizada em relação a cada uma das condições clínicas particulariza os resultados.

Relação das Condições Clínicas Conexas ante a Prova de Adaptação(*)

Agitação durante o sono	$\chi^2_o = 76,8$	$\chi^2_c = 3,841$
Sonambulismo	$\chi^2_o = 0,40$	$\chi^2_c = 3,841$
Terror noturno	$\chi^2_o = 24,0$	$\chi^2_c = 3,841$
Deficiência da atenção ou da memória ..	$\chi^2_o = 41,0$	$\chi^2_c = 3,841$
Tiques faciais ou gagueira	$\chi^2_o = 8,0$	$\chi^2_c = 3,841$
Manifestações autonômicas	$\chi^2_o = 2,4$	$\chi^2_c = 3,841$
Cefaléia + escotomas	$\chi^2 = 24,2$	$\chi^2 = 3,841$

(*) Ordem seguida nas tabelas precedentes.

Portanto, com exceção de manifestações autonômicas e do sonambulismo, as demais condições clínicas aqui consideradas a apresentam probabilidade significativamente maior de ocorrer no grupo de epiléticos adolescentes.

ESTUDO HEREDOLÓGICO DOS GRUPOS

No grupo de 72 epiléticos adolescentes pudemos considerar os resultados do estudo heredológico de 61 famílias. Em 6 probandos as informações eram vagas e pouco seguras, tanto quan-

do fornecidas pelos pacientes, quanto as que obtivemos dos familiares. Em relação à família dos 5 observandos restantes, não foram incluídas por se tratarem de irmãos de pacientes index já considerados em nosso estudo. No grupo de epiléticos adultos, reunimos os resultados obtidos na anamnese hereditológica de 27 pacientes: em três, os informes da família foram deixados de lado devido à insuficiência de dados anamnésicos. No grupo de pacientes com outras moléstias crônicas, pudemos utilizar os dados das 22 famílias.

Dos 110 familiares estudados consideramos apenas os da dos obtidos através de informações objetivas e precisas dos pacientes e dos familiares. Portanto os resultados que serão aqui apresentados se referem somente aos parentes mais relacionados com os informantes; além disso, não faremos aqui menção ao grau de parentesco de cada um deles, embora esteja ele mencionado em nossos protocolos. Quanto à verificação da incidência de casos de epilepsia na família de cada paciente, observamos um critério rigoroso, excluindo informações duvidosas, mesmo as menções a "perdas de consciência" periódicas. Apenas consideramos os casos com descrição clínica de manifestações tipo "mal maior" ou outros tipos de crises epiléticas que foram tratadas com anti-convulsivante ("ausências", crises psicomotoras e automatismos).

Reunimos em um único grupo os resultados relativos ao total de epiléticos e consideramos separadamente o grupo de contraprova.

A) Grupo Epilético: 88 famílias

1. Traços de Personalidade

Na tabela 4.1. apresentamos os traços de personalidade mais frequentemente encontrados entre os familiares dos epilépticos.

Os traços mais frequentes neste grupo foram: irritabilidade + agressividade, hiperemotividade, instabilidade de humor, ânimo depressivo + hipocondria, conflitos interpessoais (timidez, retração emocional, ciúme patológico), viscosidade afetiva + teimosia.

2. Condições Clínicas Conexas

a) Manifestações Clínicas Gerais

As queixas referidas com maior frequência entre os familiares acham-se descritas na tabela 4.2.

As condições clínicas aí assinaladas em incidências são: agitação durante o sono (agitação motora, ranger de dentes, articulação de palavras), manifestações autonômicas (crises de perda de fôlego ou enurese noturna na infância, e mais recentemente , náuseas, cansaço crônico, dores somáticas generalizadas), cefaléias frequentes ou perturbações visuais (escotomas cintilantes ou negativos) e perda de consciência sem causa aparente. Os casos de aborto espontâneo não foram considerados percentualmente, uma vez que deveríamos considerá-los em relação ao número de mulheres com mais de uma gravidez em cada família, para podermos realmente apreciar o grau de significância dos resultados.

b) Distúrbios Mentais. Epilepsia.

Na tabela 4.3. mencionamos a ocorrência de distúrbios mentais de diferente natureza, porém, não temos informações seguras sobre o quadro clínico de cada um deles. Quanto à epilepsia, os resultados referem-se à ocorrência de pelo menos um outro epilético na família além do paciente.

Portanto, elevada incidência de epilepsia nos familiares dos grupos I e II. A especificação do grau de parentesco de cada um deles será incluída em outra pesquisa mais ampla e espe-

cífica, que está sendo realizada na Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, pelos Drs. Dora Martinic e Joacyr Salles Barros. A incidência elevada de casos de alcoolismo corresponde à observada para a população média. Seria necessário distinguir, em estudo específico, com maior precisão as diversas modalidades ligadas a esta ocorrência clínica.

Notamos que a ocorrência das condições clínicas e dos traços de personalidade referida pelos informantes sobre os familiares do paciente, é bem menos frequente do que a que eles mesmos fornecem a respeito do próprio paciente index. Tal particularidade se explica pelo maior grau de profundidade e de extensão das nossas entrevistas em relação ao próprio examinando, do que com referência aos familiares; e, também em parte, pelo maior interesse do informante pela situação do epiléptico que estávamos tratando, do que pelos parentes.

B) Grupo de pacientes com moléstias crônicas:
22 famílias

1. Traços de Personalidade

Na Tabela 4.4. encontramos apenas os traços de personalidade correspondentes àqueles observados para o grupo anterior.

2. Condições Clínicas Conexas à Epilepsia

a) Manifestações Clínicas Gerais

Encontramos apenas três tipos de manifestações clínicas e além disso com incidência muito baixa, conforme se depreende da Tabela 4.5.

b) Distúrbios Mentais

Os resultados obtidos acham-se descritos na Tabela 4.6. Não figuram no material clínico reunido para esta tabela os casos

de epilepsia na família uma vez que este foi um dos critérios que adotamos para excluir os pacientes do grupo III.

C) Dados Heredológicos Correlativos: Familiares de Epilépticos

Distribuímos os parentes dos nossos epilépticos index dos grupos I e II em epilépticos e não-epilépticos. Com isso pretendíamos apurar se a ocorrência de traços e condições clínicas conexas na família do epiléptico decorre de estar em causa a epilepsia ou da carga genética epiléptica apenas. Nesse trabalho realizamos o levantamento de informações obtidas em 313 parentes não-epilépticos de nossos pacientes e em 87 de seus parentes epilépticos. Daremos os resultados obtidos para cada um desses sub-grupos. Chamaremos a ambos para simplificar: "grupo não-epiléptico" e "grupo epiléptico". Neste último sub-grupo incluímos para confronto, além dos pacientes epilépticos, os adultos e os adolescentes index. Pretendemos aqui verificar a ocorrência comparativa desses traços de personalidade.

1. Traços de Personalidade

As Tabelas 4.7. e 4.8. descrevem os traços de personalidade que ocorrem para estes dois sub-grupos assim estabelecido.

Torna-se notável a incidência dos traços: irritabilidade, e em alguns casos, violência; hiperemotividade (sensibilidade exagerada aos diversos estímulos ambientais); mudanças repentinas de humor e dificuldades específicas no ajustamento interpessoal - (especialmente timidez excessiva, retração emocional e ciúme patológico).

Para o estudo comparativo quanto aos traços de personalidade destes dois sub-grupos, reunimos todos os indivíduos com epilepsia, considerando aí aqueles que apresentavam pelo menos um

dos traços considerados e os que não apresentavam traço algum. Com o grupo de familiares de nossos pacientes-index que não revelavam manifestações clínicas de epilepsia, adotamos a mesma norma. O resultado deste levantamento acha-se descrito na Tabela 4.9.

Os dados obtidos através das provas estatísticas de independência e de adaptação realizadas para estes sub-grupos permitem-nos concluir: 1º) tanto para os epiléticos como para os familiares não-epiléticos é significativa a ocorrência de pelo menos um dos traços considerados (prova de adaptação - sub-grupo epilético: $\chi_o^2 = 147,560$; $\chi_c^2 = 3,841$); sub-grupo não-epilético: $\chi_o^2 = 46,776$; $\chi_c^2 = 3,841$); 2º) a probabilidade de ocorrência dos traços é significativamente maior para o grupo epilético, revelando haver dependência entre frequência de traços de personalidade e epilepsia (prova de independência: $\chi_o^2 = 43,432$; $\chi_c^2 = 3,841$).

2. Condições Clínicas Conexas à Epilepsia

As Tabelas 4.10. descrevem os resultados obtidos em cada sub-grupo. O estudo comparativo entre os dois sub-grupos apresentou os seguintes resultados através das provas estatísticas de independência e de adaptação: 1º) tanto para os epiléticos como para os seus familiares é significativa a ocorrência de pelo menos uma das condições clínicas consideradas (prova de adaptação - grupo epilético: $\chi_o^2 = 129,052$; $\chi_c^2 = 3,841$; grupo não-epilético: $\chi_o^2 = 33,894$; $\chi_c^2 = 3,841$); 2º) a probabilidade de ocorrência destas condições clínicas é significativamente maior para o grupo epilético (prova de independência: $\chi_o^2 = 39,188$; $\chi_c^2 = 3,841$).

ESCOLARIDADE E PROFISSÃO NOS GRUPOS I, II E III

1. Escolaridade

Comparando as dificuldades de estudo nos 3 grupos aqui mencionados, encontramos os seguintes dados: percentagem de bai

no rendimento escolar, no grupo I em 44,4%; no grupo II em 36,6% e no grupo III em 22,8%. O confronto entre os resultados obtidos para os grupos I e II, por um lado, e do grupo III, por outro revelou haver probabilidade significativamente maior de fracasso escolar para os pacientes epiléticos. E, mais especificamente, por razões emocionais ou em decorrência da dificuldade que revelam em estabilizar a atenção ($\chi^2_o = 5,06$; $\chi^2_c = 3,841$).

Bidwell e Pond (107) em pesquisa semelhante à nossa, quanto a este particular, verificaram que dos 62 epiléticos estudados, 26 apresentaram insucesso escolar, resultado que coincide com nossos achados: igual probabilidade para ocorrência de sucesso ou de falha nos estudos. Estes autores observaram ainda que em 26 destes pacientes, havia baixo nível mental em 8, distúrbios emocionais em 10 e dificuldades de outros tipos em 2. Os 18 restantes revelaram baixo rendimento nos estudos devido à frequência ou à natureza das crises epiléticas.

Vidart e Gasteau (154) encontraram como causa principal de insucesso escolar em crianças epiléticas a atitude superprotetora e ansiosa dos pais. Por outro lado, Potter e colaborador (141) afirmam que o paciente epilético, assim como outras pessoas que apresentam qualquer tipo de "handicap" frequentemente se empenham mais nos estudos que os outros alunos.

Rodin (145) investigando a capacidade intelectual de epiléticos em termos de QI conclui que os pacientes epiléticos que não apresentam lesões cerebrais possuem nível mental dentro da faixa média, situando-se no entanto no limite inferior de normalidade. Embora não especifique que tipo de lesões estava em causa, nem como as diagnosticavam, convém também que na hipótese positiva a causa do rebaixamento seriam as lesões e não a epilepsia na aceção em que a admitimos.

Pinho realizou uma investigação sobre inteligência do epiléptico aplicando a escala de Weschsler Bellevue em 150 pacientes com idade variando de 14 a 40 anos (139). Fizemos a prova estatística de adaptação para os dados fornecidos por este autor em relação aos 9 "subtestes" que utilizou dentro da escala de Weschsler Bellevue e verificamos que apenas na "retenção de dígitos" os resultados dentro da média ou superiores foram significativamente iguais aos resultados abaixo da média. Nos demais "subtestes" houve predomínio significativo dos resultados médios ou superiores ($\chi^2_o = 0,66$; $\chi^2_c = 3,841$).

Deste modo pode-se notar a ausência de deficiência intelectual em epilépticos. Sendo que o baixo rendimento escolar encontrado em alguns dos pacientes se deve a distúrbios emocionais ou à instabilidade da atenção. Este último aspecto coincide com os resultados que obtivemos com os dados de Pinho, uma vez que "retenção de dígitos" é tarefa que exige concentração da atenção.

2. Atividades Profissionais

A dificuldade de ordem profissional nos 3 grupos revelou-se nas seguintes proporções: no grupo I em 43,0%; no grupo II, em 46,6%; no grupo III em 40,9%.

Assim, o baixo rendimento no trabalho ou a dificuldade em encontrar emprego com praticamente a mesma frequência entre os 3 grupos, apesar de um pouco menos no grupo de contraprova. Em relação ao grupo III, as dificuldades profissionais não diferem significativamente para os diabéticos e para os cardiopatas. Em relação aos dois grupos epilépticos, a ocorrência dos problemas profissionais é ligeiramente maior entre as mulheres.

Nossos achados coincidem com os de Rodin: "As crises como tais não são responsáveis pelo desemprego, mas sim as dificuldades de ordem intelectual, as perturbações emocionais, a fal

ta de motivação, e, no caso de haver lesões cerebrais, as alterações mentais" (145-p.318). Este autor atribui papel secundário ao preconceito social em relação à epilepsia como fator responsável pelo baixo rendimento profissional que possa haver entre esses pacientes: "O médico frequentemente ouve queixas do paciente de que se sente traumatizado por ter tido uma crise no emprego, ou de que não consegue ocupação porque 'ninguém quer contratar um epilético'. Embora esse possa ser o caso algumas vezes, minha experiência em praticamente todas as vezes em que o paciente se lamentava, o exame do estado mental denotava déficit, o que lhe impossibilitava a realização de atividades práticas ou de trabalho em circunstâncias competitivas. O paciente pode não estar consciente dessa deficiência intelectual, e para ele é muito mais fácil responsabilizar as crises pela rejeição que sofre da sociedade do que a própria alteração mental, ou as dificuldades intelectuais, ou os problemas de personalidade" (145-p.318). E em outro passo: "Foi surpreendente verificar que a frequência das crises não está relacionada com a situação de emprego dos pacientes" (p. 340).

Naturalmente a interferência do preconceito nas atividades profissionais do epilético irá depender do meio sócio-cultural considerado. Assim, investigações a este respeito no Brasil (101), no México (146) e mesmo nos Estados Unidos (109 e 110) assinalam o preconceito como um dos fatores responsáveis pelo desemprego ou pelas dificuldades profissionais do epilético. Por outro lado, Wada (155) afirma que raramente se encontra esse tipo de preconceito entre os japoneses; e Haas, presidente da Liga Holandesa Contra a Epilepsia informa sobre o trabalho desenvolvido em seu país para esclarecer a opinião pública a respeito do assunto (122).

INVESTIGAÇÃO SOBRE AS CAUSAS DOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM EPILEPTICOS

Alguns autores, que foram referidos anteriormente, afirmam que estes traços de personalidade decorrem da atitude reativa

do epiléptico para com o ambiente. Na hipótese, este o rejeita ou o considera como um indivíduo diferente dos demais, que necesita de ser protegido, ou que causa piedade. Esta afirmação nos levou a verificar a validade de tais conclusões em nosso material clínico. O estudo dos sub-grupos convulsivo e não-convulsivo, já nos permitiu em parte verificar esta hipótese. A convulsão é a manifestação clínica que provoca maior reação no ambiente. No entanto, para a maioria dos traços e dos dinamismos psíquicos aqui estudados, não encontramos diferença significativa entre estes sub-grupos. Para estudo mais completo deste aspecto distingui - mos agora outros dois sub-grupos. De um lado, temos pacientes cujas crises se iniciaram na infância e ocorrem com intervalos me - nores que um mês ou cuja frequência é variável e inesperada. De outro, separamos aqueles cuja primeira crise ocorreu a partir dos 18 anos de idade ou, no máximo um ano antes da realização de nos sa entrevista, ou ainda que tinham tido uma única crise. Neste último grupo isolamos os que anteriormente às convulsões apresentavam os traços de personalidade observados neste trabalho. Deno - minamos ao primeiro grupo de "presumivelmente reativo" e ao se - gundo "genético". Os resultados observados acham-se descritos na Tabela 5.1.

A prova de independência revelou que a ocorrência dos traços de personalidade não depende da época de manifestação das crises epiléticas nem da frequência entre elas ($\chi^2_0 = 6,423$; $\chi^2_c = 28,869$). Portanto o grupo "reativo" não difere do grupo "genéti - co" quanto a este aspecto. A prova de adaptação realizada para cada traços de personalidade de per si confirma este resultado.

Relação dos Traços de Personalidade ante a Prova
de Adaptação (*)

Irritabilidade ou agressividade	$\chi^2_o = 1,328$	$\chi^2_c = 3,841$
Ânimo depressivo	$\chi^2_o = 2,190$	$\chi^2_c = 3,841$
Medo irracional	$\chi^2_o = 0,800$	$\chi^2_c = 3,841$
Dificuldades de ordem emocional sexual.	$\chi^2_o = 0,044$	$\chi^2_c = 3,841$
Dificuldades nas relações interpessoais	$\chi^2_o = 2,200$	$\chi^2_c = 3,841$
Dependência afetiva + misticismo	$\chi^2_o = 2,666$	$\chi^2_c = 3,841$
Instabilidade de humor	$\chi^2_o = 0,4000$	$\chi^2_c = 3,841$
Hiperemotividade	$\chi^2_o = 1,4000$	$\chi^2_c = 3,841$
Sociofilia	$\chi^2_o = 2,882$	$\chi^2_c = 3,841$
Viscosidade afetiva	$\chi^2_o = 0,390$	$\chi^2_c = 3,841$
Tenacidade no trabalho	$\chi^2_o = 2,272$	$\chi^2_c = 3,841$
Irritabilidade	$\chi^2_o = 1,000$	$\chi^2_c = 3,841$
Desânimo	$\chi^2_o = 0,250$	$\chi^2_c = 3,841$
Manifestações compulsivas	$\chi^2_o = 1,600$	$\chi^2_c = 3,841$
Bradipsiquia	$\chi^2_o = 0,142$	$\chi^2_c = 3,841$
Preocupação obsessiva com ordem	$\chi^2_o = 0,00$	$\chi^2_c = 3,841$
Talentos especiais	$\chi^2_o = 1,800$	$\chi^2_c = 3,841$

(*) Ordem seguida nas tabelas precedentes.

Tal aspecto sugere a natureza endógena destes traços que são de ordem especialmente afetiva e conativa.

TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM EPILEPTICOS: CONFRONTO
ENTRE ESTUDOS REALIZADOS

A compilação que realizamos na literatura sobre "Personalidade Epiléptica" nos permitiu construir um quadro relativo aos vários traços assinalados por diferentes autores, em relação a estes pacientes, como se acha descrito no Quadro a seguir:

Traços de Personalidade em Pacientes Epilépticos

I - Afetividade

1 - Instabilidade nas reações afetivas

Aschaffenburg, 1906	(135)
Binswanger, 1913	(135)
Ey, 1954	(135)
Falret, 1890	(135)
Ferêt, 1870	(83)
Fischer, 1930	(135)
Glaser, 1955	(108)
Guerrant, 1962	(118)
Hochart, 1903	(135)
Legrand du Saulle, 1877	(135)
Lennox, 1960	(127)
Marchand, 1948	(131)
Mayer Gross, 1954	(133)
Turner, 1907	(118)

2 - Irritabilidade

Alliez, 1952	(135)
Aschaffenburg, 1906	(135)
Binswanger, 1913	(135)
Diethelm, 1947	(114)
Ey, 1954	(135)
Falret, 1861	(131)
Fischer, 1930	(135)
Glaser, 1955	(108)
Guerrant, 1962	(118)
Haas, 1965	(122)
Hochart, 1903	(135)
Legrand du Saulle, 1877	(135)
Lennox, 1960	(127)
Mayer Gross, 1954	(133)
Mignot e Lemperière, 1935	(135)
Piotrowski, 1947	(138)
Price et al., 1947	(143)
Rodin, 1968	(145)
Sjobrings, 1950	(104)
Silveira, 1956	(148)
Turner, 1907	(118)
Wilson, K, 1928	(135)

3 - Agressividade

Falret, 1861	(131)
Guerrant, 1962	(118)
Lennox, 1960	(127)
Mittelmann, 1947	(136)
Piotrowski, 1947	(138)
Turner, 1907	(118)

4 - Egocentrismo

Bleuler, 1924	(118)
Castro, 1960	(108)
Guerrant, 1962	(118)
Lennox, 1960	(127)
Livingston, 1972	(128)
Meyer, 1903	(118)
Mittelmann, 1947	(136)
Pierce Clarck, 1931	(135)
Piotrowski, 1947	(138)
Turner, 1907	(118)

5 - Hiperemotividade

Alliez, 1952	(108)
Falret, 1861	(131)
Ferê, 1870	(83)
Ey, 1954	(135)
Mignot e Lemperière, 1955	(135)
Lennox, 1960	(127)
Pierce Clarck, 1931	(135)
Piotrowski, 1947	(138)
Rodin, 1968	(145)

7 - Medo Patológico

Batistete, 1969	(105)
-----------------	-------

8 - Hipocondria

Diethelm, 1947	(114)
Livingston, 1972	(128)

9 - Impulsividade

Bleuler, 1924	(118)
Ey, 1954	(135)
Meyer, 1903	(118)
Silveira, 1956	(148)

II - Sociabilidade

1 - Teimosia. Ressentimento contra qualquer interferência

Bleuler, 1924	(118)
Diethelm, 1947	(114)
Falret, 1861	(131)
Guerrant, 1962	(118)
Lennox, 1960	(127)
Livingston, 1972	(128)
Mignot e Lemperière, 1955	(135)
Mittelman, 1947	(136)
Piotrowski, 1947	(138)
Silveira, 1956	(148)
Turner, 1907	(118)

2 - Retração ou rigidez emocional

Bleuler, 1924	(118)
Diethelm, 1947	(114)
Livingston, 1972	(128)
Mauz, 1937	(118)
Meyer, 1903	(118)
Mittelman, 1947	(136)
Pierce Clark, 1931	(135)
Piotrowski, 1947	(138)

3 - Timidez

Mauz, 1937	(118)
------------	-------

4 - Pusilanimidade

Bleuler, 1924	(118)
---------------	-------

5 - Misticismo

Alliez, 1952	(108)
Bleuler, 1924	(118)
Glaser, 1955	(108)
Falret, 1861	(131)

Mayer Gross, 1954	(133)
Meyer, 1903	(118)
Minkowska, 1944	(41)
Silveira, 1956	(148)
Turner, 1907	(118)

6 - Reações Depressivas

Alliez, 1952	(108)
Bleuler, 1924	(118)
Diethelm, 1947	(114)
Falret, 1861	(131)
Perê, 1913	(131)
Guerrant, 1962	(118)
Lennox, 1960	(127)
Marchand, 1948	(131)
Mauz, 1937	(118)
Meyer, 1903	(118)
Mittelman, 1947	(136)
Piotrowski, 1947	(138)

7 - Dependência Afetiva. Sugestionabilidade

Ey, 1954	(135)
Turner, 1907	(118)
Wilson, K., 1928	(135)

8 - Viscosidade Afetiva

Alström, 1950	(104)
Bleuler, 1924	(118)
Diethelm, 1947	(114)
Ey, 1954	(135)
Mauz, 1937	(118)
Minkowska, 1944	(91)
Robin, 1931	(118)

Sal y Rosas, 1967	(146)
Sjobrings, 1950	(104)
Stauder, 1938	(104)
Stromgren, 1935	(104)
Wallon, 1925	(108)

III - Conaço

1 - Perseveraço

Alliez, 1952	(135)
Alstrom, 1950	(104)
Bovet, 1936	(138)
Bleuler, 1924	(118)
Diethelm, 1947	(114)
Ey, 1954	(135)
Guerrant, 1962	(118)
Guirdham, 1936	(138)
Livingston, 1972	(128)
Piotrowski, 1947	(138)
Silveira, 1956	(148)
Stander, 1938	(39)
Wallon, 1925	(108)

2 - Prolixidade e Minuciosidade

Minkowska, 1944	(91)
Turner, 1907	(118)

4 - Escrupulosidade. Tenacidade no Trabalho

Minkowska, 1944	(91)
Stromgren, 1935	(104)

4 - Distúrbio da Atenção e da Memória

Arieff, 1941	(135)
Bleuler, 1924	(118)

Diethelm, 1947	(114)
Falret, 1890	(131)
Glaser, 1955	(108)
Guerrant, 1962	(118)
Haas, 1965	(122)
Lennox, 1960	(127)
Mignot e Lemperière, 1950	(135)

5 - Manifestações Compulsivas

Diethelm, 1947	(114)
Glaser, 1955	(108)
Lennox, 1960	(127)
Mayer Gross, 1954	(133)
Silveira, 1956	(148)

6 - Hiperatividade

Guerrant, 1962	(118)
Lennox, 1960	(127)
Mauz, 1937	(118)
Rodin, 1968	(145)

IV - Inteligência

1 - Distúrbios na escuta e na fala

Eyrench, 1952	(135)
Haas, 1965	(122)

2 - Lentidão no Pensamento

Alliez, 1952	(108)
Bleuler, 1924	(118)
Diethelm, 1947	(114)
Glaser, 1955	(108)
Haas, 1965	(122)
Mignot e Lemperière, 1955	(135)
Livingston, 1972	(128)
Sjobrings, 1950	(104)

3 - Dificuldade de Síntese e de Raciocínio Abstrato

Guirdham, 1936	(138)
Minkowska, 1944	(91)

PROVA DE ROESCHACH:
RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO

Descrevemos neste capítulo os dados obtidos através dos 102 protocolos de pacientes epilépticos.

Analizamos em separado os índices e os dinamismos psíquicos referentes aos resultados da prova de Rorschach em pacientes convulsivos e em não-convulsivos.

Considerando os resultados dos traçados eletroencefalográficos revelados pelos pacientes epilépticos, construímos os subgrupos: focal, especificamente temporal, bilateral síncrono mais difuso e o normal. Em cada um desses subgrupos examinamos os resultados dos protocolos de Rorschach e realizamos o confronto entre eles.

Finalmente comparamos os dinamismos e os índices revelados pelo psicodiagnóstico de pacientes epilépticos adolescentes - grupo I - e de epilépticos adultos - grupo II.

GRUPO TOTAL DE ADOLESCENTES

I- TIPO DE TRABALHO MENTAL

1) Dados Quantitativos - rendimento, em quantidade do esforço mental dispendido.

A) Número total de respostas: R

a) O número de R médio obtido por Silveira em sua população não epiléptica foi 43,70 com D.P.= 20,83.

O valor médio de R em nossa população adolescente foi 27,45 com D.P.= 14,61.

Verificamos que a um nível de significância de 5% existe uma diferença significativa entre as duas médias, sendo que a população epiléptica revela um número médio de respostas inferior à não epiléptica.

($t_0 = 9,45$ $t_c = 1,98$ - ver tabela A,B,C)

b) Realizamos ainda o estudo intrapopulacional dos epilépticos em termos de intervalo de variação dentro de 3 categorias: baixo número de respostas (R inferior à 23); número de respostas dentro da faixa normal de variação (R entre 23 e 64) e número elevado de respostas (R maior que 64).

R	nº	%
BAIXO	29	40,3
NORMAL	40	55,5
ELEVADO	3	4,2
TOTAL	72	100,0

Portanto, as probabilidades de ocorrência das três categorias são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina o valor "normal" para o grupo de epilépticos. ($\chi^2_0 = 30,37$ $\chi^2_c = 5,991$)

A comparação dos resultados das duas provas estatísticas nos permite concluir que embora o valor médio de respostas seja inferior àquele obtido para uma população não epiléptica, a tendência de nosso grupo é de dar um número de respostas próximo ao valor mínimo crítico do intervalo de normalidade, e portanto com produtividade satisfatória embora não elevada.

A baixa produtividade encontrada em 40,3% dos epilépticos traduz inibição do trabalho mental com deficiência de auto-afirmação ("menor que 2). A causa desta inibição será pesquisada posteriormente quando compararmos com os demais dados do psicograma.

B) Tempo de reação médio: T.R.M.

Não dispomos dos dados originais de Silveira relacionados aos T.R.M. da população não epiléptica, portanto não nos foi possível realizar a comparação de médias pelo método "t" de Student.

Para a população média de epilépticos obtivemos um valor médio de 1,06 com D.P. igual a 0,68. Considerando o valor médio fornecido por Beck em sua população normal: 20" ou 0,33', podemos notar que nossa média é bastante elevada embora não estatisticamente significativa, e além disso com uma variância grande.

O estudo intrapopulacional realizado com intervalos de variação considerados em três categorias: baixo (inferior a 0,33'), normal (entre 0,33' e 1') e alto (maior ou igual a 1') nos forneceu os seguintes resultados:

T.R.M.	nº	%
BAIXO	2	2,8
NORMAL	39	54,2
ELEVADO	31	43,0
TOTAL	72	100,0

A probabilidade de ocorrência das três categorias são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina o T.R.M. dentro de uma faixa de variação normal. ($\chi^2 = 31,89$ $\chi^2_{5} = 5,991$)

Dentre os 31 casos com T.R.M. igual ou maior que 1', portanto excessivamente lento, 20 protocolos apresentaram concomitantemente rebaixamento em sua produtividade (R menor que 23). Para esses casos podemos concluir lentidão no processo mental associativo.

C) Modalidade: ocorrência das categorias principais (G,P,ep)

As probabilidades de ocorrência das três categorias são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina a presença das três modalidades principais: G,P e p. ($\chi^2 = 27,89$ $\chi^2_{5} = 5,991$)

PRESENÇA	nº	%
de G,P,p	45	62,5
de P e p	10	13,9
de G e P	19	23,6
Total	72	100,0

Não consideramos aqui a intensidade com que as modalidades aparecem em cada protocolo, mas apenas a sua ocorrência ou não.

D) Faixa de fatores determinantes.

Dentre as 16 categorias de fatores determinantes, observa Silveira 13 têm oportunidade frequente de surgir em protocolos normais em condições normais de pesquisa.

Os protocolos de epiléticos adolescentes não alcançaram esta expectativa teórica: 39 casos (54,2%) apresentaram apenas de 1 a 6 categorias de determinantes, traduzindo reduzida flexibilidade na interpretação dos eventos do meio externo. Enquanto que 25 casos (34,7%) apresentaram de 7 a 9 determinantes, e, portanto revelando satisfatória susceptibilidade aos estímulos externos e flexibilidade em seus processos perceptivos e cognitivos. Porém apenas 8 protocolos (11,1%) apresentaram resultados plenamente satisfatórios do ponto de vista quantitativo, ou seja, utilizaram de 10 a 13 determinantes em suas respostas.

Para verificarmos qual a tendência significativa e predominante do grupo estudado realizamos a prova de adaptação:

DETERMINANTES	nº	%
FAIXA REDUZIDA	39	54,2
FAIXA SATISFATÓRIA	25	34,7
FAIXA ELEVADA	8	11,1
TOTAL	72	100,0

As probabilidades de ocorrência das 3 categorias são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina a faixa reduzida de determinantes no grupo estudado. ($\chi^2=20,28$ $\chi^2_{(5)}=5,991$).

Portanto, embora quantitativamente adequada a ocorrência das modalidades como indicadores do exercício da observação intelectual, achasse rebaixada a faixa de determinantes como capacidade de elaboração dos estímulos externos. Tal retratação face ao ambiente tanto pode ser resultante de pobreza ideativa, como de problemas emocionais interferindo no contacto com a realidade objetiva.

E) Categorias de conteúdo explícito

Estabelecemos como um mínimo de extensão de interesses pelo ambiente a presença de pelo menos 25% das respostas de cada protocolo, distribuídos pelo menos em três categorias de conteúdo explícito além daqueles habitualmente encontrados: H, pH, A, PA e cn. E, verificamos que apenas 29 protocolos (40,2%) não preencheram essa condição. Desses 29 protocolos, 12 apresentaram concomitantemente um número reduzido de respostas (R inferior a 23) traduzindo carência na produtividade mental, isto é, pobreza do material associativo disponível e, como consequência, dificuldade em desenvolver uma gama razoável de interesses pelo ambiente externo. Além disto computamos 30 protocolos com perseveração de conteúdo, o que revela a presença de pre-ocupações predominantes que interferem no trabalho mental dos probandos, ou então, em pobreza ideativa, levando-os a repetir as mesmas respostas "estereotipadas" para as diferentes manchas da prova de Rorschach.

Procurando caracterizar nosso grupo segundo a extensão da faixa de conteúdo explícito estabelecemos 3 categorias: faixa reduzida com R inferior a 23, faixa reduzida com R maior que 23; faixa satisfatória

CONTEÚDO	Nº	%
FAIXA REDUZIDA R BAIXO	12	16,7
FAIXA REDUZIDA R NORMAL	17	23,6
FAIXA SATISFATÓRIA R VARIÁVEL	43	59,7
TOTAL	72	100,0

As probabilidades de ocorrência das três categorias são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina "faixa satisfatória de conteúdos". ($\chi^2_{0.05} = 23,322$ $\chi^2_{0.05} = 5,991$).

2) Dados Qualitativos

A) Produtividade e capacidade de elaboração intelectual intrínseca: Elab/R

Não dispomos dos dados originais de Silveira relacionados a este índice nos protocolos da população não epiléptica, portanto não nos foi possível realizar a comparação de médias pelo método "t" de Student.

Obtivemos para o grupo de epiléticos adolescentes um valor médio igual a 0,92 com D.P. de 0,40. A expectativa teórica segundo nossa interpretação ao índice Z de Beck seria pelo menos 1. O valor médio obtido por Beck em relação a Z foi 31,40 com D.P. 26,44.

A verificação intragrupal nos revelou que em 44 protocolos (61,1%) o Elab/R foi inferior a 1. Sendo que dentre esses casos 19 protocolos apresentavam também um número reduzido de respostas (R inferior a 23) apenas para esses 19 casos podemos interpretar redução do índice - Elab/R como decorrente da baixa produtividade associativa que fornece escassa possibilidade ao probando de elaborar seus perceptos, e não acarretado por deficiência das funções de análise-síntese como ocorre com os casos restantes de Elab/R rebaixado.

Para fins de estudo intragrupal, consideramos 3 categorias relativas aos valores assumidos pelo índice Elab/R : baixo (inferior a 1), normal (1 a 1,3) e elevado (acima de 1,3). Os resultados foram os seguintes:

ELAB/R	nº	%
BAIXO	44	61,1
NORMAL	21	29,2
ELEVADO	7	9,7
TOTAL	72	100,0

As probabilidades de ocorrência das três categorias são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina a tendência de apresentar o índice Elab/R inferior a 1. ($\chi^2=29,383$
 $\chi^2=5,991$).

B) T.R.M. e ocorrência de "choque"

A lentidão observada no processo mental associativo poderá ser tan

-to uma consequência da deficiência intelectual intrínseca como da interferência da ansiedade no raciocínio.

Para verificarmos êsse aspecto fizemos um levantamento das casos com T.R.M. maior ou igual a 1' associado à ocorrência de pelo menos - um tipo de choque - cromático(afetivo) ou de luminosidade (emocional), o que traduziria a interferência da ansiedade em nível profundo no trabalho mental. Assim notamos que dos 31 protocolos com T.R.M. maior ou igual a 1', apenas três não revelaram nenhum tipo de choque.

Portanto, para o grupo de epilépticos adolescentes a lentidão verificada em seu trabalho mental não decorre de deficiência intelectual mas de inibição afetivo-emocional, prejudicando a rapidez associativa.

C) Modalidade: tipo de percepção

Verificaremos agora qual "estilo perceptual" ou seja, a orientação da atenção característica do grupo estudado.

Conforme discutimos na introdução teórica a verificação da distribuição da atenção pelos diversos estímulos ambientais - que caracteriza as funções de observação intelectual - poderá ser feita através das modalidades e, mais especificamente, de sua participação no "tipo de percepção.

1º) Modalidades principais: G,P,p

a) Global (G ou W)

Segundo a tabela nº apresentada na introdução teórica relativa à prova de Rorschach, verifica-se que a expectativa para a ocorrência de G na população média é de 25% do número total de respostas. Quando seu valor for além da faixa normal de variação consideramos dentro da categoria: acima do normal; quando inferior à faixa de variação pertencerá à categoria: abaixo do normal; e finalmente quando dentro da expectativa ou ainda dentro da faixa de variação normal, teremos os casos pertencentes à categoria : normal.

G	nº	%
NORMAL	18	25,0
DESVIOS PARA MAIS	3	4,2
DESVIOS PARA MENOS	51	70,8
TOTAL	72	100,0

A probabilidade de ocorrência das três categorias são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina a categoria: "desvios para menos", isto é, rebaixamento da modalidade G no tipo de percepção do grupo epiléptico. ($\chi^2_0 = 50,76$ $\chi^2_c = 5,991$).

Procurando verificar sob quais condições ocorre êsse rebaixamento da capacidade de apreensão dos aspectos mais amplos e abstratos da realidade, ou, em termos de Rorschach redução relativa da modalidade G, computamos separadamente a ocorrência de G nos dois tipos de percepção, um calculado para o grupo das pranchas monocromáticas - modelos - de situações que exigem discernimento e iniciativa própria - e o outro, para o grupo de pranchas coloridas - representantes de estímulos de ordem afetiva. Os resultados observados foram os seguintes:

MONOCROMÁTICAS

G	nº	%
NORMAL	29	40,3
DESVIO PARA MAIS	28	38,9
DESVIO PARA MENOS	15	20,8
TOTAL	72	100,0

COLORIDAS

G	nº	%
NORMAL	1	1,4
DESVIO PARA MAIS	0	0
DESVIO PARA MENOS	71	98,6
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação realizada para o grupo de pranchas monocromáticas não rejeitou a hipótese de que as probabilidades de ocorrência para as três categorias são iguais. Isto é, não há diferenças significativas entre as categorias, os resultados são devido ao acaso. ($\chi^2_0 = 5,145$ $\chi^2_c = 5,991$).

Por outro lado, a prova de adaptação aplicada para os resultados obtidos no grupo de pranchas coloridas rejeitou a hipótese de probabilidade igual para as três categorias, ocorrendo a um nível de significância de 5% um predomínio significativo do rebaixamento da categoria G neste grupo ($\chi^2_0 = 68,054$ $\chi^2_c = 5,991$)

Portanto, o rebaixamento da capacidade de observação abstrata e do planejamento geral dos fatos ocorre sempre que os pacientes epiléticos do grupo I estejam sobre o impacto de uma situação afetiva.

Considerando agora a ocorrência de G não mais relacionada ao valor assumido no índice Tipo de Percepção baseado nas variações obtidas na população média, mas segundo o valor relativo que assume dentro de cada

- protocolo, através da relação G/R verificamos o seguinte:

i) Comparação de médias:

Pop não epiléptica (Silveira) - Média: 0,25 DP= 0,05
 Pop epiléptica adolescente - Média: 0,20 DP: 0,05

A comparação das médias revelou não haver diferença significativa entre os dois grupos considerados ($t_0=1,06$ $t_c=1,98$ ver tabelas A,B,C)

ii) Prova de adaptação - em que foi testada a hipótese de probabilidade igual de ocorrência das três categorias: G/R dentro da expectativa teórica (0,25), abaixo da expectativa e acima da expectativa:

G/R	nº	f
DENTRO DA ESPECTATIVA	10	13,9
ABAIXO DA ESPECTATIVA	53	73,6
ACIMA DA ESPECTATIVA	9	12,5
TOTAL	72	100,0

Portanto, as probabilidades de ocorrência das três categorias são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina a ocorrência de G abaixo da expectativa, considerando o número dado de respostas de cada protocolo estudado (R). ($\chi^2_0 = 53,1216$
 $\chi^2_c = 5,991$)

iii) Prova de adaptação na pesquisa das possíveis causas deste rebaixamento:

- iii.1.)- Preocupação excessiva com minúcias em detrimento de uma visão mais ampla e abstrata das situações: queda de G acompanhada por elevação de "p" (primário secundário)

G BAIXO	nº	f
"p" ELEVADO	15	28,3
"p" REBAIXADO	38	71,7
TOTAL	53	100,0

Portanto, rejeita a hipótese de igual probabilidade de ocorrência dos dois casos. A um nível de significância de 5%, predomina o rebaixamento do pormenor secundário (p), e não sua elevação como seria de se esperar, se a causa do rebaixamento de G fôsse o apêgo excessivo a minúcias. ($\chi^2_0 = 9,9810$ $\chi^2_c = 3,841$)

iii.2.) Elevada impulsividade dificultando o planejamento e a apreensão mais ampla dos fatos: queda de G acompanhada por elevação do índice de impulsividade.

G BAIXO	nº	%
IMP ELEVADO	43	81,1
IMP NORMAL OU BAIXO	10	18,8
TOTAL	53	100,0

Portanto, rejeita a hipótese de igual probabilidade de ocorrência dos dois casos. A um nível de significância de 5%, predomina a elevação do índice de impulsividade. ($\chi^2_0 = 20,5470$ $\chi^2_c = 3,841$)

Tais provas nos permitem concluir em relação à modalidade G no grupo de epilépticos adolescentes:

- rebaixamento de G no tipo de percepção do protocolo total devido ao rebaixamento específico dessa modalidade no tipo de percepção do grupo de pranchas coloridas.
- o rebaixamento de G resulta de elevada impulsividade dos probandos, a qual no caso, não apenas impede a apreensão mais ampla dos significados de suas experiências - indicado pela queda de G - mas também a análise mais detida e profunda dos fatos - verificada pela queda concomitante da modalidade p.

b) Pormenor Primário (P ou D)

Segundo o quadro II apresentada na introdução do teórica relativa à prova de Rorschach, verifica-se que a ocorrência de P na população média é de 60% do número total de respostas.

Quando seu valor for além da faixa normal de variação consideramos dentro da categoria: "acima do normal"; quando inferior à faixa de variação, pertencerá à categoria "abaixo do normal"; e, finalmente, quando dentro da expectativa ou ainda dentro da faixa de variação normal, teremos os casos pertencentes à categoria "normal".

P	n ²	%
NORMAL	49	68,0
DESVIOS PARA MAIS	20	27,8
DESVIOS PARA MENOS	3	4,2
TOTAL	72	100,0

Portanto rejeita a hipótese de igual probabilidade de ocorrência das três categorias. Elas são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina o valor "normal", isto é, dentro da expectativa, para o grupo de epiléticos adolescentes. ($\chi^2 = 45,54$ e $\chi^2 = 5,991$)

Procuramos verificar ainda se esta percepção adequada dos aspectos óbvios e concretos da realidade cotidiana: (indicada pela presença normal de P no índice de percepção do protocolo total) se mantém para os dois grupos de pranchas: monocromático e colorido, representante de situações ambientais diversas. Para isso calculamos separadamente os índices de percepção de cada grupo e verificamos como nêles se apresenta a modalidade P. Os resultados foram os seguintes:

MONOCROMÁTICAS

P	n ²	%
NORMAL	43	59,7
DESVIO PARA MAIS	6	8,3
DESVIO PARA MENOS	23	32,0
TOTAL	72	100,0

COLORIDAS

P	n ²	%
NORMAL	25	34,7
DESVIO PARA MAIS	47	65,3
DESVIO PARA MENOS	0	0
TOTAL	72	100,0

Tanto a prova de adaptação aplicada para o grupo de pranchas monocromáticas como a aplicada para o grupo das pranchas coloridas rejeitaram a hipótese de acaso ou seja, de igual probabilidade de ocorrência para as três categorias. A um nível de significância de 5% predomina significativamente a ocorrência do pormenor primário (P) dentro da expectativa no grupo de pranchas monocromáticas ($\chi^2_o = 28,88$ $\chi^2_c = 5,991$) e a sua elevação no grupo de pranchas coloridas ($\chi^2_o = 6,722$ $\chi^2_c = 5,991$) em protocolos de epiléticos adolescentes do grupo I. Portanto face a situações de ordem afetiva os probandos tendem a apegar-se excessivamente aos aspectos mais evidentes e concretos perdendo de vista suas implicações mais amplas e abstratas: elevação de P e rebaixamento de G no grupo de pranchas coloridas.

c) Pormenor Secundário (p ou Dd)

Segundo o quadro II apresentada na introdução teórica relativa à prova de Rorschach, verifica-se que a ocorrência de p na população média é de 10% do número total de respostas. Quando seu valor for além da faixa normal de variação, consideramos dentro da categoria: "acima do normal"; quando inferior à faixa de variação, pertencerá à categoria "abaixo do normal", e, finalmente quando dentro da expectativa ou ainda dentro da faixa de variação normal teremos os casos pertencentes à categoria "normal".

p	nº	%
NORMAL	14	19,5
DESVIOS PARA MAIS	15	20,8
DESVIOS PARA MENOS	43	59,7
TOTAL	72	100,0

Portanto rejeita a hipótese de igual probabilidade de ocorrência das três categorias. Elas são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina o valor rebaixado do pormenor secundário (p). ($\chi^2_o = 22,79$ $\chi^2_c = 5,991$).

Procuramos verificar ainda se este desvio negativo se mantém para os dois grupos de pranchas: monocromático e colorido, representante de situações ambientais diversas. Para isso calculamos separadamente os

- índices de percepção de cada grupo e verificamos como nêles se apresenta a modalidade p. Os resultados foram os seguintes:

MONOCROMÁTICAS

p	nº	%
NORMAL	17	23,6
DESVIO PARA MAIS	15	20,8
DESVIO PARA MENOS	40	55,6
TOTAL	72	100,0

COLORIDAS

p	nº	%
NORMAL	14	19,4
DESVIO PARA MAIS	12	16,7
DESVIO PARA MENOS	46	63,9
TOTAL	72	100,0

Tanto a prova de adaptação aplicada para o grupo de pranchas monocromáticas ($\chi^2_0 = 17,32$), como a aplicada para o grupo de pranchas coloridas ($\chi^2_0 = 30,65$), rejeitaram a hipótese de acaso, isto é, de igual probabilidade de ocorrência para as três categorias. A um nível de significância de 5% predomina significativamente o rebaixamento do pormenor secundário para os dois grupos de prancha, em protocolos de epiléticos adolescentes.

Portanto é característica dêste grupo a dificuldade em se deter em uma análise minuciosa e profunda dos fatos. Pesquisando o dinamismo subjacente a esta deficiência, verificamos o seguinte:

i) Tipos de modalidades que compensam o rebaixamento de p no tipo de percepção

Queda de p compensada pela ocorrência exclusiva de P: 22 protoc.-30,5%			
Queda de p compensada pela elevação de Espaço (E)	:	9	" -12,5%
Queda de p compensada pela elevação de G	:	3	" - 4,1%
Queda de p com ocorrência normal de G e P		9	" -12,5

Notamos que a deficiência de p ocorre em função da presença exclusiva de P, e secundariamente da elevação de E, ou da ocorrência normal de G e P. Daí interpretarmos a dificuldade em concentrar a atenção para uma análise pormenorizada dos eventos, como uma ocorrência da adesão excessiva ao óbvio, ao aspecto prático e cotidiano das experiências ou às suas conotações negativas.

ii) Redução de p acarretada pela baixa produtividade:

Redução do pormenor secundário: 43 protocolos

Nº baixo de respostas (menor que 23) : 19 casos - 44,1%

Nº normal de respostas (maior que 23) : 24 casos - 55,9%

A prova de adaptação não rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer das categorias. Portanto, não podemos afirmar que a redução do pormenor secundário tenha sido decorrência da baixa produtividade dos protocolos. ($\chi^2=0,58$ $\chi^2=3,841$)

d) Apuração da qualidade das modalidades G e P

Antes de analisarmos a ocorrência das modalidades secundárias nos protocolos do grupo I (epilépticos adolescentes), verificaremos a qualidade formal dos determinantes associados às modalidades G e P. Não verificamos a qualidade de p, dado ao seu acentuado rebaixamento

Para o cálculo de precisão formal das modalidades G e P computamos como aconselha Silveira, as respostas em que o determinante é explicitamente forma definida: F+ ou F- e naquelas em que o conteúdo seja vulgar e o determinante forma esteja implícito (M,Ps,L e G'). Normalmente devemos obter a proporção F+ : F- igual a 3:1 ou maior, para considerarmos a qualidade da modalidade associada como "positiva" (+). Quando a proporção for menor, embora não invertida, a qualidade considerada será: " +:-:= " e, quando houver uma inversão da proporção 3:1, a qualidade será considerada "negativa" (-)

i) Observamos em relação à modalidade G e obtivemos o seguinte:

QUALIDADE	nº	%
+	31	48,4
-	11	17,2
" +:-:= "	22	34,4
TOTAL	64	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de igual probabilidade de ocorrência para as três categorias. A um nível de significância de 5%, prevalece significativamente para o grupo de epiléticos adolescentes, a qualidade positiva (+) da modalidade G nos 64 protocolos em que a referida modalidade veio associada direta ou indiretamente ao determinante forma. ($\chi^2_0 = 9,49$ $\chi^2_c = 5,991$)

Observamos ainda que o tipo de global predominante nos protocolos do grupo I é a global "imediata simples" que implica em uma observação mais direta e superficial da mancha total sem a participação da atividade de análise-síntese mais complexa e elaborada, encontrada nas globais combinatórias.

ii) Quanto à modalidade P obtivemos os seguintes resultados referentes à sua qualidade :

QUALIDADE	nº	%
+	28	38,9
-	17	23,6
"+ :- ="	27	37,5
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação confirma a hipótese de haver igual probabilidade para a ocorrência de qualquer uma das três categorias. ($\chi^2_0 = 3,1216$ $\chi^2_c = 5,991$). Portanto, não há diferença significativa entre elas. Os resultados são ocasionais.

2ª) Modalidades Secundárias: E,p', PG

a) Espaço primário (E ou S), ou associado à percepção da mancha (GE ou WS)

Verificamos que em 57 protocolos a modalidade secundária E não aparece no tipo de percepção, enquanto que nos 15 protocolos restantes esta modalidade acha-se presente ao tipo de percepção devido a um aumento de 100% ou mais do valor esperado para a população média, conforme acha-se descrito no quadro II da introdução teórica à prode Rorschach.

Quanto a ocorrência absoluta de E primário nos protocolos verificamos:

1 a 2 respostas E em 24 protocolos: 33,3%

3 a 5 respostas E em 3 protocolos: 12,0%

Enquanto que a modalidade GE aparece em 10 protocolos apenas uma ou duas vezes em cada.

Em relação à sua presença no índice de percepção, consideramos duas categorias: ausência e presença, para fins de prova de adaptação:

E(PERC)	nº	%
AUSÊNCIA	57	79,2
PRESENÇA	15	20,8
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência das duas categorias. A um nível de significância de 5% prevalece significativamente a ausência da modalidade E no tipo de percepção dos epilépticos adolescentes. ($\chi^2_0 = 24,50$ $\chi^2_c = 3,841$)

b) E secundário às modalidades P e p : P(E) ou p(E) ou DS ou DdS

Quanto à ocorrência desta modalidade verificamos:

1 resposta ---- 10 protocolos

2 respostas ---- 1 protocolo

4 respostas ---- 2 protocolos

Portanto apenas 13 protocolos deram pelo menos uma resposta deste tipo, não constituindo portanto uma modalidade característica ao grupo estudado.

c) Pormenor inibitório: p' (Do ou X)

Verificamos que em 68 protocolos a modalidade secundária p' não aparece no tipo de percepção, enquanto que nos 4 protocolos restantes, esta modalidade acha-se presente no referido índice devido a um aumento de 100% ou mais do valor esperado para a população média, conforme acha-se descrito no quadro II da introdução teórica à prova de Rorschach.

Quanto à ocorrência absoluta de p' nos protocolos verificamos:

1 resposta p' ----- 15 protocolos
 2 respostas p' ----- 2 protocolos
 3 respostas p' ----- 1 protocolo

Portanto computamos a presença desta modalidade em 18 protocolos embora em número insuficiente para aparecer no índice tipo de percepção. Considerando no entanto a baixa incidência desta modalidade em protocolos da população média, a ocorrência em 18 protocolos dos 72 epiléticos adolescentes estudados (25%), parece-nos especialmente notável embora não significativa estatisticamente.

Quanto à sua presença no tipo de percepção, consideramos duas categorias: ausência e presença, para fins de prova de adaptação.

p' (Perc)	nº	%
AUSÊNCIA	68	94,4
PRESENÇA	4	5,6
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência das duas categorias. A um nível de significância de 5% prevalece significativamente a ausência da modalidade p' no tipo de percepção dos epiléticos adolescentes. ($\chi^2_0 = 56,88$ $\chi^2_c = 3,841$)

d) Pormenor dando significado global: PG ou pG (global confabulatória)

Consideramos aqui também apenas duas categorias: presença e ausência do tipo de percepção, para a realização da prova de adaptação.

PG (PERC)	nº	%
AUSÊNCIA	70	97,2
PRESENÇA	2	2,8
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência das duas categorias. A um nível de significância de 5%

- prevalece significativamente a ausência da modalidade PG no tipo de percepção dos epiléticos adolescentes. Quanto à ocorrência absoluta nos 72 protocolos verificamos que apenas aparece nos 2 casos em que foi assinalada sua presença no índice tipo de percepção. ($\chi^2_0 = 64,22$ $\chi^2_c = 3,841$).

Cumpra ainda observarmos que a modalidade secundária GP, isto é, global com valor de p menor, não ocorreu em nenhum dos 72 protocolos estudados.

D) Capacidade de Planejamento e Recursos Subjetivos Criadores: Relação G/M

Os dois fatores da proporção G:M medem energia mental em dois níveis diversos: ao planejar ações e estabelecer juízos abstratos (G) e no trabalho mental de criação e formulação das próprias aspirações. A expectativa teórica para a população média seria G:M = 3:1. Tal proporção em um protocolo traduz interesse organizacional com suficiente potencial criador, para tornar real suas aspirações intelectuais. Vejamos como aparece essa proporção no grupo I:

G:M	nº	%
3:1 (NORMAL)	4	5,6
MAIOR QUE 3:1	16	22,2
G MENOR OU IGUAL A M	9	12,5
0:0	5	6,9
M=0 e G diferente de 0	38	52,8
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência das 5 categorias. A um nível de significância de 5% prevalece significativamente a ocorrência de casos com ausência total de maturidade intelectual e de auto-afirmação, com ocorrência concomitante da modalidade global. Portanto, embora haja um certo grau de interesse para o planejamento, não existe maturidade intelectual suficiente para sua plena realização. ($\chi^2_0 = 54,52$ $\chi^2_c = 9,488$)

E) Apreciação da Realidade Externa

O valor médio da GP obtido por Silveira em sua população normal não epilética, foi de 64,24%, com DP igual a 7,90.

Encontramos para a população de epiléticos adolescentes a GP média

igual à 70,47 com DP de 13,96. Portanto ocorre uma diferença significativa entre as médias dos dois grupos ($t_0=3,80$ $t_c=1,98$ - ver tabelas A,B,C); elevação da % F no grupo epiléptico, sendo que a faixa de variação deste índice é bem maior que aquela verificada na população não epiléptica. Realizamos também a prova de adaptação na verificação intragrupal da distribuição dos valores assumidos pela % F. Assim estabelecemos três categorias: baixo valor da % F (inferior a 56%); valor normal da % F (56 a 72%) e valor elevado da % F (superior à 72%). Os resultados foram os seguintes:

% F	nº	%
BAIXO	13	18,0
NORMAL	28	38,9
ELEVADO	31	43,1
TOTAL	72	100,0

Portanto, a prova de adaptação rejeitou a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das três categorias. A um nível de significância de 5% predomina como valor significativo do grupo epiléptico a elevação da % F ($\chi^2_0=7,82$ $\chi^2_c=5,991$).

Procuramos verificar se ocorre uma supressão total nas demais categorias de determinantes das diferentes séries, ou em outras palavras, à custa de que série de determinantes se processa a elevação das respostas formais.

Protocolos com % F acima de 72%

SÉRIE MOVIMENTO	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	5	16,1
PRESENÇA	26	83,9
TOTAL	31	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de igual probabilidade de ocorrência das duas categorias. A um nível de significância de 5% predomina a tendência de pelo menos um tipo de respostas de movimento. Portanto esta série não é inibida totalmente pela elevação do determinante forma ($\chi^2_0=14,22$ $\chi^2_c=3,841$).

Série Luminosidade

L, l, l' e C'	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	24	77,4
PRESENÇA	7	22,6
TOTAL	31	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de igual probabilidade de ocorrência das 2 categorias. A um nível de significância de 5% predomina a inibição total das respostas da série luminosidade. Portanto a elevação do determinante forma se acompanha por inibição de respostas baseadas nas diferentes nuances das manchas. ($\chi^2_0=9,32$ $\chi^2_c=3,841$)

SÉRIE CROMÁTICA

SÉRIE CROMÁTICA	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	13	41,9
PRESENÇA	18	58,1
TOTAL	31	100,0

A prova de adaptação confirma a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias. Os resultados obtidos foram ocasionais e não significativos. Portanto a elevação do determinante forma não é especificamente a ocorrência dos determinantes cromáticos. ($\chi^2_0=0,806$ $\chi^2_c=3,841$)

SÉRIE PERSPECTIVA

SÉRIE PERSPECTIVA	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	22	71,0
PRESENÇA	9	29,0
TOTAL	31	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias. A um nível de significância de 5% predomina a inibição total dos determinantes da série perspectiva. Portanto a projeção de terceira dimensão nas manchas do Rorschach deixa de ocorrer no grupo nos casos em que houve um predomínio de respostas formais. ($\chi^2_0=5,44$ $\chi^2_c=3,841$)

Nota-se então que o aumento das RF se acompanha especialmente pela inibição dos determinantes que aferem os diferentes níveis de adaptação emocional ao ambiente (L,1,1' e C') e dos que traduzem aplicação dos recursos intelectuais no meio externo em seus diversos níveis de

- objetividade (Ps, ps e ps'). Assim ao que parece estar prejudicando é a capacidade dos probandos em elaborar adequadamente os estímulos ambientais de modo a alcançar uma plena adaptação emocional e intelectual. Portanto acha-se inibida a capacidade conativa que permitiria a mobilização adequada e flexível dos recursos subjetivos através dos mesmos emocionais exteriorizados no comportamento (ligados às funções de construção).

A elevação da ΣP denota, no caso, não propriamente uma volta excessiva ao ambiente externo no sentido de sujeição às suas imposições, mas antes uma retração pelo receio de envolvimento emocional, com escassa utilização dos recursos subjetivos.

F) Suceptibilidade aos Estímulos Ambientais: Faixa de Determinantes

Vejamos inicialmente a ocorrência, no grupo de epiléticos adolescentes, de inibição total das diferentes séries de determinantes.

1º) Série movimento: M, m e m'

RM	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	9	12,5
PRESENÇA	63	87,5
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2_{0} = 40,50$$

2º) Série perspectiva: Ps, ps, ps'

RPs	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	37	51,4
PRESENÇA	35	48,6
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2_{0} = 0,054$$

3º) Série cromática: FC, CF e C

RC	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	15	20,8
PRESENÇA	57	79,2
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2 = 24,50$$

4ª) Série luminosidade: L,1 e 1'

RL	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	40	55,6
PRESENÇA	32	44,4
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2 = 0,88$$

Determinante C'

RC'	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	44	61,1
PRESENÇA	28	38,9
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2 = 3,54$$

A prova de adaptação realizada para as diferentes séries de determinantes ($\chi^2 = 3,341$), confirmou a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou de inibição dos determinantes das séries Luminosidade e Perspectiva. A um nível de significância de 5%, a presença ou ausência de categorias desta série, deve-se ao acaso, não se comprovando uma tendência característica do grupo em relação a esses fatores. por outro lado, a prova de adaptação realizada para as séries Movimento e Cromática rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou inibição total das diferentes categorias de ambas as séries. A um nível de significância de 5%, prevalece como tendência significativa do grupo de epiléticos adolescentes, a ocorrência de respostas cinestésicas e cromáticas.

Portanto a inibição dos fatores da série Luminosidade e Perspec-

- tiva que caracteriza os protocolos em que houve um exagero de respostas formais, não é significativa para o grupo total. Apenas nos casos em que ocorrer uma ligação predominante formal com o ambiente é que fica prejudicada a aplicação da inteligência ao ambiente (RPs) e a plena adaptação emocional à realidade (RL). Em nenhum caso, quer haja ou não elevação da RF, ocorre um bloqueio na capacidade intelectual intrínseca representada pela categoria da série movimento.

Verificaremos agora quais as categorias das diferentes séries de determinantes que ocorrem mais frequentemente nos protocolos de epiléticos adolescentes:

SÉRIE MOVIMENTO	SÉRIE PERSPECTIVA
M: 29 protocolos	Ps: 30 protocolos
m: 62 "	ps: 16 "
m': 22 "	ps': 0 "

SÉRIE C.F. MÁTICA	SÉRIE LUMINOSIDADE
FC: 31 protocolos	L : 13 protocolos
CF: 41 "	l : 15 "
C: 22 "	l' : 13 "
-	C' : 28 "

Podemos notar que as respostas de movimento animal (m) e de córfoma (CF), são as que ocorrem na maioria dos protocolos, indicando imaturidade afetiva e intervenção de fantasias infantís na adaptação ambiental. Dentre os determinantes mais encontrados na população média: M, Ps? e C', os mais inibidos do grupo de epiléticos adolescentes foram M e C' indicando a carência de auto-afirmação e da elaboração lógica nas relações interpessoais (M) e retração emocional (C').

G) Interesses Predominantes no Ambiente Externo: Categorias de Conteúdo Explícito.

1ª) Os conteúdos explícitos computados no grupo de epilépticos adolescentes foram os seguintes (ordem decrescente de ocorrência):

-botânica	: 59 protocolos	(81,9%)
-anatomia	: 43 "	(59,7%)
-objeto	: 34 "	(47,2%)
-natureza	: 24 "	(33,3%)
-nuvem	: 23 "	(31,9%)
-geográfico	: 23 "	(31,9%)
-paisagem	: 19 "	(26,3%)
-abstrato	: 16 "	(22,2%)
-vestuário	: 16 "	(22,2%)
-fôgo	: 15 "	(20,8%)
-arte	: 13 "	(18,0%)
-arquitetura	: 11 "	(15,2%)
-sangue	: 9 "	(12,5%)
-mapa	: 9 "	(12,5%)
-alimento	: 8 "	(11,1%)
-religião	: 6 "	(8,3%)
-sexo	: 5 "	(6,9%)
-ciência	: 5 "	(6,9%)

A simples exposição destes resultados não nos fornece informações mais precisas sobre o tipo de interesses que prevalece no contacto do epiléptico adolescente com o ambiente. Com o propósito de delimitarmos melhor estas informações, agrupamos estas várias categorias de conteúdos explícitos em 3 faixas principais deixando ainda de considerar os conteúdos humano e animal. São elas:

a) Conteúdos vagos - que denunciam tipos de interesses superficiais, sem maior participação afetiva ou elaboração intelectual: bt, obj, ggr, mp, vst, na e nv. A categoria vst foi incluída nesta faixa devido a falta de elaboração e originalidade que tais respostas revelaram nos protocolos de epilépticos adolescentes. Além disso decidimos incluir nv nesta faixa, uma vez que sua ocorrência não é suficientemente frequente para considerarmos separadamente, e então de modo aproximado nos pareceu mais cabível sua introdução neste grupo.

b) Conteúdos que exprimem relações afetivas mais primárias: anatomia, sexo, sangue fôgo e alimento. Dada a natureza específica atribuída à categoria anatomia verificamos estatisticamente se sua ocorrência

- erasignificativa para o grupo. A prova de adaptação resultou em um $\chi^2_0=2,72$ inferior ao $\chi^2_c=3,841$ e portanto afastando a possibilidade de considerarmos a presença desta categoria como uma tendência característica do grupo de epiléticos, ou seja o resultado obtido em nossa população foi apenas ocasional.

c) Conteúdos relacionados a interesses intelectuais e estéticos de ordem mais diferenciada: ab,pz,art,arq,rl e ci.

Computando o número de protocolos em que aparece pelo menos uma das categorias de conteúdo pertencentes às 3 faixas mencionadas, obtivemos os seguintes resultados:

VAGOS	nº	%
PRESENÇA	70	97,2
AUSÊNCIA	2	2,8
TOTAL	72	100,0

AFETIVOS	nº	%
PRESENÇA	57	79,2
AUSÊNCIA	15	20,8
TOTAL	72	100,0

INTELECTUAIS	nº	%
PRESENÇA	40	55,6
AUSÊNCIA	32	44,4
TOTAL	72	100,0

A nítida predominância da categoria "vaga" ou "impressoal" coincide com a restrição da faixa de determinantes e a elevada RF.

A prova de adaptação rejeitou hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência dos conteúdos pertencentes às categorias "vaga" e "afetiva"

A um nível de significância de 5% prevalecem as respostas de ambas

- as categorias, conteúdos evasivos, vagos, reveladores de interesses impessoais e gerais, portanto não comprometedoras e associado geralmente a formas impessoais ($\chi^2_0=64,22$ $\chi^2_c=3,841$).

Com uma frequência menor, mas ainda significativa, verificamos a ocorrência de conteúdos ligados a reações afetivas primárias ligadas a impulsos instintivos e predominantemente associadas a determinantes da série cromática - especialmente sx, fg, sg e al ($\chi^2_0=24,50$ $\chi^2_c=3,841$)

As respostas mais elaboradas intelectualmente e indicadoras de interesses mais diferenciados, não são característica do grupo epiléptico uma vez que a prova de adaptação não rejeitou a hipótese de igual probabilidade de aparecimento ou não dessas categorias. ($\chi^2_0=0,88$ $\chi^2_c=3,841$).

Passaremos agora a analisar os conteúdos mais frequentes e de significado mais precisos observados na população média pelos diversos especialistas na técnica de Rorschach: categoria de respostas de figuras humanas e as de figuras animais.

2º) Conteúdo Animal

O valor médio obtido para o grupo de epilépticos adolescentes da % A foi 46,69, portanto bastante elevado. Sua faixa de variação (DP) corresponde a 16,17. A média e desvio padrão obtido por Silveira em sua população não epiléptica foi 36,80 e 3,92 respectivamente.

A comparação das médias resultou em diferença significativa entre os dois grupos no que se refere à % A. ($t_0=5,58$ $t_c=1,98$ - ver tabelas A,B,C).

Dada a importância do conteúdo animal, achamos necessário o emprego de outro método estatístico - a prova de adaptação, baseadas em intervalos de variação observadas na população epiléptica. Estabelecemos assim 3 categorias: os casos em que a % A é superior ao máximo crítico 40% ("elevado"), casos em que a % A acha-se dentro do intervalo normal de variação: 30 a 40% ("normal") e, casos em que a % A é inferior ao mínimo crítico 30% ("abaixo").

% A	nº	%
BAIXO	9	12,5
NORMAL	17	23,6
ELEVADO	46	63,9
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeitou a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias. A um nível de significância de 5% predomina significativamente o valor elevado da %A . 0 ($\chi^2_0=31,90$ $\chi^2_c=5,991$)

Na percepção normal a apreensão do todo prevalece sobre a das partes portanto é de se esperar que as interpretações de figuras animais totais devem predominar sobre a apreciação apenas de suas partes: A deve ser maior que PA. Os resultados referentes ao grupo de epiléticos aqui estudados foram: A maior que PA presente em 61 protocolos (84,7%). A menor ou igual a PA presente em 11 protocolos (15,3%). A prova de adaptação resultou em $\chi^2_0=34,72$ e $\chi^2_c=3,841$.

Rejeitando portanto a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das alternativas. A um nível de significância de 5% prevalece a expectativa normal, isto é, o predomínio da apreensão total da figura animal sobre a mera apreciação de suas partes.

Em suma a categoria predominante de conteúdo no grupo I é a de figuras de animais numa proporção maior que aquela encontrada na população média. Porém, a observação da figura total predomina sobre a de pormenor animal denotando trabalho mental adequado quanto à apreensão dos estímulos assim interpretados.

3ª) Conteúdo humano

No caso seria artificial e pouco fértil a comparação estatística das médias do número de respostas H. Parece-nos mais satisfatória a análise em termos de intervalos de variação.

			T
%H	Nº protocolos		Significado
0 a 20%	54 (75%)		retração ou desinteresse pelas relações hum
21 a 30%	10 (13,8%)		extensão suficiente de interesse humano
31 a 75%	8 (11,2%)		interesse elevado pelas relações humanas
TOTAL	72 (100,0%)		

Os resultados rejeitam a hipótese de igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias. A um nível de significância de 5% predomina como tendência significativa para o grupo a baixa porcentagem de respostas de conteúdo humano. ($\chi^2_0=56,90$ $\chi^2_c=5,991$)

A adequação do tipo de interesse pelas relações humanas revelado pelo predomínio H depende do predomínio da percepção das figuras completas - H -, sobre a apreensão apenas de seus pormenores pH. Tanto a inversão como a ausência da proporção H:pH revelam a presença de conflitos, inibições ou afastamento em relação às outras pessoas.

Os resultados obtidos para o grupo de epiléticos aqui estudados foram:

H:pH	nº	%
H maior que pH	25	34,7
H menor ou igual a pH	40	55,6
H=pH=0	7	9,7
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação revelou ser significativo para o grupo a inversão da proporção H:pH a um nível de significância de 5%. E, portanto rejeitou hipótese de igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das possibilidades. ($\chi^2_0=29,39$ $\chi^2_c=5,991$)

Procurando verificar se êsse desvio é específico ou não a um dos grupos de pranchas: monocromático e colorido, realizamos separadamente a prova de adaptação para os resultados obtidos em cada um dos grupos:

MONOCROMÁTICAS:

H:pH	nº	%
H > pH	12	16,7
H ≤ pH	60	83,3
TOTAL	72	100,0

COLORIDAS:

H:pH	nº	%
$H > pH$	23	31,9
$H \leq pH$	49	68,1
TOTAL	72	100,0

Para os dois grupos de estímulos: monocromáticos e coloridos, a prova de adaptação rejeitou a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer categoria. A um nível de significância de 5% prevalece para os dois grupos de pranchas o desvio da proporção H:pH. Portanto tal desvio independe da natureza da circunstância em que o indivíduo acha-se envolvido. (Grupo Monocromático: $\chi^2_o = 9,38$ $\chi^2_c = 3,841$ Grupo Colorido: $\chi^2_o = 32,00$ $\chi^2_c = 3,841$).

O fato de haver inversão apenas na relação H:pH e não na A:pA, sugere que no primeiro caso não se trata apenas de percepção de todo e das partes determinado por um processo intelectual em nível de observação, como acontece na relação A:pA. A interpretação de pormenores humanos com incapacidade de apreciação da figura total, resulta de inibições e conflitos de ordem emocional que impedem o probando de apreciar de modo mais amplo e ajeitado o comportamento humano.

H) Adaptação Intelectual à Realidade Externa: RMI

A subordinação à realidade externa, ou seja, a ligação cognitiva com o ambiente objetivo necessita ao mesmo tempo de atenção, ligação emocional e pensamento lógico. Esses aspectos, como observa Silveira, são especialmente traduzidos no Rorschach respectivamente por $\Phi F+$, ΦA , e ΦV .

Examinaremos inicialmente cada um desses índices e em seguida sua participação no índice RMI de Silveira.

1º) Esfera Conativa: $\Phi F+$ - capacidade de atenção adequada aos estímulos externos permitindo o controle do processo perceptivo e a apreciação correta da realidade.

a) A média obtida por Silveira em sua população não epilética foi 87,39 com DP igual à 4,98. Obtivemos para a população de epiléticos adolescentes uma média igual à 69,96 com DP de 15,81.

A um nível de significância de 5%, observamos haver uma diferença significativa entre elas. O grupo de epiléticos apresenta uma $\Phi F+$ média inferior àquela do grupo não epilético ($t_o = 9,37$, $t_c = 1,96$ - ver tabelas A, B, C).

b) Para maior segurança em nossos resultados aplicamos a prova de adaptação considerando os intervalos de variação do $\Sigma F+$ do grupo I. As categorias consideradas foram: baixa $\Sigma F+$, isto é, casos com $\Sigma F+$ inferior à 75% (mínimo tolerável segundo Silveira); $\Sigma F+$ normal, isto é, casos em que o $\Sigma F+$ é superior à 75% e inferior a 90%; $\Sigma F+$ elevada, ou seja, casos em que o $\Sigma F+$ atinge o valor de 90% ou mais. Os limites atingidos baseia-se em concepções teóricas. Assim os casos que consideramos dentro da faixa normal excedem a faixa de variação normal obtida por Silveira, mantendo-se no entanto dentro dos limites toleráveis superiores e inferiores.

$\Sigma F+$	nº	%
BAIXO	46	63,9
NORMAL	17	23,6
ELEVADO	9	12,5
TOTAL	72	100,0

A um nível de significância de 5%, predomina como tendência característica do grupo, $\Sigma F+$ inferior ao limite mínimo admitido. ($\chi^2_0=31,90$
 $\chi^2_c=5,991$)

c) Para verificarmos se este decurso ocorre para os dois grupos de pranchas coloridas e monocromáticas construímos a seguinte tabela:

MONOCROMÁTICAS

COLORIDAS

$\Sigma F+$	NORMAL	ALTA	BAIXA	TOTAL
NORMAL	2	5	4	11
ALTA	1	5	2	8
BAIXA	23	7	23	53
TOTAL	26	17	29	72

	nº	%
Combinação GF+ rebaixada nos dois grupos de pranchas + " GF+ " nas Color. e nas Monoocr.	46	63,8
Demais Combinações	26	36,2
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2_o = 5,54$$

$$\chi^2_c = 3,841$$

Tendência significativa do grupo I em relação à GF+: rebaixamento nos dois grupos de pranchas ou apenas no grupo colorido, atingindo valor normal nas monocromáticas.

c) Ou, ainda não considerando as combinações específicas em cada protocolo entre os valores assumidos pela GF+ nas pranchas coloridas e monocromáticas, mas apenas os valores dentro dos intervalos de variação: "normal", "alto" e "baixo" para o conjunto de pranchas monocromáticas e coloridas isoladamente

MONOCROMÁTICAS

GF+	nº	%
BAIXO	29	40,3
NORMAL	26	36,1
ALTO	17	23,6
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2_o = 3,28$$

$$\chi^2_c = 5,991$$

COLORIDAS

GF+	nº	%
BAIXO	53	73,6
NORMAL	11	15,3
ALTO	8	11,1
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2_o = 53,28$$

$$\chi^2_c = 5,991$$

Portanto para o grupo de pranchas monocromáticas não há diferença significativa entre os valores assumidos, enquanto que para o grupo de pranchas coloridas predomina significativamente a um nível de significância de 5%, o rebaixamento da ΣA (inferior a 75%).

2º) Ligação emocional com o ambiente: ΣA

a) Conforme já foi verificado anteriormente, a tendência em apresentar valores elevados da ΣA (superior a 40%) é significativa para o grupo I. Resta-nos verificar quais os resultados obtidos para esse índice nos dois grupos de pranchas que representam estímulos ambientais de natureza diversa: coloridas e monocromáticas:

MONOCROMÁTICAS

COLORIDAS	ΣA	NORMAL	ELEVADA	BAIXA	TOTAL
	NORMAL	3	9	2	14
	ELEVADA	6	31	2	39
	BAIXA	1	10	8	19
	TOTAL	10	50	12	72

Observamos uma nítida tendência em ocorrer uma elevação da ΣA para os dois grupos: monocromático e colorido. Para verificarmos se essa tendência é estatisticamente significativa para o grupo I, realizamos a prova de adaptação considerando duas alternativas: ocorrência da elevação da ΣA em ambos os grupos de pranchas ou ocorrência dos demais tipos de desvios.

	Nº	%
PRESENÇA DA ELEVAÇÃO DA ΣA NOS DOIS GRUPOS	31	43,1
OUTRAS COMBINAÇÕES POSSÍVEIS	41	56,9
TOTAL	72	100,0

Portanto embora bastante acentuada a tendência em ocorrer uma elevação conjunta da ΣA nos dois grupos de pranchas, este dinamismo não é estatisticamente significativo ao grupo I (devido a grande dispersão de casos) em um nível de significância de 5% ($\chi^2_0 = 1,38$ $\chi^2_c = 3,841$)

b) Consideramos isoladamente as variações observadas em cada grupo de pranchas sem levarmos em conta agora as combinações específicas em cada caso.

MONOCROMÁTICAS:

SA	nº	%
NORMAL	10	13,9
ELEVADA	50	69,5
BAIXA	12	16,6
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2_o = 42,75$$

$$\chi^2_c = 5,991$$

COLORIDAS

SA	nº	%
NORMAL	14	19,4
ELEVADA	39	54,3
BAIXA	19	26,3
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2_o = 14,72$$

$$\chi^2_c = 5,991$$

Tanto no grupo de pranchas monocromáticas como no colorido, prova-se significativamente (a um nível de significância de 5%) a elevação da SA.

3ª) Participação do raciocínio lógico na ligação cognitiva com a realidade: %V

a) A média obtida por Silveira em sua população não epiléptica foi 26,93 com DP igual a 4,04. Obtivemos para o grupo I um valor médio para a %V igual a 14,73 com DP igual a 9,11. A um nível de significância de 5% verificamos haver uma diferença significativa entre ambos. O grupo epiléptico revelou uma %V significativamente inferior ao grupo não epiléptico. ($t_o = 11,40$ e $t_c = 1,98$ -ver tabelas A,B,C)

b) Consideramos ainda os intervalos de variação da %V segundo as categorias: "Baixo"- caso em que a %V assume valor compreendido entre 0 e 22%; "Normal"- casos em que a %V está compreendida entre 23 e 32%; e "Elevado"- quando a %V for superior a 32%. Os resultados obtidos para o grupo de epilépticos adolescentes (grupo I) foram os seguintes:

%V	nº	%
BAIXO	61	84,7
NORMAL	3	4,2
ELEVADO	8	11,1
TOTAL	72	100,0

Portanto, foi rejeitada a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias estabelecidas. A um nível de significância de 5%, predomina como tendência característica do grupo o rebaixamento da %V ($\chi^2_0=86,94$ $\chi^2_c=5,991$)

c) Vejamos como se distribuem os valores da %V, em termos de intervalos de variação nos dois grupos de pranchas: monocromáticas e coloridas:

MONOCROMÁTICAS

COLORIDAS	%V	NORMAL	ELEVADO	BAIXO	TOTAL
	NORMAL	2	0	2	4
	ELEVADA	0	1	3	4
	BAIXA	7	9	48	64
	TOTAL	9	10	53	72

Predomina para os dois grupos de pranchas o rebaixamento da %V em cada protocolo. Para verificarmos se êsse resultado é estatisticamente significativo ou apenas casual, realizamos a prova de adaptação para as categorias: presença de rebaixamento nos dois grupos de pranchas e outras variações possíveis da %V no grupo de coloridas e monocromáticas.

	nº	%
PRESENÇA	48	86,7
AUSÊNCIA	24	33,3
TOTAL	72	100,0

$$\chi^2_0=8,00$$

$$\chi^2_c=3,841$$

A um nível de significância de 5% predomina como tendência significativa do grupo I o rebaixamento da SV nos dois grupos de pranchas. ($\chi^2_0=8,00$ $\chi^2_c=3,841$) Tal verificação tornou desnecessária a verificação por grupo de distribuição de V.

4º) ÍNDICE RMI

a) Obtivemos como valor médio do índice RMI no grupo de epiléticos adolescentes o resultado 43,71 com desvio padrão 9,78. A média e desvio padrão obtido por Silveira para o índice RMI no grupo não epilético foi respectivamente 50,00 e 9,00.

A comparação estatística entre o valor médio de RMI no grupo I e aquela obtida por Silveira, revelou a ocorrência de diferença significativa entre os dois grupos ($t_0 = 5,47$ $t_c = 1,98$ ver tabelas A,B,C)

b) Realizamos então a prova de adaptação para verificarmos qual a tendência significativamente predominante no grupo I. Consideramos então segundo os intervalos de variação 3 categorias de resultados possíveis: valores inferiores à faixa normal de variação (Baixo) valores dentro da faixa normal de variação (Normal); valores superiores à faixa normal de variação (Alto). A faixa normal de variação do índice RMI obtida por Silveira foi de 45 a 55%.

RMI	nº	%
BAIXO	35	48,7
NORMAL	32	44,4
ALTO	5	6,9
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeitou a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias. A um nível de significância de 5% predomina significativamente o valor RMI inferior a 45%. ($\chi^2_0=21,986$ $\chi^2_c=5,991$)

c) Procurando verificar qual a combinação predominante nos dois grupos de pranchas monocromáticas e coloridas do índice RMI, obtivemos o seguinte quadro:

MONOCROMÁTICAS

COLORIDAS	RMI	NORMAL	ELEVADO	BAIXO	TOTAL
	NORMAL	7	4	9	20
	ELEVADO	1	4	1	6
	BAIXO	19	10	17	46
	TOTAL	27	18	27	72

RMI COLORIDO + RMI MONOCROMÁTICO	19	$\chi^2_{0.05} = 3,17$
RMI COLORIDO + RMI MONOCROMÁTICO	17	$\chi^2_c = 5,991$
DEMAIS COMBINAÇÕES	36	
TOTAL	72	

Portanto ~~existem~~ ~~uma~~ ~~diferença~~ ~~significativa~~ ~~entre~~ ~~as~~ ~~combinações~~ para a hipótese de 5% predominância de qualquer tipo de combinação relacionado com o índice RMI para os dois grupos de pranchas.

d) Ou, ainda considerando isoladamente os valores obtidos para os grupos monocromático e colorido do índice RMI:

MONOCROMÁTICO:

RMI	nº	%
NORMAL	27	37,5
ELEVADO	18	25,0
BAIXO	27	37,5
TOTAL	72	100,0

COLORIDO:

RMI	nº	%
NORMAL	20	27,8
ELEVADO	6	8,3
BAIXO	46	63,9
TOTAL	72	100,0

As provas de adaptação aplicadas nos valores do RMI nas pranchas coloridas e monocromáticas confirmou a hipótese de igual probabilidade das diversas categorias para o grupo monocromático ($\chi^2_0 = 2,27$ e

$\chi^2_c = 5,991$) e rejeitou esta hipótese para o grupo colorido. A um nível de significância de 5% é significativamente predominante a tendência do grupo I em apresentar um rebaixamento do índice RMI nas pranchas coloridas. ($\chi^2_0 = 14,79$ $\chi^2_c = 5,991$). Os resultados obtidos para o grupo monocromático foram ocasionais e não significativos.

Considerando que o índice RMI é composto pelas percentagens: F+, A e V, procuramos verificar qual a combinação predominante destes três índices na determinação do índice RMI.

e) Combinações computadas no grupo I dos índices: F+, A, V

	n ²	%
F+ (normal ou alta) e V (normal ou alta)-----	7	9,7 (A:
		alta em 5
		normal em 2)
F+ (baixa) e V (baixa)-----	44	61,1 (A:
		alta em 28
		normal em 9
		baixa em 7)
F+ (normal ou alta) e V (baixa)-----	18	25,0 (A:
		alta em 11
		normal em 6
		baixa em 1)
F+ (baixa) e V (normal ou alta)-----	3	4,2 (A:
		alta em 1
		normal em 1
		baixa em 1)
TOTAL -----	72	100,0 (72 = 100%)

A prova de adaptação entre a F+ e V rejeita a hipótese de haver probabilidade de ocorrência de qualquer uma das combinações entre F+ e V. A um nível de significância de 5% predomina a combinação: F+ baixa (inferior a 75%) e V baixa (inferior a 23%). ($\chi^2_0 = 56,77$ e $\chi^2_c = 7,815$). Os valores assumidos pela A concomitantemente a esse tipo de dinamismo entre a F+ e a V foram:

	nº	%
%A ELEVADO	28	63,6
%A NORMAL	9	20,5
%A BAIXO	7	15,9
TOTAL	44	100,0

Portanto a prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer um dos valores da faixa de variação da %A para os 44 casos onde houve rebaixamento da %F+ e da %V. A um nível de significância de 5% predomina significativamente o valor elevado da %A ($\chi^2_0=32,35$ $\chi^2_c=5,991$).

Em suma o dinamismo predominante no grupo de epilépticos adolescentes do índice RMI é: rebaixamento das %F+ e %V e elevação da %A denotando um contacto predominantemente emocional com a realidade.

II FEITIO DE PERSONALIDADE: CONDIÇÕES AFETIVO-EMOCIONAIS

1) Exteriorização das reações afetivas: Respostas Cromáticas

a) Como já foi referido no capítulo teórico referente às respostas cromáticas, o predomínio da categoria FC sobre CF e desta sobre a C traduz manifestação adequada das reações afetivas do probando. Pesquisando êsse aspecto nos protocolos dos epilépticos adolescentes, obtivemos os seguintes resultados:

FC:CF:C	nº	%
PROPORÇÃO ADEQUADA	12	16,7
PROPORÇÃO INADEQUADA	60	83,3
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de uma das categorias consideradas. A um nível de significância de 5% predominam as categorias que traduzem a expressão inadequada da afetividade: CF e C ($\chi^2_0=32,0$ $\chi^2_c=3,841$)

b) Quanto ao tipo de desvio que prevalece:

FC:CF:C	nº	%
FC > CF > C	12	16,7
FC < CF > C	34	47,2
FC < CF ≤ C	10	13,9
FC=CF=C	16	22,2
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade para qualquer das categorias. A um nível de significância de 5%, predomina a resposta CF sobre as demais respostas cromáticas ($\chi^2_0 = 19,99$ $\chi^2_c = 7,815$)

2) Sensibilidade aos estímulos coloridos: Índice de Afetividade (Af)

a) Valor médio obtido por Silveira em seu grupo de não epiléticos: 1,20 com desvio padrão 0,1. Valor médio obtido para o grupo I de epiléticos: 1,53 com desvio padrão 0,52. A um nível de significância de 5%, verificamos que a média do índice Af é significativamente maior para o grupo de epiléticos. ($t_0 = 9,47$ $t_c = 1,96$ - ver tabelas A, B, C)

b) Considerando os intervalos de variação: "baixo" (Af menor que 1,1); "normal" (Af compreendido entre 1,1 e 1,3) e "elevado" (Af maior que 1,4), computamos a seguinte distribuição dos resultados desse índice nos 72 protocolos do grupo I

Af	nº	%
BAIXO	13	18,1
NORMAL	16	22,2
ELEVADO	43	59,7
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias. A um nível de significância de 5%, predomina como valor significativo para o grupo, o índice de afetividade acima de 1,3. ($\chi^2_0 = 22,985$ $\chi^2_c = 5,991$)

Portanto, não apenas esse índice é significativamente maior no grupo de epiléticos quando comparado com outro grupo de não epiléticos, como também ocorre uma concentração de valores acima de 1,3 no grupo I.

3) Conjugação dos dois desvios Significativos para o grupo I

a) Predomínio das respostas CF e C sobre FC e elevação do índice Af

FC:CF:C + Af	nº	%
DESVIO + ELEVACÃO	29	40,3
DEMAIS ALTERNATIVAS	43	59,7
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação confirma a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou não concomitante dos desvios considerados. Portanto, embora haja um número significativo de casos em que predominam as reações afetivas imaturas e egocêntricas sobre aquelas mais adaptadas - em que a sensibilidade afetiva é elevada, os dois modos de expressão afetiva não ocorrem necessariamente juntos ($\chi^2_0 = 2,72$ $\chi^2_c = 3,841$)

4) Índice de Impulsividade: Imp

a) Procurando afastar uma possível causa de erro para interpretação desse índice, computamos os casos em que a redução da frequência de respostas às pranchas II e III (consequentemente o rebaixamento do índice Imp) não foi acarretada por uma relativa insensibilidade a tais estímulos, mas, exatamente ao contrário, provocada por uma intensa reação afetiva face a estas pranchas com ocorrência do fenômeno "choque" ou em nível mais alto, de "inibição".

Deste modo verificamos que os cinco casos que apresentaram seu índice Imp com valor inferior a 0,29 apresentaram inibição frente a pelo menos uma das pranchas: 3 casos com inibição na II, 1 caso com inibição na III e 1 caso com inibição na II e na III. Além destes retiramos mais 8 casos que apresentaram inibição em uma ou mais pranchas coloridas. Nesses casos, embora tenha ocorrido um rebaixamento no índice Imp, o valor obtido não corresponde às reações subjetivas que estamos aferindo.

Portanto, parece-nos bastante significativa a presença de elevada

- impulsividade no grupo de epiléticos adolescentes.

Obtivemos então como valor médio do índice Imp. dos 59 protocolos restantes: 0,63 com DP 0,22.

A comparação das médias nos revelou um valor significativamente superior do Imp. no grupo I em relação ao valor médio obtido por Silveira em sua população não epilética. ($t_0=3,89$ e $t_0=1,98$ ver tabelas A,B,C).

b) Considerando-se a distribuição dos valores desse índice nos 72 protocolos do grupo I segundo os intervalos de variação: "baixo" (Imp. menor que 0,29), "normal" (Imp. variando entre 0,29 e 0,39) e "elevado" (Imp. maior que 0,40) obtivemos os seguintes resultados:

IMP	nº	%
BAIXO	5	6,9
NORMAL	11	15,3
ELEVADO	56	77,8
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeitou a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias. A um nível de significância de 5% predomina no grupo I os valores elevados do índice Imp. ($\chi^2_0=65,42$ $\chi^2_c=5,991$)

5) Estudo Comparado Entre Respostas Cromáticas e Índice Imp.

Consideramos dois tipos de possibilidade: a) relação concordante, isto é, elevação do índice Imp. e predomínio das respostas CF e C ou rebaixamento do índice Imp. e predomínio das respostas FC sobre CF e C e, ainda ausência das respostas cromáticas; b) relação discordante, isto é, elevação do índice Imp com ausência das respostas cromáticas ou predomínio da FC ou, rebaixamento do índice Imp. e predomínio das respostas CF e C sobre as FC.

Tipos de relações concordantes: Imp. elevado + CF e C maior que FC: 31 protocolos. Ou, Imp. normal + FC maior que CF e C: 2 protocolos; ou Imp baixa mas com inhibiç. nas pranchas II ou III + C ou CF maior que FC: 5 protocolos.

Tipos de relações discordantes: Imp. alta + FC maior que CF e C ou RC=0 : 25 protocolos; Imp. normal + CF e C maior que FC : 9 protocolos

Relações concordantes - nº total: 38 protocolos (52,7%)

Relações discordantes - nº total: 34 " (47,3%)

Portanto não encontramos uma tendência significativa do grupo quanto à interferência de impulsos primários e sua manifestação no comportamento explícito. Os probandos do grupo I têm igual probabilidade de exteriorizar ou não sua impulsividade (36 protocolos com exteriorização da impulsividade e 25 com controle adequado dos impulsos primários).

6) Reações Emocionais: Série Luminosidade

a) Adaptação emocional adequada: L

Incluimos aqui as respostas adicionais e deixamos à parte apenas os casos em que houve ausência total das RL(RL=0--31 protocolos)

$L > 1 + 1' = 8 - 19,5\%$

$L < 1 + 1' = 33 - 80,5\%$

TOTAL = 41 - 100,0%

Portanto rejeita a hipótese de igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das alternativas. A um nível de significância de 5% predomina a tendência em reagir emocionalmente de modo excessivamente subjetivo ($\chi^2_{0.05}=15,24$ $\chi^2=3,811$)

b) Porém quando consideramos o outro tipo possível de adaptação emocional, aquele do tipo indutivo (C') verificamos que a tendência significativa do grupo I é a inibição total de qualquer um dos tipos de adaptação emocional, tanto aquela representada por C' como a traduzida por L, cabera quando presentes ocorra um certo predomínio de C' (

($\chi^2_{0.05}=11,20$ $\chi^2=5,991$)

	nº	%
$C' > L$	28	38,8
$C' \leq L$	11	15,2
$C' = L = 0$	33	46,0
TOTAL	72	100,0

c) Considerando agora o conjunto das reações emocionais adaptadas: L e C' comparadas com as reações mais subjetivas e primárias: l e l' verificamos:

	nº	%
L ou C' $>$ l + l'	29	58,0
L ou C' $<$ l + l'	21	42,0
TOTAL	50	100,0

Excluímos 22 protocolos onde não ocorreram nem como determinante adicional as categorias: L, C', l, e l'.

Portanto a um nível de significância de 5% não existe um predomínio significativo de uma das alternativas. Os resultados são casuais. ($\chi^2_0 = 1,28$ $\chi^2_c = 3,841$). Porém a categoria "l" predomina sobre a mais subjetiva "l'" a um nível de significância de 5% conforme podemos verificar através dos seguintes resultados: ($\chi^2_0 = 34,72$ $\chi^2_c = 3,841$)

l maior que l'	-----	61 protocolos	(84,7%)
l menor que l'	-----	11 "	(15,3%)
TOTAL	-----	72 "	(100,0%)

7) Equilíbrio das Forças Subjetivas: EQ e EQ'

a) EQ

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer um dos tipos:

EQ	nº	%
COARTADO	13	18,1
EXTRATENSIVO	41	56,9
INTROVERSIVO	18	25,0
AMBIGUAL DILATADO	0	0
TOTAL	72	100,0

A um nível de significância de 5% prevalece para o grupo, como tendência significativa o tipo "extratensivo". ($\chi^2_0=48,776$ $\chi^2_c=7,815$)

b) EQ'

EQ'	nº	%
COARTADO	4	5,6
EXTRATENSIVO	19	26,4
INTROVERSIVO	43	59,7
AMBIGUAL DILATADO	6	8,3
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer um dos tipos. A um nível de significância de 5% prevalece para o grupo como tendência significativa, o tipo "introversivo" ($\chi^2_0=32,96$ $\chi^2_c=7,81$)

c) Mudanças para cada protocolo, de um tipo EQ para outro em EQ'

	COARTADO		EXTRATENSIVO		INTROVERSIVO		AMBIGUAL DIL.		TOTAL EQ	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
COARTADO	3	23,1	1	7,7	9	69,2	0	0	13	100,0
EXTRATENSIVO	0	0	17	41,5	18	43,9	6	14,6	41	100,0
INTROVERSIVO	1	5,6	1	5,6	16	38,8	0	0	18	100,0
TOTAL DE EQ'	4	5,6	19	26,4	43	59,7	6	8,3	72	100,0

- Prova de adaptação para 13 casos de EQ coartado e os valores que assumem em EQ':

$$\chi^2_o = 3,769$$

$$\chi^2_c = 3,841$$

Portanto não existe uma tendência significativa para mudança ou não de tipo encontrada em EQ coartado para aqueles de EQ'.

- Prova de adaptação para os 41 casos de EQ extroversivo e os valores que assumem em EQ':

$$\chi^2_o = 1,195$$

$$\chi^2_c = 3,841$$

Portanto não existe uma tendência significativa para mudança ou não de tipo encontrada em EQ extroversivo para aqueles de EQ'.

- Prova de adaptação para os 18 casos de EQ introversivo, e os valores que assumem em EQ':

$$\chi^2_o = 10,88$$

$$\chi^2_c = 3,841$$

Portanto rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de modificação de EQ introversivo para os diferentes tipos de EQ'. A um nível de significância de 5% predomina a tendência do grupo em manter em EQ' a introversividade observada em EQ.

Em suma o equilíbrio das forças subjetivas em nível consciente e manifesto característico do grupo I (EQ) é extratensivo, enquanto que em nível profundo e habitualmente não exteriorizado (EQ') predomina a tendência introversiva.

Aquêles casos em que já em nível manifesto (EQ) o equilíbrio é introversivo tende a permanecer introversivo em nível profundo (EQ').

8) Equilíbrio das Forças Subjetivas e Sensibilidade Afetiva

Enquanto que EQ caracteriza especialmente o tipo de relações intrapessoais mantidas pelo probando e, que portanto sofre variações segundo as circunstâncias ambientais e as reações emocionais momentâneas, o índice Af afere reações afetivas intrínsecas e não necessariamente exteriorizadas.

A comparação entre os dois índices nos fornecerá informações sobre a harmonia ou não das forças subjetivas como tendências intrínsecas e sua exteriorização no ambiente. Deste modo consideramos duas alternati-

vas: relações concordantes entre estes dois índices no sentido de reduzida sensibilidade afetiva e coartação ou introversão acentuada ou então de sensibilidade afetiva adequada e exteriorização dos afetos em maior ou menor grau. Os casos em que não encontramos tal correlação dos dois níveis de manifestação da afetividade computamos como relações discordantes.

Portanto a comparação entre Af e EQ resultou em:

	nº	%
RELAÇÕES CONCORDANTES	47	65,3
RELAÇÕES DISCORDANTES	25	34,7
TOTAL	72	100,0

Tendência significativa do grupo I em apresentar relações concordantes entre os dois índices Imp e Af. A um nível de significância de 5% ($\chi^2_0 = 6,72$ $\chi^2_c = 3,841$). Ou seja, EQ extratensivo e elevado índice de afetividade.

Observamos ainda que em 55 protocolos (76,4%) a tendência em concordar ou discordar encontrada em EQ relativa aos valores do índice Af permanece igual quando computamos as tendências profundas reveladas por EQ'.

9) Equilíbrio das forças subjetivas e Elevada Impulsividade

Consideramos apenas os protocolos em que o índice de impulsividade assume valores muito elevados, isto é, superiores a 0,50 e verificamos como este dinamismo se manifesta através do índice EQ:

Imp maior que 0,50 e tipos de EQ:

IMP + EQ	nº	%
COARTADO	10	22,7
INTROVERSIVO	9	20,5
EXTROVERSIVO	25	56,8
TOTAL	44	100,0

Portanto, nos casos de elevada impulsividade predomina a tendência em exteriorizar a impulsividade através de reações afetivas inadequadas

- (dos 25 casos com EQ extratensivo e elevada impulsividade, apenas 4 casos apresentaram respostas FC maior que CF e C). ($\chi^2_0=11,05$ e $= \chi^2_2=5,991$)

10) Características da Capacidade Intelectual Intrínseca dos Epilépticos.

Adolescentes: Série Movimento.

a) Predomina como tendência estatisticamente significativa (a um nível de significância de 5%) a ausência total ou ocorrência de apenas uma resposta de movimento humano (ver cálculo estatístico no item referentes a sinais de Molly Harrower).

b) Predomina como tendência estatisticamente significativa (a um nível de significância de 5%) as cinestésias animais (m) sôbre as demais categorias da série movimento: $\chi^2_0=53,25$ $\chi^2_2=5,991$

M:m	nº	%
m maior que M	53	73,6
M=m=0	11	15,3
M maior que m	8	11,1
TOTAL	72	100,0

c) Ocorrência da categoria m' :

M:m:m'	nº	%
M > m + m'	6	9,5
M ≤ m + m'	61	90,5
TOTAL	67	100,0

Não consideramos os cinco casos em que houve ausência total das respostas da série movimento. Portanto predominam significativamente as elaborações intelectuais ainda em nível não amadurecido.

A prova de adaptação rejeitou em ambos os casos a igual probabilidade da ocorrência de uma das alternativas. A um nível de significância

- de 5% predominam os valores de m sobre M ou, considerando também a categoria m', ocorre um predomínio de m + m' sobre M ($M:m = \chi^2_0=53,28$
 $\chi^2_c=5,991$ e $M:m+m' = \chi^2_0=45,14$ $\chi^2_c=3,841$)

d) Escala de energia das RM segundo o critério de Piotrowski

M	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	TOTAL
GRAU 1	3	0	0	3	0	0	0	0	0	1	7
" 2	1	2	0	1	0	4	3	0	4	4	19
" 3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
" 5	2	1	1	0	0	2	1	0	1	0	21
m											
GRAU 1	1	1	0	0	1	1	1	2	3	5	15
" 2	3	9	6	2	16	3	4	25	0	20	88
" 3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
" 5	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3

Computamos para a realização desta tabela o grau de energia encontrado em todas as respostas de movimento humano e animal dos 72 protocolos. Verificamos que para as respostas M os graus de energia predominantes são: grau 5 e, em segundo lugar o grau 2. Para as respostas m: grande predomínio do grau 2 e em segundo lugar o grau 1. Nas pranchas com mais de uma resposta M ou m foram consideradas apenas aquelas de grau maior.

Comparação dos graus de energia das respostas M e m nos casos em que ambas foram computadas em um mesmo protocolo:

Grau de energia de m maior que o de M : 20 protocolos - 58,8%
 " " " " m menor " " " M : 5 " - 14,7%
 " " " " m igual ao de M : 9 " - 26,5%

Rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorre qualquer uma das alternativas verificadas. A um nível de significância 5% predomina significativamente o grau de energia das respostas de cinestésias animais sobre as humanas. ($\chi^2_0=10,74$ $\chi^2_c=5,991$)

e) Conteúdos humanos e tipos de movimento

TIPOS DE M	nº	%
SÊRES SOBRENATURAIS	12	15,6
" REAIS NÃO CARACTERIZADOS e ATIV. NEUTRAS E CONDESCENDENTES	37	48,0
" " " " " " " " EXTENSORAS	22	29,6
" IRREAIS COM COMPORTAMENTO AGRESSIVO MANIFESTO	6	7,8
TOTAL DE RESPOSTAS	72	100,0

Portanto rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer tipo de fígura humana em movimento. A um nível de significância de 5%, predominam os movimentos realizados por seres humanos reais sem características peculiares, e do tipo flexor. ($\chi^2_0 = 28,60$
 $\chi^2_c = 7,815$)

f) M:C

M:C	nº	%
M=C	1	1,4
M > C	25	34,7
M < C	10	13,9
O:O	36	50,0
TOTAL	72	100,0

A um nível de significância de 5%, predomina como tendência significativa do grupo I a ausência total dos determinantes M e C ($\chi^2_0 = 40,333$
 $\chi^2_c = 7,815$)

g) M:PS

M:Ps	nº	%
M > Ps	21	48,9
M ≤ Ps	22	51,1
TOTAL	43	100,0

A um nível de significância de 5%, não existe um predomínio significativo de qualquer das alternativas baseadas na proporção M:Ps. Os resultados são casuais ($\chi^2_0 = 0,023$ $\chi^2_c = 3,841$)

Excluímos do cálculo os 29 protocolos com ausência total de M e Ps.

11) Estudo Específico do Conteúdo Humano: H

Realizamos um estudo específico desta categoria de conteúdo devido a sua importância como fator esclarecedor da natureza específica das relações interpessoais do probando: como ele se relaciona com os outros, qual o grau de interesse que revela ou a ansiedade que sente em seu convívio com as pessoas.

a) Tipos de figuras humanas percebidas:

H (CARACTERÍSTICAS PREDOMINANTES)	nº	%
H=0	25	34,7
H IMPESSOAIS E MAL DEFINIDAS	25	34,7
H COM CARACTERÍSTICAS PECULIARES E POSITIVAS	13	18,1
H COM CARACTERÍSTICAS PECULIARES E NEGATIVAS	9	12,5
TOTAL	72	100,0

Portanto, rejeita a hipótese de haver igual probabilidade para as diversas categorias descritas para as figuras humanas.

A um nível de significância de 5% prevalece ou a inibição total de respostas H ou a ocorrência de figuras vagas, sem características específicas. ($\chi^2_0 = 11,33$ $\chi^2_c = 7,815$)

b) Modalidades e determinantes associados ao conteúdo H

A modalidade mais frequentemente associada a H foi o por-menor primário enquanto que os determinantes especialmente associados a H foram F+ e M. Portanto as áreas mais evidentes (P) e os aspectos for mais, e secundariamente a associação cinestésica foram os principais fatores utilizados na interpretação das figuras humanas. Não encontramos nenhuma resposta cromática ligada a este conteúdo.

c) Distribuição das respostas H nos dois grupos de pranchas:

<u>MONOCROMÁTICAS</u>		<u>COLORIDAS</u>	
I- 10 respostas H		II - 9 respostas H	
IV- 12 " H		III - 29 " H (25 vulgar)	
V- 6 " H		VIII - 4 " H	
VI -11 " H		IX 24 " H	
VII-12 " H		X 21 " H	
5 pranchas: 52 H		5 pranchas: 87 resp. H	

Prova de adaptação para verificar se um dos grupos estimulam especialmente a interpretação de figuras humanas:

MONOCROMÁTICAS :	52	37,4%
COLORIDAS	87	62,6%
TOTAL	139	100,0

Rejeita a hipótese dos 2 grupos de pranchas estimularem indiferentemente a produção de respostas H. A um nível de significância de 5% as pranchas coloridas (estímulos afetivos) como estímulos predominantes para a produção de H; e mais especificamente: as pranchas III e IX ($\chi^2_0 = 8,80$ $\chi^2_c = 3,841$)

12) Comparação entre as esferas Intelectuais e Afetivo Emocional

A) Plano Manifesto: (Ps + M) : (L+C)

Verificamos no grupo I a ocorrência das seguintes alternativas:

- a) Ausência total dos determinantes Ps,M,L e C ou "coartação"
- b) Predomínio numérico do primeiro membro da proporção sobre o segundo, isto é, Ps+M maior que L+C : "predomínio das reações intelectuais;
- c) Predomínio numérico do segundo membro da proporção sobre o primeiro, isto é, L+C maior que Ps+M : "predomínio das reações afetivo-emocionais"
- d) Igualdade entre os dois membros da proporção, isto é, Ps+M igual a L+C.

No caso de um destes determinantes ocorrerem como fatores adicionais da resposta, computamos como 0,5 ponto.

Resultados:

(Ps + M) : (L + C)	nº	%
COARTADO	22	30,5
PRED. INTELECTUAL	35	48,6
PRED. AFETIVO	11	15,3
IGUALDADE	4	5,6
TOTAL	72	100,0

Encontramos a um nível de significância de 5%, a ocorrência significativa para o grupo I dos casos com predomínio das reações intelectuais sobre as afetivo-emocionais ($\chi^2_{0}=30,53$ $\chi^2_c=7,815$).

B) Plano Latente: (m+m') : (l + C')

Consideramos as mesmas alternativas do caso anterior

(m+m') : (l+C')	nº	%
COARTADO	6	8,3
PRED. INTELECTUAL	48	66,7
PRED. AFETIVO	11	15,3
IGUALDADE	7	9,7
TOTAL	72	100,0

Encontramos a um nível significativo de 5% a ocorrência significativa para o grupo I dos casos com predomínio das reações intelectuais sobre as afetivo-emocionais ($\chi^2_0=67,44$ $\chi^2_c=7,815$)

C) Comparação entre os dois níveis:

LATENTE

	COARTADO		PRED.INTELEC.		PRED.AFETIVO		IGUALD.		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
COARTADO	3	4,2	14	19,4	3	4,2	2	2,8	22	30,6
PRED.INTELEC.	2	2,7	24	33,3	4	5,6	5	6,9	35	48,5
PRED.AFETIVO	1	1,4	6	8,3	4	5,6	-	-	11	15,3
IGUALDADE	-	-	4	5,6	-	-	-	-	4	5,6
TOTAL	6	8,3	48	66,6	11	15,3	7	9,7	72	100,0

A um nível de significância de 5% ocorre como significativa para o grupo I, o predomínio das reações intelectuais sobre as afetivo-emocionais tanto no nível manifesto como latente ($\chi^2_0=8,00$ $\chi^2_c=7,815$)

D) Comparação entre cada esfera em ambos os níveis:

a) Esfera intelectual

(M+Ps) < (m+m') ++-----43 protocolos
 (M+Ps) = (m+m')=0 ----- 6 "
 (M+Ps) = (m+m')≠0 ----- 8 "
 (M+Ps) > (m+m') -----15 "

OU

(M+Ps) ≤ (m+m') -----51 protocolos (70,8%)
 (M+Ps) > (m+m') -----15 " (20,8%)
 COARTAÇÃO INTELECTUAL ----- 6 " (8,4%)
 TOTAL -----72 " (100,0%)

b) Esfera Emocional

(L+C) < (l+c') ++-----32 protocolos
 (L+C) = (l+c') ----- 3 "
 (L+C) = (l+c')=0 -----25 "
 (L+C) > (l+c') -----12 "

OU

(L+C)=(1+C')	35	protocolos
(L+C) (1+C')	12	"
COARTAÇÃO TOTAL	25	"
TOTAL	72	"

13) Capacidade Conativa e Utilização de Recursos Subjetivos: Índice Con. e Lambda.

a) A média obtida por Silveira em seu grupo para o índice de conação foi 50,5 com desvio padrão 2,95. Obtivemos como valor médio do índice Con. no grupo I, 39,15 com desvio padrão 20,68. Portanto a faixa de variação desses índices é bem maior entre os epiléticos. A comparação estatística entre as médias revelou uma diferença significativa nos dois grupos ($t_0 = 4,47$ $t_c = 1,98$ - ver tabelas A,B,C).

b) Utilizamos então os intervalos de variação do índice Con. nos 72 protocolos: "elevado" (superior a 55%), "normal" (45 a 55%) e "baixo" (inferior a 45%)

Con.	nº	%
ELEVADO	18	25,0
NORMAL	11	15,3
BAIXO	43	59,7
TOTAL	72	100,0

Rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer das categorias consideradas. A um nível de significância de 5% predominam significativamente os valores do índice Con. abaixo de 45%, portanto: baixa capacidade conativa como características do grupo I ($\chi^2_0 = 23,827$ $\chi^2_0 = 5,891$)

c) Consideramos ainda os desvios do índice Con em cada protocolo para o grupo de pranchas monocromáticas e coloridas:

MONOCROMÁTICAS

COLORIDAS	CONAÇÃO	ELEVADA	NORMAL	BAIXA	TOTAL
	ELEVADA	11	1	2	14
	NORMAL	5	1	0	6
	BAIXA	22	9	21	52
	TOTAL	38	11	23	72

Portanto não ocorre combinação característica entre os valores do índice Con. para o grupo de pranchas coloridas e monocromáticas. ($\chi^2_0 = 1,60$ $\chi^2_c = 5,891$)

d) Verificando os resultados totais para cada grupo de prancha: monocromático e colorido obtivemos:

MONOCROMÁTICO

Con.	nº	%
NORMAL	11	15,2
ELEVADO	38	52,8
BAIXO	23	32,0
TOTAL	72	100,0

COLORIDO

Con.	nº	%
NORMAL	6	8,3
ELEVADO	14	19,4
BAIXO	52	72,3
TOTAL	72	100,0

As duas provas de adaptação rejeitaram a hipótese de haver igual probabilidade de qualquer uma das categorias em cada grupo de pranchas.

A um nível de significância de 5% predomina para o grupo epiléptico elevação do índice Con no grupo de pranchas monocromáticas e rebaixamento no grupo colorido. (Monocromático: $\chi^2_0=15,40$ $\chi^2_c=5,991$; Colorido: $\chi^2_0=50,83$ $\chi^2_c=5,991$)

e) Índice Lambda de Beck - faixa normal de variação segundo Beck: 0,40 à 0,60 ; média obtida para o grupo de epilépticos adolescentes 0,46 com Desvio Padrão 0,32. Não realizamos a comparação entre as médias por não contarmos com os dados originais obtidos por Beck. Fizemos um estudo intergrupo segundo os intervalos de variação: elevado(superior à 0,60), normal (0,40 à 0,60) e baixo (menor que 0,40)

	nº	%
ELEVADO	25	34,7
NORMAL	16	22,3
BAIXO	31	43,0
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação confirmou a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias. Os resultados são casuais ($\chi^2_0=4,74$ $\chi^2_c=5,991$)

f) Combinação específica do índice Lambda
COLORIDAS

MONOCROMÁTICAS

	ELEVADA	NORMAL	BAIXA	TOTAL
ELEVADA	7	2	1	10
NORMAL	6	5	4	15
BAIXA	16	7	24	47
TOTAL	29	14	29	72

Dada a dispersão excessiva dos resultados, não ocorre uma combinação predominante.

g) Conjunto de pranchas monocromáticas e coloridas

MONOCROMÁTICAS

COLORIDAS

	nº	%
NORMAL	15	20,8
ELEVADO	10	13,9
BAIXO	47	65,3
TOTAL	72	100,0

	nº	%
NORMAL	14	19,6
ELEVADO	29	40,2
BAIXO	29	40,2
TOTAL	72	100,0

No grupo de pranchas monocromáticas ocorre uma tendência significativa para os valores rebaixados do índice Lambda ($\chi^2_0=22,04$ $\chi^2_c=5,991$) enquanto que no colorido os resultados são casuais. ($\chi^2_0=6,25$ $\chi^2_c=5,991$)

h) Para contarmos com elementos mais precisos de interpretação dos resultados referentes aos índices Conação e Lambda, computamos em cada protocolo os resultados que eles assumiam. Deste modo estabelecemos duas ordens de resultados: relações concordantes e relações discordantes. As relações concordantes verificadas foram: elevado índice Con + normal índice Lambda, e, baixo índice Con + elevado ou normal índice Lambda. E, as relações discordantes: Con alto + Lambda alto (mecanismo obsessivo) e Con Baixa + Lambda baixo (mecanismo depressivo). E, separadamente, para os casos em que a Con estava dentro dos limites da faixa normal de variação: relação concordante: com Lambda normal ou alta e relação discordante: Lambda baixa.

Con + Lambda	nº	%
RELAÇÃO CONCORDANTE	54	88,53
RELAÇÃO DISCORDANTE	7	11,47
TOTAL	61	100,00

Predomínio significativo das relações concórdantes. ($\chi^2_0=11,04$)

Estudo específico dos diversos dinamismos entre os dois índices:

Conação Normal

LAMBDA	nº	%
NORMAL	2	18,2
ELEVADO	0	0
BAIXO	9	81,8
TOTAL	11	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer uma das categorias. A um nível de significância de 5% predominam os valores rebaixados do índice Lambda ($\chi^2_0=11,18$)

Relação Concordante

Con + λ	nº	%
Con $\uparrow$ + $\lambda \downarrow$	18	33,4
Con $\downarrow$ + $\lambda \uparrow$	36	66,6
TOTAL	54	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência das duas alternativas. A um nível de significância de 5% predominam de modo significativo para o grupo o dinamismo: conação rebaixada e lambda elevada ($\chi^2_0 = 6,0$ $\chi^2_c = 3,841$)

Relação discordante - apenas do tipo depressivo, isto é, os sete casos com rebaixamento concomitante do índice conação e índice lambda.

Em suma: predominam as relações concordantes e dentre elas a combinação normal ou elevado índice lambda e baixo índice de conação.

Vejamos agora quais os fatores responsáveis por estes desvios:

Índice Con rebaixador e Índice Lambda elevado:

$$\begin{aligned} \text{Con} &= \text{CF} + - \%(R + F) \\ \lambda &= (R - F)/F \end{aligned}$$

O rebaixamento de Con deve-se a dois desvios: a) rebaixamento da CF+ que conforme verificamos no estudo do trabalho mental é significativo para o grupo epiléptico estudado; b) elevação dos determinantes com exclusão das respostas de forma (R - F).

Casos de elevação de lambda -

O índice Lambda elevou-se em decorrência da elevação do fator (R-F) e, mais especificamente da ocorrência elevada de respostas de cinestésias animais (m) e côr-forma (CF). Apesar da CF ser significativamente elevada para o grupo I as respostas m e CF superam as respostas de forma.

i) Considerando que as respostas de forma traduzem a extensão com que os probandos se voltam para a realidade externa, e, portanto, refere-se às funções conativas, procuramos nos 72 protocolos quais os tipos de RF predominantes:

Respostas de forma do tipo "ordinário" ou "impessoal": 72 protocolos (sendo que em trinta e cinco constitui o único tipo presente, e em trinta e sete aparecem predominando sobre outros tipos, isto é, 70% ou mais das RF dos 37 protocolos são do tipo "ordinário").

Respostas de forma de tipo "dinâmico" ----29 protocolos.

Respostas de forma de tipo "especial" ----14 protocolos.

Observamos um nítido predomínio das respostas de tipo "ordinário" ou "impessoal" sobre as demais. A comparação entre a ocorrência dos tipos "dinâmico" e "especial" resultou em um predomínio significativo do primeiro tipo, como podemos observar através dos resultados da prova de adaptação:

TIPOS DE F "DINÂMICO" E "ESPECIAL"	nº	%
F DINÂMICA	29	67,4
F ESPECIAL	14	32,6
TOTAL	43	100,0

$$\chi^2 = 5,22$$

$$\chi^2 = 3,841$$

14) Mecanismos de Reação

1. Rejeição ou Inibição : 49 protocolos - 68,1%
2. Perseveração : 30 " - 41,7%
3. Fabulação : 15 " - 20,8%
4. Insegurança (respostas em forma interrogativa ou comentários sobre sua incapacidade) : 15 " - 20,8%
5. Crítica às anedotas : 9 protocolos - 12,5
6. Preocupação com Simetria : 8 " - 11,1
7. Respostas de oposição : 4 " - 5,5
8. Reversão : 4 " - 5,5
9. Condensação : 4 " - 5,5
10. Moneação de cor : 2 " - 2,8

Verificação da presença significativa destes mecanismos:

a) Rejeição ou Inibição

	nº	%
PRESENÇA	49	68,1
AUSÊNCIA	23	31,9
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeitou a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou não deste mecanismo. A um nível de significância de 5% predomina como elemento característico do grupo de epiléticos adolescentes a ocorrência do mecanismo de inibição ou rejeição ($\chi^2_0 = 9,388$ $\chi^2_c = 3,841$)

Verifiquemos então se este mecanismo ocorre indiferentemente para o grupo de pranchas coloridas e monocromáticas:

	nº	%
COLORIDAS	35	71,4
MONOCROMÁTICAS	14	28,6
TOTAL	49	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência para o grupo de pranchas monocromáticas ou coloridas; A um nível de significância de 5% podemos afirmar que a "inibição" ou "rejeição" ocorre predominantemente no grupo de pranchas coloridas. ($\chi^2_0 = 9,00$ $\chi^2_c = 3,841$)

Distinguimos 3 níveis de inibição nestes protocolos:

1. Inibição total ou rejeição de uma prancha: quando o probando não consegue dar nenhuma resposta para uma determinada prancha mesmo quando esta lhe é apresentada pela segunda vez após terminada a fase de associação.

2. Inibição acentuada: quando o probando não consegue dar respostas na primeira vez, mas quando a prancha lhe é apresentada novamente ele consegue dar pelo menos uma resposta.

3. Inibição atenuada: quando o probando apesar de dar pelo menos uma resposta a uma determinada prancha, apresenta um tempo de reação maior que para as demais e ocorre uma queda acentuada na qualidade da resposta apresentada por ele.

Vejamos então quais os níveis de inibição que ocorrem nos dois grupos de pranchas: monocromáticas e coloridas.

COLORIDO	nº	%
REJEIÇÃO	7	20,0
INIB. ATENUADA	22	62,9
INIB. ACENTUADA	6	17,1
TOTAL	35	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer um dos níveis de inibição. A um nível de significância de 5% predomina a inibição atenuada no grupo de pranchas coloridas dos protocolos de epiléticos adolescentes.

($\chi^2_0=13,913$ $\chi^2_c=5,991$)

MONOCROMÁTICO	nº	%
REJEIÇÃO	5	35,7
INIB. ATENUADA	3	21,4
INIB. ACENTUADA	6	42,9
TOTAL	14	100,0

A prova de adaptação não rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência de qualquer nível de inibição no grupo de pranchas monocromáticas. Porém se considerarmos os níveis rejeição e inibição acentuada verificamos que eles predominam significativamente sobre a inibição atenuada, o que não ocorre com o grupo de pranchas coloridas onde a inibição embora frequente é mais facilmente superada pelos probandos. ($\chi^2_0=1,011$ $\chi^2_c=5,991$)

b) Perseveração

A perseveração ocorreu em 30 protocolos:

	nº	%
PRESEÇA	30	41,7
AUSÊNCIA	42	58,3
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação confirma a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou não deste mecanismo. Portanto, este sinal não é estatisticamente significativo para o grupo. ($\chi^2_0 = 2,00$ $\chi^2_c = 3,841$)

15) Série de Sinais patológicos

a) Série de Sinais Psicógenos de Molly Harrower:

Nº	SÍMBOLO	SIGNIFICADOS	PÊSOS
1	R	-----total de respostas R em nº inferior a 12	1 ponto
2.	M	----- Ausência de resposta M, ou apenas uma	2 pontos
3.	m	----- resposta m em um número duplo dos de M, ou ausência de m (ou ainda m+m' maior que M, na nossa aceção)	0,5 pontos
4.	EF	----- respostas F=50% ou mais; ou F=10% ou menos	1 ponto
5.	In	----- inibição de respostas ou rejeição, em 1 prancha ou mais de 1	3 pontos
6.	FC	----- ausência de resposta FC	3 pontos
7.	GA	----- conteúdo A em 50% ou mais	1 ponto
8.	Gan	----- conteúdo em 50% ou mais, quando somada a A atinge 65% ou mais	1 ponto
9.	chC	----- choque afetivo: inibição retardada ou respostas F - nas pranchas coloridas	2 pontos
10.	chL	-----choque emocional: inibição, retardado ou respostas F nas pranchas IV e VI	

A soma ponderal dos sinais é igual a 17,5. Consideramos como significativa a ocorrência de sinais da série psicógena apenas quando a soma ponderal dos sinais obtidos for 8, devido a extrema importância da interpretação destes sinais. Consideramos primordialmente a importância dos sinais computados em cada protocolo.

Os 72 protocolos de epiléticos adolescentes revelaram os seguintes resultados referentes à ocorrência dos sinais de Harrower:

SOMA PONDERAL	nº	%
SIGNIFICATIVA	47	65,3
NÃO SIGNIFICATIVA	25	34,7
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrer ou não um número significativo de sinais psicógenos. A um nível de significância de 5%, a ocorrência destes sinais é característica ao grupo de epiléticos adolescentes ($\chi^2_6=6,72$ $\chi^2_c=3,841$)

Vejam os agora quais os sinais mais frequentes no grupo de adolescentes epiléticos:

SINAL	Nº	%
1	1	1,4
2	57	79,2
3	60	83,3
4	41	56,9
5	67	93,1
6	41	56,9
7	9	12,5
8	38	52,8
9	24	33,3
10	26	36,1

Verificamos que a ocorrência dos sinais: 2º, 3º, 4º, 5º é estatisticamente significativa para o grupo I. Os demais sinais podem ou não ocorrer nesse grupo.

b) Série de sinais Lesionais de Piotrowski

Nº	SÍMBOLO	SIGNIFICADO
1	R	----- Total de respostas inferior a 15
2	T	----- Tempo de reação -T.r. - excedente de minuto
3	M	----- Uma única resposta M ou menos
4	nC	----- Uma resposta nC, ou mais de uma, como determinante
5	GF+	----- Porcentagem de F+ inferior a 75%
6	Aut	----- Resposta automática: frases estereotipadas de preenchimento
7	Lib	----- Liberação de respostas inadequadas, por incapacidade de reprimí-las, apesar de reconhecê-las como tais.

Nº	SÍMBOLO	SIGNIFICADO
8	Ppl -----	Perplexidade: falta de confiança na própria capacidade
9	Rpt -----	Repetição de respostas por perseveração exaustante das mesmas respostas.
10	W -----	Porcentagem de V inferior a 25%

Nêstes casos não existe valores ponderais para os sinais. Então consideramos como significativa a ocorrência de 5 ou mais sinais da série de Piotrowski.

SOMA	nº	%
SIGNIFICATIVA	9	12,5
NÃO SIGNIFICATIVA	63	87,5
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou não de um número significativo de sinais da série Lesional no grupo I. A um nível de significância de 5% podemos afirmar que a ocorrência de testessinais não é significativa para o grupo ($\chi^2_{50} = 40,50$ $\chi^2_{50} = 3,841$)

Vejamos quais os sinais mais frequentes no grupo de epiléticos adolescentes:

SINAL	Nº	%
1	5	6,9
2	31	43,0
3	57	79,2
4	2	2,8
5	36	63,9
6	1	1,4
7	13	18,1
8	8	11,1
9	25	34,7
10	65	90,3

A ocorrência dos sinais 3,5 e 10 é estatisticamente significativa para o grupo I. Os demais sinais podem ou não ocorrer neste grupo.

c) Série de sinais peculiares a epilépticos de Pietrowski

Nº	SÍMBOLO	SIGNIFICADO
1	T	----- Mesma definição que na série Lesional
2	M	----- " " " " " "
3	nC	----- " " " " " "
4	SP+	----- " " " " " "
5	CV	----- " " " " " "
6	Rpt	----- " " " " " "
7	chI	----- Cheque condicional provocado pelas pranchas mono- crômicas
8	Com	----- Comentários em vez de interpretação ou adicionais
9	Descr	----- Descrição como acima
10	G	----- G ou número maior que 10 ou menor que 5
11	Host	----- Reações hostis à prancha ou à situação da prova
12	Met	----- Meticulosidade nas interpretações
13	Sin.	----- Preocupação anormal com a simetria das pranchas
14	T.r.i.	----- Tempo de reação maior que 25 segundos para a res- posta inicial, em toda série de pranchas

Os 72 protocolos de epilépticos adolescentes revelaram os seguintes resultados referentes à ocorrência dos sinais desta série:

SOMA	nº	%
SIGNIFICATIVA	10	13,9
NÃO SIGNIFICATIVA	62	86,1
TOTAL	72	100,0

A prova de adaptação rejeita a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou não de um número significativo de sinais da série epiléptica de Pietrowski (isto é, 7 ou mais sinais) para o grupo I. A um nível de significância de 5% podemos afirmar que a presença destes sinais não é significativa para o grupo de epilépticos adolescentes. ($\chi^2_0 = 37,1$ $\chi^2_c = 3,841$)

Vejamos agora quais os sinais mais frequentes no grupo I:

SINAL	Nº	%
1	5	6,9
2	57	79,2
3	2	2,8
4	46	63,9
5	65	90,3
6	25	34,7
7	26	36,1
8	6	8,3
9	0	0
10	51	70,3
11	0	0
12	7	9,7
13	5	6,9
14	41	56,9

Embora os protocolos do grupo I não tenham atingido o um número significativo de sinais desta série, é nela que encontramos o maior número de sinais significativos estatisticamente para o grupo. Assim a um nível de significância de 5% os sinais característicos do grupo I são: 2,4,5,10 e 14.

Epiléticos Adolescentes

Tabela A

	Média	Variância	Desvio
TRM.	1.06	0,47	0,68
R	27,45	217,47	14,61
% F	70,47	193,68	13,96
% F +	69,96	249,21	15,81
% V	14,73	91,62	9,11
% A	46,69	263,18	16,17
R.M.I.	43,71	100,10	9,78
Af	1,53	0,2704	0,52
IMP	0,6341	0,0487	0,2207
CON	39,15	421,71	20,68
λ	0,47	0,09	0,30
Elab/R	0,92	0,16	0,40
G:R	0,20	0,0022	0,05

NORMAIS (Silveira)

Tabela B

	Média	Variância	Desvio
R	43,70	432,64	20,83
% F	64,24	62,41	7,90
% F +	87,39	24,80	4,98
% V	26,93	16,32	4,04
% A	36,80	15,43	3,92
RMI	50,00	25,00	5,00
Δf	1,30	0,10	0,10
IMP	0,34	0,0025	0,05
Con	50,05	8,70	2,95
G:R	0,25	0,0025	0,05

Tabela C

TESTE DE HIPÓTESE SOBRE MÉDIA DOS EPILEPTICOS TOMANDO COMO BASE A MÉDIA DE NORMAIS OBTIDA POR SILVEIRA

	Resultado do t de Student	C o n c l u s ã o	Sentido da Diferença (+)
R	9,45 $t_o > t_c$ 1,98	Existe diferença significativa entre medias dos epilepticos e dos normais	$\bar{x} < u$
% F	3,80 $t_o > t_c$ 1,98	"	$\bar{x} > u$
% F+	9,37 $t_o > t_c$ 1,98	"	$\bar{x} < u$
% V	11,40 $t_o > t_c$ 1,98	"	$\bar{x} < u$
% A	5,58 $t_o = t_c$ 1,98	"	$\bar{x} > u$
RMI	5,47 $t_o > t_c$ 1,98	"	$\bar{x} < u$
Af	9,47 $t_o > t_c$ 1,98	"	$\bar{x} < u$
IMP	8,89 $t_o > t_c$ 1,98	"	$\bar{x} > u$
CON	4,47 $t_o > t_c$ 1,98	"	$\bar{x} < u$
G:R	1,06 $t_o < t_c$ 1,98	Nao existe diferença significativa entre medias dosepilepticos e dos normais	$\bar{x} < u$

(+) $\bar{x}$ = média dos epiléticos
u = média dos normais

GRUPO I: Epiléticos Adolescentes

I - Tipo de Trabalho mental

R = 27,45 (N#) $\%F = 70,47$ ($\frac{1}{2}$) T.R. 1,06 Qualidade de G: + (imediato simples)
 G = $\%F+ = 69,96$ ($\frac{1}{2}$) Qualidade de P: + ou " + ou - =
 GE = $\%F =$ () Elab./R: 0,92 Cond. 55% pers. 41,7% Rej. 68,1% Inseg. 20,8 %
 P = $\%V = 14,74$ ($\frac{1}{2}$) Perc:(G) P(p)Fab 20,8% Pos. 5,5% Rev 5,5 % Crítica 5,5 %
 p = $\%A = 46,69$ ($\frac{1}{2}$) Tipo F: ordinário ou impessoal
 p' =
 E = $R.m.i. = \frac{\%F+ + \%A + \%V}{3} = \frac{69,96 + 46,69 + 14,74}{3} = 43,71$ ($\frac{1}{2}$)
 PG =
 GP =

Desvios G $\frac{1}{2}$ + Imp $\frac{1}{2}$
 p $\frac{1}{2}$ + P (independente de R)

Dinâmica R.M.i: $\%F+ + \%V + \%A$

II-Feitio da Personalidade

M: L Ps > ps L < 1 > 1' FC < CF > C C' = L = 0 G:R = 0,20 ($\frac{1}{2}$)
 M < m > m' RPs-variável m' = 2,8 G:M = G/ O: M ()
 ps' = 0 RL -variável nC' = 0 M:C = 0:0
 M:Ps = variável

Af.: 1,53 ($\frac{1}{2}$) Imp: 0,63 ($\frac{1}{2}$) Cond: 39,15 ($\frac{1}{2}$) L (Beck): 0,47 (variável)
 (Ps + M): (L + C) = Ps + M > L + C Eq: M < $\sum C$ Qualidade de M: figuras H vagas, M tipo flexor
 (m + m'): (1 + C') = m + m' > 1 + C' Eq: M > $\sum C$ Grau de M (Piotrowski): M grau 5, m grau 2
 (Ps + M): (m + m') + Ps + M < m + m' RC - conteúdo positivo
 (L + C): (1 + C') = L + C 1 + C' ou C:0

Série de Harrower (): R M x m x FC x $\%F$ x $\%A$ x $\%an$ chC chL In
 (nº significativo)

Série de Piotrowski (): R T M x nC $\%F+$ x Aut Lib Ppl Rpt $\%V$

Série Epileptica de Piotrowski : T M x nC $\%F+$ $\%V$ Rpt ChL Descr. G x Host
 (nº não significativo) MSc Tri x

III- Conteúdo

A > pA Categorias Gerais : "Vago" Ocorrência significativa (bt, mp, Nat, Obj, nv, ggr, vst)
 H ≤ pH "Afetivo" - Ocorrência significativa (sg, al, fg, sx)
 $\%H$ e "vagas" "intelectual" - ocorrência não significativa (bb, art, pz, arq, ci, rd)

Monocromáticas:

Perc: GP (p) ou (G) P (p) $\%F+ = 75\%$ à 90 % ou $\%F+ 75\%$ - $\%A 40\%$ - $\%V < 23\%$ Rmi: 45% a 55 % ou Rmi < 45%
 H ≤ pH Con > 55% L < 0,40

Coloridas : Perc: (G) P (p) $\%F+ < 75\%$ $\%A > 40\%$ $\%V < 23\%$ Rmi < 45% H ≤ pH Con < 45
 L < 0,40 ou L > 0,60

Nota: Os valores de índices correspondem aos resultados das médias. As setas indicam a tendência do grupo verifica da através da prova de adaptação. Todos os valores médios dos índices são significativamente diferentes da - queles obtidos por Silveira em um grupo não epilético. Apenas o índice G/R não revela diferença significativa

INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS - GRUPO I

I - Tipo de Trabalho Mental

1. Trabalho Mental de Observação Intelectual

Embora não totalmente incapazes de apreciar os vários aspectos do ambiente pois as modalidades principais ocorrem pelo menos uma vez em cada protocolo - os examinandos do grupo I não distribuem adequadamente a atenção às implicações gerais e abstratas dos fatos (G), aos seus elementos imediatos e concretos (P) e aqueles menos evidentes que exigem esforço mental (p), divergindo assim da população média. Apenas levam em conta devidamente os fenômenos que se impõem de modo imediato e evidente à consideração. Denotam desinteresse em estabelecer relações entre os fatos isolados, as quais lhes possibilitariam uma perspectiva mais ampla e integrada da realidade, e não se empenham em analisar mais aguda e minuciosamente os eventos. Tais características são expressas no índice Perc. que para o presente grupo resulta em (G) P (p). Em suas atividades cotidianas esse tipo de observação decorre da preocupação pelos dados práticos e concretos que se apresentam no momento de modo evidente e palpável, não exigindo iniciativa ou planejamento. Diante da constelação específica que os dados dos psicogramas assumem no grupo I, podemos interpretar tal atitude como uma busca de apoio nos elementos óbvios da realidade por se sentirem inseguros em relação ao

futuro e incapazes de se empenhar em atividades mais complexas que exigiriam concentração da atenção, capacidade de organização e, ao mesmo tempo, observação analítica. Além disso, a baixa incidência de respostas de espaço como fator primário confirma a natureza passiva e pouco crítica dos examinandos. O empenho em deduzir concepções gerais das experiências (G), em descobrir aspectos menos evidentes à maioria (p) e em considerar os diversos obstáculos impostos pelo ambiente (E), exige flexibilidade mental, auto-suficiência e oposição ativa enérgica; e realmente esses traços psicológicos foram pouco encontrados no grupo epiléptico adolescente aqui considerado.

O exame específico do tipo de percepção (Perc.) considerado separadamente no grupo de pranchas monocromáticas e no de pranchas coloridas, revelou que a dificuldade no planejamento e na organização da visão integrada e complexa das experiências ocorre predominantemente em situações de ordem afetiva: nas pranchas coloridas o índice em causa permanece (G) P (p). Assim, sempre que estimulado afetivamente esses examinandos tendem a reagir de modo imediato e impulsivo, não se detendo na reflexão abstrata ou na análise profunda dos eventos. Ao passo que em momentos que exigem decisão e iniciativa, representados pelo estímulo monocromático, denotam um maior esforço de apreensão global das experiências: Perc. aí iguala a GP (p). Tal empenho resulta porém na captação das generalidades concretas e evidentes, que exigem reduzido nível de elaboração: predomina em G o tipo imediato simples, e a qualidade formal é positiva.

O índice % F refere-se igualmente, embora de modo indireto, à observação intelectual. No caso, a proporção elevada das respostas formais, acompanhada de escassês nas respostas de luminosidade e de perspectiva, traduz a falta de flexibilidade e a ligação superficial com o ambiente.

A preocupação com a simetria das manchas e a ocorrência da inversão figura-fundo (Rev.) são extremamente raras nos protocolos deste grupo.

2. Elaboração Intelectual

O trabalho mental se faz com rendimento quantitativo (R) razoável, porém significativamente inferior ao valor médio obtido na população normal. Esse aspecto revela o nível de produção associativa e de flexibilidade perceptual ante os diversos aspectos do ambiente que se acham representados nas manchas do Rorschach. Embora as associações abranjam uma gama adequada de interesses (faixa de conteúdos), os examinandos reagem apenas a um número limitado de estímulos do meio externo (faixa de determinantes). Além disso, seu trabalho mental é lento, denotando insegurança ao lidar com elementos perceptuais ambíguos que solicitem maior utilização dos recursos subjetivos (T.r. maior que 1 minuto).

O aspecto quantitativo das funções intelectuais resulta do cabedal associativo de que dispõe o examinando, mas também depende de suas condições afetivas: o isolamento para com as situações e o desinteresse em atuar efetivamente no ambiente, reduz o rendimento mental.

Notamos ainda um baixo nível de elaboração intelectual no trabalho mental de nossos examinandos (Elab/R). Tal fato decorre da incapacidade em estabelecer relações lógicas entre os fatos apoiando-se apenas em seus aspectos isolados e imediatos. Esta inabilidade em elaborar satisfatoriamente os dados externos refere-se no caso especificamente à ineficiência do raciocínio dedutivo. As elaborações de nossos examinandos resultam primordialmente de correlações indutivas, pela observação concreta dos fenômenos. O rebaixamento das funções de elaboração inte-

lectual (Elab) em relação à população média, e o baixo nível de respostas formais adequadas (% F⁺), tanto poderão resultar da capacidade mental medíocre como de conflitos emocionais que interfiram no uso construtivo do raciocínio.

A imaturidade intelectual do examinando do grupo I torna-se ainda mais evidente ao verificarmos a baixa ocorrência de cinestésias humanas, as quais aí são superadas numericamente pelas respostas de movimento animal. Tal aspecto revela a precariedade de adaptação à realidade dos epiléticos examinados, isto é, a ausência de valores conscientes que deveriam ser elaborados através de relações interpessoais satisfatórias e que permitiriam nortear o comportamento objetivo.

Além disso, a correlação insatisfatória observada nestes protocolos entre as respostas G e as M revela que o grau de iniciativa e planejamento, embora reduzido, supera a capacidade criadora. Deste modo, devido à carência de auto-afirmação e de confiança em sua própria capacidade intelectual, os examinandos apresentam dificuldade de planejamento e de construção autônoma.

O único dinamismo anormal que ocorre significativamente no grupo I é o de inibição, ou rejeição total, em uma prancha ou em mais, como resultado de bloqueio emocional específico que prejudica ou impede processos associativos. Distinguimos para este mecanismo três níveis diversos de manifestação: 1º- o mais intenso, corresponde à "rejeição total" de uma prancha, isto é, o examinando não consegue fornecer nenhuma resposta classificável mesmo quando o estímulo lhe foi apresentado pela segunda vez após o término da fase associativa da prova; 2º- o grau intermediário refere-se à "inibição acentuada", em que o examinando durante a repassagem da prancha que fora inicialmente rejeitada consegue dar pelo menos uma resposta; 3º- o nível mais superficial de perturbação emocional ou "inibição atenuada", em que ocorrem apenas re

tardamento na velocidade associativa, rebaixamento na qualidade formal de perceptos, ou ocorrência de modalidade p'.

Computamos como choque psíquico - afetivo ou emocional - apenas os casos em que houve os dois primeiros níveis de inibição. O terceiro nível foi tomado apenas como elemento entre os demais desvios conjuntos que ocorreram em um grupo de pranchas, para as considerações do choque.

Verificamos que o dinamismo surgiu predominantemente em relação aos estímulos coloridos, mais especificamente, às pranchas II e IX. A primeira, estimulante de impulsos primários - principalmente de ordem sexual ou de agressividade - e a última relacionada ao processo de comunicação afetivo-emotiva interpessoal, particularmente com ascenso à congelamento familiar, conforme verificou Tomchinsky em trabalho ainda não publicado: " Reações à prancha IX como repercussão de conflitos conjugais " - Nestas pranchas a inibição predominante foi de tipo atenuado e, portanto, não necessariamente acompanhada de choque afetivo, ou cromático. No grupo de pranchas monocromáticas a inibição foi significativamente mais rara, porém quando presente se evidenciava de modo acentuado ou mesmo como rejeição total. Este mecanismo ocorreu especialmente na prancha IV.

A elaboração intelectual se faz de modo restrito, imaturo, pouco criador e individual. Porém não assume um caráter tão precário que impeça o contato com a realidade, já que os mecanismos de reação que se referem à elaborações excessivamente subjetivas e patológicas foram extremamente raros nos protocolos de nossos pacientes (Pos, condensação, contaminação, nC e os determinantes l', ps' e C').

3. Função Intelectual de Comunicação

Nestes protocolos a expressão dos perceptos refere-se a uma gama razoável de interesses, não ocorrendo extrema retração dos valores nem tampouco excessiva dispersão nas preocupações com o ambiente. Porém a insegurança subjacente a todo o trabalho mental a qual interfere igualmente no tipo de interesses revelado: os conteúdos são vagos, genéricos, sem qualquer característica peculiar que revele o contato pleno e espontâneo com o mundo externo. A preocupação específica com os seres humanos acha-se inibida ($\% H$). Os examinandos não apreciam os vários matizes psicológicos e sociais do comportamento humano. Atendendo-se demasiadamente aos pormenores, perdem de vista as implicações reais ligadas aos vários componentes de interrelação social ($H < pH$). Este desvio ocorre em todas situações e não apenas naquelas de natureza afetiva ($H < pH$ nas pranchas monocromáticas e nas coloridas).

Observamos nos protocolos deste grupo um aumento significativo das respostas em conteúdo animal, interpretação essa ligada à vida emocional com prevalência dos juízos de valor. Tal aspecto revela o acentuado apego de nossos examinandos a fantasias infantis como compensação emotiva para com dificuldades que enfrentam em devolver interesses mais complexos e diferenciados no ambiente. A proporção $A > pA$, predomina significativamente no grupo I, denotando a adequação do trabalho mental na apreensão dos estímulos assim interpretados. Esta relação adequada - $A > pA$ - contrastando com o desvio significativo de $H : pH$, sugere que a precariedade observada em diversos aspectos do processo associativo resulta da constrição psíquica relativa aos conflitos interpessoais e, não propriamente de deficiência intelectual.

Consideramos como conteúdos vagos aqueles pertencentes às categorias bt, obj, ggr, mp, vst, nv e as nat pouco elaboradas. Isoladamente a categoria que predomina significativamente é a de conteúdo botânico, especialmente associado a determinantes cromáticos e denotando ingenuidade e modo infantil de pensamento com falta de elaboração. A categoria an apesar de frequente não ocorre de modo significativo neste grupo. Por outro lado, os conteúdos ci, sx e rl são significativamente baixos revelando o desinteresse, ou bloqueio, relativos a estes aspectos da realidade.

O dinamismo fabulação (fab.), e respostas em forma interrogativa ou negativa, ocorrem com certa frequência, porém não com intensidade suficiente para serem consideradas reações peculiares aos nossos examinandos. Acrescente-se a isto que as "críticas às manchas" são consideravelmente raras no grupo. A perseveração de conteúdo, isto é, a formulação de respostas análogas em pelo menos três pranchas, das quais apenas uma com qualidade formal adequada, foi encontrada em 41,7% dos protocolos, portanto não com uma frequência significativa para o grupo. Porém, se considerarmos, como fazem alguns autores desde Bovet, 1936, a assim chamada "perseveração temática" em que determinadas categorias de conteúdo - no caso, H e A, seres humanos e animais - predominam sobre as demais, a frequência eleva-se a 70%, tornando-se altamente significativa para o grupo I. Este dinamismo relaciona-se com a rigidez e a "viscosidade" do trabalho mental principalmente nos conteúdos bt e A.

4. Adaptação Intelectual

O estudo do nível e da natureza da adaptação intelectual dos examinandos às imposições da realidade, realizado a partir do índice R.m.i., revelou aspectos assaz significativos. De fato, as disposições conativas investidas neste dinamismo e representadas por % F^+ se mostraram insuficientes, e o domínio consciente dos processos perceptivos é inadequado para permitir o exame objetivo e imparcial dos fatos. Em suas realizações os examinandos não ponderam as circunstâncias em que se encontram e, sem planejamento suficiente, agem ao sabor de estímulos momentâneos, apegando-se aos aspectos concretos da experiência (Elab, G e F^+ rebaixados, P elevado). A função conativa especificamente considerada na adaptação cognitiva, é a que permite concentrar e manter a atenção para com os dados externos. Verificamos, no caso, que a estabilidade conativa não é necessariamente inadequada em situações afetivamente neutras, enquanto que sob o impacto de estímulos afetivos, os examinados perdem a objetividade na apreciação do meio externo (% F^+ normal ou rebaixado nas pranchas monocromáticas e inferior a 75% nas coloridas).

Beizmann observou rebaixamento de % F^+ em crianças apáticas que apresentam transtornos do esforço e da vontade. Verificou ainda que este índice se mostra igualmente insuficiente em indivíduos vacilantes, inseguros e também nos irritáveis que apresentam repentinas variações de humor (29).

A ligação lógica com a realidade revela-se igualmente precária nos protocolos estudados. As normas de pensamento peculiar à população média não foram suficientemente assimiladas por nossos pacientes - quer por deficiência lógica, quer por desadaptação emocional. Seguramen

te o rebaixamento de % V não significa no caso atitude de oposição ativa aos padrões convencionais do pensamento, pois não encontramos sinais de negativismo nem de auto-afirmação suficientes para indicar tal atitude. Dadas as características do psicograma composto, observamos em nossos pacientes a não participação na maneira de se conceber a realidade. Revela-se assim, dificuldade em considerar os eventos externos nos mesmos termos que as outras pessoas, em qualquer tipo de circunstância (% V rebaixado nas figuras monocromáticas e nas coloridas).

Finalmente, prevalecem na adaptação intelectual ao ambiente os valores emocionais, em detrimento da lógica e do exame objetivo. Refletem nesse sentido, mentalidade infantil, afetividade imatura e portanto ainda influenciada por juízos de valor. Tal aspecto do psicograma - elevada percentagem de A - coincide com ocorrência insuficiente de cinestésias humanas o que revela a dificuldade do epiléptico em integrar-se em um convívio humano de ordem mais abstrata, ligando-se apenas aos significados emocionais mais primários e evidentes (% A,P).

Deste conjunto de circunstâncias resulta que os examinandos não se adaptam satisfatoriamente às condições impostas pelo ambiente (R.m.i. rebaixado) e mais especificamente não aceitam as injunções externas quando submetidos a incitações afetivas intensas (R.m.i. e % F⁺ rebaixado nas pranchas coloridas). A adaptação à realidade é de ordem predominantemente emocional (% F⁺, % V rebaixado e % A elevado).

II - Feitio de Personalidade: Condições Afetivo-Emocionais

1. Reações Afetivas Intrínsecas e Relações Interpessoais

A manifestação adequada dos sentimentos supõe o predomínio da subordinação do ambiente e às reações alheias sobre a manifestação livre dos impulsos primários. Na prova de Rorschach, como já vimos, as reações afetivas são aferidas através das respostas cromáticas, em que as mais adaptadas são aquelas em que o fator forma sobrepuja à cor - FC - enquanto que as mais impulsivas são determinadas exclusivamente pelo estímulo colorido - C. Observamos nos protocolos do grupo I tomados em conjunto, o predomínio significativo das reações afetivas imaturas, egocêntricas sobre as mais adaptadas e também sobre as mais primárias: $FC < CF > C$. Esta proporção traduz a tendência em reagir intensamente no plano afetivo com mudanças intempestivas de humor, labilidade dos sentimentos, agressividade e consideração precária das circunstâncias externas.

Ainda correspondendo a este setor da personalidade observamos dois tipos diversos de reações características do grupo I. Elevada impulsividade faz com que os examinandos reajam irrefletidamente aos estímulos momentâneos, obedecendo às necessidades individuais com relativa desconsideração pelos estímulos afetivos mais diferenciados socialmente (índice Imp elevado). E em alguns casos, ocorre bloqueio emocional sempre que entrem em jogo as necessidades pessoais de ordem instintiva, como à incapacidade dos examinandos em elaborar adequa

damente os impulsos primários de acordo com as exigências externas: protocolos com inibição na prancha II. Os dois casos traduzem imaturidade afetiva.

Porém nossos pacientes são amplamente influenciados pelas situações afetivas em geral e não apenas por aquelas que mobilizem suas necessidades individuais (índice Af. elevado).

Ocorre significativamente nos psicogramas do grupo I a constelação de fatores: elevados índices Af e Imp, predomínio das reações CF, reduzida percentagem das respostas F⁺. Isso revela dinamismos psicológicos específicos do setor afetivo da personalidade. De modo genérico, podemos caracterizá-los como segue: 1) ampla susceptibilidade às situações de ordem afetiva, com tendência a exteriorizar irrefletidamente os impulsos o que torna precipitadas e variáveis, a cada momento, as reações; 2) presença de conflito na integração interpessoal, ligado à instabilidade dos sentimentos - tornados imprevisíveis - à fácil irritabilidade, à hiperemotividade e à subordinação deficiente ao mundo real. Todavia as reações dos examinados não se fazem desordenadas nem tendem para manifestações explosivas de humor totalmente desvinculadas das exigências externas: o predomínio das respostas CF sobre as C e a baixa frequência da categoria nC o sugere. Nesse sentido, a tendência dos pacientes ao envolvimento afetivo intenso não se traduz em reações violentas ou negativas, mas de preferência em sensibilidade afetiva exagerada e em necessidade de aproximação maior com os demais, muito embora não encontrem vias adequadas de adaptação. Esta dificuldade faz com que nossos examinados se tornem passivamente reativos aos estímulos imediatos do ambiente, ficando à merce das influências afetivas de outrem (Af. elevado, CF predominante, e conteúdo explícito das respostas à cor positivo ou então neutro).

O estudo específico do modo pelo qual os examinandos utilizam os recursos intelectuais intrínsecos na adaptação social deve ser feito através das respostas cinestéticas. Encontramos também nesse aspecto o mesmo desequilíbrio das funções psicológicas, pois ocorre um predomínio significativo das cinestesias animais sobre as humanas. Ou, de modo mais amplo, há baixa incidência de respostas de figura humana em movimento, e elevada a das reações cinestéticas de natureza subjetiva ($m+m'$). Esta discordância revela que na esfera intelectual dos examinandos prevalecem as construções emocionais resultantes de fantasias infantis desligadas das exigências do ambiente atual. Normalmente, essas reações são superadas pelo indivíduo à medida que se integra lógica e afetivamente na realidade social e apenas excepcionalmente afloram à consciência. No caso presente essas fantasias irracionais interferem no desenvolvimento de papéis adequados à convivência social, bloqueando a capacidade de auto-afirmação e impedindo que nossos pacientes se localizem objetivamente no ambiente (M igual ou inferior a 1, e número escasso de respostas Ps).

A natureza específica dos movimentos projetados na figura humana percebida revela as atitudes básicas dos examinandos em relações interpessoais. No caso presente observamos a ocorrência acentuada de cinestesias do tipo flexor projetadas em seres humanos, reais porém vagas e sem elaborações de maior complexidade ou sem peculiaridade. Piotrowski (55; 56) interpreta esse tipo de reação como necessidade de apoio e de proteção benevolente para efetuar as atividades. Falta confiança em si mesmo e nas realizações futuras. O examinando não chega a apreciar devidamente a complexidade das relações humanas nem tampouco a desenvolver os potenciais criadores. Atenua a insegurança através da submissão passiva ao ambiente imediato. Nos pacientes do grupo I, nem mesmo esse tipo de ajustamento interpessoal é alcançado, uma vez que

são raras as respostas M e elas apresentam reduzida elaboração individual.

O apego a fantasias infantis aparece como compensação emotiva para os diversos tipos de expressão de insuficiência funcional. No caso, sugere sentimento de inferioridade somática, ou preocupação com doença - ou com situação social - embora não chegue a caracterizar reações hipocondríacas (H menor que pH; an em número elevado; % A superior a 40% m maior que M). As reações expressas por m e por m' traduzem respectivamente a experiência infantil tal como se reflete nas fantasias e nas cogitações atuais, e a concepção essencialmente pessoal quanto às imposições do ambiente às próprias aspirações. Deste modo, em nossos pacientes as tensões emocionais impedem a utilização dos potenciais racionais para a solução construtiva dos conflitos. As primeiras experiências emocionais não foram superadas pelo processo de amadurecimento psicológico e permanecem ativas, interferindo no juízo de realidade (% F⁺ e % V rebaixados, enquanto que a % A está elevado) e no comportamento manifesto (M menor que CF).

O grau de energia implícito nas várias respostas cinestéticas permite verificar o modo como se distribuem a expressão das fantasias infantis e as tendências manifestas que as substituem. Nos protocolos dos nossos examinandos verificamos que predominam o grau 5 (escala de Piotrowski) e com maior frequência, o grau 2, nas respostas M. Esse resultado indica a escassa energia afetiva investida na concepção de papéis sociais que exigem autonomia. Para as respostas m foram computados significativamente o grau 2 e secundariamente o grau 1 - o que revela a maior interferência das fantasias associadas à afirmação, e em plano menor à agressão, nas relações interpessoais dos examinandos. Verificamos a predominância de m afirmativo - 95% das respostas m dos 72 protocolos são do tipo extensor - e uma proporção mínima de respostas m agressivas:

as de tipo extensor agressivo em 15% e as de movimento extensor não agressivo em 80%. Essa disposição sugere elementos positivos no trabalho mental de nossos examinandos. Neste sentido, observa Loosli-Usteri (50) que os movimentos animais ativos são bons augúrios para o desenvolvimento da personalidade, indicando possibilidade de se ampliarem ulteriormente as capacidades que estão bloqueadas. Por outro lado, o predomínio do grau de energia das m sobre o das M traduz o sentimento de frustração das potencialidades criadoras. Em decorrência de tais conflitos subjetivos, a capacidade de autodeterminação e a organização intencional da ação no tempo segundo um sistema de valores próprios acham-se depreciadas (M baixo e índice Con inferior a 45%).

Verificamos ainda que nas diferentes situações interpessoais os examinandos reagem predominantemente através das expressões afetivas e não se norteiam de acordo com uma concepção própria de papéis que deveriam ter sido desenvolvida durante a adaptação social. Tal aspecto foi obtido na prova de Rorschach através do índice Eq - equilíbrio das forças subjetivas - que no grupo I assume significativamente o feitiço extratensivo. Egocentrismo, sugestibilidade e insuficiente auto-afirmação são as características psicológicas que daí se deduzem. Além disso, a correlação positiva entre o tipo de Eq e o valor elevado de Af indica que estes traços são peculiares ao temperamento dos epilepticos aqui considerados.

Desse modo, a tendência para reagir intensamente no plano afetivo, não corrigida suficientemente pelo senso de adaptação aos estímulos objetivos - baixa FC - também não encontra corretivo na auto-determinação ou na reflexão própria do indivíduo amadurecido - traços expressos na categoria M -, nem tampouco no auto-domínio e na cautela - revelados por %F⁺ e pela ocorrência de L.

O índice Eq' , em que consideramos não apenas o nível intelectual consciente M mas também os níveis latentes, com valor ponderal - m e m' , revela tendências intelectuais mais ligadas à vida emocional. Estas interferem no plano consciente modificando as reações individuais em casos de tensão ou, como mostrou Piotrowski (55) nos de diminuição da consciência. O valor significativo obtido para esse índice no conjunto de protocolos do grupo I corresponde ao "tipo introversível". Desse aspecto resulta que os examinandos em um plano mais profundo das reações afetivas sofrem intensamente a influência de elaborações intelectuais primárias. Esta discordância de reações psicológicas - revelada pela comparação entre Eq e Eq' - traduz a desarmonia psíquica entre a conduta intencional dos examinandos e as suas reações intelectuais imaturas que escapam ao domínio consciente.

2. Dinamismo Emocional

Analisando em particular os dinamismos emocionais, isto é, os que envolvem as reações afetivas ante solicitações reais ou imaginárias do ambiente devemos considerar especificamente a série luminosidade. Nesse aspecto os resultados significativos obtidos para o grupo I foram de dois tipos: ou as reações emocionais menos diferenciadas predominam ($l+l' > L$), ou ocorre um bloqueio total das respostas de luminosidade ($l+l'+L = 0$). Esses desvios acham-se parcialmente compensados pela ocorrência de um tipo mais simples e concreto de adaptação emocional, representado pelos fatores C' e A . Verificamos que em 70% dos casos em que houve inibição total da série RL a resposta C' estava igualmente ausente. Nos demais protocolos a ocorrência de C' mostrou-se suficiente para compensar as reações emocionais inadequadas ($L+C' > l+l'$). Assim,

os fatores C', elevada percentagem de A, e Perc com predominio de P, caracterizam para o grupo I a adaptação emocional indutiva e concreta.

Quando comparada a vertente intelectual com a instintivo-emocional observamos a retração de ambos os setores de modo consciente ou então o predominio das concepções racionais (Ps e M) sôbre as que indicam adaptação emocional cautelosa (L) e ao mesmo tempo sôbre as reações afetivas mais primárias e desordenadas (C). Nesse caso, apesar de os examinandos contarem com poucos recursos subjetivos para construção mental refletida durante o comportamento manifesto, estes são mais solicitados do que as expressões afetivo-emocionais. Porém, quer haja bloqueio total das funções intelectuais e das exteriorizações emocionais ($Ps+M : L+C = 0$), quer ocorra um ligeiro predominio das primeiras, sempre estará implícita uma busca consciente de adaptação, por omissão ou por ligação passiva e pouco criadora com os demais determinantes (M flexor, e Ps raros e pouco elaborados).

No plano latente do comportamento, as noções estabelecidas a partir de elaborações subjetivas (m e m') superam os nexos emocionais imaturos (l e l') e mesmo as que indicam adaptação imediata e prática aos estímulos ambientais (C').

Ao examinarmos em cada setor da personalidade as disposições mais adequadas e as mais subjetivas verificamos que tanto em relação às funções intelectuais como na faixa das reações emocionais os dinâmismos imaturos e inconscientes prevalecem sôbre as expressões mais atuais.

Assim, nas várias esferas da personalidade dos examinandos encontramos o mesmo dinamismo psicologico em ação: retiram-se do plano objetivo e manifesto para níveis imaturos ou se retraem emocionalmente como defesa contra as inadequações afetivas.

Desinteresse em conceber projetos futuros, apatia, passividade, adesão ao óbvio (viscosidade), decisões impulsivas, pensamento concreto e restrito - são as expressões que assumem estes dinamismos subjetivos no comportamento explícito dos examinandos.

3. Disposições Conativas e Utilização dos Recursos Subjetivos

A medida em que os indivíduos se voltam para a realidade externa procurando apreciar-lhe os vários aspectos de modo a obter segurança e eficiência adequada no comportamento, depende necessariamente das funções conativas. Nos protocolos do grupo I esta capacidade subjetiva para a ação acha-se assaz reduzida (índice Con inferior a 45%).

Verificamos ainda nestes protocolos elevada percentagem de respostas formais, o que indica preocupação acentuada dos examinandos pelo meio externo, embora tal atitude não impeça a utilização dos recursos subjetivos (índice lambda dentro da expectativa normal). A ligação com a realidade externa se faz aí de modo acentuadamente afetivo (Eq), com prejuízo do planejamento, da construção (M e G) e da submissão aos preceitos lógicos (V). No domínio da ação explícita as disposições são pouco eficientes em decorrência de fantasias infantis (m) e de reações afetivas primárias (CF), que lhes desgastam tal capacidade. Esta inadequação torna-se especialmente acentuada em circunstâncias de ordem afetiva, quando se desorganiza a ação explícita e os examinandos se revelarão instáveis, inquietos e pouco objetivos: no grupo de praticas coloridas Con é menor que 45%, CF maior que FC, % F⁺ significativamente ainda mais rebaixado que no outro grupo. Por outro lado, sempre que solicitados a tomar decisão ou iniciativa em situações afetivamente neutras nossos pacientes não dispõem de auto-afirmação refletida

suficiente, reagindo demasiadamente às implicações momentâneas das situações: (na série monocromática o índice Con é maior que 55%).

De modo geral os examinandos tendem a apreciar os aspectos concretos e superficiais das ações humanas e dos fenômenos ambientais. Tal conclusão se baseia na conjunção de vários dinamismos: % F, cuja maior parte é do tipo ordinário ou impessoal aparece elevado; Perc é igual a (G) P (p); ocorrência de C' e os conteúdos figura humana são pouco expressivos.

Outro aspecto característico do grupo I é que se refere às disposições conativas consiste no rebaixamento da percentagem de formas bem vistas, traduzindo a dificuldade dos examinados em estabilizar a atenção de modo a exercer o julgamento crítico objetivo da realidade. Esta função é um componente indispensável ao trabalho mental, pois permite maior precisão do pensamento e dos processos associativos. No entanto, como a maioria dos fatores do Rorschach, % F⁺ não depende só do fator intelectual mas também da afetividade. O indivíduo ansioso ou hiperemotivo apresenta maior dificuldade em manter-se atento de modo a integrar adequadamente os processos perceptivos e associativos. E notamos nos psicogramas do grupo I o rebaixamento mais acentuado tanto de % F⁺ como do índice Con e do índice R.m.i. no conjunto de pranchas coloridas, que são estimulantes da afetividade. Portanto o rebaixamento do índice Con explica o subjetivismo desses probandos no exame da realidade e na manifestação do comportamento em decorrência do intenso envolvimento afetivo e da carência de autonomia ao nível dos processos mentais conscientes.

4. Séries de Sinais Psicodiagnósticos

A) Série Psicógena de Molly Harrower

Consideramos a designação "psicógena" de Harrower não propriamente como aceção patogenética - de conflito não consciente - mas como de origem psicológica.

Encontramos ocorrência significativa de sinais desta série no exame do grupo I, revelando que os probandos tem noção das próprias limitações e que reagem psicologicamente aos distúrbios clínicos referidos nos itens anteriores. Dentre os fatores estabelecidos pela autora em 1940 e em 1943 computamos a ocorrência predominante dos sinais : M,m,% F e In. A presença dos restantes é variável nos protocolos de nosso grupo em estudo, embora apareçam em número suficiente para alcançar uma soma ponderal elevada.

A ocorrência significativa dos sinais dessa série não nos permite filiar as reações psicológicas observadas em nossos examinandos a um determinado tipo de neurose. Apenas revela a natureza grave e profunda dos conflitos que êstes pacientes epilépticos enfrentam na adaptação à realidade. Os resultados obtidos por Silveira em pacientes com alterações estruturais do cérebro esclarecem este aspecto (66). Verificou o referido autor que apenas nos casos em que os examinandos tinham consciência dos distúrbios neurológicos é que ocorriam em número significativo os sinais da série de Harrower e da série lesional de Piotrowski. Assim, tanto nos pacientes de Silveira como nos nossos o conflito psicológico resulta da noção da própria doença como grave impedimento à existência.

Tais conflitos não se acompanham necessariamente de ansiedade em nível profundo e acentuado relacionado a uma determinada circunstância - é o que revela a baixa frequência do choque afetivo (Ch.C) e do choque emocional (Ch.L) - no grupo I.

B) Sinais Indicativos de Lesões Cerebrais

Dentre os dez sinais descritos por Piotrowski em 1937 encontramos nos protocolos do grupo I apenas três com frequência significativa: M, % F⁺ e % V, enquanto que os demais aparecem de modo variável, porém sempre insuficientes para resultar em uma soma total superior a cinco sinais. Este nível de 5 foi estabelecido por Piotrowski como indicativo de lesões que alteram o trabalho mental. No entanto, Delay e Pichot (83) encontraram um número médio de sinais superior a cinco, sugerindo o valor diagnóstico dos sinais orgânicos na epilepsia. Tal divergência decorre fundamentalmente dos critérios mais rigorosos por nós adotados, quer na classificação dos fatores, quer em creditá-los. Só computamos um determinado sinal quando as características apareciam de modo especialmente acentuado em um protocolo. E, consideramos como " repetição " apenas os casos em que houve perseveração restrita das mesmas respostas. Além disso, a ausência de alterações neurológicas em nossos pacientes vem confirmar a validade de nossos resultados.

O aparecimento conjunto de 5 ou de mais sinais só é compatível com a desordem mental que decorre de lesões cerebrais. Os pacientes com lesões, mas que conservam o trabalho mental satisfatório, também não apresentam número significativo de sinais.

C) Sinais Epilépticos de Piotrowski

Igualmente nesta série não encontramos um número significativo de sinais, pois apenas cinco dentre os quatorze foram assinalados como fatores característicos nos protocolos do grupo I : M, $\%F^+$, $\%V$, G e T.r.i. Neste aspecto nossos resultados coincidem com aqueles de Delay e Pichot (83) em pesquisa sobre cinquenta epiléticos. Seguramente encontraríamos um número maior de sinais se nossos critérios fossem mais frouxos. Assim, por exemplo, a ocorrência de apenas um comentário sobre a simetria das pranchas não foi por nós considerada como sinal " Sim ", nem tampouco computamos ChL nos casos em que a inibição ocorreu exclusivamente na prancha IV. Uma vez que não nos preocupamos nesta pesquisa especialmente com o confronto entre nossos resultados e os obtidos por Piotrowski para esta série de sinais, resolvemos manter também para este aspecto do protocolo nossas normas de interpretação a fim de obter homogeneidade e coerência do trabalho.

Manifestações Clínicas: Grupo convulsivo e Não Convulsivo

Foram discutidos na parte anterior os dinamismos fundamentais observados nos 72 protocolos de Rorschach de epiléticos adolescentes. Neste capítulo procuraremos verificar em que medida a ocorrência da manifestação clínica convulsiva interveem nos processos psíquicos apreciados através do psicodiagnóstico. Para tanto dividimos o grupo I de epiléticos adolescentes em dois sub-grupos distintos segundo a presença ou não de manifestações convulsivas tipo Mal Maior: grupo I_1 , constituído por 45 epiléticos convulsivos e grupo I_2 composto por 27 pacientes não convulsivos.

Vejamos a seguir os resultados obtidos no estudo comparativo desses dois sub grupos: I_1 e I_2

I- TIPO DE TRABALHO MENTAL

1. Aspecto Quantitativo

A) Número total de respostas: R e tempo de Reação Médio: TRM

Não existe diferença significativa entre as médias e variâncias de R e TRM obtidas para os dois grupos (R: $t_0=0,78$ $t_c=1,96$; TRM: $t_0=0,15$ $t_c=1,96$; ver tabela F)

B) Ocorrência das modalidades Principais

Permanece para ambos os grupos a ocorrência em número absoluto das três modalidades principais: G, P e p

C) Ocorrência dos fatores determinantes

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
FAIXA REDUZIDA	27	60,0	12	44,4	39	54,2
FAIXA SATISFATORIA	15	33,4	10	37,0	25	34,7
FAIXA ELEVADA	3	6,6	5	18,6	8	11,1
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

A um nível de significância de 5%, encontramos diferença significativa entre os grupos. No grupo convulsivo predomina significativamente a tendência em apresentar faixa reduzida de determinantes (1 a 6 categorias em cada protocolo): $\chi^2_0=19,39$ $\chi^2_c=5,991$. Enquanto que no grupo não convulsivo a faixa de determinantes é variável: $\chi^2_0=2,91$ e $\chi^2_c=5,991$.

D) Categorias de Conteúdo Explícito

Para ambos os grupos prevalece significativamente a ocorrência de uma faixa adequada de conteúdos explícitos.

2. Aspecto Qualitativo

A) Produtividade e Capacidade de Elaboração Intelectual Intrínseca: Elab/R

Não encontramos diferença significativa (a um nível de significância de 5%) entre as médias e variâncias deste índice entre os grupos I_1 e I_2 . ($t_0=0,32$ $t_c=1,96$ ver tabela nº)

I_1 (Grupo convulsivo) - Elab/R médio= 0,90 DP= 0,41

I_2 (Grupo não convulsivo) - Elab/R médio= 0,96 DP= 0,39

B) Modalidades: Tipos de Percepção

a) Global: G

	CONVULSIVO		NÃO CONVULSIVO		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
NORMAL	12	26,7	6	22,2	18	25,0
DESVIO PARA MAIS	2	4,4	1	3,7	3	4,2
DESVIO PARA MENOS	31	68,9	20	74,1	51	70,8
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Não há diferença significativa entre os grupos I_1 e I_2 a um nível de significância de 5% (ver tabela anterior). Prevalece para ambos os grupos os desvios negativos da modalidade G no tipo de percepção (Grupo I_1 : $\chi^2_o=29,21$ $\chi^2_c=5,991$; Grupo I_2 : $\chi^2_o=21,77$ $\chi^2_c=5,991$)

A relação G/R também não se apresenta significativamente diversa para ambos os grupos, a um nível de significância de 5% ($t_o=0,50$ $t_c=1,96$ ver tabela F)

b) Pormenor Primário

	CONVULSIVO		NÃO CONVULSIVO		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
NORMAL	31	68,9	18	66,7	49	68,0
DESVIO PARA MAIS	13	28,9	7	25,9	20	27,8
DESVIO PARA MENOS	1	2,2	2	7,4	3	4,2
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Não há diferença significativa entre os grupos I_1 e I_2 , a um nível de significância de 5% (ver tabela). Prevalece para ambos os grupos a ocorrência adequada da modalidade P no tipo de percepção:

$$\begin{array}{ll} \chi^2_o=30,70 & \chi^2_o=21,64 \\ \text{Grupo } I_1 & \text{Grupo } I_2 \\ \chi^2_c=5,991 & \chi^2_c=5,991 \end{array}$$

c) Pormenor Secundário- p

	CONVULSIVO		NÃO CONVULSIVO		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
NORMAL	9	20,0	5	18,5	14	19,5
DESVIO PARA MAIS	9	20,0	6	22,2	15	20,8
DESVIO PARA MENOS	27	60,0	16	59,3	43	59,7
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Não há diferença significativa entre os grupos I_1 e I_2 , a um nível

de significância de 5% (ver tabela anterior). Prevalece para ambos os grupos o desvio negativos desta modalidade p no tipo de percepção:

$$\begin{aligned} \chi^2_o &= 14,54 \\ \text{Grupo } I_1 \quad \chi^2_c &= 5,991 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} \chi^2_o &= 8,30 \\ \text{Grupo } I_2 \quad \chi^2_c &= 5,991 \end{aligned}$$

d) Espaço Primário

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
AUSÊNCIA	35	77,8	22	81,5	57	79,2
PRESENÇA	10	22,2	5	18,5	15	20,8
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Não há diferença significativa entre os grupos I_1 e I_2 , à um nível de significância de 5% (ver tabela anterior). Para ambos os grupos prevalece a ausência da modalidade "E" no tipo de percepção

$$\begin{aligned} \chi^2_o &= 37,34 \\ \text{Grupo } I_1 \quad \chi^2_c &= 3,841 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} \chi^2_o &= 19,58 \\ \text{Grupo } I_2 \quad \chi^2_c &= 3,841 \end{aligned}$$

e) Pormenor Inibitório: p'

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
AUSÊNCIA	43	95,6	25	92,6	68	94,4
PRESENÇA	2	4,4	2	7,4	4	5,6
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Não há diferença significativa entre convulsivos e não convulsivos à um nível de significância de 5%. Para ambos os grupos prevalece a au-

-sência de p' no tipo de percepção (ver tabela anterior)

$$\begin{array}{ll} \text{Grupo } I_1 & \chi^2_o = 37,34 \\ & \chi^2_c = 3,841 \end{array} \quad \begin{array}{ll} & \chi^2_o = 19,58 \\ \text{Grupo } I_2 & \chi^2_c = 3,841 \end{array}$$

f) Global à Partir do Pormenor: PG

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
AUSÊNCIA	45	100,0	25	92,6	70	97,2
PRESENÇA	0	0	2	7,4	2	2,8
AL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Não há diferença significativa entre os dois grupos considerados, à um nível de significância de 5% (ver tabela). Para ambos prevalece a ausência da modalidade PG no tipo de percepção

$$\begin{array}{ll} \text{Grupo } I_1 & \chi^2_o = 45,0 \\ & \chi^2_c = 3,841 \end{array} \quad \begin{array}{ll} & \chi^2_o = 19,58 \\ \text{Grupo } I_2 & \chi^2_c = 3,841 \end{array}$$

C) Relação G/M

Não encontram diferença significativa deste índice para os grupos I_1 e I_2 , à um nível de significância de 5%

	CONVULSIVO		NÃO CONVULSIVO		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
3:1	2	4,4	2	7,4	4	5,6
$G \geq M$	6	13,3	10	37,0	16	22,2
$G \leq M$	7	15,6	2	7,4	9	12,5
NULOS	3	6,7	2	7,4	5	6,9
$M=0 \quad G \neq 0$	27	60,0	11	40,8	38	52,8
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

$$\text{Grupo } I_1 \quad \chi^2_o = 46,88 \\ \chi^2_c = 9,48$$

$$\text{Grupo } I_2 \quad \chi^2_o = 16,5 \\ \chi^2_c = 9,48$$

Portanto predomina a categoria M=0 e G≠0.

D) Apreciação da Realidade Externa: %F

Não encontramos diferença significativa entre as médias e variâncias da %F para os grupos I_1 e I_2 (ver tabela D_1, E_1, F) ($t_o = 0,36$ $t_c = 1,96$).

Considerando os valores assumidos por este índice em termos de intervalo de variação, obtivemos os seguintes resultados:

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	10	22,2	3	11,2	13	18,0
NORMAL	16	35,6	12	44,4	28	38,9
ELEVADO	19	42,2	12	44,4	31	43,1
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Apenas para o grupo não convulsivo encontramos uma tendência significativa relativa à %F. A um nível de significância de 5%, prevalecem os valores normais ou os elevados (%F maior que 72%) do índice %F ($\chi^2_o = 6,06$ $\chi^2_c = 5,991$). O grupo não convulsivo não apresenta uma tendência significativa quanto aos valores assumidos pela %F ($\chi^2_o = 2,81$ $\chi^2_c = 5,991$).

E) Susceptibilidade aos Estímulos Ambientais: Categorias de Determinantes.

Computamos separadamente para o grupo de convulsivos e de não convulsivos, as categorias de determinantes das séries: Movimento, Luminosidade, Côr, Perspectiva. Pudemos notar que de um modo geral para ambos os grupos a distribuição destes fatores assume as mesmas características já descritas no capítulo anterior relativo ao grupo total de epiléticos adolescentes. Devido ao número diferente de casos do grupo I_1 e do I_2 expressamos os resultados em termos de porcentagens:

(segue)

Série Movimento				Série Perspectiva			
Grupo I ₁		Grupo I ₂		Grupo I ₁		Grupo I ₂	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
M:15	133,3	M:14	51,8	Ps 19	42,2	Ps 11	40,7
m:36	80,0	m:26	96,2	ps 12	26,6	ps 4	14,8
m'11	24,4	m'11	40,7	ps' -	-	ps' -	-

Série Cromática				Série Luminosidade			
Grupo I ₁		Grupo I ₂		Grupo I ₁		Grupo I ₂	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
FC:19	42,2	FC:12	44,4	L: 6	13,3	L: 7	25,9
CF:23	51,1	CF:18	66,6	1: 9	20,0	1: 6	22,2
C :16	35,5	C :22	22,2	1' 9	20,0	1' 4	14,8
				C' 22	48,8	C' 6	22,2

Portanto predomina para os grupos I₁ e I₂ as

Portanto predomina para os grupos I₁ e I₂ as categorias m e CF, não diferindo neste aspecto, do grupo total.

Analisando mais detidamente:

a) Série Movimento: M ocorre com frequência ligeiramente superior no grupo I₂. A categoria m' é bastante mais frequente no grupo I₂ ou, de modo geral três categorias M, m e m' ocorrem mais frequentemente entre os probandos do grupo não convulsivo, embora para ambos os grupos ocorra um predomínio maior da categoria m sobre as demais.

b) Série Perspectiva: em ambos os grupos ocorre um predomínio da categoria Ps. A categoria ps é bem mais frequente no grupo convulsivo.

c) Série Cromática: A categoria FC apresenta aproximadamente a mesma frequência para ambos os grupos. A categoria CF é significativamente elevada em frequência em ambos os grupos. A categoria C é bem mais frequente.

d) Série Luminosidade - o tipo de adaptação característico ao grupo I_1 é C' enquanto que do grupo I_2 é L . A categoria l tem aproximadamente a mesma frequência para ambos os grupos. A categoria l' é ligeiramente mais frequente no grupo convulsivo.

F) Categorias de conteúdo

a) Quanto à distribuição dos conteúdos segundo as categorias: "vago", "afetivo" e "intelectual" não encontramos tendências diversas para os grupos I_1 e I_2 , isto é, ocorre um predomínio dos conteúdos vagos, e em segundo lugar dos "afetivos" sobre os "intelectuais", independentemente da ocorrência ou não de convulsão no quadro clínico considerado.

b) Conteúdo animal: Não existe diferença significativa entre as médias da % A dos grupos I_1 e I_2 , à um nível de significância de 5% (ver tabela F) $t_o = 0,61$ $t_c = 1,96$.

A:pA	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
A > pA	38	84,4	23	85,2	61	84,7
A ≤ pA	7	15,5	4	14,8	11	15,3
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Como podemos observar na tabela, não existe diferença significativa entre os valores assumidos na proporção A:pA para os dois grupos aqui considerados. A um nível de significância de 5% prevalece a proporção A maior que pA.

$$\text{Grupo } I_1 \quad \chi_o^2 = 11,34 \\ \chi_c^2 = 3,841$$

$$\text{Grupo } I_2 \quad \chi_o^2 = 13,36 \\ \chi_c^2 = 3,841$$

c) Conteúdo humano - Não há diferença significativa quanto à ocorrência de conteúdo humano entre os grupos I_1 e I_2 ao considerarmos os intervalos de variação:

%H	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
0 à 20%	33	73,3	21	77,7	54	75,0
21 à 30%	5	11,1	5	18,5	10	13,8
31 à 75%	7	15,6	1	3,8	8	11,2
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Para ambos os grupos prevalece significativamente a ocorrência reduzida da categoria H:

$$\begin{array}{ll} \text{Grupo } I_1 & \chi^2_o = 32,85 \\ & \chi^2_c = 5,991 \end{array} \quad \begin{array}{ll} & \chi^2_o = 25,13 \\ \text{Grupo } I_2 & \chi^2_c = 5,991 \end{array}$$

Quanto à proporção H:pH a distribuição obtida foi a seguinte:

H:pH	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
$H > pH$	16	35,6	9	33,3	25	34,7
$H \leq pH$	22	48,9	18	66,7	40	55,5
$H=pH=0$	7	15,5	0	0	7	9,7
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Tanto para os convulsivos como para os não convulsivos ocorre um predomínio significativo da proporção H menor ou igual à pH, à um nível de significância de 5% (ver tabela) Grupo I_1 : $\chi^2_o = 8,48$ e $\chi^2_c = 5,991$; Grupo I_2 : $\chi^2_o = 18,18$ e $\chi^2_c = 5,991$. Além disto podemos notar que a ausência total de respostas de conteúdo humano ocorre apenas em protocolos do grupo convulsivo.

G) Adaptação Intelectual à Realidade Externa: Índice RMI

a) %F+ - Não encontramos diferença significativa entre as médias da %F+ obtidas para os grupos I_1 e I_2 . A um nível de significância

de 5%. ($t_0=0,43$ $t_c=1,96$; ver tabela F). Considerados os intervalos de variação do referido índice, obtivemos os seguintes resultados:

%F+	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
NORMAL	9	20,0	8	29,6	17	23,6
ALTO	5	11,2	4	14,9	9	12,5
BAIXO	31	68,8	15	55,5	46	63,9
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

$$\chi^2_{0}=26,39$$

$$\chi^2_{0}=6,95$$

Grupo I_1 $\chi^2_c = 5,991$

Grupo I_2 $\chi^2_c = 5,991$

Permanece para ambos os grupos a tendência em apresentar um rebaixamento na %F+, sendo que entre os convulsivos esta tendência se faz mais acentuada. Considerando a distribuição dos valores assumidos pela %F+ nos dois grupos de pranchas monocromáticas e coloridas, notamos o mesmo tipo de desvio para os grupos convulsivo e não convulsivo; isto é: valores ocasionais não significativos da %F+ no grupo de pranchas monocromáticas e rebaixamento significativo da %F+ no grupo de pranchas coloridas.

b) %A- Não encontramos diferença significativa entre as médias da %A para os dois grupos I_1 e I_2 , a um nível de significância de 5% ($t_0=0,61$ $t_c=1,96$; ver tabela F)

Considerando os valores da %A segundo intervalos de variação para os dois grupos I_1 e I_2 obtivemos os seguintes resultados:

$$\chi^2_{0}=7,90 \quad \chi^2_c=5,991 \quad ; \quad \chi^2_{0}=16,67 \quad \chi^2_c=5,991$$

%A	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
ELEVADO	27	60,0	19	70,4	46	63,9
NORMAL	13	28,8	4	14,8	17	23,6
BAIXO	5	11,2	4	14,8	9	12,5
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Permanece, para ambos os grupos a tendência em apresentar %A elevada, isto é, superior a 40%. Computamos ainda os valores assumidos pela

% A nos dois grupos de pranchas monocromático e colorido, e encontra - mos a mesma tendência para os convulsivos e não convulsivos, isto é, elevação estatisticamente significativa da % A tanto no grupo colorido como no monocromático.

c) % V - A comparação das médias da % V dos grupos convulsi- vo e não convulsivo revelou não haver diferença significativa entre os grupos quanto a êste índice: em ambos a % V média é inferior à especta- tiva para a população média, isto é, inferior à 23%. (ver tabela F $t_o = 1,39$ $t_c = 1,96$). Tal característica torna-se ainda mais evidente quando distribuimos os resultados segundo intervalos de variação:

% V	CONVULSIVOS		NAO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
100% - 33%	1	2,2	7	25,9	8	11,1
32% - 23%	1	2,2	2	7,4	3	4,2
22% - 0%	43	95,6	18	66,7	61	84,7
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

A um nível de significância de 5%, predomina para o grupo de con- vulsivos e de não convulsivos o rebaixamento do índice % V, sendo que entre os convulsivos esta tendência é significativamente mais acentuada que entre os não convulsivos.

$$\begin{array}{ll}
 \text{Grupo } I_1 & \chi^2_c = 79,18 \\
 & \chi^2_c = 5,991 \\
 \text{Grupo } I_2 & \chi^2_c = 36,99 \\
 & \chi^2_c = 5,991
 \end{array}$$

Torna-se ainda necessário verificar como se distribuem os valores da % V nos dois grupos de pranchas: monocromáticas e coloridas, tanto para os convulsivos como para os não convulsivos.

GRUPO I_1 (CONVULSIVOS) :

GRUPO DE PRANCHAS	%V	nº	%
MONOCROMÁTICAS	100% à 33%	5	11,1
	32% à 23%	4	8,9
	22% à 0%	36	80,0
COLORIDAS	100% à 33%	1	2,2
	32% à 23%	1	2,2
	22% à 0%	43	95,6

O valor rebaixado de V se mantem para os dois grupos de pranchas entre os epilépticos convulsivos, ocorrendo, no entanto, uma mior concentração de tal desvio no grupo de pranchas coloridas. (ver tabela Monocromáticas: $\chi^2_0=44,56$. Coloridas: $\chi^2_0=79,18$. $\chi^2_c=5,991$)

GRUPO DE NÃO CONVULSIVOS (I_2)

	%V	nº	%
MONOCROMÁTICAS	100% à 33%	7	25,9
	32% à 23%	3	11,1
	22% à 0%	17	63,0
COLORIDAS	100% à 33%	3	11,1
	32% à 23%	2	7,4
	22% à 0%	22	81,5

Com o grupo não convulsivo ocorre exatamente o mesmo dinamismo que para o grupo anterior: rebaixamento da %V nos dois grupos de pranchas e mais acentuadamente no grupo colorido (Monocromáticas: $\chi^2_0=31,11$. Coloridas: $\chi^2_0=61,23$. $\chi^2_c=5,991$)

d) Índice RMI

i) Não existe uma diferença significativa, a um nível de significância de 5% entre epiléticos convulsivos e não convulsivos quanto as médias obtidas para o índice RMI: o valor médio obtido para o grupo convulsivo é inferior à faixa normal de variação obtida para a população média, ao passo que o valor médio do RMI entre os não convulsivos já atinge a faixa da normalidade (ver tabela F, $t_0=1,02$ $t_c=1,96$).

ii) Considerando ainda os valores assumidos pelo índice RMI segundo intervalos de variação e não apenas a partir do valor médio como no item anterior:

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	25	55,5	10	37,0	35	48,7
NORMAL	20	44,5	12	44,4	32	44,4
ALTO	0	0	5	18,6	5	6,9
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

No grupo convulsivo prevalece significativamente a tendência em apresentar o índice RMI abaixo da expectativa ($\chi^2_0=23,56$ $\chi^2_c=5,991$). No grupo de não convulsivos os valores de índice RMI são ocasionais, não havendo uma tendência significativa ($\chi^2_0=2,91$ $\chi^2_c=5,991$)

iii) Valor do RMI para os dois grupos de pranchas: monocromático e colorido

MONOCROMÁTICAS

RMI	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
NORMAL	21	46,7	6	22,2	27	37,5
ALTO	5	11,1	13	48,2	18	25,0
BAIXO	19	42,2	8	29,6	27	37,5
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

COLORIDAS

RMI	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
NORMAL	10	22,2	10	37,0	20	27,8
ALTO	3	6,7	3	11,1	6	8,3
BAIXO	32	71,1	14	51,9	46	63,9
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Portanto, no grupo de pranchas monocromáticas predomina significativamente (a um nível de significância de 5%) o valor normal do RMI para os convulsivos, enquanto que no grupo não convulsivo ocorre um predomínio significativo do RMI elevado (Grupo I_1 : $\chi^2_0=10,22$. Grupo I_2 $\chi^2_0=15,18$. $\chi^2_c=5,991$). No grupo de pranchas coloridas, tanto para os convulsivos como para os não convulsivos, predominam os valores rebaixados do índice RMI (Grupo I_1 : $\chi^2_0=30,83$. Grupo I_2 $\chi^2_0=22,45$. $\chi^2_c=5,991$).

iiii) Dinâmica do índice RMI

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
$F+N \uparrow$ e $V_N \uparrow$	0	0	7	25,9	7	9,7
$F+\downarrow$ e $V \downarrow$	29	64,4	15	55,6	44	61,1
$F+N \uparrow$ e $V \downarrow$	14	31,1	4	14,8	18	25,0
$F+\downarrow$ e $V_N \uparrow$	2	4,4	1	3,7	3	4,2
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Os valores da %A assumidos nos casos predominantes do grupo convulsivo: isto é, nos casos em que houve rebaixamento da %F+ e da %V, foram

%A elevada: 19
 %A normal : 6
 %A baixa : 4
 TOTAL : 29

Os valores da %A assumidos nos casos predominantes do grupo Não con

- vulsivo: isto é, nos casos em que houve rebaixamento da % F^+ e da % V, foram:

% A elevada:	9
% A normal :	3
% A baixa :	3
TOTAL	: 15

A um nível de significância de 5%, ocorre um dinamismo predominante no grupo convulsivo: rebaixamento da % F^+ e da % V e elevação da % A. Enquanto que para o grupo de não convulsivos não encontramos uma tendência estatisticamente significativa, os resultados são ocasionais (Grupo I_1 : $\chi^2=14,34$. Grupo I_2 : $\chi^2=4,81$. $\chi^2=7,815$) (ver tabela). Portanto, obtivemos os seguintes resultados relativos ao índice RMI: para o grupo I_1 ; RMI normal nas pranchas monocromáticas e rebaixamento nas coloridas; e, finalmente, RMI resultante da seguinte combinação dos índices % F^+ baixa (inferior à 75%); % V baixa (inferior à 23%) e % A elevada (superior à 40%).

Quanto aos resultados obtidos para o grupo I_2 ; RMI elevado nas pranchas monocromáticas e rebaixamento nas coloridas, e, finalmente RMI resultante de combinações diversas não havendo um dinamismo característico para o grupo de não convulsivos. Embora prevaleça o mesmo dinamismo que aquele observado para o grupo I_1 , este predomínio não estatisticamente significativo, ocorrendo uma maior diversidade de reações entre os pacientes do grupo I_2 . Além disso, ao contrário do que sucede com o grupo de convulsivos, dentre os 15 protocolos do grupo I_2 que apresentaram rebaixamento concomitante da % F^+ e da % V, 7 casos revelaram reações de auto-afirmação (M maior que 1) ou de oposição ativa (E elevado) aos dados da realidade externa e não meramente instabilidade conativa e incapacidade de adaptação às normas culturais de pensamento. No entanto, para os dois grupos predominam os valores elevados da % A denotando uma ligação com a realidade externa de ordem predominantemente emocional independente da presença ou não de manifestações convulsivas.

aparece em número superior a 1. Verificamos também que 67% dos protocolos que apresentaram %V inferior à 23%, tiveram concomitantemente um rebaixamento da %F+ e, dentre êsses casos computamos a incidência de "choque" em 29%. Em suma a adaptação do epiléptico convulsivo às injunções da realidade é de ordem predominantemente emocional, com instabilidade conativa e não assimilação intelectual às normas convencionais do pensamento. Tal ajustamento acompanha-se frequentemente de ansiedade.

II- FEITIO DE PERSONALIDADE: CONDIÇÕES AFETIVO-EMOCIONAIS

1) Exteriorização das reações afetivas: Respostas Cromáticas

Não encontramos diferenças significativas entre os grupos I_1 e I_2 , quanto a proporção entre as categorias de respostas da Série Cromática: FC:CF:C. A um nível de significância de 5% para ambos os grupos predomina a categoria CF sobre a FC e C. (ver tabela $\chi^2_0 = 0,32$ e $\chi^2_c = 3,841$)

2) Sensibilidade aos estímulos coloridos: Índice de Afetividade (Af)

A um nível de significância de 5%, não existe diferença significativa entre as médias do índice Af dos grupos I_1 e I_2 . (ver tabela $t_0 = 0,32$ $t_c = 1,96$).

O estudo da distribuição dos valores do índice Af segundo intervalos de variação confirmou igualmente a tendência comum de ambos os grupos em apresentar um elevado índice de afetividade:

Af	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	8	17,8	5	18,5	13	18,1
NORMAL	10	22,2	6	22,2	16	22,2
ELEVADO	27	60,0	16	59,3	43	59,7
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

3) Índice de impulsividade: Imp

A um nível de significância de 5% não existe diferença significativa entre as médias do índice Imp nos grupos I_1 e I_2 (ver tabela $t_0=1,44$ $t_c=1,96$). O estudo da distribuição dos valores do índice Af segundo intervalos de variação já estabelecidos no grupo I total, confirmou igualmente a tendência comum de ambos os grupos em apresentar um elevado índice de impulsividade. Consideramos aqui apenas 5% dos protocolos (22 não convulsivos e 37 convulsivos) uma vez que excluimos os casos onde houve inibição ou rejeição nas pranchas coloridas.

Imp	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	0	0	0	0	0	0
NORMAL	2	9,0	2	5,4	4	
ALTO	20	91,0	35	94,6	55	
TOTAL	22	100,0	37	100,0	59	

$$\chi^2_o = 32,42$$

$$\chi^2_c = 5,991$$

$$\chi^2_o = 63,29$$

$$\chi^2_c = 5,991$$

4) Reações emocionais: Série Luminosidade

Adaptação emocional adequada: L

Consideramos apenas os casos em que ocorre, como determinante principal secundário, pelo menos uma das categorias da série L.

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
L maior que l+l'	4	14,8	4	28,5	8	19,5
L menor que l+l'	23	85,2	10	71,5	33	80,5
TOTAL	27	100,0	14	100,0	41	100,0

Predomínio significativo dos casos $L < l+l'$ no grupo convulsivo. Os valores do grupo não convulsivo não assumem uma tendência significativa (Grupo I_1 : $\chi^2_o = 4,91$ $\chi^2_c = 3,841$. Grupo I_2 : $\chi^2_o = 3,26$ $\chi^2_c = 3,841$)

Considerando outro tipo de adaptação emocional, aquele do tipo concreto e indutivo traduzido por C' verificamos:

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
C' maior que L	19	42,2	9	33,3	28	38,8
C' menor ou igual a L	5	11,1	6	22,2	11	15,2
C'=L=0	21	46,7	12	44,5	33	46,0
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

A um nível de significância de 5%, ocorre uma diferença significativa entre os grupos - No grupo convulsivo é significativa a tendência em ocorrer completa ausência de L e C', ou quando aparecem, de C' ser maior que L ($\chi^2_0 = 13,84$ $\chi^2_c = 5,991$). No grupo não convulsivo os resultados são casuais ($\chi^2_0 = 2,03$ $\chi^2_c = 5,991$). Porém no estudo da distribuição das diversas categorias determinantes já havíamos notado que no grupo - não convulsivo é mais frequente a categoria L sobre C'.

Considerando agora o conjunto das reações emocionais adaptadas L e C' comparadas com as reações subjetivas e primárias: l e l' verificamos:

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
L ou C' maior que l+l'	21	61,7	8	50,0	29	58,0
L ou C' menor que l+l'	13	38,3	8	50,0	21	42,0
TOTAL	34	100,0	16	100,0	50	100,0

Excluímos como no grupo total os 22 protocolos onde houve ausência total das categorias L, C', l, l'.

A um nível de significância de 5% não existe diferença significativa entre os dois grupos: em ambos os casos a ocorrência da proporção adequada (L ou C' maior que l+l') é ocasional (Grupo I₁: $\chi^2_0 = 1,88$ $\chi^2_c = 3,841$; Grupo I₂: $\chi^2_0 = 0$ $\chi^2_c = 3,841$)

5) Equilíbrio das Forças Subjetivas: EQ e EQ'

EQ	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
COARTADO	9	20,0	4	14,8	13	18,1
EXTRATENSIVO	26	57,8	15	55,6	41	56,9
INTROVERSIVO	10	22,2	8	29,6	18	25,0
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Não há diferença significativa entre os dois grupos. A um nível de significância de 5%, para ambos prevalece a tendência para o tipo extratensivo. (Grupo I_1 : $\chi^2_0=12,25$ $\chi^2_c=5,991$; Grupo I_2 : $\chi^2_0=6,95$ $\chi^2_c=5,991$).

EQ'	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
COARTADO	4	8,9	0	0	4	5,6
EXTRATENSIVO	15	33,3	4	14,8	19	26,6
INTROVERSIVO	22	48,9	21	77,8	43	59,7
AMBIGUAL DILATADO	4	8,9	2	7,4	6	8,3
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Não há diferença significativa entre os dois grupos. A um nível de significância de 5% prevalece para ambos os grupos a tendência para o tipo introversivo. (Grupo I_1 : $\chi^2_0=20,86$ $\chi^2_c=7,815$; Grupo I_2 : $\chi^2_0=41,29$ $\chi^2_c=7,815$)

6) Características da Capacidade Intelectual Intrínseca: Série Movimento

A) Os grupos I_1 e I_2 apresentam a tendência significativa, a um nível de significância de 5% de apresentar apenas uma resposta de movimento humano ou ausência total. (ver sinais de M. Harrower)

B) Em ambos os grupos as cinestésias animais predominam significativamente sobre as cinestésias humanas

M:m	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
m > M	31		22		53	73,6
M=m=O	11		0		11	15,3
M > m	3		5		8	11,1
TOTAL	45		27		72	100,0

C) Relação M:C

M:C	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
M=C	1	2,2	0	0	1	1,4
M > C	13	28,9	12	44,5	25	34,7
M < C	6	13,3	4	14,8	10	13,9
O:O	25	55,6	11	40,7	36	50,0
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Encontramos uma diferença significativa entre os dois grupos quanto a esta relação: no grupo convulsivo ocorre um predomínio significativo da proporção M:C = 0:0. Enquanto que no grupo não convulsivo predomina a proporção M:C = M maior que C. (ver tabela). Grupo I₁ $\chi^2_0=28,867$ $\chi^2_c=7,815$; Grupo I₂ $\chi^2_0=14,629$ $\chi^2_c=7,815$.

7) Capacidade Conativa e Utilização dos Recursos Subjetivos: Índice Con e Lambda

A um nível de significância de 5%, não encontramos diferenças significativas entre as médias do índice Con e Lambda obtidos nos grupos I₁ e I₂ (ver tabela Con: $t_0=0,02$ $t_c=1,96$; Lambda: $t_0=0,07$ $t_c=1,96$) Além disto, a comparação das distribuições dos valores destes índices segundo os intervalos de variação estabelecidos para o grupo total de adolescentes, confirma a mesma tendência para os grupos I₁ e I₂.

Con	CONVULSIVOS	NÃO CONVULSIVOS
BAIXO	28	15
NORMAL	7	4
ELEVADO	10	8
TOTAL	45	27

$$\chi^2_0 = 6,96$$

$$\chi^2_0 = 17,201$$

$$\chi^2_c = 5,991$$

λ	CONVULSIVOS	NÃO CONVULSIVOS
BAIXO	18	12
NORMAL	17	8
ELEVADO	18	22
TOTAL	45	27

8) Mecanismos de Reação

	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
1. REJEIÇÃO OU INIBIÇÃO	34	75,5	15	55,5	49	68,1
2. PERSEVERAÇÃO	15	33,3	15	55,5	30	41,7
3. FABULAÇÃO	1	2,2	14	51,8	15	20,8
4. INSEGURANÇA	0	0	15	55,5	15	20,8
5. CRÍTICA	2	4,4	7	25,9	9	12,5
6. SIMETRIA	1	2,2	7	25,9	8	11,1
7. POSIÇÃO	0	0	4	14,8	4	5,5
8. REVERSÃO	1	2,2	3	11,1	4	5,5
9. CONDENSAÇÃO	0	0	4	14,8	4	5,5
10. NOMEAÇÃO DE CÔR	0	0	2	8,1	2	2,8

A frequência com que ocorre os mecanismos de reação não é suficiente para realizarmos um tratamento estatístico. Aparece apenas como um me-

- canismo significativo ao grupo convulsivo é mecanismo de rejeição ou inibição

9) Série de Sinais Patológicos

Série Psicógena de Molly Harrower

SOMA PONDERAL	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
SIGNIFICATIVA	32	71,1	15	55,5	47	65,3
NÃO SIGNIFICATIVA	13	28,8	12	44,4	25	34,7
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

A ocorrência de um número de sinais psicógenos da Série de Molly Harrower, suficiente para supormos reações neuróticas - embora não filiáveis a um determinado tipo de neurose - é apenas significativo para o grupo convulsivo. ($\chi^2_0=8,02$ $\chi^2_c=3,841$). No grupo não Convulsivo a presença de um número significativo de sinais desta série é casual, portanto, não característica ao grupo ($\chi^2_0=0,32$ $\chi^2_c=3,841$)

SINAIS	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
1º	0	0	1	3,7	1	1,4
2º	38	84,4	19	70,3	57	79,2
3º	38	84,4	22	81,4	60	83,3
4º	26	57,7	15	55,5	41	56,9
5º	42	93,3	25	92,5	67	93,1
6º	26	57,7	15	55,5	41	56,9
7º	3	6,6	6	22,2	9	12,5
8º	13	28,8	25	92,5	38	52,8
9º	14	31,1	10	37,0	24	33,3
10º	17	37,7	9	33,3	26	36,1

Os sinais significativos do grupo convulsivo são: 2º sinal ($\chi^2_0=21,34$ $\chi^2_c=3,841$); 3º sinal ($\chi^2_0=21,34$ $\chi^2_c=3,841$); 5º sinal ($\chi^2_0=33,80$ $\chi^2_c=3,841$), ou respectivamente: $M \leq 1$, $m \geq M$ e Inib.

Os sinais significativos do grupo não convulsivo são: 2º sinal ($\chi^2_0=4,48$ $\chi^2_c=3,841$); 3º sinal ($\chi^2_0=10,70$ $\chi^2_c=3,841$); 5º sinal ($\chi^2_0=19,58$ $\chi^2_c=3,841$); 8º sinal ($\chi^2_0=19,58$ $\chi^2_c=3,841$) ou respectivamente $M \leq 1$, $m \geq M$, Inib e an.

Série de Sinais Lesionais de Piotrowiski

SINAIS	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Nº SIGNIFICATIVO	8	17,8	1	3,7	9	12,5
Nº NÃO SIGNIFICATIVO	37	82,2	26	96,3	63	87,5
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Não há diferença significativa entre os grupos I_1 e I_2 a um nível de significância de 5%. Para ambos os grupos prevalece o número não significativo de Sinais Lesionais da Série de Piotrowiski ($\chi^2_0=1,905$ $\chi^2_c=3,841$). Computando a ocorrência ou não de cada um dos sinais da Série Lesional, separadamente para os grupos convulsivo e não convulsivo obtivemos os seguintes resultados

Série Lesional de Piotrowiski

SINAIS	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
1º	2	4,4	3	11,1	5	6,9
2º	21	46,7	10	37,0	31	43,0
3º	39	86,6	18	66,6	57	79,2
4º	2	4,4	0	0	2	2,8
5º	31	68,9	15	55,5	46	63,9
6º	0	0	1	3,7	1	1,4
7º	7	15,6	6	22,2	13	18,1
8º	4	8,9	4	14,8	8	11,1
9º	13	28,9	12	44,4	25	34,7
10º	44	97,8	21	77,8	65	90,3

Portanto, embora os sinais desta série não ocorram em número significativo, isto é, cinco ou mais sinais, nos protocolos dos 72 epiléticos adolescentes, independentemente da presença ou não de manifestação convulsiva, verificamos que os sinais: 3º, 5º, 10º ocorrem significativamente para os grupos I_1 e I_2 a um nível de significância de 5%. Além disto, a probabilidade de ocorrência do 10º sinal é significativamente maior para o grupo de epiléticos com manifestação clínica convulsiva. (ver tabela) Portanto os sinais significativos para ambos os grupos são $M \leq 1$, $\%F+ < 75\%$ e $\%V < 25\%$

3) Série de Sinais Peculiares a Epiléticos Segundo Piotrowski

Como vimos durante o estudo do grupo total de epiléticos adolescentes, esta série é constituída por 14 sinais, sendo considerada como significativa a ocorrência de 7 sinais ou mais. A computação da ocorrência - significativa ou não desses sinais, nos grupos convulsivo e não convulsivo resultou nos seguintes dados:

SINAIS	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Nº SIGNIFICATIVO	10	22,2	0	0	10	13,9
Nº NÃO SIGNIFICATIVO	35	77,8	27	100,0	62	86,1
TOTAL	45	100,0	27	100,0	72	100,0

Portanto, há uma diferença significativa entre os grupos convulsivo e não convulsivo quanto à presença de sinais epiléticos, a um nível de significância de 5%. Isto porque, embora para ambos os grupos prevaleça o número não significativo de sinais, as probabilidades de ocorrência de um número inferior a 7 sinais são diferentes. Para o grupo de não convulsivos encontramos uma ausência total de casos com número significativo de sinais, isto é, com 7 ou mais sinais, enquanto que para o grupo de convulsivos, embora prevaleça a ocorrência de menos de 7 sinais, existe alguma probabilidade (22,2%) de ocorrência de um número significativo.

Computando a ocorrência ou não de cada um dos sinais da Série Epilética, separadamente para o grupo convulsivo e não convulsivo, obtive-

-mos os seguintes resultados:

SINAIS	CONVULSIVOS		NÃO CONVULSIVOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
1	0	0	5	18,5	5	6,9
2	40	88,8	17	62,9	57	79,2
3	2	4,4	0	0	2	2,8
4	32	71,1	14	51,8	46	63,9
5	44	97,8	21	77,8	65	90,3
6	6	13,3	9	33,3	25	34,7
7	7	15,6	9	33,3	26	36,1
8	3	6,6	3	11,1	6	8,3
9	0	0	0	0	0	0
10	34	75,5	17	62,9	51	70,8
11	0	0	0	0	0	0
12	4	8,9	3	11,1	7	9,7
13	4	8,9	1	3,7	5	6,9
14	27	60,0	14	51,8	41	56,9

Portanto, embora os sinais desta série não ocorram em número significativo, isto é, sete ou mais sinais, nos protocolos dos grupos convulsivo e não convulsivo, verificamos que os 2º, 5º, 10º são significativos, respectivamente: $M \leq 1$, $\%V < 25\%$, $G > 5$; enquanto que o 4º sinal é apenas significativo para o grupo convulsivo ($\%F+ < 75\%$)

10) Estudo da probabilidade de ocorrência dos mecanismos de reação: grupos I_1 e I_2 .

1. Rejeição ou inibição: probabilidade significativamente maior para o grupo convulsivo. ($\chi^2_0 = 6,766$ $\chi^2_0 = 3,841$).

2. Perseveração: igual probabilidade para ambos grupos ($\chi^2_0 = 0$ $\chi^2_0 = 3,841$).

3. Fabulação: probabilidade significativamente maior para o grupo não convulsivo ($\chi^2_0 = 11,266$ $\chi^2_0 = 3,841$)

4. Insegurança: probabilidade significativamente maior para o grupo não convulsivo ($\chi^2_0 = 15,000$ $\chi^2_0 = 3,841$).

5. Crítica à mancha: igual probabilidade de ocorrência para ambos grupos ($\chi^2_0 = 2,782$ $\chi^2_0 = 3,841$).

6. Simetria: probabilidade significativamente maior para o grupo não convulsivo ($\chi^2_0 = 4,500$ $\chi^2_0 = 3,841$).

7. Resposta de posição: probabilidade significativamente maior para o grupo não convulsivo ($\chi^2_0 = 4,000$ $\chi^2_0 = 3,841$).

8. Reversão: igual probabilidade para ambos grupos

($\chi^2_0 = 1,000$ $\chi^2_0 = 3,841$).

9. Condensação: probabilidade significativamente maior para o grupo não convulsivo ($\chi^2_0 = 4,000$ $\chi^2_0 = 3,841$).

10. Nomeação de cor: igual probabilidade para ambos grupos

($\chi^2_0 = 2,000$ $\chi^2_0 = 3,841$).

PROTOG. Nº	TR	R	% F	% F +	% V	% A	R.M.I.	Af.	Imp.	Con.	λ	Elab.	G:R
nº 1	1,10	32	96,87	68,96	12,81	62,50	48,09	1,20	0,63	65,84	0,03	0,54	0,12
nº 2	0,82	25	80,00	70,58	12,00	60,00	47,52	1,50	0,36	50,58	0,25	0,36	0,08
nº 3	0,86	22	99,99	75,00	13,60	68,18	52,20	2,10	0,50	66,00	0,10	1,60	0,22
nº 5	1,10	25	84,00	60,00	8,00	72,00	46,66	2,57	0,38	44,00	0,19	0,76	0,12
nº 8	1,50	16	50,00	62,50	12,50	62,50	45,83	1,28	0,80	12,50	1,00	0,40	0,12
nº 9	2,00	12	83,33	70,00	16,66	50,00	45,55	0,71	0,66	53,34	0,20	0,37	0,25
nº 10	0,75	28	67,85	36,84	0	10,71	15,85	1,50	0,54	4,70	0,47	0,90	0,10
nº 13	0,60	26	80,76	62,50	11,53	46,15	40,06	2,25	0,38	43,18	0,23	0,88	0,11
nº 14	1,10	15	100,00	46,15	6,66	20,00	24,27	2,75	0,57	46,15	0	0,83	0,33
nº 15	1,20	14	57,10	87,50	21,40	64,20	57,70	1,30	0,33	44,70	0,75	1,60	0,28
nº 17	1,71	16	43,75	100,00	18,75	31,25	50,00	1,60	0,25	43,50	1,20	0,90	0,12
nº 18	1,00	18	83,33	85,71	16,60	33,33	45,20	1,00	0,50	69,19	0,16	0,63	0,11
nº 19	1,90	14	50,00	71,42	21,42	21,42	38,08	0,75	0,50	21,42	1,00	1,00	0,07
nº 20	0,81	32	87,50	66,66	15,62	62,50	48,26	1,45	0,35	54,16	0,14	1,00	0,15
nº 23	0,70	29	86,22	90,90	10,34	51,72	50,98	1,63	0,50	84,75	0,11	0,32	0
nº 25	0,74	31	67,74	70,00	3,22	21,87	31,69	1,58	0,46	37,75	0,47	0,79	0,09
nº 27	0,45	36	58,30	66,60	13,80	36,10	38,80	2,20	0,78	25,00	0,71	0,69	0,05
nº 29	1,50	23	82,60	100,00	17,34	35,78	50,72	1,80	0,66	82,61	0,21	0,52	0
nº 30	1,00	20	70,00	92,85	15,00	40,00	49,28	2,33	0,75	62,05	0,42	0,82	0,15
nº 31	1,77	20	60,00	100,00	25,00	40,00	55,00	2,50	0,20	60,00	0,66	1,20	0,20
nº 33	0,76	40	60,00	76,30	12,80	55,70	48,20	1,60	0,41	36,30	0,66	0,76	0,05
nº 36	0,73	93	61,45	69,81	7,52	40,86	39,39	1,00	0,50	30,03	0,66	0,91	0,15
nº 38	0,93	33	57,87	58,82	6,00	30,30	31,70	0,83	0,66	16,40	0,73	1,18	0,03
nº 40	0,69	36	52,77	76,47	8,33	16,66	33,82	1,11	0,58	29,25	0,89	2,29	0,10
nº 41	1,86	22	90,80	73,60	13,60	45,45	44,20	1,27	0,33	16,00	0,51	0,96	0,12
nº 43	2,80	22	54,54	83,33	18,18	59,09	53,53	1,20	0,52	37,88	0,83	0,67	0,09
nº 44	1,53	31	58,06	81,25	19,35	41,93	47,51	1,06	0,77	39,42	0,72	1,74	0,22

Tabela D (1ª parte)

CONVULSIVOS - X

ADOLESCENTES

PROTOD. Nº	T.R.	R.	% F	% F +	% V	% A	R.M.I.	Af.	Imp.	CON	λ	Elab.	G:R
nº 45	1,30	20	70,00	64,28	20,00	30,00	38,09	1,22	0,83	34,28	0,42	1,10	0,15
nº 46	1,33	18	55,55	50,00	16,66	55,55	40,73	1,25	0,25	6,00	0,80	0,69	0,16
nº 48	1,35	24	87,50	89,40	12,50	58,33	53,41	2,00	0,60	76,90	0,14	0,43	0,08
nº 49	1,27	22	72,72	50,00	0	40,99	30,33	2,14	0,88	22,73	0,37	0,95	0,13
nº 50	0,77	20	85,00	52,94	5,00	75,00	44,31	1,00	1,00	37,94	0,17	0,47	0,10
nº 51	0,70	27	66,66	71,40	18,50	40,70	43,50	1,70	0,21	28,89	0,80	0,61	0,11
nº 52	0,66	15	86,66	61,53	33,30	40,00	40,00	1,50	1,20	48,20	0,15	0,60	0,13
nº 53	1,10	16	68,70	70,00	6,20	68,70	48,30	1,28	0,50	38,80	0,45	1,40	0,18
nº 56	1,25	24	62,50	57,14	8,33	33,33	32,93	1,66	0,87	19,64	0,60	1,16	0,08
nº 59	0,52	24	66,66	56,25	8,33	37,50	34,02	2,42	0,70	22,92	0,50	1,51	0,29
nº 60	0,59	16	68,75	81,81	6,25	31,25	39,77	1,66	1,00	50,56	0,45	0,81	0,38
nº 61	0,46	24	87,50	66,66	4,17	75,00	48,61	1,66	1,14	54,16	0,14	0,64	0,04
nº 62	1,01	29	89,65	70,83	6,89	62,06	46,59	1,41	0,54	60,49	0,11	0,48	0,10
nº 63	0,73	21	80,95	58,82	28,57	52,38	46,59	2,50	0,87	38,78	0,23	1,28	0,33
nº 65	1,40	13	69,23	37,50	0	38,46	25,32	1,33	0,40	6,75	0,44	1,42	0,30
nº 67	0,84	36	52,70	58,80	0	5,50	21,40	1,20	0,53	11,60	0,89	1,00	0,27
nº 68	0,84	29	62,00	27,70	13,80	44,80	28,80	3,10	0,37	10,20	0,61	0,63	0,08
nº 69	0,66	33	54,50	64,70	9,00	51,50	41,70	1,70	0,50	19,30	0,89	0,81	0,03

Tabela D (2ª parte)

MÃO CONVULSIVOS - Y

ADOLESCENTES

PROTOC. Nº	TR	R	% F	% F +	% V	% A	R.M.I.	Af.	Imp.	CON.	λ	Elab.	G:R
nº 4	0,96	25	80,00	65,00	28,00	76,00	56,33	2,12	0,41	45,00	0,25	0,90	0,26
nº 6	0,64	24	50,00	66,66	4,16	37,50	36,10	2,00	1,00	16,66	0,71	1,64	0,25
nº 7	2,36	11	90,90	77,77	9,09	63,63	50,16	0,57	1,00	13,13	0,10	0	0
nº 11	0,95	24	62,50	64,30	16,60	45,30	42,20	2,00	0,60	26,78	0,60	1,10	0,12
nº 12	1,00	19	84,21	74,99	21,00	63,15	53,04	1,37	0,42	56,24	0,12	0,47	0,10
nº 16	0,91	37	59,45	45,45	10,81	27,02	27,76	2,70	0,35	4,91	0,68	1,59	0,10
nº 21	0,50	26	69,23	94,11	23,04	38,46	51,87	1,16	0,40	63,35	0,44	1,20	0,11
nº 22	1,30	18	72,22	84,61	22,22	55,55	54,12	1,00	0,28	56,84	0,38	1,20	0,27
nº 24	0,27	43	74,41	77,77	23,25	37,20	46,07	1,04	0,46	52,20	0,34	1,40	0,09
nº 26	1,80	13	76,92	80,00	53,84	53,84	62,56	1,60	1,00	56,93	0,30	0,88	0,23
nº 28	0,27	78	75,60	70,20	7,79	38,90	38,96	1,02	0,56	45,20	0,32	1,00	0,02
nº 32	0,46	83	69,80	71,60	6,00	45,70	41,10	1,40	0,44	41,50	0,43	0,57	0,07
nº 34	5,20	12	83,33	100,00	25,00	66,66	63,88	1,00	0,50	83,84	0,20	0,79	1,12
nº 35	0,83	42	88,09	80,18	9,52	42,85	44,18	1,47	0,78	69,66	0,13	0,57	0,09
nº 37	0,72	42	64,28	70,37	14,20	42,85	42,40	1,10	0,69	34,66	0,55	1,20	0,16
nº 39	1,11	29	62,06	70,58	20,68	44,82	45,36	1,90	0,35	32,65	0,61	1,27	3,29
nº 42	0,67	50	66,00	50,00	10,00	50,00	36,66	1,27	0,33	16,00	0,51	0,96	0,12
nº 47	1,31	27	55,74	60,00	14,81	59,25	44,68	1,70	0,41	15,56	0,80	1,75	0,22
nº 54	0,77	20	60,00	75,00	15,00	50,00	36,66	1,22	0,57	35,00	0,66	1,00	0,20
nº 55	0,85	21	38,09	100,00	19,04	61,90	60,31	1,33	1,00	38,10	1,62	0,80	0,14
nº 57	0,68	24	66,66	81,25	37,50	80,33	66,39	1,40	0,55	47,92	0,50	0,60	0,16
nº 58	0,80	26	65,38	64,70	23,07	19,23	35,66	2,25	0,38	34,61	0,52	0,60	0,30
nº 64	0,42	46	56,30	45,80	6,50	41,30	31,20	1,30	0,37	2,40	0,76	0,56	0,10
nº 66	0,71	19	78,94	42,85	10,52	57,89	37,08	2,16	0,44	21,80	0,26	1,00	0
nº 70	0,79	24	58,33	71,42	12,50	29,16	37,69	2,42	0,54	29,76	0,71	0,87	0,33
nº 71	1,10	29	75,86	81,81	40,00	55,17	58,99	2,22	0,66	57,68	0,31	0,84	0,14
nº 72	0,63	23	78,26	77,77	21,30	56,52	51,86	1,77	0,50	56,04	0,27	1,34	0,13

/erm.

Tabela E

Adolescentes convulsivos

Tabela D₁

	Média	Variância	Desvio
TR	1,08	0,23	0,48
R	25,37	156,87	12,52
% F	71,37	222,63	14,92
% F +	68,74	268,19	16,37
% V	12,34	55,70	7,46
% A	44,91	294,26	17,15
Rm i	41,87	89,24	9,44
Af	1,61	0,31	0,56
Imp	0,66	0,0633	0,2516
Con	39,23	435,35	20,86
λ	0,47	0,09	0,30
Elab/R	0,90	0,17	0,41
G/R	0,14	0,0027	0,052

Adolescentes não Convulsivos

Tabela E₁

Índices	Média	Variância	Desvio
T.R	1,03	0,88	0,94
R	30,92	309,76	17,60
% F	68,98	148,45	12,18
% F +	72,00	219,76	14,82
% V	18,72	129,58	11,38
% A	49,65	206,14	14,35
R m i	46,78	106,69	10,32
A f.	1,57	0,27	0,52
Imp.	0,586	0,0418	0,20
Con	39,03	414,76	20,36
λ	0,48	0,09	0,30
Elab/R	0,96	0,15	0,39
G/R	0,30	0,08	0,08

Adolescentes convulsivos e não convulsivos
 Teste F e teste T

	Resultado do F de Snedecor	Resultado do t de Student	CONCLUSÃO PARA VARIÂNCIA	CONCLUSÃO PARA MÉDIA
TR	0,24 F _o < F _c 2,07	0,15 t _o < t _c 1,96	Não existe diferença signi- ficativa entre as variancias	
R	0,51 F _o < F _c 2,07	0,78 t _o < t _c 1,96	"	"
% F	1,50 F _o < F _c 2,07	0,36 t _o < t _c 1,96	"	"
% F ⁺	1,22 F _o < F _c 2,07	0,43 t _o < t _c 1,96	"	"
% V	0,43 F _o < F _c 2,07	1,39 t _o < t _c 1,96	"	"
% A	1,43 F _o < F _c 2,07	0,61 t _o < t _c 1,96	"	"
RMI	0,84 F _o < F _c 2,07	1,02 t _o < t _c 1,96	"	"
Δf	0,67 F _o < F _c 2,07	0,32 t _o < t _c 1,96	"	"
Imp	1,51 F _o < F _c 2,07	1,44 t _o < t _c 1,96	"	"
Con	1,05 F _o < F _c 2,07	0,02 t _o < t _c 1,96	"	"
λ	1,00 F _o < F _c 2,07	0,07 t _o < t _c 1,96	"	"
Elab/R	1,13 F _o < F _c 2,07	0,32 t _o < t _c 1,96	"	"
G/R	0,35 F _o < F _c 2,07	0,50 t _o < t _c 1,96	"	"

Tabela F

GRUPOS I_1 e I_2 : CONVULSIVOS E NÃO CONVULSIVOS

Aspectos do protocolo significativamente diferentes entre os grupos I_1 e I_2

I. Tipo do Trabalho Mental.

Rej. ou Inibição: probabilidade de ocorrência significativamente maior em I_1

Fab: probabilidade de ocorrência significativamente maior em I_2

Inseg: probabilidade de ocorrência significativamente maior em I_2

Simetria: probabilidade de ocorrência significativamente maior em I_2

Posição: probabilidade de ocorrência significativamente maior em I_2

Condensação: probabilidade de ocorrência significativamente maior em I_2

Dinâmica de R.m.i. grupo I_1 : % F^+ + % V^+ + % A^+

grupo I_2 : - variável.

II- Feitio de Personalidade

Grupo I_1 Ausência mais frequente das categorias M e m'. Maior frequência de RC.
Ausência significativa de C' e de L ou C' > L; < l + l'.
maior frequência de categorias ps.

Grupo I_2 Ocorrência maior de M = l, e de categoria m'. Frequência relativamente menor de RC.
Ocorrência variável das respostas RL, com ocorrência relativamente maior de categoria L.

M:C Grupo I_1 : 0:0
Grupo I_2 : M:C

Série de Hanower: nº significativos apenas para grupo I_1

Série Lesional de Piotrowski: sinal In. Probabilidade significativamente maior para o grupo I_1

Série Epileptica de Piotrowski: maior probabilidade de ocorrência de número significativo de sinais no grupo I_1

III Conteúdo

Ausência de respostas H significativamente maior no grupo I_1

Monocromáticas

Coloridas

Grupo I_1 R m i = 45% - 55%

Grupo I_2 R m i = 55%

Monocromáticas : Grupo I_1 Con variável
Grupo I_2 Con 55%

INTERPRETAÇÃO COMPARADA DOS RESULTADOS:
SUB GRUPO CONVULSIVO (I_1) e SUB GRUPO NÃO CONVULSIVO (I_2)

Comentamos na parte anterior os dinamismos fundamentais observados em 72 protocolos de epiléticos adolescentes. Verificaremos agora se os resultados obtidos são válidos para ambos os tipos principais de manifestação epilética apresentada pelos pacientes do grupo I ou se variam quando consideramos separadamente os subgrupos convulsivo e não convulsivo. Apreciaremos ainda em que medida a ocorrência da manifestação clínica convulsiva intervem nos processos psíquicos revelados pela prova de Rorschach.

I- Tipo de Trabalho Mental

1. Função Intelectual de Observação

Não encontramos diferença significativa em nenhum dos aspectos do psicograma que traduzem o trabalho psíquico de observação dos examinandos. Quanto aos dinamismos de reação mais ligados a este aspecto do trabalho mental - " Simetria " e " Reversão ", o primeiro tem probabilidade maior de ocorrer no grupo não convulsivo, enquanto que a probabilidade para o segundo é igualmente baixa nos dois grupos I_1 e I_2 .

2. Elaboração Intelectual

Obtivemos as mesmas características para a elaboração mental dos examinandos de ambos os grupos. Os únicos resultados significativamente diferentes foram aqueles relativos ao grau de susceptibilidade aos estímulos ambientais e a ocorrência de mecanismos de reação, que interfere neste aspecto do trabalho mental. Assim, o subgrupo I_1 apresenta uma faixa de determinantes significativamente inferior à do subgrupo I_2 . Neste segundo conjunto em que as respostas apresentam maior variedade de categorias determinantes, ocorreu maior diversidade dos resultados (faixa satisfatória e faixa restrita). Do fato de no subgrupo I as respostas revelarem concentração na faixa restrita de determinantes, concluímos que entre os convulsivos há maior retração para com os diversos estímulos do ambiente.

A distribuição dos determinantes dá-se do seguinte modo em cada subgrupo: 1) Série Movimento - em I_2 as 3 categorias desta série são mais frequentes que para I_1 . As cinestésias animais predominam sobre as outras em ambos os casos. 2) Série Cromática - As respostas FC e CF ocorrem com praticamente a mesma frequência nos subgrupos I_1 e I_2 , enquanto que a categoria C é mais frequente no convulsivo: 35,5% contra 22,2% para o 2º subgrupo. O predomínio das respostas CF permanece nos dois conjuntos. 3) Série Perspectiva - Em ambos os casos, a categoria predominante é Ps, enquanto que ps' está ausente. Apenas ocorre uma variação quanto à resposta ps, que é mais frequente no grupo convulsivo: em I_1 , 26,6%; em I_2 , 14,8%. 4) Série Luminosidade - é a menos encontrada em ambos os grupos. Notamos no entanto que a adaptação emocional se faz de modo diverso em cada um deles: no de convulsivos prevalece

ce a categoria C' (48,8% contra 22,2% para I_2) e no grupo não convulsivo, a categoria L (13,3% - para I_1 e 25,9% para I_2).

De modo geral pudemos notar que no grupo convulsivo as categorias são mais concentradas. Há predomínio relativo das reações afetivas primárias (C), maior dificuldade em localizar-se intelectualmente no ambiente (ps) e em relação às outras pessoas (RM mais reduzidas) e ainda adaptação concreta às experiências emocionais (C'). Os não convulsivos apresentam maior variação em seus resultados, revelando maior energia criadora (RM) e adaptação emocional dedutiva e individual (L).

Em relação aos dinamismos verificamos que a presença de "posição" de "condensação" embora ocorram com baixa frequência apresentam probabilidade maior de serem encontradas em protocolos do grupo I_2 . A "nomeação de cor" tem igual probabilidade de ocorrência em ambos os grupos.

3. Comunicação Intelectual

As funções de comunicação assumem as mesmas modalidades em ambos os grupos. Notamos apenas que os protocolos com ausência total de respostas "conteúdo humano" pertencem exclusivamente ao grupo convulsivo, caracterizando ainda mais a retração emocional destes examinandos.

Os dinamismos de reação do tipo "Fab" e "insegurança" que interferem neste aspecto do trabalho mental são, bem mais frequentes no grupo não convulsivo. Enquanto que "Pers" e "crítica à mancha" se distribuem igualmente em ambos os grupos. Apenas "Reg" ou "In" apresenta probabilidade maior em I_1 .

Tal aspecto resulta da própria atitude mais retraída dos convulsivos, os quais se mostram mais reticentes durante a situação de

prova fazendo poucos comentários. Por outro lado os não convulsivos, apesar de apresentarem as mesmas dificuldades intelectuais que os outros pacientes epilépticos, participam mais intensamente desta tarefa.

4. Adaptação Intelectual

A capacidade de exercer um exame objetivo e imparcial dos fatos, representada na prova de Rorschach por % F⁺ acha-se comprometida igualmente em ambos os grupos, sendo no entanto significativamente mais rebaixada nos protocolos dos pacientes convulsivos.

A ligação emocional com a realidade (% A) assume as mesmas características para os dois grupos, não havendo qualquer diferença entre eles.

A assimilação lógica dos valores adotados pela população média (% V) embora igualmente precária nos convulsivos e nos não convulsivos, está significativamente mais prejudicada no primeiro grupo. Tal aspecto não significa que os convulsivos tenham um maior comprometimento intrínseco do trabalho mental - pois as funções intelectuais apresentam essencialmente as mesmas características nos grupos I₁ e I₂ - mas apenas que enfrentam maior dificuldade em adaptar-se aos padrões de comportamento adotados pela comunidade. Possivelmente isto se deve à constante preocupação que estes pacientes revelam em, de um momento para o outro, terem uma crise diante de outras pessoas, o que os faz sentirem-se diferentes dos demais, estigmatizados pela doença e incapazes de serem aceitos no grupo em que vivem.

Deste conjunto de fatores resulta que a adaptação à realidade se faz de modo diverso nos dois subgrupos. Em situações de ordem afetiva (estímulos coloridos) ocorre um rebaixamento deste índice em ambos os grupos, mas, em outras circunstâncias (ante as pranchas monocro

máticas), este tipo de adaptação à realidade adquire características diversas em cada um deles. No grupo convulsivo ocorre uma aceitação satisfatória das limitações externas (R.m.i. normal no conjunto de pranchas monocromáticas) enquanto que os não convulsivos se empenham em contactuar com o meio externo submetendo-se demasiadamente aos seus imperativos (R.m.i. elevado nas monocromáticas). Outra característica que nos chama a atenção neste estudo comparativo é que o grupo I_1 reage de modo mais homogêneo com menor desvio padrão para os vários índices enquanto que o grupo I_2 , este desvio é bem maior refletindo maior variabilidade neste aspecto. O rebaixamento de R.m.i. nos protocolos de examinandos convulsivos tem como tendência constante, significativamente, os seguintes desvios: baixo % F^+ , elevado % A e baixo % V; no caso dos não convulsivos este índice assume combinações diversas não ocorrendo uma tendência peculiar ao grupo. O rebaixamento de % V se acompanha de características também diversas nos dois grupos. Nos casos do subgrupo I_1 que apresentaram rebaixamento concomitante de % V e de % F^+ , não foram assinalados o determinante M nem a modalidade E, sendo que em 29% destes protocolos observamos sinais de ansiedade profunda interferindo no contacto com a realidade (choque psíquico). Portanto não se trata aqui de atitude de oposição às normas ambientais, mas de dificuldade de integração emocional. Os protocolos do grupo I_2 que apresentaram este mesmo tipo de desvio - rebaixamento na % V e na % F^+ - revelaram concomitantemente reações de autonomia (M maior que 1) ou de observação ativa dos obstáculos externos (modalidade E) com ausência de sinais de choque, sugerindo uma menor interferência de problemas afetivos neste tipo de adaptação.

Verificamos portanto, em relação ao trabalho mental, que apenas a maneira segundo a qual nossos examinandos se adaptam às limitações impostas pela realidade, é que difere em cada grupo. Mas as fun -

ções intelectuais assumem as mesmas características essenciais em qualquer manifestação clínica dos epiléticos aqui estudados.

II - Feitio de Personalidade : Condições Afetivo-Emocionais

1 - Reações Afetivas Intrinsecas e Relações Interpessoais

A expressão destas funções nos protocolos dos subgrupos I_1 e I_2 assume significativamente as mesmas características. Portanto, intrinsecamente, tanto os impulsos como os sentimentos seguem os mesmos dinamismos em todos os nossos pacientes epiléticos adolescentes, independentemente da ocorrência ou não da manifestação clínica convulsiva.

2 - Dinamismo Emocional

Neste aspecto já encontramos diferenças significativas entre os dois subgrupos. Assim a reação de fuga em frente aos estímulos emocionais, representada pela ausência de respostas L, l, l' e C' é apenas significativa para o grupo convulsivo. Com significado psicológico análogo, o predomínio das respostas l e l' sobre L é peculiar apenas a este grupo de examinandos.

Verificamos ainda, nos protocolos de ambos os grupos em que aparecem as respostas com determinante C' e L , o predomínio significativo do primeiro no grupo I_1 e do segundo no grupo I_2 , indicando tipos de adaptação emocional diversos. Os convulsivos revelam dificuldade para analisar os distintos aspectos da realidade e para em seguida inter

pretá-los de modo individual e criador: limitam-se apenas a utilizar os aspectos concretos das experiências em sua adaptação emocional à realidade. Porém, a reação mais característica deste grupo é a de retração ante os estímulos ambientais. Por outro lado, o grupo de examinandos não convulsivos mostra-se mais capaz de desenvolver o raciocínio dedutivo ao elaborar os dados do ambiente. Tal aspecto não implica necessariamente em utilização predominante do juízo de realidade, pois neste grupo também prevalecem as fantasias infantis, e, além disso, ocorrem com maior frequência as observações sobre intenções, significados subjetivos e sentimentos das figuras percebidas nas manchas (Fab.).

3 - Disposições Conativas e Utilização dos Recursos Subjetivos

A instabilidade conativa observada para o grupo total de epiléticos adolescentes independe da presença ou não de convulsão generalizada em seu quadro clínico. Apenas em um aspecto este grupo de funções psíquicas diverge em cada conjunto de pacientes: o modo com que estas disposições se manifestam em situações emocionais que solicitam autonomia individual (estímulos monocromáticos). Neste sentido, o subgrupo I_1 não apresenta uma tendência significativa, pois alguns examinandos deste grupo denotam excesso de subjetivismo (Con. rebaixado) enquanto outros, subserviência às injunções do ambiente (Con. elevada). Já o grupo I_2 revela homogeneidade neste aspecto apresentando como significativa a tendência em reagir exageradamente aos estímulos externos (Con. elevada).

A medida da utilização dos recursos subjetivos para a realização do trabalho mental - dada pelo índice lambda - não apresentou diferença significativa em seu valor médio para ambos os grupos. Nem os protocolos de examinandos convulsivos nem os de não convulsivos revelam

extrema rigidez que elevaria λ ou excesso de subjetivismo e decorrente desligamento para com o meio externo (que o faria baixo): em ambos os casos o valor médio deste índice atinge a expectativa desejável. Mas, não é suficiente sabermos que estes examinandos utilizam suficientemente os recursos subjetivos; precisamos verificar quais os que foram utilizados. Nesse sentido, embora haja alguma diferença entre os dois subgrupos, uma vez que I_1 revela maior frequência de respostas C e ps que I_2 , essencialmente predominam em ambos os casos as categorias CF e m - revelando a imaturidade dos recursos subjetivos.

4 - Séries de Sinais Psicodiagnósticos

A) Série Psicógena de Molly Harrower

Apenas o grupo convulsivo apresentou um número significativo de sinais desta série, o que denota a ocorrência de conflitos psicológicos exclusivamente nos pacientes com esta manifestação clínica da epilepsia. Tal fato sugere que as primeiras experiências emocionais destes pacientes não foram adequadamente elaboradas por eles, de modo que interferem atualmente em seu ajustamento à realidade. Os distúrbios referidos, nos dinamismos emocionais e na adaptação intelectual ao ambiente, confirmam este aspecto.

Os sinais da série de Harrower que se mostraram significativos para ambos os grupos são: M,m e In. O sinal an é apenas peculiar ao subgrupo não convulsivo. Este resultado tanto poderá indicar tendência hipocondriaca desenvolvida por estes pacientes, como preocupação desmedida com o futuro não no sentido de planejamento e construção adequada para aquisições ulteriores, mas sim como necessidade de conhecer as situações que o "destino" ou a "sorte" lhes reservam. Esta concep-

ção sobre o conteúdo anatomia foi desenvolvida por Andrade (25) em suas pesquisas com a prova de Rorschach. Este autor encontrou tendência significativa para a ausência de respostas an em pacientes com quadro clínico depressivo.

B) Sinais Indicativos de Lesões Cerebrais

Não há diferença significativa neste aspecto para os dois grupos considerados. Para todos os adolescentes epiléticos predomina a ocorrência de menos de cinco sinais desta série. Assim, qualquer que seja o distúrbio bioelétrico apresentado por estes examinandos, não ocorre interferência mais grave em seu trabalho mental. Os sinais de Piotrowski que ocorrem significativamente tanto no grupo I_1 como no I_2 são: M, $\%F^+$ e $\%V$.

C) Sinais Epiléticos de Piotrowski

Em ambos os subgrupos encontramos a ocorrência significativa de menos de sete sinais desta série. Portanto, em decorrência de nossos critérios para classificar e interpretar os dados oferecidos pelos protocolos da prova de Rorschach, estes fatores psicodiagnósticos verificados por Piotrowski não se revelam adequados para caracterizar os resultados apresentados pelos epiléticos aqui estudados. Os sinais desta série que atingiram frequência significativa tanto para I_1 como para I_2 foram: M, $\%V$ e G; com o sinal $\%F^+$ isso ocorreu no subgrupo convulsivo.

SUB GRUPOS CONSTRUÍDOS SEGUNDO OS RESULTADOS DO EEG

Subdividimos os 72 protocolos dos epilépticos adolescentes segundo os resultados obtidos em seus traçados eletroencefalográficos. Desse modo consideramos 4 grupos:

1. Temporal ou grupo T, composto por 22 pacientes
2. Focal ou grupo F, composto por 11 pacientes
3. Bilateral síncrono mais difuso ou grupo BS, composto por 19 pacientes
4. Normal ou grupo N, composto por 20 pacientes.

Os resultados obtidos através da comparação dos vários índices da prova de Rorschach nos 4 grupos foram as seguintes.

I- TIPO DE TRABALHO MENTAL

1) Aspecto Quantitativo:

A) Nº de respostas: R

a) As médias de R são significativamente diferentes nos 4 grupos embora em todos eles a média obtida esteja dentro da expectativa normal:

Grupo T : R médio= 27,23

Grupo BS: R médio= 30,32

Grupo F : R médio= 23,27

Grupo N : R médio= 27,30

Como vemos todos os valores médios são superiores à 23 e inferiores à 64, isto é dentro da expectativa normal. O grupo F apresenta um número de respostas médio inferior aos demais, e o grupo mais satisfatoriamente produtivo é o grupo BS ($F_0 = 81,86$ $F_c = 2,75$). Ver tabela - número

b) Distribuição dos valores de R segundo intervalos de variação: abaixo da faixa normal, dentro da faixa normal e acima da faixa normal

R	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	9	40,9	6	54,5	9	47,4	5	25,0	29	40,3
NORMAL	12	54,6	5	45,5	8	42,1	15	75,0	40	55,5
ELEVADO	1	4,5	0	0	2	10,5	0	0	3	4,2
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T : $\chi^2_0 = 3,95$

Grupo F : $\chi^2_0 = 5,68$

Grupo BS : $\chi^2_0 = 4,53$

Grupo N : $\chi^2_0 = 17,67$

$\chi^2_c = 5,991$

Apenas os grupos T e N apresentam um predomínio estatisticamente significativo de R dentro da faixa normal de variação. Nos grupos F e BS não ocorre uma concentração significativa em uma das categorias.

B) T.R.M.

Não encontramos diferença significativa entre os valores médios do T.R.M. nos quatro grupos. (ver tabela - $F_0 = 2,40$ $F_c = 2,75$)

2) Aspecto Qualitativo:

A) Produtividade e capacidade de elaboração intelectual intrínseca: Elab/R.

Não encontramos diferença significativa entre os valores médios de Elab/R nos 4 grupos (ver tabela $F_0 = 1,57$ $F_c = 2,75$)

B) Proporção G/R - não encontramos diferenças significativas entre as médias obtidas nos 4 grupos referentes a este índice (ver tabela $F_0 = 1,02$ $F_c = 2,75$)

C) Apreciação da realidade externa : %F

a) Encontramos diferenças significativas entre as médias obtidas nos 4 grupos quanto à %F média ($F_0 = 2,79$ $F_c = 2,75$). Apenas o grupo N apresentou %F média dentro da expectativa normal, enquanto que para os demais grupos os valores foram excessivamente elevados, isto é, superiores a 72%

Grupo T : %F média= 74,30

Grupo BS : %F média= 71,60

Grupo F : %F média= 75,60

Grupo N : %F média= 63,30

b) Devido a excessiva dispersão dos resultados da %F em cada grupo, sua distribuição segundo intervalos de variação: rebaixado, normal e elevado, não apresenta tendência significativa em nenhum deles :

%F	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	1	18,2	2	18,2	2	10,5	5	25,0	13	18,1
NORMAL	7	31,8	2	18,2	9	47,4	10	50,0	28	38,9
ELEVADO	11	50,0	7	63,6	8	42,1	5	25,0	31	43,0
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T : $\chi^2_{0} = 3,45$

Grupo F : $\chi^2_{0} = 4,58$

grupo BS : $\chi^2_{0} = 4,53$

Grupo N : $\chi^2_{0} = 2,51$

$$\chi^2_c = 5,991$$

D) Adaptação intelectual à realidade

1º) Esfera Conativa: %F+

a) Não encontramos diferenças significativas entre as médias de %F+ dos 4 grupos considerados ($F_0 = 2,52$ $F_c = 2,75$. Ver tabela nº). Apenas o grupo N apresenta %F+ dentro da expectativa normal. Nos demais grupos o valor médio da %F+ é inferior ao limite mínimo, 75%.

Grupo T: %F+ média= 67,56

Grupo BS: %F+ média= 64,03

Grupo F: %F+ média= 73,06

Grupo N : %F+ média= 76,56

b) Quanto à distribuição dos valores da %F+ nos 4 grupos segundo intervalos de variação verificamos que para os grupos T e BS é significativa a tendência em apresentar %F+ abaixo do mínimo crítico (inferior à 75%) e no grupo F, ocorre uma tendência significativa para os valores da %F+ dentro da faixa normal. No grupo N os valores da %F+ não são significativos.

%F+	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	14	63,6	4	36,4	18	94,7	10	50,0	46	63,9
NORMAL	6	27,2	7	63,6	0	0	4	20,0	17	23,6
ELEVADO	2	9,2	0	0	1	5,3	6	30,0	9	12,5
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T : $\chi^2_{0} = 10,27$

Grupo F : $\chi^2_{0} = 6,78$

Grupo BS : $\chi^2_{0} = 32,63$

Grupo N : $\chi^2_{0} = 2,82$

$$\chi^2_c = 5,991$$

2º) Esfera Afetiva : %A

a) Encontramos diferença significativa entre os 4 grupos em relação à %A média ($F_0 = 25,05$ $F_c = 2,75$, ver tabela nº). Porém em todos os grupos o valor médio está acima da faixa normal de variação (superior a 40%).

Grupo T : %A média= 52,33

Grupo BS:- %A média= 42,30

Grupo F : %A média= 51,52

Grupo N : %A média 41,96

b) Quanto à distribuição da %A nos 4 grupos segundo o critério de intervalo de variação verificamos que em todos os grupos com exceção de N, é estatisticamente significativa a tendência em apresentar os valores da %A acima de 40%, isto é, excessivamente elevados. No grupo N o índice de %A não assume valores significativos, sendo os resultados casuais.

%A	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	2	9,1	1	9,1	3	15,8	3	15,0	9	12,5
NORMAL	4	18,2	2	18,2	4	21,1	7	35,0	17	23,6
ELEVADO	16	72,7	8	72,7	12	63,1	10	50,0	46	63,9
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T : $\chi^2_0 = 15,79$

Grupo BS : $\chi^2_0 = 7,75$

Grupo F : $\chi^2_0 = 7,89$

Grupo N : $\chi^2_0 = 3,67$

$\chi^2_c = 5,991$

3º) Ligação Lógica: %V

a) Encontramos diferença significativa entre os 4 grupos, embora em todos eles o valor médio da %V esteja abaixo da expectativa (inferior a 23%). O grupo BS apresentou o valor mais rebaixado, e, o grupo N, o resultado mais próximo do normal($F_0 = 2,77$ $F_c = 2,75$ - ver tabela nº)

Grupo T : %V média= 15,32

Grupo BS : %V média= 12,83

Grupo F : %V média= 14,78

Grupo N : %V média= 15,87

b) Quanto à distribuição dos valores da %V segundo os intervalos de variação estabelecidos, os resultados obtidos para os 4 grupos foram:

CV	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	16	72,7	11	100,0	17	89,4	17	85,0	61	84,7
NORMAL	5	22,7	-	-	1	5,3	2	10,0	8	11,1
ELEVADO	1	4,5	-	-	1	5,3	1	5,0	3	4,2
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T : $\chi^2_o = 16,61$

Grupo F : $\chi^2_o = 11,0$

Total : $\chi^2_o = 86,94$

Grupo BS : $\chi^2_o = 27,20$

Grupo N : $\chi^2_o = 24,33$

$$\chi^2_c = 5,991$$

Como observamos em todos os 4 grupos ocorre uma tendência, estatisticamente significativa, em apresentar valores rebaixados da %V

E) Índice R.M.I.

a) Não existe diferença significativa entre os valores médios de R.M.I. nos 4 grupos ($F_o = 1,68$ $F_c = 2,75$. Ver tabela nº) sendo que nos grupos F, T e N as médias de R.M.I. estão dentro da expectativa teórica, enquanto que no grupo BS o valor médio deste índice acha-se rebaixado.

Grupo T : R.M.I. médio= 45,06

Grupo BS : R.M.I. médio= 39,45

Grupo F : R.M.I. médio= 46,48

Grupo N : R.M.I. médio= 44,77

b) Quanto à distribuição dos valores de R.M.I. segundo os intervalos de variação estabelecidos, os resultados obtidos para os 4 grupos foram:

R.M.I.	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	9	40,9	4	36,4	12	63,1	10	50,0	35	48,7
NORMAL	11	50,0	7	63,6	6	31,5	8	40,0	32	44,4
ELEVADO	2	9,1	0	0	1	5,4	2	10,0	5	6,9
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T : $\chi^2_0 = 6,14$
 Grupo F : $\chi^2_0 = 6,78$

Grupo BS : $\chi^2_0 = 9,661$
 Grupo N : $\chi^2_0 = 5,24$

$$\chi^2_c = 5,991$$

Para os grupos T e F os valores do R.M.I. estão significativamente dentro da expectativa normal. No grupo BS ocorre uma tendência significativa em apresentar R.M.I. acima da expectativa (superior a 55%). O grupo N não apresentou nenhuma tendência significativa quanto aos valores assumidos pelo índice R.M.I. .

II- FEITO DE PERSONALIDADE: CONDIÇÕES AFETIVAS - EMOCIONAIS

1) Sensibilidade aos estímulos coloridos: índice Af

a) Encontramos diferença significativa entre os valores médio do índice Af dos 4 grupos ($F_0 = 3,37$ $F_c = 2,75$ - ver tabela nº). Porém em todos eles a média obtida é superior à expectativa normal.

Grupo T: Af média= 1,53

Grupo BS : Af média= 1,58

Grupo F: Af média= 1,63

Grupo N : Af média= 1,68

b) Quanto à distribuição dos valores segundo os intervalos de variação estabelecidos, verificamos que em todos os grupos ocorre uma maior frequência de ~~casos~~ com Af elevado, mas que apenas nos grupos BS e N, tal tendência atinge uma intensidade estatisticamente significativa.

Af	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	5	22,7	3	27,3	2	10,5	3	15,0	13	18,1
NORMAL	6	27,3	2	18,2	6	31,6	2	10,0	16	22,2
Elevado	11	50,0	6	54,5	11	57,9	15	75,0	43	59,7
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T : $\chi^2_c = 1,94$

Grupo BS : $\chi^2_0 = 6,47$

Grupo F : $\chi^2_0 = 2,37$

Grupo N : $\chi^2_0 = 25,85$

$$\chi^2_c = 5,991$$

2) Índice de impulsividade : Imp.

a) Não encontramos diferença significativa entre os valores médios do índice Imp. nos 4 grupos ($F_0 = 2,55$ $F_c = 2,75$ - ver tabela nº)

b) Excluindo os casos que houve "inibição" nas pranchas coloridas, obtivemos os seguintes resultados relativos aos intervalos de variação.

Imp.	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
NORMAL	1	5,9	0	0	2	11,2	1	6,7	4	6,8
ELEVADO	16	94,1	9	100,0	16	88,8	14	93,3	55	93,2
TOTAL	17	100,0	9	100,0	18	100,0	15	100,0	59	100,0

Grupo T : $\chi^2_0 = 28,63$

Grupo BS : $\chi^2_0 = 25,58$

Grupo F : $\chi^2_0 = 18,18$

Grupo N : $\chi^2_0 = 24,64$

$$\chi^2_c = 5,991$$

Portanto, é significativa em todos os grupos a ocorrência de um índice de Imp. elevado.

3) Exteriorização das reações afetivas: Respostas Cromáticas.

A proporção das 3 categorias de respostas cromáticas nos 4 grupos estudados foi a seguinte:

FC:CF:C	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
RC=0	5	22,7	3	27,3	6	31,5	2	10,0	16	22,2
FC CF +C	1	4,6	2	18,2	4	21,1	5	25,0	12	16,7
FC CF +C	16	72,7	6	54,5	9	47,4	13	65,0	44	61,1
Total	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T : $\chi^2_0 = 10,61$

Grupo BS : $\chi^2_0 = 2,011$

Grupo F : $\chi^2_0 = 2,37$

Grupo N : $\chi^2_0 = 9,78$

Em todos os grupos, com exceção de BS e F ocorre uma tendência significativa para a ocorrência de desvios na proporção FC:CF:C . No Grupo F não ocorre concentração em nenhuma das alternativas consideradas. Grupo BS - também ocorre resultados variáveis.

4) Funções Intelectuais Intrínsecas: Respostas Cinestésicas

A proporção M:m obtida para os 4 grupos estudados distribui-se segundo as seguintes categorias:

M:m	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
M=m=0	3	13,6	1	9,1	2	10,5	4	20,0	11	15,2
M > m	1	4,6	0	0	3	15,8	3	15,0	8	11,1
M ≤ m	18	81,8	10	90,9	14	73,7	13	65,0	53	73,6
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T: $\chi^2_0 = 23,76$

Grupo BS: $\chi^2_0 = 14,10$

Grupo F: $\chi^2_0 = 16,70$

Grupo N : $\chi^2_0 = 9,18$

$$\chi^2_c = 5,991$$

O predomínio das cinestésias animais sobre as humanas é significativo para os 4 grupos considerados.

5) Capacidade Conativa e Utilização dos Recursos Subjetivos:

Índice Con e λ

a) Não encontramos diferença significativa entre os valores médios do índice Con. nos 4 grupos ($F_c = 1,04$ $F_c = 2,75$ - ver tabela n°).

No entanto podemos observar que os valores médios dos grupos T, BS e F estão situados abaixo do limite crítico (inferior a 45%), ao passo que no grupo F atinge a faixa de normalidade.

Grupo T: Con. média= 40,14

Grupo BS: Con. média= 33,00

Grupo F: Con. média= 46,23

Grupo N : Con. média= 40,05

b) A distribuição dos valores de Con., segundo os intervalos de variação considerados foi a seguinte nos 4 grupos:

Con.	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	11	50,0	4	36,4	14	73,6	14	70,0	43	59,7
NORMAL	5	22,7	1	9,1	4	21,1	1	5,0	11	15,3
ELEVADO	6	27,3	6	54,5	1	5,3	5	25,0	18	25,0
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T: $\chi^2_0 = 2,83$

Grupo BS: $\chi^2_0 = 14,76$

Grupo F: $\chi^2_0 = 3,47$

Grupo N: $\chi^2_0 = 13,42$

$\chi^2_c = 5,991$

Apenas no grupo BS e N encontramos uma tendência significativa em apresentar os valores de Con. abaixo da faixa normal de variação (inferior a 45%)

c) Não encontramos diferença significativa entre os valores médios do índice lambda nos 4 grupos ($F_0 = 1,23$ $F_c = 2,75$ - ver tabela nº). As médias deste índice em todos os grupos aqui considerados são elevadas, especialmente as do grupo N

Grupo T: média = 0,39

Grupo BS: média = 0,45

Grupo F: média = 0,40

Grupo N : média = 0,64

d) Distribuição dos valores de lambda nos 4 grupos segundo intervalos de variação considerados:

LAMBDA	Grupo T		Grupo F		Grupo BS		Grupo N		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
BAIXO	18	54,5	8	72,7	8	28,4	5	25,0	21	29,2
NORMAL	4	18,5	0	0,1	0	36,9	6	25,0	10	22,8
ELEVADO	16	87,0	3	87,8	14	71,6	18	69,0	29	68,0
TOTAL	22	100,0	11	100,0	19	100,0	20	100,0	72	100,0

Grupo T: $\chi^2_0 = 9,99$

Grupo BS: $\chi^2_0 = 16,04$

Grupo F: $\chi^2_0 = 5,12$

Grupo N : $\chi^2_0 = 17,67$

$\chi^2_c = 5,991$

Em todos os grupos ocorre uma tendência significativa para os valores de lambda elevado (superior a 0,25) excluindo apenas o grupo F onde este índice não assume valores significativos.

6.) Estudo específico dos desvios significativos aos diferentes grupos.

A) Conjugação dos desvios: %F⁺ inferior à 75% e %V inferior à 23%, observada no grupo BS. (valor médio).

Para verificarmos se esta característica é exclusiva para o grupo BS realizamos a seguinte prova:

% F ⁺ + % V	Grupos F, T e N (n=53)	Grupo BS (n=19)
% F ⁺ + % V	29	15
outras combinações	24	4
Total	53	19

Para os grupos F, T e N a conjugação dos desvios: %F⁺ + %V não é significativa, podendo ou não ocorrer ($\chi^2 = 0,470$ $\chi^2_c = 3,841$). Porém, este desvio é estatisticamente significativo e, portanto, exclusivo ao grupo BS ($\chi^2 = 6,368$ $\chi^2_c = 3,841$).

B) Conjugação dos desvios: R inferior à 23 e % F maior que 72 %, observada no grupo F (valor médio).

Para verificarmos se esta característica é exclusiva para o grupo F, realizamos a seguinte prova:

R + % F	Grupos T, N e BS (n=61)	Grupo F (n=11)
R + % F	12	5
outras combinações	49	6
Total	61	11

A ocorrência dos desvios R + % F não é estatisticamente significativa e portanto não exclusiva, ao grupo F ($\chi^2 = 0,090$ $\chi^2_c = 3,841$).

C) Elevação do índice % A observado nos grupos F e T (valor médio). Para verificarmos se esta característica é exclusiva para o

grupo F e T realizamos a seguinte prova

% A	Grupos BS e N (n=39)	Grupos F e T (n=33)
% A 40%	23	23
outros valores	16	10
Total	39	33

Para os grupos BS e N a elevação de % A não é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 1,256$ $\chi^2_{crit} = 3,841$).

Enquanto que para os grupos F e T este desvio é estatisticamente significativo, e portanto, exclusivo para os protocolos de pacientes com eeg focal ($\chi^2 = 5,122$ $\chi^2_{crit} = 3,841$)

D) Rebaixamento de % F⁺ observado nos grupos T, F e BS (valores médios).

Para verificarmos se este desvio é significativamente ausente no grupo N, realizamos a seguinte prova:

% F ⁺	Grupos F,T,BS (n=52)	Grupo N (n=20)
% F ⁺ 75%	35	10
outros valores	17	10
Total	52	20

Enquanto que para os grupos F,T. e BS o rebaixamento de % F é estatisticamente significativo ($\chi^2 = 6,230$ $\chi^2_{crit} = 3,841$), para o grupo N sua ocorrência é ocasional ($\chi^2 = 0$ $\chi^2_{crit} = 3,841$). Tal aspecto, provavelmente decorre de heterogeneidade do grupo N.

[illegible]

ANÁLISE DE VARIÂNCIA PARA EEG
(Comparação de médias)

$$H_0: M_1 = M_2 = M_3 = M_4$$

	F_o	F_c	R E S U L T A D O S
TR	2,3958	2,75	$F_o < F_c$. . não rejeita a hip. x
R	81,86	2,75	$F_o > F_c$. . rejeita a hipótese xx
% F	2,7993	2,75	$F_o > F_c$. . rejeita a hipótese xx
% F +	2,5230	2,75	$F_o < F_c$. . não rejeita a hip. x
% V	2,7690	2,75	$F_o > F_c$. . rejeita a hipótese xx
% A	25,0548	2,75	$F_o > F_c$. . rejeita a hipótese xx
R.M.I.	1,6827	2,75	$F_o < F_c$. . não rejeita a hip. x
Af.	3,3711	2,75	$F_o > F_c$. . rejeita a hipótese xx
Imp.	2,5526	2,75	$F_o < F_c$. . não rejeita a hip. x
Con.	1,0361	2,75	$F_o < F_c$. . não rejeita a hip. x
λ	1,2353	2,75	$F_o < F_c$. . não rejeita a hip. x
Elab	1,5745	2,75	$F_o < F_c$. . não rejeita a hip. x
G:R	1,0229	2,75	$F_o < F_c$. . não rejeita a hip. x

X não rejeita a hip. —————> Não há diferenças significativas entre os EEG

XX rejeita a hip. —————> Há diferenças significativas entre os EEG

Tabela H

GRUPOS : T, F, BS e N

T I P O D E T R A B A L H O M E N T A L

R - Valores médios significativamente diferentes, porém todos com mesma tendência, isto é, valores próximos à 23.

$\%R^{+} \geq 75\% + \%V^{+} \leq 23\%$: associação de desvios exclusiva ao grupo B.S.

$\%A \geq 40\%$ - significativa apenas para o grupo de pacientes com eeg focal, inclusive do tipo temporal.

$\%F$ - valores médios significativamente diferentes, porém todos com mesma tendência, isto é, valores superiores à 72%

$\%V$ - valores médios significativamente diferentes, porém todos com mesma tendência, isto é; valores inferiores à 23%

II - FEITIO DE PERSONALIDADE

Af. - Valores médios significativamente diferentes, porém todos com mesma tendência, isto é; valores superiores à 1,3

INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS NOS GRUPOS CONSTRUÍDOS, SEGUNDO AS MANIFESTAÇÕES DOS TRAÇADOS ELETROENCEFALOGRÁFICOS

Para a presente interpretação dos resultados segundo os quatro grupos de eeg - focal (F), temporal (T), bilateral síncrono (BS) e normal (N) comentaremos apenas as características dos índices que apresentaram valores médios significativamente diferentes em cada um. Portanto os índices T.r.m., Elab/R, G/R, % F⁺, R.m.i., Imp, Con, Lambda e a relação M:m não serão referidos, uma vez que os resultados não divergiram nos quatro conjuntos.

I - Tipo de Trabalho Mental

1. Rendimento Quantitativo - R

Embora ocorra uma diferença estatisticamente significativa entre estas médias, todas estão compreendidas dentro da faixa normal de variação estabelecida por Silveira. Quanto à distribuição dos valores segundo os intervalos estabelecidos (normal, acima e abaixo do normal) verificamos que para os grupos T e N se mantinha como significativa a tendência para os valores normais de R, enquanto que nos outros dois agrupamentos ocorreram resultados casuais. O rendimento associativo mais satisfatório foi aquele obtido para o grupo BS : R = 30,32, enquanto que o mais precário se encontra no grupo F: R = 27,30%.

Tais resultados não oferecem qualquer possibilidade para a-

tribuímos objetivamente significados diversos para os quatro grupos. Apenas verificamos que em todos eles se acha íntegra a capacidade associativa.

2 - Preocupação com o Ambiente Externo: % F

Neste caso, apenas o grupo N apresentou % F médio dentro da expectativa normal (% F = 63,30) enquanto que para os demais grupos este índice assumiu valores muito elevados. Neste sentido, o grupo F foi o que apresentou o desvio mais acentuado (% F = 75,60). O estudo dos intervalos de variação deste índice não revelou tendência significativa para nenhum dos grupos, donde se conclui que estes resultados independem do tipo de manifestação bioelétrica.

3 - Ligação Emocional com a Realidade: % A -

Embora as médias sejam estatisticamente diferentes entre os quatro agrupamentos, em todos eles assumem valores excessivamente elevados. O grupo N é o que apresentou o valor médio deste índice mais próximo da expectativa normal (% A = 41,96) enquanto que o grupo T foi o que revelou o desvio mais acentuado (% A = 52,33). A distribuição em intervalos de variação mostrou como estatisticamente significativa a tendência para a elevação deste índice em todos os grupos, exceto no grupo N onde os resultados foram casuais. Esta divergência possivelmente decorre da natureza heterogênea do grupo N, uma vez que a descarga bioelétrica do cérebro, como um fenômeno dinâmico, poderá manifestar-se ou não durante a fase em que está sendo efetuado o traçado eletroencefalográfico. Portanto no grupo N poderão estar ocasionalmente compreendidos diferentes tipos de disritmia cerebral.

Estes resultados permitem-nos apenas verificar que o tipo de ligação emocional com a realidade ocorre em todos os epilépticos aqui estudados independentemente dos traçados obtidos em seus eletroencefalogramas. Por outro lado, o predomínio significativo dos valores mais elevados de % A para os grupos "temporal" e "focal" sugerindo maior rigidez ou tensão emocional nestes pacientes, merece uma verificação ulterior em pesquisa que atinja maior número de casos.

4 - Adaptação lógica à realidade: % V

Mesmo que significativamente diferentes, as médias de % V nos quatro grupos apresentarem-se abaixo da expectativa normal. O grupo no qual este índice se situou mais próximo do normal, ainda que muito rebaixado, foi o grupo N (% V = 15,87) ao passo que o valor mais precário foi o obtido no grupo BS (% V = 12,83). A distribuição dos resultados em intervalos de variação demonstrou que para todos os grupos este desvio é significativo.

Como ocorreu com o índice % A, os resultados obtidos para % V, independem do traçado revelado pelo eeg. A assimilação dos padrões de pensamento peculiar à comunidade é indispensável para a adaptação lógica à realidade externa se faz de modo precário para todos os epilépticos aqui estudados, sendo que os que apresentaram maior dificuldade neste aspecto foram os pacientes com disritmia bilateral síncrona com a do tipo difuso.

II - Feitio de Personalidade

1. Sensibilidade Afetiva - Af

Em todos os grupos o valor médio deste índice apresentou-se acima da expectativa normal, muito embora haja uma diferença significativa entre as médias. O grupo N foi o que apresentou maior sensibilidade aos estímulos afetivos ($Af = 1,68$). Porém este resultado não permite nenhuma interpretação objetiva uma vez que a distribuição em intervalos de variação do índice Af revelou ausência de significância estatística desta tendência para os grupos N e BS.

Verificamos portanto que a hipersensibilidade afetiva é peculiar a todos os epiléticos aqui estudados qualquer que seja a manifestação bioelétrica correspondente.

2. Exteriorização da Afetividade: FC:CF:C

Em três grupos obtivemos uma tendência estatisticamente significativa para o predomínio da categoria CF sobre FC e C -. Apenas o grupo "focal" apresentou resultados variáveis: inibição completa das respostas cromáticas ou predomínio da categoria CF.

A maior variabilidade dos resultados obtidos em relação às respostas cromáticas, (distribuídos segundo as categorias $RC=0$ e $FC < CF > C$), associada à elevada percentagem de respostas de forma (% F maior em relação aos outros grupos) e ao baixo rendimento quantitativo

(R inferior ao obtido para os demais grupos) configuram uma possível tendência característica para o grupo Focal. Haveria basicamente uma maior inibição dos processos perceptuais e maior retração afetiva. Tal aspecto é apenas sugestivo e portanto exige investigação mais específica. Porém, a prova de adaptação rejeita a hipótese de que a conjugação desses desvios seja exclusiva e peculiar a este grupo de pacientes.

Os demais fatores do psicograma que aferem os dinamismos afetivo-emocionais não apresentaram diferenças significativas entre os quatro grupos aqui estabelecidos. O mesmo ocorreu em relação aos índices referentes às disposições conativas.

As séries de sinais psicodiagnósticos não foram submetidas à técnica de comparação de médias em relação a estes grupos devido ao número relativamente baixo de casos em alguns deles, e especialmente à maior heterogeneidade dos presentes incluídos em cada grupo de critério bioelétrico.

De modo geral pudemos verificar que as diferentes alterações eletroencefalográficas não interferem de modo específico nos dinamismos psíquicos. Apenas a conjugação dos desvios entre os índices % F⁺ e % V se mostrou significativa ao grupo Difuso + Bilateral Síncrono, denotando maior comprometimento do exame objetivo e de adaptação lógica à realidade nesse grupo de pacientes. Por outro lado, a elevação do índice % A é especialmente acentuada nos grupos "Temporal" e no "Focal" indicando tensão emocional nos indivíduos com esta modalidade de alteração bioelétrica.

GRUPO D. EPILÉPTICOS ADULTOS: GRUPO II

I- GRUPO DE EPILÉPTICOS ADULTOS

1) Dados Quantitativos

A) R total de respostas: R

c) Verificamos - que a um nível de significância de 5% existe uma diferença significativa entre as médias de R no grupo de epiléticos adolescentes (grupo I) e no de epiléticos adultos (grupo II). O grupo II a Média de R é significativamente inferior àquela do grupo I ($t_0=0,69$ $t_c=1,98$ - ver tabelas J e K)

Grupo I : Média - 27,45 DP: 14,61

Grupo II: Média - 24,83 DP: 9,117

b) O estudo da distribuição dos valores de R sob os intervalos de variação: "Baixa" (R inferior a 23); "Normal" (R entre 23 e 64) e "Alta" (R maior que 64), apresentou os seguintes resultados:

R	nº	%
BAIXA	16	53,3
NORMAL	14	46,7
ALTA	0	0
TOTAL	30	100,0

Portanto não ocorre uma tendência significativa para uma das categorias consideradas, havendo a mesma probabilidade de ocorrência da produtividade normal ou da baixa. A elevada produtividade não ocorreu em nenhum dos casos do grupo II.

Em todos os casos em que R baixa é encontrada, concomitantemente, M ocorre ou a 1 indicando inibição do trabalho mental com deficiência de auto-afirmação, exatamente como ocorre no grupo I.

$$\chi^2_0 = 15,36$$

$$\chi^2_c = 5,991$$

B) Tempo de Reação Média: TRM

a) Existe uma diferença significativa entre os grupos I e II quanto às suas médias do índice TRM, sendo que no grupo II o tempo de reação médio é bem menor que o obtido no grupo I ($t_1=2,84$ e $t_c=1,98$ - ver tabelas J e K)

Grupo I : TRM médio: 1',06 DP: 0,68

Grupo II: TRM médio: 0,69 DP: 0,29

b) O estudo da distribuição dos valores de TRM se uniu os intervalos de variação: "baixa" (inferior a 0,33); "normal" (entre 0,33 e 1') e "elevada" (igual ou superior a 1'), apresentou os seguintes resultados:

TRM	nº	%
BAIXA	1	3,4
NORMAL	25	83,3
ELEVADA	4	13,3
TOTAL	30	100,0

Portanto, de modo análogo ao que acontece no grupo I, ocorre um predomínio significativo dos valores de TRM dentro da faixa normal de variação ($\chi^2_0=35,36$ $\chi^2_c=5,991$)

C) Modalidades: ocorrência das categorias principais (G,P e p)

Encontramos apenas duas possibilidades no grupo II:

Presença de pelo menos um G,P e p ----- 19 protocolos - 63,3

Presença de pelo menos um G e P

com ausência de p ----- 11 " - 36,7

TOTAL ----- 30 " - 100,0

As probabilidades de ocorrência das duas categorias são idênticas. Portanto a ocorrência de pelo menos uma das modalidades principais: G,P e p não é significativa para o grupo II, embora o seja para o grupo I ($\chi^2_0=2,12$ $\chi^2_c=3,841$)

D) Faixa de Fatores Determinantes

	n°	%
REDUZIDA (1 a 6)	17	56,6
SATISFATORIA (7 a 9)	12	40,0
ELIMINADA (10 a 13)	1	3,4
TOTAL	30	100,0

Inicialmente já pode-se notar uma quase ausência de casos com elevada faixa de determinantes o que traduziria, se presente, flexibilidade nos processos cognitivo e perceptivo. Tal aspecto também foi observado no grupo I. ($\bar{X}_G=13,4$ $\bar{X}_G^2=5,991$)

E) Categorias de Conteúdo Explícito

Consideramos como no grupo I, as seguintes categorias: faixa reduzida de conteúdo com R baixo (inferior a 23), faixa reduzida de conteúdo com R normal e faixa satisfatória de conteúdo com R variável. O critério para a consideração de faixa normal de conteúdos foi o da presença de pelo menos 25% das respostas de cada protocolo, distribuídas em no mínimo 3 categorias de conteúdo explícito, além daqueles habitualmente encontrados (U,PE,A,PA e an)

Os resultados foram os seguintes:

	n°	%
FAIXA REDUZIDA R BAIXO	6	20,0
FAIXA REDUZIDA R NORMAL	3	10,0
FAIXA SATISFATORIA R VARIÁVEL	21	70,0
TOTAL	30	100,0

A probabilidade de ocorrência das três categorias são signifi-

- estatisticamente diferentes. - a um nível de significância de 5% predomina a hipótese satisfatória de conteúdos. ($\chi^2_0=18,79$ e $\chi^2_c=5,991$)

Portanto também quanto a este aspecto: uma de interesses pelo ambiente externo, não ocorre diferença significativa entre os grupos I e II.

2) Dados Quantitativos

A) Produtividade e Capacidade de Elaboração Intelectual Intrínseca: Elab/R

a) Encontramos diferença estatisticamente significativa entre as médias de Elab/R dos grupos I e II ($t_0=2,74$ e $t_0=1,98$) (ver tabelas J e K)

Grupo I - Elab/R médio= 0,92 DE= 0,40
Grupo II - Elab/R médio= 0,76 DE= 0,32

Portanto para ambos os grupos a média de Elab/R é inferior a expectativa teórica (1)

b) O estado da distribuição dos valores de Elab/R se unido os intervalos de variação: "baixo" (inferior a 1); "normal" (1 a 1,3) e "elevado" (superior a 1,3), revelou os seguintes resultados:

Elab/R	nº	%
BAIXO	23	75,6
NORMAL	6	20,0
ELEVADO	1	3,4
TOTAL	30	100,0

Portanto a um nível de significância de 5% predomina a hipótese em apresentar Elab/R reduzido, isto é, inferior a 1. ($\chi^2_0=3,53$ e $\chi^2_c=5,991$)

Então tanto o valor médio como a distribuição dos valores do índice Elab/R assumem o mesmo significado para os grupos I e II: reduzida capacidade de elaboração intelectual intrínseca.

B) Modalidades: Tipo de Percepção

1º) Modalidades principais: E, P e p

a) Global: E

	ADOLESCENTES		JUVENIS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
DESVIOS PARA BAIXO	3	4,2	3	10,0	6	5,9
DESVIOS PARA ALTOS	51	70,8	9	30,0	60	58,3
TOTAL	13	25,0	18	60,0	36	35,3
TOTAL	72	100,0	30	100,0	102	100,0

A probabilidade de ocorrência das três categorias são significativamente diferentes tanto para o grupo I como para o grupo II. Porém no grupo I ocorre um predomínio significativo do rebaixamento de G no tipo de percepção enquanto que no grupo II prevalece o valor normal de G no referido índice ($\chi^2=11,52$ $\chi^2_{5,991}=5,991$)

A computação dos valores de G separadamente nos tipos de percepção (Perc) das pranchas acromáticas e coloridas, leva-nos às seguintes conclusões:

i) Enquanto que no grupo I a ocorrência de E no tipo de Perc das pranchas acromáticas não assume um valor significativo, no grupo II ocorre um predomínio significativo dos valores elevados de G ($\chi^2=22,4$ $\chi^2_{5,991}=5,991$)

ii) Tanto no grupo I como no grupo II, é significativo o rebaixamento de G no tipo de Perc das pranchas coloridas. ($\chi^2=60,0$ $\chi^2_{5,991}=5,991$)

ACROMÁTICAS

G	nº	%
NORMAL	6	20,0
DESVIO PARA BAIXO	22	73,3
DESVIO PARA ALTOS	2	6,7
TOTAL	30	100,0

COLORIDAS

G	nº	%
NORMAL	0	0
DESVIO PARA BAIXO	0	0
DESVIO PARA ALTOS	30	100,0
TOTAL	30	100,0

Dêste modo os pacientes epilépticos, tanto adolescentes (grupo I) como adultos (grupo II) denotam dificuldade de apreciação dos aspectos mais amplos e abstratos das experiências sempre que envolvidos afetivamente por uma situação: rebaixamento acentuado de G no grupo de pranchas coloridas. Por outro lado em condições afetivamente neutras, quando dêles se espera decisão e iniciativa (representadas pelo teste de estímulos monocromáticos) os epilépticos adolescentes não reagem de modo característico no que se refere a êste aspecto da observação intelectual (G não assume valores significativos na Pere das pranchas monocromáticas) enquanto que os epilépticos adultos apoiam-se excessivamente aos significados gerais dos fatos com escassas considerações para com sua implicação concreta e para as minúcias que reclamam esforço mental de pesquisa. O significado desta elevação de G será discutido posteriormente.

Considerando agora a ocorrência de G não mais relacionada ao valor assumido no índice Pere que se baseia nas variações obtidas na população média, mas segundo o valor relativo que assume dentro de cada protocolo - relação G/R - verificamos o seguinte:

i) Não existe diferença significativa entre as médias G/R obtidas para os grupos I e II: G/R médio - Grupo I = 0,20 DP = 0,05 ; Grupo II = 0,19 DP = 0,07 (ver tabela J) ($z_0 = 0,01$, $z_0 = 1,98$, ver tabela K)

ii) Como ocorreu para o grupo I, também no grupo II, as probabilidades de ocorrência das três categorias descritas na tabela abaixo são significativamente diferentes. A um nível de significância de 5% predomina a ocorrência de G abaixo da expectativa teórica, ao considerarmos o número total de respostas ($\chi^2_0 = 18,2$ $\chi^2_c = 5,991$)

G/R	nº	%
DENTRO DA ESPECTATIVA	5	16,6
ABAIXO DA ESPECTATIVA	21	70,0
ACIMA DA ESPECTATIVA	4	13,4
TOTAL	30	100,0

b) Período Primário: P

Verificação da ocorrência de P no tipo de Pere dos protocolos de epilépticos adultos:

P	ADOLESCENTES		ADULTOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
NORMAL	49	68,0	25	83,33	74	72,6
DESVIOS PARA MAIS	20	27,8	5	16,7	25	24,5
DESVIOS PARA MENOS	3	4,2	-	-	3	2,9
TOTAL	72	100,0	30	100,0	102	100,0

$$\chi^2 = 35,356$$

$$\chi^2 = 5,991$$

Tanto para os epilépticos adolescentes como para os adultos, as probabilidades de ocorrência de P no tipo de Perc são diferentes. A um nível de significância de 5% predomina o valor normal de P.

Procuramos ainda observar se esta percepção adequada dos aspectos óbvios e concretos da realidade cotidiana (indicada pela presença normal de P no índice Perc do protocolo total) se mantém para os dois grupos de pranchas: monocromáticas e coloridas.

MONOCROMÁTICAS

P	nº	%
NORMAL	11	36,6
DESVIO PARA MAIS	1	3,4
DESVIO PARA MENOS	18	60,0
TOTAL	30	100,0

COLORIDAS

P	nº	%
NORMAL	5	16,7
DESVIO PARA MAIS	25	83,3
DESVIO PARA MENOS	0	0
TOTAL	30	100,0

Portanto, para o grupo de pranchas monocromáticas ocorre uma redução significativa de P ($\chi^2 = 14,6$ $\chi^2 = 5,991$) para o grupo II, diversamente daquilo que verificamos no grupo I, onde face aos estímulos monocromáticos, a ocorrência de P é normal. Enquanto que para o grupo de pranchas coloridas encontramos uma ocorrência significativa da elevação de P no tipo de Perc, correspondendo aos resultados obtidos no grupo de epilépticos adolescentes, porém, como tendência ainda mais acentuada no grupo II. ($\chi^2 = 35,36$ $\chi^2 = 5,991$)

c) Pormenor Secundário (p)

Verificação da ocorrência de p no tipo de Perc dos protocolos de e pilépticos adultos:

p	ADOLESCENTES		ADULTOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
NORMAL	14	19,5	6	20,0	20	19,6
DESVIOS PARA MAIS	15	20,8	3	10,0	18	17,7
DESVIOS PARA MENOS	43	59,7	21	70,0	64	62,7
TOTAL	72	100,0	30	100,0	102	100,0

A probabilidade de ocorrência das três categorias são significativamente diferentes para o grupo I como para o grupo II. Em ambos os grupos prevalece significativamente os valores rebaixados do pormenor secundário no tipo de Perc. ($\chi^2_0=18,79$ $\chi^2_c=5,991$).

Procuramos ainda verificar se esta percepção rebaixada dos aspectos menos evidentes da realidade (indicada pelo desvio negativo de p no índice de Perc do protocolo total) se mantém para os dois grupos de pranchas monocromático e colorido:

MONOCROMÁTICAS

p	nº	%
NORMAL	7	23,3
DESVIOS PARA MAIS	2	6,7
DESVIOS PARA MENOS	21	70,0
TOTAL	30	100,0

COLORIDAS

p	nº	%
NORMAL	8	26,6
DESVIOS PARA MAIS	4	13,4
DESVIOS PARA MENOS	18	60,0
TOTAL	30	100,0

Portanto, de modo análogo ao que ocorreu com o grupo I, encontramos um predomínio significativo dos desvios negativos de p para os dois grupos de pranchas, sendo que a redução de p é especialmente acentuada no grupo monocromático ($\chi^2_0=19,4$ $\chi^2_c=5,991$; e nas coloridas $\chi^2_0=10,4$ $\chi^2_c=5,991$)

Pesquisando o dinamismo subjacente a esta deficiência, como o fizemos para o grupo I, obtivemos os seguintes dados:

Queda de p compensada pela ocorrência exclusiva de P	: 5	protoc.	(16,6%)
Queda de p compensada pela elevação de Espaço-E-	: 4	"	(13,4%)
Queda de p compensada pela elevação de G	: 2	"	(6,7%)
Queda de p com ocorrência normal de G e de P	: 11	"	(36,0%)

Notamos que a deficiência de p ocorre em função da ocorrência normal de G e de P ou da elevação de E. Daí interpretarmos a dificuldade em concentrar a atenção para uma análise pormenorizada dos eventos - rebaixamento de p - como um aspecto independente da observação de G ou da de P que ocorrem nestes casos dentro da expectativa normal (GP), e não como adesão excessiva aos elementos práticos e cotidianos da existência, conforme observamos no grupo I. Por outro lado, no grupo II assim como no grupo I, o rebaixamento de p decorre em alguns casos (13,4%) em decorrência da preocupação excessiva com as conotações negativas da realidade (E)

Além disso, como ocorreu no grupo I, não podemos afirmar que o rebaixamento de p decorre da baixa produtividade dos protocolos, uma vez que a probabilidade de ocorrência do desvio negativo com p rebaixado e R rebaixado, é igual à do desvio negativo de p e R normal (respectivamente 12 casos e 9 casos).

2º) Apuração da qualidade das modalidades G e P

Utilizando o critério já mencionado no capítulo referente ao grupo I, obtivemos o seguinte:

a) Modalidade G:

QUALIDADE	nº	%
+	17	62,9
-	4	14,9
" + : - : = "	6	22,2
TOTAL	27	100,0

De modo análogo ao que ocorre no grupo I, encontramos no grupo II o

predomínio significativo de G com qualidade positiva ($\chi^2_0=10,88$ e $\chi^2_c=5,991$) e do tipo "imediato simples".

b) Modalidade P

QUALIDADE	nº	%
+	6	20,0
-	8	26,6
"+:-:="	16	53,4
TOTAL	30	100,0

Como no grupo I, não encontramos um predomínio significativo de - uma das categorias de qualidade para o grupo II ($\chi^2_0=5,60$ $\chi^2_c=5,991$)

3º) Modalidades Secundárias: E,p' e PG

a) Espaço Primário (E) ou associado à percepção global da prancha (GE).

No que se refere a esta modalidade encontramos, sob todos os aspectos, exatamente a mesma tendência que a observada no grupo I:

i) Ocorrência de E no tipo de Perc :

E	ADOLESCENTES		ADULTOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
AUSÊNCIA	57	79,2	23	76,7	80	78,4
PRESENÇA	15	20,8	7	23,3	22	21,6
TOTAL	72	100,0	30	100,0	102	100,0

A um nível de significância de 5%, predomina a ausência de E no ti

-po de Peré dos epilépticos adultos ($\chi^2_0=8,53$ $\chi^2_c=3,841$)

ii) Ocorrência absoluta de E e GE:

1 a 2 respostas em 9 protocolos - 30,0% (no grupo I: 33,3%)
 3 a 4 " em 4 protocolos - 13,3% (no grupo I: 12,0%)
 1 a 2 " GE em 4 protocolos - 13,3% (no grupo I: 13,8%)

b) E secundário às modalidades P e p: P(E) ou p(E)

Ocorrência ainda mais rara no grupo II do que aquela observada em I: 1 resposta (E) em apenas 2 protocolos.

c) Pormenor inibitório: p'

p'	ADOLESCENTES		ADULTOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
AUSÊNCIA	68	94,4	28	93,3	96	94,1
PRESENÇA	4	5,6	2	6,7	6	5,9
TOTAL	72	100,0	30	100,0	102	100,0

Quanto à ocorrência em número absoluto nos protocolos do grupo II:

p'=1 em 6 protocolos (20%) - (enquanto no grupo I: 25%)

Quanto à sua presença no tipo de Perc, como ocorre no grupo I, sua ausência é significativa: $\chi^2_0=22,53$ $\chi^2_c=3,841$

d) Pormenor dando significado global: PG (global confabulatória)

PG:Perc	ADOLESCENTES		ADULTOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
AUSÊNCIA	70	97,2	30	100,0	100	98,0
PRESENÇA	2	2,8	-	-	2	2,0
TOTAL	72	100,0	30	100,0	102	100,0

Tanto para o grupo I como para o grupo II, as probabilidades de o

- corênciã sãõ diferentes. A um nívêl de significância de 5%, predomi-
na nos dois grupos a ausência de PG no tipo de Perc. ($\chi^2_0=30,0$ $\chi^2_c =$
3,841)

A modalidade PE não ocorreu em nenhum protocolo do grupo II.

C) Capacidade de Planejamento e Recursos Subjetivos Variadores:G/M

G/M	ADOLESCENTES		ADULTOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
3:1	4	5,6	1	3,3	5	4,9
G M	16	22,2	9	30,0	25	24,5
G M	9	12,5	-	-	9	8,8
NULOS	5	6,9	-	-	5	4,9
M=0	33	52,8	20	66,7	58	56,9
G≠0						
TOTAL	72	100,0	30	100,0	102	100,0

Tanto para o grupo I, como para o grupo II, ocorre um predomínio
significativo da proporção: M=0 e G ≠ 0. Sendo que no grupo II esta ten-
dência é ainda mais acentuada ($\chi^2_0=50,33$ $\chi^2_c=9,488$).

D) Apreciação da Realidade Externa

a) EF - A um nível de significância de 5%, não encontramos di-
ferenças significativas entre as médias da EF dos grupos I e II ($t_0=0,34$
 $t_c=1,96$)

EF média no grupo I: 70,47% DP=13,96

EF média no grupo II:72,97 DP=13,55

b) Quanto à distribuição dos valores da EF segundo intervalos de vari-
ação: "baixo" (inferior a 56%); "normal" (56 a 72%) e "elevado" (supe-
rior a 72%), os resultados foram os seguintes:

%F	nº	%
BAIXO	3	10,0
NORMAL	10	33,3
ELEVADO	17	56,7
TOTAL	30	100,0

Como ocorreu com o grupo I, para o grupo II também é significativa a ocorrência da %F elevada, a um nível de significância de 5% ($\chi^2_0 = 9,80$ $\chi^2_c = 5,991$)

c) Procuramos verificar se ocorre uma supressão total nas demais categorias de determinantes das diferentes séries, ou, em outras - palavras, à custa de que série de determinantes se processa a elevação das respostas formais

Protocolos com %F maior que 72% - 17 casos

Série Movimento:

SÉRIE MOVIMENTO	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	6	20,0
PRESENÇA	11	80,0
TOTAL	17	100,0

Série Luminosidade

SÉRIE LUMINOSIDADE	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	10	58,8
PRESENÇA	7	41,2
TOTAL	17	100,0

SÉRIE CROMÁTICA	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	6	20,0
PRESENÇA	11	80,0
TOTAL	17	100,0

SÉRIE PERSPECTIVA	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	9	52,9
PRESENÇA	8	47,1
TOTAL	17	100,0

No grupo II não encontramos um rebaixamento específico e significativo de nenhuma das séries de determinantes, nos casos em que houve elevação do índice %F.

Comparando em cada série os resultados obtidos para os grupos I e II quanto a este aspecto, observamos:

1º) Série Movimento: grupo I - predomina significativamente a ocorrência de pelo menos uma categoria de RM. No grupo II tal tendência não é significativa ($\chi^2_0 = 1,46$ $\chi^2_c = 3,841$)

2º) Série Luminosidade: Grupo I - predomina significativamente a inibição total das respostas da série luminosidade. No grupo II tal tendência não é significativa ($\chi^2_0 = 0,52$ $\chi^2_c = 3,841$)

3º) Série Cromática: De modo diverso ao que ocorre no grupo I, predomina a ocorrência de pelo menos uma categoria de RM na série cromática no grupo II. Tal tendência não é significativa ($\chi^2_0 = 1,46$ $\chi^2_c = 3,841$)

4ª) Série Perspectiva: $\{G\}$ para o grupo I, para o grupo III
 ($\chi^2_0=0,04$ $\chi^2_c=3,841$)

E) Suceptibilidade aos Estímulos ambientais: Faixa de Determinantes

Vejamos inicialmente a ocorrência, no grupo de epiléticos adultos de inibição total das diferentes séries de determinantes.

A) Série Movimento: M,m e m'

RM	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	8	26,6
PRESENÇA	22	73,4
TOTAL	30	100,0

$$\chi^2_0=6,52$$

$$\chi^2_c=3,841$$

b) Série Perspectiva: Ps,ps e ps'

RPS	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	11	36,6
PRESENÇA	19	63,4
TOTAL	30	100,0

$$\chi^2_0=2,12$$

$$\chi^2_c=3,841$$

c) Série Luminosidade: L,l e l'

RL	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	24	80,0
PRESENÇA	6	20,0
TOTAL	30	100,0

$$\chi^2_0=10,80$$

$$\chi^2_c=3,841$$

Determinante C'

RC'	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	13	43,3
PRESENÇA	17	56,7
TOTAL	30	100,0

$$\chi^2_o = 0,52$$

$$\chi^2_c = 3,841$$

d) Série Cromática : FC, CF, C

SÉRIE CROMÁTICA	nº	%
AUSÊNCIA TOTAL	7	23,3
PRESENÇA	23	76,7
TOTAL	30	100,0

$$\chi^2_o = 8,52$$

$$\chi^2_c = 3,841$$

A prova de adaptação realizada para as diferentes séries de determinantes confirmou a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou inibição dos determinantes da série perspectiva e da categoria de resposta C', tanto no grupo I como no grupo II. Porém, enquanto que no grupo I a ocorrência ou não das categorias da série luminosidade é casual, no grupo II encontramos uma inibição significativa deste tipo de resposta ($\chi^2_o = 10,80$ $\chi^2_c = 3,841$)

Concordando com os resultados obtidos no grupo I, também encontramos no grupo II uma tendência significativa em apresentar respostas da série movimento e da série cromática.

F) Verificaremos agora quais as categorias das diferentes séries de determinantes que ocorrem mais frequentemente nos protocolos de epiléticos adultos:

ESFERA INTELECTUAL

SÉRIE MOVIMENTO	SÉRIE PERSPECTIVA
M: 8 protocolos	Ps : 11 protocolos
m: 20 protocolos	ps : 12 protocolos
m': 7 protocolos	ps': 0 protocolos

ESFERA AFETIVO-EMOCIONAL

SÉRIE CROMÁTICA	SÉRIE LUMINOSIDADE
FC: 11 protocolos	L: 7 protocolos
CF: 23 protocolos	l: 3 protocolos
C: 9 protocolos	l': 1 protocolo
	C': 17 protocolos

Podemos notar que as respostas de movimento animal (m) e de côr-forma (CF) são os que ocorrem na maioria dos protocolos, indicando imaturidade afetiva e intervenção de fantasias infantís da adaptação à realidade. Portanto, o grupo II apresenta também, quanto a este aspecto, a mesma tendência que observamos no grupo I. Dentre os determinantes mais encontrados na população média: M,Ps,FC e C' o mais inibido no grupo II é M- como foi verificado para o grupo I - porém, no grupo II não ocorre uma inibição tão frequente de C' como aquela verificada no grupo I.

G) Interesses Predominantes no Ambiente Externo: Categoria de Conteúdo Explícito

a) Os conteúdos explícitos computados no grupo de epilépticos adultos foram os seguintes (ordem decrescente de frequência):

- anatomia: 22 protocolos (73,3%)
- botânica: 19 protocolos (63,3%)
- objeto, nuvem, paisagem, sexo : 12 protocolos (40,0%)
- natureza; arte: 11 protocolos (36,6%)
- sangue: 9 protocolos (30,0%)
- arquitetura: 8 protocolos (26,6%)
- alimento : 7 protocolos (23,3%)
- geográfico: 6 protocolos (20,0%)
- vestimenta e fogo: 5 protocolos (16,6%)
- abstrato, religião, mapa : 4 protocolos (13,3%)
- ciência : 1 protocolo (3,3%)

Ocorreu no grupo II algumas modificações quanto à ocorrência de determinadas categorias de conteúdo, em relação àquilo que foi observado no grupo I: assim observamos uma redução relativa na frequência de ggr,

ab, vst, e fg, e um aumento também relativo das categorias: art,sg,al,rl. Porém, o aspecto mais notável é o aumento bastante acentuado da ocorrência das categorias an e sx no grupo II : an em 73,3% (grupo I foi de 59,7%); sx no grupo II em 40,0% (grupo I foi de 6,9%)

Agrupando os resultados segundo o critério que utilizamos para o grupo I em: conteúdos vagos, afetivos primários e intelectuais obtivemos os seguintes resultados:

VAGOS

VAGOS	nº	%
PRESENÇA	27	90,0
AUSÊNCIA	3	10,0
TOTAL	30	100,0

AFETIVOS

AFETIVOS	nº	%
PRESENÇA	28	93,3
AUSÊNCIA	2	6,7
TOTAL	30	100,0

INTELECTUAIS

INTELECTUAIS	nº	%
PRESENÇA	18	60,0
AUSÊNCIA	12	40,0
TOTAL	30	100,0

Portanto, de modo semelhante ao que ocorreu no grupo I ocorre um predomínio significativo das categorias "afetiva" e "vaga", porém, para o grupo I a probabilidade de ocorrência do conteúdo "vago" é significativamente maior ($\chi^2_0 = 19,062$ $\chi^2_c = 3,841$). Enquanto que para o grupo II a probabilidade de ocorrência do conteúdo "afetivo" é significativamente maior ($\chi^2_0 = 9,898$ $\chi^2_c = 3,841$) O conteúdo "intelectual" é ocasional para ambos os grupos ($\chi^2_0 = 1,20$ $\chi^2_c = 3,841$).

Os resultados estatísticos obtidos para o grupo II e nos quais se baseiam as nossas conclusões são os seguintes:

Afetivo: $\chi^2_o=22,52$ $\chi^2_c=3,841$
 vagos : $\chi^2_o=19,20$ $\chi^2_c=3,841$

Enquanto que no grupo I a ocorrência do conteúdo "anatomia" (an) embora elevada não foi estatisticamente significativa, no grupo II esta categoria assume uma frequência significativa. ($\chi^2_o=6,52$ $\chi^2_c=3,841$)

Quanto ao número de respostas em cada protocolo, verificamos o seguinte:

1 a 2 respostas an:	13 protocolos
3 a 4 " an:	4 protocolos
6 " an:	1 protocolo
8 " an:	2 protocolos
12 " an:	1 protocolo
14 " an:	1 protocolo
total " an:	22 protocolos

b) Conteúdo Animal

Não ocorre diferença significativa entre as médias da %A nos grupos I e II ($t_o=1,053$ $t_c=1,98$ ver tabela K).

%A médio - grupo I = 46,69	DP=16,17
%A médio - grupo II= 43,10	DP=15,56

Distribuição dos valores da %A segundo os intervalos de variação: "elevado" (superior a 40%); "normal" (30 a 40%) e "baixo" (inferior a - 30%), os resultados foram os seguintes:

%A	nº	%
ELEVADO	17	56,7
NORMAL	7	23,3
BAIXO	6	20,0
TOTAL	30	100,0

De modo análogo ao que obtivemos no grupo I, embora em grau menos acentuado, encontramos uma tendência significativa ao grupo II em apresen

- tar elevação da SA ($\chi^2_0=7,44$ e $\chi^2_c=5,991$).

Quanto à proporção A:pA, obtivemos os seguintes resultados no grupo II:

	ADOLESCENTES		ADULTOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
A > pA	61	84,7	30	100,0	91	89,2
A ≤ pA	11	15,3	-	-	11	10,8
TOTAL	72	100,0	30	100,0	102	100,0

Assim tanto para o grupo I como para o grupo II, prevalece como significativa a proporção adequada, isto é, A maior que pA. ($\chi^2_0=30,0$ $\chi^2_c=3,841$).

c) Conteúdo Humano

Verificação da ocorrência do conteúdo humano segundo as categorias: retração ou desinterêsse pelas relações humanas (0 a 20% de H); extensão suficiente do interêsse humano (21 a 30% de H) e elevado interêsse ou preocupação pelas relações humanas (maior que 30%). Os resultados obtidos foram os seguintes:

%H	nº	%
0 a 20%	22	73,4
21 a 30%	5	16,6
30 a 64%	3	10,0
TOTAL	30	100,0

Portanto, de modo análogo ao que ocorreu no grupo I, encontramos como característica significativa do grupo II a baixa frequência de respostas de conteúdo humano indicando desinterêsse ou retração face as relações interpessoais, sendo que dos 22 protocolos com baixa %H, três revelaram ausência total desse tipo de conteúdo ($\chi^2_0=21,8$ $\chi^2_c=5,991$)

Quanto à proporção H:pH os resultados obtidos foram os seguintes:

	ADOLESCENTES		ADULTOS		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
H pH	25	34,7	8	26,7	33	32,4
H pH	40	55,6	19	63,3	59	57,8
AMBOS OS TERMOS NULOS	7	9,7	3	10,0	10	9,8
TOTAL	72	100,0	30	100,0	102	100,0

Assim, tanto no grupo I como no grupo II, prevalece como significativa a proporção invertida, isto é, H menor ou igual a pH ($\chi^2_{0} = 13,54$ $\chi^2_c = 5,991$).

Procurando verificar se êsse desvio é específico ou não de um dos grupos de pranchas: monocromático e colorido, realizamos separadamente - como fizemos com o grupo I - a prova de adaptação para o resultado obtido para cada um do conjunto de estímulos (colorido e monocromático):

MONOCROMÁTICAS

H:pH	nº	%
H pH	4	13,4
H pH	26	86,6
TOTAL	30	100,0

COLORIDAS

H:pH	nº	%
H pH	7	23,4
H pH	23	76,6
TOTAL	30	100,0

O desvio H menor que pH é significativo tanto para o grupo de pranchas coloridas como para o grupo monocromático. De modo análogo ao que ocorre no grupo I, êste dinamismo independe da natureza do estímulo considerado. (Grupo monocromático; $\chi^2_{0} = 16,12$ $\chi^2_c = 3,841$; grupo colorido: $\chi^2_{0} = 8,52$ $\chi^2_c = 3,841$),

H) Adaptação Intelectual à Realidade Externa: RMI

Consideraremos inicialmente os valores assumidos por cada índice que compõe o RMI, isto é; %F+ (disposição conativa), %A (ligação emocional) e %V (capacidade intelectual):

1º) Esfera Genética: %F+

a) A comparação das médias da %F+ obtidas para os grupos I e II revelou a existência de uma diferença significativa entre elas a um nível de significância de 5% ($t_0=1,66$ $t_c=1,96$):

Grupo I - %F+ médio = 69,96% DP=15,81
Grupo II - %F+ médio = 64,43% DP=15,01

b) O estudo da distribuição dos valores da %F+ segundo os intervalos de variação: "baixo" (inferior a 75%); "normal" (75 a 90%) e "elevado" (igual ou maior que 90%) resultou nos seguintes dados:

%F+	nº	%
BAIXO	23	76,7
NORMAL	6	20,0
ELEVADO	1	3,3
TOTAL	30	100,0

Portanto, de modo análogo ao que ocorreu no grupo I, é significativa a ocorrência de valores da %F+ rebaixados, isto é, inferior a 75%.

($\chi^2_0=26,6$ $\chi^2_c=5,991$)

c) Para verificarmos se este desvio ocorre para os dois grupos de pranchas - coloridas e monocromáticas - computamos os valores da %F+ em cada um dos grupos:

MONOCROMÁTICAS

%F+	nº	%
NORMAL	5	16,6
ALTO	6	20,0
BAIXO	19	63,4
TOTAL	30	100,0

COLORIDAS

%F+	nº	%
NORMAL	8	26,6
ALTO	0	0
BAIXO	22	73,4
TOTAL	30	100,0

Portanto no grupo II os desvios observados no grupo I, não só coincidem, como tornam-se mais acentuados. Ou seja, grupo de pranchas monocromáticas ($\chi^2_0 = 12,2$ $\chi^2_c = 5,991$) e no grupo das coloridas ($\chi^2_0 = 24,8$ $\chi^2_c = 5,991$) predomina significativamente o rebaixamento da SF+

O estudo em cada protocolo das possíveis combinações entre os valores da SF+ no grupo colorido e monocromático resultou nos seguintes dados:

MONOCROMÁTICAS

COLORIDAS	%F+	NORMAL	ALTO	BAIXO	TOTAL
	NORMAL	2	1	5	8
	ALTO	0	0	0	0
	BAIXO	3	5	14	22
	TOTAL	5	6	19	30

Devido à dispersão dos resultados consideramos as seguintes possibilidades:

baixo nas monocromáticas + baixo nas coloridas : 14 casos
 baixo nas monocromáticas + normal nas coloridas: 5 casos
 alto nas monocromáticas + baixo nas coloridas : 5 casos
 demais combinações : 6 casos
 total : 30 casos

$$\chi^2_0 = 7,59 \quad \chi^2_c = 7,815$$

2º) Ligação Emocional com o Ambiente: %A

a) Conforme já verificamos anteriormente a tendência em apresentar %A elevada é significativa tanto para o grupo I como para o grupo II. Além disso não existe diferença significativa entre os valores médios da %A nos dois grupos - adolescentes e adultos.

b) Resta-nos verificar se este desvio se mantém para os dois grupos de pranchas - monocromático e colorido - ou se é característico apenas de um deles.

MONOCROMÁTICAS

COLORIDAS

%A	nº	%
NORMAL	1	3,4
ELEVADA	21	70,0
BAIXA	8	26,6
TOTAL	30	100,0

%A	nº	%
NORMAL	8	26,6
ELEVADA	15	50,0
BAIXA	7	23,4
TOTAL	30	100,0

Enquanto que no grupo I ocorre uma elevação significativa da %A - nos dois grupos de pranchas, no grupo II encontramos êste tipo de desvio em grau significativo apenas nas pranchas monocromáticas ($\chi^2 = 20,6$ $\chi^2_{0.05} = 5,991$) enquanto que o resultado dêste índice nas pranchas coloridas são casuais ($\chi^2 = 3,88$ $\chi^2_{0.05} = 5,991$).

O estudo em cada protocolo das possíveis combinações entre os valores da %A no grupo colorido e monocromático resultou nos seguintes dados:

MONOCROMÁTICAS

COLORIDOS	%A	NORMAL	ALTO	BAIXO	TOTAL
	NORMAL	0	6	4	10
	ALTO	0	12	2	14
	BAIXO	1	5	0	6
	TOTAL	1	23	6	30

Dada a dispersão dos resultados agrupamos segundo as seguintes combinações:

$$\chi^2_0 = 3,86$$

$$\chi^2_c = 7,815$$

alto nas monocromáticas + alto nas coloridas	:	12 casos
alto nas monocromáticas + normal nas coloridas	:	6 casos
alto nas monocromáticas + baixo nas coloridas	:	5 casos
demais combinações	:	7 casos
total	:	30 casos

c) Casos em que houve elevação da %A - verificação do significado: %A 40% em 17 casos, sendo que em 16 ocorreu concomitantemente um ou ambos os choques psicológicos (chC e chL).

3ª) Participação do raciocínio lógico na ligação cognitiva com a realidade: %V

a) A nível de significância de 5%, não encontramos diferença significativa entre os valores médios da %V nos grupos I e II ($t_0=0,34$ $t_{0.05}=1,96$)

Grupo I - %V médio: 14,73 DP=9,11

Grupo II - %V médio: 14,08 DP=7,94

b) O estudo da distribuição dos valores da %V segundo os intervalos de variação: "baixo" (%V inferior a 23%), "normal" (%V de 23 a 32%) e "elevado" (superior a 32%) resultou nos seguintes dados:

%V	nº	%
BAIXO	28	93,4
NORMAL	1	3,3
ELEVADO	1	3,3
TOTAL	30	100,0

De modo análogo ao que ocorreu no grupo I ocorre um predomínio significativo para o grupo II do rebaixamento da %V. Tal desvio é ainda mais acentuado no grupo II do que no grupo I, embora em ambos os casos êle seja significativo. ($\chi^2_D=48,6$ $\chi^2_C=5,991$)

c) Vejamos agora como se distribuem os valores da %V nos grupos de pranchas monocromáticas e coloridas, como combinação em cada protocolo:

MONOCROMÁTICAS

C O L O R I D A S	%V	NORMAL	ELEVADO	BAIXO	TOTAL
	NORMAL	0	2	2	4
	ELEVADO	0	0	0	0
	BAIXO	6	2	18	26
	TOTAL	6	4	20	30

Predomina para os dois grupos de pranchas o rebaixamento da %V - exatamente como ocorre no grupo I.

4º) Índice RMI

a) A um nível de significância de 5%, não encontramos diferenças significativas entre os valores médios do índice RMI para os grupos I e II ($t_0=1,51$ $t_c=1,96$)

Grupo I - RMI média = 43,71 DP=9,78
Grupo II - RMI média = 40,55 DP=8,92

b) O estudo da distribuição dos valores do índice RMI segundo os intervalos de variação: "baixo" (inferior à 45%), "normal" (45 a 55%) e "alto" (superior a 55%) resultou nos seguintes dados:

RMI	nº	%
BAIXO	22	73,4
NORMAL	7	23,3
ALTO	1	3,3
TOTAL	30	100,0

Portanto, de modo análogo ao que ocorre no grupo I, para o grupo II é significativo o rebaixamento do índice RMI. ($\chi^2_0=23,4$ $\chi^2_c=5,991$)

c) Procurando verificar qual a combinação predominante nos dois grupos de pranchas - monocromáticas e coloridas do índice RMI, obtivemos os seguintes dados:

MONOCROMÁTICAS

COLORIDAS	RMI	NORMAL	ELEVADO	BAIXO	TOTAL
	NORMAL	0	1	3	4
	ELEVADO	0	1	0	1
	BAIXO	4	8	13	25
	TOTAL	4	10	16	30

Agrupamos os resultados segundo as seguintes alternativas:

RMI baixo nas monocromáticas + RMI baixo nas coloridas : 13 casos
 RMI alto nas monocromáticas + RMI baixo nas coloridas : 8 casos
 demais alternativas : 9 casos
 total : 30 casos

Portanto, exatamente como ocorreu no grupo I, não existe no grupo II uma combinação característica quando consideramos cada protocolo de per si relacionando os valores de RMI nas pranchas monocromáticas e coloridas ($\chi^2_0 = 1,40$ $\chi^2_c = 5,991$)

Considerando o conjunto de resultados do índice RMI nos grupos monocromático e colorido:

MONOCROMÁTICO

RMI	nº	%
NORMAL	16	53,4
ELEVADO	10	33,3
BAIXO	4	13,3
TOTAL	30	100,0

COLORIDO

RMI	nº	%
NORMAL	4	13,3
ELEVADO	1	3,3
BAIXO	25	96,7
TOTAL	30	100,0

Enquanto no grupo I aparece apenas significativa a tendência ao rebaixamento de RMI no grupo colorido, no grupo II encontramos esta mesma tendência significativa em relação aos estímulos cromáticos ($\chi^2_0 = 34,2$ $\chi^2_c = 5,991$) e a ocorrência significativa dos valores normais de RMI no grupo monocromático ($\chi^2_0 = 7,20$ $\chi^2_c = 5,991$)

Considerando que o índice RMI é composto pelas percentagens: F+, V e A, procuramos verificar qual a combinação predominante destes três índices na determinação de RMI do grupo II.

%F+ baixa + %V baixa : 23 protocolos (76,7%)
 %F+ Normal ou alta + %V normal ou alta : 1 protocolo (3,3%)
 %F+ normal ou alta + %V baixa : 5 protocolos (16,6%)
 %F+ normal + %V alta : 1 protocolo (3,3%)
 total : 30 protocolos

Como no grupo I, para o grupo de adultos predomina significativa - mente o dinamismo: %F+ baixa (inferior a 75%) e %V baixa (inferior a - 23%) ($\chi^2_0=44,12$ $\chi^2_c=7,815$)

Os valores assumidos pela %A concomitantemente ao dinamismo: %F+ baixa + %V baixa foram:

%A elevada: 12 protocolos - 52,2%
 %A normal : 6 protocolos - 26,0%
 %A baixa : 5 protocolos - 21,8%
 Total : 23 protocolos -100,0%

Já os valores do índice %A são casuais no grupo II, nos protocolos com rebaixamento da %F+ e da %V ($\chi^2_0=3,72$ $\chi^2_c=5,991$), diversa - mente daquilo que foi observado no grupo I, onde predomina significati - vamente os valores elevados da %A. Porém, embora não significativa, é bastante acentuada esta tendência também para o grupo adulto.

II- FEITIO DE PERSONALIDADE: CONDIÇÕES AFETIVO-EMOCIONAIS

1) Exteriorização das reações afetivas: respostas cromáticas.

FC:CF:C	nº	%
PROPORÇÃO NORMAL	1	3,3
DESVIO A CUSTA DE CF	20	66,7
DESVIO A CUSTA DE C	5	16,7
FC=CF=C	1	3,3
RC=0	3	10,0
TOTAL	30	100,0

A um nível de significância de 5%, nos adultos existe um predomí - nio significativo da categoria CF sôbre as demais categorias de respos - tas cromáticas ($\chi^2_0=42,66$ $\chi^2_c=9,488$). Portanto, obedece o mes -

- mo dinamismo que aquêlo observado no grupo de adolescentes, apresentando ainda uma tendência acentuada.

2) Sensibilidade aos estímulos coloridos: Índice de afetividade (Af)

Não existe diferença significativa entre as médias do índice Af - dos grupos I e II ($t_0=1,46$ $t_c=1,96$)

Af média: grupo I = 1,53 DP=0,52

Af média: grupo II = 1,77 DP=0,61

Considerando o intervalo de variação: "baixo" (Af 1,1), "normal" (Af entre 1,1 e 1,3) e "elevado" (Af 1,4), computamos os seguintes resultados:

Af	nº	%
BAIXO	3	10,0
NORMAL	5	16,7
ELEVADO	22	73,3
TOTAL	30	100,0

Portanto, predomina significativamente os valores elevados do índice Af e de modo bem mais acentuado que aquele observado no grupo I ($\chi^2_0=21,8$ $\chi^2_c=5,991$)

3) Conjugação de dois desvios significativos para o grupo I : predomínio das respostas CF sobre FC e elevação do índice Af

FC:CF:C + Af	nº	%
DESVIO + ELEVACÃO	20	66,7
DEMAIS ALTERNATIVAS	10	33,3
TOTAL	30	100,0

Concordando com os resultados obtidos para o grupo I, no grupo II, os dois modos de expressão afetiva: respostas cromáticas e índice Af - não ocorrem necessariamente em um mesmo sentido ($\chi^2_0=3,32$ $\chi^2_c=3,841$)

4) Índice de Impulsividade: Imp

Considerando apenas casos em que não houve inibição ou rejeição nas pranchas coloridas. Encontramos o valor médio do índice Imp igual a 0,60 e o desvio padrão: 0,30. (ver tabela J)

Portanto a um nível de significância de 5% não existe diferença significativa entre os índices Imp dos grupos I e II ($t_0 = 0,36$ $t_c = 1,92$) ver tabela K)

Distribuição dos valores segundo os intervalos de variação: "baixo" (Imp menor que 0,29), "normal" (Imp entre 0,29 e 0,39) e "elevado" (Imp maior que 0,40). Obtivemos os seguintes resultados:

Imp	nº	%
BAIXO	2	6,7
NORMAL	4	13,3
ELEVADO	24	80,0
TOTAL	30	100,0

De modo análogo ao que ocorreu no grupo I, prevalece como significativo os valores elevados do índice Imp ($\chi^2_0 = 29,60$ $\chi^2_c = 5,991$)

5) Estudo Comparado entre Respostas Cromáticas e Índice Imp

A) Relação Concordante: Imp elevado + FC < CF + C ou,
Imp baixo ou normal + FC > CF + C ou,
RC=0

B) Relação Discordante: Imp elevado + FC > CF + C ou RC=0 ou,
Imp baixo ou normal + FC < CF + C

Tipos de relações concordantes computadas:

Imp elevada + FC < CF + C = 21 protocolos

Tipos de relações discordantes computadas:

Imp elevada + FC > CF + C ou RC=0 : 3 protocolos

Imp baixa ou normal + FC < CF + C : 6 protocolos

Relação Concordante : 21 protocolos (70%)

Relação Discordante : 9 protocolos (30%)

Diversamente do grupo adolescente, (onde as probabilidades são iguais), no grupo adulto prevalece significativamente a relação concordante a um nível de significância de 5% ($\chi^2_0=4,80$ $\chi^2_c=3,841$)

Isto é, os probandos do grupo II tendem a exteriorizar, de modo imaturo e egocêntrico sua elevada impulsividade.

6) Reações Emocionais: Série Luminosidade

A) Adaptação Emocional

	nº	%
$L > l + l'$	3	20,0
$L < l + l'$	12	80,0
TOTAL	15	100,0

Excluimos os 15 casos em que houve ausência total das categorias: L, l, l'. Foram consideradas as respostas adicionais para o cálculo. Portanto, predomina como no grupo I, a tendência a reagir emocionalmente - de modo excessivamente subjetivo, é significativa para o grupo II ($\chi^2_0=5,40$ $\chi^2_c=3,841$) de modo semelhante ao que encontramos no grupo I.

B) Adaptação Emocional Concreta: C'

	nº	%
$C' > L$	16	53,3
$C' \leq L$	2	6,7
$C' = L \neq 0$	12	40,0
TOTAL	30	100,0

Enquanto que para o grupo I observamos uma retração emocional com ausência de ambos os tipos de adaptação adequada (C' e L), no grupo II já percebemos um predomínio significativo de adaptação emocional do tipo concreto e indutivo: C' ($\chi^2_0=10,4$ $\chi^2_c=5,991$)

C) Considerando agora o conjunto das reações emocionais adaptadas: L e C' comparadas com as reações mais subjetivas e primárias: l e l' verificamos:

	nº	%
L ou C' > l + l'	16	72,7
L ou C' ≤ l + l'	6	27,3
TOTAL	22	100,0

Enquanto que no grupo I embora houvesse um predomínio das reações emocionais mais adaptadas, êste predomínio não era significativo, já no grupo II encontramos a ocorrência dêsse dinamismo em nível estatisticamente significativo ($\chi^2_0 = 4,54$ $\chi^2_c = 3,841$). Excluimos os 8 protocolos onde não ocorreram nem como determinante adicional as categorias L, C', l e l'

D) Comparando os modos mais subjetivos de adaptação emocional representados por l e l' verificamos:

	nº	%
l maior que l'	26	86,7
l igual ou menor que l'	4	13,3
TOTAL	30	100,0

Portanto como no grupo I, predomina o tipo menos subjetivo l sobre l' a um nível de significância de 5% ($\chi^2_0 = 16,12$ $\chi^2_c = 3,841$)

7) Equilíbrio das forças subjetivas: EQ e EQ'

EQ	nº	%
COARTADO	6	20,0
EXTRATENSIVO	21	70,0
INTROVERSIVO	2	6,7
AMBIGUAL DILATADO	1	3,3
TOTAL	30	100,0

Tanto para o grupo II como para o grupo I, as probabilidades de ocorrência dos 4 tipos de "equilíbrio das forças subjetivas" são diferentes. Para os dois grupos prevalece o tipo extratensivo. No grupo II : $\chi^2_0 = 34,26$ $\chi^2_c = 7,815$, portanto significativo a um nível de 5%.

B) EQ'

EQ'	nº	%
COARTADO	5	16,7
EXTRATENSIVO	18	60,0
INTROVERSIVO	6	20,0
AMBIGUAL DILATADO	1	3,3
TOTAL	30	100,0

Tanto para o grupo II, como para o grupo I, as probabilidades de ocorrência dos 4 tipos de EQ' são diferentes. Para os dois grupos prevalece o tipo introversivo.

No grupo II: $\chi^2_0 = 21,46$ $\chi^2_c = 7,815$, portanto significativo a um nível de 5%.

8) Equilíbrio das forças subjetivas e Sensibilidade afetiva.

Relações concordantes:

Af baixa e coartação ou introversão ou,
Af elevada ou normal e extratensão

Relações Discordantes: demais alternativas

Tipos de relações Concordantes computadas:

Af baixa e coartação ou introversão = 2 protocolos

Af elevada ou normal e extratensão ou ambigual = 20 protocolos

Tipos de Relações Discordantes Computadas:

Af baixa + extratensão = 2 protocolos

Af normal ou elevada + introversão = 3 protocolos

Af normal ou elevada + coartação = 3 protocolos

	nº	%
RELAÇÕES CONCORDANTES	22	73,4
RELAÇÕES DISCORDANTES	8	26,6
TOTAL	30	100,0

Como no grupo I, ocorre entre os adultos a tendência significativa em apresentar relações concordantes entre os índices Imp e Af. A um nível de significância de 5% ($\chi^2_0=6,52$ $\chi^2_c=3,841$)

Prevalecendo no grupo II, de modo ainda mais significativo que no grupo I, a ocorrência de EQ extratensivo acompanhado por elevado índice de afetividade.

9) Equilíbrio das Forças Subjetivas e Elevada Impulsividade

Como fizemos com o grupo de adolescentes, consideramos aqui, apenas os protocolos em que o índice Imp atingiu valores muito elevados, isto é, superior a 0,50 e verificamos como estes impulsos se manifestam através do índice EQ:

EQ	nº	%
COARTADO	4	21,0
INTROVERSIVO	5	26,3
EXTRATENSIVO	9	47,4
AMBIGUAL	1	5,3
TOTAL	19	100,0

Dada a ocorrência de um quarto tipo de EQ (ambigual dilatado) que não apareceu nos casos correspondentes do grupo I, houve uma maior dispersão dos resultados do grupo II. Porém predomina ainda como significativa o tipo de equilíbrio extratensivo em protocolos com elevada impulsividade ($\chi^2_0=7,00$ $\chi^2_c=5,991$)

10) Características da Capacidade Intelectual Intrínseca dos Epilépticos Adultos: Série Movimento

A) Predomina como tendência estatisticamente significativa (a um nível de significância de 5%) a ausência total ou a ocorrência de apenas uma resposta de movimento humano (ver cálculo estatístico no item referente aos sinais da Série de Molly Harrower).

B) Proporção M:m

M:m	nº	%
M menor que m	21	70,0
M=m=0	8	26,7
M maior que m	1	3,3
TOTAL	30	100,0

De modo análogo ao que ocorre no grupo I, porém ainda em maior intensidade, encontramos como significativo para o grupo II o predomínio das cinestésias animais sobre as humanas ($\chi^2_{50}=20,6$ $\chi^2_{50}=5,991$)

C) Ocorrência da categoria m':

M:m:m'	nº	%
M maior que m + m'	1	4,0
M menor que m + m'	24	96,0
TOTAL	25	100,0

Não consideramos os cinco casos em que houve ausência total de respostas da série movimento. Portanto, predomina significativamente, de modo semelhante ao que verificamos no grupo I, as elaborações intelectuais em nível não amadurecido: predomínio de m+m' sobre M.

D) Escala de Energia das RM segundo o Critério de Piotrowski

M	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	TOTAL
GRAU 2	1	0	3	1	0	1	1	0	0	2	9
GRAU 4	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2
GRAU 5	1	0	2	0	0	0	1	0	2	1	7
m											
Grau 1	0	0	2	0	0	0	0	2	0	1	5
GRAU 2	1	3	0	2	3	1	4	8	0	3	25
GRAU 5	1	0	1	1	0	0	1	0	2	1	7

Computamos para a realização desta tabela o grau de energia encontrado em todas as respostas de movimento humano e animal dos 30 protocolos. Verificamos que para as respostas M predominam os graus 2 e 5, como ocorre com o grupo I, porém no grupo de adolescentes (grupo I) computamos respostas M com grau 1 enquanto que entre os adultos não ocorreu nenhuma destas respostas, o mesmo ocorrendo com as respostas do grau 3 que apenas aparecem nos protocolos do grupo I. Quanto às respostas de movimento animal, observamos um acentuado predomínio do grau 2, exatamente como ocorreu entre os adolescentes. Nas pranchas com mais de uma resposta M ou m, foram consideradas apenas aquelas de grau maior.

A comparação dos graus de energia das respostas M e m nos protocolos em que ambas foram computadas resultou nos seguintes dados:

Grau de energia de m maior que o de M:	6 protocolos	-	54,5%
" " " " m menor " " " M:	3	"	- 27,8%
" " " " m igual ao de M:	2	"	- 17,7%
TOTAL -----:	11	"	- 100,0%

Embora ainda presente a tendência em ocorrer maior grau de energia nos movimentos animais, quando comparados com os humanos, já não encontramos em nível significativo, como foi verificado no grupo I ($\chi^2_0 = 2,35$ $\chi^2_c = 5,991$)

E) Conteúdos Humanos e Tipos de Movimento

TIPOS DE M	nº	%
SÊRES SOBRENATURAIS	1	7,7
SÊRES REAIS NÃO CARACT.- ATIVIDADES NEUTRAS E FLEXORAS	5	38,5
SÊRES REAIS NÃO CARACT.-ATIVIDADES NEUTRAS E EXTENSORAS	7	53,8
SÊRES IRREAIS COM COMPORTAMENTO AGRESSIVO MANIFESTO	0	0
TOTAL	13	100,0

Não ocorre como no grupo I um tipo significativo de figuras humanas em movimento ($\chi^2_0=4,29$ $\chi^2_c=5,991$) embora predomine significativamente as figuras humanas reais e sem características peculiares, exatamente como ocorreu com o grupo I.

F) Proporção M:C

M:C	nº	%
$M \geq C$	8	26,7
$M < C$	9	30,0
O:O	13	43,3
TOTAL	30	100,0

A um nível de significância de 5%, as probabilidades de ocorrência de uma das três categorias de M:C são iguais ($\chi^2_0=4,365$ $\chi^2_c=5,991$)

Portanto, quanto a este aspecto encontramos uma divergência em relação ao grupo de adolescentes onde prevalece significativamente a proporção M:C=O:O

G) Proporção M:Ps

Excluimos do cálculo os 14 protocolos onde houve ausência total de M e de Ps, como fizemos com o grupo I.

M:Ps	nº	%
M > Ps	5	31,2
M ≤ Ps	11	68,8
TOTAL	16	100,0

Como ocorre com o grupo I, também entre os adultos não existe um predomínio significativo de qualquer das alternativas da proporção M:Ps. Os resultados são casuais ($\chi^2_0=2,24$ $\chi^2_c=3,841$)

10) Comparação entre as esferas intelectual e afetivo-emocional

A) Plano manifesto: (Ps + M) : (L + C)

(Ps + M) : (L + C)	nº	%
COARTADO	11	36,7
PRED. INTELECTUAL	10	33,3
PRED. AFETIVO	7	23,3
IGUALDADE	2	6,7
TOTAL	30	100,0

Diversamente do que ocorreu no grupo de adolescentes, a probabilidade entre as categorias são iguais, e portanto os resultados obtidos não são significativos ($\chi^2_0=6,52$ $\chi^2_c=7,815$)

B) Plano Latente: (m + m') : (l + C'). Consideramos as mesmas alternativas do caso anterior:

(m + m') : (l + C')	nº	%
COARTADO	5	16,7
PRED. INTELECTUAL	16	53,3
PRED. AFETIVO	7	23,3
IGUALDADE	2	6,7
TOTAL	30	100,0

Já em nível profundo do estudo das manifestações intelectuais e afetivo-emocionais, as tendências dos grupos I e II coincidem.

Ocorre um predomínio significativo das reações intelectuais sobre as afetivo-emocionais ($\chi^2=14,52$ $\chi^2_c=7,815$)

C) Comparação entre os dois níveis:

L A T E N T E

MANIFESTO		COARTADO	PREDOMÍNIO INTELLECTUAL	PREDOMÍNIO AFETIVO	IGUALDADE	TOTAL
	COARTADO	4	6	1	0	11
	PREDOMÍNIO INTELLECTUAL	0	7	2	1	10
	PREDOMÍNIO AFETIVO	0	2	4	1	7
	IGUALDADE	1	1	0	0	2
	TOTAL	5	16	7	2	30

Os resultados foram muito dispersos dentre as diferentes alternativas e portanto não ocorreu um predomínio significativo de nenhum caso - em particular.

D) Comparação entre cada esfera em ambos os níveis.

1ª) Esfera Intelectual

$(M+Ps) \leq (m+m')$ -----	7 protocolos	(23,3%)
$(M+Ps) = (m+m')=0$ -----	11	" (36,7%)
$(M+Ps) = (m+m') \neq 0$ -----	2	" (6,7%)
$(M+Ps) \geq (m+m')$ -----	10	" (33,3%)
TOTAL -----	30	" (100,0%)

ou,

$(M+Ps) \leq (m+m')$ -----	9 protocolos
$(M+Ps) \geq (m+m')$ -----	10
COARTAÇÃO INTELLECTUAL -----	11
TOTAL -----	30

Portanto, os resultados são casuais, não existe uma tendência significativa ao compararmos as manifestações intelectuais em plano latente e em plano manifesto do grupo II.

2ª) Esfera Afetivo-Emocional

$(L+C) < (1+C')$ -----	6	protocolos	(20,0%)
$(L+C) = (1+C')=0$ -----	5	"	(16,6%)
$(L+C) = (1+C')\neq 0$ -----	2	"	(6,7%)
$(L+C) > (1+C')$ -----	17	"	(56,7%)
TOTAL -----	30	"	(100,0%)

ou,

$(L+C) \leq (1+C')$ -----	8	protocolos
$(L+C) > (1+C')$ -----	17	"
COARTAÇÃO -----	5	"
TOTAL -----	30	"

Predomínio significativo das reações afetivo-emocionais em nível manifesto sobre as demais tendências latentes ($\chi^2_G=7,8$ $\chi^2_c=5,991$).

11) Capacidade Conativa e Utilização dos Recursos Subjetivos: Índice Con e Lambda.

A) A um nível de significância de 5%, não existe diferença significativa entre as médias do índice Con dos grupos I e II ($t_0=0,43$ $t_c=1,96$ ver tabelas A, J e K)

Grupo I - Con média= 39,15	DP=20,7
Grupo II - Con média= 37,28	DP=19,6

B) Considerando os valores de Con segundo os intervalos de variação: "elevado" (superior a 55%); "normal" (45 a 55%) e "baixo" (inferior a 45%), obtivemos os seguintes resultados:

Con	nº	%
ELEVADO	3	10,0
NORMAL	9	30,0
BAIXO	18	60,0
TOTAL	30	100,0

$$\chi^2_o = 11,40$$

C) Verificamos os resultados totais para cada grupo de prancha: mono cromático e colorido:

MONOCROMÁTICO

Con	nº	%
NORMAL	3	10,0
ELEVADO	11	36,7
BAIXO	16	53,3
TOTAL	30	100,0

COLORIDO

Con	nº	%
NORMAL	3	10,0
ELEVADO	6	20,0
BAIXO	21	70,0
TOTAL	30	100,0

As duas provas de adaptação rejeitaram a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência para as três categorias estabelecidas em cada grupo de prancha. A um nível de significância de 5% predomina para o grupo II; o rebaixamento do índice Con no grupo de pranchas monocromáticas ($\chi^2_o = 8,60$ $\chi^2_c = 5,991$) e rebaixamento também para o grupo colorido ($\chi^2_o = 18,60$ $\chi^2_c = 5,991$)

D) A um nível de significância de 5%, não existe diferença significativa entre as médias do índice Lambda dos grupos I e II ($t_c = 1,13$ e $t_o = 1,96$) (ver tabelas A, J e K)

Grupo I - índice Lambda médio= 0,47 DP=0,30
Grupo II - índice Lambda médio= 0,41 DP=0,28

E) A distribuição dos valores do índice Lambda segundo os intervalos de variação: "elevado" (superior a 0,60), "normal" (0,40 ~ 0,60) e "baixo" (menor que 0,40) resultou nos seguintes dados:

	nº	%
ELEVADO	6	20,0
NORMAL	6	20,0
BAIXO	18	60,0
TOTAL	30	100,0

Como no grupo I, ocorre para o grupo II um predomínio significativo dos valores rebaixados do índice Lambda ($\chi^2_0=9,6$ $\chi^2_c=5,991$). E, separadamente para o grupo monocromático e colorido:

MONOCROMÁTICO

COLORIDO

	nº	%
ELEVADO	5	16,7
NORMAL	4	13,3
BAIXO	21	70,0
TOTAL	30	100,0

$$\chi^2_0 = 13,2$$

	nº	%
ELEVADO	8	26,8
NORMAL	2	6,6
BAIXO	20	66,6
TOTAL	30	100,0

$$\chi^2_c = 16,8$$

F) Estudo específico dos dinamismos resultantes da combinação dos índices Con e Lambda

- 1ª) Relação concordante: Con baixa + Lambda alta ou normal e Con alta + Lambda baixa ou normal = 12 casos
- 2ª) Relação discordante: Con alta + Lambda alta(mecanismo Obsessivo) = 0 casos e Con baixa + Lambda baixa(mecanismo depressivo) = 9 casos
- 3ª) Casos com Conação normal (3 alternativas de Lambda) = 9 casos
- 4ª) Comparação entre os tipos de desvios ocorridos em ambos os índices

	nº	%
RELAÇÕES CONCORDANTES	12	57,1
RELAÇÕES DISCORDANTES	9	42,9
TOTAL DE DESVIOS	21	100,0

Predomina significativamente a relação concordante entre os desvios ($\chi^2_0=4,28$ $\chi^2_c=3,841$)

Vejamos então que tipo de relação concordante é significativa para o grupo II:

Con + Lambda	nº	%
Con $\uparrow$ + $\lambda \downarrow$ ou N	3	25,0
Con $\downarrow$ + $\lambda \uparrow$ ou N	9	75,0
TOTAL	12	100,0

Portanto, ocorre um predomínio significativo da combinação: Con baixa e Lambda alta ou normal ($\chi^2_0=3,0$ $\chi^2_c=3,841$)

2º) Relações Discordantes

Con + Lambda	nº	%
Con $\downarrow$ + $\lambda \downarrow$	9	100,0
Con $\uparrow$ + $\lambda \uparrow$	0	0
TOTAL	9	100,0

3º) Conação Normal

	nº	%
LAMBDA BAIXO	6	66,6
LAMBDA ELEVADO	0	0
LAMBDA NORMAL	3	33,4
TOTAL	9	100,0

Casos de Con normal predomina significativamente a ocorrência do rebaixamento do índice Lambda ($\chi^2_0=6,0$ $\chi^2_c=5,991$)

G) Tipos de Respostas de Forma

Nos trinta casos predominou o tipo "ordinário" ou "impessoal". Portanto em ambos os grupos de epiléticos (adolescentes e adultos) ocorre de modo altamente significativo as RF do tipo menos criador e individual.

12) Mecanismos de Reação

A) Mecanismos Anormais

1.	Rejeição ou inibição	:	16	protocolos	-	53,3%
2.	Perseveração	:	18	"	-	60,0%
3.	Fabulação	:	6	"	-	20,0%
4.	Insegurança	:	16	"	-	53,3%
5.	Crítica à mancha	:	5	"	-	16,0%
6.	Simetria	:	2	"	-	6,7%
7.	Respostas de posição	:	4	"	-	13,3%
8.	Reversão	:	4	"	-	13,3%
9.	Condensação	:	2	"	-	6,7%
10.	Nomeação de côr	:	0	"	-	0

Verificação da presença significativa destes mecanismos

1. Rejeição ou inibição

	nº	%
PRESENÇA	16	53,3
AUSÊNCIA	14	46,7
TOTAL	30	100,0

A prova de adaptação confirma a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou não de rejeição ou inibição nos protocolos do grupo II ($\chi^2 = 0,120$ $\chi^2_c = 3,841$)

Portanto, diversamente do que ocorreu no grupo I, para o grupo II, o mecanismo de rejeição não é significativo.

2. Perseveração

	nº	%
PRESEÇA	17	60,0
AUSENCIA	13	40,0
TOTAL	30	100,0

A prova de adaptação confirma a hipótese de haver igual probabilidade de ocorrência ou não deste mecanismo ($\chi^2 = 1,20$ $\chi^2_{\text{c}} = 3,841$)
Portanto, como ocorreu para o grupo I, a ocorrência de Perseveração não é significativa para o grupo.

Uma vez que a frequência dos demais mecanismos é inferior àqueles dos mecanismos de Perseveração e Inibição, a prova de adaptação não se faz necessária. A um nível de significância de 5%, nenhum sinal de reação emocional é significativo para o grupo.

13) Série de Sinais Patológicos

A) Série de Sinais Psicógenos de Molly harrower

Os trinta protocolos de epiléticos adultos revelaram a seguinte distribuição relativa à soma ponderal de sinais da série de M. Harrower

SOMA PONDERAL	nº	%
SIGNIFICATIVA	21	70,0
NÃO SIGNIFICATIVA	9	30,0
TOTAL	30	100,0

A um nível de significância de 5%, a ocorrência significativa destes sinais é característica ao grupo de epiléticos adultos ($\chi^2 = 4,80$ $\chi^2_{\text{c}} = 3,841$)

Vejamos quais os sinais mais frequentes no grupo de epiléticos adultos:

SINAL	Nº	%
1.	2	6,7
2.	28	93,3
3.	30	100,0
4.	19	63,3
5.	29	96,6
6.	8	26,6
7.	2	6,7
8.	9	30,0
9.	14	46,6
10.	11	36,6

Verificamos que a ocorrência dos sinais 2,3 e 5 é estatisticamente significativa para o grupo II. Os demais sinais podem ou não ocorrer - neste grupo; Este resultado coincide exatamente com o obtido para o grupo I

B., Série de Sinais Lesionais de Piotrowski

SOMA	nº	%
SIGNIFICATIVA	3	10,0
NÃO SIGNIFICATIVA	27	90,0
TOTAL	30	100,0

A um nível de significância de 5%, predomina significativamente um número reduzido de sinais lesionais ($\chi^2_0 = 59,64$ $\chi^2_c = 3,841$). Exatamente como ocorreu com o grupo I.

Vejamos quais dos sinais desta série são mais frequentes ao grupo de epiléticos adultos

SINAL	Nº	%
1.	4	13,3
2.	4	13,3
3.	28	93,3
4.	0	0

SINAL	Nº	%
5.	28	93,3
6.	0	0
7.	3	10,0
8.	2	6,7
9.	8	26,7
10.	28	93,3

Os sinais lesionais significativos para o grupo II são: 3,5 e 10, coincidindo com o que foi obtido para o grupo I

C) Série de sinais peculiares a epilépticos de Piotrowiski

SOMA	nº	%
SIGNIFICATIVA	3	10,0
NÃO SIGNIFICATIVA	27	90,0
TOTAL	30	100,0

A um nível de significancia de 5% podemos afirmar que a presença destes sinais não é significativa para o grupo de epilépticos adultos ($\chi^2_0 = 59,64$, $\chi^2_c = 3,841$). Este resultado coincide com o obtido para o grupo I.

Vejamos agora quais os sinais da série epiléptica são mais frequentes no grupo II:

SINAL	Nº	%
1.	4	13,3
2.	28	93,3
3.	0	0
4.	28	93,3
5.	29	96,6
6.	8	26,7
7.	14	46,6
8.	5	16,0
9.	0	0
10.	15	50,0
11.	0	0
12.	0	0
13.	2	6,7
14.	9	30,0

A um nível de significância de 5%, os sinais epilépticos característicos ao grupo II são: 2º, 4º e 5º. Embora coincidindo, em relação a estes três sinais com o que foi obtido no grupo I, não encontramos para o grupo adulto a presença significativa dos sinais 10º e 14º.

14) Estudo da probabilidade de ocorrência dos mecanismos de reação: Grupos I e II.

1. Rejeição ou inibição: probabilidade significativamente maior para o grupo I ($\chi^2_0 = 16,75$ $\chi^2_0 = 3,841$) .
2. Perseveração: igual probabilidade para ambos grupos
($\chi^2_0 = 3,00$ $\chi^2_0 = 3,841$)
3. Fabulação: igual probabilidade para ambos grupos
($\chi^2_0 = 3,60$ $\chi^2_0 = 3,841$)
4. Insegurança: igual probabilidade para ambos grupos
($\chi^2_0 = 0,032$ $\chi^2_0 = 3,841$)
5. Crítica à mancha: igual probabilidade de ocorrência para ambos grupos
($\chi^2_0 = 1,142$ $\chi^2_0 = 3,841$)
6. Simetria: igual probabilidade de ocorrência para ambos grupos
($\chi^2_0 = 3,600$ $\chi^2_0 = 3,841$)
7. Resposta de posição: igual probabilidade de ocorrência para ambos grupos
($\chi^2_0 = 0$ $\chi^2_0 = 3,841$)
8. Reversão: igual probabilidade de ocorrência para ambos grupos
($\chi^2_0 = 0$ $\chi^2_0 = 3,841$)
9. Condensação: igual probabilidade de ocorrência para ambos grupos
($\chi^2_0 = 0,333$ $\chi^2_0 = 3,841$)
10. Nomeação de cor: igual probabilidade de ocorrência para ambos grupos
($\chi^2_0 = 2,00$ $\chi^2_0 = 3,841$)

EPILÉPTICOS ADULTOS

PROTOC. Nº	TR	R	% F	% F +	% V	% A	R.M.I.	PERO.	(PS+M): (C+O)	(M+N): (L+C)	AS.	IMP.	CON.	λ	ELAB R	EQ	EQ¹	G:M	G:R	M:C	FC : CF : C
1	0,75	16	68,75	90,90	12,50	50,00	51,13	GP	0:0	1:0	2,20	0,37	59,65	0,31	0,90	0:3	1:3	6:0	0,37	0:0	0: 3: 0
2	0,50	28	78,57	63,63	17,88	35,71	38,74	GPE	0:0	0:1,5	1,54	0,41	42,21	0,27	0,94	0:5	0:5	7:0	0,25	0:0	0: 5: 0
3	1,30	17	82,35	78,57	41,17	76,47	65,40	GP	0,5:0	0:0,5	3,25	0,44	60,93	0,21	0,41	0,5:2	0:2	3:0,5	0,17	0,5:0	2: 1: 0
4	0,50	20	55,00	63,63	10,00	35,00	36,21	GP(p)	0,0:0,5	2,5:2	1,85	0,44	18,63	0,81	0,99	0:3	2,5:3	5:0	0,25	0:0,5	2: 2: (1)
5	0,28	45	46,66	61,90	2,22	26,66	30,26	GP	2:2	7,5:7	1,64	0,47	8,57	1,14	1,10	1:10,5	10:10,5	10:1	0,22	1:2	1: 7: 2
6	0,92	14	100,00	33,33	14,28	21,42	23,01	GP	0:0	0:0	1,00	0,75	33,33	0	0,42	0:0	0:0	1:0	0,07	0:0	0: 0: 0
7	0,68	16	56,25	55,55	12,50	62,50	44,15	P p'	1:2	1:1	1,00	1,00	11,80	0,77	0,62	8:3	1:3	5:0	0,31	0:2	0: 0: 2
8	0,57	14	92,85	61,53	7,14	42,85	37,17	GPE	0:0	0:0	1,80	1,25	54,39	0,07	0,42	0:1	0:1	3:0	0,21	0:0	0: 1: 0
9	1,60	18	88,88	80,00	22,22	44,44	48,88	GPE	0:1	1:0	2,00	1,40	68,89	0,12	0,99	0:1,5	0:1,5	5:0	0,27	0:1	0: 0: 1
10	1,00	34	67,64	63,63	14,70	20,58	32,97	P	1:0	1,5:1	2,09	0,53	31,08	0,47	0,88	1:10,5	1,5:5	3:1	0,08	1:0	2: 4: 0
11	0,61	26	69,23	81,25	3,84	38,46	41,18	GPp	0:1	1,5:2	2,71	0,46	50,49	0,44	1,20	0:4	1:4	5:0	0,19	0:1	1: 2: 1
12	0,77	22	77,27	46,14	18,18	22,72	29,01	GPp	0:0	1:0	1,44	0,85	23,42	0,29	0,50	0:3	1:3	3:0	0,13	0:0	2: 2: 0
13	0,90	20	85,00	64,70	20,00	45,00	43,20	GP(p)	0:0	0:0	3,00	0,25	49,70	0,17	0,47	0:2	0:2	4:0	0,20	0:0	0: 2: 0
14	0,64	28	85,71	56,52	21,42	35,71	37,88	GPp	0:2	0:1,5	1,54	0,54	42,24	0,16	0,61	0:3	0:3	6:0	0,21	0:2	0: 0: 2
15	0,48	27	81,48	68,42	11,11	44,44	41,32	GP	1:0	2:1	1,25	0,66	49,91	0,22	0,85	1:1	2,5:1	7:1	0,25	1:0	0: 1: 0
16	0,65	35	82,85	62,96	11,42	37,14	37,17	PpE	2:0	0,5:2	1,50	0,50	45,82	0,25	0,30	1:1,5	0,5:1,5	4:1	0,20	1:0	1: 1: 0
17	0,80	18	55,55	70,00	22,22	50,00	47,40	GPE	0,5:0	3:2	1,60	0,22	25,56	0,80	1,57	0:2	3,5:2	4:0	0,22	0:0	0: 2(1)0
18	0,77	20	75,00	86,66	25,00	45,00	52,22	(G)P(p)	0,1:1	1,5:2	1,22	0,83	53,33	0,44	0,27	0:1	1:1	3:0	0,15	0:0	0: 1: 0
19	0,50	20	50,00	20,00	5,00	50,00	25,00	GP	3:6,5	4:0	3,00	0,36	30,00	1,00	1,20	1:7,5	5,5:7,5	7:1	0,35	1:6,5	0: 0: 9(3)
20	0,48	25	76,00	52,63	20,00	24,00	32,21	PE4	4:1	0:2,5	1,50	0,36	28,63	0,31	1,20	2:0	1:0	3:2,5	0,12	2,5:0	0: 0: 0
21	1,20	14	57,14	75,00	14,28	42,85	44,04	GP	0:1,5	0:2	1,80	0,50	32,20	0,75	0,60	0:3,5	0:3,5	3:0	0,21	0:1	0: 2(1)1
22	0,44	26	76,92	60,00	11,53	38,46	36,66	GPp	0:0	2:1	2,25	0,63	36,93	0,30	0,64	0:3,5	1:3,5	5:0	0,19	0:0	1: 3: 0
23	0,44	29	72,41	80,95	10,34	55,17	48,82	P	25:0,5	3,5:2	1,60	0,80	53,37	0,38	0,58	1,5:1,5	3:1,5	2:1,5	0,06	1,5:0,5	1:4(1)1: (1)
24	0,67	20	90,00	58,82	10,00	90,00	52,94	GP	0:0	1:0	1,85	0,62	48,82	0,11	0,95	0:1	1:1	5:0	0,25	0:0	0: 1: 0
25	0,45	31	83,87	56,00	12,90	41,93	36,94	P	1:1	0:0,5	1,80	0,33	39,88	0,19	0,48	0:3,5	0:3,5	2:0	0,06	0:1	2: 1: 1
26	0,44	55	74,54	65,78	12,72	56,36	44,95	Pp4	6:1	5:3,5	1,20	0,93	44,95	0,34	0,46	2:0	7:0	5:2	0,09	2:0	0: 0: 0
27	0,44	25	68,00	58,82	16,00	56,00	43,60	GP	2:0	2:2	1,00	0,62	26,82	0,47	0,54	0:2	2:2	6:0	0,24	0:0	0: 2: 0
28	0,75	20	55,00	63,63	15,00	45,00	41,21	GP	2:0	4,5:1	1,20	1,20	18,63	0,45	0,60	0:1	5,5:1	4:0	0,20	0:0	0: 1: 0
29	0,48	38	73,68	65,38	2,63	34,21	34,07	Pp	3,5:1	4:0,5	2,40	0,50	39,07	0,35	1,00	0:3	5:3	3:0,5	0,07	0,5:1	1: 1: 1
30	0,66	24	62,50	86,66	4,16	25,00	38,60	GP	1:0,5	1:0	1,10	0,85	49,16	0,60	1,06	0:4	1:4	6:0	0,25	0:0	1: 4: 0

/erm.

Tabela I

EPILÉTICOS ADULTOS

Tabela J

	Média	Variância	Desvio
TR	0,6890	0,0830	0,2880
R	24,8330	88,6950	9,4170
%F ⁺	72,9700	183,7470	13,5550
%F	64,4330	226,8350	15,0610
%V	14,0780	63,0820	7,9420
%A	43,1020	242,2010	15,5620
R.M.I.	40.5446	79,5752	8,9204
Af.	1,7776	0,3781	0,6148
Imp.	0,6028	0,0903	0,3005
Con.	37.2803	383,1306	19,5737
λ	0,4046	0,0795	0,2819
Elab/R	0,7580	0,1040	0,3220
G:R	0,1947	0,0052	0,0723

Tabela K - COMPARAÇÃO DE MÉDIAS E VARIÂNCIAS
EPILEPTICOS ADOLESCENTES E ADULTOS

	Resultado do F de SNEDECOR	Resultado do t de Student	Conclusão para Variância	Conclusão para média
TR	0,91 $F_o < F_c$ 1,75	2,84 $t_o > t_c$ 1,98	Não existe diferença significativa entre variâncias	Existe diferença significativa entre médias dos adolescentes e dos adultos
R	1,53 $F_o < F_c$ 1,75	0,69 $t_o < t_c$ 1,98	"	Não existe diferença significativa entre médias dos adolescentes e dos adultos
% F	1,05 $F_o < F_c$ 1,75	0,84 $t_o < t_c$ 1,98	"	"
% F+	1,10 $F_o < F_c$ 1,75	1,66 $t_o < t_c$ 1,98	"	"
% A	1,09 $F_o < F_c$ 1,75	1,05 $t_o < t_c$ 1,98	"	"
% V	1,45 $F_o < F_c$ 1,75	0,34 $t_o < t_c$ 1,98	"	"
RMI	1,26 $F_o < F_c$ 1,75	1,51 $t_o < t_c$ 1,98	"	"
AI	1,63 $F_o < F_c$ 1,75	2,27 $t_o > t_c$ 1,98	"	existe diferença significativa entre médias
IMP	0,61 $F_o < F_c$ 1,75	0,36 $t_o < t_c$ 1,98	"	não existe diferença significativa entre as médias
CON	1,10 $F_o < F_c$ 1,75	0,43 $t_o < t_c$ 1,98	"	"
G/R	0,42 $F_o < F_c$ 1,75	0,01 $z_o < z_c$ 1,98	"	"
χ^2	1,54 $F_o < F_c$ 1,75	1,13 $t_o < t_c$ 1,98	"	"
EIAB/R	1,13 $F_o < F_c$ 1,75	2,74 $t_o > t_c$ 1,98	"	Existe diferença significativa entre médias dos adolescentes e dos adultos

S U M U L A D O P R O T O C O L O

Grupo II : Epilépticos adultos

I - Tipo do trabalho mental

$R = 24,83$ (↓)

Qualidade de G: +(imediato simples)

G = $\%F = 72,97$ (↑) T.r. $0,69$ (↓) Qualidade de P: + ou "+ ou -"

GE = $\%F+ = 64,43$ (↓)

P = $\%F =$ () Elab./R: $0,76$ Cond 6,7% Pers 60% Rej 53,3% Inseg. 53,3%

P = $\%V = 14,8$ (↓) Perc.GP(p) Fab 20,0% Pos 13,3% Rev 13,3% Cr. 16,0%

P' = $\%A = 43,10$ (↑)

E = Tipo F: Ordinário ou impessoal

PG =

GP = $R.m.i. = \frac{\%F+ + \%A + \%V}{3} = \frac{64,43 + 43,10 + 14,8}{3} = 40,54$ (↓)

Desvio $p \downarrow + P$ (independente de R) Dinâmica Rmi: $\%F \downarrow + \%V \downarrow + \%A \downarrow$ ou N.

II - Feitio de Personalidade

$M \leq 1$ $Ps \leq ps$ $L \leq 1 \geq 1'$ $FO \leq CF \geq C$ $C' \geq L$ $G:R = 0,19$ (↓)

$M < m > m'$ RPs variável $RL = 0$ $nC = 0$ $G:M = 0$ $M:0$

$ps = 2$ $nC' = 0$ $M:CaO:0$ ou $M \leq C$

$AF: 1,77$ (↑) $Imp. 0,60$ (↑) $Con. 37,28$ (↓) $L(Beck): 0,40$ (↓)

$(Ps+M):(L+C) =$ variável $Eq: M \leq \sum C$ Qualidade de M: Fig. Hvasas. Mtipos flexor e extensor

$(m+m'):(I\% C') = m+m' \geq 1+C'$ $Eq: \sum M \geq \sum C$ Grau de M(Piotrowski): M grau 2 m grau 2

$(Ps+M):(m+m) = Ps+M \leq m+m'$

$(L+C):(1+C') = L+C \geq 1+C'$ $RG =$ Conteúdo positivo

Série de Harrower (): $R \quad M \quad x \quad m \quad x \quad FC \quad \pi \quad \%F \quad x \quad \%A \quad \%an \quad chC \quad chL \quad In$

nº significativo

Série de Piotrowski (): $R \quad T \quad M \quad x \quad nC \quad \%F+ \quad x \quad Aut \quad Aut. \quad Lib \quad Ppl \quad Rpt \quad \%V \quad x$

nº não significativo

Série Epileptica de Piotrowski. $T \quad M \quad x \quad nC \quad \%F+ \quad x \quad \%V \quad Rpt \quad ChL \quad Descr \quad G \quad Host \quad Mtc \quad Sim \quad T.R.i.$

nº não significativo

III - Conteúdo

A > pA Categorias Gerais: "Afetivo : (Ocorrência significativa (Sg, al, fg sx)

H < pH An- ocorrência significativa

"Vago" ocorrência significativa (b+, mp nat., obj, nv, ggr, vst.

$\%H = +$ "intelectual" -Ocorrência não significativa ab, art, pz, arq, ci, rl)

Monocromáticas Per: $C (P) (p)$ $\%F+ < 75\%$ $\%A > 40\%$ $\%V < 23\%$ RMI : 45% à 55% H+ph $Con < 45\%$ $L < 0,40$

Coloridas Per: $(G)P (p)$ $\%F+ < 75\%$ $\%A > 40\%$ ou N $\%V < 23\%$ RMI: 45% H+ph $Cor < 45\%$ $L < 0,40$

Nota : As setas indicam a tendência do grupo verificada através de prova de adaptação. Os valores dos índices correspondem aos resultados médios. Os índices assinalados apresentam resultados significativamente diferentes daqueles obtidos para o Grupo I

INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS: GRUPO DE EPILEPTICOS ADULTOS (II)

Como parte integrante de nossa pesquisa cumpria averiguar em que medida os dinamismos psíquicos revelados pela prova de Rorschach do grupo adolescente (I) poderia decorrer da idade destes examinandos e não propriamente da epilepsia. Com esta finalidade faremos a comparação entre os dados de avaliação aí obtidos e os do grupo II.

I-Tipo de Trabalho Mental

1. Função Intelectual de Observação

Enquanto no grupo I o tipo de percepção (Perc) obtido se exprime como (G) P (p), o do grupo II obedece ao módulo G P (p), o que denota que é mais adequada a atenção dos epiléticos adultos para com os aspectos gerais e abstratos da realidade. Tal diferença decorre do modo diverso com que os epiléticos dos dois grupos reagem intelectualmente nos momentos que solicitam decisão ou iniciativa. Tais momentos são representados no Rorschach, como dissemos, pelos estímulos da série monocromática das pranchas. Perc. ante as manchas monocromáticas revela que no grupo I a capacidade de planejamento e de observação abatrata não assume uma tendência estatística significativa (G é variável) que a atenção para o óbvio se faz de modo adequado - P; e que a preocupação com minúcias é reduzida - (p). E que os examinandos do grupo II se apegam exageradamente às implicações gerais dos fatos - G, em detrimento daquilo que é evidente por si mesmo - (P) - e dos aspectos que exigem esforço mental para serem apreendidos -(p).

A elevação de G nos protocolos de epiléticos adultos é apenas relativa, e devida à baixa produção: nesta série de pranchas encontramos um rebaixamento significativo da capacidade associativa (R reduzido). Além disso a variação intraprotocolo - isto é, para ambas as séries de pranchas - na ocorrência de G, revela para os dois grupos, I e II, uma redução desta modalidade (G/R menor que 0,25). Ainda considerando a série monocromática, verificamos que aí os adolescentes se apegarão aos aspectos práticos e imediatos da experiência, expressos em P; e que os adultos apreciaram de preferência os significados mais gerais, porém também imediatos e não propriamente abstratos (G de tipo imediato simples). Em ambos os casos foi insuficiente a energia mental, da qual dependem o planejamento e a elaboração abstrata.

Comparando agora a ação de estímulos afetivos intensos - os que se vinculam às pranchas coloridas, vemos que nessa situação a atenção para com os diversos aspectos da experiência se empenha de modo semelhante para ambos os grupos. Tanto para o grupo I como para II a fórmula de Perc corresponde a $(G) \frac{P}{p}$, na série cromática.

Portanto os epiléticos de ambos os grupos denotam, de modo geral, dificuldade em elaborar as implicações mais amplas e abstratas da própria experiência sempre que envolvidos afetivamente pela situação, atendo-se exageradamente aos aspectos imediatos e obvios, que se impõem por si mesmos e que não exigem reflexão mais detida e minuciosa.

Em relação à qualidade formal das modalidades G e P, em ambos os grupos, I e II, prevalece significativamente o nível adequado para G enquanto que P ofereceu, estatisticamente, tipo específico algum.

Investigando comparativamente a capacidade dos examinandos para se deterem na análise dos fatos (p), verificamos que em ambos os

grupos prevalece um rebaixamento significativo, tanto no protocolo total quanto nos dois conjuntos de pranchas tomados separadamente: insuficiência de p. O dinamismo responsável por este desvio nos grupos I e II é o mesmo e intrínseco, pois não depende da produção de associações (R), nem de observações dos dados gerais (G), nem de contemplação prática (P); em pequena percentagem dos casos está associado a preocupação excessiva com as conotações negativas da realidade (E). Assim, os 102 epiléticos estudados revelaram dificuldade em descer à análise que dependa de concentrar a atenção e observar mais demoradamente as situações.

Em ambos os grupos a ocorrência das modalidades secundárias - GE, E, p', GP e PG foi significativamente baixa.

Além disso, nesse grupo de pacientes, a reduzida utilização dos recursos subjetivos na observação da realidade exterior (significativamente reduzido no grupo II), concordou com o modo de ligação superficial e impessoal com o ambiente (% F elevada em I e II).

2. Elaboração Intelectual

A produção mental neste grupo é significativamente inferior à do grupo I, onde o número de respostas, embora relativamente baixo, ainda corresponde a expectativa teórica para a população média. Portanto ocorreu no adulto a acentuação de uma tendência psicológica já esboçada no grupo adolescente (média de R: grupo I=27,45; grupo II=24,83). No entanto o trabalho mental associativo se faz de modo mais rápido no grupo II (T.r.x. médio: grupo I=1,06 minutos; grupo II=0,69 minutos).

Além disso, a capacidade de elaboração intelectual intrínseca (Elab/R) sofre uma redução significativamente maior no grupo de pacientes adultos.

Os demais aspectos associados às funções de elaboração intelectual apresentam as mesmas características em ambos os grupos.

3. Função Subjetiva de Comunicação

Os mesmos dinamismos apreciados nos protocolos de epiléticos adolescentes ocorreram de modo estatisticamente significativo nos protocolos dos adultos. Apenas observamos que a inibição, ou rejeição (Rej) é significativamente mais rara no grupo adulto.

4. Adaptação Intelectual

A capacidade em realizar um exame objetivo da realidade (% F⁺) que resulta da participação das funções conativas, acha-se prejudicada em ambos os grupos. Verificamos, no entanto, que esta deficiência é mais acentuada no grupo II, em situações que exigem autonomia: nas pranchas monocromáticas o rebaixamento de % F⁺ é significativamente acentuado.

Ocorre insuficiência de adaptação lógica, à realidade (% V) nos dois grupos, com as mesmas características. O predomínio da ligação emocional (% A) dos examinandos no contato com o ambiente externo (R.m.i.) caracteriza a adaptação intelectual dos epiléticos adultos e a dos adolescentes. Nos primeiros, porém, esta reação se acompanha de ansiedade e tensão psíquica: choque psicológico presente nos protocolos do grupo II em que houve elevado índice % A.

Deste modo a aceitação das normas estabelecidas pela realidade objetiva (R.m.i.) revela inadequação conativa e lógica, e predomínio da participação emocional (%A) nesse índice, em ambos os grupos.

Em suma, o trabalho mental do epilético adulto e o do adolescente revelam as mesmas características fundamentais. Apenas, no grupo II ocorrem ligeiro rebaixamento da produção associativa, maior

apreciação dos aspectos gerais das situações não essencialmente afetivas, e predomínio da tensão emocional na ligação cognitiva com a realidade.

II - Feitio de Personalidade: Condições Afetivo-Emocionais

1 - Reações Afetivas Intrínsecas e Relações Interpessoais

Não encontramos diferença significativa entre a expressão da afetividade do epiléptico adulto e a do adolescente. Em ambos os casos prevalecem as reações imaturas, instáveis, impulsivas, com desenvolvimento precário do tipo abstrato de comportamento que permita a auto-determinação nas relações interpessoais. Notamos ainda que no grupo adulto a hipersensibilidade afetiva e a tendência para a extratensão se tornam significativamente mais acentuadas que no grupo adolescente.

2 - Dinamismo Emocional

Em ambos os grupos é acentuada a tendência para reações emocionais excessivamente subjetivas (L menor que $l+l'$), porém no grupo II ocorrem com frequência significativamente maior as respostas associadas à adaptação emocional concreta e indutiva (C').

A comparação das reações intelectuais manifestas com as de natureza afetivo-emocional ($Ps+M : L+C$) revelou que no grupo I ocorrem ou a inibição total destas reações do 2º termo ($L+C$), ou o predomínio das elaborações intelectuais (M e Ps); e que no grupo II esta última ocorrência não apresenta de modo significativo. A capacidade de criação e de reflexão intelectuais - M - e a determinação adequada da própria situação em relação aos outros indivíduos - Ps - são bem mais escassas

entre os epilépticos adultos.

Ao sondarmos as tendências mais profundas que apenas indiretamente se manifestam no comportamento explícito dos examinandos, verificamos que nos dois grupos, I e II, as fantasias infantis e as concepções subjetivas da realidade ($m + m'$) predominam sobre as relações emocionais com o ambiente ($l + C'$).

Comparando os dinamismos implícitos na elaboração da experiência - revelados na prova de Rorschach pelas diversas categorias de determinantes, observamos algumas diferenças entre os dois grupos, que a seguir resumimos:

DETERMINANTES	ADULTOS	ADOLESCENTES
M	26%	40%
m	60%	86%
m'	23%	30%
Ps	36%	42%
ps	40%	22%
ps'	-	-
FC	36%	43%
CF	76%	57%
C	30%	30%
L	23%	18%
l	10%	20%
l'	3%	18%
C'	56%	39%

(Proporção de protocolos em que aparecem)

Notamos então que para os dois grupos os determinantes mais frequentes são m e CF, estando este em 1º lugar para os adultos e em 2º para os adolescentes.

Em relação ao trabalho intelectual, anotamos maior deficiência no protocolo dos adultos. De fato, embora não se apresente de modo significativamente diverso, verificamos que neste grupo a auto-afirmação (M) é mais precária, e, ainda, que a concepção da própria situação entre os demais indivíduos se torna muito subjetiva (ps).

A exteriorização da afetividade (RC) é predominantemente egocêntrica em ambos os grupos, porém entre os adultos são mais frequentes as reações impulsivas (C) e mais escassas as adaptadas (FC). No entanto, o adulto denota maior capacidade de domínio das emoções (L e C').

Através destes resultados podemos notar que no epilético adulto transparecem mais acentuadas a insegurança, a carência de autonomia e são mais intensas as necessidades afetivas primárias. Porém mediante as experiências de vida, conseguem dar maior atenção aos aspectos gerais da realidade (G) e aos significados concretos (C'), embora no modo de adaptação emocional revelem elevadas a ansiedade e a tensão subjetiva (percentagem de A mais acentuada e acompanhada por choque psíquico).

3 - Disposições Conativas e Utilização dos Recursos Subjetivos

As funções conativas, que permitem a coordenação e a exteriorização adequada dos sentimentos e das concepções intelectuais, acham-se mais prejudicadas no grupo adulto, embora também no grupo I o índice Con. esteja rebaixado (média de Con: grupo I - 41,57%; grupo II - 37,28%).

Em situações de ordem emocional - representadas pelo estímulo monocromático - os epiléticos adolescentes se mostram excessivamente acessíveis aos estímulos externos, reagindo segundo os impulsos imediatos que experimentam (Con. maior que 55%), ao passo que os adultos se retraem, denotando excesso de subjetivismo. Porém, em circunstâncias de ordem afetiva todos os pacientes revelam instabilidade dos afetos e disposições inadequadas para ação explícita produtiva: ante a série de pranchas coloridas há rebaixamento do índice Con nos grupos I e II, e de modo ainda mais acentuado neste último.

4 - Série de Sinais Psicodiagnósticos

A) Série psicógena de Molly Harrower

Tanto para o grupo I como para II é significativa a ocorrência de sinais desta série. Em ambos, os sinais M, m % F são os mais frequentes. In. só aparece com frequência significativa nos protocolos dos adolescentes. Portanto a ocorrência de distúrbios psicológicos na adaptação emocional à realidade persiste também para o epilético adulto e, assim não está associada apenas à fase de ajustamento da adolescência.

B) Sinais Indicativos de Lesões Cerebrais

Em nenhum dos grupos a ocorrência destes sinais se mostra significativa. Os mais frequentes, tanto nos protocolos de adolescentes quanto nos de adultos foram: M, % F⁺ e % V.

C) Sinais Epilépticos de Piotrowski

Também esta série de sinais não está representada significativamente no grupo adulto. Em ambos os grupos de examinandos foi significativa a presença de menos de sete sinais. E dentre estes os mais frequentes foram comuns à série "lesional": M, $\%F^+$ e $\%V$. Os sinais G e T.r.i., foram significativos apenas no grupo adolescente.

Provas de Rorschach em Epilépticos: Resultados de 39 Pesquisas

Autores	R	TRM	G	P	p	E	PG	TRI
Aarluck, 1940 (138) 16 eps. 16 parentes de eps. e 16 cardíacos, 16 Ns.		↑	↓ _G					
Borges, 1938 (82) 50 epilépticos	<30 ↓		↓	↑		↓		
Bovet, 1936 (138) 120 eps, x 20 não eps. com traumatismo do crânio								
Delay, Pichot et al. 1955 (83) 50 eps	↓	↑						↑
Diatkine, 1952 (83) 75 eps. adultos	↓	N						↑
Diethelm, 1947 (114)		↑						
Drochocki, 1932 (138) G.M. 80 eps. hospitalizados								
Goldkuhl e Bohm, 1946 (83) 28 eps. ambulatório	↑	↑						
Guerrant, 1962 (118) 58 eps. x 26 doentes crônicos (psicomotora e G.M.)								
Guirdham, 1936 (138) 132 eps. adultos x 100 não eps.		↑	N	↑	↑	↓		
Hermann Rorschach, 1921 (59) 20 e eps. hospitalizados	↓	↑	↓	N	N			
Hartel e Ederle, 1943 (83) 25 eps. idiopática x 25 sintomática	↓	N						
Leder, 1969 (86)	$\bar{x}=20$	↑	↑	N	↓	↓	(32%)	20''
Lisansky, 1948 (83) 10 eps. x 10 diabéticos	↓	↑						
Loveland, 1957, 1961 (89, 90) 25 eps. e 26 não eps.								
Massignan, 1953 (83) 40 eps. x 133 Ns.		↑	↓					↑
Mayman e Rapoport 1947 (134) conv.		↑	↓					
Minkowska 1947 (91) 100 eps.				↑				
Pailles e Subirana 1950 (83) 16 eps eeg. temporal e 16 eps. outros tipos pos de eeg.			T-ñT	N	N			
Piotrowski, 1947 (138)		↑	↓					720''
Pompilo 1951 (83) 50 eps. x 50 neuróticos	↓				↓			
Pruyser, 1955 (94) 136 eps.								
Sal y Rosas 1950 (83) 355 eps. x 352 Ns.	↓	↑	↑	↓	↓			
Salas 1944 (108)								
Somasundaram 1971 (96, 97) 178 eps. 182 não epilépticos	↓	↑	↓	↓	N	↓		

Autores	R	TRM	G	P	p	EE	PGPC
Stander, 1938 (30) 405 eps. hospitalizados e alguns psicóticos	↓	↑	↑	↓	↓		
Von Brunn, 1950 (87) 160 eps.	↓						
Weissenfeld, 1941 (83) 50 eps.	↓						
Zimmerman 1951 (98) 200 adultos eps.	↓						

Autores	CF	CF+	SV	RM	M	M:m	RC	FC:CF
Arluck					↑		↓	FC
Borges	↑	↓			↓			FC<CF>C
Bovet				↓	↓			
Delay, Pichot et al.			↓		↓			
Diatkine				↓	↓		↓	FC<CF>C
Diethelm		↓						FC<CF>C
Drochocki	↓	↓		↑	↑			
Goldkuhl e Bohm		↓			↑(K)			FC<CF>C
Guerrant		↓	↓					
Guirdham		↓	↓	↓	↓		↓	FC<CF>C
Hermann Rorschach		↓						FC<CF>C
Hartel e Ederle		↓		↓	↓			
Leder	57,9	64,1	29,4		↓	M<m		FC<CF>C
Lisansky			↓		↓	M<m		FC<CF>C
Loveland					↓			FC<CF>C
Massignan		↓	↓		↓			
Mayman e Rapaport		↓						
Minkowska	↑		↑		↑		↑vern. IIeIII	
Pailles e Subirana					↓			
Piotrowski		↓	↓		↓			
Pompilo	N	↓	N					
Pruyser				↓	↓		↑	FC<CF>C
Sal y Rosas				↑	↓	M<m		FC<CF>C
Salas						M<m		
Somasundaram			↓		↓	M<m		FC<CF>C
Stander	↑	↓		↓	↓		↓	
Von Brunn								
Weissenfeld		↓			42% M>1			
Zimmerman	↓	↓			↓	M<m	36%	FC<CF>C

DINAMISMOS PSICOPATOLOGICOS

NA EPILEPSIA

No exame psíquico aquilo que observamos em nível da comunicação verbal é simplesmente o resultado dos dinamismos entre as funções subjetivas e, por outro lado, da interação do indivíduo com o ambiente. Dada a complexidade de ambos os sistemas - indivíduo e sociedade - não podemos distinguir por esse meio quais os aspectos intrínsecos e quais os reativos. Por isso, aplicando o método da descrição psicológica do comportamento a um grupo de epiléticos, não encontramos um substrato comum a todos estes pacientes. A epilepsia, como entidade mórbida muito ampla, abrange uma gama muito vasta de manifestações clínicas, bioelétricas e psíquicas. Cada paciente, como caso particular da espécie humana, apresenta temperamento peculiar, que resulta do arranjo específico das funções psíquicas e das experiências ambientais que influenciaram de modo particular o seu desenvolvimento psíquico .

Entretanto, se nos basearmos nas informações conjuntas obtidas através da anamnese - subjetiva e objetiva -, do psicodiagnóstico e do exame hereditário, podemos surpreender dinamismos básicos e frequentes que se expressam em traços de personalidade do probando e de seus familiares.

Com esse critério é possível efetuar o estudo patogenético em relação aos sistemas psicopatológicos e mesmo aos fisiopatológicos. E este nos permite verificar quais as esferas psíquicas mais atingidas e quais os sistemas psíquicos dentro de cada esfera, que participam de preferência no quadro mórbido - no caso, a epilepsia. Tal foi o fio condutor que nos guiou nesta pesquisa.

Podemos agrupar todos os sintomas psíquicos observados nos 102 pacientes desta pesquisa, segundo as esferas psíquicas - na aceção da teoria da personalidade que adotamos.

Desejamos acentuar **primeiramente**, que não nos referimos ao epilético em geral, mas àqueles que tivemos oportunidade de submeter à prova de Rorschach e de entrevistar: trata-se pois de sumária descritiva e não de perfil psicológico que pretende caracterizar o modo de ser do epilético. Em segundo lugar, este resumo registra fenômenos psíquicos apenas anormais, e que incorre em distorção da imagem relativa a cada integrante dos nossos grupos. É que somente estudamos os dados estatisticamente significantivos e os traços positivos, oferecem grande variabilidade de tipos não permitindo o seu acúmulo em categorias específicas para tratamento estatístico.

Em suma são as seguintes as manifestações, distribuídas pelos setores subjetivos:

I. REAÇÕES AFETIVAS

1. Variações repentinas de humos. Irritabilidade, ou agressividade momentânea, facilmente desencadeável. Períodos de retração emocional ou de depressão e pessimismo.

2. Expansividade, labilidade afetiva. Impulsividade.
3. Distúrbios vegetativos denotando alterações do instinto nutritivo, quer diretamente traduzidos no metabolismo, quer expresso pela atividade cerebral, em aspecto da dinâmica psicológica.
4. Hipermotividade. Tendência a ressentimentos, ou afeições, não raro mantidas em segredo para o próprio objeto delas. Medo irracional.
5. Necessidade de afeto, e de apoio por pessoas psicologicamente mais fortes. Submissão exagerada a pessoas ou a valores místicos. Sugestionabilidade, carência de auto-afirmação.
6. Em plano profundo, comportamento regido, mais pelas necessidades afetivas intrínsecas do que pelas exigências do ambiente. Distúrbios psicógenos isto é, não conscientes, e não apenas de ordem reativa.

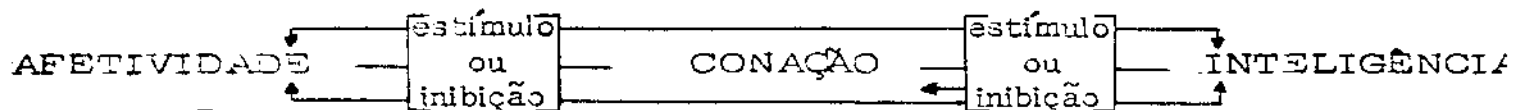
II. TENDÊNCIAS CONATIVAS

1. Instabilidade da atenção.
2. Ação imediata ante o estímulo, às vezes como impulso primário.
3. Agitação durante o sono. Sonilóquia.
4. Hiperatividade durante a infância. Turbulência na idade escolar.
5. Deficiência na capacidade conativa, ou mais especificamente nas atividades que exigem competição adequada e autonomia.
6. Tendência em manter um estímulo. Perseveração em algum comportamento momentaneamente desencadeado, mesmo que o reconheça inadequado ou perigoso. Perseveração durante uma narrativa ou menção iterativa dos mesmos fatos.

III. CONDIÇÕES INTELECTUAIS

1. Interesses de ordem predominantemente concreta e superficial. Desatenção aos fatos que exijam construção e análise demorada. Dificuldade de estabelecer uma configuração global.
2. Elaboração lenta. Perturbação de memória.
3. Prolixidade. Minuciosidade.

Estas alterações são apenas secundariamente, isto é, extrinsecamente de ordem intelectual, uma vez que refletem a ocorrência de estímulos anormais de origem afetiva e conativa.



FUNÇÕES DA INDIVIDUALIDADE

1. Grupo instintivo básico
+necessidade de domínio → Polarização excessiva para a ação (liberação) → Reflexão reduzida (por desgaste conativo)

Prova de Rorschach: % A e Imp., em nível elevado

Traços de personalidade - Imitabilidade

Entrevistas: Condições clínicas conexas - distúrbios vegetativos, terror noturno, enurese noturna, cefaleia, enxaqueca

2. Grupo instintivo básico
+deficiência de construção → Inibição de ação subjetiva e explícita → Elaboração reduzida (por falta de estímulo)

Prova de Rorschach: $L < 1 > 1'$; L escassas; In ou Rej na série colorida; T.r. > 1 mm.

Traços de personalidade - reação depressiva, timidez, desânimo, bradipsiquia

Entrevistas: Condições clínicas conexas - Fadiga crônica

FUNÇÕES DA SOCIABILIDADE

3. Estrutura inadequada
+egocentrismo → Falta de manutenção dos estímulos → Elaboração deficitária (por falta de concentração)

Prova de Rorschach: $FC < CF > G$; $M < m$; $L < C$ ou $L = 0$

Entrevistas: Traços de personalidade - Instabilidade de humor; inconstância

4. Deficiente predomínio sobre o grupo instintivo → Polarização excessiva para a ação → Comunicação em nível afetivo

Prova de Rorschach: Af elevado; $M < \frac{1}{2} C$; RC de conteúdo explícito positivo

Entrevistas: Traços de personalidade - Hiperemotividade

5. Subordinação a outrem
+necessidade de aprovação
+deficiência de construção → Polarização excessiva para a ação e deficiente manutenção → Predomínio de observação concreta e da elaboração indutiva

Prova de Rorschach: $M \leq 1$, qualidade+, tipo flexor; $m > m'$
Escala de energia - M:m grau 5:grau 2

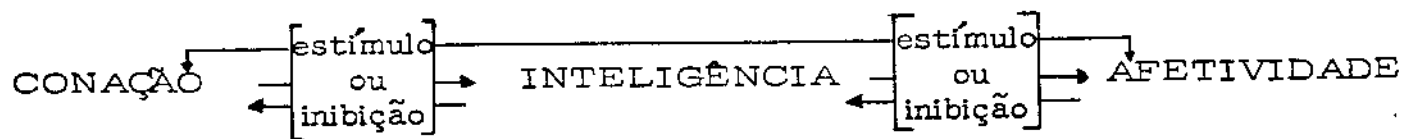
Entrevistas: Traços de personalidade - Sentimento de inferioridade, sugestibilidade

6. Insuficiência dos sentimentos → Escassez e instabilidade na ação → Observação concreta e escassa elaboração

Prova de Rorschach: $M \leq 1$, conteúdo H inexpressivo ou vago, H escasso ou nulo; $H \leq p^H$

Entrevistas: Traços de personalidade - Dificuldade nas relações pessoais

PSICOPATOLOGIA REFERENTE A 102 EPILETICOS



Estímulo exagerado
+Deficiente manutenção

Observação concreta
em nível superficial

Em nível de Sociabilidade:
Hiperemotividade
Entusiasmo, alternante
com depressão

Em nível de Individualidade
Medo, sem motivo real
Reações do tipo defensivo,
ou agressivas

Prova de Rorschach: %F elevado; G do tipo imediato, conteúdo vago?

Entrevistas: Traços de personalidade - Tendência compulsiva

Estímulo exagerado
+Manutenção conservada

Elaboração deficiente
por falta de flexibilidade

Em nível de Sociabilidade:
Dependência afetiva
Misticismo

Em nível de Individualidade
Irritabilidade
Liberação de impulsos

Prova de Rorschach: %F e Coñ baixos, perseveração de temas

Entrevistas: Traços de personalidade - Viscosidade (perseveração afetiva);
instabilidade de atenção; hiperatividade
na infância; baixo rendimento escolar
ou profissional.

II - DISTÚRBIOS A PARTIR DOS SISTEMAS PSÍQUICOS CONATIVOS

Dinamismos patogenéticos presumidos para as desordens encontradas.

PSICOPATOLOGIA REFERENTE A 102 EPILÉTICOS



Observação concreta —————> Em nível de Sociabilidade: —————> Excesso de estímulo
 Dificuldade de abstração —————> Apêgo excessivo —————> Deficiente manutenção
 e de dedução (previsão) —————> +Deficiência de construção —————> (Liberação da atividade)

Prova de Rorschach: G baixo, principalmente nas pranchas coloridas, tipo imediato, simples; P predominante; p escasso (independente de R)

Entrevistas: Traços de personalidade - Prolixidade; circum lóquios; dificuldade de planejamento

Elaboração escassa —————> Em nível de Sociabilidade: —————> Manutenção deficiente
 Dedução insuficiente —————> Apêgo excessivo —————> Instabilidade de ação
 —————> +Deficiência de construção

Prova de Rorschach: Rebaixamento de % V, Elab/R, R.m.i

Entrevistas: Traços de personalidade - Dificuldades no ajustamento, escolar e profissional.

Comunicação —————> Em nível de Sociabilidade: —————> Bloqueio da atividade
 de tipo afetivo —————> Polo egocêntrico —————> Ineficiência

Prova de Rorschach: R relativamente baixo; faixa de determinantes exígua

Entrevistas: Traços de personalidade - Excesso de subjetivismo
 Desajustamento nas relações pessoais

III - DISTÚRBIOS A PARTIR DOS SISTEMAS PSÍQUICOS INTELECTUAIS

Dinamismos patogenóticos presumidos para as desordens encontradas.

Note-se através destas sùmulas que o dinamismo conativo é o elemento fundamental na psicopatologia epiléptica, quer examinada pelo aspecto clínico, quer pelo psicológico.

Nas diferentes modalidades de crises convulsivas desta afecção predominam os fenômenos motores e portanto dependentes da esfera conativa, através da motilidade, a qual corresponde à função de ligação com o ambiente.

No caso das alterações momentâneas ou repentinas da consciência -na ausência psíquica ou no estado crepuscular- ocorre uma falta súbita da regência por parte da esfera conativa em nível subjetivo: daí a perda, a suspensão do raciocínio, do contato lógico com o ambiente externo, o comportamento estranho que aparece como liberação paraxisteca das reações motoras e às vezes da agressividade.

Do ponto de vista psicopatogenético verifica-se que embora o estímulo seja instutivo, o fator conativo é que dá a expressão à psicopatologia epiléptica. Portanto, a incidência conjunta de distúrbios afetivos e conativos dificulta a harmonia no ajustamento do epiléptico à realidade externa.

Dando ênfase à natureza reativa dos distúrbios psicológicos do epiléptico, Sal y Rosas postula: "Na epilepsia a segregação é o próprio núcleo do problema. O epiléptico é um rejeitado social, e sua incapacidade para adaptação não é intrínseca, como no doente mental mas determinada a partir do ambiente" (146).

No entanto, a natureza dos processos psicopatológicos, verificada através os dados de nossa investigação, não pode ser compreendida exclusivamente como desajuste de ordem reativa ou dinâmica, mas envolve, possivelmente um componente estrutural de base genética.

Diethelm nos faz notar: "Ocasionalmente, traços de personalidade característicos podem ser observados em irmãos ou em um dos genitores do paciente epiléptico, embora estes parentes não apresentem manifestações da epilepsia. Estudos sobre hereditariedade não têm sido bem sucedidos em esclarecer esse ponto" (114- p. 112). Concordamos em que os casos de familiares de epilépticos, mencionados por Diethelm, não são propriamente indivíduos epilépticos, apesar de apresentarem traços ligados à epilepsia. E se os estudos hereditários são insuficientes para esclarecer esse aspecto, isto é, para identificar a epilepsia como condição genética, atribuímos isso exatamente ao fato de não terem levado em conta as manifestações atenuadas desta moléstia. Precisamente em buscar tais manifestações é que nos empenhamos na tese presente.

Todo indivíduo, epiléptico ou não, poderá apresentar conflitos psíquicos de maior ou menor gravidade. No caso do epiléptico a adaptação ao ambiente físico e social torna-se mais difícil em decorrência da própria estrutura psíquica. É o fato genético que facilita o desencadeamento dos dinamismos emocionais característicos, bem como a natureza das manifestações clínicas. A concorrência desses diversos fatores genéticos, psíquicos e sociais, poderá assim resultar em diferentes tipos e graus de desadaptação emocional do paciente.

Observamos, nos resultados de nossas entrevistas com pacientes epilépticos e com os do grupo de contraprova, que determinados traços de personalidade são significativamente mais frequentes entre os epilépticos, e com intensidade menor-embora ainda significativa- entre os familiares. Além disso, tal aspecto não depende da ocorrência de manifestações convulsivas, nem da época em que surgiram as primeiras crises e nem da frequência destas. Tais resultados sugerem o carácter genético subjacente às reações psicológicas destes pacientes.

Ressalvemos que não são os traços de personalidade ou a condição mórbida em si mesma o que se transmite geneticamente, mas sim a predisposição para o desenvolvimento de distúrbios psíquicos e somáticos de determinada natureza. Portanto, a manifestação destes dinamismos irá depender igualmente dos fatores ambientais.

A afirmação de Marques Assis, embora referente à expressão clínica neurológica da epilepsia, encontra correspondência nas manifestações psicopatológicas desta doença: "Somente a predisposição não é suficiente para determinar a eclosão das crises epilépticas, sendo necessária a ação adjuvante de outros fatores. Não é a

'doença epiléptica' com seus paroxismos clínicos que é hereditária mas sim a predisposição a essa doença" (100 - p. 276).

Note-se que estudamos aqui exclusivamente os fenômenos psicológicos que apresentam características peculiares, mas que nem por serem psicológicos devem ser considerados independentes do subtrato cerebral. Toda corticalidade está sujeita a um estímulo vegetativo, ao mesmo tempo nutritivo e dinâmico, o qual se traduz em nível básico pela atividade cortical bioelétrica captada nos traçados eletroencefalográficos, e em nível mais dependente e complexo pelos comportamentos psicológicos de indivíduo. Assim, ocorre uma relação entre esses fenômenos, de tal modo que a emoção e a reação afetiva podem interferir intensamente na dinâmica cerebral, daí influenciando alterações no traçado bioelétrico. Vários autores têm verificado esse aspecto. Porém, ao passo que as descargas bioelétricas e as reações psicológicas são ocorrências momentâneas da epilepsia, esta é de natureza endógena e permanente.

Não se trata aqui de verificar qual o fator determinante ou responsável por uma dada ordem de alterações da epilepsia. E não são os traços de personalidade encontrados entre estes pacientes que irão determinar as manifestações clínicas, nem tampouco a estas se pode atribuir a origem das alterações emocionais do epiléptico. São fenômenos concomitantes que poderão influenciar-se reciprocamente. E a organização da personalidade é um dos aspectos ligados à tendência genética, no quadro clínico da epilepsia. Nesse sentido observa Piotrowski: "Pode-se ainda concluir, consultando-se a literatura, que a personalidade de paciente antes do aparecimento das crises não é um fator causal, embora ela influencie indubitavelmente de algum modo a frequência e a natureza das crises" (138 - p. 90).

Consideramos ainda que as investigações sobre os aspectos psicológicos da epilepsia oferecem não apenas relevância teórica, mas também são úteis ao tratamento e ao prognóstico desta moléstia.

A medicina e a psicologia, embora utilizem os conhecimentos de ciências, e em especial da biologia e da sociologia, não são ciências exatas e portanto não se norteiam por leis gerais. Deste modo, o neurologista, fundamentado nos conhecimentos de neurofisiologia, de bioquímica e de medicina geral, deverá dar orientação específica ao tratamento do epiléptico através da combinação adequada de drogas. Ele deve adotar para cada cliente orientação terapêutica específica. Do mesmo modo, o atendimento psicológico será diverso em relação a cada distúrbio psíquico e principalmente em cada paciente considerado. Assim, quando os conflitos emocionais forem superficiais, de natureza reativa e atual à condição mórbida, a intervenção do médico será suficiente. Nos casos em que os distúrbios psíquicos assumam maior complexidade e extensão, a psicoagogia, realizada pelo psicólogo, tanto em referência aos pacientes como aos familiares, deverá ser indicada. Se as perturbações mentais de ordem psicótica se associarem às convulsivas, o tratamento psiquiátrico será indispensável. Mas, qualquer que seja o especialista responsável pelo atendimento do paciente, ele deverá conhecer as bases em que se desenvolvem os distúrbios psíquicos. Apenas através da patogênese poderemos atingir a natureza de um determinado quadro clínico. E, como vimos, no caso da epilepsia as alterações são basicamente de ordem afetivo-conativa. Deste modo, através da análise dos sintomas, podemos atingir as raízes da patologia e dispor de normas terapêuticas precisas e pertinentes.

O diagnóstico da epilepsia envolve, além da indicação específica do tratamento neurológico, a investigação do aspecto psicológico. E nesta fase de programação o terapeuta deverá considerar, além do prognóstico do caso quanto às possibilidades de reter as crises, o tipo dos distúrbios emocionais. É para estes últimos que se torna oportuna a colaboração do psicólogo.

Devido à estreita correlação dos fenômenos psíquicos e dos somáticos não se pode levar em conta apenas um destes aspectos. Marques Assis lembra-nos: "A manutenção do equilíbrio psíquico é fundamental para o sucesso terapêutico. O paciente pode estar com as crises perfeitamente controladas por medicamentos e apresentar um ataque desencadeado por impacto emocional mais ou menos violento. Pelas próprias crises que apresenta e pela maneira com que é encarado pelos circunstantes, tem o doente epilético razão de sobra para viver sob stress emocional contínuo que, sem dúvida, tem ação no desencadeamento das crises, constituindo verdadeiro círculo vicioso" (101-p.304).

Numerosas investigações têm sido feitas sobre a ocorrência de crises epiléticas ou de alterações eletroencefalográficas resultantes de impacto emocional sofrido pelo paciente. Mas, não apenas emoções agudas resultantes de estímulo atuais e intensos, como o susto e o medo, devem ser consideradas. No caso de nossos pacientes verificamos a incidência de distúrbios emocionais em nível inconsciente, resultantes de nexos irracionais estabelecidos gradativamente no decorrer da existência. Embora não sejam neuróticos, estes indivíduos apresentam desajustamento psicológico de natureza muito acentuada, caracterizado principalmente por imaturidade afetiva, que se manifesta em reações ansiosas e conflitos interpessoais. Tal fato deve ser assinalado, mesmo considerando que por vezes apenas o

tratamento medicamentoso já é suficiente para atenuar tais distúrbios comportamentais.

A epilepsia não acarreta necessariamente alterações neuróticas nem psicóticas mas a conjugação a estas condições mórbidas poderá ocorrer. E, com frequência maior, verificam-se perturbações psicológicas em indivíduos com carga genética para epilepsia. Portanto o exame heredológico deverá ser feito em cada paciente, a fim de orientar o terapeuta para as formas mais adequadas de tratamento.

O caso de epiléticos com manifestações neuróticas foi considerado também por Price: "Em epiléticos que apresentem neurose, haverá melhores resultados com tratamento medicamentoso e psicoterápico. Por outro lado uma neurose severa poderá provocar distúrbios fisiológicos no cérebro, resultando em crises nos indivíduos mais susceptíveis à epilepsia. É desnecessário dizer que a psicoterapia da reação neurótica propiciará melhores resultados ao tratamento medicamentoso. Apenas através do tratamento de vários fatores que podem causar as crises é que estaremos aptos para combater os ataques"(143)

Note-se que muito embora haja divergência entre os autores quanto à etiologia e mesmo à delimitação do quadro clínico da epilepsia, a grande maioria reconhece a necessidade de atentar para os aspectos psicológicos, ao mesmo tempo que para o neurológico, a fim de se obter êxito no tratamento desta afecção. Está claro que êxito não equivale à cura, na acepção clínica geral: "Em epilepsia é problemático falar-se em cura. Se em grande número de casos as crises são debeladas com o tratamento, e não retornam mesmo algum tempo após sua supressão, é preferível considerar que a tendência à epilepsia continua e que as manifestações estão controladas" (101 - p. 310).

O reconhecimento da predisposição genética da epilepsia, assim como a investigação dos dinamismos psicopatológicos através do estudo patogenético dos sintomas, permitirá atingir maior eficiência no diagnóstico, e no prognóstico e no tratamento desta condição mórbida.

RESUMO E CONCLUSÕES

Ao redigir os resultados de nosso trabalho tivemos em mente esclarecer, em primeiro lugar, a concepção teórica de que nos valem. Cumpria definir os conceitos e fundamentar os métodos utilizados ao longo destes 9 anos de pesquisa, na análise psicológica dos quadros clínicos. Como objetivo do trabalho propusemo-nos investigar os dinamismos psíquicos subjacentes ao comportamento habitual dos probandos.

Como fio condutor para investigação clínica desta natureza é indispensável aferir em cada examinando as relações afetivas, conativas e intelectuais. E a teoria da personalidade que melhor permite compreender a interrelação dos dinamismos psíquicos, normais ou não, e dos fenômenos cerebrais subjacentes é a que se fundamenta na doutrina de Augusto Comte. Nenhuma outra oferece recursos tão preciosos para a realização da análise patogenética, indispensável para o estudo psicológico das manifestações mórbidas.

Para analisar estas condições em nível psicológico é forçoso trazê-los à tona mediante recursos ao mesmo tempo estáveis e objetivos, que possam ser usados invariavelmente e com o mesmo rigor, de paciente para paciente. Neste sentido, o psico-

diagnóstico de Rorschach é o único método que mobiliza todas as funções psíquicas do examinando. Não apenas as reações manifestas, que caracterizam os traços de personalidade, são postas à prova, mas especialmente os dinamismos não-conscientes responsáveis pelo tipo de trabalho mental, pelo comportamento explícito e pelas manifestações da afetividade - quer em plano instintivo, quer socializado.

Porém o exame psicológico não deve se limitar ao psico diagnóstico, embora este represente seu aspecto fundamental. Os dados que dele resultam devem ser confrontados com os da entre - vista direta de cada paciente. E esta, a seu turno, há de ser completada com a anamnese objetiva, obtida pela entrevista em pes soas da família do probando.

Temos assim, para a apreciação, duas ordens de dados em relação a cada probando: os que lhe descrevem o comportamento psicológico em dinamismo profundo, e os que lhe caracterizam o comportamento psíquico em nível manifesto, acessível a terceiros.

Utilizando para entrevistar os membros da família o mesmo critério que para o probando, podemos avaliar tanto a concordância quanto as diferenças individuais - em termos de traços de personalidade - entre probando e parentes. E submetendo à análise estatística todo esse conjunto de informações, classe por classe, para cada grupo de probandos e de parentes, e para cada subgrupo em relação ao grupo geral, acreditamos ser lícito inferir conclusões em função da carga genética.

Tal o sentido em que orientamos a presente pesquisa, da qual apresentamos a seguir as conclusões e os resultados que nos parecem fundamentais.

I - A prova de Rorschach realizada em 102 epilépticos permite as seguintes conclusões:

1. Alguns dinamismos psíquicos neste grupo de pacientes não dependem: a) da faixa de idade - adolescente ou adulto; b) da alteração bioelétrica verificada pelos traçados eletroencefalográficos - focal, temporal, difusa ou bilateral síncrona - nem da ausência de qualquer anormalidade neste registro; c) finalmente, da ocorrência de manifestações clínicas convulsivas.

Tais dinamismos podem ser descritos do seguinte modo:

- 1.1. Pelo aspecto intelectual, nota-se o predomínio da observação dos dados concretos e imediatos sobre a dos que exigem planejamento de ordem mais ampla e abstrata. Tal característica torna-se especialmente acentuada em situações de estímulo afetivo.
- 1.2. A capacidade para examinar objetivamente os fatos acha-se prejudicada pela instabilidade da atenção.
- 1.3. A capacidade associativa é satisfatória apesar da tendência à rigidez emocional no contato com os diversos estímulos do ambiente.
- 1.4. É razoável a gama de interesses não ocorrendo extrema retração dos valores nem tampouco excessiva dispersão nas preocupações com o ambiente. Porém, há insegurança em todo o trabalho mental, a interferir igualmente no tipo de interesse revelado, pelo que este não denota característica peculiar qualquer que revele contato livre e espontâneo com o meio externo.
- 1.5. Denota-se apego a fantasias infantis como compensação e motiva para com as dificuldades em desenvolver interesses mais complexos e diferenciados no ambiente.

- 1.6. A ineficiência do raciocínio dedutivo torna a elaboração intelectual insatisfatória. Esta baseia-se em nexos emocionais primários que resultam primordialmente de correlações indutivas, a partir da observação concreta dos dados externos.
- 1.7. Em decorrência, na adaptação intelectual às injunções da realidade prevalecem os valores emocionais imaturos, em detrimento da lógica e do exame objetivo. Tal dinamismo se torna mais acentuado em situações de ordem afetiva.
- 1.8. A participação na maneira de conceber a realidade segundo as normas do indivíduo médio, é insuficiente. Este aspecto decorre da dificuldade em considerar os eventos externos nos mesmos termos que as outras pessoas, em qualquer tipo de circunstância.
- 1.9. O grau de iniciativa e de planejamento, embora reduzido, supera a capacidade criadora. Deste modo, devido à imaturidade intelectual - que torna precária a elaboração dos valores conscientes baseados nas relações interpessoais - os examinandos apresentam dificuldade de planejamento prático e de construção autônoma.
- 1.10. Nas relações interpessoais as fantasias primárias interferem no desenvolvimento de padrões adequados à convivência social, bloqueando a capacidade de auto-affirmação e impedindo que os examinandos se localizem subjetivamente no ambiente. Tal aspecto resulta em falta de confiança em si mesmo e nas realizações futuras.
- 1.11. Ocorrem conflitos na integração interpessoal, ligados à instabilidade dos sentimentos, à fácil irritabilidade, à hiperemotividade e à subordinação deficiente para com o mundo social.

- 1.12. No comportamento explícito transparece a ampla suscetibilidade às situações de ordem afetiva, com tendência a exteriorizar irrefletidamente os impulsos, o que torna precipitadas e variáveis, a cada momento, as reações.
- 1.13. A tendência para o envolvimento afetivo intenso não se traduz em reações violentas nem negativas, mas de preferência em sensibilidade afetiva exagerada e em necessidade de aproximação para com os demais, muito embora esta não encontre vias adequadas de adaptação.
- 1.14. A insegurança que daí resulta é atenuada através da submissão passiva ao ambiente imediato, donde necessidade de apoio e de proteção para efetuar as atividades.
- 1.15. No domínio da atividade prática as disposições são pouco eficientes em decorrência de fantasias não-conscientes e de reações afetivas primárias que desgastam tal capacidade. A estabilidade conativa não é necessariamente inadequada em situações afetivamente neutras, porém, sob o impacto de estímulos afetivos, os examinados perdem a objetividade na apreciação do meio externo.
2. O confronto entre pacientes convulsivos e não-convulsivos leva às seguintes conclusões:
- 2.1. Basicamente estão em ação os mesmos dinamismos afetivos, conativos e intelectuais, tais como são apreendidos através da prova de Rorschach nos dois grupos.
- 2.2. No que se refere à adaptação ao ambiente, os convulsivos apresentam maior retração emocional e maior dificuldade em identificar-se com os padrões de comportamento adotados pela comunidade, o que resulta em menor

rendimento das funções psíquicas. Os não-convulsivos reagem de modo mais flexível diante dos vários aspectos da realidade, apresentando maior possibilidade de alcançar adaptação cautelosa ao meio externo.

2.3. Os indícios de imaturidade afetiva são mais frequentemente encontrados entre os convulsivos. Ocorre nestes pacientes bloqueio da autonomia, assim como das reações afetivas intensas e diretas. No grupo em que não ocorrem convulsões, a elaboração que traduz auto-afirmação refletida predomina sobre as manifestações explosivas de humor.

2.4. Em situações afetivamente neutras os pacientes convulsivos alcançam adaptação adequada às exigências da realidade externa enquanto que os não-convulsivos se submetem exageradamente a estas imposições.

3. A comparação dos subgrupos construídos segundo os resultados eletroencefalográficos autoriza as conclusões seguintes:

3.1. Os dinamismos psicológicos tais como são observados na prova de Rorschach revelam-se desviados na mesma direção quer as alterações do eeg sejam focais, temporais, ou bilaterais síncronas, quer sejam difusas, quer ainda, estejam ausentes.

3.2. Em pacientes com traçado eletroencefalográfico difuso ou com distúrbio bilateral síncrono, ocorre um desvio conjunto estatisticamente significativo que se traduz no trabalho intelectual como dificuldade de exame objetivo dos fatos, associado a raciocínio lógico insuficiente.

3.3. Maior rigidez emocional na adaptação ao ambiente foi encontrado entre os epiléticos com eeg do tipo focal - inclusive focal temporal.

4. O cotejo do grupo de pacientes epilépticos adultos com o de adolescentes permite concluir:
- 4.1. Os dinamismos psicológicos verificados através da prova de Rorschach em pacientes epilépticos, não dependem , quanto aos aspectos básicos, da faixa de idade do paciente.
 - 4.2. Alguns desvios que foram assinalados nos protocolos de pacientes adolescentes tornam-se significativamente mais acentuados nos protocolos dos adultos: dificuldade na associação de idéias, escassa elaboração intelectual intrínseca, tensão emocional na ligação cognitiva com a realidade.
 - 4.3. A lentidão das reações e a ocorrência de inibição associativa são peculiares ao grupo de epilépticos adolescentes.
 - 4.4. No comportamento explícito transparecem ainda mais acentuadas no grupo adulto a hiperemotividade e a extratensão.
 - 4.5. Nas relações interpessoais, o epiléptico adulto revela subjetivismo excessivo na concepção da própria situação em referência ao ambiente e aos demais indivíduos. No caso, tal aspecto sugere sentimento de inferioridade, seja ligado a condições somáticas ou a preocupação com doença - embora não chegue a caracterizar hipocondria - seja devido à situação social.
 - 4.6. A adaptação emocional à realidade externa torna-se mais satisfatória com o decorrer da idade: o epiléptico adulto utiliza mais frequentemente a elaboração indutiva dos dados concretos das situações. Além disso manifesta maior grau de auto-afirmação quando as funções sociais exigem autonomia.

4.7. Em situações que exigem decisão os epilépticos adolescentes não mobilizam auto-afirmação refletida suficiente, reagindo às implicações momentâneas das situações, de preferência ante os dados concretos da experiência. Os do grupo adulto, em decorrência de subjetivismo excessivo, denotam disposições pouco eficientes no domínio da ação explícita. Além disso, em tais circunstâncias, estes pacientes se apegam exageradamente aos aspectos sumários em detrimento dos dados concretos e práticos do ambiente.

II - Das entrevistas com 102 pacientes epilépticos com o grupo de contraprova - 10 diabéticos, 12 cardiopatas - e com os familiares de cada um dos examinandos, decorrem as seguintes conclusões:

1. Entre os epilépticos encontramos determinados traços de personalidade, dificuldades específicas no ajustamento social e condições clínicas correlatas que não dependem: a) da faixa de idade - adolescente ou adulto; b) da alteração bioelétrica indicada pelos traçados eletroencefalográficos - focal, temporal, difuso ou bilateral síncrono nem da ausência de anormalidade neste registro; e, finalmente, c) da ocorrência de crises convulsivas. Cada um destes aspectos podem ser caracterizados da maneira que se segue:

1.1. Em relação aos traços de personalidade

- a) Pela dinâmica psíquica podem explicar-se a retração emocional e o ânimo depressivo como decorrência das inadequações afetivas.
- b) Os distúrbios emocionais presentes dificultam o relacionamento sexual adequado, ou transparecem como medo imotivado acompanhado de ansiedade.

- c) No contato social prevalecem a dependência afetiva, a sugestionabilidade e, com menor frequência, o misticismo. No comportamento manifesto tal dinamismo traduz-se como "viscosidade afetiva".
- d) No comportamento explícito as reações afetivas configuram a hiperemotividade, a irritabilidade e a subordinação precária às exigências externas.
- e) No aspecto conativo encontramos probabilidade estatisticamente significativa de surgirem manifestações compulsivas.
- f) A dispersão das qualidades psicológicas positivas assinaladas nos pacientes epiléticos aqui estudados, não permite agrupá-los em categorias específicas de traços psicológicos.
- g) Embora rara, a incidência significativamente maior no grupo de epiléticos do traço que denominamos "talentos especiais" aparece ligada à hipersensibilidade afetiva. Tal traço se apresenta como capacidade acima da média, no caso, para a música - verificada em três pacientes; para a pintura - em um; e para literatura - em dois.

1.2. Em relação à adaptação social no setor das atividades escolares e profissionais podemos chegar às seguintes conclusões:

- a) No conjunto de pacientes epiléticos o baixo rendimento nos estudos não é estatisticamente significativo, isto é, a probabilidade de falhar ou de ter êxito nos estudos é a mesma. Enquanto que no grupo de contraprova - composto por pacientes diabéticos e por cardiopatas - é estatisticamente significativa a ocorrência de rendimento escolar adequado ou excelente.

- b) A ocorrência de dificuldades de ordem profissional - baixo rendimento, desemprego - não é estatisticamente significativa quer no grupo de pacientes epiléticos, quer de contraprova.

1.3. Em relação às condições clínicas conexas ao quadro central da epilepsia, obtivemos os seguintes resultados:

- a) Os distúrbios vegetativos mencionados com frequência significativamente maior para o grupo de epiléticos foram cefaléias periódicas de causa desconhecida, acompanhadas ou não de distúrbios visuais: escotomas luminosos ou escotomas negativos.
- b) A agitação durante o sono, a sonolência e o terror noturno na infância, são distúrbios característicos dos epiléticos aqui estudados.
- c) Em decorrência das alterações conativas tornam-se frequentes nestes pacientes epiléticos, a instabilidade da atenção e os distúrbios da memória.

2. O confronto entre os pacientes convulsivos e os não-convulsivos autoriza as seguintes conclusões:

- 2.1. A ocorrência de traços de personalidade computados como peculiares ao nosso grupo de pacientes epiléticos não depende da presença nem de ausência de convulsões. Assim, irritabilidade ou agressividade, ânimo depressivo, hiperemotividade, dependência afetiva e misticismo, medo imotivado, dificuldades de ordem emocional em relação ao sexo, viscosidade afetiva, manifestações compulsivas e talentos especiais apresentam a mesma probabilidade de ocorrer em epiléticos independentemente do tipo de crise por ele apresentado: convulsiva ou não-convulsiva.

- 2.2. As manifestações clínicas conexas à epilepsia igual - mente não dependem da ocorrência ou não de crises convulsivas. Cefaléia, escotomas, agitação durante o sono, instabilidade da atenção e distúrbio da memória, possuem a mesma probabilidade de ocorrer em convulsivos e em não-convulsivos.
3. Comparando os subgrupos construídos segundo os resultados do eeg podemos concluir:
 - 3.1. Com exceção do traço "irriquietude na infância" as demais características psicológicas tais como apreendidas através das entrevistas, não oferecem relação de dependência para com o traçado eletroencefalográfico obtido para cada um dos pacientes epiléticos.
 - 3.2. Os pacientes que apresentaram alterações eletroencefalográficas do tipo temporal revelaram frequência significativamente maior do traço "irriquietude na infância". Isto sugere interrelação da alteração bioelétrica deste tipo e do distúrbio específico de ordem conativa, quanto à dinâmica subjetiva, o que corrobora a teoria de personalidade por nós seguida.
 - 3.3. As manifestações clínicas conexas à epilepsia assinaladas neste trabalho não variam em função do traçado eletroencefalográfico qualquer que seja, apresentado em cada um dos pacientes.
4. Do confronto entre os dois grupos de pacientes epiléticos, adultos e adolescentes, ressaltam as seguintes ilações:
 - 4.1. Agrupando os traços de personalidade segundo as esferas psíquicas a que correspondem, encontramos os mesmos dinamismos psicológicos para os epiléticos adultos e para os adolescentes: distúrbios afetivos associados a alterações conativas.

- a) Dentre os distúrbios emocionais assinalados entre pacientes epilépticos, a instabilidade de humor e o desânimo ocorrem com a mesma frequência entre os pacientes diabéticos e cardiopatas. Isso denota a independência para com aquele estado mórbida.
- b) No contato social as manifestações psicológicas descritas como dificuldades nas relações interpessoais, a sociofilia e a tenacidade no trabalho independem da condição mórbida aqui investigada.
- c) As alterações das funções intelectuais: bradipsiquia e preocupação obsessiva com ordem, são igualmente escassas em pacientes epilépticos e em pacientes não-epilépticos, apesar de que a primeira ocorre com frequência maior entre os epilépticos adultos.
- d) Os traços de personalidade irritabilidade ou agressividade, ânimo depressivo, medo imotivado, dificuldades de ordem emocional quanto ao sexo, dependência afetiva ou misticismo, hiperemotividade, viscosidade afetiva, irrequietude, manifestações compulsivas, e talentos especiais foram encontrados com frequência significativamente maior nos pacientes epilépticos aqui considerados. A prova estatística de independência nos permite concluir que estes traços se acham associados à epilepsia nos casos por nós examinados.

5.2. Em relação às condições clínicas conexas ao quadro central revelado pelos pacientes, obtivemos os seguintes dados:

- a) As manifestações autonômicas - perda de fôlego, náuseas, enurese noturna - o sonambulismo, ocorrem com a mesma frequência entre os pacientes epilépticos,

os diabéticos e os cardiopatas. Tal aspecto revela a natureza inespecífica de tais alterações, ainda considerando os casos por nós examinados.

- b) Agitação durante o sono, o terror noturno, a instabilidade da atenção, os distúrbios da memória, os tiques faciais, a gagueira, as cefaléias periódicas de causa desconhecida, os escotomas visuais - luminosos ou negativos - são significativamente mais frequentes entre os pacientes epiléticos. A prova estatística de independência nos permite concluir, baseados nos pacientes-index, que estes distúrbios podem ser considerados como conexos à epilepsia.

6. Investigando a natureza dos traços de personalidade aqui assinalados, isto é, se reativos ou não - chegamos à conclusão seguinte: Embora estas características psicológicas não ocorram com frequência suficientemente e levada para afirmarmos que estejam necessariamente associados à epilepsia, em abstrato, não podem ser explicados exclusivamente como decorrência da atitude do paciente diante dos conflitos desencadeados por esta condição mórbida.

Tal afirmação fundamenta-se em dois tipos de estudos dos dados:

- 1º) Confrontamos - sob esse aspecto o grupo de pacientes convulsivos com o de epiléticos não-convulsivos, a ilação foi referida sob 2.1.
- 2º) Decomposemos para este fim específico o grupo de 102 epiléticos em: a) subgrupo com crises desde a infância e frequência elevada entre elas; e b) subgrupo dos que apresentavam crise única ou cuja primeira crise

datava de menos de um ano ao serem entrevistados. Em ambos estes subgrupos a prova estatística revelou igual probabilidade de ocorrência em cada um dos traços em causa.

III - Estudo Heredológico

A) A anamnese heredológica realizada em 88 pessoas de família de epiléticos e em 22 do grupo de pacientes cardiopatas e diabéticos forneceu os seguintes dados:

1. Em relação a traços de personalidade

1.1. Foram assinalados com frequência significativamente maior em famílias de pacientes epiléticos os seguintes traços: irritabilidade ou agressividade, hipermotividade, instabilidade de humor, ânimo depressivo e hipocondria, viscosidade afetiva e teimosia, e o conjunto de reações que denominamos dificuldades nas relações interpessoais: timidez, retração emocional e ciúme patológico.

1.2. Dentre esses traços, foram computados no grupo de contraprova apenas: irritabilidade - em um caso; dificuldades nas relações interpessoais decorrentes de retração emocional e timidez - em três casos; e instabilidade de humor em um caso.

2. Em relação às conclusões clínicas conexas ao quadro clínico considerado:

2.1. As manifestações clínicas mencionadas com frequência significativamente maior em relação a famílias de pacientes epiléticos foram: agitação durante o sono, manifestações autonômicas, cefaléias frequentes de causa desconhecida, perturbações da visão (escotomas).

2.2. Em decorrência pode-se levantar a hipótese de que as condições clínicas referidas no item anterior podem ser consideradas como conexas à epilepsia.

3. Em relação aos distúrbios mentais:

3.1. A incidência de psicose e de deficiência mental é significativamente maior em famílias dos epiléticos estudados.

3.2. Os casos de alcoolismo grave e de reações neuróticas ocorrem com a mesma frequência em famílias de epiléticos e em famílias de diabéticos e de cardiopatas, aqui considerados.

3.3. Para o estudo da psicose e da deficiência mental, que parecem estar associadas à carga genética para a epilepsia, seria necessário precisar em cada caso qual o quadro clínico apresentado.

4. No estudo específico das 88 famílias de pacientes epiléticos realizamos o levantamento das informações relativas a 313 parentes não-epiléticos e em 87 dos parentes também epiléticos. Ao primeiro subgrupo - de 313 - denominamos "não-epilético"; ao segundo, acrescido aos pacientes-index - 189 - denominamos "epilético". Desta investigação resultou os dados que se seguem:

4.1. Em relação aos traços de personalidade

4.1.1. Ocorrem com a mesma frequência nos subgrupos "epilético" e "não-epilético" os traços de personalidade: irritabilidade - ou em alguns indivíduos, violência, hiperemotividade e o conjunto descrito como dificuldades nas relações interpessoais.

4.1.2. Ocorrem com frequência significativamente maior no grupo "epiléptico" os traços psicológicos : ânimo depressivo, medo imotivado, conflitos de ordem sexual, dependência afetiva e misticismo, viscosidade afetiva e teimosia, irritabilidade na infância e manifestações compulsivas.

4.1.3. Computamos em cada um desses subgrupos os seguintes traços: irritabilidade, ânimo depressivo, medo imotivado, conflitos emocionais relacionados à sexo, dificuldades nas relações interpessoais, misticismo e dependência afetiva, instabilidade de humor, hiperemotividade, sociofilia, viscosidade afetiva e teimosia, tenacidade no trabalho, irritabilidade na infância, desânimo, manifestações compulsivas, bradipsiquia, preocupação obsessiva com ordem.

Pesquisando os que apresentavam pelo menos um destes traços e os que não apresentavam traço algum, pudemos concluir:

1º) Tanto para o subgrupo "epiléptico" como para o "não-epiléptico" é estatisticamente significativa a ocorrência de pelo menos um dos traços considerados.

2º) A probabilidade de ocorrência dos traços é significativamente maior para o subgrupo "epiléptico" - indicando a dependência entre presença destes traços de personalidade e epilepsia.

4.1.4. Portanto, os traços de personalidade distribuem-se aqui de dois modos diversos: a) aqueles presentes em indivíduos com a mesma carga genética independentemente de ocorrência de epilepsia.

sia - como referidos no item 4.1.1.; e b) aqueles que ocorrem com frequência significativa - mente maior em epiléticos - mencionados no item 4.1.2. Estas reações psicológicas - sub b - poderiam ser interpretadas à maior concentração da carga genética para epilepsia, ou como resultante de dinamismos reativos em relação a esta condição mórbida.

Esta última hipótese foi rejeitada anteriormente através do confronto que realizamos entre os subgrupos "reativo" e "genético". Quanto à primeira, exige estudo genético específico para verificação segura.

4.2. Em relação às condições clínicas conexas

4.2.1. Apenas sonambulismo ocorreu com igual frequência estatística em ambos os subgrupos - "epilético" e "não-epilético".

4.2.2. A ocorrência significativamente maior no subgrupo "epilético" de: agitação durante o sono, terror noturno, instabilidade da atenção e distúrbios da memória, tiques faciais ou gagueira, manifestações autonômicas, cefaléia ou escotomas visuais, disgenesias somáticas, sugere a conexão destes distúrbios à epilepsia.

4.2.3. Considerando em cada subgrupo - "epilético" e "não-epilético" - os que apresentavam pelo menos uma das condições clínicas referidas no item anterior, e os que não apresentavam nenhum deles, podemos concluir:

1º) Tanto para o epilético como para os parentes não-epiléticos, é significativa a ocorrência de pelo menos uma dessas condições clínicas.

- 2º) A probabilidade de ocorrência destas condições clínicas é significativamente maior para o subgrupo "epiléptico", indicando a natureza afim destes distúrbios à epilepsia.

IV - Estudo Psicopatogenético

A investigação dos dinamismos psíquicos subjacentes aos distúrbios psicológicos observados em nosso trabalho resultou nas seguintes conclusões principais:

1. Embora o estímulo seja instintivo, o fator conativo é que dá a expressão à psicopatologia epiléptica.
2. Raramente se verificam alterações das funções intelectuais no epiléptico. Quando presentes, são secundárias a distúrbios conativos - mais especificamente da atenção e da falta de domínio dos impulsos.
3. Não são propriamente os traços de personalidade que caracterizam as reações psicológicas dos epilépticos aqui examinados, mas os dinamismos subjetivos que os predispõem a determinados comportamentos.

REFERÊNCIAS

TEORIA DE PERSONALIDADE:

1. ANGYAL, A. - A Theoretical Model for Personality Studies - in - KRECH, D. and KLEIN, G.S. - Theoretical Models and Personality Theory. Duke University: Durham, N. Carolina; 1952.
2. ANGYAL, A. - Foundations for a Science of Personality; Commonwealth Fund: New York; 1941.
3. AUDIFFRENT, G. - Du Cervau et de L'innervation. Dunod : Paris , 1869.
4. BERGSON, H. - Matière et Memoire. Presses Universitaires de France: Paris; 1949.
5. BERTALANFFY, L.V. - Theoretical Models in Biology and Psychology - in - KRECH, D. and KLEIN, G.S. - Theoretical Models and Personality Theory. Duke University Press: Durham, N. Carolina; 1952.
6. COELHO, R. - Indivíduo e Sociedade na Teoria de Augusto Comte. F.F.C.L. USP: São Paulo, 1963.
7. COMTE, A. - Système de Politique Positive ou Traité de Sociologie Positive - Tome VII, 1^{er} vol. Anthropos: Paris; 1969.
8. KLEIN, G.S. and KRECH, D. - The Problem of Personality and its Theory - in - KRECH, D. and KLEIN, G.S. - Theoretical Models and Personality Theory. Duke University: Durham, N. Carolina; 1952.
9. LAFFITTE, P. - Cours de Philosophie Première - Tomo I. Emile - Bouillon: Paris; 1889.
10. MEAD, G.H. - Espiritu, Persona y Sociedad - trad. Florial Mazia Paidós: Buenos Aires; 1953.
11. MERTON, P.A. - How we Control the Contraction of our Muscles - in - Scientific American - vol. 226, nº 5: New York; 1972.

12. PROUST, M - À la Recherche du Temps Perdu. Biblioteque de la Pleiade - N R F, III vol.: Paris; 1954
13. SCHACHTEL, E.G. - Metamorphosis - Routledge & Kegan Paul Ltd. London, 1963.
14. SILVEIRA, A. - Síndrome do Lobo Frontal - in - São Paulo Médico ano VII - vol. 1 - 1934.
15. SILVEIRA, A. - As Funções do Lobo Frontal - in - Rev. Neurologia e Psiquiatria de São Paulo - tomo I - 1935
16. SILVEIRA, A. - Campos Arquitetônicos do Lobo Frontal e Funções da Inteligência - in - Rev. Neurologica e Psiquiatria - vol. III nº 3 - São Paulo; Julho/Setembro 1937.
17. SILVEIRA, A. - Human Genetics as an Approach to the Classification of Mental Diseases - Comtes rendus, 6 - Congrès Mondial Psychiatrie; Separatum - Paris; 1950.
18. SILVEIRA, A. - Cerebral Systems in the Pathogenesis of Endogenous Psychoses - Arg. Neuro-Psiquiatria - vol. 20 - nº 4: São Paulo; Dezembro 1962.
19. SILVEIRA, A. - Psicologia Fisiológica - in - Maternidade e Infância (Arquivos Médicos-Sociais) vol. XXV nº1: São Paulo; 1966.
20. SULLIVAN, H.S. - Conception of Modern Psychiatry. Norton & Company: New York; 1953.
21. SULLIVAN, H.S. - La Entrevista Psiquiatrica - Trad. Federico Lopez Cruz. Editorial Psique: Buenos Aires; 1959.
22. WOLMAN, B.B. - Teorias y Sistemas Contemporaneos en Psicologia trad. di José Toro Trallero. Martinez Roca: Barcelona; 1968
23. VERNON, M. D. - Psicologia de la Perception. Ed. Paidos: Buenos Aires; 1967.
24. XAVIER, A. - Funções do Cérebro - 2ª edição. Livrarias São José Rio; 1962.

PSICODIAGNOSTICO DE RORSCHACH

25. ANDRADE, L.D. - Abord Phenomenologique du Contenu dans le Rorschach. Bulletin de la Societé Française du Rorschach et de Methodes Projectives, nº 24; Septembre 1970.
26. ANDRADE, L.D. - An Existencial Approach to Rorschach Anatomy Content Responses. VIIth International Congress of Rorschach and other Projective thecniques - pp 976 -980, Ed. Friedemann, Philipson H, Scott B.S., Williams, C. Hans Huler Publishers: Viena; 1968.
27. BECK, S.J. - The Rorschach Experiment, Ventures in Blind Diagnosis. Grune & Stratton: New York; 1960.
28. BECK, S.J. - Rorschach's Test, 3 vols. - Grune & Stratton: New York; 1944-1952
I- Basic Processes, 2 nd ed. 1950 (1st ed. 1944)
II- A variety of Personality Pictures - 1945
III- Advences in Interpretation - 1952
29. BEIZMANN, C. -
a) Le Rorschach Chez L'enfant de 3 à 10 ans. Delacheux & Niestlé S.A:Suisse; 1961
b) El Rorschach en el Niño de 3 a 10 anos. Aguilar: Madrid; 1968
30. BOHM, E. -
a) Lehrbuch der Rorschach - Psychodiagnostik. Huber; Bern; 1951.
b) Manual del Psicodiagnóstico de Rorschach - trad. dr. Augustin Serrate - Moreta: Madrid; 1934.
31. BOHM, E. - The Chiaroscuro System and its theoretical Baſes - in Rorschach Psychology. Wiley & Sons: New York; 1960.
32. COELHO, L. - Reações aos Estimulos Coloridos da Prova de Rorschach. em Probandos Clinicamente Impulsivos. 2º Congresso ALAR. Brasília, 1972.
33. COELHO, L. e COELHO, R. - Características Psicológicas dos Negros à Luz da Prova de Rorschach - Anais da Associação Latino Americana de Rorschach, 1-2: 4-16; 1970.

34. DRAGUNS, J.G., HALEY, M.E. and PHILLIPS, L. - Studies of Rorschach Content. A Review of the Research Literature - Part I: Traditional Content Categories. Journal of Projective Techniques & Personality Assessment. Vol 31 n° 1; Fev. 1967.
35. DANINOS-MORALI, A. et CERF, F. - Les Dimensions de La Personnalité Vues à Travers L'épreuve du Rorschach. Bulletin de la Société Française du Rorschach et des Methodes Projectives. n° 24; Septembre 1970 - pgs 45-61.
36. DWORTZKI, G. - Le Test du Rorschach et L'évolution de la Perception - Arch. Psychol., T. XXVII, n° 107-108 : Genève; 1939.
37. ENDARA, J. - Psicodiagnóstico de Rorschach - Casa de la Cult. Ecuatoriana: Quito; 1964.
38. FONDA, Ch.P. - The White Space Response - in - Rorschach Psychology - Wiley & Sons: New York; 1960.
39. FRANK, L.K. - Projective Methods for the Study of Personality - in - HIRT, M. - Rorschach Science. The Free Press of Glencoe: New York; 1962.
40. HALLEY, M.E., DRAGUNS, J.G. and PHILLIPS, L. - Studies of Rorschach Content. A review of Research Literature. Part II. Non traditional uses of Content indicators. Journal of Projective Techniques & Personality Assessment. Vol. 31 n° 2 April 1967.
41. HALPERN, F. - A Clinical Approach to Children's Rorschachs. Grune & Stratton: New York; 1953.
42. HERTZ, M.R. - The Organization Activity - in - RICKERS-OVSIANKINA M.A. - Rorschach Psychology, Ch.2- Wiley & Sons: New York; 1960.
43. HIRT, M. - Rorschach Science - Readings in Theory and Method - The Free Press of Glencoe; 1962.
44. JURIS, G. Draguns, HALLEY, M.E. and PHILLIPS, L. - Studies of Rorschach Content. A Review of Rorschach Literature - Part III. In Journal of Projective Techniques - vol 32 . Fevereiro de 1968.

45. KAPLAN, B. and LAWLESS, R. - Culture and Visual Imagery: A Comparison of Rorschach Responses in Eleven Societies - in Context and MEANING IN Cultural Anthropology - Ed. Free Press: N.Y. - 1965
46. KLOPPER, B. and Kelley, D.M. - The Rorschach technique - World Book Co : New York ; 1942
47. KLOPPER, B. - Developments in the Rorschach technique - World Book Co: New York ; 1956
48. KORCHIN, S.J. - Form perception and ego functioning - in- RICKERS - OVSIANKINA, M.A. Ed. Rorschach Psychology, Ch. 5 - Wiley & Sons: New York; 1960.
49. LAWRENCE, K. F. - Projective Methode for the Study of Personality in Rorschach Science - The Free Press of Glencoe; 1962.
50. LOOSLI- USTERI, M.- Le DIAGNOSTIC INDIVIDUEL CHEZ L'ENFANT AU MOYEN DU TEST DE RORSCHACH - Hermann & Cie. , Editeurs; 1948
51. LOOSLI + USTERI, M. - Manuel Pratique du test de Rorschach - Hermann: Paris; 1958.
52. MIALE, F.R. Harrower (Erickson), M.R. Personality Structure in The Psycho Neuroses- Rorschach Res. Exch. 4. 71-74; 1940 - Separatum.
53. MUCCHIELLI, R - La dynamique du Rorschach - PUF: Pris; 1968.
54. PIOTROWSKI, Z. - The Rorschach ink - blot Method in Organic Disturbances of the Central Nervous System - J. Nerv. Ment. Dis. - 86 - 1937 pp. 525-537.
55. PIOTROWSKI, Z - Perceptanalysis - Mac Millan: New York; 1957.
56. PIOTROWISKI, Z - The Movement Score - in- Rorschach Psychology - Wiley & Sons: New York; 1960
57. RAPAPORT, D.- Manual Of Diagnostic Psychological Testiny - Ed. J. Macy, f. Foundation. Nem York; Testes de Diagnostico Psicologico (tradução de Eduardo Loedel) Ed. Paidos : Argentina; 1964

58. RICKERS-OVSIANKINA, M.A. ed. - Rorschach psychology - Wiley: New York ; 1960.
59. RORSCHACH, H. - a) Psychodiagnostik, 2. Aufl., herausgegeben von MORGENTHAUER, W. - Huber: Bern; 1932 (1. Aufl., Bircher: Bern; 1921; b) Psychodiagnostic (trad. OMBREDANE, A. et Landau, A.)- PUF: Paris; 1947.
60. SCHACHTEL, E. - Experimental Foundations of Rorschach's test. Tavistock Publications London. 1967.
61. SCHAFER, R. - Analisis del contenido en el test Rorschach - pags. 279-285, in KNIGHT, R.P., ed. - Psiquiatria psicoanalítica (trad. WAGNER, D.R.) - Hormé: Buenos Aires; 1960.
62. SHAPIRO, D. - A perceptual understanding of color Response-in-Rorschach Psychology - Wiley & Sons: New York; 1960.
63. SHELDON, J.K. - Form Perception and ego Functioning - in- Rorschach Psychology Wiley & Sons: New York; 1960.
64. SILVEIRA, A. - Contribuição para os símbolos e o protocolo no método de Rorschach - Rev. Neurol. e Psiquiatria de São Paulo 10:158-1943.
65. SILVEIRA, A., - ALVES C.R. e ROBOTELLI, M. - Psicodiagnóstico de Rorschach e tipo somático, comparados no mesmo grupo de doentes mentais. Cong. Soc. Neurol. y Psiquiatria, Buenos Aires, 1944.
66. SILVEIRA, A. e BORIN, O - Sinais de Piotrowski em pacientes com traumatismo craniano fechado. Cong. Soc. Neurol. y Psiquiatria . Buenos Aires, 12-11-1944.
67. SILVEIRA, A. - Chiaroscuro and perspective as Rorschach factors 2nd Internat. Rorschach Congress, Zürich, 1949.
68. SILVEIRA, A. - Conative index: an empirical evolution of affective emotional level of overt behaviour - mimeographed comptes rendus, 4. Rorschach Internat. Congress, Brussels , 1958.
69. SILVEIRA, A. - Método de Rorschach: terminologia e critério - Arq. Assist. Psicopatas, São Paulo 27:5-57, 1963.

70. SILVEIRA, A. - Prova de Rorschach: elaboração do psicograma. Ed. Edaneer - São Paulo 1964.
71. SILVEIRA, A. - Un indicateur pour le report intellectuel avec le monde extérieur - Contes rendus, 6. Congrès Internat. Rorschach, Paris, 1965.
72. SILVEIRA, A.: Avaliação de choque psíquico no psicograma de Rorschach. XVIIIa. Reunião Anual da S.B.P.C.a 11-7-1966. Blumenau, S.C.
73. SILVEIRA, A.: "Emprego Subjetivo de movimento", como ampliação e como restrição da categoria "movimento de objeto inanimado" 1st Symposium A.L.A.R., Montevideo, Arch Panameños Psiquiat. 1967.
74. SILVEIRA, A.: Significado não ansioso dos fatores luminosidade na prova de Rorschach - Rev. Interamer. Psicologia, U.S.A. 2: 259-281; 1968.
75. SILVEIRA, A.: A Impulsiveness and way of Mastering it. Rorschach Date with 100 adults -in- Rorschach Proceedings. Hans Huber: Bern, Stuttgart, Viena; 1968.
76. SILVEIRA, A.: Respostas à côr correlatas na Prova de Rorschach. Critério e índices. 2º Cong. A.L.A.R., Brasília 1972. (no prelo).
77. SEREBRINSKY, B.: Psicodiagnostico de Rorschach en los adolescentes Lopez & Etchegoyen - Buenos Aires, 1948.
78. SOUSA, C.C.: O método de Rorschach - Editora Nacional: São Paulo 1953.
79. TOWNSEND, K.J.: The relation between Rorschach signs of Agression and Behavioral Agression in emotionally disturbed boys. - Journal of Projecture Techniques & Personality Assesment. vol. 31 nº 6 Dec. 1967.

RORSCHACH EM EPILEPTICOS

80. ARLUCK, E.W.: A study of some personality differences between Epileptics and Normals. Rorschach. Res. Exch. 4, pp. 154-156, 1940.

105. BAPTISTETE, E. : Mêdo Patológico não-ictal - Manifestação Clínica da Epilepsia. Tese de doutoramento. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1969.
106. BAYLEY, P. e GIBBS, F. A. - Surgical treatment of psychomotor epilepsy. J. Am. Med. Ass. 145, pp.315-370, 1951.
107. BIDWELL, B.H. e POND, D.A. - A survey of epilepsy in fourteen general practices. Social and Psychological aspects. Epilepsia vol. I pp. 285-299, 1959/60.
108. CASTRO, P., SACRISTAN, J.M., MOYA, SANABRA, F.R. - Síndromes Epilepticas. Libreria Científico-Médica Española Atocha, 115 Madrid 1960.
109. CAVENESS, W.F. e Meritt, H. H. - A survey of public attitudes toward Epilepsy in 1964. Epilepsia nº6 pp. 75-86, 1965.
110. CAVENESS, W.F., MERRIT, H.H. e GALLUP, G.H. - A survey of public attitudes toward epilepsy in 1969. Epilepsia nº 10, pp. 429-440 1969.
111. COLLINS, L.A. e LENNOX, G.W. - The intelligence of 300 private epileptic patients. Proceedings of Association for Research in Nervous and Mental Disease. vol. XXVI, pp.586-603, 1946.
112. COLLIER, KIRBY, M.D. - Social Implications and management - Epilepsy- Psychiatric Aspects of Convulsive Disorders. Ed. Hoch, H, and Knight, P, Grune & Stratton. N. York, pp.58-68, 1947.
113. DENNERLL, R.D., RODIN, E.A., GONZALEZ, S., SCHWARTZ, M.L. e Liny - Neurological and Psychological factors related to employability of persons with epilepsy. Epilepsia 7, pp.318-329, 1966.
114. DIETHELM, O. - Differential Diagnosis of Epilepsy - in Epilepsy Psychiatric Aspects of Convulsive Disorders. Ed. Hoch, P.H. e Knight, R.P. Grune Shetton N.York pp. 109-123 , 1947.
115. DOSTOIEWSKY, M.F. - Obras completas e ilustradas de Dostoiéwsky (trad. Rachel de Queiroz). Ed. José Olímpio, R. Janeiro, 1955.

116. FREUD, S. - Dostoiewsky and Parrecide (1928)
S.E. ,Londres: Hogenth 1961.
117. GASTEUD, H. - On genetu transmission of epilepsies.
Epilepsia, 10, pp.3-6, 1969.
118. GUERRANT, J. - Personality in Epilepsy. Charles C. Thomas Publisher.
Springfield, Illinois, U.S.A. 1962.
119. GIBBS, E.L., FUSTER, B. e GIBBS, F.A. - Peculiar low temporal locali
zation of sleep-induced seizure discharges of psychomotor type.
Arch Neurol. Psychiat. 60, pp. 95-97 1948.
120. GLASER, G.H. - The problem of psychosis in psychomotor temporal
lobe epileptics. Epilepsia nº5, pp. 271-278, 1964.
121. HAAS LORENTZ, A.M. - Social Aspects of epilepsy in childhood.
Epilepsia 3 pp.44-45, 1962.
122. HAAS, LORENTZ, A.M. - Medical and social services for the epileptic
patient in the Netherland. Epilepsia nº6, pp.341-347, 1965.
123. JULIÃO, F.A. - Eletroencefalografia. Rev. Paulista de Medicina
vol. 60 nº4 Abril pp. 293-302, 1962.
124. KALMANN, F.J. e SANDER, G. - The genetics of Epilepsy in Epilepsy
Psychiatric Aspects of Convulsive Disorders - Ed. Hoch, P.H. e
Knight, R.P. Grune & Stratton pp.27-41 N. York, 1947.
125. LENNOX, G.W. e MARKHAM, H.CH. - The Sociopsychological Treatment
of Epilepsy. Journal of the American Medical Association, vol.
152 pp.1690-1694 Separatum August 29, 1953.
126. LENNOX, G.W., MC BRIDE M. e POTTER, G. - The Higher education of
Epileptics. Epilepsia, vol.III nº3, pp.182-196, Separatum 1947.
127. LENNOX, W.G.; LENNOX, M.A. - Epilepsy and related disorders
Little-Brown Co. Boston, 1960.
128. LIVINGSTON, S. - Comprehensive Management of Epilepsy in infancy
childhood and adolescence Charles C. Thomas. Illinois, 1972.

129. LOISEAU, P. e BEAUSSART, M. - Hereditary Factors in Partial Epilepsy. *Epilepsia*: 10 pp.23-31, 1969.
130. LUZ, L.C. - "Considerações sobre a psicodinamica da Epilepsia". *Rev. Brasileira de Psiquiatria*. vol. nº2, pp.87-91 dez. 1967.
131. MARCHAND, L. e AJURIAGUERRA - *Epilepsies, leurs formes cliniques leurs traitements*. Desclée de Brouwer & Cie. Paris, 1948.
132. MARSAN (AJMONE) C. e ABRAHAM, K. - Epilepsy. *Progress in Neurology and Psychiatry* Ed. E.A. Spiegel. Grune & Stratton pp. 224-267 Separatum, 1963.
133. MAYER-GROSS, SLATER and ROTH- *Clinical Psychiatry* Baillière, Tindall & Cassell London, 1954.
134. MAYMAN, M. e RAPAPORT, D. - Diagnostic Testing in Convulsive Disorders. *in Epilepsia - Psychiatric Aspects of Convulsive Disorders*. Ed. Hoch, P.H. e Knight, R.P. Grune & Stratton pp.123-133. N. York, 1947.
135. MIGNOT, H. e LEMPÉRIERE, TH. - Les épisodes psychopathiques aigus des épileptiques. *Encyclopédie Médico-Chirurgicale Psychiatrie*. Paris, 37250A²⁰ pp.1-10. 1955.
136. MITTELMANN, B. - Psychopathology of Epilepsy. *in Epilepsy-Psychiatric Aspects of Convulsive Disorders*. Ed. Hoch, H e Knight, R.P. Grune & Stratton pp.136-148 N. York, 1947.
137. OTTO, L.J. - Psychologic Problems in Epilepsy. *in Epileptic seizures*. Ed. Green, R.J. e Steelman, H.F. The Williams & Wilkins Company. Baltimore, 1956.
138. PIOTROWISKI, Z.A., PH.D. - The Personality of the epileptic - *in Epilepsy-Psychiatric Aspects of Convulsive Disorders*. Ed. Hoch P.H., and Knight R.P. Grune & Stratton N. York pp. 89-108 1947.
139. PINHO, RUBIM, A. - As funções cognitivas nos epilepticos. Tese de catedra da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, 1965.

140. PONTE ANDRADE,W;A. - Os mitos da Epilepsia suas origens e sua importância. Rev. Brasileira de Psiquiatria. vol.I, nº2, pp. 93-97, Dez. 1967.
141. POTTER,G. MC BRIDE,M e LENNOX,G;W. - The distribution of Medical care and The Higher Education of Epileptics. Proceedings of Association for Research in Nervous and Mental Disease vol. 26, pp.539-560 separatum 1946.
142. PRICE et PUTNAM - The affect of intrafamily discord on the prognosis of epilepsy. The American J. of Psych. pp.593-598, 1944.
143. PRICE,JERRY,C.,M.D., KOGAN LEVINE K.PH.D. and TOMPKINS,LOIS,R. B,S. - The prevalence and incidence of extramural epilepsy - in Epilepsy - Psychiatric Aspects of Convulsive Disorders. Ed. Hoch,H. and Knight,P.R. Grune & Stratton. pp.48-57 N.York, 1947.
144. REED - The intelligence of epileptics journal genetic psychol. 78 11,pp.145-152 1951.
145. RODIN,E. - The Prognosis of Patients with Epilepsy Charles,C. Thomas. Illinois, 1968.
146. SAL y ROSAS,F. - A assistência dos epiléticos é independente da luta contra as enfermidades mentais. Rev. Neurologia-Neurocirurgia-Psiquiatria. vol.8 nº1 México,1967.
147. SALLOU,C. e POISSONNIER,M. -Familial factors in a population of epileptic adolescents. Epilepsia 10, pp.47-54, 1969.
148. SILVEIRA,A. - Aplicação da Genética Humana à Higiene Mental. Revisão de 300 matriculas do centro de Saúde de Santana - Arquivos de Neuro-Psiquiatria vol.14 nº2 pp.117a135. Separatum 1956.
149. SILVEIRA,A. -Problems Common to Children and parents as detected in a Health Clinic. Acta Psychoterapeutica Psychosomatic et Orthopaedagogica, vol.IV, Fase 2 - Separatum. N.York, 1956.

150. SOULAYSOL,R., GRANJON,E., LYAGOUBI,S., DRAVET,C. e ROGER,J.
Study of Familial factors in the population of epileptic children observed at the Saint Paul Centre. *Epilepsia*, 10, pp.36-46, 1969.
151. SUTHERLAND,M.J. e TAIT,H. - The epilepsies Modern Diagnosis and Treatment. E & S. Livingstone Ltd. Edinburgh and London 1969.
152. TOLOSA,M.A. - O problema clinico. *Rev. Paulista de Medicina*, vol.60 nº4 pp.271-273. Abril, 1962.
153. VERCELLETO,P. e COURJON,J. - Hereditary factors and generalised epilepsy. *Epilepsia* 10 pp.7-21, 1969.
154. VIDART,L., GASTEAU,E., AMSTUTZ,CL; - Assistance aux épileptiques *Encyclopédie Médico-Chirurgicale. Psychiatrie.* 37250G⁴⁰ pp.1-9 Paris, 1956.
155. WADA,T. - Social Medical Aspects of epilepsy in Japan. *Epilepsia* 7 pp.73-79, 1966.

A N E X O S

E

T A B E L A S

Anexo nº 1

OBSERVAÇÃO CLÍNICA

CLÍNICA NEUROLÓGICA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS

SERVIÇO DE COMICIAIS

(Elaborado pelo Dr. Luís Marques Assis)

Nome Reg..... Pr.....
Idade Sexo Côr Est.Civil Proc.....
Data

Médico

ANTECEDENTES FAMILIARES - Nº de parentes Convulsões:
na infância febris Epilepsia Doenças mentais
..... Doenças neurológicas Enxaquecas

ANTECEDENTES PESSOAIS - Gravidez normal Gravidez anor-
mal parto normal Cesárea Prematuro
Distócico Fórcepe Cianose Icterícia
Sentou Andou Falou Convulsões: nas pri-
meiras horas na infância febris Infec-
ções do sistema nervoso Trauma craniano (duração da per-
da de consciência) Traumas emocionais
..... Canhotismo Dextrismo Atividade
intelectual: normal deficiência intelectual ...
atividade escolar (grau atingido) Agressividade
Viscosidade Sonambulismo Enurese De-
faléias Alcoolismo Outras manifestações im-
portantes

DESCRIÇÃO DA CRISE (fornecida pelo paciente e por acompanhante):

IDADE DE INÍCIO DA DOENÇA ATUAL

SINAIS PRODRÔMICOS - Motores Autônomos Sensitivo -
sensoriais Psíquicos

HISTÓRIA DAS CONVULSÕES - Crises GM puras Crises GM pre
cedidas por manifestações subjetivas Frequência: no início
da moléstia no momento Última convulsão Lo
calização no dia: de manhã à tarde à noite Du-
rante o sono: início meio fim Melhora com
menstruação Piora com menstruação: antes durante
após Melhora com menarca Piora com menarca
Melhora com gravidez Piora com gravidez Fatores desen-
cadeantes emocionais Outros fatores desencadeantes
... Convulsões em série Estados de mal

HISTÓRIA DAS CRISES EPILEPTICAS NÃO CONVULSIVAS - Frequência: no
início da moléstia no momento Localização no dia:
manhã à tarde à noite Durante o sono: i
nício meio fim Melhora com menstruação
Piora com menstruação: antes durante após
Melhora com menarca Piora com menarca Melhora
com gravidez Piora com gravidez Fatores desencade-
antes emocionais Outros fatores desencadeantes
.....

TERAPÊUTICAS ANTERIORES Resultados

INTERNAÇÃO EM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO

MANIFESTAÇÕES OBJETIVAS

Crises motoras

Mioclônicas	Distônicas
Convulsão em hemicorpo	Acinéticas
Bravais-jacksonianas	Espasmos em flexão
Versivas	Mal caracterizadas

Crises autônomas

Distúrbios esfincterianos Distúrbios secretórios
Distúrbios vasomotores Distúrbios pupilares

Crises de automatismo

Verbal De deglutição
Oral Comportamento automático
Mastigatório Complexo

Crises sensitivo-sensoriais

Sômato-sensitivas Vertiginosas
Visuais Olfativas
Auditivas Gustativas

Crises psíquicas

Afasia Alucinação auditiva
Distúrbios de consciência..... Sensação de alegria
Macropsia Sensação de tristeza
Micropsia Sensação de angústia
Hiperacusia Sensação de raiva
Hipoacusia Sensação de medo
Nunca visto Sensação de solidão
Já visto Sensações mal caracterizadas ..
Ilusão de distância Idéias obsessivas
Alucinação visual Episódios psicóticos

Crises autônomas

Cefálicas Abdominais
Cardíacas Generalizadas
Pulmonares Alterações térmicas

EXAME CLÍNICO - P..... P.A. T..... Pêso Alt....
Assimetria somática Ferimentos: antigos.... recentes
de língua Diversos órgãos e aparelhos (dados positivos) ..
.....

EXAME NEUROLÓGICO

Psiquismo

Linguagem

Praxia

Romberg simples

Marcha

Fôrça muscular: MSD MSE MID MIE

Man. braços estendidos Man. Mingazzini

Man. index-nariz: OA OF

Man. calcanhar-jelho: OA OF

Disdiadococinesia

Tono muscular: MSD MSE MID MIE

Disartria Disfasia

Hipercinesias

R. tricipitais R. estilo-radicaís

R. patelares R. aquileanos

R. cutâneo-abdominaís R. cutâneo-plantares

Tacto Dor Artrestesia

Palestesia Estereognosia

Nervos cranianos Amiotrofias

I II

III, IV e VI

V VII

VIII IX e X

XI XII

EXAMES SUBSIDIÁRIOS

Líquor

EEG

Outros

DIAGNÓSTICO CLÍNICO-ELECTRENCEFALOGRAFICO

DIAGNÓSTICO TOPOGRÁFICO

DIAGNÓSTICO ETIOLÓGICO

Anexo nº 2

ROTEIRO DA ENTREVISTA PSICOLÓGICA

I - Reações afetivo-emocionais (instintos e sentimentos)

1. Variações de humor: períodos de depressão, desânimo e apatia; ou de euforia, liberação afetiva e espontaneidade. Manutenção ou estabilidade dos afetos.

2. Hiperemotividade e natureza da sensibilidade afetiva. Expressões mais diretas da afetividade, tais como agressividade, impulsividade, irritabilidade, sugestionabilidade, entusiasmo mo - mentâneo.

3. Nexos emocionais primários: fantasias infantis, ansiedade, fobias.

4. Sono e sonho: sonolência, insônia, agitação durante o sono, pesadelos frequentes, sonambulismo, terror noturno.

5. Necessidades e impulsos sexuais.

6. Hábitos, desvios das normas habituais: alcoolismo, tabagismo, outros.

7. Traumas físicos ou emocionais que tenham sofrido e suas consequências somáticas e psíquicas.

II - Estudo específico das relações interpessoais (carácter)

1. Relações com pais e familiares. Presença de conflitos, especialmente associados à teimosia, dependência, necessidade de auto-afirmação, sentimento de culpa ou de rejeição, hostilidade, docilidade, ciúmes exagerado.

2. Amizades. Expansividade ou timidez nas relações pessoais. Ocorrência de desconfiança, insegurança, ciúmes patológico ou de dependência e envolvimento afetivo exagerado.

3. Misticismo ou superstição determinando suas ações.

4. Relação com companheiros do sexo oposto. Problemas relacionados com namoros ou relações sexuais.

III - Atitude para com a doença

1. Descrição das manifestações mórbidas e das reações subjetivas.

2. Reações subjetivas e comportamentais do paciente antes e após a ocorrência da manifestação clínica da epilepsia.

3. Queixas somáticas paralelas: enurese noturna na infância ou atualmente, cefaléias, enxaqueca, náuseas, tonturas, crises de perda de fôlego, cansaço crônico, dores somáticas generalizadas.

4. Modo de considerar a epilepsia e as dificuldades que esta acarreta, em particular na adaptação ao ambiente físico e social.

IV - Funções intelectuais e conativas

1. Nível de escolaridade atingido. Rendimento no trabalho escolar. Motivação e interesses nos estudos.

2. Distúrbios da atenção e da memória.

3. Irritabilidade na infância.

4. Manifestações compulsivas. Crises de deambulação.

5. Preocupação obsessiva com a ordem ou excesso de zelo pelos seus objetos ("sistemático").

6. Teimosia, obstinação no trabalho ou em seus propósitos. Perseveração de idéias ou de sentimentos.

7. Tiques faciais e gagueira (distúrbios da expressão).

8. Interesses intelectuais ou estéticos. Habilidades e talentos.

9. Preenchimento dos momentos de lazer.

488-

IDENTIFICAÇÃO				MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS												EXAME COMPLETAR					
Nº DE ORDEM	DATA DA CONSULTA	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	ATIVIDADES PROFISSIONAIS	PARTO	ABDOM	FALOU	MOTORAIS	AUTOMÓVEIS	AUTOMATISMO	SENSITIVO SENSORIALS	PSÍQUICAS	CONT. NA INFLUÊNCIA	TIÉRSIS	MAL PAÍCE	PAIMP. NDO CONT. (AUSÊNCIA PERDA DE CONSCIÊNCIA MOTORAIS)	PSICOGNITIVA	INÍCIO DAS CRISES	FREQUÊNCIA DAS CRISES	EXAME COMPLETAR
18	18-6-64	14	F	PRIM.	(X)	N	N	N				X		X		X			13 A.	1/8 DIAS	FOCAL TEMPORAL
28	04-6-64	13	F	GIN.	COST.(X)	F	N	N	X							X			10 A.	Indet.	FOCAL
38	25-8-67	14	F	PRIM.	COST.(X)	N	N	N			X					X			01 A.	1/30 DIAS	FOCAL
48	14-8-67	20	F	GIN.	ESCRIT. CO	N	N	S/INF.	S/INF.	X	X	X						X	18 M.	Indet.	FOCAL TEMPORAL
58	27-8-64	17	F	PRIM.		N	N	N			X					X			10 A.	1/15 DIAS	BILATERAL SINCRONO
68	16-9-64	19	F	GIN.(X)	COSTURA	N	N	N				X						X	18 A.	1/15 DIAS	NORMAL
78	25-8-64	13	F	(E)PRIM.		N	N	N			X	X							12 A.	1/7 DIAS	FOCAL TEMPORAL
88	16-6-64	16	F	(E)PRIM.	COM. (X)	N	N	N		X		X				X			09 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL
98	25-5-64	13	F	(E)PRIM.		N	N	N				X				X			12 A.	1/30 DIAS	BILATERAL SINCRONO
108	15-5-64	13	F	(I)PRIM.	COSTURA	N	N	S/INF.	S/INF.			X		X					08 A.	1/90 DIAS	DIFUSA
118	17-5-64	16	F	PRIM.	OPERÁRIO (X)	N	N	N		X		X					X		12 A.	1/8 DIAS	BILATERAL SINCRONO
128	05-5-64	13	F	PRIM.		N	N	N				X				X			13 A.	ÚNICA	FOCAL TEMPORAL
138	20-5-64	18	F	(I)PRIM.	(X)	N	N	N								X			02 A.	1/15 DIAS	NORMAL
148	27-4-64	13	F	(I)PRIM.	(X)	N	N	2 ANOS		X		X				X			03 A.	1/1 ANO	FOCAL TEMPORAL
158	30-4-64	15	F	(I)GIN.	COSTURA(X)	N	N	N		X		X				X			15 A.	ÚNICA	FOCAL TEMPORAL
168	04-6-64	18	F	GIN.		N	N	N		X				X					13 A.	Indet.	NORMAL
178	03-9-64	17	F	PRIM.		N	N	N								X			16 A.	1/3 DIAS	NORMAL
188	06-9-64	19	F	(I)PRIM.	(X)	N	N	N		X						X			12 A.	1/30 DIAS	FOCAL
198	31-8-64	16	M	ANALF.		N	N	N								X			16 A.	1/30 DIAS	NORMAL
208	16-6-64	13	M	(I)PRIM.		N	N	N				X				X			10 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL
218	30-4-64	17	M	(*)GIN.	(X)	N	N	N		X		X					X		09 A.	1/90 DIAS	FOCAL TEMPORAL
228	05-5-64	17	M	GIN.	RAMCÁGIO	N	N	N						X		X			02 A.	1/30 DIAS	FOCAL
238	21-5-64	17	M	PRIM.	OPERÁRIO	N	N	N						X		X			12 A.	Indet.	NORMAL
248	10-5-64	13	M	(I)PRIM.		N	N	N		X		X		X				X	12 A.	1/DIA	FOCAL TEMPORAL
258	14-9-64	14	M	GIN.	MOONIT.(X)	N	N	N						X					14 A.	1/30 DIAS	FOCAL TEMPORAL
268	21-5-64	13	M	(I)PRIM.		N	N	N		X		X			X		X		05 A.	1/60 DIAS	DIFUSA
278	20-9-65	14	F	PRIM.		N	N	S/INF.	S/INF.	X		X				X			00 A.	Indet.	FOCAL
288	25-6-64	14	M	PRIM.		N	N	N				X				X			15 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL
298	16-9-64	15	M	PRIM.		N	N	N				X				X			15 A.	ÚNICA	NORMAL
308	31-8-64	14	M	PRIM.		N	N	N				X				X			14 A.	ÚNICA	NORMAL
318	02-8-64	13	M	(*)PRIM.		N	N	N				X				X			04 A.	Indet.	NORMAL
328	21-5-64	19	F	SECUND.	OPER.(X)	N	N	N		X		X					X		18 A.	Indet.	DIFUSA
338	28-7-65	13	F	(*)PRIM.	(X)	N	N	N			X	X					X		02 A.	Indet.	NORMAL
348	09-8-65	17	F	(*)PRIM.	COST.(X)	N	N	N				X					X		14 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL
358	09-8-65	17	F	SECUND.		N	N	N		X		X					X		16 A.	1/18 DIAS	NORMAL
368	28-7-65	19	M	(*)PRIM.		N	N	N		X				X					17 A.	Indet.	DIFUSA
378	8-11-64	18	F	(*)GIN.		N	N	N				X					X		14 A.	Indet.	NORMAL
388	30-6-65	17	F	SECUND.	ESCRIT.(X)	N	N	N		X				X		X			13 A.	Indet.	NORMAL
398	26-8-65	17	M	GIN.	(X)	N	N	N			X			X					16 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL
408	30-6-65	15	M	PRIM.	ESCRIT.(X)	N	N	2 ANOS	X			X		X		X			13 A.	1/60 DIAS	DIFUSA
418	09-7-65	13	F	PRIM.		N	N	N			X	X					X		07 A.	Indet.	DIFUSA
428	8-11-65	20	F	UNIV.	CONT.(X)	N	N	N				X		X				X	14 A.	1/20 DIAS	FOCAL TEMPORAL
438	21-6-65	13	F	PRIM.		N	N	N		X						X			06 A.	1/3 DIAS	FOCAL
448	21-6-65	19	M	GIN.	COBR.(X)	N	N	N		X		X				X			19 A.	Indet.	NORMAL
458	20-9-65	15	M	PRIM.		N	N	S/INF.	S/INF.	X						X			15 A.	1/90 DIAS	BILATERAL SINCRONO
468	21-5-64	18	F	(I)PRIM.	OPER.	CIAR	N	N								X			10 A.	ÚNICA	FOCAL TEMPORAL
478	12-9-67	13	M	PRIM.		N	N	N		X								X	12 A.	1/90 DIAS	NORMAL
488	28-9-67	15	M	PRIM.	OPER.	N	N	2 ANOS	X							X			15 A.	ÚNICA	FOCAL TEMPORAL
498	12-9-67	15	F	(I)PRIM.		N	N	N				X				X			03 A.	1/DIA	DIFUSA
508	13-11-67	17	F	(I)PRIM.		N	N	N		X		X				X			13 A.	1/15 DIAS	FOCAL TEMPORAL
518	16-11-67	18	M	PRIM.		N	N	N								X			15 A.	1/30 DIAS	NORMAL
528	12-09-67	13	F	GIN.		N	N	N				X				X			13 A.	1/ DIA	DIFUSA
538	10-11-67	15	F	PRIM.		N	N	N						X		X			02 A.	1/30 DIAS	DIFUSA
548	14-11-67	15	M	(I)PRIM.	LAVR.	N	N	N		X		X					X		08 A.	1/15 DIAS	FOCAL
558	27-11-67	18	M	PRIM.	OPER.(X)	N	N	N				X		X			X		18 A.	1/3 DIAS	NORMAL
568	30-10-67	13	M	GIN.		N	N	N						X		X			12 A.	ÚNICA	NORMAL
578	10-11-67	14	M	PRIM.		N	N	N				X					X		14 A.	1/18 DIAS	NORMAL
588	14-11-67	17	M	SECUND.	OTER.	N	N	N								X			15 A.	1/8 DIAS	NORMAL
598	14-11-67	16	F	(I)PRIM.	LAVR.	N	N	N								X			15 A.	1/30 DIAS	DIFUSA
608	15-4-68	18	M	(I)PRIM.	OPER.(X)	N	N	N		X				X		X			17 A.	1/90 DIAS	DIFUSA
618	10-11-67	13	M	(I)PRIM.	OOM. (X)	N	N	N			X					X			04 A.	Indet.	DIFUSA
628	30-10-67	15	M	(I)PRIM.	OPER.(X)	N	N	N				X		X		X			02 A.	1/17 DIAS	FOCAL
638	27-11-67	15	F	(I)PRIM.	OOM. (X)	CIAR.	N	N		X						X			05 A.	1/15 DIAS	DIFUSA
648	30-1-68	15	F	(*)PRIM.	(X)	N	N	N		X				X			X		07 A.	Indet.	DIFUSA
658	30-10-67	16	M	(I)PRIM.	(X)	S/INF.	S/INF.	S/INF.			X			X		X			02 A.	1/15 DIAS	FOCAL TEMPORAL
668	18-12-67	13	F	(*)GIN.	(X)	N	N	N						X			X		11 A.	ÚNICA	FOCAL
678	26-10-68	15	F	PRIM.		INSTR.	N	N			X			X		X			12 A.	1/1 DIA	DIFUSA
688	10-01-69	13	M	GIN.		S/INF.	S/INF.	S/INF.								X			00 A.	ÚNICA	FOCAL TEMPORAL
698	25-10-69	13	M	ANALF.		N	N	N		X							X		09 A.	1/DIA	FOCAL TEMPORAL
708	12-02-67	18	F	(I)PRIM.	(X)	N	N	N			X				X		X		08 A.	Indet.	FOCAL
718	05-02-68	18	M	SECUND.	COM. (X)	N	N	N						X		X			17 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL
728	04-03-70	15	F	GIN.	(X)	S/INF.	S/INF.	S/INF.		X				X		X			08 A.	1/20 DIAS	FOCAL

GRUPO I

DOENTES ADOLESCENTES

QUADRO I

GRUPO I

PACIENTES ADOLESCENTES

QUADRO I

IDENTIFICAÇÃO																			MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS										EXAME COMPLEMENTAR	
Nº DE ORDEM	DATA CONSULTA	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	ATIVIDADE PROFISSIONAL	PARO	ANDOU	PAIOU	MOTORAS	AUTÔNOMAS	AUTOMATISMO	SENSITIVO SENSORIAIS	PSÍQUICAS	CONV. NA INFÂNCIA	PERRIS	EMAL NAÍCOR	MANIF. INCO CONV. (AUSENCIA PERDA DE CONSCIÊNCIA MOTORAS)	PSICOMOTORA	INÍCIO DAS CRISES	FREQUÊNCIA DAS CRISES	DIAGNÓSTICO									
18	22-04-70	33	M	ANALF.	LAVADOR (X)	N	N	N			X		X					X		14 A.	Indet.	NORMAL								
28	15-04-70	32	M	SECUND.	CONCELEIRO (X)	N	N	N	X	X								X		31 A.	Indet.	NORMAL								
38	29-08-69	37	F	(e) PRIM.	OPERÁRIO (X)	N	N	N	X	X										37 A.	1/90DIAS	FOCAL								
48	22-08-69	35	M	(e) PRIM.	PEDREIRO (X)	N	N	N		X										17 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL								
58	27-08-68	27	F	GRV.		N	N	N		X										21 A.	1/DIA	BILAT. TEMPORAL								
68	04-11-70	29	M	(e) PRIM.	(X)	N	N	N		X										09 A.	1/10DIAS	FOCAL TEMPORAL								
78	29-04-70	33	F	(1) PRIM.	(X)	N	N	N	X	X										03 A.	1/90DIAS	NORMAL								
88	20-05-70	37	F	ANALF.	DOMESTICA	N	N	N	X	X								X		13 A.	1/DIA	NORMAL								
98	06-05-70	27	F	PRIM.	DOMESTICA	N	N	N		X										09 A.	1/90DIAS	NORMAL								
108	01-05-68	39	F	PRIM.		N	N	N		X										13 A.	Indet.	NORMAL								
118	22-07-70	23	M	(1) PRIM.	LAVADOR	N	N	N	X	X										22 A.	1/30DIAS	FOCAL TEMPORAL								
128	24-07-70	35	M	PRIM.	LAVADOR	N	N	N	X	X								X		17 A.	1/60DIAS	FOCAL TEMPORAL								
138	27-07-70	22	F	PRIM.	COSMETICA (X)	N	N	N	X	X										14 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL								
148	29-07-70	22	M	(1) PRIM.	LAVADOR	N	N	N		X										06 A.	1/8 DIAS	NORMAL								
158	29-07-70	22	F	PRIM.	DOMESTICA	N	N	N		X								X		19 A.	1/90DIAS	NORMAL								
168	29-07-70	35	F	PRIM.		N	N	N		X										29 A.	1/30DIAS	NORMAL								
178	31-07-70	28	F	PRIM.	(X)	N	N	N	X	X										24 A.	Indet.	NORMAL								
188	12-08-70	23	F	PRIM.	COSMETICA (X)	N	N	N		X										21 A.	1/15DIAS	FOCAL TEMPORAL								
198	14-08-70	23	M	(1) ANALF.	(X)	N	N	N	X	X										07 A.	1/15DIAS	FOCAL TEMPORAL								
208	19-08-70	24	M	PRIM.	LAVADOR	N	N	N	X	X										21 A.	1/3 DIAS	NORMAL								
218	04-09-70	28	F	PRIM.		N	N	N		X										15 A.	1/60DIAS	FOCAL TEMPORAL								
228	23-09-70	41	F	ANALF.		N	N	N		X										37 A.	1/30DIAS	NORMAL								
238	02-10-70	24	F	PRIM.	LAVADEIRA	N	N	N		X										22 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL								
248	02-10-70	22	M	ANALF.	LAVADOR	N	N	N		X										05 A.	Indet.	NORMAL								
258	09-10-70	26	M	(1) PRIM.	PEDREIRO	N	N	N	X	X										23 A.	Indet.	NORMAL								
268	14-10-70	27	M	SECUND.	CONTADOR	N	N	N		X										27 A.	1/30DIAS	NORMAL								
278	21-10-70	24	M	PRIM.	LAVADOR	N	N	N	X	X										18 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL								
288	28-10-70	34	F	(e) ANALF.	(X)	N	N	N	X	X								X		06 A.	1/8 DIAS	DIFUSA								
298	25-10-70	22	M	PRIM.	LAVADOR (X)	N	N	N		X										18 A.	Indet.	FOCAL TEMPORAL								
308	19-08-70	25	M	(1) PRIM.	LAVADOR (X)	N	N	N		X										13 A.	1/90DIAS	NORMAL								

GRUPO II : FACILITEZ ADULTOS -QUADRO II

GRUPO II : FACILITES ADULTOS - QUADRO II

Nº DE ORDEM	DATA DA 1ª CONSULTA	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	ATIVIDADE PROFISSIONAL	P A R T O	A N D O U	F A L O U	DIABETES	CARDIOPATIA
1º	10-03-71	14	M	GIN.(e)	(X)	CIA NOSE	N	N	X	
2º	09-03-71	15	F	SECUND.		N	N	N	X	
3º	24-03-71	18	F	PRIM.		N	N	N	X	
4º	17-03-71	17	F	PRIM.(1)	DOMEST.	N	N	N	X	
5º	19-03-71	15	F	GIN.		N	N	N	X	
6º	19-05-71	19	F	GIN.	ESCRIT.	N			X	
7º	17-03-71	20	F	SECUND.		N	N	N	X	
8º	09-03-71	19	F	PRIM.	ESCRIT.	N	2 AN.	N	X	
9º	24-03-71	13	M	GIN.		N	N	N	X	
10º	10-03-71	18	M	SECUND.		CIA NOSE	N	N	X	
11º	14-10-69	16	F	SECUND.	COSTURA	FORCEES				X
12º	14-10-69	13	M	PRIM.(e)	PEDREIRO	N	N	N		X
13º	25-11-69	15	M	GIN.	ESCRIT.	N				X
14º	14-10-69	13	F	GIN;	(X)	N	N	N		X
15º	28-10-69	13	F	PRIM.(1)		N	N	N		X
16º	04-11-69	13	F	PRIM.		N	N	N		X
17º	05-11-69	13	M	PRIM.		FORCEES	N	N		X
18º	11-10-69	14	M	PRIM.(2)		N	N	N		X
19º	29-01-70	13	M	GIN.	PEDREIRO(X)	N	N	N		X
20º	27-01-70	15	F	GIN.		N	N	N		X
21º	02-10-69	13	F	PRIM.		N	N	N		X
22º	03-10-69	13	F	PRIM.		N	N	N		X

GRUPO III: PACIENTES CIÔNICOS

QUADRO III

[illegible]

Tabela 1.1.

ADOLESCENTES EPILÉPTICOS

<u>Tracos de Personalidade</u>	<u>Total</u>	
	<u>Nº de casos</u> (n=72)	<u>Porcentagem</u>
Irritabilidade + agressividade	54	75,0
Ânimo depressivo + hipocondria	35	48,6
Medo irracional	22	30,5
Dificuldade sexual	22	30,5
Dificuldade nas relações in- terpessoais	53	73,6
Dependência afetiva + misticismo	20	27,8
Instabilidade de humor	34	47,2
Hiperemotividade	32	44,4
Sociofilia	19	26,4
Viscosidade afetiva + teimosia	22	30,6
Tenacidade no trabalho	9	12,5
Irritabilidade	14	19,4
Desânimo	16	22,2
Manifestações compulsivas	4	5,6
Bradipsiquia	2	2,8
Preocupação obsessiva com ordem	3	4,2
Talentos especiais	5	6,9

[illegible]

Tabela 1.2.

ADOLESCENTES EPILEPTICOS

<u>Condições Clínicas Conexas</u>	<u>Total</u> (n=72)	
	Nº	%
Agitação durante o sono	49	68,0
Sonambulismo	4	5,6
Terror noturno	17	23,6
Instabilidade de atenção + Distúrbios da memória	30	41,5
Tics faciais + gagueira	6	8,3
Manifestações autonômicas: perda de fôlego + náuseas + queixas somáticas + enu res noturnas	44	61,1
Cefaleia + escurecimento da visão + escotoma	44	61,1

Traços de Personalidade - Tabela 1.3

Traços	Convulsivo = 45		Não Convulsivo = 27		Total
	Total		Total		
	Nº	%	Nº	%	
Irritabilidade Agressividade	33	73,3	21	77,8	54
Animo Depressivo + Hipocondria	19	42,2	16	59,3	35
Môdo Irracional	13	28,8	9	33,3	22
Dificuldade de Or- dem Sexual	10	22,2	12	44,4	22
Dificuldade nas re- lações Interpesso- ais+Timides+ Retra- ção Emocional+Sen- timento de Inferio- ridade+Ciume	31	68,9	22	81,5	53
Dependencia Afetiva + Misticismo	11	24,4	9	33,3	20
Instabilidade de Humor	20	44,4	14	51,1	34
Hiperemotividade	21	46,7	11	40,7	32
Sociofilia	12	26,7	7	25,9	19
Viscosidade Afeti- va+Teimosia	8	17,8	14	51,1	22
Tenacidade no Tra- balho	5	11,1	4	14,8	9
Irriquietude	8	17,8	6	22,2	14
Desânimo	9	20,0	7	25,9	16
Manifestações Com- pulsivas	2	4,4	2	7,4	4
Bradpsiquia	2	4,4	-	-	2
Preocupação Obses- siva com Ordem	1	2,2	2	7,4	3
Talentos Especiais	2	4,4	3	11,1	5
Total	45		27		

Condições Clínicas Conexas -Tabela 1.4

Convulsivos			Não Convulsivos		
	Nº	%		Nº	%
1	Agitação durante o sono	29 64,4		20	74,0
2	Sonambulismo	2 4,4		2	7,4
3	Terror Noturno	9 20,0		8	29,6
4	Instabilidade de atenção e Distúrbio da Memória	20 44,4		10	37,0
5	Tics faciais e gagueira	4 8,8		2	7,4
6	Manifestações Autonômicas (Perda de fôlego. Queixas somáticas generalizadas, Náuseas e enurese noturna)	27 60,0		17	62,9
7	Cefaléia e escurecimento da visão ou escotomas	28 62,2		16	59,25

Traços de Personalidade

Tabela 1.5

EEG

	GRUPO T		GRUPO F		GRUPO BS		GRUPO N	
	TOTAL		TOTAL		TOTAL		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Irritabilidade+Agresividade	18	81,81	9	81,81	14	73,68	13	65,00
Animo Depressivo+Hipocondria	11	50,00	7	63,63	10	52,63	7	35,00
Medo Irracional	7	31,81	3	27,27	8	42,10	4	20,00
Dificuldade de Ordem Sexual	10	45,45	4	36,36	5	26,31	3	15,00
Dificuldade nas Relações Interpessoais+Timidez+Retração Emocional+Sent.de Inferioridade+Ciume Patológico	19	86,36	7	63,63	12	63,15	15	75,00
Dependencia Afetiva+Misticismo	7	31,81	3	27,27	5	26,31	5	25,00
Instabilidade de Humor	10	45,45	7	63,63	11	57,89	6	30,00
Hiperemotividade	7	31,81	5	45,45	10	52,63	10	50,00
Sociofilia	7	31,81	2	18,18	5	26,31	5	25,00
Viscosidade Afetiva+Teimosia	7	31,81	4	36,36	6	31,57	5	25,00
Tenacidade no Trabalho	4	18,18	2	18,18	1	5,26	2	10,00
Irritabilidade	8	36,36	1	9,09	4	21,05	1	5,00
Desânimo	4	18,18	3	27,27	5	26,31	4	20,00
Manifestações Compulsivas	2	9,99	0	-	1	5,26	1	5,00
Bradipsiquia	1	4,54	0	-	0	-	1	5,00
Preocupação obsessiva com ordem	0	-	1	9,09	1	5,26	1	5,00
Talentos Especiais	1	4,54	0	-	1	5,26	3	15,00
T o t a l	22		11		19		20	

Condições Clínicas

E E G

Tabela 1.6

T r a ç o s	GRUPO T		GRUPO F		GRUPO BS		GRUPO N	
	Total		Total		Total		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Agitação durante o Sono	16	72,72	7	63,63	13	68,42	13	65,00 49
Sonambulismo	2	9,99	2	18,18	0	-	0	- 4
Terror Noturno	6	27,27	2	18,18	4	21,05	5	25,00 17
Instabilidade de Atenção+Distúrbio da Memória	10	45,45	4	36,36	9	47,36	7	35,00 30
Tics Faciais+Gagueira	3	13,63	2	18,18	1	5,26	0	- 6
Manifestações Autonômicas. Perda de Fôlego, Queixas Somáticas generalizadas. Náuseas. Enureses noturnas	17	77,27	9	81,81	10	52,63	8	40,00 44
Cefaléia + Escurecimento da visão + Escotoma Cintilante	11	50,00	10	90,90	14	73,68	9	45,00 44
T o t a l	22		11		19		20	

4799

Nº ORDEM	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
IRRITABILIDADE + AGRESSIVIDADE	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X				X	X	X
ÂNIMO DEPRESSIVO + HIPOCONDRIA		X	X	X	X	X			X	X	X	X	X		X		X	X	X		X						X	X	X	
MEDO IRRACIONAL				X	X	X	X	X			X	X					X		X						X			X	X	
DIFICULDADE DE ORDEN SEXUAL				X	X	X		X		X	X		X	X	X		X		X		X			X	X			X		X
DIFICULDADE NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS + TIMIDES+RETRAÇÃO EMOCIONAL+SENT. INFERIO- RIDADE+CIUME PATOLÓGICO.	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X	X	X	X	X		X	X		X	X	X
DEPENDÊNCIA AFETIVA + MISTICISMO	X			X		X	X	X	X	X	X	X				X		X	X	X		X		X	X	X		X		X
INSTABILIDADE DE HUMOR	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X					X	X			X	X		X	
SUPEREMOTIVIDADE		X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X					X	X	X		X			X	X	X
SOCIOPILIA	X											X			X	X					X		X			X				
VISCOSIDADE AFETIVA + TELMOSIA	X	X			X	X		X		X	X		X	X				X	X						X			X		
TERACIDADE NO TRABALHO					X					X			X					X			X					X				
IRRIQUISTUDE		X	X			X		X	X				X		X				X					X						
PESÂNIMO						X	X	X		X											X							X		X
MANIFESTAÇÕES COMPULSIVAS			X	X		X		X		X	X									X		X				X		X		X
BRADPSIQUIA				X							X			X						X					X	X			X	X
PREOCUPAÇÃO OBSESSIVA COM ORDEN													X										X							
REAÇÕES NEURÓTICAS								X		X																		X		
ALCOOLISMO								X			X	X		X																
TALENTOS ESPECIAIS																										X				

TRAÇOS DE PERSONALIDADE - ADULTOS - QUADRO 2.1.

Tabela 2.1.

ADULTOS

<u>T</u> <u>R</u> <u>A</u> <u>C</u> <u>O</u> <u>S</u> <u>d</u> <u>e</u> <u>P</u> <u>e</u> <u>r</u> <u>s</u> <u>o</u> <u>n</u> <u>a</u> <u>l</u> <u>i</u> <u>d</u> <u>a</u> <u>d</u> <u>e</u>	<u>T</u> <u>O</u> <u>T</u> <u>A</u> <u>L</u>	
	Nº	%
Irritabilidade + agressividade	24	80,0
Ânimo depressivo + hipocondria	18	60,0
Medo irracional	12	40,0
Dificuldade de ordem sexual	16	53,3
Dificuldades nas relações interpes- soais + timidês + retração emo- cional + sentimento de inferiori- dade + ciúme patológico	25	83,3
Dependência afetiva + misticismo	18	60,0
Instabilidade de humor	20	66,7
Hiperemotividade	23	76,7
Sociofilia	7	23,3
Viscosidade afetiva + teimosia	13	43,3
Tenacidade no trabalho	6	20,0
Irritabilidade	10	33,3
Desânimo	7	23,3
Manifestações compulsivas	11	36,7
Bradipsiquia	8	26,7
Preocupação obsessiva com ordem	2	6,7
Reações neuróticas + graves	3	10,0
Alcoolismo	4	13,3
Talentos especiais	1	3,3

Nº DE CIDADE	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
AGITAÇÃO DURANTE O SONO	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	16
SONAMBULISMO						X				X							X	X					X	X						6
TEMOR NOTURNO	X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	11
INSTABILIDADE DE ATENÇÃO + DISTÚRBO DA MEMÓRIA	X	X				X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	22
TIGOS FACIAIS + GAGUEIRA																														
MANIFESTAÇÕES AUTOMÁTICAS: PERDA DE FÓRGO + QUEIXAS SOMÁTICAS GENERALIZADAS + HAUSELAS + EMERSEES NOTUR- NAS	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	28
CECEALIA + ESQUECIMENTO DA VISÃO + ESCOTOA CIEFILAITE	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	20
DIABULACÃO						X	X																X	X	X	X	X	X	X	6
AGORTO ESPONTÂNEO						X										X						X								3
DISGENESIA																												X		1

CONDICÕES CLÍNICAS GENEAS - ADULTOS - QUADRO 2.2.

Tabela 2.2.

ADULTOS

<u>Condições Clínicas Conexas</u>	<u>Total</u>	
	Nº	%
Agitação durante o sono	16	53,3
Sonambulismo	6	20,0
Terror noturno	11	36,7
Instabilidade de atenção + distúrbio da memória	22	73,3
Tics faciais + gagueira	--	--
Manifestações autonômicas: Perda de fôlego Queixas somáticas generalizadas Náuseas Enureses noturnas	28	93,3
Cefaleia + escurecimento da visão + escotoma cintilante	20	66,7
Deambulação	6	20,0
Aborto espontâneo	3	33,3 (9 mulheres casadas)
Disgenesia	1	3,3

Tabela 3.1.

GRUPO PACIENTES CRÔNICOS

<u>Traços de Personalidade</u>	<u>Moléstias crônicas (n=22)</u> <u>(cardiopatia + diabetes)</u>	
	<u>Nº</u>	<u>%</u>
Instabilidade + agressividade	2	9,0
Ânimo depressivo + hipocondria	2	9,0
Medo irracional	-	-
Dificuldade de ordem sexual	3	13,6
Dificuldade nas relações inter pessoais (timidês, retração emocional + sentimento de in ferioridade + ciume patoló- gico	13	59,0
Dependência afetiva + misticis- mo	-	-
Instabilidade de humor	8	36,6
Hiperemotividade	4	18,1
Sociofilia	6	27,2
Viscosidade afetiva + Teimosia	1	4,5
Tenacidade no trabalho	2	9,0
Irritabilidade	-	-
Desânimo	5	22,7
Manifestações compulsivas	-	-
Bradipsiquia	-	-
Preocupações obsessivas com ordem	1	4,5
Reações neuróticas	-	-
Alcoolismo	-	-
Talentos especiais	-	-

Tabela 3.2.

MOLÉSTIAS CRÔNICAS

<u>Condições Clínicas Conexas</u> À Epilepsia	<u>Total</u> (n = 22)	
	Nº	2
Agitação durante o sono	1	4,5
Sonambulismo	1	4,5
Terror noturno	-	-
Instabilidade de atenção + Distúrbios de memória	-	-
Tics faciais e gagueira	-	-
Manifestações autonômicas Perda de fôlego + náuseas + enurese noturna + cansaço crônico	10 (3 casos - enu- rese noturna)	45,4
Cefaléia	4	18,1

Tabela 4.1.

<u>Traços de Personalidade</u>	n= 88 (famílias)	
	Nº	%
Irritabilidade + agressividade	80	90,8
Ânimo depressivo + hipocondria	34	38,6
Medo irracional	9	10,2
Dificuldade nas relações inter pessoais	31	35,2
Dependência afetiva + misti - cismo	8	9,9
Instabilidade de humor	44	50,0
Hiperemotividade	53	60,2
Sociofilia	9	10,2
Viscosidade afetiva + teimosia	23	26,1
Tenacidade no trabalho (exagero)	8	9,9
Irrquietude na infância	18	20,4
Desânimo	15	17,0
Manifestações compulsivas	13	14,7
Preocupação obsessiva com ordem	8	9,9

Estudo Heredológico: 88 famílias - Grupos I e II

Tabela 4.2.

<u>Condições Clínicas Conexas</u>	n=88 Famílias	
	Nº	%
Agitação durante o sono	47	53,4
Sonambulismo	13	14,7
Terror noturno	18	20,4
Inst. de atenção + disturb. da memória	18	20,4
Tics faciais + gagueira	7	7,9
Manifestações autonômicas	44	50,0
Cefaleia + escotomas	47	53,4
Desmaios sem causa aparente	23	26,1
Disgenesia do sistema nervoso + somático	8	9,9
Aborto espontâneo	39	-
Conv. apenas na infância ou febris	7	7,9
Deambulação	5	5,7

Estudo Heredológico: 88 famílias - Grupos I e II

Tabela 4.3.

DISTÚRBIOS MENTAIS

E

EPILEPSIA

	Nº	%
Psicose	19	21,6
Neurose	13	14,7
Deficiência Mental	5	5,7
Alcoolismo Grave	32	36,3
Epilepsia	59	67,0

Estudo Heredológico: 88 famílias - Grupos I e II

Tabela 4.4.

<u>Traços de Personalidade</u>	<u>Total (n=22)</u>	
	Nº	%
Instabilidade	1	4,5
Dificuldades nas relações inter- pessoais (retração emocional + timidês)	3	13,6
Instabilidade de humor	1	4,5

Estudo Heredológico: 22 famílias - Grupo III

Tabela 4.5.

<u>Condições Clínicas Conexas</u>	<u>Total</u> (n=22)	
	Nº	%
Cefaleia + escotomas	2	9,0
Aborto espontâneo	1	-
Disgenesia somática	1	4,5

Estudo Heredológico: 22 famílias - Grupo III

Tabela 4.6.

<u>Distúrbios Mentais</u>	<u>Total (n=22)</u>	
	Nº	%
Alcoolismo	6	27,2
Psicose	2	9,0
Neurose	5	22,7

Estudo Heredológico: 22 famílias - Grupo III

Tabela 4.7.

TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM NÃO EPILÉPTICOS

<u>Tracos</u>	<u>Nº de Casos</u>
Irritabilidade + agressividade	139
Ânimo depressivo + hipocondria	24
Medo irracional	8
Conflito de ordem sexual	3
Dificuldades nas relações interpessoais (timidês, retração emocional, ciúmes patológicos)	40
Misticismo + dependência afetiva	9
Instabilidade de humor	55
Hiperemotividade	109
Sociofilia	3
Viscosidade afetiva + teimosia	18
Tenacidade no trabalho (exagero)	5
Irriquietude (infância)	7
Desânimo	17
Manifestações compulsivas	8
Bradipsiquia	6
Preocupação obsessiva com ordem	9
<u>Nº total de casos</u>	313

MATERIAL HEREDOLÓGICO

Tabela 4.8

TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM EPILÉPTICOS

<u>Traços</u>	<u>Família</u> (87)	<u>Adoles-</u> <u>centes</u> (72)	<u>Adultos</u> (30)	<u>Total</u> (189)
Irritação + agressividade	42	54	24	120
Ânimo depressivo	12	35	18	65
Medo irracional	12	22	12	46
Conflitos de ordem sexual	4	22	16	42
Dificuldade nas relações inter pessoais (timidês, retração emocional, ciúme patológico)	22	53	25	100
Misticismo + dependência afe- tiva	6	20	18	44
Instabilidade de humor	22	34	20	76
Hiperemotividade	42	32	23	97
Sociofilia	-	19	7	26
Viscosidade afetiva + teimosia	7	22	13	42
Tenacidade no trabalho(exagero)	3	9	6	18
Irritabilidade (infância)	7	14	10	31
Desânimo	9	16	7	32
Manifestações compulsivas	12	4	11	27
Bradipsiquia	4	2	8	14
Preocupação obsessiva com ordem	1	3	2	6
<u>Nº total de casos</u>	87	72	30	189

MATERIAL HEREDOLÓGICO

Tabela 4.9

	Epiléticos		Não Epiléticos	
	Ep. + traço	Ep. ã traço	Ñ Ep. + Traços	Ñ Ep. ã traços
Nº de Ca-sos	178	11	217	96
Total	189		313	

Traços de Personalidade

~

Tabela 4.12.

	Epiléticos		Ñ Epiléticos	
	C/ traços	S/ traços	C/traços	S/ traços
Nº de Ca-sos	174	17	208	105
Total	191		313	

Condições Clínicas Conexas

Tabela 4.10.

CONDIÇÕES CLÍNICAS EM NÃO EPILEPTICOS

MATERIAL HEREDOLÓGICO

<u>Condições Clínicas</u>	<u>Nº de Casos</u>
Agitação durante o sono	3
Sonambulismo	12
Terror noturno	12
Instabilidade de atenção + distúrbios da memória	13
Tics faciais + gagueira	6
Manifestações autônomas: Perda de fôlego + queixas somáticas + náuseas + enureses	46
Cefaleia + escurecimento da visão + escotoma	45
Desmaio sem causa aparente	25
Disgenesia	5
Aborto espontâneo	34 (Relativo a 95 com pelo menos 1 parto)
Convulsões apenas na infância ou febris	-
Alcoolismo	30
Reações neuróticas	14
Psicose	11
Debilidade mental	6
Deambulação	-
<u>Total</u>	313

Tabela 4.11.

CONDIÇÕES CLÍNICAS EM EPILEPTICOS

<u>Condições Clínicas</u>	<u>Família</u>	<u>Adoles-</u> <u>centes</u>	<u>Adultos</u>	<u>Total</u>
Agitação durante o sono	22	49	16	87
Sonambulismo	4	4	6	14
Terror noturno	8	17	11	36
Instabilidade de atenção + distúrbios da memória	19	30	22	71
Tics faciais + gagueira	1	6	-	7
Manifestações autonômicas: Per- da de fôlego + queixas soma- ticas + náuseas = enurese na infância	31	44	28	103
Cefaleia + escurecimento da vi- são + escotoma	26	44	20	90
Desmaios sem causa aparente	-	-	-	-
Disgenesia do sistema nervoso + somática	3	-	4	4
Aborto espontâneo (correção de sexo e idade)	8	-	3	11
Convulsões apenas na infância ou febris	-	-	-	-
Alcoolismo	8	-	4	12
Reações neuróticas	9	-	3	12
Psicose	8	-	-	8
Debilidade mental	3	-	-	3
Deambulação	1	-	6	7
<u>Total</u>	87	72	30	189

Traços de Personalidade	Grupo Genético(n=41)		Grupo Reativo(n=30)	
	Nº	%	Nº	%
Irritabilidade+Agressividade	35	82,9	26	86,6
Animo Depressivo+Hipocondria	23	56,0	14	46,6
Medo Irrracional	12	29,2	8	26,2
Dificuldade de Ordem Sexual	12	29,2	11	36,6
Dificuldade nas relações interpessoais (timidez+retração emocional+ sentimento de inferioridade+ciúme patológico)	33	56,0	22	73,3
Dependencia afetiva e misticismo	16	39,0	8	26,2
Instabilidade de Humor	22	53,6	18	60,0
Hiperemotividade	21	51,2	14	46,6
Sociofilia	12	29,2	5	16,6
Viscosidade Afetiva+Teimosia	13	31,7	10	33,3
Tenacidade no Trabalho	8	19,5	3	10,0
Irritabilidade	10	24,3	6	20,0
Desânimo	9	21,9	7	23,3
Manifestações Compulsivas	7	17,0	3	10,0
Bradipsiquia	4	9,7	3	10,0
Preocupação obsessiva com ordem	1	2,4	1	3,3
Reações Neuróticas	-	-	1	3,3
Alcoolismo	1	2,4	1	3,3
Talentos Especiais	4	9,7	1	3,3

Tabela 5.1